





Numero 1 — 9.º Anno

Janeiro a Março — 1910

# BOLETIM

DAS

# BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES

---

PUBLICAÇÃO OFFICIAL TRIMENSAL

---



COIMBRA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE  
1910

# BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES

Publicações officiaes

## INVENTARIOS DA BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

Secção I—Historia e Geographia.

Serie 1.<sup>a</sup> (numeração preta).—1.<sup>a</sup> parte. Lisboa, 1889.

—2.<sup>a</sup> parte. Lisboa, 1889.

Serie 2.<sup>a</sup> (numeração vermelha)—Lisboa, 1895.

Serie 3.<sup>a</sup> (numeração azul)—Lisboa, 1897.

Secção III—Sciencias e Artes. Serie 1.<sup>a</sup> (numeração preta)—Coimbra, 1907.

Secção IV—Sciencias civis e politicas.

Serie 1.<sup>a</sup> (numeração preta)—Lisboa, 1897.

Secção X—Philologia e Bellas-Lettras.

Serie 1.<sup>a</sup> (numeração preta)—Lisboa, 1890.

Serie 2.<sup>a</sup> (numeração vermelha)—Lisboa, 1893.

Serie 3.<sup>a</sup> (numeração azul)—Lisboa, 1894.

Secção XIII—Manuscriptos por José Antonio Moniz. Lisboa, 1896.

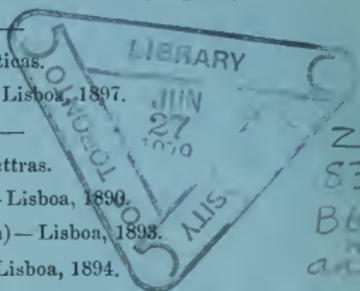
—Collecção Pombalina, por José Antonio Moniz. Lisboa, 1895, completo.

Inventario do Archivo de Marinha e Ultramar, pelo dr. Eduardo de Castro e Almeida.

Ilhas da Madeira e Porto Santo, I-II.—Coimbra, Imprensa da Universidade, 1907-1909.

Relatorio ácerca da Bibliotheca Nacional de Lisboa e mais estabelecimentos annexos, dirigido ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, no 1.<sup>o</sup> de Janeiro de 1844 por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. Tomo I—Officio—Tomos II, III e IV—Appensos ao officio. Lisboa, Typographia Lusitana, 1844.

Bibliotheca Nacional de Lisboa. Exposição Antoniana, 1895. Lisboa, 1895.



BOLETIM

DAS

BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES



# BOLETIM

DAS

## BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES

---

PUBLICAÇÃO OFFICIAL

NONO ANNO

1910



*Composto e impresso*

NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1910



BOLETIM  
DAS  
BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES

*Propriedade e edição da Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes. LISBOA*

*Director J. A. Castello Branco, Bibliothecario Mór do Reino.*

*Composição e Impressão na Imprensa da Universidade.*

Relatorio dos serviços do Real Archivo da Torre do Tombo  
no primeiro trimestre de 1910

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Começarei por dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que o 1.º volume do Inventario da Matricula dos Moradores da Casa Real ficou em pagina 168, e já compostas vinte paginas mais. Não vae com a rapidez que desejaríamos porque a impressão é, pela força das circumstancias materiaes de V. Ex.<sup>a</sup> conhecidas, necessariamente morosa.

Dos livros de Ordens estão summariados os primeiros 12.

Foi no passado trimestre que se effectuou na Bibliotheca Nacional a exposição do centenario da guerra peninsular. A ella concorreu este Archivo apresentando interessantissimos documentos especialmente do tempo de Junot. É claro que se poderia ter enviado muito maior numero delles se não fosse restricto o espaço destinado a este Archivo. Mas evidentemente que não foi ontro o pensamento da guerra peninsular se não este Archivo dar uma amostra da sua riqueza documentaria sobre aquella tão interessante epocha da nossa historia nacional.

Sob este ponto de vista, chamando assim a attenção do

publico illustrado, para os archivos e bibliothecas, representam na verdade as exposições um grande e apreciavel serviço.

No passado trimestre deram entrada neste Archivo quatro decretos e respectivas cartas de lei, dois autos de inauguração e uma acta da Sessão real de juramento do herdeiro do throno. Passaram-se seis certidões e registaram-se oitenta e sete diplomas.

Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup>—Real Archivo da Torre do Tombo, em 30 de abril de 1910.—Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor Conselheiro Bibliothecario-Mór do Reino.— O Director, *Antonio Eduardo Simões Baião*.

---

## Relatorio dos serviços da Bibliotheca Nacional de Lisboa no primeiro trimestre de 1910

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor:—Finalizando hoje o 1.<sup>o</sup> trimestre do corrente anno 1910, cabe-me a honra de indereçar a V. Ex.<sup>a</sup> no presente Relatorio informações dos serviços da Bibliotheca Nacional de Lisboa concernentes ao mencionado periodo trimestral.

Durante esse periodo concorreram á leitura pública 12:114 individuos (6:482 em sessões diurnas, e 5:632 em sessões nocturnas), — o que distribuido por mezes nos proporciona a seguinte estatística :

### Leitura diurna :

Em Janeiro.....	2:314 leitores
Em Fevereiro.....	2:124 »
Em Março.....	2:044 »

### Leitura nocturna :

Em Janeiro.....	1:897 leitores
Em Fevereiro.....	1:901 »
Em Março.....	1:834 »

Foram na leitura requisitadas 24:434 peças (entre grossos volumes, singellos folhetos, e folhas volantes), assim distribuidas pelos tres mezes :

Em Janeiro.....	9:067 peças
Em Fevereiro.....	8:521 »
Em Março.....	6:846 »

Das peças supra-mencionadas, couberam 17:001 á leitura diurna, e 7:433 á leitura nocturna, assim distribuidas :

Na leitura diurna :

Em Janeiro .....	6:622	peças
Em Fevereiro .....	5:907	»
Em Março .....	4:472	»

Na leitura nocturna :

Em Janeiro .....	2:445	peças
Em Fevereiro .....	2:614	»
Em Março .....	2:374	»

Das peças pedidas, pertencem 17:182 ao grupo das impressas, e 7:252 ao grupo das manuscriptas.

Especificando :

Impressos consultados na leitura diurna :

Em Janeiro .....	3:553
Em Fevereiro .....	3:302
Em Março .....	2:894
Total no trimestre.....	9:749

Impressos consultados na leitura nocturna :

Em Janeiro .....	2:445
Em Fevereiro.....	2:614
Em Março .....	2:374
Total no trimestre.....	7:433

Manuscriptos (consultados na leitura diurna):

Em Janeiro .....	3:069
Em Fevereiro .....	2:605
Em Março .....	1:578
Total no trimestre.....	7:252

Intraram por visitantes na Bibliotheca (entre nacionaes e do estrangeiro) 430 pessoas :

Em Janeiro .....	170 visitantes
Em Fevereiro.....	140 »
Em Março.....	120 »

Este accrescimo de visitantes durante o primeiro trimestre de 1910, accrescimo consideravelmente notavel em relação á média normal dos trimestres antecedentes, teve exclusivamente por causa determinante a Exposição Biblio-iconographica centenariamente commemorativa da Guerra Peninsular,—Exposição cuja direcção technica me foi confiada, e a cuja abertura veiu patrioticamente presidir na Bibliotheca Nacional de Lisboa em 19 de Janeiro Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Manuel II. D'essa Exposição, cujo incerramento se effectuou em 21 do corrente mez de Março, terei separadamente ensejo de me occupar em noticia destinada ao *Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes*.

De obras intradas por cumprimento da lei de imprensa, por graciosa offerta, ou por aquisição onerosa, lavraram-se no competente livro 582 registos, que abrangem 1:265 peças, a saber:

Em Janeiro.....	256 registos
» .....	535 peças
Em Fevereiro.....	313 registos
» .....	716 peças
Em Março.....	13 registos
» .....	14 peças

Com respeito a obras intradas para garantia de propriedade litteraria, em harmonia com as disposições doCodigo Civil, effectuaram-se 87 registos, em que se abrangem 196 peças.

E foi assim o movimento por mezes:

Em Janeiro.....	32 registos
» .....	72 peças
Em Fevereiro.....	23 registos
» .....	48 peças
Em Março.....	32 registos
» .....	76 peças

Do *Inventario Geral* estampou-se, no periodo trimestral a que me estou referindo, um caderno (oito paginas de impressão). Esse caderno foi na Secção de «Historia e Geographia» o 45.º da 3.ª serie (numeração azul), caderno em que se chega ao N.º 4:710 da respectiva inventariação.

Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> — Bibliotheca Nacional de Lisboa, em 31 de Março de 1910. — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor Conselheiro Bibliothecario-Mór do Reino. — O Director, *Xavier da Cunha*.

---

OS CODICES 443 E 475 DA COLLECCÃO ALCOBACENSE  
DA BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

Estes codices são importantes para a historia de Portugal; por isto os examinei detidamente e elaborei indices das peças nelles contidas. São codices em papel, com capas de pergaminho, in-folio. O codice 443 tem 309 folhas. Dimensões 30×21 centímetros. O codice 475 tem 223 folhas e as suas medidas são 29×19 centímetros. No codice 443 ha bastantes originaes. O 475 contem copias cuidadosas, feitas na primeira metade do seculo XVI.

Os numeros com que designo estes codices são os do *Index codicum Bibliothecae Alcobatiae*, impresso em 1775, e que ainda hoje serve muito utilmente. O autor do indice deu principalmente attenção aos codices que importam a assumptos theologicos, aos codices latinos do Velho e Novo Testamento, aos dos Santos Padres; aos codices em portuguez deu pouca importancia; menciona-os em poucas linhas, ou forma grupos de codices do mesmo genero, e descreve esses grupos summariamente. De modo que em muitos casos nem se pode imaginar o que está dentro do livro, que documentos, que elementos ahi se encontram.

A respeito do codice 443 diz-nos o seguinte :

— *Papyreus in-fol. Littera vulgari. Continet varia documenta ad Historiam D. Sebastiani Lusitaniae Regis.* Pois este codice contem documentos anteriores e posteriores a D. Sebastião e que importam á historia de Portugal e á do Ultramar; e entre as copias apparecem alguns originaes muito estimaveis. Por isto fiz o indice.

Do codice 475 escreve :

— *Papyraceus in-fol. Est Collectio Epistolarum, et lucubrationum aliarum modo oratione soluta, modo dictione metrica compositarum sermone Lusitano.* Ora este codice a avaliar pelas

datas dos documentos e pelo caracter da letra foi feito no meio do seculo XVI, mas contem copias de escriptos do seculo XV, e de muitos do primeiro quartel do XVI. Entre esses papeis alguns são conhecidos, outros ineditos; por isto empreguei algumas horas na elaboração deste indice; e por me parecerem interessantes, tanto este como o do codice 443, os publico no *Boletim*.

G. P.

#### INDICE DO CODICE 443 DA COLLECÇÃO ALCOBACENSE

	Pag.
— Tratado do cerco de Mazagão e do que nelle se passou, 1562.....	1
— Nomes dos alcaides que vieram ao campo de Mazagão e a somma de gente que cada um trouxe.....	9 v.º
— Medidas dos muros, baluartes e cava de Mazagão... (Estas primeiras folhas estão sem ordem no codice)	10
— Carta de Lourenço Pires de Tavora, embaixador em Roma a El-Rei sobre a primazia do arcebispo de Braga, 4 de fevereiro de 1562.....	12
— Carta de Lourenço Pires de Tavora ao cardeal estando em Salvaterra, 4 de novembro de 1563.....	16
— Memorial que deu em Madrid a El-Rei catholico, 1562.....	20
— Treslado das capitulações das pazes que fez o visorei D. Antonio de Noronha em nome d'El-Rei N. Senhor com Idalxaa Hidalção aos 13 de dezembro de 1571 em Goa.....	24
— Fala quando foi alevantado por Rei elrei D. Sebastião N. S. em Lisboa nos paços da Ribeira a 13 de junho de 1557.....	27 v.º
— Relação do principio do governo delrei D. Sebastião	28
— Assentos de um livro delles feito pelo secretario Miguel de Moura e assinados pelos do con-	

	Pag.
celho de Estado delrei o qual livro me emprestou Gonçalo Pires Carvalho. Lisboa 12 de novembro de 1616.....	36
— Fala que os mestêres de Lisboa fizeram aos fidalgos do Reino em o mosteiro de Carmo a 4 de maio de 1578 sobre a passada delrei D. Sebastião a Africa	44
— Fala que se fez a elrei D. Sebastião na cidade de Coimbra á Portagem no anno de 1570 aos 13 de outubro em uma 6. <sup>a</sup> feira ás 4 da tarde pelo Dr. Jorge de Saa lente de vespera em medicina .....	44 v.º
— Advertimientos de D. Juan de Borja, sobre las cosas y negocios de Portugal, Violos Su Mag. <sup>d</sup> en el Pardo a 12 de Dez. de 1575.....	49
— Del conde de Portalegre a S. Mag. <sup>d</sup> en mano propria a 29 de março de 1576. Sobre o casamento.....	51 v.º
— Del conde de Portalegre a S. Mag. <sup>d</sup> a 25 de Enero de 1578.....	52
— Outra carta de 16 de janeiro de 1578 .....	53 v.º
— Outra de 5 de fevereiro de 1578 .....	54 v.º
— Outra de 27 de setembro de 1576 .....	55 v.º
— Traslado de la carta que elrei D. Phelipe 2. <sup>o</sup> envió à la camara de Lisboa. Madrid, 2 de abril de 1579	56
— Carta del conde de Portalegre a S. Mag. <sup>d</sup> .....	57
— Carta delrei D. Sebastião, de mão propria, ao Magni- fico Embaixador D. João da Silva, 26 de janeiro de 1577.....	57 v.º
— Cópia da carta que escreveu o principe de Orange a elrei D. Sebastião, de Gante 10 de janeiro de 1578	58 v.º
— Entrada do corpo delrei D. Sebastião na cidade de Evora no anno de 1582, e do que nisto se fez pelo Prelado e Cabido .....	61
— Certificado do conde de Portalegre. Lisboa 4 de março de 1583.....	64
— Varias relações para a chronica. Noticias do reinado de D. Sebastião .....	67
— Victorias da India em 1570, e 1571 .....	67
— Relação da batalha de Alcacer que mandou um cap- tivo ao Dr. Paulo Affonso. Notas á margem, im- portantes .....	68
— Verdadeira relação do recebimento que se fez em Lisboa ao cardeal Alexandrino no anno de 1571 ..	70

	Pag.
— Da armada que se fez neste Reino o anno de 72 de que era general o Sr. D. Duarte . . . . .	72 v. <sup>o</sup>
— Da vista que elrei deu no anno de 73 aos lugares de Alemtejo e como veio a Evora estando elrei nella o arcebispo de Lanciano nuncio do Papa . . . . .	73 v. <sup>o</sup>
— Capitulo que elrei fez em Santarem da ordem de Christo . . . . .	74 v. <sup>o</sup>
— Carta de elrei D. Sebastião a D. Nuno Manuel seu embaixador em França. Evora, 20 de março de 1575 . . . . .	75
— Outra. Cintra, 11 de outubro de 1575 . . . . .	75 v. <sup>o</sup>
— Trechos de cartas de D. Sebastião . . . . .	76 v. <sup>o</sup>
— Carta de D. Sebastião a Miguel de Moura. Cabo de S. Vicente, 14 de setembro de 1576 . . . . .	77
— Resposta de Miguel de Moura a esta carta . . . . .	77 v. <sup>o</sup>
— Carta do cardeal infante a elrei sobre a jornada de Africa copiada do original . . . . .	78
— Outra do cardeal a Miguel de Moura sobre a mesma materia . . . . .	79 v. <sup>o</sup>
— Carta do cardeal a Miguel de Moura sobre o Sr. D. Antonio, Evora 1 de janeiro de 1578 . . . . .	80
— Outra do cardeal a Miguel de Moura sobre o Sr. D. Antonio . . . . .	81
— Auto do juramento que o cardeal fez quando elrei foi para Africa a primeira vez . . . . .	82
— Carta de Miguel de Moura ao cardeal infante sobre o Sr. D. Duarte . . . . .	83
— Carta d'elrei para o Sr. D. Duarte sobre as ordenanças . . . . .	84
— Carta segunda d'elrei para o Sr. D. Duarte e para o duque de Bragança, etc., sobre as ordenanças. Almeirim 13 de maio de 1575 . . . . .	84 v. <sup>o</sup>
— Forma das cartas que elrei escreveu ás pessoas que haviam de mandar gente para a armada do Sr. D. Duarte . . . . .	85
— Apontamentos que elrei D. Henrique mandou que respondesse Pero de Alcaçova . . . . .	86
— Apontamentos a que elrei mandou que respondesse Luis de Silva, 15 de janeiro de 1579 . . . . .	87
— Copia de la respuesta que S. Mag. <sup>a</sup> mandó dar a Pero de Alcaçova . . . . .	88

	Pag.
— Las cosas que D. Christoval de Moura ha suplicado a S. Mag. <sup>d</sup> de parte d'elrei de Portugal y lo que se responde. (Annotado á margem).....	89
— La instruccion que se ha de dar al capitan Cabrita..	90
— Arbitrio que se propoz a elrei D. Sebastião para ajuntar dinheiro para a jornada de Africa.....	91
— Memoria de lo que ha tractado en comision Nuno Alvares Pereira quando bolvió de Flandes.....	94 v.º
— Copia da carta original que elrei escreveu a João de Mendonça em resposta da que elle escreveu quando succedeu no Governo da India.....	96 v.º
— Copia da carta original d'elrei D. Sebastião a João de Mendonça sobre a jornada de Africa.....	97
— Notas diversas. Malaca. Achem. Monomotapa. Liga contra o turco.....	98
— Copia da carta que elrei D. Felipe escreveu a D. Sebastião sobre o socorro de Orão, 25 de abril de 1563	98 v.º
— O que elrei N. S. responde ao que o ser. <sup>mo</sup> rei de Castella lhe escreve sobre a armada dos turcos, e mouros de Argel.....	98 v.º
— Carta do cardeal infante ao conde da Castanheira, abril de 1563. Socorro de Oran.....	99 v.º
— Carta e presente que elrei D. Felipe o prudente mandou a Francisco Barreto, quando este voltou da jornada de Penon de Velez.....	100
— Noticias sobre D. Sebastião.....	101
— Algumas lembranças particulares do tempo delrei D. Sebastião; á margem: <i>do Chantre</i> .....	103
— Do conde da Castanheira á rainha, 1 de março de 1561.....	107
— Carta delrei ao conde da Castanheira.....	111 v.º
— Outra, julho de 1561.....	112
Seguem outras, d'elrei, assignadas <i>A Rainha</i> .	
— Do que se fez e ordenou logo como se foi o cardeal Alexandrino.....	113 v.º
— Em que se relata a carta que veio de França.....	114
— Em que conta o grande destroço que neste porto se fez de perda da armada.....	116 v.º
— Da prisão de D. Antonio de Cascaes e como e sobre que.....	118
— A grandissima peste deste reino.....	118

	Pag.
— Seguem outros capitulos do livro de Pedro Rodrigues Soares .....	126
— Regimento da provisào das Commendas de Tanger, em 1572 .....	127
— Do conde do Redondo sobre algumas cousas de Africa	133
— Summario das náos, galeões, galés, galeotas e fustas e outras embarcações que D. Luis de Ataíde sendo visorei nas partes da India armou por vezes á custa da fazenda de Sua Alteza que foram em seu serviço	136
— Armadas desde o anno em que se descobriu a India. E nomes dos capitães mores, dos capitães das naos, visoreis, governadores, capitães das fortalezas e fundação d'ellas, arcebispos, bispos, entrada das religiões, inquisidores, e as partes em que tem conventos e residencias. Á margem: copiada de outra do conde de Vidigueira, em <i>Setubal</i> . Anno de 1618. Chega ao anno de 1609 .....	150
— Relação da viagem que fizeram os PP. da Companhia de Jesus com Francisco Barreto na conquista de Monomotapa em 1569. Feita pelo P. <sup>o</sup> Monclero da mesma Companhia.....	186
Tem muitas notas nas margens, com esta declaração: As notas das margens são de Gaspar Alvares de Lousada escrivão da Torre do Tombo.	
— Determinação dos letrados: com que condições se podia fazer guerra aos Reis da conquista de Portugal; fala em especial do Monomotapa. Almeirim, 23 de janeiro de 1569.....	210
— Relações de Angola tiradas do Cartorio do collegio dos Padres da Companhia. Alguns capitulos da instrucção de Paulo Dias quando elrei D. Sebastião o mandou a Angola no anno de 1559 .....	212
— No anno de 1559 a 22 de dezembro partiram de Lisboa dois padres da Companhia e dois irmãos para Angola que foram os primeiros que entraram naquelle reino. O successo desta viagem escreve na carta seguinte o Irmão Antonio Mendes ao P. <sup>o</sup> Leão Enriques .....	213
— Do P. <sup>o</sup> Francisco de Gouveia para o P. <sup>o</sup> Diogo Mirão 1 de novembro de 1564 .....	213 v. <sup>o</sup>

	Pag.
— Do P. <sup>o</sup> F. de Gouveia para o Collegio. Angola 19 maio 1565.....	215
— De Garcia Simões para o Provincial. De S. Paulo de Loanda 20 de outubro de 1575 .....	215
— Do P. <sup>o</sup> Garcia Simões para o P. <sup>o</sup> Luís Perpiuhão. De Angola 7 de novembro de 1576 .....	221
— De Fructuoso Ribeiro para o P. <sup>o</sup> Francisco Sousa a 14 de março de 1580.....	221 v. <sup>o</sup>
— Do P. <sup>o</sup> Baltasar Affonso para o P. <sup>o</sup> Miguel de Sousa, 4 de julho de 1581 .....	223
— Do P. <sup>o</sup> Baltasar Barreira para o P. <sup>o</sup> Sebastião de Moraes. Loanda, 31 de janeiro de 1582 .....	225 v. <sup>o</sup>
— De Baltasar Affonso, em 31 de julho de 1582.....	226 v. <sup>o</sup>
— De Baltasar Affonso de 3 de janeiro de 1583 .....	226 v. <sup>o</sup>
— De Baltasar Affonso de 3 de outubro de 1583.....	227
— De Baltasar Barreira para o provincial, 20 de novembro de 1583.....	227 v. <sup>o</sup>
— De Baltasar Affonso. Casa do Loreto a 16 de abril de 1584.....	229 v. <sup>o</sup>
— Do P. <sup>o</sup> Baltasar Affonso. Ilha de S. Thomé, 23 de junho de 1584 .....	230
— Do P. <sup>o</sup> Diogo da Costa, 19 de junho de 1584.....	230
— Baltasar Affonso. Casa do Loreto de 19 de janeiro de 1585 .....	230 v. <sup>o</sup>
— P. <sup>o</sup> Diogo da Costa. Angola, 4 de junho de 1585... 231	
— Do P. <sup>o</sup> Baltasar Affonso, Casa do Loreto 14 de junho de 1585.....	231 v. <sup>o</sup>
— P. <sup>o</sup> Diogo da Costa, 20 de julho de 1585 .....	232
— Do P. <sup>o</sup> Baltasar Barreira para o P. <sup>o</sup> Provincial do Brasil. Maçangano, 27 de agosto de 1585.....	233
— Do P. <sup>o</sup> Diogo da Costa ao Provincial de Portugal. Porto de Loanda, 31 de maio de 1586 .....	234
— Do P. <sup>o</sup> Baltasar Barreira. Loanda, 14 de maio de 1586 .....	237
— Baltasar Affonso. Casa do Loreto 28 de agosto de 1578 .....	238
— Apontamentos para a historia delrei D. Sebastião tirados da relação da sua vida feita pelo P. Amador Rebello.....	240
— Carta delrei D. Sebastião a seus povos. Almeirim, 13 de fevereiro de 1569 .....	245

	Pag.
— Apontamentos sobre a vida delrei D. Sebastião por o padre Amador Rebello, que o ensinou a escrever e lhe repetia as lições. É original de Amador Rebello. 260	
— Carta de Ruy de Sousa de Carvalho a elrei D. Sebastião . . . . .	291
— Carta de Pedro Alvares de Carvalho. Beja, 24 de outubro de 1618 . . . . .	295
— Lembranças para a chronica de D. Sebastião . . . . .	296
— Advertencias de Ruy Barreto de Menezes. Moura, 12 de outubro de 1618 . . . . .	296
— Carta delrei D. João 3. <sup>o</sup> ao duque de Aveiro D. João de Lencastre sobre a entrega da princeza D. Joanna 13 de novembro de 1552 . . . . .	300
— Carta do cardeal D. Henrique ao duque de Aveiro, D. Jorge, sobre a passagem delrei a Africa. Alcobaca 14 de setembro de 1573 . . . . .	302 v. <sup>o</sup>
Sequem outras cartas dirigidas aos duques de Aveiro.	
— Lembranças de fr. Luis Neto feita a S. Mag. <sup>d</sup> em Madrid, 24 de março de 1579 . . . . .	306
— Jorge de Albuquerque Coelho deu o seu cavallo a elrei na batalha de Alcacer, de um papel de Duarte de Albuquerque . . . . .	307
— Carta de D. Fernando de Borja, 18 de setembro de 1625 . . . . .	309

#### INDICE DO CODICE 475

— Ao muito alto e mui poderoso Rey dom Joam 3. <sup>o</sup> de Portugal nosso Snor Lourenço de Caceres sobre os trabalhos do Rey. É um tratado politico . . . . .	1
— Geral opinião da vida dos Reis . . . . .	1 v. <sup>o</sup>
— Dos trabalhos que os Reis tem nas cousas publicas e leis censorias . . . . .	5
— Pensamentos e cuidados dos Reis principalmente dos da paz . . . . .	6
— Nas traições dos grandes . . . . .	7

	Pag.
— Trabalhos que os capitães dão aos Reis.....	7 v.º
— Trabalhos que os embaixadores dão aos Reis.....	8
— Officiaes de sua fazenda.....	8 v.º
— Os ingratos .....	9
— Dos trabalhos que os Reis tem em praguejarem delles	9 v.º
— Dos prégadores .....	10 v.º
— Doctrina de Lourenço de Caceres ao infante dom Luís. É um tratado de moral .....	12
— Das idades. Cobiça de gloria e trabalho das virtudes. Na paz é mais difficil a virtude. Da guerra contra os inficis. Do saber humano .....	14
— Amigos. Mexerico e lisonja. Conselheiros.....	16
— Bens costumes. Justiça.....	18
— Passatempos. Do Jogo. Da caça .....	20
— Carta do Romido ao Senado, sobre Jesus Christo ...	21 v.º
— Oração da obediencia que Diogo Pacheco deu ao Santo Padre Leão X por elrei D. Manuel em lin- guagem .....	21 v.º
— Resposta que o papa Leão deu logo em publico á so- bredita oração.....	24
— Epigrama de Camillo em louvor delrei e da oração tirado o verso latino em portuguez.....	24 v.º
— Oração que fez Francisco de Mello quando em Al- meirim deitaram o capello ao infante D. Affonso car- deal dia da Trindade 22 d'abril de 1526.....	24 v.º
— Oração que o bispo D. Garcia de Menezes deu ao papa Sixto, indo por embaixador por mandado delrei D. Affonso o quinto, e por capitão mor de sua armada contra os turcos que tinham tomado <i>ho Tronto</i> : foi dada no anno de 1481 .....	25 v.º
— Oração que fez Francisco de Mello nas cortes que se fizeram na cidade de Evora nas varandas aos 20 dias de junho de 1535.....	30 v.º
— Resposta do dr. Gonçalo Vaz procurador da cidade de Lisboa em nome de todos os outros procuradores	32
— Oração que fez Francisco de Mello por mandado de elrei D. João 3.º em as côrtes de Torres Novas em 28 de setembro de 1525 .....	33
— Resposta que fez o dr. Gonçalo Vaz procurador da cidade de Lisboa em nome dos povos destes reinos a elrei D. João 3.º.....	35 v.º

	Pag.
— Obediencia que elrei D. Manuel mandou ao papa Julio indo por embaixador D. Diogo de Sousa arcebispo de Braga; e o dr. Diogo Pacheco fez esta Oração, 1505.....	36
— Oração que fez Diogo Pacheco a elrei D. Manuel quando entrou com a rainha madama Leonor sua mulher em Lisboa .....	36 v.º
— Oração que fez e disse o licenciado Lopo Fernandes na entrada delrei D. Manuel e da rainha D. Maria em Coimbra, dirigida á dita Senhora.....	37 v.º
— Fala que o imperador fez ao papa quando veio de Tunes sobre a paz com elrei de França.....	38 v.º
— Resposta do papa .....	39 v.º
— Oração que fez Francisco de Mello em a cidade de Evora nas varandas quando juraram o principe D. Manuel filho delrei D. João 3.º aos 13 dias de junho de 1535 .....	40
— Reposta do dr. Gonçalo Vaz .....	42
— Forma do juramento.....	42
— Procuração que fez elrei D. João 3.º ao cardeal infante e ao infante dom Henrique arcebispo de Braga para receberem o juramento do principe D. Manuel seu filho em Evora. Dada em a cidade de Evora a 12 de junho de 1535.....	42 v.º
— Oração dada em publico por monseor de Lanjaca governador de Vinhão (Avignon) embaixador delrei de França a elrei D. Manuel. Anno de 1516.....	43 v.º
— Carta consolatoria de Lourenço de Caceres a João Rodrigues de Sá pela morte de sua mulher.....	45
— Prologo de mestre Bernardo Peres ao serenissimo e esclarecido senhor o principe D. Felipe filho do felicissimo e bemaaventurado imperador D. Carlos rei de Espanha, quinto deste nome .....	49
— Gentil pratica que fez Fernando de Avalos a toda a gente do exercito do imperador no campo de Pavia animando-os para a batalha.....	50
— Prisão delrei de França .....	52
— Carta que escreveu ao Papa o Imperador .....	52 v.º
— Sepultura do duque de Milão que matou João André .....	53
— De como foi tomada Roma e da morte do Bourbon..	53 v.º

	Pag.
— Da principal causa que moveu os espanhoes a darem saco a Roma . . . . .	53 v.º
— Sentença dada contra João Fogaça filho da camareira mor da Rainha dona Catharina por desafiar a Luis da Silva filho do Regedor da casa da supplicação de Portugal . . . . .	54
— Oração que fez o licenciado Lopo Fernandes na en- trada delrei D. João 3.º com a rainha D. Catharina sua mulher a primeira vez em Santarem . . . . .	54 v.º
— Fala que fez D. Henrique de Meneses a elrei D. João 3.º quando se determinou o feito de D. Duarte seu irmão . . . . .	56 v.º
— Oração que fez e disse o doutor Lopo da Fonseca a elrei D. João 2.º quando entron em Lisboa a pri- meira vez. E foi a grande entrada . . . . .	59 v.º
— Aos seis dias de fevereiro de 1522 veio o padre mestre frei Miguel visitar a rainha madama Leonor da parte da infante D. Catharina sua irman pelo falecimento delrei D. Manuel seu marido, e lhe deu uma carta sua e fez esta oração que se segue. Oração . . . . .	60
— Instrucção que elrei D. Manuel deu estando em Sa- ragoça a D. Rodrigo de Castro e a D. Henrique Coutinho, que mandou por embaixadores ao papa Alexandre . . . . .	63
— Regimento e poder que elrei D. Affonso 5.º deixou ao principe D. João seu filho quando foi para Cas- tella . . . . .	65 v.º
— A morte dos christãos novos que se fez em Lisboa a 19 de abril de 1506 . . . . .	66
— Determinação e sentença que elrei deu contra a cidade de Lisboa pela morte dos christãos novos . . . . .	66 v.º
— Juramento que faz o Gram-turco quando quer afirmar alguma grande cousa . . . . .	67
— Concertos que foram feitos entre o papa, e reis chris- tãos e principaes contra os turcos . . . . .	67 v.º
— A maneira que o imperador teve para trazer elrei de França preso a Espanha . . . . .	67 v.º
— Carta delrei de França ao imperador escripta de sua mão. Seguem noticias diversas . . . . .	68
— Contractos de pazes pela deliberação delrei de França	68 v.º

	Pag.
— Estas palavras abaixo escriptas se acharam em um tratado que fez João de Barros feitor da casa da India o qual introduziu o tempo a vontade o entendimento contra a razão as quaes palavras dizia a vontade . . . . .	69
— Tratado famosissimo de uma pratica que um lavrador passou com um rei da Persia que se chamava Arsanio feito por um persio por nome Codro Rufo que naquelle tempo se achou, o qual foi trasladado de grego em latim e reduzido de latim em portuguez por frei Jeronimo monge d'Alcobaça que estando em Paris lhe veio ter á sua mão, e elle o trouxe a D. Sancho de Portugal ao qual o prologo vae dirigido. . . . .	70
— Carta do imperador Maximiliano a elrei D. Manuel sobre a batalha entre elrei de França e elrei D. Fernando de Castella. . . . .	77 v. <sup>o</sup>
— Carta que mandou Barraxa a elrei D. Fernando na era de 1511. (Ali Barraixa Alguaçani Xarife) . . .	78
— Carta que o cardeal D. Jorge escreveu a elrei D. João 2. <sup>o</sup> . . . . .	78 v. <sup>o</sup>
— Carta delrei D. Affonso a Gomes Eannes de Azurara seu chronista. Escripita por sua mão . . . . .	79
— Carta que D. Martinho conde de Atouguia enviou de Caceres do reino de Castella onde estava com o duque de Viseu ao duque de Bragança seu sobrinho em resposta de outra que lhe o dito duque escreveu . . . . .	80 v. <sup>o</sup>
— Carta que Luis Alvares de Proemça escreveu em resposta de outra que Simão Tavares lhe escreveu quando lhe deram cargo de guarda roupa do cardeal infante em Evora na era de 1537 . . . . .	81
— Outra sua a Gaspar de Brito em resposta de outra que lhe escreveu sobre o mesmo caso e officio de guarda roupa . . . . .	81 v. <sup>o</sup>
— Outra sua a Gaspar de Brito em resposta de outra . .	82
— Carta que o arcebispo de Lisboa D. Martinho escreveu a elrei D. Manuel sobre a morte da Rainha D. Maria sua mulher. . . . .	82 v. <sup>o</sup>
— Outra sua sobre a morte da mesma rainha para o principe D. João seu filho. . . . .	83

	Pag.
— Carta que foi escripta á rainha D. Maria N. S. <sup>a</sup> pela morte delrei D. Fernando seu pae.....	83 v. <sup>o</sup>
— Carta que mestre Simão de S. Mateus envia á infante molher do infante D. Pedro .....	84
— Carta que um mouro Benhahati mandou a elrei D. Pedro de Castella quando lançou a elrei D. Henrique seu irmão fóra do reino .....	85
— Carta de louvores sem cujo .....	87
— Carta que enviou um prior de S. Marcos a elrei D. Affonso 5. <sup>o</sup> estando para ir fóra do reino.....	87 v. <sup>o</sup>
— Carta que Vasco de Pina escreveu a elrei D. João 3. <sup>o</sup> sobre as demandas em que o traziam das cousas de Alcobaga de que elle era alcaide mor, 9 de junho de 1532.....	89 v. <sup>o</sup>
— Carta que o cardeal infante escreveu ao marquez de Villa Real quando o mandou visitar por D. Christovão seu tio pela morte do infante D. Fernando seu irmão que morreu em Abrantes, Evora, 30 de dezembro de 1535 .....	91 v. <sup>o</sup>
— Carta do infante do D. Pedro a D. Fernando conde de Arraiolos. Coimbra 30 de dezembro de 1468..	92
— Carta delrei D. Manuel de Portugal a elrei D. Fernando de Castella sobre o nascimento do infante D. Luís o qual nasceu uma terça feira amanhecendo 3 de março de 1505.....	96 v. <sup>o</sup>
— Carta da rainha N. S. <sup>a</sup> á Imperatriz, sobre João Bravo capellão e cantor. Evora, 20 de março de 1534 .....	96 v. <sup>o</sup>
— Carta que Lourenço de Caceres achando-se na Golegan estando ahí a casa escreveu a Fernão Brandão seu amigo .....	97
— Carta de singular conselho que o infante D. Pedro enviou a elrei D. Duarte seu irmão antes de o ver depois que foi levantado por rei .....	97 v. <sup>o</sup>
— Conselho especial que elrei D. Duarte N. S. deu ao infante D. Henrique seu irmão quando se partio para Tanger com a armada.....	98 v. <sup>o</sup>
— Fala que elrei D. João 3. <sup>o</sup> fez aos de seu conselho em Lisboa no anno de 1541 pedindo-lhes seus pareceres .....	99 v. <sup>o</sup>
— Parecer de Gonçalo Mendes Çacoto, adail mor .....	99 v. <sup>o</sup>

	Pag.
— Parecer de D. Fernando arcebispo de Lisboa, capellão mor delrei . . . . .	100 v.º
— Parecer de D. Henrique de Menezes e de D. Duarte seu irmão . . . . .	101
— Carta que elrei D. Fernando escreveu ao principe D. Carlos . . . . .	103
— Carta de novas que se mandou ao capitão mor da India. Da prospera e adversa fortuna delrei D. Manuel . . . . .	103 v.º
— Carta que mandou o Barbanel ao conde de Farão sobre a morte do conde de Mira seu sogro . . . . .	110
— Carta que Fajardo Velho escreveu a elrei D. Henrique de Castella por que lhe mandou por cerco e fazer guerra por causa de alguns deserviços que o Fajardo tinha feitos da coroa real, 20 de agosto de 1407 . . . . .	111 v.º
— Carta de novas que elrei D. Manuel enviou ao Papa da tomada de Azamor . . . . .	112 v.º
— Carta que o padre frei João Soares pregador delrei D. João 3.º escreven a S. A. de consolação sobre a morte do principe D. Manuel seu filho . . . . .	113 v.º
— Carta de consolação do papa Clemente 7.º que estava em Avinhão quando soube da perda delrei D. João de Castella na batalha de Portugal de que houve pezar . . . . .	115 v.º
— Carta que o conde de Vianna D. Duarte mandou ao Marim no cerco de Alcacer, 22 de agosto de 1459	116
— Resposta do Marim . . . . .	116
— Replica de D. Duarte . . . . .	116 v.º
— Carta que de Alepo o padre Marselio enviou ao governador da India tirada do latim em linguagem por o licenciado Affonso Bernardes. <i>Marcelio Ungro Sempronio capellão e cantario da nobre nação venezana: daqueste loguar da lepfo</i> a 18 de agosto de 1529 . . . . .	117
— Resposta da sobredita carta feita por o dicto licenciado Affonso Bernardes. Ormuz, 16 de julho de 1530 . . . . .	118 v.º
— Carta de Martim Affonso de Sousa governador da India ao conde da Castanheira no anno de 1544 . . . . .	120
— Carta de D. Affonso de Noronha capitão de Ceuta a	

	Pag.
elrei D. João 3. <sup>o</sup> de Portugal sobre uma entrada que fez em Tetuão com Francisco Carvalho capitão de Alcacer. Ceuta, 1545.....	120 v. <sup>o</sup>
— Carta de D. João de Menezes capitão d'Azamor a elrei D. Manuel .....	123
— Carta sobre o dito capitão D. João de Menezes da peleja que houve com Molenacer irmão delrei de Fez no anno de 1514 .....	123
— Prologo que se fez sobre as ordenações que elrei D. Affonso 5. <sup>o</sup> mandou fazer .....	123 v. <sup>o</sup>
— Testamento notavel que fez um letrado mestre Affonso de Cuenca.....	125
— Oração que... fez a elrei D. João 3. <sup>o</sup> por parte do Reino em as cortes que se fizeram em Almeirim ao jurar do principe D. João.....	126
— Oração que fez o dr. Lopo Vaz procurador da cidade de Lisboa ao jurar do principe D. João em Almeirim.....	127
— Carta do conde de Penella D. João de Vasconcellos para elrei D. João 3. <sup>o</sup> sobre o casamento do infante D. Duarte.....	128
— Outra do mesmo para S. Alteza pela morte do principe D. Felipe o 1. <sup>o</sup> .....	128
— Outra sua para a rainha. Mafra 25 d'abril de 1536..	128 v. <sup>o</sup>
— Outra sua para o infante D. Luís.....	128 v. <sup>o</sup>
— Outra do infante D. Luís para o marquez de Lombai caçador mor do imperador .....	129
— Carta que a Senhoria de Genova enviou a elrei D. João de Boa Memoria sobre dom Lançarote Paçanha.....	129
— Carta que elrei D. João 2. <sup>o</sup> enviou a elrei de Fez em resposta de outra.....	129 v. <sup>o</sup>
— Carta de Francisco de Frias pregador para a rainha D. Catharina N. S. sobre a morte do infante D. Felipe seu filho.....	129 v. <sup>o</sup>
— Carta que D. Fernando de Menezes estando captivo em Fez enviou a seu pai D. Duarte estando por capitão em Tanger sobre o martirio que frei André recebeu em Fez .....	135
— Carta que elrei de Hungria enviou ao papa Leo na era de 1521 entrando o turco em Hungria .....	136

	Pag.
— Carta que elrei de Hungria enviou ao imperador estando para dar a derradeira batalha ao turco. Datada de 23 de agosto de 1526 .....	136 v.º
— Carta que o infante D. Fernando enviou ao imperador seu irmão depois do desbarato e morte delrei de Hungria.....	137
— A denunciação da guerra que elrei de Inglaterra mandou fazer a elrei de França por seu arauto ...	137 v.º
— Resposta delrei de França.....	138
— Carta que mandou um homem de Inglaterra a um senhor de Portugal em que diz a maneira em que a rainha e alguns gentishomens foram degolados. Londres 10 de juho de 1536.....	138 v.º
— Carta da Senhoria de Veneza a elrei de França sobre as pazes que elle fazia com o imperador Maximiliano .....	140
— Resposta delrei de França.....	140
— Carta de uma freira em resposta de outra.....	140
— Carta que o bispo de Evora D. Garcia escreveu ao duque de Bragança sobre a prisão de Fernão de Lemos. Juromenha, 8 de janeiro de 1481.....	140 v.º
— Resposta do duque. Vidigueira 19 de janeiro de 1481 .....	140 v.º
— Resposta do bispo.....	140 v.º
— Destruição que foi na Ilha de S. Miguel do tremor de terra. Em 5.ª feira 22 de outubro de 1522....	140 v.º
— Carta de D. Constança filha de D. João Manuel, a elrei D. Affonso de Castella seu primo em resposta de outra que lhe este mandou.....	141
— Carta que elrei D. Affonso do Sallado enviou a elrei D. Affonso de Castella .....	142
— Carta que o reino do Algarve enviou á cidade de Lisboa agravando-se delrei D. Affonso por que lhes fazia adiantado. Datada de Albofeira, 29 de janeiro de 1444. Tinha os sellos de Silves, Tavira, Loulé, Albofeira e Faro .....	142 v.º
— Carta que os povos de Lisboa mandaram a elrei D. João 3.º sobre a ida de sua irman a infante D. Maria filha da rainha madama Leonor.....	143 v.º
— Carta que Fernando de Pulgar castelhano enviou a	

	Pag.
elrei D. Affonso o 5.º de Portugal querendo entrar com armas em Castella . . . . .	144 v.º
— Carta de Roberto <i>monsyor de Carpe</i> embaixador do imperador estando em Roma quando Tristão da Cunha e Diogo Pacheco deram a embaixada ao Papa, Roma 27 de março de 1514 . . . . .	146 v.º
— Carta que elrei D. Manuel enviou a elrei de Calecut por Pedralves Cabral capitão da primeira armada que foi á India depois de ser descoberta por Vasco da Gama Lisboa, 1 de março de 1500 . . . . .	148
— Carta delrei D. Affonso de Manicongo da victoria que lhe Deus deu depois que foi christão e das armas que elrei D. Manuel lhe mandou . . . . .	149 v.º
— Carta que elrei D. Fernando e a rainha D. Isabel de Castella enviaram a elrei D. João 2.º de Portugal sobre a ida da princeza depois do falecimento do principe D. Affonso. Datada do Arraial da Veiga de Granada 23 de outubro de 1491 . . . . .	150 v.º
— Carta do Grão-Soldão ao Papa Julio mostrando-se escandalizado do que os christãos faziam aos mouros no anno de 1504 . . . . .	151
— Resposta de elrei D. Manuel ao papa acerca da sobredita carta do soldão. Lisboa 22 de junho de 1505 . . . . .	152
— Coroação do imperador Carlos filho delrei D. Felipe	154
— Carta do infante D. João a um seu ouvidor. Datada em Sines, 21 de maio de 1438 . . . . .	155 v.º
— Nova da vinda do embaixador do Preste João . . . . .	156
— Carta do rei Preste a elrei D. Manuel . . . . .	156
— Carta que enviava o Preste João a elrei D. Manuel tirada do livro que fez Francisco Alvares capellão delrei do que viu nas terras do mesmo Preste . . . . .	156 v.º
— Carta do mesmo Preste João a elrei D. João 3.º tirada tambem do sobredito livro de Francisco Alvares . . . . .	158
— Carta do mesmo Preste João a Diogo Lopes de Sequeira capitão mor da India, e por ser fallecido se deu a Lopo Vaz de Sampaio que então governava..	160
— Carta de Fernam Cardoso que estava na Mina ao duque de Bragança . . . . .	162
— Outra sua a Vasco Fernandes camareiro do duque..	162 v.º

	Pag.
— Outra sua a D. Rodrigo Lobo . . . . .	163
— Outra sua antes que fosse para a Mina a Diogo de Segi mestre dos irmãos do duque . . . . .	163 v.º
— Outra sua a D. Henrique de Menezes quando veio da India . . . . .	164 v.º
— Outra sua da Mina a Diogo de Segi mestre dos irmãos do duque. Mina, 22 de maio de 1536 . . . . .	166
— Oração tirada da linguagem romana em a portugueza cujo autor se nam sabe . . . . .	167 v.º
— Carta delrei de Trinarte da India a elrei D. Manuel	169
— Carta do cardeal de Portugal D. Jorge a elrei D. Manuel sobre a ida de Duarte Galvão que foi provocar o papa, reis e principes christãos para a conquista da Casa santa. Roma, 20 de março de 1506 . . . . .	169 v.º
— Resposta d'elrei. Lisboa, 24 de novembro de 1506 . . . . .	169 v.º
— Carta de Affonso de Albuquerque capitão e governador da India ao Xequé Ismael, rei das carapuças roxas . . . . .	170
— O Regimento que deu a Fernão Gomes de Lemos e a Gil Simões que mandou ao Xequé Ismael . . . . .	171
— Do caminho que fizeram e o que fizeram os embaixadores que foram ao Xequé Ismael e o presente que lhe levaram . . . . .	171 v.º
— Carta do cardeal D. Jorge a elrei D. João o 2.º sendo principe sobre a guerra dos turcos em Italia. Roma, 4 de janeiro de 1480 . . . . .	173
— Carta de admoestação e rogo de frei Miguel de Conreiras pregador ao provedor e irmãos da Misericordia . . . . .	174
— Carta de Duarte Galvão para Affonso de Albuquerque governador da India . . . . .	175
— Carta de Affonso de Albuquerque governador da India a Duarte Galvão . . . . .	176
— Carta de Tristão da Cunha para Affonso de Albuquerque governador da India . . . . .	179
— Carta de Affonso de Albuquerque governador da India a Duarte Galvão . . . . .	180
— Carta do principe D. Carlos à Rainha Germana mulher delrei D. Fernando seu avô em resposta doutra . . . . .	182
— Carta dos eleitores do Imperio d'Allemanha ao prin-	

	Pag.
cipe Carlos rei de Castella quando o elegeram para imperador . . . . .	182 v.º
— Carta das communitades de Castella aos grandes della em resposta de outra que lhe mandaram a Valladolid por um trombeta. Valladolid 30 de janeiro de 1521 . . . . .	183
— Carta do sacro collegio dos cardeaes ao revd. <sup>mo</sup> cardeal de Tortosa summo pontifice por eleição de Roma, 9 de janeiro de 1522.. . . .	184 v.º
— Carta del rei de França ao papa Adrião. Leão, 24 de junho de 1522 . . . . .	185
— Carta das communitades de Castella a elrei D. Manuel de Portugal sobre a guerra que havia entre elles e os grandes. . . . .	186
— Pregão das communitades . . . . .	187 v.º
— Carta do almirante D. Fradique de Castella ao imperador sobre algumas cousas que tocavam a elle e aos reinos de Castella. . . . .	188
— Carta de D. João conde de Penella a Diogo Lopes de Toledo do conselho do imperador e commendador de Ferreira, quando lá enviou a seu filho D. Ambrosio omisiado pela mulher que se tirou da forca em Lisboa . . . . .	190
— Outra sua ao mesmo commendador. . . . .	190 v.º
— Carta de consolação que um homem enviou a uma sua comadre a que mataram um filho em Diu. Goa, 27 de janeiro de 1539. . . . .	190 v.º
— Ave Maria trovada por um devoto . . . . .	193 v.º

Começa :

«Reina la mayor que veo  
«de quantas fueron y son

— Invocação a Nossa S. <sup>a</sup> sobre o hymno Ave maris stella . . . . .	193 v.º
--	---------

Começa :

«A ti Virgem que es chamada  
«de todos que sam nacidos  
«peço com fee estremada  
«queiras ser minha avogada . . .

- Pag.
- Trovas que foram feitas a elrei D. Fernando e á rainha D. Isabel de Castella. . . . . 195

Começa :

«Abre, abre las orejas  
«escucha, escucha pastor.

- Trovas de Gomes Manrique. . . . . 196  
(As folhas 197 a 200 estão cortadas. A folha 201 é de papel diferente, onde escreveram a continuação das trovas de Manrique, também de letra antiga).
- Trovas feitas a D. Garcia Visorei da India pellas de D. Jorge Manrique . . . . . 201

Começa :

«Recuerde la India dormida  
«O buen rei con braço fuerte  
«Contemplando  
«Como la tienes perdida  
«y no ay quien la despierte  
«batalhando».

- Trovas que fez Garcia de Resende endereçadas ás damas, da morte de Dona Ignez de Castro que elrei D. Affonso 4.º deste nome de Portugal mandou matar em Coimbra; por o principe seu filho a ter por manceba e como molher e por bem que lhe queria não queria casar. . . . . 204
- Trovas de louvor a N. Senhora por um devoto. . . . . 205 v.º

Começa :

«Sem saber sufficiente  
«Mas boto rude grosseiro  
«em falar nom eloquente  
«em escrever nom prudente  
«me acho mui por inteiro . . . ».

- Trovas feitas á morte de Francisco de Mello e Manuel de Mello irmãos os quaes maton á traição Diogo

	Pag.
Peçanha que depois por isso foi preso na cova do castello de Lisboa onde morreu.....	206 v.º

«Meu animo posto em gram confusão  
 «e os meus sentidos em muita fadigua  
 «nam acho nem posso nem sei como digua  
 «ha causa que afflige ho meu coração . . . »

In-fine :

«notai esta obra de tantos primores  
 «senty esta morte e misera fim  
 «porque *Antonio Dias de Crastomarin*  
 «foi o que fez estes ricos lavores  
 «de sua memoria  
 «tirou esta obra tam digna de gloria  
 «por tanto perdoemme vossas mercês  
 «se em algum cabo se achar descortês  
 «de vos se emende com dobre victoria».

— Seguem-se muitos e bons notados tirados de diversos livros..... 208

De João Gerson. Como se deve fugir a van esperança e a soberba. Como se deve adquirir a paz. Como é proveitosa a adversidade. Citações de Demetrio, Seneca, Aristoles, Platão, Boecio, Marco Aurelio, o sabio Cicerão, Plutarco, Trajano, Plinio, Suetonio, etc.

Sentenças diversas: Aquella se pode chamar bem aventurada terra onde todos gozam do seu trabalho e nenhum vive do suor alheio. Regra geral é que a virtude ao estrangeiro torna natural, e o vicio e torpeza ao natural na sua terra o torna estrangeiro.

Em terras estranhas inda que se cevem os olhos nom se satisfaz o coração. Nom ha cousa tão agradável como a consciencia limpa. Etc.

- Carta de Nuno da Cunha governador da India a D. Garcia de Noronha visorei della ..... 218  
 — Resposta do visorei D. Garcia ..... 218  
 — Carta que mandou um homem a outro seu amigo que andava para se casar por amores ..... 219 v.º

	Pag.
A esta carta segue-se um tractado de moral.	
— Sobre as virtudes. Fé. . . . .	220
— Esperança. . . . .	220 v.º
— Caridade. . . . .	220 v.º

Justiça. Prudencia. Temperança. Fortaleza. Soberba. Avareza. Luxuria. Ira. Gula. Inveja. Preguiça.

Esta carta e tratado tem data; Lisboa ao derradeiro de maio de 1543.

E termina o livro :

«Honra e gloria e louvor mui perfeito  
 «em todos e por todo a deus seja dado  
 «pois teve por bem que viesse a effeito  
 «o vivo desejo geerado em meu peito  
 «de ver este livro por mim acabado.  
 «Escrito soamente com grande cuidado  
 «por ver e guozar de cousas tam boas  
 «memorias palavras falar mui ornado  
 «em prosa e verso mui bem assentado  
 «processo de taes e tam nobres pessoas.

Termina em pag. 223 v.º

## A EXPOSIÇÃO BIBLIO-ICONOGRAPHICA

NA

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

EM CENTENARIA COMMEMORAÇÃO

DA

## GUERRA PENINSULAR

Em 1908 sahio dos prelos da Imprensa Nacional de Lisboa um folheto in-8.º de 15 paginas, cujo frontispicio vem assim concebido:

*Programma para a commemoração da Guerra Peninsular e respectivo Relatorio elaborados pela Commissão nomeada por portaria de 2 de maio de 1908.*

Subscrevem esses dois documentos, com data de 23 de Maio de 1908, os Srs. João Carlos Rodrigues da Costa (General de brigada, Presidente da Commissão), Alfredo Pereira Taveira de Magalhães (Coronel do serviço do Estado-Maior, Vice-Presidente da Commissão), Maximiliano Eugenio de Azevedo (Coronel do Estado-Maior de Artilharia), Christovão Ayres de Magalhães Sepulveda (Tenente-coronel de Cavallaria), Luiz Henrique Pacheco Simões (Capitão do Estado-Maior de Infantaria), e José Justino Teixeira Botelho (Capitão de Artilharia, Secretario e Relator), — accrescendo no fim a declaração de que «Tem o voto do Sr. Major de Engenharia Francisco Maria Esteves Pereira».

No «Programma» encontra-se incluída a — «Organização de uma exposição, sob a direcção da Bibliotheca Nacional de Lisboa, de livros, folhetos, manuscritos, gravuras, etc., relacionados

com a guerra da Peninsula, sendo obrigatorio o concurso das outras bibliothecas do país.

E accrescenta o «Programma» (em pag. 13 do folheto): — «Serão concedidas menções honrosas aos particulares que concorrerem».

Na conformidade do que fica exposto, e em Novembro do supradito anno, dignou-se o illustre Presidente da referida Commissão indereçar-me o seguinte Officio:

«Ministerio da Guerra—Commissão do Centenario da Guerra Peninsular—N.º 155—Ill.º e Ex.º Sur.—O programma official da celebração do centenario da Guerra Peninsular, approvado por decreto de 19 de agosto ultimo, determina no N.º 3.º do artigo 11.º a organisação de uma exposiçã bibliographica (livros, folhetos, manuscriptos, gravuras, etc.) sob a direcção da Bibliotheca Nacional de Lisboa. O referido programma foi remetido a V. Ex.ª em 23 de Junho do corrente anno.

«Para tratar de quanto seja preciso para se levar a effeito, no proximo anno de 1909, aquella exposiçã, foi, em sessã d'esta commissão executiva de 19 de setembro findo, nomeada uma commissão, composta dos Snrs. Coronel do serviço do Estado Maior Alfredo Pereira Taveira de Magalhães, Coronel do serviço do Estado Maior de Artilharia Maximiliano Eugenio d'Azevedo, e Tenente Coronel de Cavallaria Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda.

«Por meio d'este officio, tenho a honra de apresentar a V. Ex.ª aquella commissão, e de a V. Ex.ª sollicitar que, para cumprimento do alludido N.º do Programma do Centenario, lhe sejam por essa bibliotheca facultados todos os recursos, necessarios ao cumprimento da sua especial missã.

«Competindo á Bibliotheca Nacional de Lisboa, a que V. Ex.ª tão superiormente preside, a direcção da exposiçã bibliographica, que vae realisar se, ao alto criterio de V. Ex.ª rogo que se dignè propôr a esta commissão as providencias, que se lhe afigurarem convenientes para o melhor e mais util resultado da sobredita exposiçã.

«Deus guarde a V. Ex.ª

«Sala das Sessões da Commissão do Centenario da Guerra Peninsular, 11 de Novembro de 1908.

«Ill.<sup>o</sup> e Ex.<sup>o</sup> Snr. Dr. Xavier da Cunha Dignissimo Director da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

«O Presidente

(assignado) J. C. Rodrigues da Costa

General de Brigada».

Logo no dia seguinte (12 de Novembro) foi por mim d'esta fórma accusado o sobredito Officio:

«Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor: — Tenho a honra de accusar a recepção do Officio, datado aos 11 do corrente mez, em que V. Ex.<sup>a</sup> se digna dar-me conhecimento da Commissão encarregada de promover em 1909, sob a direcção da Bibliotheca Nacional de Lisboa, a exposição bibliographica das especies concernentes á Guerra Peninsular.

«Felicitando V. Ex.<sup>a</sup> por tão patriotico imprehendimento, cabe-me outrosim a honra de communicar a V. Ex.<sup>a</sup> que os illustres Membros da referida Commissão, e bem assim os seus auxiliares adherentes, incontrarão sempre em mim o mais desvelado carinho.

«Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup>»

«Bibliotheca Nacional de Lisboa, em 12 de Novembro de 1908.

«Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor General João Carlos Rodrigues da Costa, Dignissimo Presidente da Commissão do Centenario da Guerra Peninsular.

«O Director

«Xavier da Cunha».

Quatro dias depois, coube-me indereçar novo officio ao mencionado Presidente da Commissão do Centenario:

«Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor: — Em additamento ao meu officio de 12 do corrente, e por confirmação do que vocalmente expuz a V. Ex.<sup>a</sup>, tenho a honra de lhe communicar por escripto que para a «Exposição Bibliographica commemorativa do Centenario da Guerra Peninsular» a Bibliotheca Nacional de Lisboa não poderá proporcionar mais do que uma sala e uma galeria annexa. A sala é aquella que já por duas vezes me tem servido para exposições bibliographicas (a «Exposição Garretiana em De-

zembro de 1904, e a «Exposição Cervantina» em Maio do anno seguinte), e é infelizmente pequena, — mas, ligando-se-lhe a galeria contigua, conto que teremos espaço para apresentação das especies a expôr, imhora se não possa por emquanto calcular o número d'aquellas com que se prestem a contribuir os nossos estabelecimentos officiaes e os expositores particulares.

«Uma observação me cumpre entretanto fazer: — e é que a Bibliotheca Nacional não possui sufficiente número de armarios e mostradores invidraçados para conveniente collocação das especies expostas, nem a sua mingudissima dotação lhe permite adquirir esses indispensaveis elementos. A Exposição portanto só poderá effectuar se no caso de se prestar a taes despezas a illustre Commissão de que V. Ex.<sup>a</sup> é meritissimo Presidente, — despezas que approximadamente calculo não deverem ser inferiores á somma de dois contos de réis.

«Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup>»

«Bibliotheca Nacional de Lisboa, em 16 de Novembro de 1908.

«Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor General João Carlos Rodrigues da Costa, Dignissimo Presidente da Commissão do Centenario da Guerra Peninsular.

«O Director

«Xavier da Cunha».

Convocada pelo Sr. General Rodrigues da Costa a Commissão do Centenario, e auctorizada a feitura dos armarios e mostradores invidraçados em harmonia com os desenhos que propuz e cujo orçamento me fôra esboçado pela officina de marcenaria pertencente aos Srs. Machado & Tavares (industrias estabelecidos em Lisboa na Calçada do Marquez de Abrantes — 50 a 52), — recebi vocalmente do sobredito General a incumbencia de contratar com esses industriaes o fabrico de nove mostradores centraes e dezoito armarios parietaes.

Nessa conformidade, fiz com os fabricantes o respectivo ajuste, impondo lhes a clausula de impreterivelmente se acharem promptos e armados na galeria da Bibliotheca Nacional, em fins de Fevereiro de 1909, aquelles vinte e sete moveis, — clausula que a officina pontualmente cumpriu, desimpenhando-se do incargo muito a meu contento.

\*

\*

\*

Já por esse tempo se achava publicada e convenientemente distribuída a seguinte circular, indereçada aos directores das bibliothecas officiaes do nosso paiz:

«Centenario da Guerra Peninsular— Commissão Official Executiva — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Tudo quanto tende a desenvolver n'uma nação o conhecimento do seu passado, despertando-lhe os sentimentos de liberdade e de patriotismo, é incontestavelmente uma obra proficua de fortalecimento moral, tanto ou mais adequada para salvaguardar a integridade do paiz, como as fortificações do territorio destinadas a apoiar a sua defeza pelas armas. De facto, sem o conhecimento da sua historia, essa grande mestra da vida que aponta o passado para esclarecer o presente, nenhum povo pôde lutar com feliz exito pela sua independencia.

«Contribuem poderosamente para se obter esse conhecimento, na parte que respeita ao periodo da guerra peninsular, as festas do centenario com que a nação está hoje fazendo recordar a toda a gente, d'uma maneira bem patente, os exemplos mais notaveis da heroica dedicação dos seus povos e das suas tropas á liberdade e á patria.

«É, pois, d'um interesse capital mostrar ás gerações actuaes a quantidade e natureza das obras impressas e manuscriptas a que poderão recorrer para o estudo e meditação dos grandes feitos d'essa guerra, sob o duplo ponto de vista militar e politico.

«Tal é a significação da *exposição bibliographica*, que, segundo o programma official para a commemoração da guerra peninsular, deve realisar-se «sob a direcção da Bibliotheca Nacional de Lisboa» com o concurso obrigatorio das outras bibliothecas publicas e ainda com os subsidios das bibliothecas de estabelecimentos de caracter não official, e dos particulares que desejem apresentar as raridades que possuam, pelo que «lhes serão concedidas menções honrosas».

«Dar a essa exposição um caracter *universal*, abrangendo tudo quanto se tem publicado nos diversos paizes durante um

seculo, e o que se acha conservado nos seus archivos, demandaria um trabalho colossal e a coadjuvação dos governos estrangeiros, o que é impossivel e sae fóra do nosso programma. É necessario, portanto, restringir a exposição ao que existe em Portugal, fazendo-a contudo tão *completa* quanto possivel, isto é, de modo a apresentar um exemplar de cada especie bibliographica das que existem actualmente nas diversas bibliothecas e livrarias do paiz.

«Eis ahi a orientação que a commissão executiva do programma deliberou tomar nos trabalhos preparatorios que é necessario fazer para organizar a exposição, convindo agora esclarecer o methodo a seguir nos esforços collectivos para o bom e rapido proseguimento d'esses trabalhos.

«Na exposição de que se trata deverão apparecer não só as obras geraes que dão a narrativa completa de todos os acontecimentos da guerra peninsular, como são por exemplo as obras de *Napier* e de *Soriano*, mas tambem todas as obras, quer impressas quer manuscriptas, que se limitem a fragmentos historicos, criticas da guerra e da politica, documentos originaes, correspondencias officiaes, noticias e relações do que se passou em varias localidades do paiz, memorias e biographias dos individuos que tomaram parte na guerra, e cartas familiares que por vezes lançam muita luz sobre os factos a que se referem.

«Deverão tambem apparecer na exposição as obras que tratam da parte legislativa, concernente á organização e serviços do exercito durante o periodo da guerra; os jornaes da epocha dando noticias e commentarios da mesma; e os numeros das *Revistas*, publicadas depois da guerra, que conttenham artigos importantes com ellas relacionados.

«Alem dos livros, dos opusculos, e dos manuscriptos que ficam mencionados, terão igualmente logar na exposição todos os *deseños* concernentes á guerra peninsular, taes como retratos, caricaturas, allegorias, vistas de batalhas, projectos e plantas de fortificações, esboços de terreno, itinerarios, e cartas topographicas da epocha.

«Para se chegar ao conhecimento da quantidade, natureza, e localidade onde existem todas essas especies bibliographicas, é absolutamente indispensavel proceder á sua catalogação em todas as bibliothecas, trabalho a que já se deu principio na Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde tem de ser installada a exposição.

«Apurado que seja o peculio bibliographico d'esta Bibliotheca, bastará reunil-o e arrumal-o convenientemente nas estantes e mostradores apropriados, ficando assim constituindo o fundo da exposição, ao qual virão então juntar-se os exemplares de cada especie que lhe faltem, e se encontre nas outras bibliothecas. D'esta maneira evita-se a accumulção de obras da mesma especie bibliographica na Bibliotheca Nacional, e as despesas de transportes de livros entre a capital e as diversas localidades do paiz. Alem d'isso cada bibliotheca não terá mais trabalho de que o necessario para organizar um catalogo circumstanciado de tudo que possua sobre a guerra peninsular, e remettel-o logo que possa á Bibliotheca Nacional de Lisboa, a fim de aqui se proceder á selecção conveniente. Quando mais tarde tiverem de remetter as obras que lhe serão indicadas deverá esta remessa, a fim de salvaguardar as responsabilidades de todos, ser acompanhada d'uma relação em duplicado, sendo um dos exemplares assignado pelo representante da bibliotheca emissõra, o qual ficará em poder da director da Bibliotheca Nacional de Lisboa, até á restituição das obras recebidas. O outro exemplar será assignado pelo mesmo director e remettido ás respectivas bibliothecas, onde ficará até voltarem aos seus logares todas as obras enviadas á exposição.

«Logo que estejam reunidos todos esses catalogos e as obras que têm de figurar na exposição, será então relativamente facil organizar uma *Bibliographia da guerra peninsular*, dando noticias summarias do merito dos auctores, e dos assumptos de que tratam, bem como do valor das suas obras, o que constituirá um precioso instrumento de trabalho para a cultura do espirito em geral, e em especial para aplanar o caminho «do concurso do elevado premio pecuniario», a que se refere o numero 10.º do programma official, para o auctor da melhor obra que fôr escripta sobre a guerra peninsular durante o periodo da sua commemoração.

«Estas considerações da commissão executiva, alliadas á incumbencia, que lhe é dada pelo decreto de 19 de agosto de 1908, «de promover quanto seja necessario para execução do programma do centenario, quer junto das estações officiaes, quer dos municipios, ou particulares», levaram-na a usar d'este meio para rogar a V. Ex.<sup>a</sup> se digne concorrer para o bom exito de tão util exposição, mandando proceder desde já á elaboração do catalogo de tudo quanto exista na bibliotheca ao seu digno cargo sobre assumptos relacionados com a guerra da Peninsula,

e remetel-o logo que esteja prompto ao director da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

«Lisboa, 30 de outubro de 1908.

«A COMISSÃO

«João Carlos Rodrigues da Costa, *General de Brigada, presidente.*

«Alfredo Pereira Taveira de Magalhães, *Coronel do Serviço do Estado Maior.*

«Jayme Leitão de Castro, *Coronel de Artilharia.*

«Maximiliano Eugenio d'Azevedo, *Coronel de Artilharia.*

«Christovão Ayres de Magalhães Sepulveda, *Tenente coronel de Cavallaria.*

«João Severo da Cunha, *Major de Engenharia.*

«Guilherme Luiz Santos Ferreira, *Major de Infantaria.*

«Luiz Henrique Pacheco Simões, *Capitão de Infantaria.*

«José Justino Teixeira Botelho, *Capitão de Artilharia, secretario.*

«Amílcar de Castro Abreu e Motta, *Capitão de Artilharia e do Serviço do Estado Maior, secretario.*

«Adelino Augusto da Fonseca, *Tenente da Administração militar, thesoureiro.*

Circular semelhante foi tambem dirigida a grande número de bibliophilos assaz conhecidos como colleccionadores de especies raras ou curiosas,—alterando-se para com esses a redacção do último parographo, que ficou assim concebido:

«Estas considerações da commissão executiva, alliadas á incumbencia que lhe é dada pelo decreto de 19 de agosto de 1908, «de promover quanto seja necessario para execução do programma do centenario, quer junto das estações officiaes, quer dos municipios, ou particulares», levaram-na a usar d'este meio para convidar V. Ex.<sup>a</sup> a enriquecer a exposiçãõ de que se trata, dignando-se mandar com a possivel brevidade uma relação das raridades e de todas as especies valiosas e interessantes, que V. Ex.<sup>a</sup> possua e que se possam relacionar com a guerra da Peninsula, ao Director da Bibliotheca Nacional de Lisboa».

Foi o Sr. Coronel Alfredo Pereira Taveira de Magalhães quem as duas circulares, que ficam mencionadas, conceituosamente redigiu.

E foi elle igualmente quem — com a proficiencia que o distingue e com a dedicação incansavel que em todas as suas tarefas o caracteriza — procedeu minuciosamente ao exame dos catalogos em que se acham indicadas as especies pertencentes á Bibliotheca Nacional, para nelles escolher as que se relacionassem com o assumpto da Exposição.

Nesse longo e fastidioso trabalho se demorou mezes o Sr. Coronel, — porque, apezar da sua actividade inexcedivel, quiz elle na maior parte dos casos, não se contentando com as summarias indicações dos catalogos, manusear e conscienciosamente examinar as especies respectivas.

D'este prolongado e proveitoso labor sahiram afinal, como producto, as duas seguintes publicações, cuja redacção pertence exclusivamente ao Sr. Coronel Taveira de Magalhães:

*Bibliotheca Nacional de Lisboa* = *Obras impressas* — *Relação provisoria das obras que podem incluir-se nos grupos do Programma para a Exposição Biblio-iconographica que tem de realizar-se em commemoração centenaria da Guerra Peninsular* (Lisboa — Imprensa Nacional — 1909 — In-8.º de 95 paginas).

*Bibliotheca Nacional de Lisboa* = *Manuscriptos* — *Relação provisoria dos manuscriptos que podem incluir-se no Programma para a Exposição Biblio iconographica que tem de realizar-se em commemoração centenaria da Guerra Peninsular* (Lisboa — Imprensa Nacional — 1909 — In-8.º de 15 paginas).

D'estes dois Catalogos, summarios e meramente provisorios, abrange o primeiro 1:524 numeros, e 178 o segundo.

O Catálogo definitivo e desinvolvido que de todas as especies, tanto biblicas como icónicas, quantas vieram a figurar na Exposição, é obra de porfiado e mui demorado lavor que o Sr. Coronel Taveira de Magalhães prepara com a sua provada competencia, e que opportunamente apparecerá publicada.

Em fins de Novembro de 1908 imprimiu-se e profusamente se distribuiu, tanto na capital como nas povoações provincianas o seguinte convite:

*Centenario da Guerra Peninsular*  
*Exposição Bibliographica em 1909*  
*na*  
*Bibliotheca Nacional de Lisboa*

«Determinando o Programma official da celebração do Cen-

tenario que em Lisboa, e sob a direcção da Bibliotheca Nacional d'esta cidade, se effectue, nas salas da referida Bibliotheca, uma exposição bibliographica, comprehendendo livros, jornaes, manuscritos, folhetos, gravuras e demais publicações, relativas á epoca historica, que decorre de 1807 a 1814, conferindo-se menções honrosas aos expositores classificados pelo jury da citada exposição: a Commissão Official Executiva convida por este meio, além de o já ter feito por circulares, todas as bibliothecas officiaes e particulares do paiz, bibliophilos, amadores, e colleccionadores, a fazer-se representar na alludida exposição, pela fórma que julgarem mais conveniente.

«A data da exposição será opportunamente fixada. Todos os esclarecimentos sobre o assumpto são dados, quer no gabinete do Director da Bibliotheca Nacional de Lisboa, quer na sêde da Commissão Official do Centenario, no Ministerio da Guerra.

«Lisboa e Sêde da Commissão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular, aos 28 de Novembro de 1908.

«A Commissão Official Executiva».

E, como remate d'esta folha-volante, lia-se uma advertencia que passo tambem a transcrever:

«N. B.—Em nome do interesse publico, solicita-se de toda a imprensa portugueza a mercê de publicar, uma ou mais vezes, este convite».

\*

\* \*

Em Dezembro, do mesmo anno, o Sr. General Rodrigues da Costa, que frequentemente me dava a honra de conferenciar commigo sobre particularidades da Exposição, suscitou-me o alvitre, que mui gostosamente acceitei, de convidar as bibliothecas estrangeiras a enviarem para a Exposição catalogos do que possuisessem concernente ao assumpto.

E nesse intento redigi um officio-circular, que se mandou

imprimir, e que foi remettido a trezentas das principaes bibliothecas do mundo, — officio cujo teor ficou assim concebido:

«Bibliotheca Nacional de Lisboa. — Commemoração do Centenario da Guerra Peninsular. — Lisbonne, le 26 Janvier 1909. — Très honoré Monsieur et mon illustre Confrère,

«A l'occasion du *Centenaire de la Guerre Péninsulaire (1807-1814)*, dont on célèbre actuellement la commémoration en Portugal, il a été décidé de faire prochainement une Exposition biblio-iconographique dans les galeries de la Bibliothèque Nationale de Lisbonne.

«Le Comité exécutif des fêtes du Centenaire et moi, nous serions très heureux de pouvoir présenter aux visiteurs de notre Exposition le catalogue de tout ce qui, dans votre Bibliothèque, pourrait directement ou indirectement se rapporter aux événements de la campagne susdite (comme ouvrages imprimés, proclamations, placards, manuscrits, gravures, lithographies, peintures, médailles, etc.).

«Vous serait il possible de nous envoyer, pour le faire figurer dans l'Exposition, un catalogue composé sur les données que je viens d'indiquer? J'ose faire appel à vos sentiments de confraternité littéraire, en vous assurant qu'il nous sera très agréable de vous compter au nombre de nos expositeurs.

«En attendant votre aimable réponse, et en vous remerciant d'avance, je vous prie, très honoré Monsieur et mon illustre Confrère, de vouloir bien agréer le respectueux hommage de mes sentiments les plus distingués.

«Le Directeur de la Bibliothèque Nationale de Lisbonne,

«Xavier da Cunha».

\*

\*

\*

O Sr. General Rodrigues da Costa dignou-se tambem confiar-me a elaboração do Programma e do Regulamento que sahiam publicados no *Diario do Governo* em 28 de Maio de 1909, e que se estamparam depois em folheto sob esta epigraphe:

*Programma e Regulamento da Exposição Biblio-iconogra-*

*phica que na Bibliotheca Nacional de Lisboa ha-de realizar-se em commemoração centenaria da Guerra Peninsular (Lisboa — Imprensa Nacional — MCMIX — In-8.º de 15 paginas).*

Diz assim o texto do opusculo :

#### PROGRAMMA DA EXPOSIÇÃO

«Conforme determina o «Programma para a commemoração centenaria da Guerra Peninsular», datado aos 23 de Maio de 1808, a Commissão Official encarregada de promover a sua execução propõe-se realizar no corrente anno 1909 (em occasião que opportunamente se fixará) uma Exposição Biblio-iconographica de todas as especies que seja possivel colhêr, directa ou indirectamente relacionadas com as diversas campanhas da referida Guerra (1808-1814) e outrosim com os seus antecedentes preliminares ou com os seus resultados subseqentes.

«Essa Exposição effectuar-se-ha no edificio da Bibliotheca Nacional de Lisboa e sob a direcção da mesma Bibliotheca.

«Devem nella figurar, em geral, todas as especies bibliacas, quer impressas, quer manuscriptas, relativas á Guerra Peninsular, sob os diversos aspectos por que esta possa considerar-se.

«Devem tambem nella figurar gravuras, lithographias, aguarellas, desenhos, reproducções photographicas, etc., etc., o que tudo formará um grupo unico — o grupo das especies icónicas.

«Como especies accessorias d'este grupo, serão ainda expostas as medalhas, as moedas, as pinturas a oleo, e quaesquer outros elementos de analoga natureza, existentes na Bibliotheca Nacional.

«As especies manuscriptas, constituirão egualmente um grupo unico, abrangendo as variedades adeante mencionadas.

«As especies impressas, a expôr, são todas aquellas que, pela sua natureza e pelas materias de que tratem, possam incluir-se em algum dos grupos que passam a mencionar-se (desde A a R):

- A) Livros de Historia Universal ou de Historia Geral, que incerrem capitulos relativos ao assumpto especial da Exposição.
- B) Livros de Historia de Portugal, de Historia de França, e

---

bem assim livros de Historia das outras nações que se levantaram contra o Imperador dos Francezes no periodo de 1808 a 1815, livros em que se contenham narrativas concernentes á Guerra Peninsular.

- C) Obras que mais especialmente se occupem da Guerra Peninsular considerada no seu conjunto geral, ou em particular tratem de alguma ou algumas das suas campanhas.
- D) Livros consagrados ao estudo das campanhas promovidas nos paizes fóra da Peninsula Iberica contra o inimigo commum.
- E) Monographias em que se publiquem trechos parciaes da Guerra Peninsular ou dos principaes acontecimentos com ella relacionados.
- F) Biographias, quer collectivas (das corporações e unidades militares que tomaram parte na Guerra), quer individuaes (das personagens importantes que estejam no mesmo caso), taes como: resumos historicos dos diversos regimentos, autobiographias dos generaes e officiaes, suas vidas, memorias, diarios, elogios, necrologios, etc.
- G) Relações e notícias, da epoca da Guerra Peninsular, ácerca dos acontecimentos occorridos, incluindo especialmente os levantamentos patrioticos de 1808 na Peninsula.
- H) Obras de Geographia e Cartographia que contenham elementos proprios para elucidar as narrativas historicas, bem como as operações militares:
- a) Tratados geraes de Geographia e Estatistica da epoca;
  - b) Descrições topographicas das regiões que constituiram theatro da Guerra;
  - c) Descrições de viagens individuaes em Portugal e na Hespanha;
  - d) Cartas geographicas e topographicas da epoca;
  - e) Plantas de batalhas, sitios, combates, etc.
- I) Documentos militares, civis, e ecclesiasticos, concernentes á

## Guerra Peninsular :

- a) Correspondencias officiaes e extra-officiaes, em geral ;
  - b) Ordens do dia ao exercito, decretos, avisos, proclamações dos generaes e commandantes de tropas, sentenças dos tribunaes, e quaesquer outros diplomas de natureza militar ;
  - c) Proclamações das auctoridades civis ; pastoraes, sermões ; discursos academicos, allocuções, etc. ;
  - d) Protestos, pasquins, e outros documentos analogos de iniciativa popular.
- J) Obras relativas á sciencia e arte militar, fundadas ou filiadas na experiencia dos factos e nas operações realizadas durante a Guerra Peninsular :
- a) Livros de crítica militar ;
  - b) Deducção de principios de estrategia, da tactica das diversas armas, e dos serviços auxiliares da epoca ;
  - c) Organica das tropas nacionaes e estrangeiras que tomaram parte na lucta contra Napoleão ;
  - d) Regulamentos e ordenanças tacticas de caracter official ;
  - e) Instrucções dos serviços auxiliares, serviços internos, etc.
- K) Livros em que se incluam leis, tratados, convenções, relações diplomaticas sobre assumptos relativos ao estado social e politico de Portugal no tempo da Guerra Peninsular, e que hajam com ella relação ou sobre ella possam ter exercido influencia.
- L) Obras de litteratura amena, escriptas em prosa e filiadas nos episodios da Guerra Peninsular ou nos acontecimentos com ella correlacionados (taes como: romances e narrativas, dramas, comedias, etc., etc.).
- M) Produccções em verso, inspiradas nos themas do grupo antecedente (poemas, poemetos, hymnos, canções patrioticas, trovas populares, satiras, elogios dramaticos, etc., etc.).
- N) Composições musicaes (hymnos, marchas, etc.).
- O) Publicações periodicas em que venham documentos, memorias, narrativas, notícias e quaesquer outras referencias aos

assumptos da Guerra de que se trata (quer sejam gazetas officiaes, quer jornaes noticiosos, quer mesmo revistas historicas, scientificas, litterarias ou artisticas).

- P) Encyclopedias ou dictionarios que encerrem artigos descriptivos ou biographicos relacionados com os factos ou com as personagens da Guerra Peninsular.
- Q) Catalogos bibliographicos da especialidade.
- R) Livros, folhetos, e quaesquer peças avulsas ou folhas volantes, que se publiquem a proposito da commemoração centenaria da Guerra Peninsular.
- S) Especies manuscriptas (originaes ou cópias) ácerca dos diversos assumptos que ficam mencionados nos grupos das especies impressas :
- a) Correspondencia diplomatica ;
  - b) Documentos officiaes ;
  - c) Memorias, diarios, notas informativas, e apontamentos de procedencia particular, quer escriptos por testemunhas coevas, quer collidos na tradição oral ;
  - d) Pamphletos ;
  - e) Correspondencia em cartas officiaes ou em cartas particulares ;
  - f) Sermões ; discursos, allocuções ; allegações ;
  - g) Produções poeticas ;
  - h) Catalogos e simples relações, enviadas pelas bibliothecas do nosso paiz ou pelas estrangeiras, das obras que possuam relacionadas com a Guerra Peninsular, como lhes foi solicitado em circulares (\*).
- T) Especies icónicas referentes á Guerra Peninsular :
- a) Retratos dos monarchas e das personagens que se tornaram mais notaveis (na guerra, na politica, na

---

«(\*) N. B.—A recepção d'esses catalogos é devéras estimavel e desejavel, não só porque assim consegue o jury alcançar um meio de avaliar até certo ponto o grau de raridade das obras expostas, mas tambem porque d'esse modo alguma representação ficam tendo na Exposição as diferentes bibliothecas públicas ou particulares de Portugal, e as estrangeiras, que não inviarem obra alguma».

- diplomacia, nas sciencias, nas letras e nas artes) durante a lucta sustentada contra Napoleão tanto na Peninsula como fóra d'ella ;
- b) Vistas de paizagens, de logares memoraveis, de scenas e episodios relacionados com aconiecimentos notaveis da Guerra ;
  - c) Quadros de batalhas, sitios, combates, etc. ;
  - d) Estampas allegoricas ; caricaturas ; etc. ;
  - e) Vistas dos monumentos commemorativos levantados em Portugal ou no estrangeiro ;
  - f) Figurinos militares relativos ás tropas que tomaram parte na Guerra Peninsular ;
  - g) Especies analogas ás dos sub-grupos antecedentes, publicadas por occasião da commemoração centenaria da Guerra Peninsular ;
  - h) Moedas occasionaes, e medalhas condecorativas ou commemorativas, que existam na Bibliotheca Nacional de Lisboa, directa ou indirectamente relacionadas com o assumpto ;
  - i) Pinturas a oleo que, subordinadas ao thema do sub-grupo antecedente, possui a mesma Bibliotheca.

«Além das especies que ficam assim desinvolvidamente mencionadas, figurarão ainda quaesquer outras que, imhora não estejam comprehendidas nos grupos e sub-grupos estabelecidos, logrem todavia interessar no campo dos assumptos a que se destina a Exposição.

#### REGULAMENTO DA EXPOSIÇÃO

«Para a execução do programma retro-transcripto — programma a que deve obedecer a Exposição Biblio-iconographica determinada pela Commissão Official-Executiva do Centenario da Guerra Peninsular — fica adoptado o seguinte Regulamento :

I. — A Exposição realizar-se-ha (conforme estipula o mencionado Programma) no edificio da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

II. — Pertence á referida Bibliotheca a direcção da Exposição.

III. — A Exposição effectuar-se-ha no corrente anno 1909, será inaugurada no dia que opportunamente se marcar, e permanecerá franqueada ao público durante dois mezes.

IV. — A Exposição é essencialmente e fundamentalmente constituída por dois nucleos centraes :

- 1.º O conjunto das especies que Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Manuel II se digna expôr ;
- 2.º A collecção das especies que sobre o assumpto possui a Bibliotheca Nacional de Lisboa.

V. — A estes dois nucleos accrescerão as importantissimas especies que, não estando representadas por exemplares das duas categorias antecedentes, sejam facultadas pelas bibliothecas officiaes do nosso paiz.

VI. — Accrescerão egualmente as especies que, não estando comprehendidas nos dois nucleos centraes supra-indicados, sejam facultadas pelos colleccionadores particulares.

VII. — Accrescerão ainda as resenhas bibliographicas ou quaesquer outras especies que de bibliothecas estrangeiras nos sejam porventura invidas em generosa offerta.

VIII. — Para poderem figurar expostas, as especies comprehendidas nos artigos V, VI e VII, deverão entrar na Bibliotheca Nacional de Lisboa com antecedencia de um mez relativamente ao dia que opportunamente se fixar destinado á inauguração da Exposição.

IX. — Correrão por conta dos expositores as despesas que houverem de fazer-se com a remessa das especies á Bibliotheca, e com o seu regresso ás procedencias respectivas.

X. — Quando porventura as especies expostas exijam, na sua apresentação ao público, muito especiaes cautelas, ou quando nalgum caso particular se torne indispensavel qualquer subsidio na remessa d'essas especies ou no seu regresso á proveniencia respectiva, o expositor poderá, sobre tal assumpto, intender-se com o Director da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

XI. — Nenhuma especie, das expostas, poderá ser retirada

pelo expositor antes de incerrada a Exposição e de concluidos os trabalhos a que tem de proceder o jury mencionado nos artigos XVII e seguintes.

XII. — A remessa das especies que as bibliothecas officiaes do nosso paiz ou os particulares inviarem á Exposição, deverá indispensavelmente vir acompanhada por listas em duplicado, listas em que as especies se encontrem summaria mas claramente indicadas e ordinalmente numeradas.

XIII. — Das duas listas a que se refere o artigo antecedente, assignadas ambas por quem as especies remetta, ha-de uma ficar na Exposição; e a outra será devolvida ao remettente, depois de conferida e assignada pelo Director da Bibliotheca Nacional (equivalendo assim a um recibo de caução).

XIV. — Quando, incerrada a Exposição e finalizados os trabalhos do jury, voltarem as especies ao poder dos seus donos, em troca regressará (com a declaração de conferida pelo expositor) a lista que nas suas mãos tenha temporariamente permanecido como recibo de caução.

XV. — Os expositores, pelo facto de o serem, ficam obrigados a incondicionalmente acceitar todas as prescripções do presente Regulamento.

XVI. — A todos os particulares que na Exposição tenham tido ingresso como expositores, serão distribuidos «diplomas de presença», e outrosim ás collectividades officiaes.

XVII. — «Diplomas de menção honrosa» conferir-se-hão aos expositores que de tal distincção intender merecedores um jury especial.

XVIII. — Na composição do jury a que se refere o antecedente artigo, intrarão cinco membros.

XIX. — Os cinco membros do mencionado jury serão :

Presidente — O Presidente da Commissão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular;

Vice-Presidente — O Inspector das Bibliothecas e Archivos Nacionaes;

Vogaes — Dois dos membros da referida Comissão do Centenario, e o Director da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

XX. — Ao jury, constituído na conformidade do artigo precedente, competem as seguintes attribuições:

- a) Marcar o dia de abertura da Exposição e o dia do seu incerramento, assim como definir o programma concernente a esses dois actos;
- b) Julgar das especies expostas e dos termos em que devam ser conferidos aos expositores os «diplomas de presença» e os «diplomas de menção honrosa»;
- c) Propôr á Comissão Official do Centenario os modelos que intender adoptaveis nos diplomas supra-mencionados, e outrosim o formulario que nesses diplomas haja de observar-se;
- d) Propôr egualmente á Comissão Official Executiva do Centenario tudo quanto julgue indispensavel ou conveniente para o bom funcionamento da Exposição.

XXI. — Organizar-se-ha um Catálogo geral da Exposição, Catálogo que, além de enumerar as especies expostas, publicará tambem a relação dos expositores, com a especificação das «menções honrosas» que houverem de ser-lhes conferidas.

XXII. — O referido Catálogo será illustrado com as gravuras que, para melhor comprehensão do texto, forem julgadas indispensaveis.

«Bibliotheca Nacional de Lisboa, em 14 de Fevereiro de 1909.

«O Director

«Xavier da Cunha».

«Aprovado pela Comissão Official Executiva na sua sessão de 8 de Março de 1909.

«Lisboa e sede da Comissão Official Executiva, aos 8 de Março de 1909.

«PELA COMMISSÃO,

«O Presidente

«João Carlos Rodrigues da Costa  
«General de Brigada».

\*            \*

Publicadas que foram as «Relações provisórias» de que já fiz menção, relativas ás especies bibliacas e ás especies icónicas existentes na Bibliotheca Nacional, resolveu a Commissão Official Executiva do Centenario distribuil-as acompanhadas por circulares, cujo texto passo agora a transcrever:

«Centenario da Guerra Peninsular — Commissão Official Executiva — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — No intuito de facilitar quanto possível a coadjuvação necessaria, — e obrigatoria, nos termos do n.º 3.º do art.º 11.º do Programma Official do Centenario, — das bibliothecas publicas do paiz, para se organizar, na Bibliotheca Nacional de Lisboa, a Exposição Biblio-iconographica commemorativa da Guerra Peninsular e determinada no referido Programma official, com esta circular são enviados a V. Ex.<sup>a</sup> e á bibliotheca que dignamente dirige os adjunctos exemplares das Relações Provisorias que constituem o peculio bibliographico, apurado na referida Bibliotheca Nacional de Lisboa.

«Na circular n.º 1 de 30 de outubro de 1908, depois esclarecida no Programma da mesma Exposição, documento onde se indica explicitamente quaes são as obras que, pela sua natureza e pela materia de que tratam, devem figurar n'aquella Exposição, foi já solicitada a V. Ex.<sup>a</sup> e d'essa bibliotheca, coadjuvação que de novo se solicita.

«Ainda, para o mesmo fim, a Commissão official do centenario vem agora rogar a V. Ex.<sup>a</sup> se digne:

(a) — verificar, marcando com um signal a lapis, antes do numero de cada obra das ditas Relações Provisorias, quaes são as especies bibliographicas eguaes que existem n'essa bibliotheca.

(b) — mandar organizar uma Relação identica ás remetidas, das especies que essa bibliotheca possui além d'aquellas que hajam sido marcadas nas ditas Relações Provisorias.

«Concluidos aquelles trabalhos, V. Ex.<sup>a</sup> se dignará enviar com a brevidade possível as Relações supramencionadas á Bibliotheca Nacional de Lisboa, visto que esta Commissão Official tenciona inaugurar a Exposição Biblio iconographica no principio do proximo mez de setembro.

«Fiando dos elevados sentimentos patrioticos de V. Ex.<sup>a</sup> a coadjuvação agora requerida, esta Commissão terá por ella, e pelo incontestavel effeito educativo da Exposição, que render a V. Ex.<sup>a</sup> os mais justos agradecimentos.

«Lisboa, Séde da Commissão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular, 12 de Junho de 1909.

#### «A COMMISSÃO

«João Carlos Rodrigues da Costa, *General de Brigada, Presidente.*

«Alfredo Pereira Taveira de Magalhães, *Coronel do Serviço do Estado Maior.*

«Jayme Leitão de Castro, *Coronel de Artilharia.*

«Maximiliano Eugenio d'Azevedo, *Coronel de Artilharia.*

«Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda, *Tenente coronel de Cavallaria.*

«João Severo da Cunha, *Major de Engenharia.*

«Guilherme Luiz dos Santos Ferreira, *Major de Infantaria.*

«Luiz Henrique Pacheco Simões, *Capitão de Infantaria.*

«José Justino Teixeira Botelho, *Capitão de Artilharia, secretario.*

«Amilcar de Castro Abreu e Motta, *Capitão de Artilharia e do Serviço do Estado Maior, secretario.*

«Adelino Augusto da Fonseca Lage, *Tenente da Administração Militar, thesoureiro.*

«N. B. — Pede-se o obsequio de accusar a recepção».

Mas... agora me está lembrando uma expressão, com que epigrammaticamente nos mimoseou certo viajante inglez na obra *An overland journey to Lisbon at the close of 1846; with a Picture of the Actual State of Spain and Portugal. By T. M. Hughes.* (London — 1847 — 2 vol. in-12.<sup>o</sup>). (\*)

---

(\*) Com differente frontispicio, e pretensões a simularem «segunda edição», appareceram á venda no mesmo anno exemplares da obra, pondo-se-lhe o titulo seguinte: — *Revelations of Portugal and narrative of an overland journey to Lisbon at the close of 1846; with a picture of the Present State of Spain.*

Falando ácerca dos Portuguezes, diz elle no Vol. II do seu livro (em pag. 366):

«*Amanhã! is their fatal word*».

Ou, traduzindo: — «*Ámanhan*» é a palavra fatal dos Portuguezes.

Ora eu não creio que tenha razão aquelle sarcastico inglez, tanto nesta como em várias outras asserções do citado livro.

A verdade, porém, é que os concorrentes á Exposição Biblio-iconographica, por modo nenhum se apressavam, na sua grande maioria, em satisfazer as instancias da Commissão!

Foi por isso que se intendeu indispensavel repetir o convite, marcando prazo aos expositores:

«Centenario da Guerra Peninsular. Commissão Official Executiva — Exposição Biblio-iconographica em 1909 — Achando-se resolvido que a referida Exposição se realise no proximo mez de outubro, são por este meio prevenidas as bibliothecas, tanto officiaes como particulares, e bem assim os bibliophilos e colleccionadores, a quem foram remettidos o programma da Exposição e a circular de 12 de julho (\*) do corrente anno, de que muito convem que enviem á Bibliotheca Nacional de Lisboa e até ao fim de setembro proximo as suas respostas áquella circular, bem como os catalogos das obras, que possnam, ou desejem expôr.

«Sendo urgente organizar a installação e serviços da Exposição, são tambem avisados os expositores de que aquelles trabalhos começarão nos primeiros dias de outubro.

«Lisboa, Séde da Commissão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular, 2 de Agosto de 1909.

#### «A COMMISSÃO».

Baldados esforços... porque nem mesmo assim! E agora me acode outra vez ao pensamento aquella caustica expressão com que o auctor de *An overland journey to Lisbon* apostropha os Portuguezes: — «*Amanhã! is their fatal word*».

O mez de Setembro finalizou sem que na Bibliotheca Nacional tivesse ainda intrado uma só especie enviada por expositores nossos conterraneos!

---

(\*) Aqui houve um lapso typographico: a circular a que se allude, sahiu datada, não em 12 de Julho, mas em 12 de Junho.

E alguns houve que, nos seus habitos retardatarios, se propunham ainda concorrer quando, já prestes a inaugurar-se a Exposição, tudo nella se achava disposto e systematicamente collocado, sem logar disponivel para novas installações: a esses respondi eu, lamentando-lhes a impossibilidade em que me encontrava de lhes admittir ingresso, mas respondi-lhes inabalavel com a mais formal recusa, esquivando-me a ficar eternamente numa interminavel tarefa de compôr e recompôr, de arrumar e desarrumar, processo que daria mesmo em resultado o inconveniente de nunca se chegar a inaugurar a Exposição!

Talvez alguém se melindrasse com isso, e me ficasse querendo mal pela minha teimosia! melindrado me devo eu considerar, por me haverem os retardatarios (sem precisão alguma, — e talvez até por mero capricho!) imbaraçado e complicado o expediente da minha tarefa e da tarefa dos meus incansaveis auxiliares, — tres auxiliares sobremaneira prestimosos, cujos nomes fôlgo immenso de poder aqui declarar.

E foram esses tres os Srs. João Augusto Melício (Primeiro-Conservador da Bibliotheca Nacional), Custodio Cesar de Menezes (Segundo-Amanuense Escriptuario do mesmo instituto), e Antonio Filippe (que, em sua modesta situação de empregado-menor extraordinario, presta com muito zêlo e muita intelligencia optimos serviços de Amanuense).

Devido ao conjugado concurso d'estes tres auxiliares é que eu pude realizar os desejos do Sr. General Rodrigues da Costa, o qual em principios de Dezembro se me declarou muito impenhado por que pudesse a Exposição inaugurar-se aos 15 do referido mez.

Consoante os desejos do illustre Presidente da Commissão, assim lh'o prometti promptamente, — e, no desinpenho do meu compromisso, a installação das especies expostas ficou, sem carencia de mais retoques, ultimada aos 14 de Dezembro de 1909.

Ulteriores determinações, a que a Bibliotheca Nacional foi completamente extranha, impediram que no dia seguinte se effectuasse a inauguração da Exposição. E só decorrido um mez é que tal inauguração veio a realizar-se.

Foi no dia 19 de Janeiro de 1910 que Sua Majestade El-Rei se dignou vir a essa festa presidir, determinando previamente o Sr. Ministro do Reino que na Bibliotheca Nacional fôsse

para todos os effectos feriado o sobredito dia, como no seguinte Officio me foi participado:

«Bibliothecas e Archivos Nacionaes — Secretaria Geral — L.<sup>o</sup> 2.<sup>o</sup> N.<sup>o</sup> 945 — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor — Tenho a honra de communicar a V. Ex.<sup>a</sup> que o Ex.<sup>mo</sup> Ministro do Reino resolveu que na Bibliotheca Nacional de Lisboa seja feriado o dia da inauguração da Exposição Bibliographica commemorativa do Centenario da Guerra Peninsular. — Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> — Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, 17 de janeiro de 1910. — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor Director da Bibliotheca Nacional de Lisboa. — Pelo Conselheiro Bibliothecario-mór do Reino, O Inspector (assignado) Gabriel V. M. Pereira».

Em virtude, portanto, de tal communicação, mandei affixar no vestibulo da Bibliotheca o seguinte «Aviso»:

«Devendo inaugurar-se ámanhan, 19 do corrente, na Bibliotheca Nacional de Lisboa, a Exposição Biblio-iconographica em commemoração centenaria da Guerra Peninsular, determinou Sua Excellencia o Ministro dos Negocios do Reino que na mesma Bibliotheca se considerasse feriado para todos os effectos o mencionado dia. — Bibliotheca Nacional de Lisboa, em 18 de Janeiro de 1910. — (Logar occupado pelo sello da Bibliotheca) — O Director (assignado) Xavier da Cunha».

\*

\*

\*

Em 19 de Janeiro de 1910 e ás 3 horas da tarde (como estava annuciado) introu Sua Majestade El-Rei no edificio, e na chamada «Sala da Rainha» (onde se acha collocada a majestosa estatua da Senhora Dona Maria I, delicadamente esculpida em marmore de Carrara pelo eximio Joaquim Machado de Castro) recebeu o Senhor Dom Manuel II cumprimentos de todos os assistentes que já no atrio da Bibliotheca haviam tido a honra de lhe beijar a mão.

Depois de uma breve, mas sobremodo conceituosa, alloução proferida pelo Sr. General Rodrigues da Costa, foi lido o «Auto da inauguração», que Sua Majestade assignou e depois d'elle assignaram tambem as pessoas presentes.

Sua Majestade, satisfazendo egualmente aos desejos manifestados pelo Director da Bibliotheca, dignou se ainda inscrever o seu nome no «Album» especial, onde já em 16 de Janeiro de 1905, por occasião de visitarem a «Exposição Garretiana», tinham inscripto seus nomes o Senhor Dom Manuel (quando Serenissimo Infante) e Sua Alteza Real o Senhor Dom Luiz Philippe de mui saudosa memoria.

O «Auto» original, que ficou devidamente archivado na Bibliotheca Nacional, e de que se tiraram dois traslados (destinado um para ser depositado no Real Archivo da Torre-do-Tombo, e ficando o outro por pertença da Commissão Official Executiva do Centenario, a qual lhe dará destino conveniente) foi lavrado nos termos seguintes:

*Auto da inauguração  
da  
Exposição Biblio-iconographica  
commemorativa  
da  
Guerra Peninsular*

«Aos 19 dias do mez de Janeiro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil novecentos e dez, pelas 3 horas da tarde, na Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde se dignou comparecer Sua Majestade El-Rei, o Senhor Dom Manuel II, e onde egualmente estavam presentes os Excellentissimos Senhores, Presidente do Conselho de Ministros, Ministros do Reino e da Guerra, representando o Governo, membros da Commissão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular, Director da Bibliotheca Nacional de Lisboa com o respectivo pessoal, e todas as demais pessoas que este auto assignam, se procedeu, pela seguinte fórma, á inauguração da Exposição Biblio-iconographica organizada pela dita Commissão em virtude do n.º 3 do artigo 11.º do Programma da Commemoração Centenaria da Guerra Peninsular.

«Tendo chegado Sua Magestade El-Rei e sua comitiva, e sido aguardado á porta da Bibliotheca pelas auctoridades e funcionarios supra-referidos, todos se dirigiram seguidamente á sala onde se devia proceder ao acto da inauguração. Ali o Ex.<sup>mo</sup> Snr. General João Carlos Rodrigues da Costa, na sua qualidade de Presidente da Commissão Official Executiva, obtida a necessaria

venia de Sua Magestade, expoz brevemente os fins e alcance da Exposição como um acto commemorativo, terminando por sollicitar de Sua Magestade a honra de inaugurar a mencionada Exposição, ao que tendo Sua Magestade benevolmente accedido, e depois de lido e assignado este auto, percorreu demoradamente a sala onde se acha installada a Exposição, que por esta forma ficou inaugurada para ser patente ao publico durante dois mezes nos termos do respectivo Programma e Regulamento.

«E, como documento authenticico de tudo o que acima fica exposto, eu José Justino Teixeira Botelho, capitão de artilharia e 1.º Secretario da Commissão, lavrei o presente auto que assigno com as pessoas presentes».

Seguem-se ao texto vinte e duas assignaturas:

D. Manuel II Rei de Portugal

Francisco Antonio da Veiga Beirão

Francisco Felisberto Dias Costa

José Mathias Nunes

Antonio Duarte Ramada Curto

J. C. Rodrigues da Costa, General de Brigada, Presidente da Commissão

J. d'Azevedo Castello Branco

Alfredo Pereira Taveira de Magalhães, Coronel do serviço do estado maior

Maximiliano Eugenio de Azevedo, Coronel do estado maior de artilharia

Christovam Ayres, Tenente-Coronel de Cavallaria

Gabriel Pereira

José Leite de Vasconcellos

Francisco Simões Ratolla

João Severo Cunha, Major de Engenharia

Luiz Henrique Pacheco Simões, Capitão de Infantaria

Adelino Augusto da Fonseca Lage, Tenente d'Administração

Militar

Ramalho Ortigão

Xavier da Cunha — Director da Bibliotheca Nacional de Lisboa

João Augusto Melício

Custodio Cesar de Menezes

José Justino Teixeira Botelho, Capitão d'Artilharia, Secretario da Commissão

Amilcar de Castro Abreu e Motta, Capitão de Artilharia do serviço do Estado Maior, 2.º Secretario.

Quando o «Auto» original da inauguração me foi entregue, veio elle acompanhado pelo Officio que passo a copiar :

«(Logar occupado pelo escudo das armas reaes portuguezas)  
— Ministerio da Guerra — Commissão do Centenario da Guerra Peninsular — N.º 13 — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr. — Tenho a honra de enviar a V. Ex.<sup>a</sup> o adjunto auto da inauguração da Exposição Biblio-iconographica commemorativa da Guerra Peninsular, realisada na Bibliotheca Nacional de Lisboa. — Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> — Lisboa, Séde da Commissão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular, 3 de março de 1910. — Ill.<sup>o</sup> e Ex.<sup>o</sup> Snr. Director da Bibliotheca Nacional de Lisboa. — O Presidente (assignado) J. C. Rodrigues da Costa, General de Brigada».

A essa comunicação respondi pela seguinte fórmula :

«(Logar occupado pelo escudo das armas-reaes portuguezas)  
— Bibliotheca Nacional de Lisboa — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor: — Tenho a honra de accusar, hoje recebido, o Officio que V. Ex.<sup>a</sup> se dignou indereçar-me com data de hontem, Officio que acompanhava a remessa do Auto original da inauguração da Exposição Biblio-iconographica centenariamente commemorativa da Guerra Peninsular, Auto esse que mui carinhosamente ficará nesta Bibliotheca archivado. — Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> — Bibliotheca Nacional de Lisboa, em 4 de Março de 1910. — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor General João Carlos Rodrigues da Costa, Meritissimo Presidente da Commissão Official Executiva da Guerra Peninsular. — O Director, Xavier da Cunha».

\*

\*            \*

Depois de assignado o «Auto», subiu El-Rei, acompanhado por todos os assistentes, ao 2.<sup>o</sup> andar do edificio, onde se achava installada a Exposição.

No «Auto» vem simplesmente referencia a uma «sala». Mas, como tive já occasião de mencionar, apesar da estreiteza do edificio (estreiteza em relação á quantidade enorme de especies biblicas e icónicas que na Bibliotheca Nacional já hoje existem), logrei destinar, á Exposição Biblio-iconographica, não sómente a Sala N.º 111 e a galeria contigua. Pude mesmo conseguir que

a Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos (neste mesmo andar installada) me cedesse por emprestimo, afim de mais desafogada a Exposição ficar, o gabinete N.º 108 (em que a Repartição da respectiva Contabilidade costuma funcionar durante a quadra estival), gabinete que abre a sua porta d'intrada na galeria de que falei, com duas janellas que olham para o nascente.

Ficaram assim destinados á Exposição tres compartimentos.

D'esses tres compartimentos a Sala N.º 111 foi o reservado para nelle se expõrem as especies com que o Senhor Dom Manuel II se dignou concorrer á Exposição.

Nesse aposento, brilhantemente illuminado por janellas que abrem para lèste e oeste, fiz collocar ao fundo sobre um plintho o busto do Augusto Monarcha, modelado pelo escultor Simões de Almeida (sobrinho). E em quatro mostradores invidraçados, que pertencem á Casa d'El-Rei, foram dispostas por mão do Sr. Alberto Girard e de seus ajudantes as interessantissimas especies com que Sua Magestade se dignou concorrer, especies que fazem parte da sua Bibliotheca particular, e que o sobredito Sr. Girard minuciosamente descreveu no excellente Catálogo, por essa occasião estampado em papel de-linho portuguez (In 8.º de 27 paginas).

Abrange esse Catálogo 111 números, e diz assim no frontispicio:

*Centenario da Guerra Peninsular. Exposição Biblio-iconographica = Bibliotheca particular de S. M. El-Rei o Senhor D. Manuel II* (Lisboa — Typographia da Academia Real das Sciencias — 1909).

Do referido Catálogo me intregou o Sr. Girard, por ordem d'El-Rei, cincoenta exemplares, para que eu d'elles fizesse distribuição, á minha escolha, entre pessoas que por assumptos bibliographicos se interessassem, — accrescentando que Sua Magestade benevolmente me proporcionaria outros tantos, se d'elles eu houvesse precisão.

Quem ler esse Catálogo, ajuizará muito melhor por elle, da que por quaesquer indicações que eu aqui apresentasse, ácêrca do alto valor por que se recommendam as especies de que El-Rei se constituiu patrioticamente expositor.

Não posso entretanto furtar-me ao alvorôgo de particularizar, entre aquelle conjuncto de especies preciosas e mesmo raras, as tres que no Catálogo se apresentam mencionadas sob os N.ºs 76, 77, e 111.

Aqui as indico summariamente :

76. — (1815. Medalha commemorativa das batalhas ganhas pelo General Wellington em Portugal, Hespanha e França, de 1808 a 1815).

Para a minuciosa descripção d'esta curiosissima especie, veja-se o que diz o Sr. Girard no Catálogo.

77. — (Album original de Domingos Antonio de Sequeira, em que este insigne artista esboçou a lapis trechos que serviram para a composição do célebre quadro publicado em gravura-de-cobre, — esplendida gravura, de que tambem El-Rei expoz um bello exemplar, e em que se representa a distribuição dos alimentos, junto ao cruzeiro de Arroios, em Lisboa, aos fugitivos que das provincias abandonaram suas terras assoladas pelo exercito francez em 1810).

111. — *The Courier* (London, 22 December 1807).

Inclue-se nesse Número do jornal (especie que deve ser da maxima raridade!) a Proclamação do Principe Regente de Portugal aos 27 de Novembro de 1807, e o Officio em que Lord Strangford (Ministro que ao tempo assistia na côrte de Lisboa como representante de Sua Majestade Britannica) refere ao Govêrno do seu paiz a emigração da Familia Real Portugueza para o Brasil em 29 de Novembro do referido anno.

E uma vez que do Visconde Strangford agora falei, diplomata que reunia as prendas de litterato e que em versos inglezes traduziu alguns trechos poeticos de Camões (*Poems from the portuguese of Luis de Camoens: with remarks on his life and writings* — London, 1803; e várias outras edições subsequentes), vem a propósito mencionar que, entre as especies por mim apresentadas na Exposição, tive ensejo de fazer figurar (como recordação historica) um exemplar ceramico, — um prato de porcelana que pertenceu áquelle ministro, e em cujo fundo se destaca polychromico e doirado o respectivo brasão heraldico. Da proveniencia d'esse prato escrevi eu circunstanciada noticia em carta ao Sr. Antonio Cabreira, — carta publicada sob o titulo *Camões e Lord Strangford (Divagações bibliographicas)* no Tom. I dos *Trabalhos da Academia de Sciencias de Portugal* (Lisboa — 1908).

Fôra dos mostradores invidraçados, e pendurados na parede

occidental da Sala N.º 111, figuravam, igualmente expostos por El-Rei, dois bellos mappas, que o Sr. Alberto Girard circumstanciadamente menciona sob os N.ºs 74 e 75 do Catálogo.

*A new Map of Spain and Portugal* (London, 1810);

*A new military Map of Spain & Portugal* (London, 1812).

Entre esses dois mappas figurou, convenientemente immolurado, o exemplar que já mencionei da preciosa gravura, em que se representa, junto ao cruzeiro de Arroios a distribuição dos alimentos aos refugiados das provincias no anno 1810. D'essa mesma gravura expoz tambem a Bibliotheca Nacional um exemplar na parede occidental do gabinete N.º 108.

O desenho propriamente dito mede na gravura 0<sup>m</sup>,42 de alto por 0<sup>m</sup>,78 de largo, — e, na parte inferior da chapa, lê-se em formosas letras de cursivo a seguinte inscripção:

«A S. A. R. O Principe Regente Nosso Senhor, Augusto, Pio, Magnanimo, Pai da Patria, D. O. C. Domingos Antonio de Sequeira, Luzitano, Primeiro Pintor da Camera e Corte de S. A. R.; Mestre dos Ser.<sup>mos</sup> Snr.<sup>es</sup> Principe, e Infantes, Academico de Merito na Inclyta Academia de S. Lucas em Roma, e das principaes da Italia, Director da Aula de Desenho na Real Academia da Marinha da Cidade do Porto, esta Estampa que copiou do natural Representa a distribuição do alimento, q̄. se repartia no Cruzeiro de Arroios aos infelizes emigrados q̄. desampararão as suas terras assoladas pelo Exercito Francez na invasão de Outubro de 1810, e forão recolhidos, hospedados, e sustentados pelos moradores de Lisboa com o mais louvavel patriotismo, e humanidade. Publicada em Lisboa em 17 de Dezembro de 1813».

Logo abaixo do desenho, e acima d'esta inscripção, lêem-se aos dois lados da chapa, as seguintes declarações: — (á esquerda do observador) «Dom. Ant. de Sequeira Ac. Rom. inv. del. e abrio os cont. das fig.» — e (á direita de quem observa) «Greg. Fran.<sup>co</sup> de Queiroz esculpio as figuras a Agoa forte e a buril em 1813».

Na parede oriental da Sala N.º 111, destinei collocação ás especies com que figurou a Bibliotheca Real da Ajuda, especies dispostas em dois dos armarios invidraçados, por mim adquiridos (como ficou já explicado) sob incumbencia do Sr. General Rodrigues da Costa.

Na galeria contigua á Sala N.º 111, o que principalmente avultava eram as especies expostas pela Bibliotheca Nacional de Lisboa, — especies numerosas, já de natureza bibliaca, já de natureza icónica, — especies valiosas, umas pela sua importancia intrinseca, outras por sua raridade.

Livros impressos, codices manuscriptos, mappas, retratos, estampas de variadissimos assumptos, desenhos originaes mui curiosos, — tudo isso alli abundantemente figurou, e tudo isso insistentemente despertou a attenção dos entendidos.

Em um dos mostradores centraes fiz apresentar as especies manuscriptas, sobremodo interessantes, que do Real Archivo da Torre-do-Tombo vieram escolhidas pelo seu Director, o Sr. Dr. Antonio Eduardo Simões Baião.

Nas duas cabeceras d'esse mostrador colloquei, vindos da Torre-do-Tombo a instancias minhas, dois volumes da chamada «Biblia dos Jeronymos» (o 1.º e o 6.º volume dos septe que abrange tal Biblia manuscripta).

A procedencia d'essa Biblia, ácêrca da qual variadas hypotheses e conjecturas teem sido bordadas pelos criticos, foi recentemente descoberta pelo Rev. Prospero Peragallo, — aquelle erudito sacerdote que durante perto de trinta annos parochiou em Lisboa a italiana Egreja de Nossa Senhora do Loreto, e que, mesmo depois de recolhido á sua patria Genova, nunca um momento siquer tem afrouxado no seu intranhado interêsse pelas cousas portuguezas.

A descoberta a que me refiro, e que demonstra mais uma vez os altos dotes do sabio investigador, acha-se documentalmente provada na interessante memoria que elle deu a lume, por este modo intitulada:

*La Bibbia dos Jeronymos e La Bibbia di Clemente Sernigi — Studi comparativi di Prospero Peragallo* (Genova — Stabilimento Tipografico Ved. Papini e Figli — 1901 — In-16.º de 32 paginas).

Nessa curiosa memoria o Sr. Padre Peragallo — que em

Portugal saudosamente deixou tantos amigos e admiradores, quantas pessoas tiveram a fortuna de com elle tratar, — o Sr. Padre Peragallo refere-se tambem minuciosamente ás vicissitudes por que passou a «Biblia dos Jeronymos» desde que foi levada para França até que de lá regressou.

E, por todos os motivos quantos recommendam a leitura d'esse bello trabalho, eu intendi que devia intercalar nas especies, com que á Exposição individualmente concorri, o exemplar que o auctor amavelmente me offereceu da sua estimavel publicação.

É agora neste ponto . . . uma pergunta! Uma pergunta me fará o leitor. Uma pergunta me fizeram alguns dos numerosos visitantes que á Exposição concorreram, e que se não fartavam de admirar o primor e a delicadeza das mimosas e suberbissimas miniaturas, com que se achavam deslumbrantemente illuminadas no pergaminho as quatro paginas em que lhes abri, patentes no respectivo mostrador, os dois volumes da célebre Biblia:

— A que proposito figura aqui a «Biblia dos Jeronymos» numa Exposição de especies relacionadas com os acontecimentos da Guerra Peninsular?

. . . E eu então explicava-lhes:

— Quando o General Junot veio em 1807 governar Portugal, como delegado supremo do Imperador dos Francezes, recebeu elle o incargo de fazer transportar para os museus do seu paiz muitas das nossas preciosidades artisticas. E entre essas uma das que mais lhe agradaram foi a Biblia doada pelo «Rei Afortunado» aos frades hyeronimitas do Mosteiro de Santa Maria de Belem. Agradaram-lhe por tal fórma aquelles septe codices illuminados, que resolveu elle chamar-lhes seus, e transportal-os na sua bagagem particular quando imbarcou para França em 1808, depois da impropriamente chamada «Convenção de Cintra»; e, quando Junot veio a fallecer em 1813, lá estava no palacete da sua viuva (a intitulada Duqueza de Abrantes), lá estava a famosa Biblia! Restabelecida em França, depois da batalha de Waterloo, a dynastia dos Bourbons, intentaram-se, da parte do Govêrno Portuguez, negociações diplomaticas, no intuito de conseguir que a viuva do General accedesse á restituição dos septe codices; mas a illustre escriptora, apegando-se teimosamente ao pretexto de que esses codices constituíam legitima herança de seu defuncto marido e lhe cumpria portanto zelar os interesses da familia, recusou-se tenazmente á

restituição dos codices, e declarou que sómente se promptificaria a cedê-los mediante o preço de 150.000 francos. Foi nestas circumstancias que El-Rei de França, Luiz XVIII, interveiu briosamente enviando emissarios á possuidora das formosissimas illuminuras, intabolandos com ella transacções de venda, e conseguindo comprar-lh'as de seu bolsinho por 80.000 francos, — apoz o quê, generosamente fez restituir a Portugal a preciosa Biblia.

Pelas paredes da galeria, nos pontos que deixavam espaço entre si os armarios invidraçados, ostentavam-se pendentes varios mappas, apresentados uns pela Bibliotheca Nacional, expostos outros por collectividades officiaes ou por pessoas particulares, — sobressahindo em caixilhos apropriados várias estampas, grande número das quaes eram pertença do Sr. Brito Aranha, conhecido bibliophilo e digno continuador do *Diccionario Bibliographico Portuguez* começado a publicar em 1858 por industria do insigne bibliographo Innocencio Francisco da Silva.

Entre as especies icónicas, que taes paredes revestiam, merece especial menção, por ser então inedita, uma aguarella executada em 1809 por Joaquim Carneiro da Silva, e hoje pertencente ao Sr. Brito Aranha.

Essa curiosa aguarella, que sahiu depois reproduzida pela zinco-gravura no *Diario de Noticias* (Lisboa, 20 de Janeiro de 1910), representa o Principe Regente de Portugal agradecendo á Virgem da Conceição a victoria das armas portuguezas, e, na parte inferior do desenho, prostrada e vencida, a figura do Imperador Napoleão.

Tambem não é menos curioso, nem menos digno de apreço, o painel em que o Sr. Joaquim Fraga Pery de Linde fez immoldurar um desenho á penna, executado por Honorato José Correia, — desenho que elle subscreve por esta fórma:

*Esboço de hum Obelisco para huma Memoria, conjecturada por Honorato Joze Correia, para todo o Estatuario ser de pedra, que se poderia levantar em obzequio da nova alliança, e Publico reconhecimento, obzequioza gratidão, que todos devemos a Sua Real Magestade e a Sua Alteza Real, e ao seu Generozo alliado, o Monarca do Reino unido da Grã-Bretanha e Irlanda, por nos terem livrado de sermos escravos de hum Tyranno: cuja poderia ter lugar na Prassa de Bellem, Oh na do Rocio; tudo feito conformê as circumstancias do presente tempo, o qual tendo quatro*

*faces, deve em cada duas, haverem dois Generaes Inglezes, e dois Portuguezes, como só se poderão mostrar os seus devidos lugares, na Planta Topografica, se este esbosso agradar, e Vossa Alteza Real me mandar tirar em limpo, emquanto a Estação não está mais adiantada de calores; tudo para Gloria immortal, de alliança dupla, e tripla; e quando não agrade, tornar este a ser transmitido á mão do Supplicante, que agora tem a honra de o ofrecer a Vossa Alteza Real, dezejando que em tudo, e por tudo, o ache conforme o seu Real contentamento. Dignando-se ao mesmo tempo de deferir ao Supplicante, conforme implora no seu requerimento, para ser completa a Mercê. Declara-se que tão bem pode servir para se estampar, para correr as quatro partes do Mundo.*

*Por este humilde insignificante Architecto Civil e attenciozo, a Gloria immortal da nossa Patria Mai.*

*Por Honorato Joze Correia.*

O auctor do desenho, como logicamente se pode inferir pelo transcripto lettreiro, não estava no caso de lograr creditos como escriptor, mas era indubitavelmente um louvavel artista e um acrisolado patriota.

Ignoro se o desenho do architecto Correia chegou a ser presente a Sua Alteza Real, e não me consta mesmo que tenha sido estampado «para correr as quatro partes do Mundo» (como diz no seu arrazoado o auctor da composição).

Em proporções muito reduzidas (que infelizmente mal deixam descortinar a elegancia do conjuncto e muito menos a delicadeza das minucias) appareceu reproduzido por zinco-gravura, e mediante prévia auctorização do seu possuidor, no já referido N.º do *Diario de Noticias* (Lisboa, 20 de Janeiro de 1910) o desenho do Obelisco.

Entre varios motivos allegoricos e decorativos, destacam se na composição d'esse desenho as figuras de Minerva, D. Maria I (Rainha de Portugal), D. João (Principe Regente), Jorge III (Rei d'Inglaterra), e Lord Wellington.

Dos expositores particulares um que mais especies enviou foi o Sr. Brito Aranha, principalmente especies typographicas, ornamentadas muitas d'ellas com estampas. E de estampas avulsas foi elle tambem quem, d'entre os particulares, mais exemplares apresentou (gravuras em laminas de cobre e em chapas de madeira, lithographias, chromo-lithographias, photographias e photo-gravuras), dispostas as especies em trinta e tres molduras (nalgumas das quaes se agrupavam diversas especies). No conjuncto

d'essas especies immolduradas, a que mais avulta por ser especie original é a delicada aguarella que já mencionei devida ao pincel de Joaquim Carneiro da Silva.

O Sr. Conselheiro Adolpho Loureiro, que possui na sua copiosa livraria uma enorme collecção de especies relacionadas com os acontecimentos e as personagens da Guerra Peninsular, encontrou nesse facto (o avultado peculio das especies) um estôrvo a apresentar taes productos na Exposição, e resolveu substituil-os pelo respectivo Catálogo impresso, que abrange cêrca de 6.000 numeros, e que traz no frontispicio os seguintes dizeres:

*Bibliotheca de Adolpho Loureiro General de Divisão e Inspector Geral de Obras Publicas* = *Relação das especies bibliographicas e iconographicas relativas á Revolução Franceza e Imperio (1789-1815) indicando as que podem ser admittidas nas Exposições Biblio-Historico-Iconographicas que devem celebrar-se na Bibliotheca Nacional de Lisboa e no Museu de Artilharia para commemoração centenaria da Guerra Peninsular (Lisboa — Imprensa Nacional — 1909).*

Constitue essa Relação vol: in-8.º de 266 páginas.

Quem attentar nos dizeres frontispiciaes que ficam transcriptos, poderá talvez suppôr que algumas especies na Relação indicadas, muitas especies mesmo, terão sido enviadas á Exposição pelo erudito bibliophilo.

A verdade, porém, é que, pelos motivos ponderados, elle sómente expoz o referido Catálogo, em cujo Prologo («Duas palavras» intitula o auctor esse Prologo) se lê o seguinte:

«Tendo-me o estudo das cousas e dos homens d'aquella epoca occupado parte do tempo, livre dos meus afazeres officiaes, e tendo podido reunir algumas especies bibliographicas e iconographicas, do genero d'aquellas que fazem objecto das projectadas exposições, desejaria poder concorrer com a minha humilde, mas dedicada cooperação, para secundar o empenho da benemerita Commissão em tornar essas exposições quanto possivel concorridas e variadas.

«Cumpriria assim dois deveres, que por igual me seriam gratos, — dar testemunho dos meus sentimentos patrioticos e do desejo de pôr os meus livros á disposição de quem os queira utilizar, — e significar ao mesmo tempo a minha consideração pela Commissão, composta de distinctos officiaes, e que tem á testa um dos mais illustrados e prestantes do nosso exercito, o

Sr. General João Carlos Rodrigues da Costa, meu particular amigo.

«Não me sendo, porém, facil enviar, tanto para a exposição biblio-iconographica, como para a historica, grande numero das especies das minhas collecções, resolvi fazer imprimir uma lista, ou relação abreviada d'ellas, e torná-la publica, desejando que a Commissão, ou as sub-commissões directoras das exposições, escolham aquella ou aquellas que mais especialmente tenham interesse em examinar, ficando todas em minha casa á inteira disposição de quem queira ver ou estudar alguma, e que para esse fim me dê a honra de procurar-me».

Na extensa galeria, que estou percorrendo, quem mais avultado número de especies apresentou (volto a dizê-lo) foi a Bibliotheca Nacional, — especies biblicas e especies icônicas, de que, sob pena de exaggeradamente alongar esta noticia, fôra impossivel fazer aqui a enumeração.

Não posso entretanto furtar-me ao prazer de indicar uma serie de desenhos aguarellados por anonymo artista, satiricamente allusivos a personagens e a successos das invasões francezas em Portugal, — desenhos esses que a revista *Serões* tem ajuizadamente reproduzido por photo-gravura. Photographias d'esses desenhos, veiu tambem, por sua industria artistica, obtê-las da Bibliotheca o Sr. Padre Antonio de Oliveira Pinto, destinando-as a projecções luminosas em conferencias ácêrca da Guerra Peninsular, effectuadas no Collegio de Campolide (Collegio de Maria Santissima Immaculada), onde aquelle erudito sacerdote exerce brilhantemente funções de Professor.

Retratos de personagens, e scenas em que se reproduzem acontecimentos do periodo a que me refiro, profusamente figuraram nos mostradores da Bibliotheca Nacional, — chalco-gravuras, zinco-gravuras, gravuras em madeira, lithographias, reproduções photographicas, -etc., etc., — vinculados a muitas d'essas especies célebres, taes como Carlos Amatucci, Domingos Antonio de Sequeira, Domingos Pellegrini, Francisco Bartolozzi, Francisco Leal Garcia, Gaspar Froes Machado, Gregorio Francisco Queiroz, João Caetano Rivara, Joaquim Carneiro da Silva, Mannel Marques Aguilar, T. Hickey, além de varios outros que por brevidade me abstenho de apontar.

Com a apresentação de especies biblicas impressas, mui

raras algumas, — tambem a Bibliotheca Nacional fez coincidir expostas várias especies manuscriptas de valia incontestavel.

Por manuscriptos se distinguiram egualmente alguns dos expositores particulares, taes como os Srs. Annibal Fernandes Thomaz, Antonio Cabreira, Duque de Palmella, João Braz de Oliveira, e varios outros.

Appareceram mesmo alguns manuscriptos que, sendo aliás de secundária importancia, constituem todavia exemplares unicos, o que portanto lhes determinou ingresso na Exposição.

Para exemplo, apontarei o caso que se deu com um dos expositores, cujo nome não vale a pena aqui declarar, por ser elle o mais obscuro de todos, ou, para melhor dizermos, entre todos o unico obscuro.

Expoz elle, num dos mostradores, varios retratos de Victor Hugo, correspondentes a várias phases da vida do immortal Poeta, que em muitas das suas obras (e por isso ellas intraram tambem na Exposição) commemora entusiasticamente as glorias napoleonicas, e que no celeberrimo romance *Les Misérables* consagra numerosas paginas á descripção e apreciação da famosa Batalha de Waterloo.

Entre os retratos, a que me refiro, estava uma photographia do Poeta, no reverso da qual Victor Hugo escreveu por seu punho:

*Faisons libre toute pensée  
Et reine toute nation.*

*Victor Hugo*

— Mas . . . (alguem talvez observará) . . . que haverá de commum entre esses dois versos e o assumpto da Exposição?

Ha de commum que esses dois versos, naquelle precioso autographo com que o egregio Poeta mimoseou em Dezembro de 1874 o seu actual possuidor, constituem variante de outros dois que Victor Hugo intercalou no poemeto por que abre a collecção *Les Chants du Crépuscule*.

Esse poemeto (*Dicté après Juillet 1830*) — composição em que abundam elogiosas referencias a Napoleão Bonaparte e á França do periodo napoleonico — apresenta-nos a licção genuina

dos dois versos na seguinte estrophe em que o Poeta se dirige aos Francezes de 1830:

*Vous n'avez pas l'âme embrasée  
D'une moins haute ambition.  
Faites libre toute pensée  
Et reine toute nation;  
Montrez la liberté dans l'ombre  
A ceux qui sont dans la nuit sombre,  
Allez, éclairez le chemin,  
Guidez notre marche unanime,  
Et faites, vers le but sublime,  
Doubler le pas au genre humain.*

A Numismatica (sem falar nos livros d'esta especialidade) achou-se representada por dez especies, oito das quaes teve a honra de expôr quem esta noticia redige.

Mas das dez as mais notaveis foram duas:

A «medalha d'ouro N.º 6» alcançada nas campanhas da Guerra Peninsular pelo valoroso José Pedro Celestino Soares (que em 1861 recebeu o titulo de Visconde de Laccia), preciosa venera exposta por seu filho, o Sr. José Augusto Celestino Soares;

E a medalha de prata, cunhada na Inglaterra por occasião dos funeraes de Lord Wellington, medalha exposta pelo Sr. Alfredo Arthur de Oliveira.

Relacionada com os funeraes d'aquelle victorioso cabo-de-guerra, tambem eu tive occasião de expôr, adquirida no espolio do fallecido Conselheiro Jorge Cesar de Figanière, uma Carta original, datada no Palacio das Necessidades em 13 de Outubro de 1852, dirigida a Sua Majestade a Rainha da Gran-Bretanha, subscripta e assignada pela nossa Augusta Soberana a Senhora Dona Maria II, — Carta em que Sua Majestade acreditava, na missão especial de assistir por parte do Exercito Portuguez ás honras funebres prestadas a Wellington, o nobre Duque da Terceira. Tal Carta não chegou a ser enviada, por ter nella esquecido inscrever um dos titulos do glorioso morto, — e veiu a ser substituida por outra em que similhante lacuna ficou preenchida (como informa Figanière, por sua letra, numa nota appensa ao manuscrito).

Entre os manuscritos que tive a honra de expôr, intro-

metti, por ser inedita e se referir ao assumpto da Exposição, a seguinte producção da minha lavra, — producção humilde (como é sempre humilde tudo quanto de mim parte), e para a qual préviamente solicito a benevolencia de quem me ler :

## NAPOLEÃO BONAPARTE

*(No Centenario da Guerra Peninsular)*

Trovão e mais trovão,  
Raio devastador,  
Tal foi Napoleão,  
O grande Imperador !

Relampago por vezes,  
E ás vezes deslumbrante,  
De gloria retumbante  
Mirífico fulgor !  
Porém . . . de mil revezes,  
De mil calamidades,  
Num mar de tempestades,  
Sinistro causador !

Gigante foi sem-dúvida  
O egregio Napoleão,  
Brilhante qual relampago,  
Ruidoso qual trovão.  
Mas, em seu carro ovante  
De Jupiter Tonante,  
O excelso Imperador  
Allucinou-se ás vezes,  
Soltando coriscante  
Nos impetos da sanha  
Um raio abrazador !  
Que o digam Portuguezes  
No horror das invasões !  
Que o diga alíem a Hespanha  
A protestar num grito  
De raiva e maldições !

Por isso é que eu repito:  
 — Trovão e mais trovão,  
 Raio devastador,  
 Tal foi o Imperador,  
 O grande Napoleão!

\*

\* \*

Annexo á galeria, o gabinete N.º 108 destinou-se exclusivamente a especies da Bibliotheca Nacional. No logar de honra, presidia chromo-lithographado, e circumdado por moldura doirada com o escudo das armas-reaes a sobrepujar a moldura, um retrato do nosso Augusto Soberano. Ladeavam esse quadro dois retratos de bellissima chalcographura: á direita o retrato da Rainha Dona Maria I; á esquerda o retrato do Principe Regente D. João.

Em uma das paredes lateraes, á esquerda de quem entra, fiz collocar um magnifico retrato, a oleo, da Princeza Dona Maria Benedicta, a illustre Princeza que do seu bolsinho fundou generosamente para os militares invalidados o Hospicio de Runa. Ladeavam decorativamente esse quadro dois outros paineis, tambem pintados a oleo: o retrato d'El-Rei Dom João IV e o da Rainha Dona Luiza de Gusmão, fundadores elle e ella da Dynastia Brigantina.

Da parede opposta pendiam tres outros paineis a oleo, retratos de tres prelados que muito se notabilizaram por seu patriotismo durante as scenas da invasão franceza. E foram elles: o Bispo de Angra, D. Frei Alexandre da Sagrada Familia (o illustre tio do nosso inclito Visconde de Almeida-Garrett); o Bispo do Algarve, D. Francisco Gomes do Avellar, que por suas virtudes e pela sua influencia de civilizador deixou na diocese memoria luminosa; e o Arcebispo d'Evora, D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas-Boas, varão insigne a todos os respeitoes, prelado exemplar que na brutal invasão de Loison, prestou, com gravissimo risco da sua propria vida, singularissimos serviços á população eborense.

O que elle padeceu e a serie de sacrificios com que infati-

gavelmente se impenhou em acalmar as furias truculentas do feroz Loison, acha-se relatado pelo proprio Arcebispo numa narrativa manuscripta, que em sessão de 6 de Julho de 1887 a Camara Municipal de Evora determinou publicar, e que, prefaciada pelo vereador Antonio Francisco Barata, appareceu á luz, adornada com o retrato (gravado em madeira) do patriotico prelado, e por este modo intitulada:

*Memoria descriptiva do assalto, entrada e saque da cidade de Evora pelos Francezes, em 1808, impressa a expensas do Municipio em gratidão e lembrança do Arcebispo D. Frei Manuel do Cenaculo Villas Boas* (Evora — Minerva Eborensis — CIO.D.CCC.LXXXVII — In-4.º de 34 paginas).

Por esse impolgante e suggestivo opusculo, de que expuz um exemplar, pode bem fazer-se idéa dos horrores por que passaram Eborenses em fins de Julho de 1808, e os serviços altissimos que junto do implacavel general francez lhes prestou solícito o bondoso Prelado.

A esses relevantissimos serviços (triste é dizê-lo, triste e vergonhoso!) correspondeu por parte dos invejosos, dos malvolos, dos intrigantes, a mais negra das ingratidões,— pois que, passada a hora do perigo, levaram elles preso para Beja o santo Arcebispo, que só por milagre escapou de ser trucidado! E, para que taes vexames terminassem, foi preciso que os Governadores do Reino, em Outubro de 1808, fizessem restituir á sua diocese, com todas as honras devidas, o respeitabilissimo Prelado.

O que nesse regresso aconteceu, acha-se com documentos tratado em notabilissimo opusculo que o Sr. Gabriel Victor de Monte Pereira expoz num dos mostradores da galeria, — opusculo que pertence á collecção dos *Estudos Eborenses* por aquelle escriptor publicados (Evora — 1884-1893), e que traz por titulo:

*A volta de Cenaculo* (Evora — Minerva Eborensis — 1894 — In-8.º de 23 paginas).

E abrange esse opusculo (em sub-titulo indicados na folha-de-rosto) os seguintes assumptos:

«A prisão de Cenaculo — Trabalhos do secretario Gasmão — As disposições militares — A marcha para Evora — Entrada solemne — Manifestações respeitosas das forças inglezas — O velho Arcebispo levanta as saudes no jantar — A correspondencia».

A D. Fr. Manuel do Cenaculo, aos serviços por elle prestados na calamitosa invasão de Loison, e aos desgostos por que em seguida passou, tambem o Sr. Gabriel Pereira se refere noutro de seus *Estudos Eborenses*, naquelle que se intitula

*Bibliotheca Publica* (Evora — Minerva Eborense — 1886 — In-4.º de 32 paginas).

E d'esse opusculo tive eu a honra de apresentar um exemplar na Exposição, exemplar que em tempos me foi amavelmente offerecido pelo proprio auctor.

Varios outros retratos (uns gravados em lamina de cobre, e outros lithographados) adornavam as paredes do gabinete N.º 108, — retratos em que se figuravam Lord Wellington, o Marquez de La Romana, o General Silveira, o General Sepulveda, o Visconde de Veiros, o General Bernardino Freire de Andrade, o General Saldanha, etc., etc.

E tanto nas paredes do aposento, como em dois aparadores que adrede mandei cobrir com vidraça, fiz desdobrar diversos mappas illustrativos do campo em que se realizaram as peripécias da Guerra Peninsular, mórmente no que diz respeito ás campanhas travadas no territorio portuguez.

Merecem, nesse particular, menção especialissima quatro grandes mappas, em que se representam provincias nossas, decorativamente circundados por tarja ornamental, onde figuram delicadamente aguarellados castellos e fortalezas d'aquelle tempo. Esses curiosos mappas foram desenhados no reinado da Senhora Dona Maria I pelo engenheiro José Monteiro de Carvalho. Acêrca dos desenhos e do seu auctor dá-nos circunstanciada noticia o Sr. Capitão de Mar e Guerra João Braz de Oliveira no «Prologo» da substanciosa Conferencia que aos 22 de Novembro de 1909, e em commemoração centenaria da Guerra Peninsular, pronunciou perante a Escola Naval, a cujo corpo cathedratico distinctamente pertence, — Conferencia que sahio depois a lume, e que traz por titulo

*Arte da Guerra e Fortificação. Sua importancia durante as invasões francezas em Portugal.* (Lisboa—Typographia da Academia Real das Sciencias — 1910 — In-8.º de 46 paginas).

Este opusculo, que ainda chegou a tempo de figurar na Exposição, publicou-se adornado com a reproducção fac-simile (imbora muito reduzida) de algumas das fortificações que apparecem desenhadas nos mappas do engenheiro que citei (José

Monteiro de Carvalho, ou José Antonio Monteiro de Carvalho, — pois que, segundo nos informa o auctor da Conferencia, tal era por extenso o nome do illustre official).

Os seis paineis que no gabinete N.º 108 se expuzeram pintados a oleo, e todos seis pertencentes á Bibliotheca Nacional (como egualmente lhe pertencem todas as outras especies no mesmo gabinete expostas), representam retratos em tamanho natural.

De tamanho natural me occorre ponderar que outro tambem figurou na parede occidental da galeria, — retrato exposto pelo auctor da presente noticia. Guarnecido por moldura doirada, esse retrato (ampliação de photographia retocada por aguarelista) representa, no seu fardamenio de Tenente-General, João José da Cunha Fidié que se alistou por cadete nas campanhas da Guerra Peninsular, e cujos serviços podem ler-se por elle relatados em opusculo que egualmente expuz. Intitula-se esse escripto

*Varia fortuna d'um soldado portuguez, offerecido ao publico pelo Brigadeiro Fidié* (Lisboa—Typ. de Alexandrina Amelia de Salles — 1850 — In-8.º de 118 paginas).

\*

\*

\*

Mas... reparo agora que me não sobeja o tempo, nem mesmo o espaço me avulta, para nesta rapida noticia me alongar (como aliás seria meu desejo muito appetitoso) em minuciosa indicação das mais notaveis especies que a Exposição abrilhantaram.

Tantas foram ellas! tantas e tantas!

Unicamente me limitarei a dizer que rivalizaram entre si collectividades officaes e expositores particulares no desvelado impenho de fornecerem ao público um significativo inventario (incompleto, claro está, — mas, em todo o caso, já devéras importantissimo e opulentissimo) de quanto a Bibliographia e a Iconographia podem proporcionar a estudiosos com respeito á Guerra Peninsular, encarada na sua essencia, nos factos concomitantes, nos seus antecedentes, e nas suas consequencias.

Tórno a dizer que me fallece o tempo, e me fallece o espaço, — e (com verdadeira mágua me vejo obrigado a confessá-lo) mórmente me fallece o ingenho.

Mas para tudo ha compensações. E neste caso a competencia provadissima do Sr. Coronel Alfredo Pereira Taveira de Magalhães, a quem por justissimos motivos está confiado o espinhoso incargo de elaborar um Catálogo geral das especies que na Exposição figuraram, — a competencia d'esse incansavel obreiro, proficientissimo em taes trabalhos, desimpenhará por modo brilhante a sua honrosa missão.

Esse Catálogo ficará sendo a suprema consagração da Exposição Biblio-iconographica, — e representará na solemne celebração do Centenario um documento notabilissimo, não menos notavel que as medalhas commemorativas, não menos notavel que os monumentos de marmore. E por isso mesmo, desde já, se lhe poderá chamar auspiciosamente — *ere perennius*.

\*

\* \*

Do nosso paiz concorreram 71 expositores, figurando nesse número 37 entidades collectivas.

D'esses expositores aqui apresento em seguida a relação :

Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Manuel II.

Abiblio Zoio (Bragança).  
Conselheiro Adolpho Loureiro (Lisboa).  
Alfredo Arthur de Oliveira (Lisboa).  
Alfredo Pereira Taveira de Magalhães (Lisboa).  
Annibal Fernandes Thomaz (Lisboa).  
Antonio Cabreira (Lisboa).  
Antonio Ferreira de Serpa (Lisboa).  
Antonio Philippe (Lisboa).  
Dr. Arthur Lamas (Lisboa).  
Dr. Augusto Mendes Simões de Castro (Coimbra).  
Custodio Cesar de Meneses (Lisboa).  
Diomedes Machado (Lisboa).  
Duque de Palmella (Lisboa).

D. Fanny Munro (Lisboa).  
Francisco Augusto Martins de Carvalho (Coimbra).  
Rev. Francisco Manuel Alves, Abbade do Baçal (Bragança).  
Gabriel Victor de Monte Pereira (Lisboa).  
Henrique Loureiro (Barreiro).  
João Braz de Oliveira (Lisboa).  
Dr. João Lopes Carneiro de Moura (Lisboa).  
Joaquim Fraga Pery de Linde (Lisboa).  
Joaquim Gomes de Macedo (Porto).  
José Antonio Lopes da Silva Ferreira (Porto).  
José Augusto Celestino Soares (Lisboa).  
Dr. José Carlos Lopes (Porto).  
José Cypriano da Costa Goodolphim (Lisboa).  
José Joaquim d'Ascensão Valdez (Lisboa).  
José Luiz Monteiro (Lisboa).  
Mario Paes da Cunha Fortes (Lisboa).  
D. Olga Moraes Sarmiento da Silveira (Lisboa).  
Pedro Wenceslau de Brito Aranha (Lisboa).  
Raul de Loureiro (Lisboa).  
Xavier da Cunha (Lisboa).

Commissão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular.

Archivo da Camara Municipal de Bragança.  
Archivo Geral do Ministerio da Guerra.  
Archivo (Real) da Torre-do-Tombo.  
Bibliotheca da Academia Real das Sciencias de Lisboa.  
Bibliotheca da Camara Municipal de Lisboa.  
Bibliotheca do Collegio de Maria Santissima Immaculada  
(Collegio de Campolide).  
Bibliotheca da Direcção Geral do Serviço do Estado-Maior.  
Bibliotheca da Escola do Exercito.  
Bibliotheca da Escola Naval.  
Bibliotheca do Ministerio da Guerra.  
Bibliotheca do Ministerio dos Negocios Extranjeros.  
Bibliotheca do Monumento Militar do Bussaco.  
Bibliotheca Municipal de Elvas.  
Bibliotheca Municipal do 1.º Bairro de Lisboa.  
Bibliotheca Municipal do 2.º Bairro de Lisboa.

Bibliotheca Municipal do 3.º Bairro de Lisboa.  
Bibliotheca Nacional de Lisboa.  
Bibliotheca do Paço Episcopal de Bragança.  
Bibliotheca Popular da Camara Municipal de Setubal.  
Bibliotheca Pública de Castello-Branco.  
Bibliotheca Pública de Evora.  
Bibliotheca Pública Municipal da Figueira-da-Foz.  
Bibliotheca (Real) Pública Municipal do Porto.  
Bibliotheca Real da Ajuda.  
Bibliotheca do Real Collegio Militar.  
Bibliotheca do Seminario de S. Pedro e S. Paulo (Lisboa).  
Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

Bibliotheca do Regimento N.º 3 de Cavallaria do Rei Eduardo VII de Inglaterra (Estremoz).  
Bibliotheca da Regimento N.º 4 de Cavallaria do Imperador de Allemanha Guilherme II (Belem).  
Bibliotheca do Regimento N.º 5 de Cavallaria (Evora).  
Bibliotheca do Regimento N.º 6 de Infantaria (Porto).  
Bibliotheca do Regimento N.º 8 de Infantaria (Braga).  
Bibliotheca do Regimento N.º 10 de Infantaria (Bragança).  
Bibliotheca do Regimento N.º 14 de Infantaria (Vizeu).  
Bibliotheca do Regimento N.º 18 de Infantaria do Principe Real (Porto).  
Bibliotheca do Regimento N.º 20 de Infantaria do Infante Dom Manuel (Lisboa).

Das trezentas bibliothecas estrangeiras, a que foi dirigida a circular em que se convidavam a inviar-nos lista das especies bibliâcas ou icônicas existentes nessas livrarias com respeito a assumptos da Guerra Peninsular, a maior parte nem sequer se dignaram accusar-me recepção da circular mencionada. E, entre as que tal recepção accusaram, de quasi todos os bibliothecarios se limitaram a dizer que especies nenhuma possuíam concernentes ao assumpto.

Nesta isenção, porém, houve quatorze institutos que amavelmente se notabilizaram pela remessa de catalogos, entre os quaes assumiram com justiça um logar primacial aquelles que recebi da Bibliotheca Pública de Nova-York e da Bibliotheca do Congresso dos Estados Unidos da America.

As quatorze Livrarias, a que me refiro, são as seguintes,

disposta a enumeração pela ordem alphabetica dos nomes das localidades :

- Bibliotheca Municipal de Bremen.
- Bibliotheca Pública de Cracovia.
- Bibliotheca (Real) Pública de Dresda.
- Bibliotheca « Mitchell » de Glasgow.
- Bibliotheca Municipal de Grenoble.
- Bibliotheca do Museu Britannico (Londres).
- Bibliotheca Pública de Nova-York.
- Bibliotheca Nacional de Paris.
- Bibliotheca da Secção Historica do Estado-Maior do Exer-  
cito Francez (Paris).
- Bibliotheca Municipal de Strasburgo.
- Bibliotheca Nacional e Real de Stuttgart.
- Bibliotheca Municipal de Troyes.
- Bibliotheca Municipal de Verdun.
- Bibliotheca do Congresso dos Estados Unidos da America  
(Washington).

\*

\*        \*

No decurso da sua travessia pelos aposentos da Exposição, dignou-se El-Rei o Senhor Dom Manuel distinguir-me escolhendo-me para o acompanhar como «cicerone» apresentante das especies expostas; e, no desimpenho meu de tal missão, me honrou sobremaneira escutaudo com penhorante benevolencia as minhas informações.

Ao terminar a visita, Sua Majestade El-Rei que nas feições faz lembrar a gravidade austera do saudoso Monarcha Dom Pedro V, — gravidade austera, temperada suavemente pela physionomica doçura que nosso actual Soberano herdou de sua Augusta Mãe, a Senhora Dona Maria Amelia, — Sua Majestade El-Rei pelo seu trato captivantissimo todos deixou encantados.

E, ao despedir-se, fez-me a penhorativa mercê de me dizer

palavras amáveis, felicitando-me elogiosamente pela disposição em que tinha encontrado as especies expostas.

Beijando-lhe a mão por esse requinte de benevolencia, pedi-lhe então licença para lhe apresentar dois collaboradores meus na tarefa da organisação a que El-Rei se dignava alludir, — os dois que se achavam presentes (os Srs. João Augusto Melicio e Custodio Cesar de Meneses), — lamentando eu muito que por doença faltasse alli o terceiro (o Sr. Antonio Filippe).

Tiveram portanto a honra de alli novamente beijar a mão de Sua Majestade aquelles meus dois companheiros, que já nos cumprimentos iniciaes, á intrada d'El-Rei, haviam lograd. esse regio favor e que no Auto de inauguração tinham assignado seus nomes.

E, porque me prézo de em todos os sitios e em todas as occasiões fazer justiça a quem muito efficazmente me auxilia nos meus impenhos officiaes, aqui renovo a todos tres (aos Srs. João Augusto Melicio, Custodio Cesar de Meneses, e Antonio Filippe) a sincera expressão do meu cordial agradecimento.

Para com todos tres indistinctamente a renovo, porque a todos tres devo notavel coadjuvação, — coadjuvação tanto mais para agradecer, por isso mesmo que partiu espontanea dos coadjuvantes; mas, se entre os tres devo algum especializar, tal especialização compete por direito ao Sr. Custodio Cesar de Meneses.

A esse tinha eu já, no mez anterior, indereçado o seguinte officio :

«(Logar occupado pelo escudo das armas-reaes portuguezas).  
Bibliotheca Nacional de Lisboa. — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor : —  
Achando-se ultimados os labores a que foi preciso proceder para devidamente se organizar na Bibliotheca Nacional de Lisboa a Exposição Biblio-iconographica em commemoração do Centenario da Guerra Peninsular, muito me apraz significar a V. Ex.<sup>a</sup> a minha plenissima satisfacção e o meu agradecimento pelo incansavel zêlo, amoravel carinho, fina intelligencia, louvavel gôsto, e laboriosidade incansavel, com que V. Ex.<sup>a</sup> me proporcionou efficaz coadjuvação, prestando-se inclusivamente a fatigantes serviços em prolongados serões. — Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup>  
— Bibliotheca Nacional de Lisboa, em 20 de Dezembro de 1909. — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor Custodio Cesar de Meneses, Dignissimo Amanuense-Escripturario da Bibliotheca Nacional.

— (Logar occupado pelo sêllo (a tinta d'oleo) da Bibliotheca Nacional de Lisboa). — O Director (assignado) Xavier da Cunha».

E, quando *O Jornal do Commercio* em seu N.º 16:767 (Lisboa, 20 de Janeiro de 1910) deu larga noticia com respeito á inauguração da Exposição Biblio-iconographica, lá se publicou intercalado nessa noticia, a instancias da redacção d'aquelle jornal, o supra-mencionado officio.

Da Academia de Sciencias de Portugal, que numa de suas sessões teve ensço de ventilar assumptos relativos á Exposição sobredita, officio analogo recebeu tambem o Sr. Meneses:

«(Logar occupado por sêllo (estampado) da Academia de Sciencias de Portugal). — N.º 158. — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Tenho a honra de participar a V. Ex.<sup>a</sup> que, por proposta do Sr. Dr. Xavier da Cunha, a Academia de Sciencias de Portugal em sessão de hontem approvou, por unanimidade, um voto de louvor a V. Ex.<sup>a</sup> pela fôrma intelligente e zelosa com que coadjuvou o illustre Director da Bibliotheca Nacional de Lisboa, na organisação da Exposição Biblio-iconographica, centenariamente commemorativa da Guerra Peninsular, que foi inaugurada por El-Rei n'aquella Bibliotheca. — Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> — Secretaria da Academia, em Lisboa, 26 de Janeiro de 1910. — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Custodio Cesar de Meneses. — O 1.º Secretario (assignado) Antonio Cabreira».

E por último darei conta do Officio que ao Sr. Meneses foi expedido pela Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, em obediencia á deliberação tomada no Conselho Administrativo das mesmas Bibliothecas e Archivos:

«(Logar occupado pelo escudo das armas-reaes portuguezas. Bibliothecas e Archivos Nacionaes — Secretaria Geral — L.º 2. N.º 951 — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Tenho a honra de participar a V. E. que, em sessão do Conselho Administrativo das Bibliothecas e Archivos Nacionaes de 4 do corrente, por proposta do vogal Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Xavier da Cunha, foi approvado, por unanimidade, um voto de louvor pelos relevantes serviços por V. E. prestados na organisação da Exposição Commemorativa da Guerra Peninsular. — Deus Guarde a V. E. — Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes em 15 de Fevereiro de 1910. — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Custodio Cesar de Meneses, Dignissimo Segundo Amanuense Escripturnario da Bibliotheca

Nacional de Lisboa. — O Director, (assignado) Alberto Carlos da Silva».

\*

\* \*

Franqueada ao público em 20 de Janeiro, a Exposição veio a fechar-se no dia 21 de Março, tendo estado aberta nos dias todos que mediaram, com excepção dos santificados e feriados.

Durante esse periodo concorreram á Exposição 430 visitantes, comprehendidas nessa conta 53 damas. Os seus nomes constam do «Album» que expressamente lhes destinei para assignaturas.

A concorrencia foi por esta fórma :

Em 20 de Janeiro	..?.....	57	visitantes
Em 21	» .....	33	»
Em 24	» .....	15	»
Em 25	» .....	12	»
Em 26	» .....	17	»
Em 27	» .....	9	»
Em 28	» .....	5	»
Em 29	» .....	15	»
Em 31	» .....	7	»
Em 3 de Fevereiro	.....	11	»
Em 4	» .....	7	»
Em 10	» .....	18	»
Em 11	» .....	16	»
Em 12	» .....	6	»
Em 14	» .....	7	»
Em 15	» .....	13	»
Em 16	» .....	11	»
Em 17	» .....	5	»
Em 18	» .....	1	»
Em 19	» .....	6	»
Em 21	» .....	8	»
Em 22	» .....	7	»

Em 23 de Fevereiro .....	9 visitantes
Em 24 » .....	7 »
Em 25 » .....	3 »
Em 26 » .....	4 »
Em 28 » .....	1 »
Em 1 de Março .....	6 »
Em 2 » .....	5 »
Em 3 » .....	15 »
Em 4 » .....	2 »
Em 5 » .....	7 »
Em 7 » .....	1 »
Em 8 » .....	9 »
Em 9 » .....	5 »
Em 10 » .....	1 »
Em 11 » .....	2 »
Em 12 » .....	3 »
Em 14 » .....	5 »
Em 15 » .....	3 »
Em 16 » .....	2 »
Em 17 » .....	9 »
Em 21 » .....	45 »

Quarenta e cinco visitantes no derradeiro dia da Exposição... ao passo que em todos os outros, com excepção apenas do primeiro dia em que esteve franqueada ao público, muito mais diminuta foi a concorrência!

Como explicar esta singularidade?

Explica-se ainda pelo «fatal *ámanhan*» de que nos fala o viajante inglez, por mim numa das precedentes páginas citado.

Curiosos, mas priguçosos, iam adiando a sua visita á Exposição. Quando nos jornaes leram annunciado o incerramento, não tiveram já remedio senão dar de mão ás hesitações e sacrificar a priguça á curiosidade.

Mas, a final de contas, eu suspeito que não será exclusivamente imputavel a Portuguezes a pécha do «*ámanhan*», — pois que já os antigos Romanos padeciam d'essa infernidade, influenciados talvez pelas condições climatericas da Italia.

E ali está o cantor do *Pervigilium Veneris* a repetir-nos por estribilho do seu mimoso poemeto:

*Cras amet, qui nunquam amavit;*  
*Quique amavit, cras amet.*

Modificando a contextura dos versos (claro está), bem poderia elle ter dito *hodie* em vez de *cras*.

A verdade, porém, é que tal não disse.

Lá está egualmente na litteratura latina o Aulo Persio a vituperar em uma de suas satiras (*Increpatio desidiae*) os prigueiros de Roma.

No grupo dos visitantes figuraram pessoas de todas as condições sociaes: — bibliognostas, bibliophilos, bibliographos, numismatas, litteratos, artistas, industriaes, operarios, commerciantes, burocratas, officiaes do exercito, officiaes da armada, diplomatas, professores, jornalistas, criticos d'arte, sacerdotes, medicos, jurisconsultos, magistrados, etc., etc. De todas as classes sociaes, repito, houve representantes visitando a Exposição Biblio-iconographica, — e houve mesmo visitantes que por várias vezes repetiram sua visita, o que bem claramente inculca o seu intranhado interêsse por semelhante assumpto.

E, no meio de tudo, apenas uma nota discordante veio tristemente manifestar se: — além dos 430 visitantes, que assignaram seus nomes no Album respectivo, appareceu-nos um official do exercito que tenazmente se recusou a inscrever seu nome no Album e a tirar da cabeça o boné militar no recinto da Exposição. Perante este último acto de grosseira descortezia, foi realmente bom que seu nome não quizesse deixar escripto, para que assim ficasse desconhecido quem ferozmente capricha em postergar as leis da civilidade e quem talvez no campo da politica professe principios subversivos.

\*

\* \*

Para policiair os aposentos destinados á Exposição, destinou a Comissão Executiva, sobre pedido meu, sette guardas para cada dia, escolhidos d'entre os serventes em exercicio no Ministerio da Guerra, — funcionarios cujos nomes tenho o gôsto de mencionar, porque todos elles se desimpenharam, com muitissimo louvor, da missão que lhes foi confiada.

E foram elles, sob a constante direcção do respectivo chefe Manuel Cardoso, alternadamente os seguintes:

Annibal Augusto.  
Antonio Bastos.  
Antonio Fernandes da Silva.  
Antonio Jorge Rodrigues Coimbra.  
Augusto Alberto de Sousa Pinto.  
Basilio de Moraes.  
Dionisio Exposto.  
Faustino José.  
Francisco Augusto Cesar.  
Francisco Rodrigues.  
Jeronymo Nunes.  
João Cardoso.  
João Gomes da Silva e Mello.  
João de Sousa.  
José Augusto.  
José Maria da Encarnação.  
José Soares Candeias.  
José de Sousa.  
Luiz Antonio.  
Manuel Luiz.  
Mariano Varella.  
Mathias Hespanha.  
Sebastião José.  
Tiago de Figueiredo.

Todos esses, repito, — o chefe Manuel Cardoso e os seus vinte e quatro subordinados, — são merecedores do maximo elogio, porque todos elles cumpriram com muito zêlo e muita competencia o incargo que lhes fôra distribuido. Por tal motivo os recommendei todos, em officio meu, á justa consideração do Sr. General João Carlos Rodrigues da Costa. Todos elles serviram em tempo no exercito, onde se distinguiram, como se distinguem hoje, pela sua boa disciplina, pelo seu porte correctissimo, e pelo seu trato sobremaneira cortez.

Eis o officio que ao Sr. General remetti no dia seguinte ao incerramento:

(Logar occupado pelo escudo das armas reaes portuguezas).  
— Bibliotheca Nacional de Lisboa. — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor: —

Tenho a honra de participar a V. Ex.<sup>a</sup> que, em harmonia com o que por V. Ex.<sup>a</sup> foi determinado, ficou hontem ás tres horas da tarde incerrada, nesta Bibliotheca, a Exposição Biblio-iconographica centenariamente commemorativa da Guerra Peninsular. — Aproveito gostosamente o ensejo para mais uma vez recomendar á consideração de V. Ex.<sup>a</sup> os relevantissimos serviços que nos trabalhos da referida Exposição tem prestado e continúa ainda a prestar o Amanuense da Bibliotheca Nacional de Lisboa Custodio Cesar de Menezes. — Dignos tambem de muito elogio recommendo a V. Ex.<sup>a</sup> os serviços de vigilancia prestados, durante as horas em que a Exposição esteve franqueada ao público, pelos Guardas que o Ministerio da Guerra aqui destacou para tal fim. — Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> — Bibliotheca Nacional de Lisboa, em 22 de Março de 1910. — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor General João Carlos Rodrigues da Costa, Dignissimo Presidente da Commissão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular. — O Director, Xavier da Cunha».

\*

\*

\*

O jury para apreciação dos expositores a quem deveriam conferir-se «Diplomas de Menção Honrosa», além dos «Diplomas de Presença» (conferiveis sem excepção a todos os expositores), ficou constituído pelos Srs. General João Carlos Rodrigues da Costa (Presidente), Gabriel Victor do Monte Pereira (Vice-Presidente), Coronel Henrique Pereira Taveira de Magalhães e Tenente-Coronel Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda (Vogaes), — pertencendo-lhe tambem, como Vogal, na sua qualidade de director da Exposição, o obscuro coordenador da presente noticia.

A esse coordenador foi confiado pelo Sr. General Rodrigues da Costa o incargo de esboçar os termos em que deveriam redigir-se os Diplomas supra-mencionados, — Diplomas cuja parte decorativa constituiu para o Sr. José Estevam Caccella de Victoria Pereira (Tenente de Infantaria) o ensejo de mui louvavelmente manifestar as suas aptidões artisticas.

E, depois de bem analysar o jury as especies expostas, re-

solveu-se numa das sessões que fôsem conferidos «Diplomas de Menção Honrosa» aos individuos e ás collectividades que mais adeante mencionarei.

Os «Diplomas de Menção Honrosa», em cuja tarja ornamental se desdobram ramos de carvalho e de oliveira, sobrepujada a tarja pelo escudo das armas-reaes portuguezas, offercem-nos ladeada por emblemas bellicos a figura da Historia coroada de louros, figura que com a mão esquerda colloca dos mesmos louros uma grinalda sobre um livro aberto, ao passo que aponta com a mão direita para esse glorioso livro, em cujas páginas se lê por letras d'ouro:

1808  
 Vimeiro  
 Bussaco  
 Fuentes d' Oñoro  
 Albuera  
 Salamanca  
 Vitoria  
 Pyreneus  
 Nivelle  
 Nive  
 Orthez  
 Toulouse  
 Cidade Rodrigo  
 Badajoz  
 S. Sebastião  
 1814

No campo livre, apresenta cada Diploma os seguintes dizeres (taes como os determinou, depois da discussão respectiva, o jury da Exposição):

1.º Centenario da Guerra Peninsular. Exposição Biblio-icographica. Diploma de Menção Honrosa. Este diploma, nos termos do Regulamento da Exposição (Art.º XVII e XX), é conferido a.....

.....  
 como reconhecimento das notaveis especies que expoz. Bibliotheca Nacional de Lisboa, em 21 de Março de 1910. O Presidente do jury João Carlos Rodrigues da Costa, General de Brigada, Presidente da Commissão do Centenario. O Vice-Presidente Gabriel V. do Monte Pereira, Inspector das Bibliothecas e Archivos

Nacionaes. *Os Vogaes* Alfredo Pereira Taveira de Magalhães, Coronel do Serviço do Estado Maior. Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda, Tenente Coronel do Estado Maior de Cavallaria. Xavier da Cunha, Director da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Receberam «Diplomas de Menção Honrosa» os expositores que em seguida menciono:

Alfredo Pereira Taveira de Magalhães.  
 Annibal Fernandes Thomaz.  
 Antonio Cabreira.  
 Dr. Arthur Lamas.  
 Dr. Augusto Mendes Simões de Castro.  
 Duque de Palmella.  
 Francisco Manuel Alves, Abbade de Baçal.  
 João Braz de Oliveira.  
 Joaquim Gomes de Macedo.  
 José Antonio Lopes da Silva Ferreira.  
 José Augusto Celestino Soares.  
 Dr. José Carlos Lopes.  
 José Joaquim d'Ascensão Valdez.  
 Pedro Wenceslau de Brito Aranha.  
 Xavier da Cunha.

Receberam igualmente «Diplomas de Menção Honrosa» as seguintes collectividades:

Archivo (Real) da Torre do Tombo.  
 Bibliotheca da Academia Real das Sciencias de Lisboa.  
 Bibliotheca da Direcção Geral do Serviço do Estado Maior.  
 Bibliotheca da Escola do Exercito.  
 Bibliotheca do Ministerio da Guerra.  
 Bibliotheca do Ministerio dos Negocios Extrangeiros.  
 Bibliotheca do Monumento Militar do Bussaco.  
 Bibliotheca Nacional de Lisboa.  
 Bibliotheca (Real) Pública Municipal de Porto.  
 Bibliotheca Real da Ajuda.  
 Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

E outrosim «Diplomas de Menção Honrosa» foram conferidos a todas as quatorze Bibliothecas estrangeiras que nos enviaram

seus Catalogos em referencia ao especial assumpto da Exposição Biblio-iconographica. D'essas quatorze Bibliothecas ficaram já nesta breve notícia indicados os nomes.

Nos «Diplomas de Presença» lêem-se os seguintes dizeres:

*1.º Centenario da Guerra Peninsular. Exposição Biblio-iconographica. Diploma de presença. Este diploma, nos termos do Regulamento da Exposição (Art.º XVI e XX), é conferido a...*  
 .....  
*como recordação das especies, que apresentou. Bibliotheca Nacional de Lisboa, em 21 de Março de 1910. O Presidente, João Carlos Rodrigues da Costa, General de Brigada, Presidente da Comissão do Centenario. O Vice-Presidente Gabriel Victor Monte Pereira, Inspector das Bibliothecas e Archivos Nacionaes. Os Vogaes: Alfredo Pereira Taveira de Magalhães, Coronel. Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda, Tenente Coronel. Xavier da Cunha, Director da Bibliotheca Nacional.*

Esses dizeres acham-se immoldurados por uma tarja quadrangular, tarja decorativa, no alto da qual se destaca entre emblemas bellicos (espadas, lanças, alabardas, canhões, etc., etc.) o escudo das armas-reaes portuguezas. Da base nascem dois ramos de louro, que guarnecem os dois lados da tarja, e graciosamente se expandem por detraz de dois trophéos militares; cada um d'esses trophéos offerece na parte inferior um livro aberto (symbolizando o Livro da Historia). O trophéo da direita (esquerda do observador) ostenta por inscripção a indicação dos annos em que ficaram circumscriptas as victorias da Guerra Peninsular (1808-1814). No trophéo da esquerda (á direita do observador) lê-se a inscripção 1908-1914, indicando o periodo que abrangem os festejos do Centenario.

A Sua Majestade El-Rei, o Senhor Dom Manuel, resolveu-se por unanimidade, e sobre minha proposta, que fôsse offerecido um «Diploma de Menção Honrosissima»,—e que esse Diploma, com especiaes dizeres, assentasse na aguarella original desenhada pelo Sr. Victoria Pereira.

Aqui transcrevo agora os dizeres de tal Diploma, calligraphicamente lançados:

*1.º Centenario da Guerra Peninsular. Exposição Biblio-iconographica—A Sua Majestade El-Rei o Senhor D. Manuel II. É respeitosa e offerecido este singular Diploma de Menção Honrosissima em reconhecimento das preciosas especies com que*

*o mesmo Augusto Soberano se Dignou concorrer á Exposição. Bibliotheca Nacional de Lisboa, em 21 de Março de 1910. O Presidente do Jury João Carlos Rodrigues da Costa, General de Brigada, Presidente da Commissão do Centenario. O Vice-Presidente Gabriel Victor Monte Pereira, Inspector das Bibliothecas e Archivos Nacionaes. Os Vogaes: Alfredo Pereira Taveira de Magalhães, Coronel do Serviço do Estado Maior. Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda, Tenente Coronel do Estado Maior de Cavallaria. Xavier da Cunha, Director da Bibliotheca Nacional de Lisboa.*

A preciosidade singular das especies com que Sua Magestade El-Rei se dignou concorrer á Exposição, e o espontaneo carinho com que o fez na sincera demonstração do seu caloroso patriotismo (patriotismo que o excelso Monarcha primorosamente revela em todos os actos da sua vida), justificam de sobra o especial «Diploma de Menção Honrosissima» que exclusivamente se lhe destinou, solicitando lhe a mercê de benevolmente o acceitar.

Oxalá, durante a longa existencia de um felicissimo reinado, Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Manuel II venha na Bibliotheca Nacional de Lisboa repetidas vezes illuminar com a sua augusta presença festas analogas a esta em que todos os assistentes lograram com alvoroço cordialissimo a honra de lhe beijar a mão, reconhecendo no illustrado Soberano uma auspiciosa garantia do nosso resurgimento.

«Rei *Venturoso*» chamaram chronistas ao seu glorioso homonymo do seculo xvi. Oxalá que ao nosso actual Monarcha possam chronistas do seculo xx dar o cognome de «Rei *Venturosissimo*».

Bibliotheca Nacional de Lisboa, 31 de Março de 1910.

XAVIER DA CUNHA.

---

## FRANCISCO DE MORAES, «O PALMEYRIM»

Como se sabe, as 274 primeiras paginas do 4.º volume da *Bibliotheca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado (Lisboa, 1759) comprehende differentes addicções supplementares aos tres volumes anteriores, bem como varias rectificações ou emendas, de que o auctor se justifica advertindo que os erros em que caíu merecem «mais indulgencia, que reprehensão, por serem muitos delles bebidos de fontes inficionadas, onde estava tão occulto o engano, como confusa a verdade».

As erratas que se encontram a pags. 95, 138-139 e 141 deste ultimo volume — relativas a Fr. Diogo de Santa Anna, Francisco de Moraes e D. Fr. Francisco Pereira — tiveram, em parte, sua origem numa carta que ao benemerito abbade de Santo Adrião de Sever dirigiu, em 1748, Lucio Xavier de Moraes, residente em Bragança e neto (no dizer da carta) deste Francisco de Moraes, o *Palmeyrim*.

O original desta carta acha-se archivado na Bibliotheca Real da Ajuda (52 — X — 6, n.º 180), onde o encontrei ha cerca de 6 annos.

É documento assás interessante, cuja reproducção no *Boletim das Bibliothecas e Archivos* decerto será accollhida com prazer pelos especialistas ou amadores deste genero de assumptos, convido desde já notar que o appellido dado nesta carta ao avô de Francisco de Moraes, é *Balcarcel*, e não *Valcaser* conforme escreveu Barbosa Machado, ou *Valcaçar*, como se lê no tomo 13.º das *Familias de Portugal* de Belchior de Andrade Leitão (falecido em 1717), tambem existentes na mesma Bibliotheca da Ajuda.

É de crer que Barbosa Machado, ao escrever no 2.º volume daquella obra que «Francisco de Moraes nasceu em a Cidade de Bragança», seguiu a auctoridade do Jesuita P.º Balthazar Telles, bisneto materno deste escriptor, quando, na sua *Historia Geral da Ethiopia Alta* (Coimbra, 1660, pag. 2, col. 3.º), lhe chamou «nosso insigne Brigantino».

É esta a primeira «equivocação» corrigida por aquelle outro «neto» do auctor do *Palmeyrim de Inglaterra*, convindo lembrarmo-nos de que Andrade Leitão não traz a naturalidade de Francisco de Moraes e apenas diz que elle «viveo em Lisboa». Na opinião de um auctor citado por Nicolau Diaz de Benjumea (*Discurso sobre el Palmeirin de Inglaterra y su verdadero autor*, Lisboa, 1876 — Pag. 82), o nascimento ter-se-ia verificado em Xabregas.

Com esta publicação se ficam conhecendo tambem os motivos que levaram Barbosa Machado a desdizer-se no que respeita á naturalidade de Francisco de Moraes, facto este que Innocencio Francisco da Silva (Tomo 3.º do seu *Diccionario*, pag. 14) assignalou, estranhando que aquelle não «levasse a bem communicar-nos os fundamentos que o fizeram mudar de parecer».

Ajuda, junho de 1910.

*Jordão de Freitas.*

Eis o documento a que me refiro:

«M. R. Sr. DIOGO BARBOZA MACHADO

Fazendo-se publica cõ geral estimação a Bibliotheca Portu-guêza, que V. M. está dando ao prélo, me chegou ás mãos e examinando o que equivocadamente se escreve de Francisco de Moraes auctor do *Palmeyrim de Inglaterra*, me resolvi a representalo a V. M. parecendo-me não sofrerá o seu genio, que á posteridade se transmita hũa noticia viciada. Está a equivocação em se lhe attribuir diversa patria, e outro pay, privando-o tão bẽ da ordẽ militar de Christo, e assim passo a dar a V. M. as noticias, que sempre tivemos por certas.

Francisco de Moraes foy natural de Lisbõa, cavalleyro, e comd.<sup>or</sup> na ordẽ de C.º, na qual fêz profissão a 17 de Agosto de 1566 como consta do livro antigo da matricula dos cavalleyros a fl. 76 v. foy thezoureyro do thezouro particular d'ElRey

D. João o 3.<sup>o</sup>, e era filho de Sebastião de Morais thezoureyro mór do reyno, e neto de Francisco de Balcarcel, e de fulana de Morais, que éra parenta dos Moráes de Bragança, d'onde o mesmo Fran.<sup>co</sup> de Balcarcel, e sua m.<sup>er</sup> passarão a vivêr p.<sup>a</sup> Lisboa. Compôz o d.<sup>o</sup> Francisco de Morais o Palmeyrim d'Inglaterra, e outras obras, cõ as quaes adquirio a gloria de sêr o primeyro, que concorrêo p.<sup>a</sup> a melhor policia da lingoajê Portuguêza, como diz Faria, e Souza Eur. Portug. tom. 3.<sup>o</sup> p. 4.<sup>a</sup> cap. 9.<sup>o</sup> fl. 381 . . . permanecia mucho d'esto (barbaria) quando vinieron Francisco de Morales con su Palmeyrim d'Inglaterra, que subito dió mejor luz a nuestra lengua, e Juan de Barros . . . . .

Foy casado Francisco de Morais cõ Barbara Madeyra f.<sup>a</sup> de Gil Madeyra, da qual teve entre m.<sup>os</sup> mais filhos a Vasco de Morais gen.<sup>al</sup> das galés da Mina, onde morreo pelejando cõ os Mouros no mesmo dia da Batalha de Alcáçare; teve tãobê a D. Isabel de Morais, q̃ casou nesta cidade de Brag.<sup>sa</sup> cõ Manoel de Morais Pim.<sup>el</sup>, e são os primeyros, que estão sepultados no jazigo da capella mór do real convento de S.<sup>ta</sup> Clara de Brag.<sup>sa</sup> o qual ficou p.<sup>a</sup> seus descendentes; e deste matrimonio houve m.<sup>tos</sup> filhos entre os quâes foy hũ Fr. Diogo de S.<sup>ta</sup> Anna q̃ alem das obras impressas, q̃ na sua letra V. M. tãobê lhe anuncia, escreveu hũ memorial por additamento ao Nobiliario de Haro na familia de Pimentel, de q̃ o d.<sup>o</sup> P. vinha, e n'elle da noticias de seu avô materno Fran.<sup>co</sup> de Morais o Palmeyrim, vindicando-o da calunnia de hũ auctor, que n'aquelle tempo escreveu, o qual reprovando a leytura dos livros de cavallarias, exceptúa o Palmeyrim dizendo fôra composto por ElRey D. João o 3.<sup>o</sup> e sahira cõ o nome de Francisco de Morais, o que se mostra sêr evidentem.<sup>te</sup> falso. D'este Fr. Diogo de S.<sup>ta</sup> Anna se escreve na Bibliotheca cõ pouco conhecimento da sua nobresa, q̃ fora n.<sup>al</sup> de villa nova de Lampazes junto a Brag.<sup>sa</sup> que não há tal no mundo, porq̃ hé Villafranca, e não do bispado, de Lamego como erradam.<sup>te</sup> se escreve na mesma Bibliotheca tratando de D. Fr. Francisco Pereyra Bispo de Lamego, tio bastardo do d.<sup>o</sup> Fr. Diogo, mas de Miranda. Tinhão antiguum.<sup>te</sup> na sobred.<sup>a</sup> aldêa de Villa franca caza de campo os Pimenteis Morais de Bragança, por isso foy berço d'esses dois prelados, como tãobê de D. Fr. Gon.<sup>o</sup> de Morais Bispo do Porto ainda parente dos mesmos.

Tornando ao Francisco de Morais palmeyrim foy tio materno de Francisco de Souza Coutinho Emb.<sup>er</sup> em muytas cortes,

e tãoobẽ hé hoje n'essa 5.<sup>o</sup> avô de D. Miguel Pereyra Forjaz. V. M. escrevêo, que era elle f.<sup>o</sup> do D.<sup>or</sup> Alvaro de Morais, o q̃ não podia sêr pello tempo, e logo depois dá V. M. o mesmo pay a Fran.<sup>co</sup> de Morais Sardinha, e hé certo, q̃ não podem ser irmãos as dois Franciscos. Assim parece, q̃ V. M. mesmo hé interessado a reparar a d.<sup>a</sup> equivocação pois hé tão manifesta; e espero, que ou no prefacio do 3.<sup>o</sup> livro, ou aonde a V. M. lhe dictar a sua singular discrição queyra reformar aquella noticia, porq̃ aos descendentes hé custoso o mudar de avós depois de tantos annos. Perdoe-me V. M. esta confiança a que me não atreveria se as suas engenhosas producções não tivessem tão recomendado o seu animo e bondade, de tal sorte, que se não pode duvidar V. M. deseje purificar aquillo, q̃ publica. Em tudo o q̃ se me offerecer n'estas partes servirey sempre a V. M. Deos gd.<sup>o</sup> a V. M. m.<sup>s</sup> a.<sup>s</sup> Bragança 1 de Agosto de 1748.—De V. M. m.<sup>to</sup> ven.<sup>or</sup> e creado—Lucio Xavier de Morais».

---

## BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

## REGISTO DE PROPRIEDADE LITTERARIA

## Obras entradas no anno de 1910

## Janeiro

Em cumprimento do disposto no artigo 605.º do Codigo Civil se faz publico que no mês supradito foram registadas nesta bibliotheca as seguintes publicações :

- Pela Parceria Antonio Maria Pereira, como editora:— Lucio Marcos: «Manual do charadista».—Lisboa, Officina da Parceria, 1909. — In-8.º de 230 paginas.
- Silva Pinto: «Para o fim», 1908-1909. — Lisboa, Officina da Parceria, 1909. — In-8.º de 376 paginas.
- «Novo almanach de lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1910». — Director, Adriano Xavier Cordeiro, 60.º anno da collecção. — Lisboa, Officina da Parceria, 1909. — In-16.º de 394 paginas.
- Solano de Abreu: «Madrugada redemptora», em um acto. Lisboa, Officina da Parceria, 1909. — In-8.º de 32 paginas.
- Alexandre Pothey: «A fava de Santo Ignacio», traducção de L. Cardoso. — Lisboa, Officina da Parceria, 1909. — In-16.º de 256 paginas.

- «Duquesa Laureana», para ler á noite. — Lisboa, Officina da Parceria, 1909. — In-8.º de 244 paginas.
- J. V. Leite de Castro: «Uma viagem á Costa Azul». — Lisboa, Typographia da Parceria, 1909. — In-8.º de 308 paginas.
- «Almanach das senhoras para 1910». — Lisboa, Officina da Parceria, 1909. — In-8.º de 416 paginas.
- Julio de Castilho: «Poesias de Paulino Antonio Cabral, abbade de Jazente», 2 volumes, 3.ª edição. — Lisboa, Officina da Parceria, 1909. — In-8.º de 226 paginas o 1.º volume e de 248 paginas o 2.º volume.
- Raul de Azevedo: «Aspectos e sensações». — Lisboa, Officina da Parceria, 1909. — In-8.º de 228 paginas.
- Fortunato Correia Pinto: «O Milagre». — Lisboa, Officina da Parceria, 1909. — In-8.º de 160 paginas.
- João da Mata: «Arte de cozinha» 4.ª edição. — Lisboa, Officina da Parceria, 1909. — In-8.º de 418 paginas.
- Padre Senna Freitas: «A alta educação do padre». — Lisboa, Officina da Parceria, 1909. — In-8.º de 244 paginas.
- Maria Amalia Vaz de Carvalho: «No meu cantinho...». — Lisboa, Officina da Parceria, 1909. — In-8.º de 306 paginas.
- «Almanach illustrado da Parceria Antonio Maria Pereira para 1910». — Lisboa, Officina da Parceria, 1909. — In-8.º de 112 paginas.
- M. Duarte de Almeida: «Beijos perdidos». — Lisboa, Officina da Parceria, 1901. — In-4.º de 16 paginas.
- Pelo Visconde S. Luis Braga como proprietario da traducção:  
— Mauricio Hennequin e Felix Duquesnel: «Patachon», traducção de Accacio de Paiva. — Lisboa, Typographia Lalle-mant, 1901. — 1 folheto que abrange até paginas 8.

— Dario Nicodemi: «O refugio», traducção de Santos Tavares.  
— Lisboa, Typographia Lallemand, 1909.—Um folheto que  
abrange até pag. 8.

Por Magalhães & Figueiredo, como editores.—Paul Querette:  
«Livro de leitura francesa», para a 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> classes dos  
lyceus.—Porto, Typographia do *Porto Medico*, 1909.—  
In-8.<sup>o</sup> de 250 paginas.

Por Aillaud & C.<sup>a</sup>, como editores.—J. Monteiro: «Lectures pra-  
tiques de langue française». — Paris, Typographia Aillaud  
& C.<sup>a</sup>—In-18.<sup>o</sup> de 264 paginas.

Por Antonio Figueirinhas, como editor.—«Os nossos escritores  
— III. José P. de Sampaio (Bruno)», por José Agostinho.  
— Porto, Typographia Universal.—In-8.<sup>o</sup> de 36 paginas.

Por Fernandes & C.<sup>a</sup>, como editores.—C. A. Marques Leitão:  
«Desenho». — Lisboa, Typographia A Editora, 1909.—  
In-8.<sup>o</sup> oblongo de 128 paginas.

Por Dias da Silva, como editor.—Heliodoro Salgado: «A reli-  
gião da Morte». — Lisboa, Typographia A. M. Antunes.—  
In-12.<sup>o</sup> de 136 paginas.

Pela Papelaria Palhares, como editora e proprietaria: «Agenda  
gabinete». — Lisboa, Typographia Rua do Ouro, 143.—  
In-8.<sup>o</sup> de 424 paginas.

Por João Joaquim Caldeira Pires, como autor, editor e proprie-  
tario: «Planta de Lisboa». — Lisboa, 1909.

Por José Ernesto Dias da Silva, como autor:—«Liliaceas hor-  
tenses». — Lisboa, Imprensa Nacional, 1903.—In-8.<sup>o</sup> de  
20 paginas.

— «A escola de agricultura pratica da Real Casa Pia de Lis-  
boa». — Lisboa, A Liberal, 1903.—In-4.<sup>o</sup> de 90 paginas.

Por João Antonio Gomes, como autor: «Conservação das uvas

de mesa e fabrico da passa de uvas». — Leiria, Typographia do Commercio, 1907. — In-8.º 160 paginas.

Por Almeida Carvalho & C.<sup>a</sup>, como editores e proprietarios : «1910. Agenda util». — Lisboa, Typographia A. de Mendonça. — In-16.º de 240 paginas.

Por Aloisio Gomes da Silva, como editor : — «Manual da liga anti-maçonica», 2.<sup>a</sup> edição. — Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successores, 1910. — In-8.º de 60 paginas.

— «Peregrinação da familia celeste», 2.<sup>a</sup> edição. — Porto, Imprensa Nacional, 1910. — In-8.º de 80 paginas.

— «O triumpho da pureza, segundo o Padre Drexelio», versão portuguesa pelo Padre Vicente da Cruz Trovisqueira, 2.<sup>a</sup> edição.— Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Succesora, 1910. — In-8.º de 192 paginas.

## Fevereiro

Por Luis de Ataide Côrte Real Estrella, como autor, editor e proprietario: «A luz e a sombra», poema.—Ponta Delgada, Typographia do *Diario dos Açores*, 1908. — 1 vol. In-4.º de 312 paginas.

Por Jeronimo da Camara Manuel, como autor: «Portugal e a Inglaterra». — Lisboa, Typographia da Livraria Ferin, 1909. 1 vol. — In-8.º de 140 paginas.

Por Antonio Figueirinhas, como editor: — Albano Ramalho: «Impressões sobre as escolas de França e Belgica». — Porto, Typographia Universal, 1909. — 1 volume. — In-8.º de 356 paginas.

Pela A Editora, como editora: — Hector Fleischmann: «Uma

- viagem ao polo», traducção de M. B. M. de Albuquerque Pinho.—Lisboa, Typographia A Editora, 1909.—1 volume. In-8.º de 156 paginas.
- Tamenaga Shunsuy: «Os 47 capitães», traducção de R. de Carvalho.—Lisboa, Typographia A Editora, 1909.—1 volume — In-8.º de 308 paginas.
- Louis Gastine: «Lucrecia Borgia», traducção de R. de Carvalho e M. Rosa. — Lisboa, Typographia A Editora, 1909. — 1 volume. — In-8.º de 352 paginas.
- Dubut de Laforest: «Os ultimos escandalos de Paris, xxxvii, a Redempção», traducção de D. C. de Quadros. — Lisboa, 1909. — 1 volume. — In-4.º de 148 paginas.
- Dubut de Laforest: «Os ultimos escandalos de Paris, xxxvi, a Bomba», traducção de D. C. de Quadros.—Lisboa, 1909. 1 volume. — In-4.º de 152 paginas.
- Dubut de Laforest: «Os ultimos escandalos de Paris, xxxv, A Môme Réséda», traducção de D. C. de Quadros. — Lisboa, 1909. — 1 volume. — In-4.º de 160 paginas.
- Eça de Queiroz: «Uma campanha alegre», das *Farpas*, volume II.—Lisboa, Typographia da Companhia Nacional Editora, 1891. — 1 volume. — In-4.º de 268 paginas.
- Vicente Blasco Ibañez: «Flôr de maio», traducção de J. Anjos e M. Salgueiro. — Lisboa, Typographia A Editora, 1909. — 1 volume — In-8.º de 208 paginas.
- Vicente Blasco Ibañez: «Os mortos mandam», novella, traducção de Napoleão Toscano.—Lisboa, Typographia A Editora, 1909. — 1 volume. — In-8.º de 338 paginas.
- «Almanach Editora, musical, artistico e litterario», 1910.—Lisboa, Typographia A Editora. — 1 volume. — In-8.º de 216 paginas.
- Pelo Visconde de S. Luís de Braga, como proprietario da traducção: — Pierre Berton: «O encontro», peça em 4 actos,

traducção de Mello Barreto. — Lisboa, Typographia Lalle-  
mant, 1909. — 1 folheto que abrange até paginas 8.

Por A. Mendes de Assunção, como autor, editor e proprietario:  
«A copula preventiva...» Volume 1. — Lisboa, Typogra-  
phia A Publicidade. — 1 folheto. In-8.º de 52 paginas.

Por Manuel Pereira Gomes, como autor: «Cartilha natural»,  
em vinte e trez lições. — Lisboa, 1909. — 1 folheto. In-8.º  
de 22 paginas.

Por Eduardo Ismael dos Santos Andrea, como autor: — Ensino  
secundario official: «Arithmetica pratica e geometria», 1.ª  
classe. Lisboa, Imprensa Nacional, 1909, 1 vol.— In-8.º de  
de 158 paginas.

— Ensino secundario official: «Arithmetica pratica e geometria»,  
2.ª classe. — Lisboa, Imprensa Nacional, 1909. — 1 folheto.  
In-8.º de 74 paginas.

— Ensino secundario official: «Elementos de Algebra e geo-  
metria, 3.ª classe. — Lisboa, Imprensa Nacional, 1909. —  
1 volume. — In-8.º de 194 paginas.

— Ensino secundario official; «Complementos de Algebra», 4.ª  
e 5.ª classes. — Lisboa, Imprensa Nacional, 1909. — 1 fo-  
lheto. — In-8.º de 88 paginas.

— Ensino secundario official, «compendio de algebra, curso  
complementar. — Lisboa, Imprensa Nacional, 1908. — 1 vo-  
lume. — In-8.º de 166 paginas.

Pela Empresa Editora do Bem Publico, como editora: «Alma-  
nach barato para 1910». — Lisboa, Typographia do Bem  
Publico, 1909. — Um folheto. — In-8.º de 80 paginas.

Por A. T. Carneiro, como editor: «2 bilhetes postaes illustrados  
com vistas de Amarante». — Photographia de A. T. Car-  
neiro, Amarante.

## Março

- Por François Hippolyte Garnier, como editor:—Paulo Tavares: «Sciencia para todos».—Paris, Typographia Garnier, 1909. — In-18.º de 248 paginas.
- Neves Junior: «Arestas». — Paris, Imprensa E. Desfossés, 1909. — In-18.º de 96 paginas.
- H. W. Longfellow: «Evangelina», traducção de Franklin Doria, 2.ª edição. — Paris, Typographia H. Garnier, 1909. In-18.º de 120 paginas.
- Coelho Neto: «Conferencias literarias».—Paris, Typographia H. Garnier, 1909. — In-18.º 152 paginas.
- Thomás Lopes: «Terras de França». — Paris, Typographia H. Garnier, 1909. — In-18.º de 136 paginas.
- Alfred Soulier: «Tratado de galvanoplastia», traducção de Costa Ferreira. — Ligugé, Vienne, Imprensa E. Aubin. — In-18.º de 180 paginas.
- Mario de Alencar: «Versos». — Paris, Typographia H. Garnier, 1909. — In-18.º de 160 paginas.
- Conan Doyle: «O cão dos Baskervilles — Outra aventura de Sherlock Holmes», traducção de Branca Villa-Flor.—Paris, Typographia H. Garnier. — In-18.º de 212 paginas.
- José de Alencar: «Encarnação», romance, 2.ª edição. — Typographia H. Garnier (Orléans). — In-18.º de 168 paginas.
- Coelho Neto: «Vida mundana». — Typographia H. Garnier — B. D. Coul. — In-18.º de 142 paginas.

- 
- Albert Larbalétrier: «Tratado pratico de saboaria e perfumaria». — Paris, Typographia H. Garnier. — In-18.º de 264 paginas.
- J. M. Goulart de Andrade: «Theatro». — Typographia H. Garnier (Bouillant), 1909. — In-18.º de 176 paginas.
- A. Conan Doyle: «As memorias de Sherlock Holmes», traducção de Branca de Villa-Flor. — Paris, Typographia H. Garnier. — In-18.º de 304 paginas.
- Plinio Mota: «Paros» (1905-1908). — Typographia H. Garnier (Sens), 1909. — In-18.º de 202 paginas.
- Mademoiselle Marguerite de Brievres: «O bordado». — Paris, Typographia H. Garnier, 1908. — In-18.º de 218 paginas.
- Condessa de Tramar: «O breviario da mulher», traducção de Branca de Villa-Flor. — Paris, Typographia H. Garnier, 1908. — In-18.º de 420 paginas.
- P. Blache: «Tratado pratico de natação e salvação». — Chartres, Imprimerie Ed. Garnier, 1909. — In-18.º de 284 paginas.
- M. Marguerite de Brievres: «Tapeçaria» traducção. — Paris, Typographia H. Garnier, 1908. — In-18.º de 192 paginas.
- João do Rio: «O momento literario». — Paris, Typographia H. Garnier. — In-18.º de 354 paginas.
- H. Wells: «O homem invisivel», traducção portuguesa. — Paris, Typographia H. Garnier. — In-18.º de 268 paginas.
- H. G. Wells: «Os primeiros homens na Lua», traducção brasileira de C. Ferreira. — Paris, Typographia H. Garnier (Orleans). — In-18.º de 360 paginas.

- 
- João Luso : «Ao sol e á neve». — Typographia H. Garnier (Chartres), 1909. — In-18.º de 272 paginas.
- João do Rio : «A alma encantadora das ruas». — Paris, Typographia Garnier, 1908. — In-18.º de 296 paginas.
- Augusto de Lima : «Poesias». — Paris, Typographia Philippe Renouard, 1909. — In 18.º de 310 paginas.
- Walter Scott : «O official de fortuna ou uma lenda de Montrose». Novo edição. — Paris, Typographia Garnier. — In-18.º de 336 paginas.
- «Pensamentos consoladores de S. Francisco de Sales», traducção brasileira da 17.ª edição, aumentada. — Typographia H. Garnier (Sens). — In-18.º de 404 paginas.
- Carlos Dickens : «Scenas da vida inglesa», traducção de K. de Avellar, 2 tomos. — Paris, Typographia H. Garnier. — In-18.º de 224 paginas o 1.º tomo e de 188 paginas o 2.º tomo.
- Marie Corelli : «Barrabás», traducção de Branca de Villa-Flor, 2 tomos. — Paris, Typographia H. Garnier. — In-18.º de 224 paginas o 1.º tomo e de 234 paginas o 2.º tomo.
- Marie Corelli : «Um romance de dois mundos», traduzido por Branca de Villa-Flor, 2 tomos. — Paris, Typographia H. Garnier, 1909. — In-18.º de 196 paginas o 1.º tomo e de 168 paginas o 2.º tomo.
- W. Scott : «Guy Mannering ou o astrologo», traducção de K. de Avellar, 2 tomos. — Paris, Typographia H. Garnier. — In-18.º de 204 paginas o 1.º tomo e de 332 paginas o 2.º tomo.
- Bossuet : «Orações funebres e panegyricos», 2 tomos. — Pa-

ris, Typographia H. Garnier, 1909. — In-18.º de 432 paginas o 1.º tomo e de 428 paginas o 2.º tomo.

— Carlos Dickens: «David Copperfield», versão do inglês por João de Oliveira, 2 tomos. — Paris, Typographia H. Garnier. — In-18.º de 504 paginas o 1.º tomo e de 594 paginas o 2.º tomo.

Bibliotheca Nacional de Lisboa, 31 de março de 1910. — O Director, *Xavier da Cunha*.

---

---

## BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES

---

### SECRETARIA GERAL

Perante o bibliothecario-mór do reino está aberto durante trinta dias, a contar da data da publicação deste annuncio no *Diario do Governo*, concurso publico para o provimento de um logar vago de segundo conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa, com o ordenado annual de 450\$000 réis.

Poderão concorrer a este concurso os individuos habilitados com um curso superior, e sem esse curso, o amanuense paleographo com cinco annos de serviço nessa cathegoria, se tiver informações distinctas no exercicio das suas funcções, ouvido o conselho admiuistrativo, preferindo em igualdade de circumstancias os candidatos que tiverem o curso de bibliothecario archivistista e o conhecimento de maior numero de idiomas.

O concurso constará de provas escritas e oraes.

A parte escrita versará sobre:

I. Uma dissertação sobre um ponto de bibliologia ou de administração applicada aos serviços da Bibliotheca Nacional.

II. Extracção e classificação de verbetes de algumas obras impressas em idiomas e sobre assuntos diversos.

III. Descripção succinta de um manuscrito, de uma gravura ou moeda.

A parte oral versará sobre as seguintes disciplinas:

- I. Bibliologia e biblioteconomia.
- II. Diplomatica.
- III. Paleographia.
- IV. Numismatica.
- V. Historia geral da arte, da gravura e lithographia.
- VI. Historia da imprensa.
- VII. Classificação geral dos conhecimentos humanos.
- VIII. Tradução de trechos escritos nas linguas cujo conhecimento os candidatos apresentem como motivo de preferencia.

Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, em 13 de janeiro de 1910. — O Conselheiro Bibliothecario-mór do reino, *J. de Azevedo Castello Branco*.

(*Diario do Governo*, n.º 10 de 14 de janeiro de 1910).

---

## BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES

## SECRETARIA GERAL

Em conformidade do n.º 7.º do artigo 6.º do decreto n.º 6 de 24 de dezembro de 1901, e do artigo 130.º, n.º 1.º, e artigo 132.º do regulamento da Bibliotheca Nacional de Lisboa, approved por decreto de 29 de janeiro de 1903, e em virtude do programma do concurso para o provimento de um logar vago de segundo conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa, publicado no *Diario do Governo* n.º 10, de 14 de janeiro de 1910, nomeio o seguinte jury que, sob a minha presidencia, deve apreciar ao provas dos candidatos.

## Vogaes:

Xavier da Cunha, director da Bibliotheca Nacional de Lisboa.  
José Leite de Vasconcellos Pereira de Mello, primeiro conservador da mesma bibliotheca e professor da cadeira de numismatica.

Eduardo de Castro e Almeida, primeiro conservador da dita bibliotheca.

Augusto Pereira de Bettencourt Ataide, segundo conservador da referida bibliotheca.

Supplente — Possidonio Matheus Laranjo Coelho, segundo conservador do Real Archivo da Torre do Tombo.

Candidatos admittidos ás provas do concurso, em harmonia com a resolução do conselho administrativo

das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, de 18 de fevereiro ultimo :

Alvaro Augusto da Costa Basto Sereno, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra.

Eduardo Dario da Costa Cabral, professor effectivo do Lyceu do Funchal, se até o dia 5 do corrente apresentar os documentos que lhe foram exigidos.

Fernando Ernesto Bizarro Ennes, amanuense paleographo da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Francisco Simões Ratolla, primeiro amanuense escriptorario da mesma bibliotheca.

Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, em 3 de março de 1910. — O Conselheiro Bibliothecario-mór do reino, *J. de Azevedo Castello Branco*.

(*Diario do Governo*, n.º 49 de 4 de março de 1910).

---

Estadística dos leitores na Bibliotheca Nacional de Lisboa  
no 1.º trimestre de 1910

Secções e suas sub-divisões		Especies requisitadas pelos leitores			Leitores
		Dia	Noite	Total	
I	Historia, geographia . . . . .	1:113	944	2:057	De dia 6:482
	Cartas geographicas . . . . .	68	—	68	De noite 5:632
	Polygraphia . . . . .	499	339	838	
	Jornaes . . . . .	1:178	358	1:536	Total 12:114
	Revistas nacionaes e estrangeiras	38	30	68	
II	Sciencias civis e politicas . . . . .	943	595	1:538	
III	Sciencias e artes . . . . .	2:367	1:998	4:365	
	Bellas artes . . . . .	95	35	130	
IV	Philologia . . . . .	63	24	87	
	Bellas letras . . . . .	3:067	3:095	6:162	
V	Numismatica . . . . .	46	1	47	
	Estampas . . . . .	113	—	113	
VI	Religiões . . . . .	26	14	40	
VII	Ineunabulos . . . . .	—	—	—	
	Reservados . . . . .	25	—	25	
	Collecção Camoneana . . . . .	102	—	102	
e	» Elzeviriana . . . . .	—	—	—	
	» Bodoniana . . . . .	6	—	6	
VIII	Manuscriptos (fundo geral) . . . . .	180	—	180	
	Codices illuminados . . . . .	5	—	5	
	Collecção Pombalina . . . . .	62	—	62	
	» dos Codices d'Alcobaça	5	—	5	
IX	Archivo de marinha e ultramar . . . . .	7:000	—	7:000	
Total . . . . .		17:001	7:433	24:434	

Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, em 31 de março de 1910.

Pelo Bibliothecario-mór do Reino,

O Inspector,

Gabriel Victor do Monte Pereira.

Estatística de leitura nas bibliothecas abaixo designadas  
durante o 1.º trimestre de 1910

Secções e suas sub-divisões		Evora	Braga	Villa Real	Castello Branco
I	Historia, geographia . . . . .	30	91	12	137
	Cartas geographicas . . . . .	-	15	-	32
	Polygraphia . . . . .	-	19	18	-
	Jornaes . . . . .	28	-	56	440
	Revistas nacionaes e estrangeiras	13	-	-	-
II	Sciencias civis e politicas . . . . .	3	34	26	40
III	Sciencias e artes . . . . .	8	56	20	66
	Bellas artes . . . . .	-	54	-	-
IV	Philologia . . . . .	4	12	22	-
	Bellas letras . . . . .	153	130	17	48
V	Numismatica . . . . .	1	-	2	-
	Estampas . . . . .	-	-	2	90
VI	Religiões . . . . .	1	14	-	42
VII	Incunabulos . . . . .	-	-	-	-
	Reservados . . . . .	-	-	-	-
	Manuscriptos . . . . .	-	5	-	-
	Iluminados . . . . .	-	5	-	-
VIII	Collecção camoneana . . . . .	-	-	-	-
Total . . . . .		241	435	175	895

Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, em 31 de  
março de 1910.

Pelo Bibliothecario-mór do Reino,  
O Inspector,

*Gabriel Victor do Monte Pereira.*

Estadística dos volumes enviados pelas Secções Estrangeiras de Permutas Internacionaes durante o 1.º trimestre de 1910 á Secção das Bibliothecas e Archivos Nacionaes

Proveniencias	Numero de volumes	Total
Estados Unidos da America .....	244	363
Belgica .....	109	
Hollanda .....	10	

Estadística dos sellos e formulas de franquia dos paizes da União Postal Universal entrados na secção de Numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa, durante o 1.º trimestre de 1910

Formulas	Total
Sellos .....	147
Bilhetes postaes.....	6
Sobrescriptos .....	3
Cartas postaes.....	5
Boletins .....	1
	162

Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, em 31 de março de 1910.

Pelo Conselheiro Bibliothecario-mór do Reino,

O Inspector,

*Gabriel Victor do Monte Pereira.*

---

IMPRESA DA UNIVERSIDADE, 1910

Bibliotheca Nacional de Lisboa. Exposição bibliographica no bi-centenario do Padre Antonio Vieira em 1897. Lisboa, Imprensa Nacional, 1897.

A Exposição Petrarchiana da Bibliotheca Nacional de Lisboa. Catalogo summario pelo Director da mesma Bibliotheca Xavier da Cunha. Lisboa, Imprensa Nacional, 1905.

Curso de Bibliothecario-Archivista. Summario das lições de Bibliologia, compiladas por José A. Moniz, professor interino da respectiva cadeira na Bibliotheca Nacional de Lisboa, 2.<sup>a</sup> edição. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1900.

Numismatica Nacional. Lição inaugural do curso de Numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa no anno lectivo de 1888-1889, por J. Leite de Vasconcellos, professor proprietario da respectiva cadeira. Lisboa, Typographia do Jornal «O Dia», 10 e 12. Rua Anchieta, 1888.

Elencho das lições de Numismatica dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa por J. Leite de Vasconcellos. 1.<sup>a</sup> parte do curso (1888-1889). Lisboa, Typographia do Jornal «O Dia», 1889.

Elencho das lições de Numismatica dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa por J. Leite de Vasconcellos do II curso do anno lectivo de 1889-1890 até ao VI curso do anno lectivo de 1893-1894. Lisboa, Typographia do Jornal «O Dia», 1894.

Relatorios dos serviços da Bibliotheca Nacional de Lisboa, por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903 a 1909.

Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, publicação official trimestral. Publicados 8 annos. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1902 a 1909.

Uma traducção inedita em latim do soneto «Alma minha gentil. . .» Publicada e prefaciada por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

Uma carta inedita de Camões. Apographo existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, agora commentado e publicado pelo Director da mesma Bibliotheca Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

A Bibliotheca Nacional de Lisboa na Exposição Oceanographica. Catalogo summario por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

A Bibliotheca Nacional de Lisboa no Congresso internacional de Liège sobre reprodução de manuscritos, medalhas e sellos. Relatorio pelo Director Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1905.

A Legislação tributaria em beneficio da Bibliotheca Nacional de Lisboa, por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903.

A medalha de Casimiro José de Lima em homenagem a Sousa Martins, descripção numismatica por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903.

Especies bibliographicas e especies bibliaicas. Considerações sobre nomenclatura por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903.

Concursos publicos para provimento de logares vagos de Segundos Conservadores dos quadros do Real Archivo da Torre do Tombo e da Bibliotheca Nacional de Lisboa, Legislação respectiva. Parecer de José Joaquim d'Ascensão Valdez. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903.

Relatorio dos serviços desempenhados em Coimbra e Braga em Junho de 1903 por José Joaquim d'Ascensão Valdez. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

Gabinete Numismatico da Bibliotheca Nacional de Lisboa (Notas e documentos) pelo dr. José Leite de Vasconcellos. — I. Moedas de ouro da epocha germanica. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1902.

A excelsa rainha D. Maria II na intimidade. Reflexões a proposito de um manuscripto existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

#### Real Archivo da Torre do Tombo :

Indice geral dos documentos conteados no corpo chronologico existente no Real Archivo da Torre do Tombo. Mandado publicar pelas cortes na lei do orçamento de 7 de abril de 1838. Tomo 1.º e unico. Lisboa, Typographia de Silva, 1843.

Indice geral dos documentos registados nos livros das chancellarias existentes no Real Archivo da Torre do Tombo, mandado fazer pelas côrtes na lei do orçamento de 7 de abril de 1838. Tomo 1.º e unico. Lisboa, 1841, na Typographia de G. M. Martins.

Extracto do Real Archivo da Torre do Tombo offerecido á Augustissima Rainha e Senhora D. Maria I, por José Pedro de Miranda Rebello, amanuense do mesmo Archivo. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

Inventario dos livros das portarias do Reino. Vol. I. 1639 a 1653. Lisboa, Imprensa Nacional, 1909.

#### Bibliotheca Publica de Evora :

Catalogo dos manuscriptos da Bibliotheca Publica Eborense, por J. H. da Cunha Rivára. Tomo 1.º, Ultramar. Lisboa, Imp. Nacional, 1850, Tomo 2.º Litteratura, Imprensa Nacional, 1868. — Tomo 3.º Historia. Imprensa Nacional, 1870.

Catalogo do Museu Archeologico da cidade de Evora, annexo de sua Bibliotheca, composto por Antonio Francisco Barata. Lisboa, Imprensa Nacional, 1903.

Os reservados da Bibliotheca Publica de Evora, pelo director Antonio Joaquim Lopes da Silva Junior. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1907.

---

Venda avulso, no edificio da Bibliotheca Nacional de Lisboa.  
Cada exemplar do numero do *Boletim*, in-8.º — 200 réis.

Numero 2 — 9.º Anno

Abril a Junho — 1910

# BOLETIM

DAS

# BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES

---

PUBLICAÇÃO OFFICIAL TRIMENSAL

---



COIMBRA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE  
1910

# BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES

Publicações officiaes

## INVENTARIOS DA BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

Secção I—Historia e Geographia.

Serie 1.<sup>a</sup> (numeração preta)—1.<sup>a</sup> parte. Lisboa, 1889.

—2.<sup>a</sup> parte. Lisboa, 1889.

Serie 2.<sup>a</sup> (numeração vermelha)—Lisboa, 1895.

Serie 3.<sup>a</sup> (numeração azul)—Lisboa, 1897.

Secção III—Sciencias e Artes. Serie 1.<sup>a</sup> (numeração preta)—Coimbra, 1907.

Secção IV—Sciencias civis e politicas

Serie 1.<sup>a</sup> (numeração preta)—Lisboa, 1897.

Secção X—Philologia e Bellas-Lettras.

Serie 1.<sup>a</sup> (numeração preta)—Lisboa, 1890.

Serie 2.<sup>a</sup> (numeração vermelha)—Lisboa, 1893.

Serie 3.<sup>a</sup> (numeração azul)—Lisboa, 1894.

Secção XIII—Manuscriptos por José Antonio Moniz. Lisboa, 1896.

—Collecção Pombalina, por José Antonio Moniz. Lisboa, 1895, completo.

Inventario do Archivo de Marinha e Ultramar, pelo dr. Eduardo de Castro e Almeida.

Ilhas da Madeira e Porto Santo, I-II—Coimbra, Imprensa da Universidade, 1907-1909.

Relatorio ácerca da Bibliotheca Nacional de Lisboa e mais estabelecimentos annexos, dirigido ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, no 1.<sup>o</sup> de Janeiro de 1844 por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. Tomo I—Officio—Tomos II, III e IV—Appensos ao officio. Lisboa, Typographia Lusitana, 1844.

Bibliotheca Nacional de Lisboa. Exposição Antoniana, 1895. Lisboa, 1895.

## BOLETIM

DAS

## BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES

*Propriedade e edição da Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes. LISBOA.*

*Director J. A. Castello Branco, Bibliothecario Mór do Reino.*

*Composição e Impressão na Imprensa da Universidade.*

---

---

Relatorio dos serviços do Real Archivo da Torre do Tombo  
no segundo trimestre de 1910

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> e Sr. — No passado trimestre iniciaram-se neste edificio importantes obras destinadas a alterar a fachada que deita para o largo das Côrtes e a installar condignamente no 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> pavimento, complementamente independentes de nós, o archivo da camara dos senhores deputados e a respectiva secretaria.

É claramente para nós um periodo bastante critico que me levou a requisitar uma sentinella a fim de não termos qualquer dissabôr e que me tem levado á necessidade de conferencias com o engenheiro director d'estas obras afim da cruz ser levada ao calvario com manifesto proveito d'este archivo tão digno d'uma boa installação.

Continuou-se com a impressão do «Inventario da Matricula dos Moradores da Casa Real» volume que ficou em pagina 227.

No passado trimestre deram entrada no archivo uma caixa com *clichés* deposito feito pelo Sr. Eugenio do Canto; dois autos e duas actas, enviadas em virtude do preceituado na Carta Constitucional.

Tambem nos foi remettido um caixote com toda a correspondencia, registo, etc., do Congresso Internacional de Medicina, realisado em Lisboa em 1906.

Passaram-se onze certidões e registaram-se cento e um diplomas assim distribuidos: Abril, 27; Maio, 21; e Junho, 53.

Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup>—Real Archivo da Torre do Tombo, em 23 de julho de 1910.—Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor Conselheiro Bibliothecario-Mór do Reino.— O Director, *Antonio Eduardo Simões Baião*.

---

## Relatorio dos serviços da Bibliotheca Nacional de Lisboa no segundo trimestre de 1910

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor:—Relatando os serviços da Bibliotheca Nacional de Lisboa no segundo trimestre de 1910, tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex.<sup>a</sup> as seguintes informações.

Foi frequentada a Bibliotheca por 12:149 leitores (7:331 em leitura diurna, e 4:818 em leitura nocturna), assim distribuidos por mezes :

### Na leitura diurna :

Em Abril . . . . .	2:342	leitores
Em Maio . . . . .	2:672	»
Em Junho . . . . .	2:317	»

### Na leitura nocturna :

Em Abril . . . . .	1:550	leitores
Em Maio . . . . .	1:625	»
Em Junho . . . . .	1:643	»

Especies consultadas pelos leitores figuraram em número de 21:373 (sendo 14:649 em leitura diurna e 6:724 em leitura nocturna) :

### Leitura diurna :

Em Abril . . . . .	5:026	especies
Em Maio . . . . .	5:569	»
Em Junho . . . . .	4:054	»

## Leitura nocturna :

Em Abril .....	2:096 especies
Em Maio .....	2:236 »
Em Junho .....	2:392 »

Das 21:373 especies consultadas, pertenceram 17:777 ao grupo das impressas e 3:596 ao da manuscritas.

Respectivamente a cada um dos tres mezes, foi o movimento assim distribuido :

## Impressos consultados de dia :

Em Abril .....	3:447 especies
Em Maio .....	3:701 »
Em Junho .....	3:905 »

## Impressos consultados de noite :

Em Abril .....	2:096 especies
Em Maio .....	2:236 »
Em Junho .....	2:392 »

## Manuscriptos (consultados de dia) :

Em Abril .....	1:579 especies
Em Maio .....	1:868 »
Em Junho .....	149 »

Durante o trimestre compareceram na Bibliotheca (entre nacionaes e estrangeiros) 47 visitantes, a saber :

Em Abril .....	14 visitantes
Em Maio .....	30 »
Em Junho .....	3 »

Adquiridas por cumprimento da lei de imprensa, por ofertas, ou por compras, registaram-se no trimestre 1:216 peças. E o movimento foi assim :

Em Abril .....	219 registos
» .....	259 peças

Em Maio .....	368 registos
» .....	742 peças
Em Junho .....	204 registos
» .....	215 peças

Para garantia de propriedade litteraria, em harmonia com as disposições do Código Civil Portuguez, effectuaram-se 80 registos, que deram em resultado intrarem na Bibliotheca 190 peças.

E foi assim por mezes o movimento respectivo:

Em Abril .....	21 registos
» .....	72 peças
Em Maio .....	24 registos
» .....	48 peças
Em Junho .....	35 registos
» .....	70 peças

Do «Inventario Geral» estampou-se, relativo á Secção de «Sciencias Civis e Politicas», o Caderno 8.<sup>o</sup> da 2.<sup>a</sup> Serie (numeração vermelha), — caderno em que se attinge o N.<sup>o</sup> 1:405 da inventariação respectiva.

Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> — Bibliotheca Nacional de Lisboa, em 30 de Junho de 1910. — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor Gabriel Victor do Monte Pereira, Meritissimo Inspector das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, interinamente investido nas funcções de Bibliothecario-Mór do Reino. — O Director, *Xavier da Cunha*.

## LIVROS PRECIOSOS

Em 26 de janeiro do anno corrente entraram na Bibliotheca Nacional de Lisboa tres livros preciosos que pertenceram ao convento da Madre de Deus, de Xabregas. Estes livros estavam guardados na Imprensa Nacional de Lisboa. O novo administrador geral, sr. João Costa, vendo estes codices que são manuscritos, um em papel, e dois em pergaminho com illuminuras, entendeu, e muito bem, que elles estavam deslocados na Imprensa, e que seria mais conveniente entrega-los á Torre do Tombo, ou á Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde existem collecções de codices manuscriptos preciosos. E neste sentido officiou á Direcção Geral de Instrucção Secundaria, Superior e Especial, que por sua vez o participou ao sr. Conselheiro Bibliothecario Mór do Reino. Este ordenou que os tres codices se guardassem na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Adiante se publica a correspondencia official.

Destes codices o mais conhecido é o *Livro de Horas* da rainha D. Leonor, pela belleza das suas illuminuras.

Na *Arte Portuguesa* (1895) publicou o sr. D. José Pessanha um artigo excellente sobre este codice, a proposito da reproducção em fac-simile de uma das suas illuminuras de pagina. Com a devida auctorisacção reproduzo o artigo do respeitado professor de diplomatica e conservador do Real Archivo da Torre do Tombo.

E seguintes a esse artigo publico umas observações minhas feitas agora á vista dos tres codices.

G. P.

(Copia).—Ministerio do Reino. Direcção Geral de Instrucção Secundaria, Superior e Especial. Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Incluso, por copia, cumpre-me passar ás mãos de V. Ex.<sup>a</sup> o officio re-

lativo a tres livros de grande valor, que o actual Administrador Geral da Imprensa Nacional encontrou no cofre d'aquelle estabelecimento. Solicito, especialmente, a attenção de V. Ex.<sup>a</sup> para a parte final do mesmo officio, rogando-lhe se digne de comunicar a esta Secretaria o que se lhe offerecer sobre o assumpto. — Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> Direcção Geral, em 8 de janeiro de 1910. Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conselheiro Bibliothecario Mór do Reino. O Conselheiro Director Geral, *Agostinho de Campos*.

(*Cópia*). — Imprensa Nacional de Lisboa. Administração Geral, N.<sup>o</sup> 387. Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — No cofre desta Administração Geral encontrei guardados tres livros de alto valor que me parece melhor deverem ficar na posse da Torre do Tombo ou da Bibliotheca Nacional de Lisboa, como V. Ex.<sup>a</sup> entender. São elles dois *livros de horas*, obra do seculo XVI, que pertenceram á Rainha D. Leonor (naturalmente a mulher de El-Rei D. João II). O maior d'elles, especialmente, é notavel pelas ricas e formosissimas illuminuras, que se admiram em muitas das suas paginas; illuminuras tem tambem o mais pequeno, e por egual artisticas.

Devo notar que tanto em um como em outro d'esses livros que julgo terem pertencido á comunidade da Madre de Deus, da qual fez parte aquella rainha, faltam folhas e essa falta deve ser anterior á sua entrada nesta Administração, onde elles tinham, como verifiquei, e tiveram sempre, segundo me informam, cuidadosa e constante guarda. O terceiro, mais vulgar, é a *Vida de Santa Barbara*, poema em quatro cantos. Ao primeiro *livro de horas*, recordo-me ter lido algures referencias que hesitavam entre o julga-lo na posse da Torre do Tombo, ou na da Bibliotheca. V. Ex.<sup>a</sup> dirá a qual d'estes archivos os deva remetter. Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> — Lisboa e Administração Geral da Imprensa Nacional, 5 de janeiro de 1910. — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conselheiro Francisco Felisberto Dias Costa. Dignissimo Ministro do Reino. O Administrador Geral (a). *João Costa*.

Está conforme. 2.<sup>a</sup> Repartição da Direcção Geral de Instrucção Secundaria, Superior e Especial, em 8 de janeiro de 1910. — O Chefe da Repartição, *Alexandre de Castilho*.

## AS HORAS DA RAINHA D. LEONOR

## I

Não se póde dizer que a illuminura fosse das artes menos cultivadas e apreciadas em Portugal.

Pelo contrario. Desde o *Apocalypse* de Lorvão (sec. XII) até ao *Missal* de Estevão Gonçalves (sec. XVII) — que longa serie de trabalhos!

E não se esqueça que n'ella estão comprehendidas as duas grandes collecções,—por mais de um titulo notaveis,—de Santa Cruz de Coimbra e de Alcobaça. Tivemos illuminadores primorosos, alguns quasi *ao nivel* dos grandes mestres da Renascença, como nos assevera, na sua curiosa *Miscellanea*, o poeta e chronista Garcia de Resende, cuja pericia como *debuxador* D. João II invejava; — houve principes em Portugal extremamente apaixonados pelos livros com illuminuras, como D. Duarte, D. Afonso V e o Infante D. Fernando, filho de D. Manuel; — miniaturistas celebres lá de fóra, entre elles Simão de Bruges, trabalharam para o nosso paiz.

Não obstante as multiplas causas que têm depauperado esse maravilhoso e incomparavel thesouro de riquezas de arte que Portugal constituiu, entre a epocha de D. Manuel e o começo do seculo actual<sup>1</sup>, ainda hoje possuímos grande numero de manuscritos illuminados. Tem-n'os o archivo da Torre do Tombo, o Museu de Bellas-Artes, as bibliothecas de Lisboa, Porto, Evora, Ajuda e Mafra, a Universidade, a Imprensa Nacional, a Academia Real das Sciencias, alguns particulares, etc.

Não esboçarei, sequer, a historia da calligraphia e da illuminura em Portugal, porque esse trabalho não caberia no tempo e no espaço que me são concedidos. Tendo de escrever algumas linhas que sirvam de commentario á esplendida chromo-lithographia distribuida com este primeiro numero da *Arte Portu-*

<sup>1</sup> Este escripto foi publicado em 1895, n.º 1.º da *Arte Portuguesa*.

guezza, limitar-me-ei a fallar do precioso livrinho d'onde foi copiada (as *Horas* da rainha D. Leonor, actualmente guardadas na Imprensa Nacional), e a compendiar as noticias que os historiadores da nossa arte nos dão ácerca do illuminador Antonio de Holanda, a quem é attribuido.

## II

O livro de *Horas* de D. Leonor é escripto em finissimo pergaminho, e tem actualmente cento e cincoenta e oito folhas, fallando-lhe dez, — no calendario.

São gothicos os caracteres, e não differem dos que geralmente se empregavam no seculo xv. As paginas completas têm dezenove linhas. O texto é a preto; os titulos e rubricas, a vermelho; as capitaes, a claro-escuro (*en camaïeu*) sobre fundo dourado; e as iniciaes dos versiculos, a ouro e cercadas de caprichosos traços a tinta preta.

As tarjas são todas no genero das que emmolduram a nossa estampa: — a claro-escuro com toques de ouro, delicadissimos, de uma execução firme e primorosa, e constituídas por um gracioso entelachado de ramos, que deixa ver, amiude, elegantes e bem estudadas figurinhas de damas com altos penteados, de guerreiros, de frades; animaes, uns verdadeiros, outros phantasticos; aqui e além, grotescos. Na maioria das paginas, ha uma tarja só, larga, na margem exterior. Algumas, porém, têm quatro, como a que hoje reproduzimos, e outras, duas — uma na parte superior e outra na inferior. Ha tambem paginas sem ornamentação.

N'um como additamento, de letra menos esmerada, não apparecem tarjas e são toscas as capitaes.

As *Horas* de D. Leonor não têm já as estampas todas Ha vestigios de terem sido cortadas pelo menos seis, cinco das quaes (como o numero, assumptos e collocação das estampas nas *Horas* manuscritas e, ainda, nas impressas dos seculos xv e xvi são quasi constantes <sup>1</sup>) é de suppôr que representassem as seguintes passagens: — a *Crucifixão*, a *Annunciaçào*, a *Na-*

---

<sup>1</sup> V. Félix Soleil, *Les Heures gothiques, etc.* (Rouen, 1882), pag. 15 a 17.

tividade, a *Adoração dos magos*, e a *Morte*, ou a *Coroação da Virgem*.

As seis que existem, representam: — a *Visitação*, a *Annunciação do nascimento de Christo aos pastores*, a *Circumcisão*, a *Degollação dos innocentes*, o *Juizo final*, e a celebração de um officio de defunctos.

São, como as tarjas, a claro-escuro com toques de ouro. A primeira, a segunda e a penultima têm fundo de paizagem com edificios. A atmospherá é de um azul intenso. Traços a ouro indicam as nuvens.

Em todo o trabalho de illuminura, é evidente a influencia flamenga. Vê se bem que as *Horas de D. Leonor* são obra dos fins do seculo xv ou dos primeiros annos do immediato, isto é, de um periodo em que a Renascença italiana ainda não exercia na arte portugueza acção decisiva.

Como disse, o precioso livrinho guarda-se hoje na Imprensa Nacional. Foi do Convento da Madre de Deus, e, segundo uma nota, de letra do seculo xvii e assignada por Frei Luiz de Sant'Iago, que se lê na parte interior de uma das pastas, pertencêra á fundadora d'esse convento, a rainha D. Leonor, mulher de D. João II.

A nossa chromo-lithographia reproduz com singular fidelidade a primeira (actualmente) das estampas: — a *Visitação*. É obra perfectissima da officina lithographica da Companhia Nacional Editora. A copia a aguarella foi habilmente feita pela senhora D. Josephina Garin dos Santos, que em trabalhos similares revelára já notavel competencia.

### III

Como Francisco de Hollanda nos diz que seu pae trabalhou para a rainha D. Leonor, e que foi este quem primeiro «fez e achou em Portugal o fazer suave de preto em branco, muito melhor que em outra parte do mundo», e como o livro d'*Horas* d'aquella insinuante princeza é illuminado a claro-escuro, têm-no attribuido a Antonio de Hollanda. Por isso, julgo dever expôr aqui o pouco que se sabe d'este artista, que sen filho colloca entre os illuminadores celebres da Europa, de par com Julio Clovio, Simão Beninc, etc.

Ignora-se quando e onde nasceu Antonio de Hollanda. Que

era hollandez, ou, pelo menos, de origem hollandeza, dil-o o nome por que foi entre nós conhecido.

De um requerimento dirigido pelo pintor Garcia Fernandes a D. João III <sup>1</sup>, deprehende-se que Hollanda foi nomeado passavante em substituição de Francisco Henriques (tambem pintor), que morreu em 1518 ou 1519.

Em 1527, por carta de 5 de março <sup>2</sup>, concedeu-lhe D. João III dez mil réis annuaes de tença, a partir do começo d'esse anno.

Por 1530 e tantos, estava Antonio de Hollanda em Evora. N'um interessantissimo livro de contas do convento de Christo, de Thomar <sup>3</sup>, estão mencionados, na parte respectiva a novembro de 1533, «300 réis d'aluguer de una besta que levou a Evora uns livros grandes que Antonio de Hollanda havia de illuminar». Mais adiante, está a nota do pagamento feito a Hollanda n'aquella cidade, em 14 de abril de 1534, pelo escrivão da camara de el-rei, Jorge Rodrigues, da quantia de 31\$875 réis, «em parte de pago dos livros que illumina».

É possivel que entre os numerosos documentos da Torre do Tombo provindos do convento Christo, se encontre o recibo que, segundo a verba citada, Jorge Rodrigues enviara para Thomar. Esse documento dar-nos-ia a assignatura, hoje desconhecida, de Antonio de Hollanda. A estreiteza de tempo inhibiu-me de o procurar.

Sabe-se que era a illuminação de um *Psalterio* um dos trabalhos em que o celebre miniaturista por esse tempo estava empenhado; porque n'outra verba, mais minuciosa, consigna-se que em novembro de 1536, recebeu 54\$605 réis, que perfazem, com a quantia paga em abril de 1534, a importancia das seguintes illuminuras n'um *Psalterio*: — quatro *principios*, a 6\$000 réis; quarenta letras illuminadas, com suas vinhetas, a 500 réis; cento e quinze letras illuminadas, sem vinhetas, a 100 réis; duzentas e tres letras *rabiscadas de aniel*, ouro e azul, a 80 réis; oitenta e quatro letras *quebradas, rabiscadas de preto*,

---

<sup>1</sup> Torre do Tombo — *Corpo chronologico*, parte III, maço 15, doc. 13. Este documento está publicado no livro de Raczynski, *Les arts en Portugal*, a pag. 212, e na monographia do sr. visconde de Sanches de Baena, *Gil Vicente*, a pag. 44.

<sup>2</sup> Torre do Tombo, livro 30.º de D. João III, fl. 48. Transcreveu esta carta o conde A. Raczynski, a pag. 134 do seu *Dictionnaire historico-artistique du Portugal*.

<sup>3</sup> Torre do Tombo. — Marcação do vol.: *Christo*, 23.

a 40 réis, e duas mil oitocentas e quarenta e seis letras pequenas dos versos, a 4 réis. Nas despesas de março do anno seguinte (1537), mencionam-se 500 réis, «de uma besta que trouxe d'Evora o *Psalterio*, de casa d'Antonio Hollanda».

A outra obra sua para Thomar se refere ainda o precioso livro d'onde vou extrahindo estas notas, e do qual o benemerito visconde de Juromenha transcreveu e extractou differentes verbas (respectivamente aos trabalhos de illuminura de Antonio de Hollanda, aos retabulos de Gregorio Lopes, etc.), n'algumas das suas interessantissimas communicacões a Raczyński.

Essa obra são dois *volumes dominicaes*, por cujas illuminuras recebem 61\$920 réis: — 40\$000 réis pagos quando fr. Francisco Machado era recebedor <sup>1</sup>; e em fevereiro de 1537, os restantes. N'esses volumes, illuminou cinco *principios*, a 6\$000 réis; trezentas e oitenta e oito letras, a 100 réis; cento e cincoenta e duas letras *quebradas*, a 20 réis, e duas *rabiscadas* de ouro e azul, a 40 réis.

É ainda o mesmo livro de contas que nos permite saber hoje terem sido encadernados em Evora, pela quantia de 5\$000 réis.

As guarnições, douradas, foram feitas por Luiz Fernandes, latoeiro que por ellas recebeu 12\$140 réis. Para resguardar os *principios*, foram comprados seis covados de tafetá da India, a 80 réis.

Note-se que, por esse tempo, trabalhavam em Thomar diversos encadernadores, dois d'elles castelhanos: — Perez e João de Rojas. Teria acaso Antonio de Hollanda querido dirigir o trabalho de encadernação? . . .

Ter-se-ia porventura julgado menos perigoso enviar para Thomar os dois volumes, já encadernados? . . .

Outro pagamento, ainda, ao nosso illuminador está registado n'essas preciosas *contas da sacristia e fabrica* do convento de Thomar: o de 30\$000 réis, por intermedio de seu filho Miguel de Hollanda, em fevereiro de 1537, pela illuminura de cinco *principios*.

---

<sup>1</sup> A nota d'esse pagamento, realisado no dia 11 de outubro de 1553, encontra-se n'outro livro de receita e despeza das obras de Thomar. A verba não nos diz qual a natureza do livro ou livros que Antonio de Hollanda esta illuminando. Refere-se, porém, a uma escriptura feita pelo citado Jorge Rodrigues.

Os famosos livros do côro de Thomar não foram illuminados exclusivamente pelos Hollandas. E digo — *pelos Hollandas*, por que José da Cunha Taborda e Cyrillo Wolkmar Machado affirmam que Francisco de Hollanda tambem trabalhou para o Convento de Christo.

Estiveram em Thomar diversos calligraphos (hespanhoes alguns) e pelo menos um d'elles, — Francisco Flores, — traçava letras *rabiscadas*. Em fevereiro de 1536, foram-lhe pagas a 15 réis quarenta e seis letras d'essas, que desenhára n'um livro de hymnos.

Illuminadores, propriamente, apparecem nos dois: — Jorge Vieira, residente em Lisboa, e Diogo Fernandes <sup>1</sup>. Pagou-lhes o recebedor, em março de 1537, 45,6022 réis, por diversos *principios* e letras. A verba tem á margem a assignatura de Jorge Vieira.

O padre governador do convento quiz tambem contractar um artista estrangeiro. Em setembro de 1535, recebeu o *escrivão* castelhano, João de Salazar, 1,8200 réis, por haver ido a Sant'Iago de Galiza buscar um illuminador, que, segundo acrescenta a verba, não veio.

Não se perderam, ao menos na totalidade, os livros do côro de Thomar. O sr. Joaquim de Vasconcellos tem codices d'essa proveniencia, comprados em Coimbra, ao livreiro Demichelis, em 1870.

Tornemos a Antonio de Hollanda.

No capitulo XIX da segunda parte da *Chronica do felicissimo rei D. Emanuel*, refere Damião de Goes que, estando em Flandres, recebêra do infante D. Fernando, filho d'aquelle monarcha, um *debuxo* da arvore genealogica dos reis portuguezes, desde o tempo de Noé até ao de D. Manuel, para lh'o mandar illuminar pelo mór homem d'aquella arte que havia em toda a Europa: — Simão, morador em Bruges, no condado de Flandres.

Segundo umas notas, autographas, de Francisco de Hollanda, n'um exemplar do tomo I da terceira parte das *Vite*, de Jorge Vasari, edição de Florença, 1,868, exemplar que hoje pertence á Bibliotheca Nacional de Lisboa, — Simão de Bruges illuminou desenhos de Antonio de Hollanda, por ordem de D. Fernando.

---

<sup>1</sup> É citado no Diet, de Raczynski (communicação de Juromenha), mas com o nome de *Domingos Fernandes*.

É, portanto, de crer que fosse d'este artista o *debuço* a que Damião de Goes se refere.

Da Genealogia illuminada por Simão de Bruges, existem actualmente onze folhas, no *British Museum*. Por esses fragmentos, vê-se que constituia uma serie de retratos de um altissimo valor historico e artistico.

Figanière, que no seu *Catalogo dos manuscriptos portuguezes existentes no Museu Britanico*<sup>1</sup>, descreve largamente essas onze folhas, diz que as illuminuras parecem de diferentes artistas.

É possível que sejam; mas, se porventura se refere á Genealogia, como tudo faz suppor, o que Damião de Goes escreve n'uma das cartas, que em agosto de 1530, dirigiu de Anvers ao infante D. Fernando<sup>4</sup> é certo que, pelo menos, havia intenção de que o livro todo fosse illuminado por Simão de Bruges.

Eis o trecho:

«Eu tenho imposto<sup>2</sup> mestre Simão, em ser já desfeito de quantas obras tinha, e não querer tomar obra de ninguem, por lhe ter dito que terá assaz que fazer, n'este livro de V. A., em dous annos. Elle esperava agora por tres ou quatro folhas, de menos, e não veio mais que uma; pelo que, está mui mal contente de mim. Eu o sustenho com palavras, porque creia V. A. que, se se embaraça com outras obras, que nunca jámais fará a fim do livro; e por isso, veja a maneira que n'isso quer que se tenha»<sup>3</sup>.

Giovanni Francisco (il fattóre), que por esse tempo se encontrava em Bruges, aonde o mandára Leão x para tratar da execução de umas tapeçarias segundo cartões de Raphael, tendo visto os desenhos de Antonio Hollanda, que Simão de Bruges ia colorir, fez outros em competencia, aos quaes o artista flamengo preferiu os do nosso desenhador. Conta se este facto numa das referidas notas. Francisco de Hollanda comprazia-se em enaltecer, o maior numero de vezes que podia, o merito de seu pae.

Antonio de Hollanda fez em Toledo o retrato de Carlos v;

<sup>1</sup> Pagg. 268 a 276.

<sup>2</sup> Isto é, enganado.

<sup>3</sup> Torre do Tombo — *Corpo chronologico*, parte I, maço 45, doc. 107. A outra carta tem o n.º 113. Ambas se referem a trabalhos artisticos encomendados na Flandres pelo Infante D. Fernando, por intermedio de Damião de Goes. Juromenha fez um rapido summario d'esses dois valiosos documentos. (V. Raczyński, *Les arts en Portugal*, pag. 209).

e tão satisfeito d'esse trabalho ficou o imperador, que não só instou com o miniaturista para que se estabelecesse em Castella (ao que elle se recusou, preferindo, no dizer de seu filho, continuar pobre em Portugal a estar considerado e rico n'outro paiz), como, annos depois, ao receber Francisco de Hollanda em Barcelona, declarou-lhe que ninguem o retratára melhor, — nem o proprio Ticiano.

A rainha D. Leonor de Lencastre, D. Manuel e D. João III estimaram e distinguiram Antonio de Hollanda. A trabalhos seus para aquella sympathica princeza e para os dois monarchas, referem-se as passagens seguintes de um dos valiosos escriptos de Francisco de Hollanda:

«Serve (o desenho) em as imagens dos livros illuminados, assim do missal como de todos os outros livros do altar e coro, que devem ser feitos com grande desenho e cuidado e discrição, como fez fazer El-Rei Dom Manuel, vosso bisavô, a meu pai Antonio Dolanda o breviario, e a Rainha Dona Lianor, mollier d'El-Rei Dom João II, assi para seu uso e devoção, como para suas capellas... 1».

«Pode-o servir (o desenho, ao rei) em as consas do serviço de sua real pessoa, como é em o desenho do cetro de seu reino, como fez meu pai a El-Rei que Deus tem, de uma barra d'ouro que tirou Aires do Quintal de una mina que descobriu, de que desenhou o sceptro... 2».

Logo adeante, diz Francisco de Hollanda que seu pae e elle haviam feito, «com muita discrição e cuidado», os *debuxos* para os «S. Thomés» e «S. Vicentes» d'ouro e para outros pardaos 3.

Ferdinand Denis, no seu estudo sobre a illuminura em Portugal, publicado á frente da reproducção chromo-lithographica do *Missal* de Estevão Gonçalves, affirma que o setimo volume da *Biblia dos Jeronymos* foi illuminado por Antonio de Hollanda. É erro, originado, provavelmente, n'outro (menos desculpavel, sem duvida) do abbade Castro.

Este escriptor, occupando-se da *Biblia* n'um artigo impresso

1 *Da sciencia do desenho*, pag. 8 da ed. critica do Sr. Joaquim de Vasconcellos. (Fasciculo VI da *Archeologia artistica*).

2 Pag. 11 de ed. cit.

3 Pag. 12 de ed. cit.

no tomo VII da *Revista universal lisbonense* (pag. 249), diz que os sete volumes d'aquella obra foram illuminados por Antonio de Hollanda. E, como fundamento, cita uma passagem do tratado «*Da pintura*», de Francisco de Hollanda (pag. 55 do livro de Raczyński, *Les arts en Portugal*). Ora, a passagem adduzida é uma relação dos illuminadores celebres da Europa (independente d'aquelle tratado), relação em que Francisco de Hollanda, depois de seu pae, de Julio de Macedonia e de mestre Vicente, include, sem lhe citar o nome, «o que illuminou os livros que el-rei que Deus tenha em sua santa gloria deu a Belem, e que vieram de Italia».

Portanto, da propria passagem citada pelo abbade Castro, se conclue, com segurança, não só que a *Biblia* não foi illuminada por Antonio de Hollanda, mas que veiu de Italia <sup>1</sup>.

Demais, ainda quando as palavras do nosso artista e escriptor da Renascença não fossem tão concludentes, e na portada do setimo volume da *Biblia* se não lêsse «*Floren. Man. pinx. hoc opus Florentie. A. D. MCCCCLXXXVII. M. Ivlii*», — o character accentuadamente classico e italiano de toda a obra tornaria bem pouco provavel a sua attribuição a Antonio de Hollanda.

O erudito escriptor francez, — que tanto amou e tão bem serviu o nosso paiz, — traduziu, certamente, os sete por *le septième*, e por isso no seu bello estudo affirmou que Antonio de Hollanda illuminára o setimo volume da *Biblia*.

Creio ter sido esta a origem de F. Denis, porque logo no começo do capitulo consagrado á *Biblia*, o sabio escriptor cita o artigo da *Revista universal lisbonense*.

Antonio de Hollanda morreu entre 1553 e 1571; porquanto n'uma carta de seu filho Francisco a Miguel Angelo, escripta a 15 de agosto d'aquelle anno <sup>2</sup>, diz o nosso artista: — «Mio padre, Antonio d'Olanda, si raccomanda a la S. V. con esso me

<sup>1</sup> Em trabalho mais recente (*Noticia de alguns livros illuminados, etc.*; Lisboa, 1860), affirma, com leveza igual, o abbade Castro que Francisco de Hollanda, na citada relação dos famosos illuminadores da Europa, dá mestre Vicente, de Roma, como auctor da *Biblia*.

<sup>2</sup> Essa carta foi publicada na *Vita di Michelangelo*, de Gotti, vol. I, pag. 246 e 247, e reproduzida pelo sr. Francisco Maria Tubino na sua memoria sobre *El renacimiento pictorico en Portugal, etc.*, inserta no tom. VIII do *Museo español de antiguedades*, e pelo sr. Joaquim de Vasconcellos a pag. 165 e 166 do IV fasciculo da sua *Archeologia artistica*.

ensieme»; e no seu trabalho «Da fabrica que falece á cidade de Lisboa», que tem a data de 1571, escreve no capitulo VII: — «... meu pai Antonio Dolanda, tambem que Deus tem<sup>1</sup>».

É quanto se sabe do excellente illuminador.

O qualificativo é de Cyrillo Wolkmar Machado.

*D. José Pessanha.*

### HORAS DA RAINHA D. LEONOR

Codice em pergaminho finissimo, manuscripto e illuminado. Encadernação antiga, em couro lavrado de filetes e ferros finos com entrelaces, xadrez, e outros ornatos geometricos; tinha dois fechos a que faltam as prisões. Dourado e ornado sobre folhas.

A encadernação tem  $190 \times 135$  millimetros. A folha  $185 \times 130$ .

No verso da capa:— Este liuro foi da rainha dona lianor não se pode dar de fora so pena de escomunhão.— E uma assignatura: - fr. Luís de Stiago.— Muitas folhas deste livro de horas foram cortadas em tempo remoto. A finura, a belleza das estampas tentou algum malvado que não hesitou em mutilar uma joia d'arte, nem respeitou o livro de horas da rainha dona Leonor, a mulher de João 2.<sup>o</sup>, a insigne protectora dos desvalidos, fundadora de Misericordias e hospitaes.

Vou descrever o codice, passando folha a folha. Primeiramente numerei-o, no canto esquerdo, inferior, ou do pé da pagina. E numerei assim 164 folhas.

Falta o frontispicio.

Folha 1. Calendario do mez de janeiro.

Folha 2. Mez de dezembro. Faltam as folhas respectivas aos mezes de fevereiro a novembro.

<sup>1</sup> Pag. 15 da ed. crit. do sr. J. de Vasconcellos.

3. É a primeira folha das horas. É toda tarjada de illuminuras a camaieu e ouro; trabalho delicado; folhagens estilizadas, muito elegantemente lançadas, pequenas figuras humanas umas de phantasia outras realistas.

Na tarja inferior, ou do pé, um pequenino guerreiro empunha uma haste com flamula onde se vê um emblema, parece, que são dois crescentes que se tocam pelas curvas convexas.

4. Só tem a tarja exterior, ou da margem direita da folha. O codice tem paginas com illuminuras nas quatro margens; outras paginas mostram duas tarjas ornamentadas interior e exterior; algumas tem illuminuras nas tarjas superior e inferior, ou da cabeça e do pé da pagina; outras ha que só mostram ornamentada a margem ou tarja exterior, ou da direita; e bastantes folhas não tem tarja alguma. Em algumas paginas o texto está entre filetes a escuro e ouro, na maior parte não tem filetes. Ha como se vê variedade na disposição da ornamentação; mas o trabalho, a execução é sempre a mesma, nunca destoa. Desenho de extraordinaria delicadeza; as pequeninas figuras são ainda perfeitas vistas por uma lente que augmente quatro vezes. É sempre a graça, a elegancia em figuras e folhagens, sem uma duvida ou um erro. O colorido, o claro escuro sempre egual, sem desfallecimento. Um artista só, evidentemente, executou todo aquelle trabalho; era certamente um raro miniaturista.

7 v.º Não tem tarja; o texto está isolado.

8. Só a tarja exterior. Inicial grande na palavra *Deus*; inicial media na palavra *dominus*; e cinco iniciaes menores.

9 v.º Sem tarja.

10 v.º Tarja exterior.

17. Sem tarja.

17 v.º Tarja exterior, uma inicial grande, duas medias, e cinco menores.

Estas iniciaes tem todas sua parte dourada entre o claro escuro do ornato, e o dourado é burnido; ha paginas lindas com o texto variado pelas iniciaes douradas e burnidas.

19 v.º Inicial grande, uma media, 6 menores, tarja exterior.

É tambem uma pagina de valor artistico.

21. Inicial mediana, e nove iniciaes menores; tarja.

25. Pagina toda tarjada, no texto uma inicial grande, duas medias e trez menores. É uma pagina rica.

25 v.º Tarjas superior e inferior, segue este estilo até fl. 32.

Na pagina 25 o texto está entre filetes dourados, nas paginas seguintes o filete só no lado direito.

33. É toda tarjada, texto entre moldura de filetes excepto no alto, na cabeça da pagina.

35. Sem tarja nem filetes.

36. Tarjada.

36 v.º Sem tarja.

40. É folha rica; tarjas, iniciaes, moldura de filetes.

53 v.º *Estampa* 1.ª A Visitação.

54. Folha rica, com tarjas e iniciaes.

62. Folha rica, tarja, iniciaes e filetes.

65 v.º *Estampa* 2.ª Gloria in excelsis: o anjo annunciando aos pastores; paizagem ao fundo que parece flamenga.

66. Folha rica, um tanto gasta pelo uso.

69. Folha rica.

72. *Estampa* 3.ª Circumcisão.

73. Folha rica.

76 v.º *Estampa* 4.ª Matança dos innocentes.

77. Folha rica.

82. Folha rica.

86. Folha rica.

93 v.º Folha rica.

96. Folha rica.

99 v.º *Estampa* 5.ª Ascensão.

100. Folha rica.

114 v.º *Estampa* 6.ª Commemoração dos mortos.

115. Folha rica.

146. Folha rica.

157 v.º Outra lettra. *Oratio valde devota Virgini Marie*; chega a pag. 160 v.º

161. Outra lettra. *Letani de bta Vgine* (Letania de beata Virgine).

163. Outra lettra.

164. Outra lettra. Oração. Isto é, em varias epocas aproveitaram estas folhas de pergaminho para juntar ás Horas algumas orações.

Mencionarei agora as figurinhas que o delicado miniaturista intercalou entre as flores e as folhagens das tarjas. Muitas de corpo inteiro, outras de meio corpo; estas de phantasia, est'outras de perfeita realidade; algumas, creio, representam tarascas ou bichas, momos, combinações comicas da figura humana com fórmias de animaes, foliões, dragões, feras. As figurinhas tem

na media uns vinte millimetros de altura; vestuario, adornos, chapéus e toucas, armas e instrumentos de musica tudo bem marcado; attitudes bem observadas. O miniaturista era insigne.

Folha 1. Calendario de janeiro. Na tarja um sujeito, idoso, bem enroupado, está assentado em ampla cadeira de braços, em frente de um fogão artistico, de sala.

2. Calendario de dezembro. Um homem rude segura um boi; outro homem, um magarefe, levanta os braços, as mangas arregaçadas, com um grande machado vae degolar a rez. Attitudes bem observadas, muito naturaes.

3. Figuras de phantasia, momos, bichas, ou tarascas; um hésteiro com o arco armado.

25. Na tarja superior vê-se um hésteiro atirando a uma ave; na tarja lateral direita um anjo orando; na tarja inferior animaes comicos, um molosso mitrado põe a mão sobre a cabeça de um galgo.

33. Na tarja superior uma dama com alta touca e comprido véu defronta um homem; ella tem um ramo de flores na mão direita; parece que o miniaturista quiz representar uma confissão d'amor. Na tarja da direita vê-se a dama de alta touca assentada tocando harpa, em frente o cavalheiro ajoelhado offerece um ramo de flores; na tarja inferior o cavalheiro monta garboso cavallo, levando na anca a dama de touca e véu.

40. Atirador de dardo; um atirador de bésta ajoelhado: um veado perseguido pelos cães; homem a cavallo, com lança, outro a pé tocando a busina; figuras muito detalhadas.

53 v.º Estampa. Ceu azul, paiz com edificios, arvores, uma ponte; homens galopando; figuras de phantasia.

54. Dama tocando harpa. Homens com escudos e dardos.

62. Cavalheiro e dama; cada um em seu cavallo. A miniatura mostra arreios, freios, sellas. Cavallos de marca pequena, aqui como em todas as illuminuras as pernas dos cavalleiros excedem muito as barrigas das montadas. Infra, cavalleiro e peão com dardos.

65 v.º Estampa. Paiz com ceu azul, uniforme. Os pastores tem boas attitudes, e roupagens bem desenhadas; mas as ovelhas são de ingenuo desenho, infantil. Edificios e molinho flamengos ou hollandezes. Varias figurinhas esgrimindo.

66. Figuras tocando instrumentos de musica.

69. Outras figuras tocando outros, diversos, instrumentos de musica. Infra, esgrimistas de montante.

72 v.º Figuras com vivos de ouro: cavalleiro e dama num

só cavallo. Infra; raposa fugindo com uma ave na boca, perseguida por um cão; homem com busina.

73. Homens com béstas, lanças, alfanges.

76 v.<sup>o</sup> Estampa. Janellas com vidraça e grade; numa vidraça um braço: figuras, na tarja, esgrimem. Infra; homem idoso, com oculos, lê; tem aos lados figuras comicas.

77. Homem lanceando uma creança nua, allusão á matança dos innocentes; na tarja exterior a figura de Herodes; infra, homens armados; um leva espetada, na espada erguida, a cabeça duma creança; attitude bem estudada.

82. Lucta com um dragão; bicha ou tarasca: figurinhas de frades.

86. Dama com harpa, outra com os ferrinhos ou triangulo; homem com orgão, outro de trombeta; infra um tocador de psalterio; outro com viola.

96. Tocador de clarinete, dama de touca alta; scena de caça ao urso; esgrimistas de montante, em posições bem apanhadas.

99 v.<sup>o</sup> Infra; outros esgrimistas de montante.

100. Homem com orgão; um rei (David) tocando harpa. Tocador de viola. Infra. tres figuras discutindo.

115. Monjas resando nos seus livros.

146. Guerreiro montando um molosso.

### HORAS DE NOSSA SENHORA

Codice de pequenas dimensões, em pergaminho. Encadernação em carneira escura ornamentada com ferros finos, tarja de entrelaces, e xadrez ao centro. Resta um fecho completo. Dimensões 94 × 69 millímetros. Foi agora numerado, tem 209 folhas. Soffreu muitos cortes, logo no principio faltam duas folhas. Foi muito aparado ou cortado pelo encadernador, principalmente á cabeça; as margens lateral e superior desappareceram; em certos pontos a illuminura foi attingida pelo corte; o texto ficou completo.

Tem iniciaes, algumas folhas tarjadas sobre fundo dourado;

restam quatro estampas, ou paginas inteiras illuminadas. Alguem em tempos estudou o pequenino codice, marcou as faltas num papel que foi collado no fim.

1. É a folha de guarda; tem escripto da *rainha*, e a assignatura fr. *Luis de S. Thiago*. A *rainha* era D. Leonor; o livrinho veio da Madre de Deus (Xabregas) para a Imprensa Nacional segundo parece.

Entre as folhas 1 e 2 da numeração actual vê-se que foram cortadas duas folhas.

2. Orações a S. Francisco.

4. Começa o calendario que segue completo até fol. 14 v.º Tintas preta e vermelha.

15. Tarja illuminada sobre fundo dourado, flores, insectos, um caracol.

O miniaturista deste livro sympathisava com os caracoos, ha bastantes e variados nas diversas illuminuras. As flores são as usadas na escola de illuminura flamenga, a rosa, o cravo, a ausencia, a violeta, o amor perfeito, a açucena, a ervilha.

Nas inciaes ha folhagens estilizadas com elegancia. Na folha 15 a inicial é um D, em ouro sobre fundo escuro.

31. Tarja, inicial.

43. Tarja, inicial. Flores, insectos e aves.

48. Tarja illuminada. Um cachorro bem desenhado.

57. Na tarja apparece um pavão.

62 v.º *Estampa*. Os santos innocentes.

62 e 71. Tarjas.

77. Na tarja outro pavão.

86. Na tarja um macaco tocando psalterio.

98. Iniciaes douradas.

108 v.º *Estampa*. A resurreição de Lazaro.

109. Na tarja, duas caveiras.

151 e 153. Tarjas.

160. Na tarja vê se um mono de capuz sobre um livro de musica.

166 v.º *Estampa*. N. S.<sup>a</sup> e o Menino, entre anjos.

167. Tarjada; cabeça mitrada sahindo de um caracol.

179. Pagina de tarja incompleta. Vinheta. A Virgem com Jesus morto.

186 v.º Vinheta. S. Christovão.

188 v.º *Estampa*. A Virgem e Sant'Anna. O espirito santo.

189. Pagina tarjada. Vinheta. Santa Clara.

190. Vinheta. Santa Barbara.

192. Outra lettra e diversa ornamentação. Iniciaes de que partem linhas onduladas. Este estilo vae até pagina 196 v.<sup>o</sup>
197. Em branco.
198. Outra lettra; iniciaes singelas sem dourados.
201. Ladainha.
- 202 v.<sup>o</sup> Termina a ladainha, com esta phrase em português:  
— Em a fin se diga hũa auemaria pollo escriuão. —
- 203 e 204. Em branco.
205. Outra lettra: — Os misterios da coroa de nosa señoira são estes. —
- 206 a 209. Em branco.

### VIDA DE SANTA BARBARA

Codice mss. em papel, encadernado em pergaminho branco.

Dimensões 20 × 14 centímetros. Filetes dourados na capa; a meio desta pequeno ornato circular dourado com as letras I H S. No verso da capa outro pequeno ornato dourado com a cruz, a lança e a esponja.

Na lombada: *Vida de S.<sup>ta</sup> Barbara*. Na capa: *Comunidade da M.<sup>e</sup> de Deos*. Dourado sobre folhas, com ornatos. Na folha de guarda a assign. *Fr. Luís de S. Tiago*. 170 fls. in-4.<sup>o</sup>

No verso do ante rosto: *Ao lector*:

*Desta vida amorosa e seus tormentos  
Vê o que a Musa triste tem cantado*  
.....

No rosto: *Vida miracvlosa e insigne Martirio de Sácta Barbara em ortava Ryma repartida em qvatro cantos*.

A fl. 2. *Epistola á reverendissima Madre Soror Bernardina da transfiguração abbadessa do insigne Mosteiro da Madre de Deos de Lisboa...* Lisboa oje 3 de dezembro de 1583.

Segue uma folha em pergaminho com duas illuminuras representando *Santa Barbara em oração*, e a *Degolação da santa*. E seguem os versos; os quatro cantos precedidos de explicações em prosa.

## LUIZ CARLOS REBELLO TRINDADE

(Subsidios para a sua biographia)

Luiz Carlos Rebello Trindade, que em Lisboa nasceu aos 7 de Setembro de 1834 e na mesma cidade falleceu em 8 de Setembro de 1909, foi um dos meus professores, — Professor do curso de Numismatica instituido na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

José Gomes Goes, — o erudito funcionario da mesma Bibliotheca, erudito valiosissimo que muito e muito auxiliou nas suas investigações historicas e nas suas publicações diplomaticas o Conselheiro José da Silva Mendes Leal, — José Gomes Goes, parlando uma vez commigo na sua insinuante familiaridade, suscitou-me a idéa de concorrer a um logar de Conservador, quando algum na Bibliotheca Nacional vagasse.

Exigiam-se nesse tempo, como indispensaveis para habilitação áquelle concurso de provas públicas, conhecimentos de Numismatica assim como tambem de Paleographia e Diplomatica, adquiriveis nas respectivas aulas da Bibliotheca Nacional de Lisboa e do Archivo Nacional da Torre do Tombo.

O Decreto que em 24 de Julho de 1885 reformou os serviços da Bibliotheca Nacional (Decreto publicado no *Diario do Governo* de 30 do referido mez) marcava para o concurso aos logares de Segundo-Conservador (unica porta por onde eu poderia penetrar no indicado instituto) o seguinte programma (Art. 50.º do Regulamento annexo):

«Os logares de segundos conservadores são providos em concurso publico por provas oraes e escriptas entre os candidatos que, alem das condições geraes exigidas para os empregos do estado, tenham as seguintes habilitações:

«1.ª Carta de approvação em algum curso de instrução superior;



*Louis Charles Rebelto Trinidad*



«2.<sup>a</sup> Documento de approvação nos cursos das aulas de paleographia e numismatica;

«3.<sup>a</sup> Certidão de curso completo de lingua latina e lingua grega e de alguma das linguas ingleza e allemã.

«As provas para o provimento d'estes logares consistem:

«1.<sup>o</sup> Em fallar correcta e correntemente a lingua franceza;

«2.<sup>o</sup> Em traduzir vocalmente e por escripto alguns trechos tirados á sorte, no acto do concurso, de auctores latinos e gregos;

«3.<sup>o</sup> Em classificar methodicamente os livros que forem designados por sorte no acto do concurso, e ler um manuscrito antigo (seculo. . .);

«4.<sup>o</sup> Em responder ás perguntas que devem ser feitas sobre classificação e bibliographia, durante uma hora, a cada candidato».

O Art. 51.<sup>o</sup> do citado Regulamento preceituava assim a organização do jury para avaliação das provas:

«As provas para o provimento do logar de segundo conservador são feitas perante um jury composto de todos os empregados da bibliotheca em effectivo serviço, que tenham gradação superior ou igual á do logar vago, e do official-maior da Torre do Tombo».

Na propria ascensão de Segundo-Conservador a Primeiro-Conservador exigia igualmente o Decreto supra mencionado que se procedesse a concurso de provas públicas, concurso em que se tornava indispensavel possuir bons conhecimentos de Numismatica, segundo estabelecia do supradito diploma o artigo seguinte (Art. 49.<sup>o</sup> do Regulamento):

«Os logares dos primeiros conservadores são providos por concurso de entre os segundos conservadores da bibliotheca.

«As provas do concurso consistem:

«1.<sup>o</sup> Em uma lição de huma hora sobre um ponto de numismatica tirado á sorte quarenta e oito horas antes;

«2.<sup>o</sup> Em uma dissertação impressa sobre um ponto de numismatica escolhido livremente pelos candidatos de entre as questões mais importantes d'esta disciplina;

«3.<sup>o</sup> Em interrogações sobre o objecto da lição e da dissertação, e na classificação das moedas que forem apresentadas no acto do concurso;

«4.<sup>o</sup> Em uma prova escripta sobre ponto tirado á sorte e

accommodado á categoria do logar de conservador e á natureza dos serviços que lhe pertencem».

Sobre a formação do respectivo jury nos concursos para preenchimento das vagas de Primeiros-Conservadores, era ainda no citado Art. 51.º que se encontravam disposições:

«O jury para o provimento do logar de primeiro conservador compõe-se com os empregados da bibliotheca que estejam em effectivo serviço e sejam de gradação superior ou igual á do logar vago, e de tantos vogaes da secção de litteratura e archeologia da academia real das sciencias quantos sejam necesarios para constituir o jury com cinco vogaes».

Tive, por consequencia, de matricular-me nas aulas que deixo especificadas.

A regencia da cadeira de Numismatica achava-se nesse tempo confiada a Luiz Carlos Rebello Trindade, depois de haver sido successivamente desimpenhada com magistral esmero por Francisco Martins de Andrade e José Gomes Goes.

Foi então que estabeleci relações pessoaes com Rebello Trindade, ao passo que d'elle recebia licções, — e a sua affeição para commigo e a sua generosa benevolencia manifestaram-se com assignalado favor, no honroso documento em que, ao finalizar do curso, lhe aprouve distinguir-me, precedendo despacho do Primeiro-Conservador Francisco Casassa que ao tempo exercia interinamente as funcções de Bibliothecario-Mór da Bibliotheca Nacional de Lisboa no impedimento do respectivo titular:

«Luiz Carlos Rebello Trindade, 2.º Conservador da 1.ª Repartição da Bibliotheca Nacional de Lisboa, e professor interino do curso de numismatica

«Certifico em virtude do despacho supra, que o Dr. Xavier da Cunha, matriculado em Outubro de 1884 no curso de numismatica annexo a esta bibliotheca, foi constantemente assiduo ás prelecções, e durante os dois annos do curso deu exuberantes provas de applicação e aproveitamento, devido á sua apurada intelligencia e não vulgar illustração. Bibliotheca Nacional de Lisboa 9 de Julho de 1886 (*Logar occupado pelo sello branco da Bibliotheca*). Luiz Carlos Rebello Trindade» (*assignatura sobre um sello-estampilha de 80 réis*).

A insistencia, com que o Regulamento naquelle tempo exigia,

para concursos da Bibliotheca, especiaes conhecimentos de Numismatica, induziu-me inclusivamente, já depois de nomeado Segundo-Conservador d'aquelle instituto, a repetir (para tirocinios practicos) no biennio lectivo de 1886 a 1888, como alumno matriculado, a frequencia do respectivo curso. Nessa frequencia tive successivamente dois mestres: — no primeiro anno (1886 a 1887), o insigne Conservador José Ramos-Coelho (então encarregado da secção de Manuskriptos e Antiquidades); e no segundo anno (1887 a 1888), em consequencia de ter ido á Italia o sobredito Ramos-Coelho para colhêr no Archivo de Milão documentos indispensaveis á sua monumental *Historia do Infante D. Duarte*, no segundo anno o mesmo Rebello Trindade que no biennio anterior me leccionára.

Por commum accôrdo com os dois professores a minha frequencia de repetente logrou a fortuna de especialmente circumscrever-se a estudos practicos, no Museu Numismatico, — e nessa frequencia, ao concluir do biennio, me proporcionou Rebello Trindade nova demonstração da sua benevolencia, pois que só a benevolencia muita e muita (sem falsa modestia e lealmente o confesso) fiquei devendo o captivante documento que em seguida transcrevo (e que transcrevo, não por vaidade, mas por sincera homenagem de gratidão aos generosos sentimentos de quem por sua letra o redigiu):

«Luís Carlos Rebello Trindade, Conservador Inspector das Bibliothecas Publicas, Professor interino da Aula de Numismatica, &c.<sup>a</sup>

«Certifico que o Sr. Dr. Xavier da Cunha frequentou com assiduidade e notavel aproveitamento a Aula de Numismatica nos annos lectivos de 1886 a 1888, e por ser verdade, e em virtude do despacho acima (\*), passei a presente que assigno. Bibliotheca Nacional de Lisboa 4 de Agosto de 1888. Luís Carlos Rebello Trindade». (Vem a assignatura sobre um sello-estampilha de 80 réis, e authenticada a certidão com o sello branco da Inspeção Geral das Bibliothecas e Archivos Publicos).

Esses penhorantes favores que lhe devi como discipulo, igualmente lh'os reconheço com profundo agradecimento á sua memoria, em referencia á esphera branca de que lhe fui devedor

---

(\*) Refere-se Rebello Trindade ao despacho posto, no meu requerimento, pelo Inspector Geral das Bibliothecas e Archivos.

na votação unanime com que o jury me distinguiu por occasião do meu concurso ao logar de Segundo-Conservador da Bibliotheca, — jury que, sob a presidencia do Bibliothecario-Mór, teve por vogaes constituintes: — o Conselheiro Antonio José Viale e Francisco Casassa (Primeiros-Conservadores da Bibliotheca); Luiz Carlos Rebello Trindade, José Ramos-Coelho, e o Visconde de Castilho (Segundos-Conservadores); José Manuel da Costa Basto (Official-Maior do Archivo Nacional da Torre-do-Tombo, Lente de Paleographia e Diplomatica, meu bopdoso Mestre que fôra nessas disciplinas em 1885 a 1886).

Mas. . . não tratêmos de mim; tratêmos do meu biographado.

\*

\* \*

Rebello Trindade, que em Numismatica fôra discipulo do proficientissimo Francisco Martins de Andrade (o illustre Professor que tão luminosa memoria deixou dos seus relevantes serviços prestados á Bibliotheca Nacional), Rebello Trindade tinha sollicitamente acompanhado o Mestre, durante longos annos, em seus utilissimos labores, — labores que sobremodo ficaram attestando a competencia altissima de que era dotado.

E já'gora permitta-se-me, em guisa de parenthesis, dizer aqui duas palavras ácêrca do inclito funcionario.

Francisco Martins de Andrade, — que por Decreto de 31 de Agosto de 1836 intrára como Official Supra-numerario da Bibliotheca, especialmente encarregado do Gabinete de Antiguidades e Numismatica, na expectativa de ser promovido a Conservador quando esse cargo viesse a vagar, e quando pelos serviços prestados se mostrasse digno de tal cargo occupar (são estes os termos em que se exprime o registo no antigo Cartorio da Bibliotheca), — Francisco Martins de Andrade foi nomeado Conservador-Ajudante por Decreto de 7 de Dezembro do anno supra-citado.

E em Portaria do Ministerio do Reino, passada aos 19 de Dezembro de 1844, foi-lhe confiado o incargo de reger gratuitamente na Bibliotheca Nacional um curso publico de Numismatica.

Em Portaria do referido Ministerio, datada aos 31 de Agosto de 1846, foi-lhe mandada abonar, pelas suas tarefas como prelector de Numismatica, a gratificação de 10\$000 réis mensaes, gratificação adicional ao ordenado que então percebia de 360\$000 réis annualmente.

E por Decreto de 25 de Dezembro de 1855 ficou definitivamente nomeado Professor da cadeira de Numismatica, officialmente creada na Bibliotheca Nacional por Carta de Lei de 19 de Julho d'aquelle mesmo anno.

Tal Carta de Lei, publicada no *Diario do Governo* de 25 de Julho de 1855, é por esta fórma :

«Dom Fernando, Rei Regente dos Reinos de Portugal, Alvarques, etc., em Nome de El-Rei, Fazemos saber a todos os subditos de Sua Magestade, que as Côrtes geraes decretaram, e Nós Queremos a Lei seguinte :

«Artigo 1.º É creada uma Cadeira de Numismatica na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

«Art. 2.º A Cadeira, de que tracta o artigo antecedente, será regida por um empregado da mesma Bibliotheca, que tenha a necessaria aptidão, e vencerá por este serviço a gratificação annual de duzentos mil réis, ficando immediatamente sujeita ao Conselho Superior de Instrução Publica na parte litteraria, e ao Bibliothecario-mór no que respeita á parte economica.

«Art. 3.º São obrigados a assistir a um curso inteiro das lições desta Cadeira todos os officiaes ajudantes da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

«Art. 4.º Para ser admittido á matricula nesta aula é necessario ter obtido approvação, em escolas publicas, de lingua latina, e de geographia, chronologia e historia.

«Art. 5.º Decorridos três annos depois do definitivo estabelecimento da Cadeira, nenhum individuo poderá concorrer á opposição a logares litterarios da Bibliotheca sem prova de haver frequentado com aproveitamento as lições della.

«Art. 6.º Depois do prazo marcado no artigo antecedente, a frequencia da Cadeira de Numismatica será motivo de preferencia para o provimento das Cadeiras de Historia de todos os Lyceus, dos logares litterarios de quaesquer Bibliothecas publicas, e dos de Official do Archivo da Torre do Tombo.

«Art. 7.º O Governo mandará coordenar um Compendio

para o estudo das disciplinas desta Cadeira, assim como os Regulamentos especiaes que forem necessarios para promover a cultura deste ramo de estudos.

«Art. 8.º Fica revogada a legislação em contrario.

«Mandamos, portanto, a todas as auctoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram, e façam cumprir e guardar, tão inteiramente como nella se contém. O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Paço de Cintra, aos dezenove de Julho de mil oitocentos cincoenta e cinco. = Rei, Regente, com rubrica e guarda. = Rodrigo da Fonseca Magalhães. = Logar do sello grande das Armas Reaes.

«Carta de Lei, pela qual Vossa Magestade, Tendo Sancionado o Decreto das Côrtes geraes de treze de Julho de mil oitocentos cincoenta e cinco, pelo qual é creada uma Cadeira de Numismatica na Bibliotheca Nacional de Lisboa, Manda cumprir e guardar o mesmo Decreto, pela fórma retrò declarada. = Para Vossa Magestade ver. = Anselmo Francisco da Silva Franco Junior a fez».

O programma adoptado nas prelecções da Cadeira fundada pela Carta de Lei, cujo texto acabo de transcrever, versava de preferencia (por attender á sua importancia primacial) os assumptos da Numismatica Antiga, especialmente da Romana e ainda tambem da Grega.

E foi nesse campo que Rebello Trindade apaixonadamente se adextrou, guiado por Martins de Andrade, o qual, se não chegou a publicar o «Compendio» estatuido no Art. 7.º da supradita Carta de Lei, certo é que manuscriptamente elaborou as lições respectivas, — lições de que, por seu moto proprio, fez imprimir as seis primeiras em seis Numeros do periodico lisbonense *A Opinião*.

Acêrca d'esse trabalho diz o bibliographo Innocencio no *Diccionario Bibliographico Prtuguez* (Tom. III — pag. 5): — «*Rudimentos de numismatica grega e romana*. 1858. — São apenas seis lições, que fazem parte do *Compendio* ainda inedito, que o auctor conserva em seu poder».

Mas o bibliographo esqueceu se de citar os Numeros do jornal em que taes lições appareceram publicadas. Cuido portanto que prestarei serviço aos estudiosos, pougando-lhes tempo e trabalho nas investigações, se lhes indicar (como realmente

passo a fazer) os Numeros em que as mencionadas licções se acham estampadas :

*Lição I. Utilidade e importancia da Numismatica* (N.º 536 d'A *Opinião* — Lisboa, 9 de Outubro de 1858).

*Lição II. (Sem titulo declarado) Origem da moeda* (N.º 536 do citado jornal — Lisboa, 19 de Outubro de 1858).

*Lição III. Nomes das moedas e medalhas antigas em geral e em particular* (N.º 560 d'A *Opinião* — Lisboa, 7 de Novembro de 1858).

*Lição IV. Termos empregados na Numismatica* (N.º 575 d'A *Opinião* — Lisboa, 25 de Novembro de 1858).

*Lição V. Epocas e limites chronologicos e geographicos da Numismatica grega* (N.º 636 d'A *Opinião* — Lisboa, 11 de Fevereiro de 1859).

*Lição VI. Epoca da introdução da arte monetaria em Roma e do seu desenvolvimento successivo* (N.º 675 d'A *Opinião* — Lisboa, 21 de Março de 1859).

No mesmo periodico — *A Opinião* — fez tambem Martins de Andrade publicar, subscrevendo-os com a inicial *A.* do seu appellido, oito artigos subordinados ao titulo geral de *Breves considerações acerca de alguns pontos da Numaria Portuguesa*, — artigos que em seguida especifico :

*I. Do Aureo* (N.º 312 d'A *Opinião* — Lisboa, 6 de Janeiro de 1858).

*II. Dos Modios* (artigo que talvez devesse melhor intitular-se «*Dos Modios e Bragaes*») (N.º 316 d'A *Opinião* — Lisboa, 12 de Janeiro de 1858).

*III. Dos Methaes, Metales, ou Numos Aureos* (N.º 319 d'A *Opinião* — Lisboa, 15 de Janeiro de 1858).

*IV. Dos Pesantes e Frisantes* (N.º 327 d'A *Opinião* — Lisboa, 26 de Janeiro de 1858).

*V. Dos Mozmodis ou Mozmondis* (N.º 341 d'A *Opinião* — Lisboa, 12 de Fevereiro de 1858).

*VI. Do Talento ou Libra de ouro* (N.º 364 d'A *Opinião* — Lisboa, 12 de Março de 1858).

*VII. Do Maravedi* (N.º 408 d'A *Opinião* — Lisboa, 6 de Maio de 1858).

*VIII. Cunharia ou não moeda o sr. Conde D. Henrique?* (N.º 472 d'A *Opinião* — Lisboa, 27 de Julho de 1858).

\*

\*

\*

Simultaneamente com as prelecções de Numismatica, Martins de Andrade lograra despertar em Rebello Trindade (primeiramente seu discipulo, e depois na Bibliotheca seu collega auxiliar) intranhado interêsse pelos assumptos archeologicos, — interêsse de que nos proporcionam boa noticia varios artigos publicados no jornal *A Opinião*.

E porque tal periodico deve hoje constituir uma especie rarissima, — tão rara que talvez d'ella não exista outro exemplar completo além das collecções existentes na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e na Real Bibliotheca Pública Municipal do Porto, — aqui me aprez transcrever, em proveito dos estudiosos, os artigos a que me refiro.

Mostram elles mais um lado sympathico por que se nos recommenda a memoria de Rebello Trindade.

Eis a noticia que se lê no N.º 637 do mencionado jornal *A Opinião* (Lisboa, 12 de Fevereiro de 1859):

«Vestigios de Antiquidades Romanas. — Na excavação feita para se assentar o cano que se está abrindo na Rua dos Retrozeiros, appareceram vestigios de algumas edificações romanas, que teem chamado a attenção dos archeologos, por serem restos de monumentos, cuja existencia naquelle sitio não é duvidosa, e se acha provada por documentos de inteira confiança.

«No quarteirão que fica entre a Rua do Arco do Bandeira e a Rua Augusta, do lado direito da excavação, via-se a base d'um monumento romano, cuja natureza não pode classificar-se, porque o progresso nos trabalhos obstou ás necessarias pesquisas. Tem este monumento trinta palmos de comprimento e oito de altura aproximadamente, e é composto d'aquella singular argilla que ainda até hoje não pode ser bem imitada apezar dos grandes esforços dos Fleuret, Faye e outros eminentes sabios e artistas.

«No lanço que vai da Travessa da Palha á Rua da Prata, descobriu-se uma especie de claraboia formada por quatro corpos

de urgeiro (grez calcareo) e continuada por tijolos de fabrico romano, objecto que reputámos ser o respiradouro de um cano conductor alli mesmo descoberto, tendo na maior largura tres palmos e meio, e na menor onze pollegadas, pertencente aos Banhos Romanos de que havia noticia existirem naquella localidade, e dos quaes se descobriu tambem agora uma parte da parede do mesmo edificio, que olhava para o norte, e de que ainda não havia noticia.

«A planta d'estes banhos existe felizmente, posto que incompleta, e é devida ás sabias providencias do immortal Marquez de Pombal.

«De alguns apontamentos que possuimos, posteriores ao terramoto de 1755, consta que, na edificação de um palacio situado na Rua das Pedras Negras, se descobrira grande parte d'este mesmo edificio, que já então se julgou ser de grande extensão, porquanto correndo d'aquelle logar quasi trezentos passos para a parte do meiodia até á Rua Bella da Rainha, e defronte da Igreja de Santa Maria Magdalena, trabalhando-se para abrir alicerces de algumas casas de pessoas particulares se descobriam muitos nichos ou tanques, e junto a estes a seguinte inscripção:

SACRUM  
AESCVLAPIO  
M. AFRANIUS EUBOROENSIS  
ET  
L. FABIUS DAPHNUS  
A. V. G.  
MUNICIPIO D.

*«(Memoria consagrada a Esculapio. Marco Afranio Ebo-  
roense e Lucio Fabio Daphno no Augusto Municipio dedicaram  
este padrão).*

«Os nichos de que falámos, eram outros tantos banhos com essa configuração, que era a usada em semelhantes estabelecimentos.

«A descripção das antigas descobertas, é resumidamente a seguinte: achou-se um banho (na Rua das Pedras Negras) de figura redonda servindo-lhe de remate o segmento de uma ellipse, tendo de altura quarenta e cinco palmos, de largura vinte e dois, e a base doze de grossura. N'esta base havia um

tanque de dez palmos de altura, cuja fórma era um segmento de circulo, e ficava comprehendido entre o semi-circulo do banho e uma parede externa que no lado opposto fechava a boca do arco. Na parede no meio do tanque, viam-se vestigios de um assento, e ao pé o cano por onde a agua sahia para o tanque, tudo fabricado de argilla. A parede era flanqueada por escadas de pedra de cinco degraus.

«No espaço do banho que não era occupado pelo tanque, havia na parede um nicho pequeno, onde se achou uma estatua de marmore branco figurando um general ou imperador romano; por cima d'este nicho, na distancia de cinco palmos, via-se um tijolo vermelho contendo a seguinte inscripção :

THERMAE CASSIORUM  
RENOVATAE A SOLO JUXTA JUSSIONEM  
NUMERII ALBANI V. C. P. P. J.  
CURANTE AUR. FIRMO  
NEPOTIANO ET FACUNDO CONSS.

— «*Thermas dos Cassios renovadas desde o fundamento segundo a ordem de Numerio Albano, Varão Consular Pae da Patria, Illustre, sendo inspector da obra Aurelio Firmo e Consules Nepotiano e Facundo*).

«Aos lados nascente e poente, e contiguos ao banho grande, havia dois mais pequenos da mesma configuração, feitos de pedra grosseira, e os tanques sem vestigios de assentos.

«A entrada para os banhos era por uma porta pequena practicada em uma parede exterior que parecia, segundo os indicios da epoca dos apontamentos que possuímos, separar do publico toda a fabrica ou edificio. O que naquella epoca julgavam a respeito d'esta parede exterior, parece confirmar-se com a noticia que já démos da parede achada entre a Travessa da Palha e Rua da Prata.

«Não só os materiaes que compõem esta parede, como os que compõem os mais objectos achados, são em tudo identicos á descripção dos que foram achados nas anteriores excavações.

«É bem clara a vantagem que se tira d'estas indagações, pois, além de se completarem os trabalhos de muitos estudiosos, augmentam-se os dados para a historia do paiz.

«Na proximidade das excavações que se teem feito, para o lado da Igreja de S. Julião, existiu, segundo consta, um templo

de Esculapio; e, se os trabalhos continuarem naquella direcção, é natural que se façam importantes descobertas.

«Lançámos aqui estes apontamentos, que serão seguidos por outros que mais tarde darão um trabalho porventura mais completo.

«*L. Trindade*».

Em cumprimento da primeira parte da promessa exarada no derradeiro paragrapho supra-transcripto, Rebello Trindade publicou logo no dia seguinte (N.º 638 d' *A Opinião* — Lisboa, 13 de Fevereiro de 1859) a noticia que passo a copiar:

«Vestígios de Antiquidades Romanas. — Em seguimento ás noticias publicadas hontem, diremos que o cano pertencente á clarabóia de que fizemos menção era o desaguadouro de um banho, cujo pavimento era revestido de marmores de diferentes côres, assentes sobre uma camada d'argilla vermelha.

«O cano partia dos alicerces da propriedade do lado direito da excavação, e formando um angulo corria em escoante para os alicerces da mesma propriedade.

«Extrahindo-se o lodo que continha este cano, achou-se um vaso de barro cozido, cuja epoca e uso não classificámos por emquanto, lamentando desde já o mau methodo com que foi extrahido, e que deu em resultado sahir em bocados, provavelmente sem se lhe terem tirado as dimensões antes de emprender extrahil-o como se costuma fazer em pesquisas d'esta ordem.

«Hoje á ultima hora descobriu-se um outro cano paralelo ao que fica descripto, porém em maior profundidade, tendo seis palmos de altura, e tres de largura aproximadamente, com agua limpida até á altura de tres palmos, cuja extensão e ramificações não podemos por ora designar; communica este cano com um poço que ha na escada n.º de uma propriedade da Rua da Prata.

«Para que nada fique por considerar devemos fazer menção de uma estacada que se encontrou entre a Rua Augusta e Travessa da Palha, sustentando parte do alicerce de uma edificação de epoca muito posterior áquellas que temos mencionado, pela natureza dos objectos que compõem a estacaria e da materia do indicado alicerce.

«Esperámos que não sejam só estes os unicos importantes

que teremos de mencionar, pois não faltam indícios de novas descobertas.

«L. Trindade».

Passados dias, em 21 de Fevereiro, elaborou Rebello Trindade uma nova comunicação, que sahiu publicada no N.º 646 do mencionado periodico (Lisboa, 23 de Fevereiro de 1859):

«Vestigios de Antiguidades Romanas. — É empresa sempre difficil intentar descrever monumentos descobertos em pequena parte, e ácerca dos quaes só existem fugitivas indicações e deslocados indícios.

«Lisboa possui restos importantes de não poucas edificações romanas soterradas pelos differentes cataclysmos por que ella tem passado. A verdade d'este facto transmittido pela historia é authenticada pelo testemunho de pessoas muito competentes que tiveram occasião de a verificar, quando depois do terramoto de 1755 se lançaram os fundamentos para a reedificação da cidade. Infelizmente porém andam estes documentos por tal fórma dispersos, ignorados e incompletos, que pouco ajudam as presentes indagações.

«O que devia fazer-se era descrever o mais exactamente possivel o que apparece, ou o que a vista e as experiencias podem dar; depois comparar os objectos apparecidos com as plantas e edificios que os antigos construiam, juntamente com os materiaes de que usavam, a direcção que tinham, e o uso que d'elles faziam: parte d'estas comparações são difficeis no caso presente.

«Mas se, ao que pudémos concluir do que temos á vista e do nosso estudo, viesse em auxilio o que alguns nossos compatriotas teem escripto, não só d'outros monumentos mas segundo parece d'este tambem, mais completo e proveitoso seria o trabalho para a sciencia.

«Como promettemos dar relação do que fosse apparecendo, vamos continuar, pedindo indulgencia para alguma mudança que tenhamos de fazer nas idéas que avançámos, pois eram simples conjecturas, e não descereamos a certas particularidades, pois serão objecto de um relatorio official que o publico terá occasião de ler.

«Estão ainda hoje patentes dois grandes depositos d'agua, sendo um aquelle cano de que já fizemos menção, e que dissémos

conter agua, o que se observa tambem no segundo. A direcção d'estes depositos é de norte a sul.

«Depois da descoberta d'este segundo deposito, mais largo e espaçoso que o primeiro, todos os intendidos na sciencia reconheceram a necessidade que havia de se empregarem os meios precisos para a exploração dos subterraneos, e a Ex.<sup>ma</sup> Camara Municipal veiu espontaneamente secundar os desejos de muitos, fazendo conduzir para o local uma pequena canôa adequada a similhantes fins.

«Foram desde logo visitados os depositos pelo mestre geral das obras e outros, por desenhadores, engenheiros, membros da Ex.<sup>ma</sup> Camara Municipal, e por muitas pessoas cuja curiosidade se tem despertado com estes e outros apparatus.

«No dia 19 do corrente desceram ao deposito tres empregados da Secção de Antignidades da Bibliotheca Nacional, delegados pelo Bibliothecario-mór da mesma Bibliotheca, como encarregado da inspecção e conservação de todos os monumentos descobertos no paiz.

«Esta commissão, de que faziamos parte, começou a sua exploração entrando pela galeria mais larga do deposito, que se acha descoberta, medindo pouco mais ou menos 22 metros de extensão; no topo d'esta galeria encontraram-se vestigios de communicações interrompidas parte por entulho e parte por parede de pedra solta; vêem-se em distancias iguaes dois arcos sobre pilares, formados na parte inferior de silhares lizos e rusticos, encostados á parede servindo para travar as abobadas. Nesta galeria ha tres communicações lateraes: deixando as extremas por causa da altura da agua, entrámos pela central, achando-nos em outras duas parallelas á primeira, e cuja extensão é de 10 metros; entrámos depois em outra galeria tambem parallela ás outras contando 20 metros de extensão; na abobada d'esta galeria vê-se o buraco do poço chamado «das aguas santas», vendo-se iguaes claraboias ou bocas nas primeiras por que passámos. Acharam-se mais algumas communicações de tal modo obstruidas pela agua, que se tornava impossivel o analysál-as. Em todas as galerias vêem-se grandes silhares, e em uma d'ellas acha-se um de notavel dimensão. Voltando depois pelo mesmo caminho, sahimos do deposito, terminando por agora as nossas explorações.

«Vendo a Ex.<sup>ma</sup> Camara Municipal que por causa da muita quantidade d'agua não podiam fazer-se completas pesquisas, ordenou que algumas bombas procurassem esgotar em parte

o deposito, para depois se continuar em tão preciosas indagações.

«Tem-se conhecido, pela grande quantidade d'agua, que as bombas extrahem desde hontem (20), que a empresa não é difficil; e, segundo a nossa opinião, logo que se chegou a penetrar pela ultima das communicações lateraes que se observam na ultima das galerias que descrevemos, voltando para a direita, deve encontrar-se um deposito mais profundo, onde se ha-de resolver a questão da procedencia da agua.

«Para se poder ir mais ávante nos trabalhos que temos entre mãos, era necessario fazer excavações no lado para onde se devia prolongar o edificio, sendo natural que esse trabalho, além d'outros importantes resultados, dêsse o de se saber com exactidão d'onde vem uma tão grande quantidade d'agua.

«*L. Trindade*».

Segue-se no N.º 648 d'*A Opinião* (Lisboa, 25 de Fevereiro) a communicação que passo a transcrever:

«Vestigios de Antiguidades Romanas». — Como dissémos no nosso ultimo artigo, quatro bombas trabalhavam para esgotar o grande deposito d'agua que tem chamado a attenção geral. Na segunda feira (21) ás nove horas da noute, podendo-se, segundo a opinião do sr. Antonio dos Santos, mestre geral das obras, tentar a descida ao deposito, munidos de botas chamadas «d'agua», desceu um desenhador com alguns trabalhadores, por parte da Camara Municipal, e nós com o mestre Manuel Leitão, por parte da Bibliotheca Nacional.

«O lodo, logo á entrada, tinha bastante altura, tornando por isso bastante difficil a exploração por causa das pedras e mais entulho que occultava; a temperatura era mais quente do que ao ar livre; as luzes não soffrem alteração, dando as vélas que levavamos sufficiente claridade.

«Começámos a caminhar, sondando o pavimento, pelas vastas abobadas que se nos iam offerecendo á vista, analysando os materiaes de que se compunham (grez calcareo e argamassa), e procurando vencer os obstaculos que encontravamos, como ruinas de paredes de construcção moderna no centro das edificações antigas, baldes de todos os feitios, de que se encontrou grande

numero, vendo-se um grando monte d'elles no meio de uma das galerias.

«Nos topos dos corredores viam-se grandes porções de uma materia alvacenta, residuos dos componentes da agua; por baixo de cada claraboia ou boca de poço havia alturas compostas de objectos que d'alli cahiam; algumas communicações achavam-se tapadas, umas com pedra solta, e outras com entulho.

«Bastante penosa se tornou a exploração quando, caminhando para o lado da Rua da Prata, nos achámos com maior altura de agua, e penetrando em alguns corredores estreitos e baixos até chegar a uma especie de tanque, cuja unica communicação é um corredor de meia altura da abobada, e de tres palmos de largo, formando degrau: descendo para este tanque, achámos grande altura d'agua, sendo necessario caminhar mansamente para que ella não entrasse pelo alto da bota.

«Penetrámos assim em todas as communicações e galerias que a planta apresenta, que são no numero de quinze, e, apesar das difficuldades que tivemos a vencer, damos estas por bem empregadas, pois gosámos de um espectaculo bastante imponente, qual o das luzes que corriam em todos os sentidos, quaes fogos errantes ou meteoros, reflectindo-se na agua; vozes, que sahiam das bocas dos poços, soavam com um echo formidavel; o clarão dos archotes nas entradas das galerias onde trabalhavam as bombas, dando ás aguas um colorido vermelho, juntamente com o bater monotomo dos braços das machinas, todo este conjunto formava uma scena digna de admirar-se.

«Temos a dar uma noticia de muita importancia, que vem provar com mais evidencia quanto temos avançado, e por esta occasião diremos que, se algumas vezes as indagações e estudos dos archeologos são infructuosos, outras vezes são coroados os seus esforços por satisfactorios resultados. Podia duvidar-se acintosamente de uma inscripção citada, mas não pode haver duvida quando com a inscripção se apresente a pedra que a contém. Esta lapida, onde se lê a inscripção que começa por *Sacrum Aesculapio*, publicada no nosso primeiro artigo (*Opinião* n.º 637), existe na casa fronteira á excavação, pertencente ao sr. Francisco Ferreira Junior, e é por sua indicação e do sr. João Nepomuceno da Cunha, com loja na mesma rua n.º 93 e 94, que tivemos o prazer de a encontrar, dando a estes cavalheiros os agradecimentos devidos ao interesse com que olham tão importantes estudos.

«Bem nos custa o termos tambem que lamentar a pouca

importancia e, diremos mesmo, desprezo com que a generalidade dos nossos compatriotas tractam estes estudos, falando a respeito d'elles só para emitir alguma idéa pouco sensata, provando o nenhum conhecimento que teem dos differentes ramos das sciencias archeologicas; e ainda mais saliente se torna este proceder, sabendo nós de muitos estrangeiros residentes na capital, que teem procurado possuir pedaços dos differentes materiaes de que se compunha a edificação, e indagando se apparece alguma descoberta de que possam conservar uma lembrança palpavel: tal é o respeito que os estrangeiros mostram pela antiguidade, respeito que tem sido sempre companheiro da civilisação, e que ainda esperámos ver nascer entre nós.

«L. Trindade».

Os dois ultimos paragraphos que ora acabo de transcrever, estão claramente denunciando, a quem os ler com attenção, que ao signatario dos artigos sobre *Vestigios de Antiquidades Romanas* se faziam acintosamente, e não raro talvez, criticas desdenhosas, — criticas como ainda hoje é costume partirem dos que, nada produzindo, estão sempre naturalmente dispostos a malsinarem, desvirtuarem, desacreditarem, o lavor honesto de quem trabalha com sinceridade e prestimosamente produz.

Rebello Trindade que naquelle tempo contava apenas 24 annos de idade, e que ainda possuia portanto a ingenuidade natural da juventude, quero crer que extranharia o indecoroso procedimento de taes zoilos, — mas tinha já o sensato criterio de se collocar superior a mofas e doestos. Não lhes respondia.

E, neste proposito, apenas uma vez (que me conste) se intregou ao desfastio de verberar despeitados, publicando no N.º 662 d'A *Opinião* (Lisboa, 15 de Março de 1859) um artigo humoristico, inteiramente alheio a referencias pessoases, mas todo repleto de ironias, — ironias pouco explicaveis para quem não estivesse no segredo especial da questão, mas perfeitamente claras para aquelles a quem as ironias ridiculizantes eram tacitamente dirigidas.

Diz assim o artigo :

«Noticia archeologica. — A França, que até hoje se julgára um dos paizes mais civilizados da Europa e que mais do que nenhum outro tem contribuido para o desenvolvimento das sciencias e

das artes, acaba, como se verá pelo documento que em seguida transcrevemos, de cahir no maior dos ridiculos.

«Pois não se lembrou o governo d'aquelle paiz de entregar-se agora, em pleno seculo dezenove, nesta epoca em que a sciencia profunda e a apuradissima critica se encontram a cada passo, á mania d'antiquario, mandando consultar os livros velhos, estudar a direcção dos caminhos destruidos, as pedras derrocadas, as medalhas, as inscripções e toda a especie de monumentos que se acham espalhados pelo vasto solo da França?!

«Nestas circumstancias, pedimos áquelles dos nossos tão illustrados compatriotas que teem commentado os trabalhos intentados aqui para a averiguação das antiguidades ultimamente descobertas, que, combatendo a idéa do governo francez, o desviem do errado caminho que quer seguir.

«Eis o artigo que se lê na *Presse* de 27 de fevereiro:

«M. Rouland, ministro da instrucção publica, apresentou ultimamente ao imperador um novo relatorio sobre o mappa das Gallias, cuja falta se tornava tão sensivel na nossa archeologia nacional. O ministro diz no relatorio que o adeantamento dos trabalhos é grande ha um anno. Os membros da commissão comprehendem a leitura e analyse de todos os textos dos escriptores antigos, o estudo de todos os itinerarios, das inscripções latinas, das medalhas antigas, e dos documentos ou monumentos de toda a especie que podem fornecer-lhes alguns esclarecimentos.

«A commissão, para representar com mais lucidez o estado do nosso paiz nos tempos primitivos, publicará tres mappas: o primeiro, representando a Gallia celtica até ao fim da conquista de Cesar; o segundo será destinado á epoca romana, e o terceiro á França merovingiana. O local de todos os monumentos druidicos ver-se-ha cuidadosamente indicado no primeiro mappa. Os archeologos devem exultar, e com razão, porque parece fóra de duvida que a collocação e disposição em tal ou tal direcção dos *dolmen*, dos *menhir*, etc., estavam sujeitas a uma lei religiosa que presidia tambem no Egypto á erecção dos obeliscos e pyramides. Por o que temos dito, se vê que o mappa da Celtica servirá para se fazerem interessantes estudos sobre um objecto tão intimamente ligado ao culto dos nossos antepassados.

«As estradas romanas serão notadas com a exactidão possível; cada rio, monte, cidade, villa e campo romano, será representado com o seu nome antigo, seguido do nome mo-

«derno correspondente. Deve ser este um trabalho muitas vezes «escabroso e não poucas arbitrario. Mas a archeologia não é «uma sciencia mathematica, e os seus resultados não teem a «pretensão de serem sempre exactos. Mas nem por isso o mappa «da Gallia deixará de ser um verdadeiro monumento nacional, «que poderá ser successivamente melhorado segundo as des- «cobertas que acaso se fizerem».

«E para que serve tudo isto ???

«L. Trindade».

Com os criticos tolos e malevolos, era assim o modo como Rebello Trindade procedia: ou não lhes dava resposta e lhes voltava as costas, ou se contentava em os ridiculizar com ironias indirectas.

Mas á critica séria, á critica honesta, á critica desapaixonada e conscienciosa, critica inspirada unicamente pelo sentimento scientifico, Rebello Trindade não se esquivava a responder cor-tezmente, sinceramente, acceitando prestes as observações dos censores se nellas reconhecia verdade e sciencia, não encontrando inclusivamente desdouro em receber conselhos e rectificar as-serções proprias quando nessas asserções o convencessem ani-gavelmente de involuntarios lapsos ou nesses conselhos descortinasse um alvitre proveitoso.

Foi o que succedeu quando João Carlos de Almeida Car-valho se dirigiu no N.º 5:086 d'A *Revolução de Setembro* (Lisboa, 12 de Abril de 1859), publicando ali a seguinte com-municação:

«Archeologia. — Sob a epigraphie de *vestigios de antiguidades romanas*, temos visto no jornal *A Opinião* alguns artigos as-signados pelo sr. L. Trindade, e relativos a essas thermas des-truidas e subterradas, ou a esses restos de construcções ro-manas, outra vez entre nós descobertos, por occasião da excavação que na Rua dos Retrozeiros se fez, para o assentamento dos novos canos para a cidade de Lisboa.

«Por amor da sciencia e para que certos pontos de historia se esclareçam, vamos dizer alguma cousa. Mas não se pense que vamos entrar em grande desenvolvimento sobre a achada d'esses restos da antiguidade, tão pouco apreciados por nós, que d'elles possuímos uma boa e riquissima parte. Não ousaremos

alardear erudição que não temos, descrevendo a construcção das thermas romanas, passando em larga revista o seu feitio ou architectura, e descendo á minuciosa comparação das thermas em eras mais remotas, quando então ainda eram tão grosseiras, acanhadas e obscuras, com as dos tempos em que ostentavam tanto brilho e primor. Já não lhes bastavam os marmores de Alexandria e de Thasos que guarneciam esplendidamente suas salas luxuosas; alli tambem sobresalia a elegancia de majestosas columnas, e brilhavam os attractivos de tão bem trabalhadas estatuas, que os cinzeis mais insignes sabiam lavar.

«Mas não podemos deixar de acompanhar o sr. Trindade no seu justo sentimento, vendo o criminoso desprezo com que por ahí são tractadas todas essas antigualhas, que enriquecem o solo lusitano.

«Em verdade, tão veneraveis reliquias mereciam mais o nosso respeito, para não serem tão desapiedadamente maltracadas e esquecidas, com tanto damno da historia e da sciencia, roubando-as assim á util indagação dos homens technicos e competentes, e occultando-as á lição proveitosa que d'ellas receberiam os amadores das cousas passadas, que entre nós teriam boa e preciosa mina, porque tambem nós nos podemos gabar de termos a nossa Lusitania subterranea.

«No entanto vamos já aos pontos principaes, para que pegamos na penna, e são elles as duas inscripções que encontramos estampadas naquelle jornal e sob o n.º 637.

«A primeira está assim :

SACRUM  
AESCULAPIO  
M. AFRANIUS EUBOROENSIS  
ET  
L. FABIUS DAPHNUS  
A. V. G.  
MUNICIPIO D.

«Agora ahí copiamos em seguida a traducção, ou intelligencia que o sr. Trindade deu á inscripção.

*Memoria consagrada a Esculapio. Marco Afranio e Lucio Fabio Daphno ao Augusto Municipio dedicaram este padrao.*

«A inscripção está errada na cópia. porquanto a ultima palavra da terceira linha deve ler-se EVPORIO, que é o que está na pedra, e não EUBOROENSIS, como se acha na inscripção, que vemos no artigo e jornal citados.

«Mas no fim da ultima linha falta tambem um D, parte do qual existe na mesma pedra, onde póde ler-se.

«Ora, se não nos parece exacta a intelligencia dada á inscripção, e se errada está a copia, mais errada é a intelligencia que se lhe dá, porque se attribue ao Municipio de Lisboa o cognome de *Augusto*, cousa inaudita e que nos parece que ainda ninguem vira escripto em livro nem esculpido em lapida alguma. O cognome do Municipio Ulisiponense é *Felicitas Julia*, como diz Plinio, e não consta que tivesse outro: *Municipium Civium Romanorum Olisipo, Felicitas Julia Cognominatum*. E as lapidas encontradas nas excavações de Lisboa são mais uma prova. Vejam se *Marinho, Fund. ant. e grand. de Lisboa*, e o P. Th. Caet. do Bem, Carta acerca de Mon. Rom., e outros.

«Mas o illustrador da inscripção embaraçado talvez sobre o modo de concordar a abreviatura AVG, ou menos reflectidamente como supponmos, concordou-a com MVNICIPIO.

«E, n'um outro artigo posterior, o sr. Trindade diz *que podia duvidar-se de uma inscripção citada, mas que não podia haver duvida quando com a inscripção se apresente a pedra que a contém*. E depois conta-nos como a encontrára.

«No entanto nós diremos que a achada importante, como foi classificada, não apresenta novidade, porque, se o encontro foi novo para s. s.<sup>a</sup>, a existencia da pedra e da inscripção, e o local onde estavam, eram já de ha muito tempo conhecidos de não poucas pessoas.

«A lapida foi achada junto ao edificio subterraneo, descoberto em fevereiro de 1770, na Rua Bella da Rainha, quando se abriram os alicerces para a casa que edificára Manuel José Ribeiro, e depois collocada no sitio onde está.

«O socio da Academia e bem conhecido antiquario, Manuel José Maria da Costa e Sá, nos deixou noticia e copia d'esta inscripção, dizendo-nos que junto ao local onde fôra achada se encontrára uma estatua de Esculapio, que fôra mandada para o Museu da Ajuda. E acrescenta que d'isto se faz menção no Inventario da Repartição das Obras Publicas, impresso em 1821.

«Póde ver-se talvez um caderno de inscripções, onde se acha esta de que tractámos; e esse caderno offereceu o mesmo Sá ao sr. patriarcha eleito D. Francisco de S. Luiz. É de suppôr que exista em poder de seu sobrinho, o ex.<sup>mo</sup> Conselheiro Corrêa Caldeira. Tambem sabemos que junto ao caderno estava uma carta do sr. Gama Xaro, na qual fazia algumas correções ás mesmas inscripções.

«E é certo que uma outra copia (que não está bem perfeita)

da inscripção, como a planta dos banhos, lá existem ainda nessa repartição, onde ha pouco tempo recebemos o obsequio de nol-as mostrarem.

«Perez Bayer tambem d'esta inscripção tirou copia, a qual existe na Academia Hespanhola, e está impressa no Dice. da Hesp. Ant.

«Segundo ultimamente vimos e examinámos, a inscripção está gravada n'uma pedra já em parte quebrada, mas nem por isso deixando de ser legivel a mesma inscripção. Está a lapida mettida n'uma das paredes de um armazem com porta para a loja da escada n.º 95 da Rua dos Retrozeiros, ficando o mencionado armazem contiguo e detraz da loja n.ºs 93 e 94 da mesma rua. É a propriedade do sr. Francisco Ferrari Junior, e ao local da lapida fomos nós conduzidos pela obsequiosa intervenção do sr. João Nepomuceno da Cunha.

«A copia da inscripção é esta: (\*)

SACRVM  
AESCVLAPIO  
M — AFRANIVS — EVPORIO  
ET  
L — FABIVS — DAPHNVS  
AVG  
MVNICIPIO — D D

«Agora ahi vae a mesma inscripção por extenso, e como nos parece que deve ser lida:

*Sacrum  
Aesculapio  
Marcus Afranius Euporio  
Et  
Lucius Fabius Daphnus  
Augustales  
Municipio Dono Dederunt.*

«(\*) O I da 2.ª linha, o ultimo I da 3.ª, e o PH da 5.ª, não vão conformes á orthographia da inscripção, por falta de typos proprios. O primeiro M e o ultimo D da 7.ª linha tem parte de menos, e as letras de toda a inscripção não tem os *grossos* e *finos* que os typos aqui apresentam; mas vão assim pela falta que indicamos».

(Nota do articulista).

«Tradução. — Monumento consagrado a Esculapio. Marco Afranio Euporio e Lucio Fabio Daphno, Augustaes, deram esta obra ao municipio.

«Os dois DD, que estão no fim da inscripção, devem entender-se, como dissemos, *dono dederunt*; e não *dedicaverunt* como decerto, por menos reparo ou pouca attenção, pareceu ao sr. Trindade. E nem era possivel dar-se-lhe tal intelligencia, porque as thermas, estando consagradas a Esculapio, não o podiam ser depois ao municipio.

«E, para mais nos explicarmos, aqui juntamos um exemplo. — D. Francisco Gomes do Avellar mandou edificar na praça de Faro um bellissimo arco sobre columnas jonicas, o qual dedicou a S. Thomaz d'Aquino, cuja estatua collocou sobre o mesmo arco, que offereceu ao municipio de Faro.

«Assim Euporio e Daphno Augustaes e, como taes, pessoas de distincção e escolhidas pelos Decuriões, d'entre as principaes da cidade, fizeram á sua custa as thermas, que dedicaram a Esculapio, e deram toda a sua obra ao municipio.

«Eram os Augustaes, de que se tracta, pessoas de nomeada, se acaso os appellidos correspondiam á cousa, porquanto *Euporio*, palavra grega, quer dizer *o copioso*, ou, como vulgarmente diriamos, *o ricoço*. E *Daphno*, que tambem é palavra grega, quer dizer tanto como *o laureado* ou *o laurigero*.

«Passemos agora á segunda inscripção, que assim vem copiada no mesmo artigo a que alludimos:

THERMAE CASSIORUM  
RENOVATAE A SOLO JUXTA JUSSIONEM  
NUMERII ALBANI V. C. P. P. J.  
CURANTE AUR. FIRMO  
NEPOTIANO ET FACUNDO CONSS.

«Cuja traducção dada pelo sr. Trindade é a seguinte:

*Thermas dos Cassios renovadas desde o fundamento segundo a ordem de Numerio Albano, varão consular pae da patria, illustre, sendo inspector da obra Aurelio Firmo e consules Nepotiano e Facundo.*

«Diz o sr. Trindade que por cima de um nicho das thermas descobertas, depois de 1755, na Rua das Pedras Negras, se encontrára um tijolo vermelho contendo esta inscripção.

«Mas João Pedro Ribeiro no tom. 4.º part. 1.ª p. 51 das suas *Dissertações Chronologicas e Criticas*, copiando esta mesma

inscripção, diz que *ella estava escripta em letras vermelhas sobre reboque em uns banhos publicos*. E já a p. 231 da 1.<sup>a</sup> part. das suas *Lições de Paleographia* (que temos manuscriptas) dizia elle a mesma cousa, acrescentando porém, que a inscripção estava ao cimo de um dos nichos dos banhos; mas dava á inscripção uma intelligencia que em parte não adoptamos.

«E, se não concordamos em parte com a opinião d'aquelle distincto escriptor, tambem não concordamos com a que agora lhe dá o sr. Trindade na 3.<sup>a</sup> linha, onde se acham as siglas P P, que este sr. explica por *Pater Patriæ*, como se a inscripção fôsse imperial, porque s. s.<sup>a</sup>, como pessoa muito competente, ha de saber melhor do que nós, que sómente nestas é que tem lugar semelhante intelligencia.

«Parece-nos que se deveria ler *Præsidi Provincia*, presidente da provincia. E é de suppôr que a ultima letra seja um L (e não um I), indicando o nome da provincia *Lusitania*, porque a palavra *illustre*, segundo as boas regras, só teria sido collocada immediatamente depois do V. C.

«E, porque este nosso artigo já vae longo, não nos adeantaremos mais, aguardando o cumprimento da promessa, que nos faz o sr. Trindade, de um relatorio official que o mesmo sr. nos diz — o publico terá occasião de ver. E como esse relatorio será feito por s. s.<sup>a</sup>, e *pelos demais empregados da secção de antiguidades da Bibliotheca Nacional, que, como delegados do bibliothecario-mór da mesma, etc., foram visitar as ruinas novamente descobertas*, é de esperar que tão interessante documento corresponda á nossa expectativa.

«No entanto, a nossa opinião, humilde como é, ahí fica já expendida, depois de a termos submettido á censura do nosso respeitavel amigo o sr. Manuel da Gama Xaro, digno vigario geral em Setubal, o qual, sempre benevolo, nos tem prestado seu auxilio valioso neste difficil e trabalhoso investigar das cousas passadas, e a sua opinião, tão auctorizada como é, será uma boa garantia ás razões que levamos dictas. Mas, se nos provarem que estamos em erro, restar-nos-ha a consolação de termos errado com um dos primeiros antiquarios. — *Almeida Carvalho*».

A quem não haja pessoalmente conhecido o signatario das reflexões que deixo transcriptas, parecerão ellas talvez aggressivas e um tanto ironicas, mas não lhe faria justiça quem assim pensasse.

Quem conhecesse João Carlos de Almeida Carvalho e com elle tratasse, — como eu tive occasião de com elle tratar, quando aposentado já no logar que durante annos exerceu na Secretaria da Camara dos Pares e recolhido ao pacifico remanso da sua patria Setubal, — reconheceria nelle, como eu constantemente reconheci, um cavalheiro de esmerada educação e finissimo trato, incapaz de ironias e aggressões, um estudioso muito illustrado, muito consciencioso, e muito sincero, do qual se faz menção elogiativa nos Tom. III e X do *Diccionario Bibliographico Portuguez*.

E foi certamente reconhecendo-lhe tambem essas qualidades que Rebello Trindade se não furtou a cortezmente responder-lhe no artigo que em seguida transcrevo, artigo que viu a luz publica no N.º 692 d'A *Opinião* (Lisboa, 20 de Abril de 1859):

«Archeologia. — Com este titulo acaba de publicar-se na *Revolução de Setembro* n.º 5:086 um artigo assignado pelo sr. Almeida Carvalho, acerca de duas inscripções romanas transcriptas por nós no n.º 637 da *Opinião*.

«Devemos as sr. Carvalho os maiores agradecimentos pela bondade que teve em querer illustrar a nossa ignorancia; cumpre-nos, porém, declarar a s. s.<sup>a</sup> que publicámos as inscripções que dizem respeito ás thermas romanas, taes e quaes as achámos em um livro com o titulo de *Cautellas Praticas do Doutor Francisco Tavares, impressas na officina da Universidade em 1810*, P. 1.<sup>a</sup> cap. 2.<sup>o</sup> p. 130, citado como auctoridade por João Pedro Ribeiro no tomo 4.<sup>o</sup> parte 1.<sup>a</sup> paragrapho 51. S. s.<sup>a</sup> não acertou pois quando nos julgou traductores ou interpretadores das citadas inscripções, pois do mesmo livro extrahimos tanto as inscripções como a traducção; devemos notar a s. s.<sup>a</sup> que, se quizer dar-se ao incommodo de ler outra vez a traducção da inscripção dedicatoria, achará no *Município*, e não ao *Município*, o que não é indifferente.

«Quando publicámos as inscripções que tanto despertaram a attenção de s. s.<sup>a</sup>, não foi nosso intento entrar na analyse da boa ou má escriptura, da boa ou má intelligencia das alludidas inscripções, mas unicamente as apresentámos por estarem incorporadas na descripção que achámos das antigas descobertas, e que nos pareceu acertado apresentar para melhor comprehensão das modernas, não prestando maior attenção, *naquella occasião*,

por isso que era nosso unico fim descrever o que se ia achando nas presentes excavações, como se pode ver nos artigos publicados no noticiario da *Opinião*.

«Mas s. s.<sup>a</sup> sabe que *errare humanum est*, e tão certo é isto que alguns dos auctores que s. s.<sup>a</sup> cita não estão conformes na traducção e mesmo na leitura das sobreditas inscripções, e podemos avançar que nós mesmos não estamos desde já conformes com s. s.<sup>a</sup> em alguns pontos, o que lhe será provado em tempo competente.

«S. s.<sup>a</sup> achou mais commodo censurar-nos a nós que eramos simples copista do que a João Pedro Ribeiro e Francisco Tavares que copiaram, leram e interpretaram mal as alludidas inscripções, e a Thomaz Cactano de Bem que, como archeologo mais prudente, evitou as difficuldades saltando por cima d'ellas.

«L. Trindade».

\*

\* \*

Nomeado Official-Ajudante da Bibliotheca Nacional de Lisboa, por Decreto de 26 de Março de 1856 e Carta Régia de 9 de Abril do mesmo anno, depois de prestar provas públicas num renhido concurso em que tivera por adversario pessoa não mais habilitada mas incomparavelmente mais protegida nas altas regições officiaes, — Luiz Carlos Rebello Trindade (conforme incontro declarado no «Livro de assentamento dos Empregados da Bibliotheca») prestou juramento e logo em seguida introu no exercicio das suas funcções aos 19 de Abril de anno supracitado (1856).

Incontrava elle então por companheiros de trabalho na Bibliotheca Nacional os seguintes funcionarios:

José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello-Branco, nomeado em 1851 Bibliothecario-Mór da Bibliotheca Nacional de Lisboa;

Francisco Martins de Andrade, que em 1836 intrára por Official-Supranumerario, e que nesse mesmo anno passára a des-

impenhar funções de Conservador-Ajudante, encarregado da Repartição dos Manuscriptos e Antiguidades ;

João José Barbosa Marreca, nomeado em 1853 Conservador dos Impressos ;

Henrique Ollegario Pinto, que em 1825 fôra admittido por Continuo e em 1833 tinha sido promovido a Official ;

Antonio José Colffs Guimarães, que tinha intrado por Official em 1826 ;

Thomaz Brown Soares, que em 1827 dera ingresso a desimpenhar serviços de Official ;

Francisco Casassa, que, tendo intrado por Continuo em 1834, se achava já desde 1836 na categoria de Official ;

Antonio da Silva Tullio, que intrára por Official em 1844 ;

Antonio José Viale, Official da Bibliotheca desde 1846 ;

José Ribeiro Guimarães, Official desde 1854 ;

José Gomes Goes, tambem desde 1854 Official da Bibliotheca, depois de ter prestado relevantes serviços como Escriptuario no Archivo Nacional da Torre-do-Tombo ;

Pedro Nolasco de Seixas, que em 1839 principiára a servir na Bibliotheca Nacional como Official-Ajudante, e que em 1856 se achava na mesma Bibliotheca desimpenhando o lugar de Official do Cartorio ;

Jacob Frederico Drinkelaker, que em 1834 havia intrado por Continuo ajudante dos Officiaes, e que ulteriormente (em 1836) merecêra passar á categoria de Official-Ajudante ;

João Baptista Antunes, que intrára por Official-Ajudante em 1842 ;

Ernesto Frederico de Mesquita, que, havendo intrado por Continuo em 1836, fôra em 1856 graduado como Official-Ajudante ;

João Antonio Soares, Continuo que prestava serviços desde 1824 ;

Pedro Alexandrino de Mello, que intrára por Continuo em 1836 ;

José Antonio Branco, outrosim nomeado em 1836 Continuo da Bibliotheca ;

Henrique Antonio Ferreira de Araujo, que desde 1843 prestava na Bibliotheca serviços de Continuo-auxiliar ;

José Miguel Alves de Miranda, que, na sua humilde situação de Servente, desimpenhava com muitissimo zêlo e muitissimo acêrto funções de intelligentissimo Continuo ;

José Antonio Monteiro que em 1836 tinha intrado como Porteiro da Bibliotheca.

Perante o suggestivo exemplo de tão excellentes companheiros, e perante as louvaveis aptidões de Rebello Trindade, provadas no concurso, para o logar em que fôra provido, naturalissimo era que o seu porte profissional correspondesse ás esperanças nelle depositadas pelos votos do jury.

Assim aconteceu. Rebello Trindade intregou-se impenhadamente ao exercicio das suas funcções com todo o afincio e toda a perseverança.

Septe annos depois de Rebello Trindade haver tido ingresso na Bibliotheca Nacional, veio aos 31 de Dezembro de 1863 um Decreto reorganizar esse instituto, — Decreto que sahi publicado no *Diario do Governo* aos 4 de Janeiro seguinte. E nessa reorganização foi Rebello Trindade collocado por Segundo-Official da Repartição de Manuscriptos e Antiguidades, — Repartição que ficou por quatro funcionarios constituída (Francisco Martins de Andrade, Conservador; José Gomes Goes, Primeiro-Official; Luiz Carlos Rebello Trindade, na categoria que já mencionei; e Antonio Julio Caminha, que por Decreto de 9 de Janeiro de 1860 havia intrado na categoria de Contínuo). Exercia as funcções de Bibliothecario-Mór, ao tempo da referida reorganização, José da Silva Mendes Leal, que por Decreto do 1.º de Dezembro de 1857 occupava esse logar, e que nelle veio a fallecer aos 22 de Agosto de 1886.

Por Decreto de 9 de Novembro de 1866 foi Rebello Trindade promovido á categoria de Primeiro-Official da Bibliotheca, depois de ter prestado em concurso provas públicas, segundo preceituava o artigo 52.º do vigente Regulamento, approved pelo Decreto que citei de 31 de Dezembro de 1863.

E, — por Decreto de 23 de Junho de 1881 (consoante se lê no *Diario do Governo* publicado aos 27 do referido mez), — provada officialmente a diuturnidade do seu bom serviço, foi-lhe concedido o augmento do terço no ordenado que percebia.

\*

\* \*

Aos 4 de Janeiro de 1884 apagava-se na Bibliotheca Nacional de Lisboa um dos seus mais brilhantes luzeiros. Antonio da Silva Tullio que aos 15 de Agosto de 1818 havia nascido em Carnide (e não em Lisboa, como inexactamente affirma Innocencio Francisco da Silva no Tom. I do *Diccionario Bibliographico Portuguez*), Antonio da Silva Tullio pode bem dizer-se que era no seu tempo o mais vibrante espirito do instituto a que me estou referindo.

Admirador do seu character e dos seus talentos, admirador da sua proverbial bondade e outrosim do seu trato delicadissimo, admirador não menos dos relevantissimos serviços em que elle se desintranhava para com a Bibliotheca Nacional, eu prézo-me de lhe ter feito justiça plena quando no Vol. VII d'*O Occidente* (Lisboa — 1884) lhe acompanhei o retrato (gravado em chapa de madeira) com rapido esbôço de sua biographia.

D'esse esbôço peço licença para aqui transcrever dois trechos, — e não queira ninguem ver nisso um testemunho de minha immodestia, mas unicamente mais uma vez a homenagem da minha saudade.

Nesse esbôço dizia eu:

«Isto que vai ler-se, não é mais do que meia-duzia de traços, ao de leve esboçados, e destinados a acompanharem o retrato com que *O Occidente* hoje innobrece a galeria dos seus finados illustres.

«Isto não significa mais do que um punhado de goivos desfolhados como tributo humilde sobre a campa d'aquelle que a patria acaba infelizmente de perder, e cujo logar vago não achará talvez quem o preencha.

«Vão rareando as fileiras d'essa cohorte laboriosa e productiva, com que, meiado o seculo XIX, ficou brilhantemente assignalado em Portugal o cultivo das bellas-lettras e o das bellas-artes.

«Hoje os moços, — aquelles a quem cumpria succeder-lhes,

herdando-lhes tão invejavel, tão valioso legado, — não sabem e (triste é dizêl-o!) não querem continuar as tradições gloriosas d'esses venerandos mestres, em cuja formosa religião eu — obscurissimo discipulo — tive ainda a suprema dita de ser educado.

«Hoje os rapazes (que desconsolada, que indecorosa velhice, a que elles para si proprios estão creando!) parece até fazerem gala de não conhecer quem os precedeu, e quem tantos subsídios lhes deixou, subsídios de um alto valor e de uma riqueza incalculavel para quem saiba e queira dar-lhes o devido apreço e usufruir-lhes o verdadeiro proveito.

«Antonio da Silva Tullio pertencia ao privilegiado grupo d'esses benemeritos obreiros, cuja successiva perda tão irremediavelmente se vai fazendo sentir nos nossos arraiaes litterarios.

«Silva Tullio! ao escrever este nome, estremecem-me dolorosamente os bicos da penna, e confrange-se-me angustiosamente o coração sob um vivissimo sentimento de saudade.

«É que em Silva Tullio não estava só um estudioso, um erudito, um investigador incansavel, um profundo sabedor. Não estava só o promotor e o animador de tudo quanto respirasse ingrandecimento e gloria para o nosso paiz. Estava, apar d'isto, o amigo, o conselheiro. Estava, apar da cabeça, o coração. Estava, apar da intelligencia, o sentimento. Estava, apar de um grande espirito, um copioso thesouro de adoraveis virtudes».

Isto escrevia eu em 1884. São passados vinte e seis annos... e não faço commentarios. Limito-me a transcrever outro trecho do meu desalinhado esbôço :

«Silva Tullio, — se no lar domestico era não sómente um exeimplarissimo chefe de familia e um poeta apaixonadissimo ante os suaves idyllios da vida conjugal, — no trato das letras revelava-se não menos impressionavel poeta (\*) e não menos esmerado cultor.

«É outro tanto devemos ainda dizer se o encararmos nas suas attribuições de funcionario público.

«Enthusiastico iniciador de muitos e muitos melhoramentos

---

(\*) «Poeta» na accepção generica do vocabulo, — porque não é só poeta o que faz versos, e ha mesmo quem faça versos sem realmente ser poeta.

com que successivamente brindou a Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde veiu a exercer o alto cargo de Conservador na Segunda Repartição (Historia e Litteratura), — cargo a que foi promovido por virtude da reorganização d'aquelle estabelecimento decretada em 31 de Dezembro de 1863, depois de haver servido como Official na secção dos manuscritos e dos jornaes politicos e litterarios, — Silva Tullio assumiu por mais de uma vez a direcção interina d'aquelle instituto na ausencia do Bibliothecario-Mór o Sr. Conselheiro Mendes Leal.

«E como Official, e como Conservador, e como Bibliothecario, soube sempre deixar brilhantemente assignalada a gerencia dos seus diversos cargos por serviços relevantes e por importantissimos trabalhos.

«Entre esses merece especial menção o relatorio e o regulamento que elle discreta e conscienciosamente elaborou na reforma da Bibliotheca em 1863».

Suspendo aqui as minhas transcripções. Quem na minha humilde prosa queira ver as restantes considerações ácerca de Silva Tullio, poderá no mencionado volume d'*O Occidente* satisfazer o seu desejo.

\*  
\*   \*  
\*

Por fallecimento de Silva Tullio, ficou supprimido o logar que elle occupava, reduzindo-se no quadro o número dos funcionarios.

Essa redução veiu a effectuar-se por Carta de Lei publicada no *Diario do Governo* aos 6 de Junho de 1884, — Carta de Lei, cujo teor é pela seguinte fórma:

«Dom Luiz, pela graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

«Artigo 1.<sup>o</sup> É supprimido o logar vago de conservador da 2.<sup>a</sup> repartição da bibliotheca nacional de Lisboa, voltando este estabelecimento á sua primitiva organização, e ficando dividido em duas repartições: a dos impressos, e a dos manuscritos e antiguidades, cada um com o seu respectivo conservador.

«§ 1.º São igualmente supprimidos os dois logares de segundos officiaes, um dos quaes está vago ha annos; e o outro que está preenchido será supprimido na vaga que está proxima, entrando o respectivo ordenado na verba destinada á compra de livros, encadernações, etc.

«§ 2.º É supprimida a gratificação ao professor da aula de numismatica, ficando comtudo a cargo do primeiro conservador da repartição dos manuscritos e antiguidades a obrigação de leccionar a aula.

«§ 3.º As horas de leitura de dia são elevadas a quatro, do meio dia ás quatro horas, continuando a vigorar a leitura durante duas horas de noite.

«§ 4.º São garantidos aos empregados da bibliotheca nacional de Lisboa todos os direitos, vantagens e regalias que a lei actualmente lhes concede.

«§ 5.º O quadro, denominação e vencimento dos empregados da bibliotheca, ficam estabelecidas da fórma seguinte:

Bibliothecario mór . . . . .	1:000\$000
Dois primeiros conservadores, a 800\$000 réis .	1:600\$000
Secretario . . . . .	600\$000
Amanuense da secretaria . . . . .	280\$000
Escripturario dos catalogos . . . . .	280\$000
Quatro segundos conservadores, a 600\$000 réis	2:400\$000
Tres continuos, a 300\$000 réis . . . . .	900\$000
Porteiro . . . . .	450\$000
Ajudante do porteiro . . . . .	350\$000
Dois guardas, a 170\$000 réis . . . . .	340\$000
	8:200\$000

Dotação para a compra de livros, encadernações, etc., na qual se incluirá o vencimento do logar de segundo official, que é supprimido, quando venha a vagar . . . . . 2:400\$000  
Despeza igual á actual . . . . . 10:600\$000

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

«Mandâmos portanto a todas as auctoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

«O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino a

faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço da Ajuda, aos 29 de maio de 1884. — EL-REI, com rubrica e guarda. — *Augusto Cesar Barjona de Freitas*. — (Logar do sêllo grande das armas reaes).

«Carta de lei pela qual Vossa Magestade, tendo sancionado o decreto das côrtes geraes de 14 do corrente mez de maio, que reorganisa o quadro do pessoal da bibliotheca nacional de Lisboa, os vencimentos dos empregados, e a dotação da mesma bibliotheca, manda cumprir e guardar o mesmo decreto como n'elle se contém, pela fórma retro declarada.

«Para Vossa Magestade ver. — *Pedro Rodrigues* a fez.

Nessa reorganização ficou Rebello Trindade collocado em categoria de Segundo-Conservador da Repartição dos Impressos, como consta do *Diario do Governo* de 23 de Junho de 1884, onde se lê:

«Conforme o disposto na carta de lei de 29 de maio do corrente anno foram definitivamente collocados na bibliotheca nacional de Lisboa:

1.<sup>a</sup> Repartição — Impressos

Primeiro conservador — Conselheiro Antonio José Viale.

Segundos conservadores:

Luiz Carlos Rebello Trindade;

José Ramos Coelho;

Visconde de Castilho.

2.<sup>a</sup> Repartição — Manuscriptos e antiguidades

Primeiro conservador — Francisco Casassa.

Segundo conservador — José Gomes Goes.

Foi na categoria de Segundo-Conservador que tive Rebello Trindade por mestre, por juiz de concurso, e alfim por collega.

\*

\* \*

Aos 29 de Dezembro de 1887 veio um Decreto remodelar fundamentalmente os serviços da Bibliotheca Nacional,—Decreto

que sahio publicado no *Diario do Governo* de 2 de Janeiro de 1888, e em que lamentavelmente ficou supprimido o venerando e honrosissimo cargo de «Bibliothecario-Mór da Bibliotheca Nacional de Lisboa», cargo de respeitabilissimas tradições, a que andavam associados os illustres nomes de Antonio Ribeiro dos Santos, Joaquim José Ferreira Gordo, Vasco Pinto de Balsemão, José Feliciano de Castilho, Antonio de Oliveira Marreca, José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello-Branco, e José da Silva Mendes Leal.

Nessa remodelação (cujos defeitos procurou minorar a nova reforma decretada quatorze annos depois) Rebello Trindade ficou declarado «Conservador da Bibliotheca Nacional» e «Inspector das Bibliothecas Publicas», — uma situação verdadeiramente hybrida, cujas attribuições ninguem soube nunca discriminar, nem mesmo o proprio agraciado. D'esse novo cargo tomou elle posse (conforme consta do respectivo registo) em 7 de Janeiro de 1888.

\*

\* \* \*

Reorganizados pelo Decreto N.º 6 de 24 de Dezembro de 1901 os serviços das Bibliothecas e Archivos Nacionaes (como consta do *Diario do Governo* de 28 do referido mez e anno), Luiz Trindade passou da Bibliotheca Nacional de Lisboa para a Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos, — Secretaria onde lhe foi destinado o logar de Director; e nesse logar se conservou até fallecer, pertencendo-lhe pela sua categoria o tomar assento (como vogal nato) nas sessões do Conselho Administrativo.

Por Decreto de 10 de Março de 1906 (publicado no *Diario do Governo* de 26 d'esse mez) — (e em conformidade com a alinea a do § 4.º do art. 1.º da Carta de Lei de 12 de Junho de 1901) — foi Rebello Trindade agraciado com o augmento do terço (pela diuturnidade de serviço) em relação á melhoria de vencimento que estava percebendo desde que fôra nomeado Director da Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes.

\*

\* \*

Mas nos ultimos tempos a sua organização, que eu ainda cheguei a conhecer muito vigorosa apesar da sua pequena estatura corporal, tinha-se notavelmente quebrantado por invasão, cada vez mais pronunciada, de phenomenos morbidos. A esclerose medullar intorpecêra-lhe movimentos de progressão; mingúara-lhe a febril actividade, que noutros tempos manifestára com irrequieto enthusiasmo sempre que se tratasse de assumptos bibliographicos, em que era practicamente muito intendido, e por isso muito procurado para organização de catalogos em bibliothecas particulares, quer se tratasse de coordenar essas bibliothecas para commoda consulta de seus possuidores, quer prevalecesse o impenho de vender convenientemente em leilão preciosas livrarias de fallecidos donos.

Nessas tarefas tinha elle sido inicialmente industriado por Francisco Casassa, — funcionario cujo nome por mais de uma vez se encontra citado nas presentes paginas.

Pode mesmo dizer-se que nunca houve em Portugal quem nesse genero mais catalogos elaborasse, anonymos por sua maior parte.

Rubricados com o seu nome, tenho defronte de mim neste momento os que passo a mencionar:

| Catalogo || da || Livraria || do fallecido || Conselheiro Custodio José Vieira || Distincto Jurisconsulto e Jornalista, || Commissario Geral dos Estudos, e Reitor do Lyceu do Porto, Deputado da nação || e ultimamente Director Geral das Contribuições Directas || — || Que hade ser vendida em leilão judicial, || nos dias e local previamente annunciados nos jornaes de Lisboa || — || Redigido || Por L. Rebello Trindade || Official da Bibliotheca Nacional de Lisboa |

(Lisboa — Imprensa de J. G. de Sousa Neves — 1880 — In-8.º de 66 paginas).

De pag. 3 a 4 decorre, subscripto por «L. R. Trindade», um prefacio, com interessantes referencias á pessoa do Conselheiro Custodio José Vieira e aos seus livros.

A derradeira pagina é destinada a enumerar os «Catalogos redigidos por L. Rebello Trindade que foram impressos» (enumeração de onze Catalogos).

| Catalogo || da livraria do fallecido || distincto bibliographo e bibliophilo || José Maria Nepomuceno || Do corpo de Architectos || do Ministerio das Obras Publicas || Academico da Academia Real das Bellas Artes de Lisboa, e || Cavalleiro do Habito de Christo || — || Redigido por Luiz Trindade || Conservador-Inspector da Bibliotheca Nacional de Lisboa || — || Que será vendida em leilão no dia 18 de julho || e seguintes, || no local préviamente annunciado. || Sob a direcção de || Francisco Arthur da Silva |

(Lisboa — Sem indicação de officina typographica — 1897 — In-8.º de IV-III-392 paginas).

O Catálogo é precedido por uma advertencia preliminar, sem titulo, assignada por «Luiz Trindade», e especialmente destinada a pôr na evidencia o alto valor da livraria e o aquilutado merecimento do seu fallecido possuidor.

A organização d'esse Catálogo, em que se encontram a cada passo descrições meticolosamente desinvolvidas de especies bibliacas (e basta citar como exemplo, em pag. 138 a 142, o circunstanciado artigo que se refere ao *Liuro de Uita Xristi* impresso em Lisboa em 1495), attesta sobejamente por si a competencia de Rebello Trindade em tarefas bibliographicas.

| Catalogo da Livraria || do fallecido || J. F. Judice Bicker || Que deve ser vendida em leilão nos dias 8 e seguintes || do mez de junho na Calçada de S. João Nepomuceno, 13, 1.º || Dirigido por L. Trindade |

(Lisboa — Imprensa Lucas — 1899 — In-8.º de VII-104 paginas).

Em pag. III a IV vem, subscripta por «L. Trindade», uma advertencia prefacial, relativa á importancia da Livraria-Bicker.

Nas duas paginas trazeiras da capa que serve de resguardo á brochura, figura publicada a relação summaria das «Livrarias catalogadas, organisadas e avaliadas por Luiz Trindade, Conservador da Bibliotheca Nacional», — relação que abrange quarenta e septe trabalhos.

| Catalogo || de || livros antigos e moderncs || alguns raros e curiosos || Que serão vendidos em leilão em local e dias ||

previamente annunciados nos jornaes || dirigido por L. Trindade |

(Lisboa — Sem indicação de officina typographica — S. d. (1901) — In-8.º de 53 paginas).

Na capa que resguarda a brochura d'esse folheto, addicionou-se depois, em rotulo collado, a seguinte advertencia: — «O leilão realisa-se na Travessa da Palha, 174, 1.º, nos dias 11 de dezembro e seguintes ás 8 horas da noite».

Abrange o Catálogo 603 lotes numerados, e termina pela seguinte — «Advertencia — Alem d'estas obras serão vendidos no acto do leilão muitos outros volumes, portuguezes e estrangeiros, jornaes, revistas, mappas, estampas, etc., que por absoluta falta de tempo não puderam ser incluídos no catalogo impresso».

| Catalogo || de || uma escolha de bons livros || da copiosa e importante livraria || do || Fallecido e notavel alfarrabista João Pereira da Silva || Parte que coube em partilha a um de seus herd-iros || — || Serão vendidos em leilão no domingo 22 de abril, ao meio dia || e seguintes, ás 8 horas da noite, no local previamente annunciado nos jornaes || Dirigido por L. Trindade |

(Lisboa — Imprensa Lucas — 1900 — In-8.º de XII 180 paginas).

Em pag. XI d'esse Catálogo figura, assignada por «L. Trindade», uma advertencia preliminar, sem titulo, — advertencia que tem por fito pôr em relêvo a importancia das especies no Catálogo descriptas.

De pag. III a X, corre uma noticia biographica, redigida (a instancias de Rebello Trindade) por quem estas linhas ora está escrevendo, — noticia que se intitula «O alfarrabista João Pereira da Silva», e que vem acompanhada por gravura de madeira, em que se representa o retrato do biographado.

Na capa da respectiva brochura, apresenta ainda o mesmo Catálogo impressa uma lista das «Livrarias catalogadas, avaliadas, e vendidas em leilão por Luiz Trindade Conservador da Bibliotheca Nacional (1870-1900)».

Essa lista abrange cinquenta especies, grande número das quaes merecem realmente a qualificação de muito importantes.

Aqui vai a lista, copiada «textualmente»:

Livros latinos, pertencentes ás livrarias dos extinctos conventos — *Catalogo impresso. (Commissão official).*

Conde das Galvêas — *Avaliação.*

D. José Maria de Sousa Botelho, Morgado de Matteus — *Catalogo impresso.*

Duplicados do Museu da Universidade de Coimbra — *Catalogo impresso.*

D. Maria Freind — *Avaliação.*

D. Bernardina Augusta Barreiros Palma — *Avaliação.*

Collecção de livros raros e curiosos de varias procedencias — *Catalogo impresso.*

Marquez de Pombal — *Catalogação.*

Visconde de Valmôr — *Catalogação.*

Miguel do Canto e Castro, e Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos — *Catalogo impresso.*

José de Torres — *Catalogo impresso — Leilão.*

Collecção de livros raros e curiosos provenientes da Universidade de Coimbra e da Imperatriz do Brazil — *Catalogo impresso.*

Dr. Francisco Vieira da Silva Barradas — *Catalogo impresso.*

Conde de Lavradio — *Catalogo impresso — Leilão por conta do Banco de Portugal.*

Innocencio Francisco da Silva — *Avaliação.*

Visconde de Falcarrreira — *Catalogação.*

Fernando Pereira Palha — *Catalogação.*

Livraria Central de Franco de Castro — *Leilão por conta do Banco de Portugal.*

João Ignacio da Cunha — *Avaliação.*

Marquez de Castello Melhor — *Catalogo impresso dos manuscritos.*

Collecção de livros raros das livrarias do marquez de Sousa Holstein, e dr. A. C. Teixeira d'Aragão — *Catalogo impresso.*

Rodrigo José de Lima Felner — *Catalogo impresso.*

Custodio José Vieira — *Catalogo impresso.*

Antonio da Silva Tullio, e dr. Augusto M. Quintella Emauz — *Catalogo impresso.*

El-Rei D. Fernando — *Avaliação.*

Joaquim José Marques — *Catalogo impresso.*

Marquez de Pombal — *Catalogo impresso.*

Infante D. Augusto — *Avaliação.*

José da Silva Mendes Leal, e Jorge Cesar de Figanière — *Catalogo impresso.*

Desembargador Manuel Francisco Pereira de Sousa — *Catalogo impresso.*

Collecção de livros antigos e modernos alguns muito raros

e pela maior parte não vulgares e curiosos, de varias procedencias — *Catalogo impresso.*

Commendador José Silvestre Ribeiro — *Avaliação.*

José Felix da Costa — *Catalogação.*

Condessa de Sabugal e Madame Cotta — *Catalogo impresso.*

Macedo Braga — *Catalogo impresso.*

El-Rei D. Luiz I — *Avaliação.*

Julio Firmino Judice Bicker — *Catalogo impresso. Parte de livraria. Não foi distribuido.*

Conde da Bahia — *Avaliação.*

Dr. Antonio Maria Barbosa — *Catalogo impresso.*

Dr. Manuel d'Assumpção — *Catalogo impresso.*

Associação Commercial de Lisboa — *Avaliação.*

Marquez de Vallada — *Catalogo impresso.*

Conselheiro J. de Andrade Corvo — *Catalogo impresso.*

Dr. Thomaz de Carvalho — *Avaliação.*

José Maria Nepomuceno — *Catalogo impresso.*

Conde de Sabugosa — *Catalogação.*

Duques do Cadaval — *Avaliação.*

Julio Firmino Judice Bicker — *Catalogo impresso de toda a livraria — Leilão.*

Visconde de Valmôr — *Avaliação.*

João Pereira da Silva — *Catalogo impresso de parte da livraria, para partilhas — Leilão.*

E finaliza a lista pela seguinte declaração:

«Luiz Trindade encarrega-se da organização e catalogação de livrarias particulares e de informações relativas a assumptos bibliographicos. Recebe encomendas garantidas para os leilões que dirige (comissão de 5%). Compra livrarias em globo, e obras raras manuscriptas e impressas. Carta dirigida á R. Thomaz d'Annuniação, 99, 3.º, ou á Bibliotheca Nacional de Lisboa».

O 3.º andar do predio, a que dá serventia a porta N.º 99 da Rua Thomaz d'Annuniação, era effectivamente a residencia em que nos ultimos annos habitou, e em que veiu a fallecer Luiz Carlos Rebello Trindade, cujas reliquias mortaes foram no dia 10 de Setembro de 1909 transportadas para o Cemiterio de Nossa Senhora dos Prazeres, aonde lhe acompanharam saudosamente o feretro numerosos funcionarios da Bibliotheca Nacional de Lisboa e da Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos.

Aos cinco Catalogos, cuja nota bibliographica deixei apon-

tada, juntarei como remate a indicação do último em que Rebello Trindade, subscrevendo-lhe o nome todo, affirmou a sua laboriosidade :

| Catalogo methodico || da Livraria || dos || Marquezes de Sabugosa, Condes de S. Lourenço || (Logar occupado pelo brasão-d'armas dos donos da Livraria) || Coordenado por || Luiz Carlos Rebello Trindade || Conservador da Bibliotheca Nacional |

(Lisboa — Imprensa Lucas — 1904 — In-8.º de vii-273 paginas).

E note-se uma particularidade: Rebello Trindade sentia-se por tal fórma afeiçoado á Bibliotheca Nacional e ao cargo que nella desimpenhára, que já depois de collocado no logar de «Director da Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos» (logar de jerarchia officialmente superior áquella que d'antes desfructava) preferia, no frontispicio do «Catalogo methodico da Livraria dos Marquezes de Sabugosa», intitular-se «Conservador da Bibliotheca Nacional».

O Catálogo a que me estou referindo, abrange as cinco secções que passo a especificar :

- I — Theologia (abrangendo 6 sub-secções).
- II — Jurisprudencia (4 sub-secções).
- III — Sciencias e Artes (9 sub-secções).
- IV — Bellas-Letras (16 sub-secções).
- V — Historia (32 sub-secções).

\*

\* \* \*

O nome de Luiz Trindade encontra-se tambem ligado (em collaboração) a dois trabalhos que vou indicar.

Esses trabalhos são :

| Uma aquisição de livros || para a || Bibliotheca Nacional de Lisboa || — || Relatorio apresentado || por || Luiz Carlos Rebello Trindade || Director da Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos || Xavier da Cunha || Director da Bibliotheca Nacional de Lisboa || e || José Joaquim d'Ascensão Valdez || Chefe da Secção de Contabilidade das Bibliothecas e Archivos |

(Coimbra — Imprensa da Universidade — 1904 — In-4.º de 6 paginas).

Datado aos 5 de Maio de 1903, e indereçado ao Sr. Gabriel Victor do Monte Pereira (Inspector das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, interinamente investido nas funcções de Bibliothecario-Mór do Reino, e por esse facto Presidente do Conselho Administrativo das mesmas Bibliothecas e Archivos), — o Relatorio, cuja redacção por amavel deferencia dos meus dois companheiros, me foi confiada, — sahio primeiramente publicado (em pag. 167 a 170) no Vol. II do *Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes* (Coimbra — 1903).

*Acquisição para a Bibliotheca Nacional de Lisboa de um codice manuscripto intitulado Chronica de Hespanha.* Relatorio apresentado em sessão do Conselho Administrativo das Bibliothecas e Archivos, e datado aos 31 de Agosto de 1904.

Sahiu publicado no Vol. III (pag. 173 a 177) do *Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes* (Coimbra — 1904). E vem assignado por tres nomes: — Luiz Carlos Rebello Trindade, José Joaquim d'Ascensão Valdez, e D. José Maria da Silva Pessanha.

\*

\*      \*

Em 1880, por occasião de celebrar-se o Tricentenario do passamento de Camões, dois artistas, dois admiradores do Poeta, (Julio da Silva e Maximiano da Silva), determinaram organizar um curioso Album de Homenagem, que hoje pertence ao Sr. Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, e que traz por titulo «*Argumentos dos Lusíadas — Exemplar unico enriquecido com 70 autographos e 29 fac-similes*».

O texto dos 70 autographos incluidos nessa «Homenagem a Luiz de Camões» sahio depois typographicamente reproduzido pelo Sr. Matheus Peres na secção preliminar do seu *Almanach Litterario e Charadistico para 1882* (Lisboa — 1881). E d'essa parte se aproveitaram folhas, com que separadamente se formou, em mui restricto número de exemplares, um folheto resguardado por capa-de-brochura impressa em papel-de-côr, capa que faz

as vezes de frontispicio, e em que puzeram por titulo: — «*Argumentos dos Lusíadas (Transcripção dos Autographos)*» (Lisboa — Typ. da Empreza Litteraria — MDCCCLXXX).

Nesse Album de glorificações autographas, em cuja collaboração tive a honra de tomar parte, figuraram da Bibliotheca Nacional seis funcionarios: — Antonio da Silva Tullio, José Gomes Goes, José Ramos-Coelho, o Conselheiro José da Silva Mendes Leal, Luiz Carlos Rebello Trindade, e o Visconde Julio de Castilho.

A collaboração de Rebello Trindade foi a seguinte :

.....  
 — *Terra da minha patria! abre-me o seio*  
*Na morte ao menos. Breve espaço occupa*  
*O cadaver d'um filho. E eu fui teu filho....*  
*Em que te hei desmer'cido, ó patria minha?*  
*Não foi meu braço ao campo das batalhas*  
*Segar-te louros? Meus sonoros hymnos*  
*Não voaram por ti á eternidade?*  
*E tu, mãe descaroavel, me ingeitaste!*  
*Ingrata!... Oh! não te chamarei ingrata;*  
*Sou filho teu: meus ossos cobre ao menos,*  
*Terra da minha patria, abre-me o seio.*

.....  
*Onde jaz, Portuguezes, o moimento*  
*Que do immortal cantor as cinzas guarda?*  
*Homenagem tardiu lhe pagastes*  
*No sepulcro sequer?... Raça de ingratos!*  
 .....

(Garrett — *Cumões*)

«Sentidos queixumes que o Cantor mavioso do Cantor do Gama faz brotar dos desmaiados labios do immortal poeta.

«Justa recriminação pelo indecorosso esquecimento em que jazia a memoria do celebrado poeta.

«A terra da patria... tão ingrata, cobre os seus ossos; e a homenagem... tardia vae pagar-lhe.

«Monumento immorredor levantou elle a si proprio com os seus LUSIADAS, tantas vezes reproduzidos no idioma patrio, e

vertidos nas linguas hespanhola, franceza, italiana, ingleza, allemã, hollandeza, polaca, bohemia, dinamarqueza, sueca, russa, latina, grega e hebraica!

«Hoje, n'esta grande festa patriotica, associam-se as solemnes manifestações de todas as classes, os varios productos de todos os talentos, e entre estes deve ter logar distincto o precioso Album em que occupa immerecido espaço o meu humilde nome.

«Bibliotheca Nacional de Lisboa.

«L. Rebello Trindade».

Tambem num dos meus «Albums Camonianos» — em que amigos meus me teem feito a honra de incorporar seus autographos concernentes ao thema «Camões» — tambem nesse, Rebello Trindade, convidado por mim a escrever meia-duzia de palavras ácerca do Poeta, me brindou com as linhas seguintes, em que transpira a modestia:

«Admirador do celebrado Poeta, uma das mais notaveis glorias de Portugal, tenho manuseado as mais raras edições das suas obras....

«Quanto a apreciar-lhe as bellezas, e a ceder ás instancias do meu caro amigo e collega, direi como o vate:

.....  
*Que não se arme e se indigne o Céu sereno  
 Contra um bicho da terra tão pequeno.*

«Lisboa 6 de março de 1897.

«Luís Carlos Rebello Trindade».

E, uma vez que de escriptos camonianos incidentemente me occupei, vem muito a appêlo aqui recordar que em 1898 se publicou em Lisboa, estampada nas officinas da Companhia Nacional Editora, e destinada a commemorar o Quarto-Centenario do Descobrimento do caminho trans-atlantico para a India, uma «Grande Edição Autographica» d'Os *Lusiadas* sob a direcção do Sr. José Fernandes Costa. Nessa edição em que vem auto-

graphicamente copiada por um determinado individuo cada estancia do Poema, e subscripta pelo assignatura do respectivo copista, pertenceu a Luiz Carlos Rebello Trindade transcrever a estancia 35.<sup>a</sup> do Canto Terceiro :

*Não passa muito tempo, quando o forte  
Príncipe em Guimarães está cercado  
De infinito poder, que d'esta sorte  
Foi refazer se o inimigo magoado.  
Mas, com se offerecer a dura morte  
O fiel Egas amo, foi livrado;  
Que de outra arte pudera ser perdido,  
Segundo estava mal apercebido.*

A reproducção fac-simile d'esta estancia vem acompanhada por nota em que o illustre director da curiosa publicação (Fernandes Costa) diz de Rebello Trindade: — «Distincto Bibliographo portuguez; Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa; Inspector das Bibliothecas. Tem elaborado e publicado importantissimos catalogos de livreria».

\*  
\*   \*   \*

Casado em primeiras nupcias com a Senhora D. Maria da Incarnação Nunes, e em segundas com a Senhora D. Felisbella de Aquino, por ambos os thalamos deixou descendencia o meu biographado.

Aos derradeiros tempos da sua existencia pertence o retrato, de que é reproducção a photo-gravura com que este esbôço biographico vai acompanhado.

D'esse retrato a photographia original foi-me offerecida a instancias minhas, pela inconsolavel viuva, para a collecção dos retratos que na Bibliotheca Nacional me proponho organizar de seus funcionarios.

Á obsequiosa offerente aqui fica exarada a expressão do meu respeitoso agradecimento pela sua captivante acquiescencia.

E aqui fica, nesta breve noticia que escrevi, aqui fica para os filhos do fallecido uma saudosa memoria e um exemplo de honesta laboriosidade.

Luiz Carlos Rebello Trindade constituia um dos pouquissimos restos d'aquella «velha guarda» que eu ainda conheci na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e em que eu (apezar de obscurissimo) tive ainda a honra de me alistar, — uma especie de «batalhão sagrado», em que officiaes e soldados timbravam sem discrepancia no rigoroso cumprimento dos seus deveres profissionaes.

Rebello Trindade era um d'esses.

Aqui lhe deixo o meu derradeiro adeus, e nesse adeus a cordial expressão da minha sincera saudade.

XAVIER DA CUNHA.

---

---

---

**BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES**

---

**ANTONIO FRANCISCO BARATA**

Antonio Francisco Barata, conservador reformado da Bibliotheca de Evora, nasceu na villa de Goes, em 1 de janeiro de 1836, falleceu em Evora em 23 de março de 1910.

Publicou muitos trabalhos, opusculos e livros, prosa e verso; escreveu romances historicos, biographias, etc. Fez imprimir o *Cancioneiro quinhentista, continuação ao de Garcia de Resende*, manuscripto da Bibliotheca Publica Eborense.

Escreveu, entre outros trabalhos, a *Memoria sobre a fundação da Sé, Esboços chronologicos e biographicos dos arcebispos de Evora, e o Catalogo do Museu Archeologico, annexo da Bibliotheca de Evora.*

G. P.

---

BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES

---

## PESSOAL

Alvaro Augusto da Costa Basto Sereno, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, nomeado por Decreto de 31 de março de 1910, tendo precedido concurso, para o logar de Segundo Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa, vago pela promoção de João Augusto Melicio a Primeiro Conservador da mesma Bibliotheca.

(*Diario do Governo*, n.º 76 de 9 de abril de 1910).

---

## BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

## REGISTO DE PROPRIEDADE LITTERARIA

## Obras entradas no anno de 1910

## Abril

Para cumprimento do disposto no artigo 605.º do Codigo Civil Português se faz publico que no mês supradito foram registadas nesta Bibliotheca as seguintes publicações:

- Pela Livraria Chardron de Lello & Irmão, como editores:  
— Thomás da Fonseca: «Os desherdados». — Porto, Imprensa Moderna, 1909. — In-8.º de 104 paginas.
- Pinto da Rocha: «Talitha», 2.ª edição. — Porto, Imprensa Moderna, 1909. — In-8.º de 198 paginas.
- Vicente de Carvalho: «Poemas e canções», 2.ª edição. — Porto, Imprensa Moderna, 1909. — In-8.º de 278 paginas.
- Padre Gonçalo Alves: «No país de Christo». — Porto, Imprensa Moderna, 1907. — In-8.º 688 paginas.
- Coelho Neto: «Miragem», 2.ª edição. — Porto, Imprensa Moderna, 1909. — In-8.º de 346 paginas.
- Euclides da Cunha: «Á margem da historia». — Porto, Imprensa Moderna, 1909. — In-8.º de 398 paginas.

- João do Rio: «Cinematographo». — Porto, Imprensa Moderna, 1909. — In-8.º de 406 paginas.
- Padre Manuel Bernardes: «Nova floresta», nova edição, 1.º tomo. — Porto, Imprensa Moderna, 1909. — In-8.º de 562 paginas.
- Por Santos & Vieira, como proprietarios e editores: «Novissima arte de cozinha», 3.ª edição. — Porto, Typographia da Empresa Litteraria e Typographica, 1909. — In-18.º de 432 paginas.
- Pela Casa Editora de Antonio Figueirinhas, como editora: — Manuel I. Abundio da Silva: «Nacionalismo e acção catholica». — Porto, Typographia da Empresa Litteraria e Typographica, 1909. — In-8.º de 128 paginas.
- Por José Ell, como proprietario: «Dois exemplares de oito bilhetes postaes illustrados, com vistas de Lisboa».
- Pelo Padre Benevenuto de Sousa, com proprietario: «Bilhetes postaes illustrados da collecção Luz e Fogo», n.ºs 2 a 10. — Porto, Officina do Commercio do Porto e Typographia Santos, 1909.
- Por Abel Pessoa Ferreira, como co-proprietario: «Archivo democratico», n.º 9, fevereiro de 1909, anno 1.º, publicação mensal, proprietarios Victor de Sousa & Pessoa Ferreira. — Composto e impresso na Typographia La Bécarre, de F. Carneiro & C.ª, Rua Nova do Almada, 47, Lisboa.
- Por Almeida, Carvalho & C.ª, como editores e proprietarios: «Emilio Bossi — A igreja e a liberdade», traducção de R. de Carvalho. — Lisboa. — In-8.º de 224 paginas.
- Por José Aurelio Dias Ferreira Machado, como proprietario, autor e editor: «Capitão Machado — A flexibilidade da infantaria no combate». — Lisboa, Typographia da Livraria Ferin, 1909. — In-8.º de 256 paginas.
- Por Hilario Conceição Serpa, como editor e proprietario: «1 bi-

lhete postal illustrado com o retrato de Sua Alteza Real a Princesa Alexandra». — Lisboa, Typographia do Anuario Commercial.

Por Eduardo Ignacio Duarte, como proprietario: «O ouro — Lista da loteria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa», anno 1, n.º 1. — Lisboa, 17 de novembro de 1909. — Impressão, Travessa das Mercês, 59.

Por Arthur Filippe da Costa, como autor, editor e proprietario: «Carta de Lisboa e seus arredores», coordenada pelo capitão de engenharia A. Filippe da Costa. — Lisboa, A Editora, 1909, 1 folha.

Por Eduardo Ignacio Duarte, como proprietario: «O Gordo — Lista da loteria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa», anno 1, n.º 1. — Lisboa, 24 de novembro de 1909. — Impressão, Travessa das Mercês, 59.

Por Abilio Marques Fernandes, como autor: «Taboada e noções de arithmetica e systema metrico», 4.ª edição. — Porto, e impresso na Typographia de F. de Almeida. — In-8.º de 68 paginas.

Pela Casa Editoria de A. Figueirinhas, como editora: «Os nossos escritores», iv, Eça de Queiroz, por José Agostinho. — Porto, Typographia Universal. — In-8.º de 130 paginas.

## Maio

Pela Parceria Antonio Maria Pereira, como editora: — F. Julio Caldas Aulete: «Selecta nacional», 1.ª parte, litteratura, 16.ª edição. — Lisboa, Officina da Parceria, 1907. — In-8.º de 490 paginas.

— F. Julio Caldas Aulete: «Selecta nacional», 2.ª parte, oratoria, 2.ª edição. — Lisboa, Officina da Parceria, 1908. — In-8.º de 384 paginas.

- Guerra Junqueiro: «Os simples», 5.<sup>a</sup> edição. — Lisboa, Officina da Parceria, 1907. — In-8.<sup>o</sup> de 128 paginas.
- Guerra Junqueiro: «A musa em ferias», 4.<sup>a</sup> edição, augmentada. — Lisboa, Officina da Parceria, 1906. — In-8.<sup>o</sup> de 240 paginas.
- Guerra Junqueiro: «A morte de D. João», 5.<sup>a</sup> edição, emendada e com o retrato do auctor. — Lisboa, Officina da Parceria, 1908. — In-8.<sup>o</sup> de 346 paginas.
- Guerra Junqueiro: «Contos para a infancia», 4.<sup>a</sup> edição. — Lisboa, Officina da Parceria, 1905. — In-8.<sup>o</sup> de 220 paginas.
- José Nicolau Raposo Botelho: «Compendio da historia universal», 4.<sup>a</sup> edição. — Lisboa, Officina da Parceria, 1907. In-8.<sup>o</sup> de 432 paginas.
- Pela empresa editora do Almanach Palhares, como editora: «Almanach Palhares para 1910». — Lisboa, Typographia Palhares & Commandita, 1909. — In-8.<sup>o</sup> de 870 paginas.
- Por José Maria (Guitton), como autor: «Programma da legislação, administração e escrituração militar para o curso de habilitação para segundos sargentos de infantaria». — Leiria, Typographia Leiriense, 1909. — In-4.<sup>o</sup> de 84 paginas.
- Por Emilio Biel & C.<sup>a</sup>, como editores, Manuel Monteiro: «O Douro», publicação mensal, fasciculo 1. — Porto, Imprensa Moderna. — In-8.<sup>o</sup> de 24 paginas.
- Por João Lourenço de Sousa, Dr. Lawrence, como autor, editor e proprietario: «Tratado para se obterem poderes praticos irresistiveis ou occultismo pratico». — Londres, Rio de Janeiro. — In-8.<sup>o</sup> de 192 paginas.
- Por Arthur Arriegas, como proprietario-director: «Má lingua», jornal, anno I, n.<sup>o</sup> 1. — Lisboa, in-folio de 4 paginas. — Impressão: Calçada da Gloria, 6.

- Pela Livraria Chardron, de Lello & Irmão, como editora. — Eça de Queiroz: «Notas contemporaneas». — Porto, Imprensa Moderna, 1909. — In-8.º de 586 paginas.
- Por Raul Martins, como editor. — Dr. Doppelheim: «Como se aprende o francês sem mestre em dez lições». — Lisboa, Imprensa Calçada de S. Francisco, 13. — In-8.º de 80 paginas.
- Por Vasco Barbedo, como autor e proprietario: «Desincrustante vegetal «Sawalls», edição de 1909. — Porto, Typographia Progresso, 1909. — In-8.º de 12 paginas.
- Por Julio Rocha, como autor: «Duello por amor», comedia. — Lisboa, Minerva Peninsular, 1909. — In-8.º de 24 paginas.
- Por Antonio Cabreira, como autor: «Um supplemento ao Instituto, revista scientifica e litteraria», volume 56.º — Lisboa, Typographia Bayard, 1909. — In-8.º de 78 paginas.
- Por José Barbosa, como autor: «As relações luso-brasileiras». — Lisboa, Typographia do Commercio, 1909. — In-8.º de 120 paginas.
- Por A. Servulo da Motta, como autor: «Caderno para conjugação de verbos da lingua portuguesa», 5.ª edição. — Lisboa, Typographia La Bécarre, 1910. — In-8.º de 20 paginas.
- Por Faustino da Fonseca, como traductor:—Pedro Kropotkine: «A anarchia». — Lisboa, Typographia de F. L. Gonçalves, 1908. — In-8.º de 68 paginas.
- Leão Tolstói: «A proxima revolução». — Lisboa, Typographia de F. L. Gonçalves, 1908. — In-8.º de 88 paginas.
- Pela Livraria Editora de Arnaldo Bordalo, como editora: — Manuel Pinheiro Chagas: «Quem desdenha...», comedia, 3.ª edição. — Lisboa, Imprensa Lucas. — In-8.º de 16 paginas.

— José da Camara Manuel: «Macacos no setão! . . .», comedia.  
— Lisboa, Imprensa Lucas. — In-8.º de 20 paginas.

Por Arnaldo Bordalo, como editor: «Encyclopedia Bordalo —  
Manual completo do cozinheiro, 17.ª edição. — Lisboa,  
Imprensa Lucas, 1909. — In-8.º de 228 paginas.

## Junho

Por João Carneiro, com editor: «Bibliotheca theatral do povo»:  
— N.º 1 — D. Calisto Boldun y Conde: «A morte civil»,  
drama em 3 actos, traducção de A. J. Leone Soutello.  
— Lisboa, Typographia A. M. Antunes. — In-4.º de 44  
paginas.

— N.º 2 — Alfredo Albuquerque Junior: «Uma actriz de mil  
diabos», comedia em 1 acto, arreglo. — Lisboa. — In-4.º  
de 16 paginas.

— N.º 3 — Porfirio A. Santos: «O filho do adulterio», drama  
em 3 actos. — Lisboa, Typographia Rua Luz Soriano, 29.  
In-8.º de 42 paginas.

— N.º 4 — Fernando Schwalbach: «Um artista genial», come-  
dia em 1 acto. — Lisboa, impresso na Calçada de S. Fran-  
cisco, 13. — In-4.º de 8 paginas.

— N.º 5 — Augusto Martins: «Ou vae . . . ou racha!», opereta  
em 1 acto. — Lisboa, impresso na Calçada de S. Fran-  
cisco, 13. — In-4.º de 8 paginas.

— N.º 6 — Augusto Joaquim Leone Soutello: «Vingança! . . .»,  
drama em 1 acto. — Lisboa, Typographia A. M. Antunes.  
In 4.º de 8 paginas.

— N.º 7 — Joaquim Vaz: «Sexta feira . . . e 13!», comedia em  
1 acto. — Lisboa, Typographia A. M. Antunes. — In-8.º  
de 16 paginas.

- 
- N.º 9 — Joaquim Vaz: «Na casa de malta», disparate em 1 acto.— Lisboa, impresso na Calçada da Gloria, 6.—In-8.º de 16 paginas.
- N.º 10 — Fernando Schwalbach: «O padre nosso», drama em 1 acto. — Lisboa, Typographia A. M. Antunes. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 12 — Joaquim Vaz: «Os criminosos», drama em 1 acto. — Lisboa, Typographia A. M. Antunes. — In-8.º de 12 paginas.
- Condessa de Arley: «Os segredos da mulher — Manual de formosura», traducção de Guida Montebello. — Lisboa, impresso no Atelier Typographico. — In-8.º de 216 paginas.
- Collecção Popular — N.º 1 — Emilio Bossi (Milesbo): «Jesus Christo nunca existiu» (edição completa), traducção de A. de Castro, 3.ª edição. — Lisboa, Typographia A. M. Antunes, 1909. — In-16.º de 184 paginas.
- Bibliotheca Sexual—N.º 9—Dr. Désormeaux: «Onanismo». — Lisboa, Typographia A. M. Antunes. — In-16.º de 80 paginas.
- Avelino de Sousa: «Lyra de prata — Fado liró». — Lisboa, Typographia, Calçada da Gloria, 6. — In-8.º de 16 paginas.
- Collecção de monologos e cançonetas, N.º 5, Artur Arriegas (Rei Sagára): «É muito dentro», cançóneta.—Lisboa, Typographia da Rua da Rosa, 92. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 6 — Alfredo Albuquerque Junior: «O descanço semanal», monologo. —Lisboa, impresso, Calçada do Cabra.—In-4.º de 8 paginas.
- N.º 7—Silva Lisboa: «Querem uma pitada? . . .», monologo. —Lisboa, Typographia da Calçada do Cabra, 7.—In-4.º de 8 paginas.

- N.º 8 — Carlos Pereira: «Nhónhó e Sinhá», dueto.—Lisboa, Typographia Sousa & Santos. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 9 — Pedro Sampaio: «O Cego», monologo. — Lisboa, Imprensa J. Sousa. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 10 — Joaquim Vaz: «Que chic!...», cançoneta. — Lisboa, Imprensa J. Sousa. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 11 — Alfredo Albuquerque Junior: «Quando o amor nasce...», cançoneta. — Lisboa, Typographia Sousa & Santos. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 12 — Carlos Pereira: «O Zé garoto», cançoneta.— Lisboa, Typographia Sousa & Santos.—In-4.º de 8 paginas.
- N.º 13 — Albuquerque Junior: «Falta o bigode!», monologo. — Lisboa, Imprensa J. Sousa. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 14 — João Rebocho: «O tambor do regimento», cançoneta. — Lisboa, Imprensa J. Sousa. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 15 — Augusto Vicente Ferreira: «O que é casar?», monologo. — Lisboa, Typographia Sousa & Santos. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 16 — Guilherme da Silva Lisboa: «O nosso armamento!...», cançoneta. — Lisboa, Typographia Sousa & Santos. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 17 — Bessa Munné (Asseb): «A viuva», cançoneta. — Lisboa, Imprensa J. Sousa. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 18 — José Pesca: «O collo da duquesa», monologo. — Lisboa, Imprensa J. Sousa. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 19 — Alfredo Albuquerque Junior: «O meu titi», cançoneta. — Lisboa, Typographia Sousa & Santos. — In-4.º de 8 paginas.

- 
- N.º 20 — Fernando Schwalbach: «Na morgue», monologo.  
— Lisboa, Imprensa J. Sousa. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 21 — Alfredo Albuquerque Junior: «Ai, Mimi», cançoneta.  
— Lisboa, Typographia Sousa & Santos. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 22 — Joaquim Vaz: «Esta bida ei um txinguico!», monologo.  
— Lisboa, Imprensa J. Sousa. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 23 — Guilherme da Silva Lisboa: «Agarra, menina, agarra», cançoneta. — Lisboa, Typographia Sousa & Santos. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 24 — Alfredo Albuquerque Junior: «E eu... ralado!», monologo. — Lisboa, Imprensa J. Sousa. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 25 — Delmira Serra e Moura: «A morte do tareco», cançoneta. — Lisboa, Typographia Sousa & Santos. — In-4.º de 8 paginas.

Bibliotheca Nacional de Lisboa, 30 de junho de 1910. — O Director, *Xavier da Cunha*.

---

Estadística de leitura nas bibliothecas abaixo designadas  
durante o 2.º trimestre de 1910

Secções e suas sub-divisões	Evora	Braga	Villa Real	Castello Branco
I { Historia, geographia .....	45	96	11	147
{ Cartas geographicas .....	-	5	-	97
{ Polygraphia .....	1	-	11	-
{ Jornaes .....	61	-	72	440
{ Revistas nacionaes e estrangeiras	32	-	1	-
II Sciencias civis e politicas.....	1	30	5	73
III { Sciencias e artes .....	1	104	26	60
{ Bellas artes .....	-	-	-	20
IV { Philologia .....	12	-	14	-
{ Bellas letras .....	274	137	41	70
V { Numismatica .....	-	-	1	-
{ Estampas .....	-	-	-	157
VI Religiões .....	-	32	-	87
VII { Incunabulos .....	-	-	-	-
{ Reservados .....	-	-	-	-
{ Manuscriptos .....	12	10	-	-
{ Illuminados .....	-	-	-	-
VIII - Collecção Elzevir .....	-	-	-	-
Total.....	439	414	182	1151

Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, em 30 de junho de 1910.

Pelo Bibliothecario-mór do Reino,  
O Inspector,

*Gabriel Victor do Monte Pereira.*

Estadística dos leitores na Bibliotheca Nacional de Lisboa  
no 2.º trimestre de 1910

Secções e suas sub-divisões	Especies requisitadas pelos leitores			Leitores	
	Dia	Noite	Total		
I	Historia, geographia . . . . .	1:275	810	2:085	De dia 7:331 De noite 4:818
	Cartas geographicas . . . . .	17	6	23	
	Polygraphia . . . . .	478	400	878	Total 12:149
	Jornaes . . . . .	1:185	261	1:446	
	Revistas nacionaes e estrangeiras	89	44	133	
II	Sciencias civis e politicas . . . . .	1:141	537	1:678	
III	Sciencias e artes . . . . .	2:582	1:927	4:509	
	Bellas artes . . . . .	210	53	263	
IV	Philologia . . . . .	139	85	224	
	Bellas letras . . . . .	3:685	2:591	6:276	
V	Numismatica . . . . .	10	2	12	
	Estampas . . . . .	68	-	68	
VI	Religiões . . . . .	18	8	26	
VII	Incunabulos . . . . .	-	-	-	
	Reservados . . . . .	60	-	60	
	Collecção Camoneana . . . . .	96	-	96	
	» Elzeviriana . . . . .	-	-	-	
	» Bodoniana . . . . .	-	-	-	
e	Manuscriptos (fundo geral) . . . . .	332	-	332	
VIII	Codices illuminados . . . . .	7	-	7	
	Collecção Pombalina . . . . .	156	-	156	
	» dos Codices d'Alcobaça	1	-	1	
IX	Archivo de marinha e ultramar . . . . .	3:100	-	3:100	
	Total . . . . .	14:649	6:724	21:373	

Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, em 30 de junho de 1910.

Pelo Bibliothecario-mór do Reino,

O Inspector,

*Gabriel Victor do Monte Pereira.*

Estatística dos volumes enviados pelas Secções Estrangeiras de Permutas Internacionaes durante o 2.º trimestre de 1910 á Secção das Bibliothecas e Archivos Nacionaes

Proveniências	Numero de volumes	Total
Estados Unidos da America.....	410	534
Belgica .....	124	

Estatística dos volumes enviados durante o 2.º trimestre de 1910 pela Secção das Bibliothecas e Archivos Nacionaes ás Secções Estrangeiras

Secções	Numero de volumes	Total
Estados Unidos da America .....	61	123
Brazil ..'	39	
França.....	13	
Belgica .....	10	

Estatística dos sellos e formulas de franquia dos paizes da União Postal Universal entrados na secção de Numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa, durante o 2.º trimestre de 1910

Formulas	Total
Sellos .....	182
Bilhetes postaes.....	9
Cartas postaes.....	4
Sobrescriptos .....	3
Boletins .....	5
	203

Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, em 31 de junho de 1910.

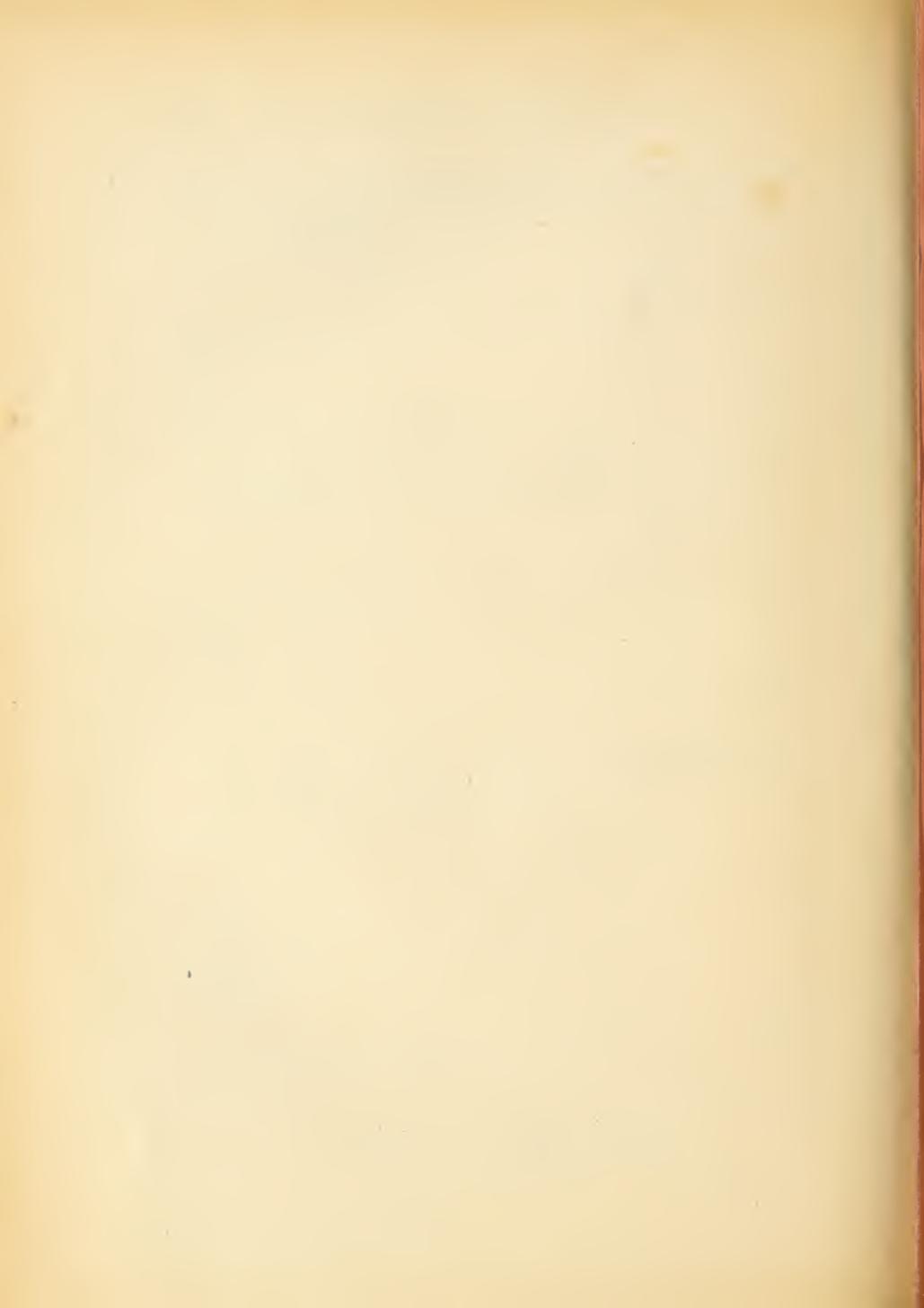
Pelo Conselheiro Bibliothecario-mór do Reino,

Ó Inspector,

*Gabriel Victor do Monte Pereira.*

---

IMPRESA DA UNIVERSIDADE, 1910



Bibliotheca Nacional de Lisboa. Exposição bibliographica no bi-centenario do Padre Antonio Vieira em 1897. Lisboa, Imprensa Nacional, 1897.

A Exposição Petrarchiana da Bibliotheca Nacional de Lisboa. Catalogo summario pelo Director da mesma Bibliotheca Xavier da Cunha. Lisboa, Imprensa Nacional, 1905.

Curso de Bibliothecario-Archivista. Summario das lições de Bibliologia, compiladas por José A. Moniz, professor interino da respectiva cadeira na Bibliotheca Nacional de Lisboa, 2.ª edição. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1900.

Numismatica Nacional. Lição inaugural do curso de Numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa no anno lectivo de 1888-1889, por J. Leite de Vasconcellos, professor proprietario da respectiva cadeira. Lisboa, Typographia do Jornal «O Dia», 10 e 12. Rua Anchieta, 1888.

Elencho das lições de Numismatica dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa por J. Leite de Vasconcellos, 1.ª parte do curso (1888-1889). Lisboa, Typographia do Jornal «O Dia», 1889.

Elencho das lições de Numismatica dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa por J. Leite de Vasconcellos do II curso do anno lectivo de 1889-1890 até ao VI curso do anno lectivo de 1893-1894. Lisboa, Typographia do Jornal «O Dia», 1894.

Relatorios dos serviços da Bibliotheca Nacional de Lisboa, por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903 a 1909.

Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, publicação official trimestral. Publicados 8 annos. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1902 a 1909.

Uma traducção inedita em latim do soneto «Alma minha gentil...» Publicada e prefaciada por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

Uma carta inedita de Camões. Apographo existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, agora commentado e publicado pelo Director da mesma Bibliotheca Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

A Bibliotheca Nacional de Lisboa na Exposição Oceanographica. Catalogo summario por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

A Bibliotheca Nacional de Lisboa no Congresso internacional de Liège sobre reproducção de manuscriptos, medalhas e sellos. Relatorio pelo Director Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1905.

A Legislação tributaria em beneficio da Bibliotheca Nacional de Lisboa, por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903.

A medalha de Casimiro José de Lima em homenagem a Sousa Martins, descripção numismatica por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903.

Especies bibliographicas e especies bibliacas. Considerações sobre nomenclatura por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903.

Concursos publicos para provimento de logares vagos de Segundos Conservadores dos quadros do Real Archivo da Torre do Tombo e da Bibliotheca Nacional de Lisboa, Legislação respectiva. Parecer de José Joaquim d'Ascensão Valdez. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903.

Relatorio dos serviços desempenhados em Coimbra e Braga em Junho de 1903 por José Joaquim d'Ascensão Valdez. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

Gabinete Numismatico da Bibliotheca Nacional de Lisboa (Notas e documentos) pelo dr. José Leite de Vasconcellos. — I. Moedas de ouro da epocha germanica. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1902.

A excelsa rainha D. Maria II na intimidade. Reflexões a proposito de um manuscrito existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

#### Real Archivo da Torre do Tombo :

Indice geral dos documentos conteudos no corpo chronologico existente no Real Archivo da Torre do Tombo Mandado publicar pelas cortes na lei do orçamento de 7 de abril de 1838. Tomo 1.º e unico. Lisboa, Typographia de Silva, 1843.

Indice geral dos documentos registados nos livros das chancellarias existentes no Real Archivo da Torre do Tombo, mandado fazer pelas côrtes na lei do orçamento de 7 de abril de 1838. Tomo 1.º e unico. Lisboa, 1841, na Typographia de G. M. Martins.

Extracto do Real Archivo da Torre do Tombo offerecido á Augustissima Rainha e Senhora D. Maria I, por José Pedro de Miranda Rebello, amanuense do mesmo Archivo. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

Inventario dos livros das portarias do Reino. Vol. I. 1639 a 1653. Lisboa, Imprensa Nacional, 1909.

#### Bibliotheca Publica de Evora :

Catalogo dos manuscriptos da Bibliotheca Publica Eborense, por J. H. da Cunha Rivára. Tomo 1.º, Ultramar. Lisboa, Imp. Nacional. 1850, Tomo 2.º Litteratura, Imprensa Nacional, 1868. — Tomo 3.º Historia. Imprensa Nacional. 1870.

Catalogo do Museu Archeologico da cidade de Evora, annexo de sua Bibliotheca, composto por Antonio Francisco Barata. Lisboa, Imprensa Nacional, 1903.

Os reservados da Bibliotheca Publica de Evora, pelo director Antonio Joaquim Lopes da Silva Junior. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1907.

---

Venda avulso, no edificio da Bibliotheca Nacional de Lisboa.  
Cada exemplar do numero do *Boletim*, in-8.º — 200 réis.

Numero 3 — 9.º Anno

Julho a Setembro — 1910

# BOLETIM

DAS

# BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES

---

---

PUBLICAÇÃO OFFICIAL TRIMENSAL

---

---



COIMBRA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE  
1910

# BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES

Publicações officiaes

## INVENTARIOS DA BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

Secção I—Historia e Geographia.

Serie 1.<sup>a</sup> (numeração preta)—1.<sup>a</sup> parte. Lisboa, 1889.

—2.<sup>a</sup> parte. Lisboa, 1889.

Serie 2.<sup>a</sup> (numeração vermelha)—Lisboa, 1895.

Serie 3.<sup>a</sup> (numeração azul)—Lisboa, 1897.

Secção III—Sciencias e Artes. Serie 1.<sup>a</sup> (numeração preta)—Coimbra, 1907.

Secção IV—Sciencias civis e politicas.

Serie 1.<sup>a</sup> (numeração preta)—Lisboa, 1897.

Secção X—Philologia e Bellas-Lettras.

Serie 1.<sup>a</sup> (numeração preta)—Lisboa, 1890.

Serie 2.<sup>a</sup> (numeração vermelha)—Lisboa, 1893.

Serie 3.<sup>a</sup> (numeração azul)—Lisboa, 1894.

Secção XIII—Manuscriptos por José Antonio Moniz. Lisboa, 1896.

—Collecção Pombalina, por José Antonio Moniz. Lisboa, 1895, completo.

Inventario do Archivo de Marinha e Ultramar, pelo dr. Eduardo de Castro e Almeida.

Ilhas da Madeira e Porto Santo, I-II—Coimbra, Imprensa da Universidade, 1907-1909.

Relatorio ácerca da Bibliotheca Nacional de Lisboa e mais estabelecimentos annexos, dirigido ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, no 1.<sup>o</sup> de Janeiro de 1844 por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. Tomo I—Officio—Tomos II, III e IV—Appensos ao officio. Lisboa, Typographia Lusitana, 1844.

Bibliotheca Nacional de Lisboa. Exposição Antoniana, 1895. Lisboa, 1895.

# BOLETIM

DAS

## BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES

*Propriedade e edição da Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes. LISBOA*

*Director J. A. Castello Branco, Bibliothecario Mór do Reino.*

*Composição e Impressão na Imprensa da Universidade.*

---

### Relatorio dos serviços do Real Archivo da Torre do Tombo no terceiro trimestre de 1910

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Cumpre-me relatar os serviços deste Archivo, realizados no terceiro trimestre do corrente anno.

Como V. Ex.<sup>a</sup> sabe tẽem continuado as obras no edificio e tenho posto todos os meus esforços para que dellas resulte consideravel melhoria, ao menos, em parte da nossa installação, no que tenho bem fundadas e firmes esperanças.

Continuou-se com a impressão do Inventario da Matricula dos Moradores da Casa Real, volume que ficou em pagina 255. V. Ex.<sup>a</sup> sabe de mais as difficuldades, principalmente de material, com que temos arcado, pois tem sido sempre enorme a demora na Imprensa Nacional.

Deram entrada no passado trimestre: uma acta de juramento do Principe Real, como herdeiro do throno; autos de lançamento da pedra fundamental e da inauguração do monumento commemorativo da defesa do Minho, e foram adquiridos treze documentos do seculo XVI respeitantes ao morgado de

Soure. Passou-se uma certidão e registaram-se sessenta diplomas, assim divididos: Julho = 17; Agosto = 14; Setembro = 29.

Archivo Nacional da Torre do Tombo em 30 de setembro de 1910.

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Inspector das Bibliothecas e Archivos Nacionaes.

O Director,

*Antonio Eduardo Simões Baião.*

---

Relatorio dos serviços da Bibliotheca Nacional de Lisboa  
no terceiro trimestre de 1910

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor:—No desimpenho dos encargos que trimestralmente o Regulamento me impõe, tenho a honra de comunicar a V. Ex.<sup>a</sup> que no terceiro trimestre do corrente 1910 concorreram á Bibliotheca Nacional de Lisboa 6:963 leitores, a saber:

Em Julho .....	3:454	leitores
Em Agosto.....	1:957	»
Em Setembro.....	1:552	»

D'esses 6:963 leitores, appareceram 5:587 nas sessões de leitura diurna e 1:376 nas da leitura nocturna, assim distribuidos por mezes:

Leitura diurna:

Em Julho .....	2:078	leitores
Em Agosto.....	1:957	»
Em Setembro.....	1:552	»

Leitura nocturna:

Em Julho..... 1:376 leitores

Em Agosto e Setembro, conforme o Regulamento determina, estiveram suspensas as sessões de leitura nocturna.

Requisitaram leitores para sua consulta 12:010 especies

(11:134 impressas, e 876 manuscriptas), assim distribuidas por mezes :

Impressos consultados :

Em Julho .....	5:372 especies
Em Agosto .....	3:002 »
Em Setembro .....	2:760 »

Manuscriptos consultados :

Em Julho .....	90 especies
Em Agosto .....	159 »
Em Setembro .....	627 »

Das 11:134 especies impressas foram consultadas 9:249 durante as horas diurnas e 1:885 durante a noite, assim distribuido por mezes o respectivo movimento :

Impressos consultados na leitura diurna :

Em Julho .....	3:487 especies
Em Agosto .....	3:002 »
Em Setembro .....	2:760 »

Impressos consultados na leitura nocturna :

Em Julho .....	1:885 especies
----------------	----------------

Dos manuscriptos (que sómente nas sessões de leitura diurna podem ser ministrados aos leitores) ficou já mencionado por mezes o movimento.

Visitantes (nacionais uns, e estrangeiros outros) concorreram á Bibliotheca 28 durante o trimestre que hoje finaliza :

Em Julho .....	7 visitantes
Em Agosto .....	6 »
Em Setembro .....	15 »

O movimento das especies que na Bibliotheca intraram por

cumprimento da lei de imprensa, por dadas, ou por compras, foi o seguinte :

Em Julho . . . . .	229 registos
» . . . . .	279 peças
Em Agosto . . . . .	184 registos
» . . . . .	475 peças
Em Setembro . . . . .	124 registos
» . . . . .	418 peças

Effectuaram-se pois 537 registos, correspondentes ao ingresso de 1:172 peças.

Para garantia de propriedade litteraria, em conformidade com as disposições do Codigo Civil Portuguez, effectuaram-se 104 registos, que abrangem 218 peças.

E o movimento foi por mezes assim distribuido :

Em Julho . . . . .	38 registos
» . . . . .	76 peças
Em Agosto . . . . .	35 registos
» . . . . .	72 peças
Em Setembro . . . . .	31 registos
» . . . . .	70 peças

A impressão do «Inventario Geral» deu promptos mais quatro cadernos, a saber: — na Secção de «Sciencias Civis e Politicas» o caderno 9.<sup>o</sup> da segunda serie (em que já fica attingido o N.<sup>o</sup> 1:581 da respectiva inventariação); na Secção de «Sciencias e Artes» o caderno 41.<sup>o</sup> da primeira serie (em que se chega ao N.<sup>o</sup> 4:247) e os cadernos 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> da segunda serie (em que se attinge o N.<sup>o</sup> 406).

Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> — Bibliotheca Nacional de Lisboa, em 30 de Setembro de 1910. — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor Gabriel Victor do Monte Pereira, Meritissimo Inspector das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, interinamente investido nas funcções de Bibliothecario-Mór do Reino. — O Director, *Xavier da Cunha*.

UMA VALIOSA DOAÇÃO  
EM FAVOR DA  
BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

Entre os elementos com que aprouve ao Govêrno Portuguez commemorar o Centenario da Guerra Peninsular, figurou a Exposição Biblio-iconographica, organizada sob minha direcção na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e nesse instituto patenteada ao público durante dois mezes no corrente anno 1910.

Noticia d'esse festejo foi já por mim publicada no Vol. IX do *Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes* (pag. 33 a 90) sob o titulo — «A Exposição Biblio-iconographica na Bibliotheca Nacional de Lisboa em centenaria commemoração da Guerra Peninsular»; e sahiu tambem separadamente em folheto com titulo igual (Coimbra — Imprensa da Universidade — 1910 — In-8.º de 62 paginas).

Conforme nessa noticia vem relatado, a Comissão Official Executiva do Centenario mandou, sobre proposta minha, que para conveniente apresentação das especies a expôr (visto não existir na Bibliotheca Nacional o indispensavel mobiliario) fôassem adquiridos, a expensas da referida Comissão, dezoito armarios parietaes e nove mostradores centraes, competentemente invi-draçadas estas vinte e sete peças.

Incerrada a Exposição, a Comissão Official Executiva propôz ao Govêrno que do mencionado mobiliario fôassem offerecidos quatro armarios e dois mostradores á Bibliotheca do Monumento Militar do Bussaco, — ficando na Bibliotheca Nacional de Lisboa, generosamente offertados á mesma Bibliotheca, sete mostradores centraes e quatorze armarios parietaes, dadas estas que para a Bibliotheca representam valiosissima acquisição.

Como explanação e justificação do que deixo apontado, passo a transcrever os documentos officiaes que sobre o assumpto ficaram archivados na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Aos 21 de Julho de 1910 recebi o seguinte officio :

(Logar occupado pelas armas-reaes portuguezas) *Bibliothecas e Archivos Nacionaes* — *Secretaria Geral* — L.<sup>o</sup> 3.<sup>o</sup> N.<sup>o</sup> 25 — III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr. — Tenho a honra de enviar a V. Ex.<sup>a</sup> a cópia do officio que o Ex.<sup>mo</sup> Presidente da *Commissão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular*, em data de 8 de julho corrente, enviou ao Ex.<sup>mo</sup> Ministro dos Negocios do Reino, relativo á valiosa doação á *Bibliotheca Nacional de Lisboa* do mobiliario composto de 14 armarios-estantes e 7 mostradores que serviram á *Exposição biblio iconographica*. — Para receber este mobiliario, encarrego V. Ex.<sup>a</sup> de assignar o respectivo termo em duplicado, de que trata o mesmo officio. Foi este um serviço de grande importancia que a *Commissão* tão dignamente presidida pelo Ex.<sup>mo</sup> General Rodrigues da Costa prestou á *Bibliotheca Nacional*, a que nós todos ficamos muito agradecidos. — Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> — *Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes* 21 de Julho de 1910. — III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr. Director da *Bibliotheca Nacional de Lisboa*. — Pelo *Conselheiro Bibliothecario* mór do Reino, O Inspector (assignado) Gabriel Victor do Monte Pereira.

Adjunto ao transcripto officio, vinha o documento seguinte:

(Logar occupado pelas armas-reaes portuguezas) *Bibliothecas e Archivos Nacionaes* -- *Secretaria Geral* — Cópia — *Ministerio da Guerra, Commissão do Centenario da Guerra Peninsular* — N.<sup>o</sup> 44 — III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr. — Effectuada na *Bibliotheca Nacional de Lisboa*, e de 19 de Janeiro a 21 de Março do corrente anno, a *Exposição Biblio-iconographica*, commemorativa da *Guerra Peninsular*, a *Commissão Official Executiva do Centenario*, resolveu doar áquella *Bibliotheca*, para seu exclusivo uso e com destino a futuras exposições bibliographicas, o mobiliario que a referida *Commissão Official* mandou expressamente fazer para se poder realisar a *exposição commemorativa*, acima dita. — Esse mobiliario compõe-se de 14 armarios-estantes e sete mostradores (vitrines) na importancia total de réis 1:582\$000. — Pensando prestar assim um serviço publico, digno de approvação de V. Ex.<sup>a</sup>, a *Commissão Official*, a que tenho a honra de presidir, encarrega-me de sollicitar a V. Ex.<sup>a</sup> a permissão necessaria para que aquella doação possa ser feita; e, se V. Ex.<sup>a</sup> se dignar concedel-a, as ordens correspondentes para que a entrega

do mobiliario se effectue. Neste ultimo caso, a Commissão Official do Centenario julga opportuno que da entrega do mobiliario se lavre termo em duplicado, assignado por um funcionario da Bibliotheca Nacional de Lisboa e um representante d'esta Commissão, ficando um exemplar d'aquelle termo archivado na referida Bibliotheca e o outro na Secretaria d'esta Commissão. — Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup>. Lisboa, Sêde da Commissão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular, 8 de Julho de 1910. — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino. — O Presidente (a.) J. C. Rodrigues da Costa, General de Brigada.

No dia seguinte áquelle em que recebi o officio com que me honrou o Ex.<sup>mo</sup> Inspector das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, coube-me, em cumprimento do meu dever, indereçar est'outro:

(Logar occupado pelas armas-reaes portuguezas) Bibliotheca Nacional de Lisboa — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor: — Tenho a honra de manifestar a V. Ex.<sup>a</sup> o meu profundissimo agradecimento pela iniciativa que V. Ex.<sup>a</sup> patrioticamente se dignou tomar, promovendo que á Bibliotheca Nacional de Lisboa fôsse auctorizada pelo Govêrno de Sua Majestade Fidelissima a valiosa doação de quatorze armarios-estantes e septe mostradores invidraçados, — mostradores e armarios que representam parte maxima dos adquiridos pela Cammissão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular para installação das especies apresentadas na Exposição Biblio iconographica centenariamente commemorativa da mencionada Guerra. — Agradecendo a V. Ex.<sup>a</sup> esse penhorante donativo, que constitue serviço importantissimo para a Bibliotheca Nacional e portanto para o nosso paiz, cabe-me igualmente a honra de communicar a V. Ex.<sup>a</sup> que, na assignatura dos dois autos de intrega, terei eu a distincção de, subcrevendo-os, representar a referida Bibliotheca. — Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> — Bibliotheca Nacional de Lisboa, em 22 de Julho de 1910. — Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor General João Carlos Rodrigues da Costa, Meritissimo Presidente da Cammissão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular. — O Director, Xavier do Cunha.

Em um dos primeiros dias do corrente Setembro me procuraram, por parte da Commissão Executiva do Centenario, os Srs. Coronel Jayme Leitão de Castro e Capitão Luiz Hen-

rique Pacheco Simões, que, d'entre os moveis adquiridos para a Exposição Biblio-iconographica, vinham oficialmente escolher e separar (como effectivamente escolheram e separaram) os quatro armarios envidraçados e os dois mostradores centraes destinados á Bibliotheca e Museu do Monumento Militar do Bussaco.

E em 9 do referido mez appareceu a recolher aquellas seis peças de mobiliario o Sr. Coronel Castro, como consta do recibo que textualmente em seguida transcrevo :

(Logar occupado pelas armas-reaes portuguezas) *Bibliotheca Nacional de Lisboa—Recebi da Bibliotheca Nacional de Lisboa, quatro estantes e duas vitrines, com destino ao Museu do monumento militar do Bussaco, as quaes tinham sido emprestadas áquella bibliotheca, pela commissão executiva official do centenario da Guerra Peninsular—Lisboa, 9 de setembro de 1910—Jayme Leitão de Castro, Coronel de artilharia.*

Com respeito ás peças que a Bibliotheca Nacional deveria ficar possuindo como pertença propria, e consoante a determinação que transcrevi, lavrou se aos 21 de Setembro, em duplicado, o auto seguinte de entrega e recebimento, permanecendo um dos exemplares em poder da Commissão Official Executiva, e archivando-se o outro na Bibliotheca Nacional :

(Logar occupado pelas armas-reaes portuguezas) *Ministerio da Guerra — Commissão do Centenario da Guerra Peninsular — Aos vinte e um de setembro do anno de mil e novecentos e dez, nós abaixo assignados, um como representante da Commissão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular, e outro como representante da Bibliotheca Nacional de Lisboa, verificamos existirem, na galeria onde se realisou a Exposição biblio-iconographica centenariamente commemorativa da mencionada guerra, quatorze armarios parietaes envidraçados e sete mostradores centraes envidraçados, que serviram para a installação das especies apresentadas; mobiliario de que a referida Commissão Official faz doação á dita Bibliotheca Nacional, tendo sido para isso superiormente auctorizada pelo governo de Sua Magestade Fidelissima. —E para que a todo o tempo possa constar o que assim fica exarado lavramos este auto de entrega que vae por nós assignado. —(Assignado) Alfredo Pereira Taveira de Magalhães, Coronel do serviço do estado maior, Vogal da Commissão Eze-*

*cutiva do Centenario da Guerra Peninsular.* — (Assignado) *Xavier da Cunha, Director da Bibliotheca Nacional de Lisboa.*

A Bibliotheca Nacional de Lisboa, que por falta de recursos pecuniarios (visto ser exiguissima a sua dotação) se achava desprovida de mobiliario proprio para conveniente arrecadação de suas especies bibliacas e icônicas e para sua apresentação ao público, fica possuindo agora elementos adequados a futuras exposições.

Assim pudesse ella igualmente dispôr de um edificio vasto e bem apropriado, que lhe permittisse obviar ás difficuldades com que, por escassez de espaço, cada vez mais se encontra lutando para a conveniente accommodação das especies que incerra, — difficuldades essas que por vezes repetidas tenho tido ensejo de ponderar em meus relatorios trimensaes.

Bibliotheca Nacional de Lisboa, em 22 de Septembro de 1910.

XAVIER DA CUNHA.

---

---

**THESES APRESENTADAS AO CONGRESSO NACIONAL**

---

**A BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA****Suas deficiencias e remedios d'essas deficiencias**

(These relatada perante o Congresso Nacional na sessão nocturna de 23 de Maio de 1910)

---

Convidado pela Academia de Sciencias de Portugal a escrever sobre deficiencias das nossas Bibliothecas e remedios de taes deficiencias, escolhi de preferencia, para objectivo de minhas considerações, a Bibliotheca Nacional de Lisboa, em que, por Decreto de 27 de Novembro de 1902, tive a immerecida honra de ser nomeado Director.

Fundada em 1796 sob o titulo «Real Bibliotheca Pública da Côrte», ella funcionou durante annos em salas da Praça do Commercio, — e foi só depois de extinctas as ordens religiosas de Portugal que a Bibliotheca veio instalar-se no Convento de San'-Francisco, onde existe ainda hoje, sem todavia d'esse vasto edificio occupar mais do que uma parte, pois que outras partes se acham destinadas a nellas se accommodarem a Academia Real de Bellas Artes e as repartições do Govêrno Civil de Lisboa.

Quando em 1844 José Feliciano de Castilho, Bibliothecario-Mór da Bibliotheca Nacional de Lisboa, apresentou ao Ministro do Reino o relatorio da sua diligentissima gerencia, — relatorio que se publicou impresso, constituindo 4 volumes in-8.º, — queixava-se elle do improprio logar que lhe prestava o destinado convento.

E tanto no tempo d'aquelle prestimoso funcionario, como egualmente em quadras ultteriores, se teem por vezes dispendido

sommas importantes,—sem que todavia as condições do edificio hajam mudado a ponto de o tornarem adequado ao fim que lhe destinaram; nem creio mesmo que possam nunca taes desejos converter-se ali numa realidade, pois que (segundo o tem sempre mostrado a experiencia) de um convento nada mais se pode fazer do que. . . outro convento.

Ora advirta-se que, no tempo de Castilho, a parte do Convento destinada á Bibliotheca Nacional, posto que lhe escasseassem as condições proprias, era ainda sufficientemente ampla para accommodação das especies existentes.

E ainda em 1886, quando, por concurso de provas públicas, eu alli tive ingresso, na categoria de Segundo-Conservador, sobejava o espaço a ponto de poderem ser facultados gabinetes especiaes ao isolado trabalho de certos estudiosos.

São todavia decorridos, desde então, pouco mais de vinte annos — e foi quanto bastou para que a affluencia das especies, quotidianamente adquiridas, invadissem todos os recantos,—assu-berbando-nos o receio de não termos em breve onde accommodar novas acquisições.

Nos meus relatorios trimestraes, que o *Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes* costuma sempre publicar, tenho eu frequentemente instado por que nos sejam cedidos os aposentos occupados pelas repartições do Govêrno Civil, transferindo-se essas para outro local — e no mesmo sentido representou depois a Academia Real das Sciencias de Lisboa; infelizmente, porém, semelhantes instancias ainda até hoje não obtiveram resultado algum.

Com a falta do espaço coincide a pobreza do mobiliario, e não sómente pobreza, mas impropriedade. As estantes que a Bibliotheca Nacional possui acham-se longe, muito longe, de corresponder ás condições exigiveis para acondicionamento de especies raras e preciosas, accrescendo a triste circumstancia de não ter a Bibliotheca, em sua pequenissima dotação, recursos pecuniarios para a conveniente reforma de taes estantes.

O mesmo direi com respeito á verba decretada para compra de livros, assignatura de revistas estrangeiras, e despeza inclinavel de incadernações: é escassissima, e deficientissima a quantia destinada para taes incargos.

Escasso e deficiente é, não menos, o quadro dos funcionarios, — resultando d'esse facto que ainda estão apenas em projecto (projecto por ora platonico!) alguns dos mais indispensaveis Catalogos (v. g. um Catálogo alphabetico geral por nomes

de auctores; um Catálogo por titulos de obras; Catalogos methodicos das diversas especialidades, e um Catálogo-Diccionario por especificação singular de materias, como actualmente se vai usando com muito proveito nalgumas bibliothecas dos Estados Unidos da America).

Querem estas deficiencias significar pouco interêsse de quem na Bibliotheca Nacional tem superintendido? por fórma nenhuma. Significam ellas apenas a ausencia dos indispensaveis recursos.

Do impenho que altos funcionarios teem mostrado pelo ingrandecimento da Bibliotheca, foram exemplos frisantes a personalidade distinctissima de José Feliciano de Castilho (digno continuador de Antonio Ribeiro dos Santos), a actividade energica de Silva Tullio (que frequentes vezes desimpenhou interinamente as funcções de Bibliothecario-Mór), e o incansavel zêlo do erudito Director a quem succedi em 1902 na gerencia da Bibliotheca (o Sr. Gabriel Pereira, que hoje exerce as funcções de Inspector das Bibliothecas e Archivos Nacionaes).

Em conclusão do que deixo laconicamente expellido (e muito haveria que particularizar sobre o assumpto), a Academia das Sciencias de Portugal, que sobremaneira me distinguiu constituindo me seu delegado e seu intérprete perante o Congresso Nacional, emite os seguintes votos:

1.º — Que o Govêrno de Sua Majestade Fidelissima resolva proceder com a maxima brevidade á construcção de um edificio especial, destinado exclusivamente á Bibliotheca Nacional de Lisboa, edificio por todas as faces completamente isolado, e absolutamente disposto em harmonia com as prescripções que para taes institutos determina a hygiene, — hygiene em relação aos livros e mais especies congeneres, hygiene em relação aos leitores, e hygiene em relação aos funcionarios;

2.º — Que o mesmo Govêrno proceda urgentemente á indispensavel ampliação dos aposentos que actualmente usufrue a Bibliotheca Nacional, para que esta, provisoriamente (enquanto se lhe não constróe definitivo edificio), possa bem accommodar as suas especies;

3.º — Que á Bibliotheca sejam fornecidos os meios pecuniarios para adquirir o mobiliario conveniente á boa arrumação e conservação das especies na Bibliotheca arrecadadas;

4.º — Que a dotação annual da Bibliotheca Nacional seja sufficientemente augmentada, para que se possam adquirir, por compra, importantissimas obras, de que, perante a exiguidade

ridicula da actual dotação, nos fica tolhido alcançar exemplares;

5.º — Que o quadro do pessoal seja convenientemente ampliado com funcionarios idoneos e que tenham o amor do officio, funcionarios escolhidos sempre em concurso do provas públicas (concurso em que a decisão do jury tecnico seja respeitada), funcionarios condignamente remunerados,—consequindo-se, por essa ampliação do quadro, organizar num breve lapso de tempo todos os Catalogos indispensaveis á consulta dos estudiosos, e realizar todos os mais serviços correlativos;

6.º — Que a todas as outras Bibliothecas públicas do nosso paiz se applicquem, dentro das suas especiaes necessidades, e conforme as circumstancias peculiares exijam, reformas analogas ás que ficam summariamente expostas para a Bibliotheca Nacional de Lisboa.

XAVIER DA CUNHA.

---

## ARCHIVOS NACIONAES

O Real Archivo da Torre do Tombo é o principal archivo do paiz. Os ministerios e repartições principaes tem seus archivos.

São importantes tambem os archivos das Casas de Misericordia, das Camaras Municipaes, os Ecclesiasticos (das Mitras e Cabidos), e os dos Notarios.

Em breve escripto condensarei algumas observações sobre archivos, principalmente sobre o Archivo Nacional ou Real Archivo da Torre do Tombo, e a respeito de melhoramentos urgentes neste ramo de serviços publicos.

Para se conhecer a importancia e o alcance do *Real Archivo da Torre do Tombo* basta percorrer a relação das suas collecções: Alfandegas, Armaria, Atlas e plantas, Autos de acclamação e de juramentos, Avisos e Ordens; Bullarios; Capellas da Corôa, Cartas missivas, Casa do Infantado, Casa das

Rainhas, Casa da Tavola, Chancellarias reaes; Codices illuminados; Collecção especial; Collecções de S. Lourenço, S. Vicente e Moreira; Commendas; Conselho de Fazenda, Conselho geral do Santo Officio, Conventos, Corpo chronologico, Correspondencia diplomatica, Côrtes, Desembargo do Paço, Documentos orientaes, Documentos remettidos da India, Ementas, Gavetas, Genealogias, Inconfidencia, Inquisições de Lisboa, Coimbra e Evora; Intendencia geral da Policia; Interior dos Armarios da Casa da Corôa. Jesuitas; Junta do Commercio; Legislação; Leitura de bachareis, Livraria; Livros de leitura nova; Manuscriptos da livraria; Matriculas de Cavalleiros; Merceerias; Mesa censoria; Mesa da consciencia e ordens; Ministerio da Guerra, Ministerio do Reino; Ordens militares; Habilitações e Chancellarias; Patriarchal; Provedorias; Recolhimentos; Registo do Archivo; Tombos da cidade de Lisboa; Tratados; Tribunal de Contas (Cartorios remettidos do); Universidade; Vinculos.

Algumas d'estas secções ou collecções comprehendem muitos milhares de codices e documentos. O Archivo, como é natural, augmenta todos os dias. Está alojado na parte norte do grande edificio do extincto convento de S. Bento. É para desejar o completo isolamento d'este estabelecimento.

O pessoal é pequeno, muito mal remunerado. Pode dizer-se que os primeiros conservadores teem ordenados modestos; os segundos teem mui pequenos ordenados; os amantenses-paleographos e escripturarios são poucos e com miseraveis ordenados.

Neste archivo devia educar-se pessoal para servir noutros archivos do paiz, e ter pessoal superior bem habilitado para destacar em serviços extraordinarios. Um archivista não é um simples arrumador de papeis. Se um archivo de diocese, cabido, de fazenda-districtal, de camara municipal requisitar um archvista, o Real Archivo não o pode fornecer.

A exiguidade dos ordenados leva os empregados a procurar outras occupações que lhes ajudem a vida. São professores lyceaes, ou particulares, paleographos das publicações da Academia, etc. O serviço soffre, é claro. E todavia o Real Archivo presta muitos serviços e faz boa figura. Pouco pessoal e mal remunerado produz alguma cousa. Estrangeiros de auctoridade o citam com elogio pela sua organização, e com admiração pela sua riqueza. Por exemplo, os srs. *Berthelot*, nas «Nouvelles archives des missions scientifiques», de 1891; *Dunvers*, «Report to the

Secretary of State for India on the Portuguese Records relating to the East Indies», 1892; e o professor *Bussemaker* «Verslag van een voorloopig onderzoek te Lissabon... naar Archivalia»; Gravenhage, 1905.

Relatorios trimestraes do Real Archivo, assignados pelo digno director sr. dr. Baião, são publicados no *Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes*.

O Real Archivo publicou:

Indice geral dos documentos contêúdos no corpo chronologico existente no Real Archivo da Torre do Tombo, mandado publicar pelas Côrtes na lei do orçamento de 7 de Abril de 1838, Tomo 1.º e unico. Lisboa, Typ. de Silva, 1843, 8.º

Indice geral dos documentos registados nos livros das chancellarias existentes no Real Archivo da Torre do Tombo mandado fazer pelas Côrtes na lei do orçamento de 7 de Abril de 1838. Tomo 1.º e unico. Lisboa, Typ. de G. M. Martins, 1841, 8.º

Depois de estas publicações esteve largos annos sem produzir coisa alguma para o publico. Em 1904 appareceu o—Extracto do Real Archivo da Torre do Tombo offerecido á Augustissima Rainha a Senhora D. Maria I, por José Pedro de Miranda Rebello, amanuense do mesmo Archivo. — Este manuscrito inedito foi publicado no *Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes*. Ha dois annos no orçamento do Ministerio do Reino entrou uma verba especial para as publicações do Archivo.

Em consequencia d'isto já se imprimiu:

Inventario dos livros das portarias do Reino. Volume I, 1639 a 1653. (Lisboa, Imprensa Nacional, 1909, in-4.º dimensões 335×230 millimetros).

Está no prelo o Tomo 2.º d'esta publicação; e o Tomo 1.º do Inventario dos livros da matricula dos moradores da Casa Real. Registo de alvarás, a começar em 1641.

O Real Archivo tem o seu *Regulamento*, approved por decreto de 14 de Junho de 1902, publicado no *Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes*, de 1902, pag. 37.

Muitas disposições d'este regulamento são applicaveis a qualquer archivo.

O curso de bibliothecario-archivista, creado pelo Decreto de

29 de Dezembro de 1887, comprehende as seguintes disciplinas divididas em tres annos :

1.<sup>o</sup> anno. Geographia, lingua e litteratura franceza, lingua ingleza, historia antiga. *Bibliologia. Paleographia.*

2.<sup>o</sup> anno. Geographia, philologia romanica, lingua e litteratura franceza, linguas e litteraturas allemã e ingleza, historia da idade média. *Diplomatica.*

3.<sup>o</sup> anno. Philologia portugueza, lingua e litteratura franceza, linguas e litteraturas allemã e ingleza, litteratura nacional, historia patria. *Numismatica.*

As cadeiras de *bibliologia* e *numismatica* são professadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa; as de *paleographia* e *diplomatica* no Real Archivo da Torre do Tombo. As outras disciplinas são professadas no Curso Superior de Lettras. Está isto determinado na Lei de 24 de Dezembro de 1901. Este curso tem regulamento: — Regulamento do curso de bibliothecario-archivista —, approvado por Decreto de 3 de Outubro de 1902, que está publicado a pag. 157 do *Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes*, n.<sup>o</sup> 4.<sup>o</sup>, Outubro a Dezembro de 1902.

Este curso não está completo. Não basta ler documentos antigos. Para a sua critica e intelligencia é preciso o conhecimento do portuguez antigo, e do latim-baixo, empregados nos nossos documentos medievos; e tambem o conhecimento das instituições patrias, ordens, tribunaes, cargos publicos, elementos sociaes, linhas geraes da legislação; isto é, são precisas mais duas disciplinas, uma de *philologia* especial, applicada aos nossos documentos, outra de *instituições patrias*.

Em Italia os archivos estão divididos em :

Archivos geraes.

Archivos particulares.

Archivos notariaes.

Archivos ecclesiasticos.

Archivos dos ministerios e repartições publicas.

Archivos administrativos locaes, de provincia, perfeituras, communas, obras pias, segurança publica, com as divisões correspondentes aos differentes serviços e funcções.

(P. Taddei, *L'Archivista*. Milano, Hoepli, 1906).

Tanto em Hespanha como na Italia os Archivos tem, pro-

porcionalmente a Portugal, pessoal muito mais numeroso e com vencimentos razoaveis, e installações muito superiores.

Em Hespanha dividiram os archivos em :

- I — Archivos geraes.
- II — Archivos regionaes.
- III — Archivos especiaes.

Os quatro grandes archivos hespanhoes são :

El Real Archivo, de *Simancas*.

Archivo Historico-Nacional, de *Madrid*.

Archivo de Indias (Ultramar), *Sevilha*.

Archivo General-Central, em *Alcalá de Hénares*.

Em França tem concentrado muitos documentos nos seus Archivos departamentaes.

Em Lisboa temos, além da Torre do Tombo, os Archivos dos Ministerios, Reino, Justiça, Fazenda, Guerra, Marinha, Obras Publicas, Estrangeiros, e os respectivos archivos das Contabilidades d'esses ministerios; é enorme isto, sempre crescente, por que a papelada é corrente que não pára. É preciso arranjar, construir, edificio em boas condições, vasto e incombustivel, onde se possa alojar esse volume de maços e livros. As gerações futuras irão eliminando o que não lhes convier; hoje devemos ter escrupulo em destruir papeis; quem sabe se algum documento que hoje nos parece sem merito terá no futuro apreço e valor? é o que já se vê hoje com muitos papeis e livros antigos.

Quantos livros teem hoje grande valor por circumstancias em que ha vinte ou trinta annos se não fazia reparo, um autographo, uma dedicatoria, um ex-libris, uma encadernação, uma gravura? Deve haver cautella em inutilisar papeis, e por consequencia essa massa dos archivos officiaes cada vez se impõe mais. Mafra? fazer em Mafra o que a Hespanha fez em Alcalá de Henares? Remediava por algum tempo, por quarenta annos, talvez; porque é preciso notar que só uma parte do grande edificio seria applicavel a Archivo do Estado. No edificio da Bibliotheca Nacional de Lisboa estão alojados os archivos (antigos) de Marinha e Ultramar, e o da contabilidade do Ministerio do Reino.

No paiz ha archivos de fazenda, de camaras municipaes, das misericordias e hospitaes, das parochias, das camaras ecclesiasticas e seminarios, de cabidos, de notarios.

Em Coimbra accresce o importantissimo archivo da Uni-

versidade. Já por vezes se tem fallado dos Archivos dos Notarios.

Desejamos :

1.º Melhoria do edificio do Real Archívo da Torre do Tombo, e o seu isolamento de outras edificações.

2.º Mais pessoal, com melhor remuneração.

3.º Que o Archívo Nacional tenha pessoal bastante e habilitado para destacar, por muito ou pouco tempo, para outros archivos.

4.º Edificio proprio, vasto, para *Archivo Central*, em Lisboa ou fóra de Lisboa, onde se reunam os papeis do Estado não precisos nas repartições publicas.

5.º Creação de archivos districtaes.

6.º Ampliação do curso de bibliothecario archivista.

Lisboa, 12 de maio de 1910.

GABRIEL PEREIRA.

---

## NOÇÕES GERAES SOBRE A HISTORIA DAS ESCRIPTAS STENOGRAPHICAS

(Dissertação da Cadeira de Bibliologia)

Opiniões contradictorias a respeito da origem das escriptas stenographicas —  
Sua existencia entre os gregos e romanos — Sua substituição na alta  
idade media pelas abreviaturas

Acerca da origem das escriptas denominadas *tachygraphicas* ou *stenographicas* como mais tarde foram designadas, nada se pode dizer de positivo, porque as opiniões que a este respeito se acham mencionadas em varios tratados são contradictorias.

Segundo referem uns, a *tachygraphia* teria sido inventada ou pelos hebreus, ou pelos phenicios, ou, ainda, pelos egypcios, em cujas differentes formas de escripta corrente se reconhecerão os signaes representativos daquella escripta abreviada.

Entre estes conta se Delsart que, na *Encyclopèdie des Gens du Monde*, diz que «a *Brachygraphia* (notas tironianas) remonta aos bellos tempos da litteratura de Alexandria, sob a egide dos primeiros Ptolomeus, onde teve sem duvida o seu nascimento nos cursos publicos tão frequentados pelos rhetoricos».

Outros asseguram, fundados em umas palavras de Diogenes de Laerce, que as notas *tachygraphicas* nasceram entre os gregos, contra o que varios autores, como Balary e Jovany, declaram que aquelles *a esse tempo* desconheciam a *tachygraphia*.

Ora, a causa destas affirmações está no facto de se terem considerado as *siglas* como escriptura *tachygraphica* pela sua semelhança com as referidas notas e por algumas daquellas se encontrarem entre estas.

Porem, isto não quer dizer que se pudesse *completamente*

transcrever por meio de siglas um discurso, por que não se ignorando que estas, que se dividiam em *simples* e *compostas*, eram letras isoladas — *singulae litterae* — representando palavras inteiras, vê-se logo a impossibilidade de tal transcripção pela dificuldade e confusão que na pratica surgiriam destes signaes.

E é por notar estes inconvenientes bem patentes em varios manuscritos, como no Virgilio de Asper ou no *Domesdaybook* de Guilherme o conquistador, que, entre os romanos, o imperador Justiniano se viu na necessidade não só de prohibir o seu uso nos livros de Direito, como de ameaçar com severas penas todos os que copiassem as leis do imperio por esta forma. Mais tarde, em 868, Bazilio vendo que se não cumpriam as disposições anteriores, publicou novo edito no mesmo sentido.

Mas, o que é factó e não offerece duvida, é que entre os gregos e romanos se praticou uma especie de escriptura tachygraphica.

Deste modo, sabemos da existencia das *notas tironianas* que obedeciam a um certo plano.

Consistindo em duzentos signos primitivos dos quaes derivavam outros, tinham por base letras dos alphabets latino e grego desde a capital á cursiva alteradas por serem umas privadas dos seus traços, outras das suas extremidades, chegando a constituirem simples linhas.

As vogaes descendiam das consoantes. Um ponto collocado á direita ou á esquerda na parte superior ou inferior do sinal mudava-lhe a significação, como a mesma letra empregada como signo dominante passava a ter outro sentido quando signo auxiliar.

Havia, tambem, uma serie de signaes arbitrarios que equivaliam aos chamados signos convencionaes da moderna stenographia.

Esta escripta de difficil interpretação ainda hoje, que entre os romanos data da primeira metade do seculo anterior ao nascimento de Jesus Christo e entre os gregos duma epoca posterior, foi muito applicada então para se extratarem os discursos feitos na curia, e a ella se deve o terem chegado até nós algumas dessas orações notaveis.

Suetonio attribuiu a invenção desses caracteres a Ennio, que tinha colligido 1:100 dessas notas com o fim de recolher o que se dizia nos tribunaes e noutros logares publicos.

Comtudo, parece que o primeiro individuo que formou um

codice destes signaes, foi Tullio Tiro (1) (103 a. a. Chr.) escravo de Cicero. Em seguida Vipsanio, Philargyro, liberto de Agripa e Aquila escravo de Mecenas, ajuntaram novos signaes e, finalmente, Seneca elevando-os a um numero mais alto, formou um dictionario. Naquelle tempo, com estes caracteres, se escreveram diversas obras de Varrão, Quintiliano, Didimo, etc.

Os individuos que praticavam esta escripta que deixou de ser usada na Grecia e Roma nos principios do seculo XI, chamavam-se *notarios* ou *cursôres*, conforme os seus serviços eram aproveitados pelo Estado ou pelos particulares.

Ella estava de tal modo generalizada que quem a desconhecia era apodado de inculto.

Pela carta que Evodo escreveu em 415 a S. Agostinho, prova-se que a Igreja, pelos notarios ecclesiasticos, utilisava-se deste sistema tachygraphico que foi aperfeiçoado por S. Cipriano bispo de Carthago.

Destes seculos, em caracteres tironianos existem as obras de S. Dionizio, Areopagita, Hermogenes, S. Bazilio, S. Ambrozio, etc.

Diversos lexicos ha que tratam da leitura das ditas notas. Os mais antigos remontam á epoca carolina.

Posteriormente, João Trithemio num seu livro intitulado *Polygraphia* e publicado no anno de 1518, reuniu 30 destas notas extrahidas dum livro de psalms.

Não se julgue no entanto que esta obra por conter esse numero de signaes tracte de tachygraphia como certos escriptores suppozeram, confundindo os termos *polygraphia* e *steganographia*, epigraphe dum outro seu trabalho depositado na Bibliotheca da Universidade de Sevilha, com o vocabulo — tachygraphia.

Outro auctor, Grüter, nas suas *Inscriptiones Antiquae totius orbis romani* (1603) deixou-nos um glossario.

D. Carpentier, beneditino, sob o nome de *Alphabetum tironianum, seu notas Tironis explicandi methodus* (1745) publicando um formulario que fôra composto em S. Martinho de Tours entre os annos 828 e 832, actualmente guardado na Bibliotheca de Paris, tentou explicar muitas cartas de Luiz le Débonnaire nas quaes se acham linhas inteiras de vocabulos tironianos.

---

(1) Por isso aquelles signaes receberam o nome de notas tironianas.

Esse manuscripto foi reproduzido em phototypia pelo dr. W. Schmitz que, nestes ultimos annos, se tem consagrado a estes estudos nas *Monumenta Tachygraphica Codicis Parisiensis*.

Nos principios do seculo XIX, Kopp expôz scientificamente as leis e o sistema das notas tironianas, tratando o primeiro volume da sua *Paleographia Critica* (1817) da tachygraphia dos antigos, e o segundo que possui um grande *Lexicon tironianum*, divide-se em duas partes: a primeira, traz as notas pelo seu valor alphabetico com a sua interpretação e a segunda uma lista, tambem alphabetica, dos termos latinos com as notas que lhes pertencem. Os dois volumes são o que resta duma obra capital sobre a materia.

Nas memorias da *Academia das Inscripções* de Paris (1854) acha-se um trabalho sobre o assumpto de Julio Tardiff.

Nos seus *Commentarii notarum Tironianarum* (1893), pelo dr. Schmitz foi transcripto e annotado um dos lexicos mais conhecidos na epoca carolina de que ha 15 exemplares todos dos seculos IX e X.

Esta forma de escripta nos manuscriptos litterarios dos seculos VIII ao XI não foi empregada se não nas glossas marginaes, mas, apezar disso, alguns trabalhos foram feitos integralmente ou em parte com estas notas.

Neste ponto alguma cousa nos diz G. de Vries nas *Exercitationes paleographiae in Bibliotheca Universitatis Lugduno — Batavae instauranda* (Leyde — 1890).

Giry no *Manuel de Diplomatique*, declara que as notas tambem foram usadas nas chancellarias, e por parte da diplomacia merovingia as mais antigas notas estão incluidas num diploma de Clotario II (625).

É a partir de Thierry III que ellas são vulgares nas actas reaes.

O grande escriptor D'Arbois de Jubainville fez uma lista dos diplomas dos reis merovingios que tem daquelles signaes, não esquecendo os que já tinham sido decifrados. O uso das notas nos textos reaes acabou nos fins do seculo XI.

Finalmente, não é licito confundir com estas notas uma especie de escriptura tachygraphica applicada antigamente pelos notarios italianos (1).

---

(1) Vid. *Écriture secrète de Gerbert et la tachygraphie italienne du X siècle par Havet — Compt. rend. de l'Academie des Inscriptions, t. VII.*

\*

Como á queda das notas tironianas na edade media, se liga o desenvolvimento das *abreviaturas* não podemos deixar, embora mui resumidamente, de nos referir a ellas.

Assim, nos mais remotos manuscriptos gregos e latinos em caracteres onciaes e cursivos não se notam muitas abreviaturas á excepção de alguns sinaes consagrados pelo uso.

Mas, é ao procurar renovar-se a escripta romana que as abreviaturas augmentam prodigiosamente, juntando-se ás antigas outras como se observa em S. Hilario dos Capuchinhos de Tours e noutros velhos manuscriptos do seculo x, usando-se e abusando-se dellas dahi em diante (1).

O emprego das abreviaturas na lingua grega era differente da lingua latina; naquella, os termos abreviativos só eram para o fim das palavras o que não succedia no latim.

Em regra, conhecem-se os seguintes signaes abreviativos: *letras sobrepostas; letras numeradas; enlaces e conjugação de letras; termos não alphabeticos; syncope; apocope*, etc.

Em alguns destes signos facilmente se notam vestigios das notas tironianas.

O seu estudo é indispensavel na Epigraphia, Numismatica, Sigillographia, isto é, em todas as sciencias auxiliares da Historia.

Com o advento das escriptas denominadas *nacionaes*, a partir do seculo xvi, este modo de simplificar a escripta tão espalhado outr'ora foi esquecido quasi por completo.

---

(1) Decretaram contra o desenvolvimento das abreviaturas, entre outros os reis, D. Afonso x de Castella, D. Diniz de Portugal e Philippe o Bello de França.

Renascimento da stenographia  
na Inglaterra, França e Allemanha na edade moderna —  
Breve critica dos mais importantes methodos publicados

Passando, agora, a tratar do renascimento da tachygraphia entre os povos modernos, depára-se-nos, logo, a Inglaterra como sendo o paiz em que tiveram logar as primeiras tentativas pela creação da escola classica denominada *geometrica*.

Assim, depois do monge João de Tilbury (1174) cujo trabalho não era mais do que a reprodução das notas tironianas, o mais remoto ensaio tendente a abreviar a escripta ordinaria, deve-se a Ratcliff de Plymouth, (1588) ensaio que só foi conhecido depois de decorrer um seculo sobre a sua morte de baixo do nome — *A new art of Shitand Swift writing without characteres: by* (1688) *wich Rules a Commonhand will make Such expedition that Sermons, Speeches or Tryals may be taken with delight and plainty read* (1).

Em seguida, vem a publico um tratado de stenographia com o titulo — *Characterie an Art of Short Swift and secret Writing by character of Thimoteo Bright doctor of Physike*, o qual, não simplificando apenas a escripta corrente, substitue as letras por caracteres de diversos feitios.

As obras que se seguiram de Pedro Balles, *Art of Brachygraphy* e *A new year's Gift for England*, são mais de criptographia e calligraphia do que de stenographia.

Em 1602, appareceu o sistema de João Willis intitulado *The art of Stenography or Short Writing by spelling characterie*, que teve muitas edições.

Todas as palavras são constituidas com 34 caracteres combinados com cinco outros.

Posto que se funde num alphabeto, este sistema requer um grande numero de stenogramas arbitrarios — *symbolical words*.

Os compendios que se succederam de E. Willis (1618),

---

(1) Nelle se regeitam todas as letras dispensaveis na leitura, como se supprimem, na maior parte dos casos, as vogaes, conservando se, porem, todas as consoantes.

With (1630), Dix (1633), Mawd (1635), Everardt (1659) e outros, não passam de méras copias, cahindo por consequencia nos mesmos defeitos dos anteriores.

Thomaz Shelton publicou em 1620 a primeira edição da sua *Tachygraphy the most exact and compendious method of Short and Swift writing that hath ever yet been published by any.*

Comprehende o seu alphabeto signaes *simples* e *compostos*, sendo aquelles quasi sempre subordinados ás letras menos frequentes. Outros signaes contem para as consoantes duplas do fim e do principio das palavras. Possui numerosos signaes arbitrarios.

Alguns discursos de sabios theologos foram recolhidos por este methodo.

Em 1650, Jeremias Rich fez o seu tratado que obteve os louvores do philosopho inglez Locke.

Escreveu em stenographia os Psalmos, o Novo Testamento, e, annos depois, a Biblia.

William Mason (1672) produziu um sistema que, mais ou menos modificado, é ainda praticado na Inglaterra. Um dos que o reformaram foi o seu discipulo Thomaz Gurney (1753).

Carlos Ramsay na *Tacheography* escripta em latim, inglez, francez e allemão, elaborou um alphabeto melhor que os dos seus predecessores, dedicando a sua attenção, principalmente aos prefixos e suffixos.

James Weston (1747) legou-nos uteis observações sobre o modo de abreviar em geral a escripta stenographica.

Macaulay, depois, deu a lume a sua *Polygraphy*, cujo alphabeto se compõe de caracteres simples de facil traçado: linhas direitas de grossuras diferentes transformadas algumas vezes por curvas. Mais tarde, seu filho, Holdsworth y Aldridge, publicou o seu trabalho denominado *Short And*.

Em 1748, a *Philosophical Transactions* inseriu um ensaio dum methodo feito por Jeake, que é importante na parte que se refere á escolha dos signaes alphabeticos. Todavia, a sua interpretação não é facil, porque o seu auctor representa muitas consoantes por um unico signal.

Já o alphabeto de João Byrom (1767) é determinado de tal modo que não dá ensejo a reccorrer aos stenogramas arbitrarios. As consoantes são relaccionadas com os sons e as vogaes traduzem-se por um ponto disposto em cinco posições.

Em 1779, foi conhecida a primeira edição do folheto de Blanchard, reeditado e completado em 1786. Os signos, pelo

seu tamanho, significam letras diferentes, e ácerca das letras iniciaes e terminações, alguma cousa se menciona nas regras das abreviaturas. Nota-se nesta obra uma íntima harmonia entre a theoria e a pratica.

O dr. William Mavor, em 1785 ou 1789, no seu sistema moldado pelo de Byrom, apresenta um alphabeto bem organizado, assim como umas regras para as terminações dos signos complexos das palavras frequentes ou longas.

Em 1786, surgiu o compendio chamado *An essay Intended to Establish a Standard for an Universal System of Stenography or Short Hand Writing* de Samuel Taylor, que, dedicado a lord North chanceller da Universidade de Oxford, assenta nas seguintes bases: escrever se conforme o som das palavras, sendo as vogaes, exprimidas por pontos, sempre supprimidas se acaso são mudas, porque as consoantes fortes são sufficientes para representarem o som das syllabas. Comtudo, se as vogaes se pronunciam distinctamente no começo ou no fim dos vocabulos, é conveniente fazê-las figurar por um ponto.

Na pratica muitas palavras podem ser traduzidas por um menor numero de consoantes, como todas as vogaes podem ser omittidas.

Eis, na sua essencia, em que consistem os fundamentos da invenção de Taylor que teve muitas edições, entre ellas a de 1823 devida a William Harding, contendo umas ligeiras variantes.

Por 1802, Richard Roe imaginou um methodo *pentiumiforme*, e J. Henri Lewis, auctor duma Historia sobre esta arte (1816), tornou conhecida a sua obra fundada—diz elle—na experiencia.

Em 1837, o discipulo de Taylor, Isaac Pitman, lançou á publicidade uma pequena folha stenographica, hoje perdida, mas substituida por uma alluvião de publicações como o *Manual of Phonography or Writing by Sound*, *The Phonographic Teacher* e o *Phonetic journal* da sociedade Sir Isaac Pitman.

Esta folha é baseada numa analyse da phonetica da lingua ingleza. Uma das vantagens deste trabalho está em haver trez generos de escripta, uma para os principiantes, outra para correspondencia entre pessoas e uma última mais complexa que é essencialmente stenographica.

Segundo este invento, as consoantes similares correspondem aos mesmos signos e, no caso de fracas, são diferenciadas por um reforço de traço que é tambem usado para distinguir as vogaes longas das breves. Os signos são constituídos por linhas

direitas e curvas. O ponto, ou um pequeno traço collocado em varias posições junto das consoantes, servem para indicar as vogaes.

Álem destes signaes, ha outros para as semi-vogaes, consoantes duplas, prefixos e suffixos, e, ainda, uma longa lista de stenogramas.

Actualmente, este methodo como o de Taylor, são os que estão mais espalhados na Inglaterra.

\*

Em França, o mais antigo tratado de que se faz menção é o que possui este titulo: *Le Magasin des Sciences, ou vrai art de mémoire découvert par Schenkelius — Traduit et augmenté tant de l'alphabet de Trithemius que de plusieurs autres belles recherches, inventions et figures sur ce subject par Adrient de Cuïrot. Très utile et méthodique pour prêcher, haranguer, discourir et retenir toutes choses. A. Paris, chez Jacques Quesnal, MDCXXIII.*

Por certa passagem desta obra descoberta por R. Havette, estabelece-se claramente a existencia de processos abreviativos com o fim de se escrever *tão depressa como se falla*, como, pela sua data, se prova que não foi o sisthema do abbade J. Cossard o primeiro que se imprimiu.

Este, no seu *Méthode pour écrire aussi vite qu'on parle* baseado nos sisthemas inglezes, dá-nos um alphabeto de 22 signaes em linhas rectas, curvas e pontos.

Em 1775, veiu *Le Manuel Tironien* de Feutry, seguindo-se-lhe *La Tachygraphie* de La Valade (1774-1777) e *Le Parfait Alphabet* de Demoy (1787).

Com o apparecimento do livro de Coulon de Thévenot (1778), iniciou-se uma serie de trabalhos mais ou menos aperfeiçoados que os seus descendentes elaboraram e que, durante meio seculo, foram bastante apreciados.

O principal defeito desta variedade de escripta stenographica é a pouca rapidez. As palavras escrevem se por syllabas separadas e os caracteres, cuja escolha é má, traçam-se por alturas diversas.

Debaixo da indicação de *Systheme de stenographie, inventé*

*pour S. Taylor adapté à la langue française*, Theodore Bertin, em 1792, annunciou o seu volume que não passava duma simples copia do sistema de Taylor com pequenas mudanças.

A *Okigraphia* de Honoré Blanc (1801), consta dum alphabeto de linhas verticaes rectas ou curvas tanto para as vogaes como para as consoantes, que, para se não confundirem, se escreverão em sentido opposto e a diversa altura, para o que será necessario o uso de papel pautado. Apesar de simples em theoria, este invento foi despresado pelas difficuldades que offerecia na pratica.

Foi, tambem, por esta epoca que Clement propalou o seu folheto — *La sténographie*, cujo alphabeto se limita a 22 caracteres e a dois signaes abreviativos.

Adoptando os principios de Taylor, então diffundiui-se a obra de Hippolyto Prévost (1808-1873), que é fundada nos seguintes principios: a não suppressão das vogaes no começo e no fim das palavras; divisão do alphabeto em signos alphabeticos *propriamente ditos*; signos *eniciaes* e signos *finaes*, podendo ser collocados os primeiros no começo, no fim ou no meio do vocabulo. Distinguem-se estes signaes uns dos outros pela sua posição, largura, etc.

A parte mais importante da theoria deste auctor, é a applicação das *incompatibilidades* que consistem na suppressão de certas consoantes, em virtude do que grande numero de termos, e especialmente os mais frequentes, são reduzidos extremamente. Porem, é indispensavel conhecer se muito bem a lingua para se poder usar daquelles signaes.

Não devemos esquecer, ainda, as chamadas *superposição* e *reforço*, dois processos abreviativos que permitem a representação de certas nasaes e suas derivadas.

Fallando, agora, de Conen de Prépéan (1813-1832), diremos que as suas theorias postas em pratica por Aimé — Paris e completadas por L. Guénin, deram uma forma de escripta abreviada, assaz perfeita, muito aproveitavel nas escolas pelo facto de ser graduada.

Em 1868, sahii a primeira edição do methodo Duployé que está a altura de todas as intelligencias. Nelle, as vogaes e consoantes são traduzidas por curvas e rectas em varias posições, sendo eliminados na pratica os pontos e accentos que se vêem juntos a alguns signaes. A escripta é phonetica e de leitura simples. É um dos sistemas mais vulgarisados em França.

Sob a epigraphe *Metagraphie*, ha um sistema muito descu-

volvido em abreviaturas de J. Dépoim de Humbert, que é de difficil leitura por causa da pouca exactidão na gravura das palavras.

Por 1874 manifestou-se uma obra com o titulo *La Sténographie Phonétique* feita por um individuo que se designava por *Mignon*, em que as vogaes se figuram por seis traços dispostos de varias maneiras e as consoantes por linhas convexas, concavas e rectas de trez dimensões diversas.

Depois deste trabalho de pratica impossivel, temos o de Riom parecido com o de Coulon de Thévenot.

O seu modo de escrever é syllabico; tem as consoantes representadas por linhas direitas e as vogaes por um pequeno traço que se liga áquellas por um angulo mais ou menos aberto. Na pratica este sistema é prolixo, e um dos motivos é o facto de serem as primeiras syllabas das palavras as que melhor são escriptas.

Ainda outros methodos ha, como os de Buisson (Duployé-Prévost), Canton (Duployé modificado), Carabasse, Legleize e até alguns inteiramente pessoases como o de J. Martin, que é uma escriptura bastante compacta, útil para recolher as notas telegraphicas e telephonicas.

Por ultimo, não queremos deixar de citar a theoria de Eugene Bazin, que dá aos caracteres uma significação segundo a posição respectiva das palavras em relação umas ás outras. Esses caracteres que são em numero muito limitado, têm além do seu valor proprio, um valor relativo.

\*

Na Allemanha, já Creutziger, discipulo de Lutherero, servia-se de certas notas que lhe permittia seguir os discursos de seu Mestre, e, em algumas obras do seculo xvii, veem exarados varios sistemas stenographicos que são tanto ou quanto copias das invenções inglezas, como aquelle que vem nas *Deliciae Physico-Mathematicae* do professor Daniel Schwenter, principalmente na sua segunda edição publicada por Ph. Harssdörffer.

Mas, foi F. Mosengeil o primeiro que, guiando-se por Taylor, creou um alfabeto stenographico racional, em que as vogaes são substituidas por pontos e os prefixos e suffixos, como os tempos dos verbos auxiliares, por signos especiaes.

Gottlieb Horstig, em 1797, offereceu ao publico, no seu compendio intitulado *Erleichterte deutsche Stenoggraphie*, uma escripta particular de certas vantagens pelo que respeita á rapidez. Segundo elle, as vogaes podiam-se desprezar desde que não houvesse necessidade absoluta de as escrever. Affirmava tambem que todos os signaes deviam-se unir pelo lado mais facil.

Pondo de lado Danzer que fez uma traducção do sistema de Taylor e a obra de Leichtlen que são do principio do seculo XIX, temos a grande obra *Anleitung zur Deutschen Redezeichenkunst* (1834) de Franz Xaver Gabelsberger, na qual este lançou os fundamentos dum sistema verdadeiramente scientifico e dos intitulados *penne-uniformes*.

Este methodo, que passou por algumas alteraçõs, umas feitas pelo seu auctor, outras posteriormente pelos seus discipulos, é formado actualmente de 63 signaes de tamanho, grossura, orientação e forma differentes que exprimem não só as letras do alphabeto allemão como algumas das syllabas mais usadas. Outros ha que servem para abreviar o começo e o fim dos vocabulos. Alem disso, possui muitas abreviaturas de termos e locuçõs mais frequentes.

Este sistema que está immensamente espalhado por toda a Allemanha em grande parte mercê da propaganda feita pelo Real Instituto Stenographico de Dresde, tem um grande concorrente no methodo de Wilhelm Stolze (1841), hoje mais divulgado sob o nome de Stolze-Shrey que se funda no de Gabelsberger do qual se destaca por maior simplicidade.

Moldado nestes dois trabalhos, desde 1850 têm nascido grande numero doutros compendios stenographicos, taes como os de Arends (1850-1860), Günther (1851), Eicke (1867), Lehmann (1875) que não crearam adeptos.

#### A stenographia nos outros Paizes Epoca da sua introdução e desenvolvimento

Tratando doutros paizes onde esta arte é aproveitada, desde já declaramos que os seus methodos são, geralmente, consoante affinidades linguisticas, adaptaçõs dos sistemas inglezes, allemães e francezes e, por isso mesmo, é que, muito em resumo, vamos destacá-los.

Deste modo, principiando pela Austria, notamos que os primeiros individuos que alli desenvolveram o methodo stenographico de Gabelsberger foram Pablo Posener e Jacob Heger.

Na Hungria, além de Danzer que fez uma traducção do sistema de Taylor adaptado á lingua official desta nação, dois outros individuos Tenyvessi e Markovits fizeram respectivamente traducções dos trabalhos de Stolze e Gabelsberger.

Na Croacia, em 1864, Madgic fez uma versão da obra de Gabelsberger, como devido a Heger (1849) o mesmo aconteceu na Polónia, Galitzia e Bohemia.

Na Servia, foi Milos Milovnk (1866) quem traduziu o tratado de Stolze, sendo, no entanto, as theorias de Gabelsberger as que predominam, motivado pela obra de Ivan Milovanovic (1872) que se divulgou em seguida aos inventos de Djordjevic (1867) e Djaja (1870) que não vingaram.

Em 1848 Rosetti introduziu na Roumania o trabalho de Tondeur que depois foi alterado por Winterhalder.

Bosianu, em 1861, inventou um methodo que não deu resultado, e, mais tarde, o dr. Stoenescu adaptou á sua lingua o de Gabelsberger.

Este, como o Duployé, são conhecidos pelos turcos.

José Mindler, é o primeiro que levou ao conhecimento dos gregos a obra de Gabelsberger, e dez annos depois (1852), Panos Heliopolus publicou o seu tratado fundado principalmente no methodo francez Senoq, o qual não teve o menor exito.

Na Dinamarca, em 1848, Dessau e Fich dedicaram-se ao estudo da stenographia, sendo devido áquelle que o sistema Gabelsberger foi preferido nesta nação.

Na Suecia e Noruega, seguidamente aos trabalhos de Silfverstolpe, Hjerta e Götrek que são dos annos de 1825 e 1827, veio em 1852 o de Paludan que, passado tempo, foi substituido pelo de Gabelsberger que é, tambem o empregado entre os filandezes, devido a Dalström, Margunoff, Swan e Neovius.

Na Russia, pelo fins do seculo XVIII, appareceram successivamente os trabalhos de Wolke, Henry e Godefroy que não colheram adeptos, o que igualmente succedeu em 1820 com a obra do barão de Korf e em 1858 com a de Ivanin, ambas copias de methodos francezes.

Na segunda metade do seculo XIX, mediante concurso, foram presentes ao governo russo vinte e tantos methodos dos quaes só dois obedeciam ás condições propostas. Entre estes dois sistemas, um adherente á escola de Stolze, outro á de Gabels-

berger, houve bastantes luctas e discussões até que venceu este ultimo que tinha sido composto pelo barão de Tornaw, Olehin e o celebre professor dr. Zeibig, ha poucos annos fallecido.

Na Hollanda, Jean Reyner (1673) reproduziu o sistema inglez de Th. Shelton, seguindo-se-lhe o de Gosens (1679) e o de Bossuift (1814) que é uma imitação do methodo de Prépean.

Entre aquelles compendios que estão mais espalhados, contam-se os de Somerhausen, Bossaert e Witzten Geijsbeek que é uma applicação do sistema allemão Erdman.

Este ultimo methodo, o mais curioso de todos sob o ponto de vista da technica, tem o alphabeto formado por pontos escriptos a diversas alturas que são as vogaes e por traços horizontaes, verticaes e obliquos obedecendo áquelle mesmo principio e que servem de consoantes. Na escripta estes signaes não se ligam.

O tratado de Somerhausen que descende das theorias de Prépean, foi mais tarde modificado por Van Elven e Cornelio Seteger.

Ha, tambem, uma traducção da obra de Gabelsberger feita por Rietstap.

Entre os belgas, os sistemas usados são os de Prévost e Duployé, e na Suissa os de Gabelsberger, Stolze e Duployé.

Não foi a Italia um dos paizes onde a stenographia se evidenciou mais cedo, pois o primeiro trabalho conhecido o de Molina, é de 1797.

Em 1809, Emilio Amanti publicou em Paris um compendio onde adoptava á lingua italiana o sistema de Taylor.

Posteriormente outros trabalhos appareceram como os de Grossi (1810) Molino (1811) Delfino (1819) cuja obra se acostava ao methodo de Coulon de Thévenot, Marti (1828) Santini (1832) Corti (1834) Magnaron (1848-1862) Grion (1848-1861) que se utilisou dos methodos de Stolze e Gabelsberger, Visetti (1853), etc.

A tentativa de Leiner para assimilar ao italiano o sistema de Gabelsberger não teve exito, e é só em 1863, com Henrique Noë que a Italia ficou possuindo um bom sistema stenographico baseado no de Gabelsberger.

Apezar disto, fazem-lhe certa concorrencia as publicações de Fumagalli e Vigezzi, etc.

Na Peninsula Hispanica, os sistemas em vigor pertencem todos á escola *geometrica*.

Começando pela Hespanha, logo nos vem á memoria o nome de Francisco Paula Marti como auctor do primeiro tratado de stenographia.

A esta obra derivada da de Taylor e que se intitulava *stenographia, arte de escribir abreviado, siguiendo la palabra de un orador ó la conversación viva de dos ó más personas* (1800), seguiu-se a de Alvares Guerra sob o nome de *Taquigrafia ó método de escribir con la ligeireza que se habla ó se lee*, que tambem tinha relações com a de Taylor.

Uma questão havida entre um e outro auctores provocou o apparecimento em 1808 da *Taquigrafia Castellana*, novo trabalho de Paula Marti mais completo que o primeiro e que deu logar á creação duma das trez escolas stenographicas dominantes neste paiz, a *madrilêna ou martiniana pura*.

A sua obra que foi ainda muito modificada por elle nas suas successivas edições, assentava nas seguintes condições: emprego de rectas e curvas em varias posições para designar as vogaes e as consoantes, distinguindo se aquellas destas pelo tamanho dos signaes. Diversos outros signos para servirem de *terminações*, que sendo primeiramente de 14 se elevaram ulteriormente a 18 para, finalmente, passarem a 17. Escripta sonica, interpretando-se os signaes pelo sentido da oração.

Filiadas nesta escola, circularam nos annos seguintes bastantes obras, algumas das quaes são apenas copias da *Taquigrafia verdadera* como as de Quintin Montañés (1807), A. T. (1821), Bermúdez Sotomayor (1814) Zamácola (1840) Maria Lopes (1845).

Incluindo pequenas transformações, ha as de Fuentes Vilaseñor (1842) Eugenio Vela (1845) Ariño (1870) Suit y Agüero (1872) Flórez de Pando (1872) Morales (1851), etc.

Convem destacar, por ser uma obra notavel, a de Cortéz y Suaña que, segundo diz Carvajal, «é a melhor de quantas vieram á luz publica affectas á escola madrilena».

A escola *catalan* creada por Serra y Ginesta e Carlos Ariban em 1816, diverge da de Marti da qual descende, pelo emprego dos *signos verbaes, principios de dicção ou prefixos, collocação dos signos em diversas alturas*, etc.

A este methodo pertencem os trabalhos de Cantalozella (1847), Cornet y Más (1852), Baltazar Noria (1853), Somolinos (1856) e outros.

Pela sua importancia, devemos considerar o *Compendio de Taquigrafia Española* de Máz, auctor acima mencionado e o

*Nuevo tratado de Taquigrafia Castellana* de Henrique Orellana (1883).

A escola *Garriga*, fundada por Pedro Garriga Marill em 1864, foi tirar os seus elementos aos sistemas de Marti e Serra.

Divide as terminações em *cousoantes maiores* e *consoantes sempre maiores* que são em numero de 38, havendo mais cinco *finas*. É necessario o uso do papel pautado.

Um dos mais entusiastas defensores das doutrinas de Garriga foi Balari y Jovany, membro da Academia das Bellas Lettras de Madrid, auctor da *Historia de la Taquigrafia de los Griegos y los Romanos*.

Independentes destas tres escolas stenographicas, as mais desenvolvidas em Hespanha, consideram-se os trabalhos de Alvarez Guerra (1800), Marmol (1828), Moreno (1855), Pérez (1857), Gutiérrez (1865), Aguirrezabal (1859), Isquierdo (1868), Sumbiela (1874), etc.

Em Portugal, o mais antigo trabalho de que se tem noticia, é o denominado *Sistema Universal e Completo de Tachygraphia* de Pinto Rodrigues (1802), que é uma adaptação das doutrinas de Taylor á lingua portugueza. 15 signaes constituem o alphabeto, tendo outros 13 para abreviarem a escripta.

Passados 20 annos foi publicado um pequeno opusculo de Angelo Ramon Marti (1) em que elle accomodava á nossa lingua o methodo de seu pae, Paula Marti, o mesmo que introduzira em Hespanha a stenographia em 1800.

Esta obra, além dalgumas paginas que encerram as indispensaveis regras e conselhos dirigidos aos que desejassem aprender o referido methodo, contem uma mappa onde, resumidamente, vem descripta a technica respectiva.

Não possui *começos* e as terminações são simplesmente 16.

Deste livro, sahio uma edição em 1828 (2).

Depois dos dois compendios de Marti que marcam o principio da stenographia portugueza, ontras publicações vieram, as quaes todas juntas não se elevam a um grande numero por-

---

(1) O primeiro individuo que entre nós exerceu a arte stenographica, tendo sido tachygrapho-mor junto das côrtes de 1820 e 1828, anno em que falleceu.

(2) Na Bibliotheca Publica de Lisboa existe um exemplar de cada uma destas trez obras.

que, em Portugal, este genero de trabalhos não tem muita acceitação.

Entre os livros de stenographia portugueza contam-se estes: *Novo uso e systema de Tachygraphia* de Nunes Garcia (1847); *Tratado de Tachygraphia* de Cunha e Silva (1855) que tem muitas affinidades com a *Stenographia Exacta* de Prépean. É a favor da escripta sonica, compondo-se o seu sistema de 150 signaes agrupados por classes.

*Manual theorico e Pratico de Tachygraphia Portugueza* de Torneros (1859). Julga a escripta tachygraphica sonica e syllabica.

Alterando um pouco o methodo de Marti, elle inventa uma especie de escriptura abreviada muito complicada. *Tachygraphia Portugueza* de Antonio Maria d'Almeida (1874). Alfabeto o de Marti; *começos* 9, *terminações* 24, *abreviaturas propriamente ditas* 11.

*Noções Praticas de Tachygraphia e Caderno auxiliar* de Pery de Linde (1893), dois folhetos dedicados especialmente aos estudantes e jornalistas. acosta-se tambem ao methodo de Marti.

*Tratado de Stenographia* de Leopoldo de Carvalho, prefaciado por Antonio La-Grange.

Obra de stenographia essencialmente moderna em que estão reunidos varios dos melhoramentos que foram introduzidos nesta arte por diversos tachygraphos portuguezes. Um desses melhoramentos, por exemplo, é o escreverem-se tambem no meio das palavras os signos chamados *começos* e *terminações*. *Tachygraphia* (Bibl. do Povo e das Escolas) de Pery de Linde (1906). São dois volumes, incluindo o primeiro o methodo de Marti aperfeiçoado e o segundo um resumo da historia da arte, bibliographia e paradigma de variados sistemas.

É uma obra muito interessante e digna de leitura.

Ultimamente veiu a publico um livrinho digno de attenção pelo fim a que visa o auctor.

É elle o *Manual de Stenographia Calligraphica* de Manuel Antunes Amôr, o qual comprehendendo quanto é difficil a aprendizagem do trabalho de Marti pelos estudantes em vista daquelle sistema ser mais para profissionaes do que para extranhos, inventou uma especie de calligraphia abreviada, que se compõe simplesmente de 22 signaes que constituem o alfabeto e outros dois para grupos de letras, destinada em especial áquelles para seu uso nas escolas secundarias e superiores.

\*

Nas outras partes do mundo os sistemas adoptados são geralmente identicos aos que se praticam na Europa.

Desta forma, nos Estados-Unidos da America do Norte estão vulgarizadas as doutrinas de Graham, Pitman com modificações de seus irmãos, Munson, Lindsley e Gabelsberger, que se estendem de resto a todos os pontos onde se falla a lingua ingleza.

Nas nacionalidades da America do Sul em que a lingua official é a hespanhola, pratica-se, por via de regra, o sistema de Marti alterado em parte.

No Brasil, onde poucas obras de stenographia tõem sido compostas, domina este mesmo methodo.

Entre os trabalhos alli apparecidos, ha os de Ferreira Villella (1844), Silva Velho (1857), Telles de Menezes (1885) e, modernamente, o de Amaro d'Albuquerque (1900).

Por ultimo, nas linguas orientaes empregam-se os methodos inglezes em virtude de adaptações mais ou menos habeis.

Sinthese historica — Algumas considerações de ordem technica  
— Conclusões

Pelo que acima dissemos em *trez periodos* se pode condensar a historia deste especie de escripta.

O *primeiro* periodo é o das notas tironianas, que vae desde os gregos e romanos ao seculo x, approximadamente. É, por assim dizer, a faze primitiva desta arte-ciencia.

O *segundo* periodo é o do seu renascimento, que se inicia na Inglaterra, estendendo-se a pouco e pouco o seu conhecimento aos outros paizes da Europa.

Apezar deste ramo de escripta assentar já em bases um tanto razoaveis, entretanto conserva-se ainda numa faze de con-

fução, como se prova pela existencia de innumeraveis sistemas defeituosos e impraticaveis (1).

Finalmente o *terceiro* periodo (1800-1880) corresponde á introducção da tachygraphia por meio de traducções aperfeçoadas dos methodos mais auctorizados nas restantes partes em que ella não era, ainda, conhecida, ao apparecimento de innumeravistas revistas technicas e de estabelecimentos exclusivamente destinados ao ensino tachygraphico, etc.

Na sua maioria estes sistemas pertencem ou á escola *geometrica*, cujos elementos são tirados duma figura geometrica (sist. Taylor), ou á escola *pentuniforme* que busca os seus fundamentos nos caracteres da escripta vulgar (sneth. Gabelsberger) (2).

As causas por que especialmente nos dois primeiros periodos, muitos dos sistemas publicados não mereceram o mais pequeno louvôr, devemos ir procurá-las á má organização dos seus fundamentos.

Com effeito, na elaboraçção dum sistema stenographico tem-se que attender ao principio *linguistico* que se refere a todas as particularidades philologicas do idioma respectivo e ao principio puramente *technico* que se refere á formaçção dos signaes abreviativos.

Depois deste estudo demorado e complexo que bem se pode chamar *analytico*, segue se aquell'outro que trata de combinar o mais logico e harmonicamente possivel os dados extrahidos do primeiro estudo.

Assim, se é difficil fazer-se um methodo que seja viavel, tambem o não é menos, como acabamos de ver, qualquer ser um critico, porque lhe serão precisos um nucleo importante de conhecimentos especiaes cuja posse tornon considerados e illegatos os nomes de Zeibig, Krieg e outros.

---

(1) É assim que nas assembleias parlamentares da Revoluçção Francesa os debates eram tirados pela *Logographia*. Isto é, um individuo collocado em determinada tribuna onde se encontrava a seu lado outros seus collegas, retinha na memoria por curto espaço de tempo certo numero de palavras proferidas pelo orador que se apressava a escrever quando o seu collega do lado, por sua vez advertido, repetia o mesmo exercicio.

(2) Pelos *comptes-rendus* dos congressos internacionaes, reconhece-se que a tendencia de hoje é para englobar os varios sistemas nacionaes, creando um unico methodo nacional tornando este depois o mais approximado possivel dos seus congeneres estrangeiros.

.....  
 Concluiremos este nosso pequeno trabalho com a seguinte explicação.

No resumo que fizemos da Historia das escriptas stenographicas, não fomos no terceiro periodo, quando tratamos dalguns paizes, além de 1880, não só por nos ser inteiramente impossivel, em vista da alluvião de compendios que se imprimiram dahi por deante, mas porque a sua enumeração era escusada, por isso mesmo que não esclarecia melhor o nosso intento.

E, quem estiver a par do que vae pelo estrangeiro em bibliographia stenographica, dar-nos ha razão, quer pelo que acima dissemos, quer por termos escolhido este assumpto para nossa dissertação o que é de todo o ponto justificavel, tanto mais existindo uma bibliotheca, a do *Real Instituto Stenographico* de Dresde que possui para cima de 20:000 volumes referentes a esta escripta.

---

### BIBLIOGRAPHIA

- Panstenographikon* — Dresde — 1869-1874.  
*Geschichte und Literatur der Geschwindschreibkunst* — Zeibig — Dresde — 1880.  
*Cours de sten. intern. précédé d'un abrégé d'une histoire de la stenographie* — H. Krieg — Leipsig — 1880.  
*An historical account of the rise and progress of Short-hand* — H. Lewis — Londres — 1816.  
*Comparaison de différentes méthodes tachygraphiques depuis l'origine de l'art jusqu'à ce jour* — Iomard — Paris — 1831.  
*Les notes tironiennes, leur origine et leur nature* — P. Guénil — Arras — 1882.  
*Étude sur l'histoire de la stenographie* — Godner — Paris — 1894.  
*Examen critique des stenographies françaises et étrangères* — Thierry — Versailles — 1900.  
*Historia de la taquigrafia de los griegos y los romanos* — Balary y Jovani — Barcelona — 1875.  
*A History of Shortand* — Isaac Pitman — 1891 — Londres.  
*Das tironische Psalterium der Wolfenbütteler Bibliothek* — Lehmann — Leipsig — 1885.

*Beiträge zur lateinischen sprach-und Literaturkunde* — W. Schmitz —  
Leipzig — 1877.

*La Lumière stenographique* (Duployé) — Paris.

*Le stenog. illustré* — Paris.

*L'Unité* (Prévost-Delaunay) — Paris.

*Le Progrès stenogr.* (Riom) — Paris.

*Archiv für Stenographie* — Breslan.

*Der deutsche Stenographie* — (Stolze-Schrey) — Berlin.

*Correspondenzblatt* (Gabelsberger) — Dresde.

*Stenograph. Lesebibliothek* (Gabelsberger) — Dresde.

*Phonetic Journal* — Londres.

*El Mundo Taquigrafico* — (Marti) Madrid.

---

## O VISCONDE DE SANTAREM COMO GUARDA-MÓR DA TORRE DO TOMBO

ADDITAMENTO ao estudo publicado neste «Boletim»  
de 1908, pagg. 146

---

Motivo da intrusão de Castilho no Archivo — Força que a este dava  
o ministro do reino, Costa Cabral

Quem tivér lido attentamente o nosso primeiro opusculo sobre o mesmo assumpto, neste tratado, deve ter presente as varias phases do incidente Castilho-Basto, desenrolado na Torre do Tombo.

Severo Basto tinha é certo o incitamento e o applauso do seu guarda-mór, o illustre visconde de Santarem; mas a Castilho, como é de calcular, não faltava, durante certa epocha, o apoio do Ministro do Reino Costa Cabral. Não antecipemos, porém.

Como já dissémos, a esforços de Santarém, deram entrada na Torre do Tombo os cartorios das trez inquisições, Lisboa, Coimbra e Evora, assim como o do Conselho Geral do Santo Officio. Ao todo, para cima de cincoenta e dois mil processos!! E a essa *bagatella*, com a pequenez do quadro do Archivo, não se tinha podido, ainda em 1843, dar qualquer ordem, por provisoria que fosse (1).

Sucedeu nesta altura que, a instancia do grande juriskon-

---

(1) Documento I.

sulto Antonio Luiz de Seabra, o deputado José Feleciano de Castilho desejou ver o processo inquisitorial contra o celebre lente universitario, Dr. Antonio Homem, processo hoje já tão estudado, quer pelo Sr. Theophilo Braga na sua *Historia da Universidade de Coimbra*, quer pelo erudito lente conimbricense Antonio José Teixeira. Vendo Castilho as difficuldades que havia para o seu pedido ser satisfeito offerecen-se para fallar sobre o assumpto na camara e, pedio para isso um apontamento ao official-maior Severo Basto.

Não repetiremos aqui o que em seguida se passou porquanto já a isso fizémos larga referencia no nosso primeiro opusculo. Severo Basto reputava os planos de Castilho como inexequiveis e inuteis e fê-lo saber officialmente ao ministro do reino, Costa Cabral.

A resposta porém bem pouco lhe devia ter agradado.

O ministro do reino mostra-se com tal officio muito surprehendido por varios motivos (1). Em primeiro logar porque a representação era extemporanea, pois, a ser feita, deveria tê-lo sido quando a commissão Castilho foi decretada e não quatro meses depois. Em segundo logar porque estava em contradicção com o que Severo Basto escrevera na *Revolução de Setembro* de 20 de janeiro, onde chegara a affirmar que *todas as insinuações desvantajosas para Castilho eram inexactas e ingratas*. Em terceiro logar porque a representação, tão tardiamente feita, envolvia censura ao governo que, nessa altura, abraçara o plano de Castilho.

Por ultimo o ministro ordenava-lhe que prestasse todo o auxilio a José Feleciano para o desempenho da sua commissão.

Razão de sobejo tinha portanto o official-maior para se desgostar, appellando, como vimos, para a aposentação, pois achava-se verdadeiramente entre dois fogos. D'um lado Santarém censurava-o por se ter prestado a dar *os fructos das suas luzes e experiencia a quem d'elles faz tal e tão inaudito abuso* e por outro lado Costa Cabral mandava-lhe uma aspera reprimenda em resposta ás suas queixas, chegando a dizer-lhe que fosse de *futuro mais curial em taes negocios!*

---

(1) Documento II.

A obra patriótica de Santarém sobre as descobertas dos portuguezes —  
As suas publicações officiaes — Avisada previsão sobre João Basto

Dissémos a pagina 21 do nosso primeiro opusculo sobre o *Visconde de Santarém como Guarda-Mór da Torre do Tombo* que, dos seus ultimos treze annos de gerencia nominal do Archivo — de 1843 a 1856 —, de pouca correspondencia nos chegava noticia. Quando isso escreviamos não tinhamos ainda conhecimento dos documentos fundamentaes do presente estudo e com elle publicados.

A prodigiosa actividade de Santarém nem nos ultimos annos da sua existencia quiz repousar á sombra dos louros colhidos.

Assim, em 25 de agosto de 1843 (1), pedia para a Torre do Tombo extractos chronologicos da correspondencia diplomatica da missão em França de José da Cunha Brochado e instava pelas copias da correspondencia da missão em França de Marco Antonio de Azevedo Coutinho, em 1797, assim como da correspondencia de Monsenheur Salema, cuja missão na mesma côrte foi de 1757 a 1760.

Em março de 1845 leu Santarém na Sociedade de Geographia de Paris uma memoria sobre as navegações dos portuguezes na Edade-Media (2), memoria cuja traducção o *Diario do Governo* publicou. Para a continuação dos seus estudos porém pedia em 18 de novembro do mesmo anno, uma copia da carta de almirante passada a Nuno Fernandes Cogominho, antecessor de Micer Manoel Pessanha, carta que se deveria encontrar registada na *Chancellaria de D. Affonso III*, ou talvez mesmo na de D. Diniz. Além d'este documento desejava Santarém copia da carta de mercê a D. Gonçalo Camello de capitão-mór da armada de alto-bordo.

Todavia nem um nem outro documento constavam dos respectivos indices, respondia, já em 1846, Severo Basto (3). Mas,

(1) Documento III.

(2) Documento IV.

(3) Documento V.

sempre sollicito, enviava ao seu illustre Guarda-Mór copia de dois documentos, que indirectamente serviam para o intento: uma doação feita a Cogominho, onde D. Diniz o trata por *meu Almyrante Mayor* e outra carta passada a Manoel Pessanha sobre certo conflicto de jurisdicção com o alcaide de Lisboa, onde o mesmo monarcha se refere aos privilegios de que teem gozado os almirantes, provando assim a antiguidade do dito cargo (1).

Foi bem festivamente que Santarém recebeu a *descoberta*, como elle lhe chamava, de Severo Basto (2). Veio ella illustrar uma das mais intrincadas questões da nossa historia patria, com tanta mais utilidade para nós quanto era certo que um estrangeiro de má fé e sem critica alguma, negava a existencia de almirantes em Portugal, antes do celebre Pessanha, concluindo d'aqui terem sido os genoveses que nos ensinaram e conduziram até ás Canarias!

A esta descoberta accresceu a remessa d'um documento relativo ao privilegio concedido ás galés de Veneza, d'onde se deduzia que, antes de 1430, os navios venezianos dirigidos a Flandres não frequentavam os nossos portos da costa occidental do Atlantico (3).

Entretanto Santarém não se esquecia da bibliotheca do Real Archivo e para ella enviava um exemplar do tão consultado *Quadro Elementar* (4), assim como de cá se não esqueciam de lhe devolver os *Archives Historiques*, onde, em 1845, se publicara um artigo sobre o illustre Guarda-Mór (5), e que, por lapso, mandaram para a Torre do Tombo.

Por esse tempo acabava de ver a luz publica o primeiro volume da *Collecção de Tratados*, e tendo recebido nova commissão do Ministerio dos Negocios Extrangeiros, Santarém pedia para a Torre do Tombo uma lista de todos os tratados e convenções entre Portugal e Hespanha, e de Portugal com a França desde 1640, para confronto com as copias que já possuia em

---

(1) O primeiro destes documentos cremos ser o publicado pelo sr. Brito Rebello a pag. LXIX, n.º 5.º, da Introducção do *Livro de Marinharia*, (1903); o segundo serve de confirmação ao que S. Ex.ª afirma sobre a antiguidade do cargo de almirante em Portugal.

(2) Documento VI.

(3) Documento VII.

(4) Documento VIII.

(5) Documento IX.

Paris (1). Em 1847 já agradecia não só a remessa da copia do tratado das *Alcaçovas* de 1479, como tambem dos apontamentos dados pelo duque de Bragança a D. João III sobre os erros das cartas geographicas, apontamentos, no dizer de Santarém tão interessantes para a historia da cartographia dos seculos XV e XVI. Nessa mesma data referia-se muito lisongeiramente á entrada de João Basto para o quadro da Torre do Tombo. E não se enganava escrevendo que elle prestaria assignalados serviços *ao maior thesouro que nos resta da nossa passada gloria* (2).

Não só á Torre do Tombo elle os prestou, como tambem á Academia Real das Sciencias, onde foi o consciencioso continuador de Herculano, na direcção dos *Portugaliae Monumenta Historica*.

#### Os cosmographos e pilotos portuguezes — Os nossos descobridores

É geralmente sabido que um dos assumptos de maior preocupação de Santarém foi a historia da cosmographia, da hydrographia e dos descobrimentos portuguezes. E, nessa especialidade, orgulhava-se de possuir a collecção mais rica da Europa, em documentos, cartas, mappa-mundis e planispherios (3), desde a queda do imperio romano no seculo V, até ao XVIII. Todavia uma grande lacuna tinha a collecção: as antigas cartas geographicas anteriores ao seculo XVI, cartas de que breves noticias nos deixaram Azurara e Ferreira Manso. Onde parariam taes monumentos? Existiriam no fundo antigo da Torre do Tombo, ou nos cartorios dos conventos novamente recolhidos?

Tambem eram muito interessantes as noticias biographicas dos cosmographos portuguezes. Tudo isto desejava o illustre Guarda-Mór que Severo Basto lhe resolvesse. Assim como desejava noticias de Pedro Vaz Bisagudo, possuidor de um mappa-mundi, uma lista dos pilotos e cosmographos constantes dos

- 
- (1) Documento X.
  - (2) Documento XI.
  - (3) Documento XII.

indices do Archivo, e, em especial, noticias dos pilotos Ayres Fernandes, Manoel Alvares, André Pires, André Lopes e Pedro Martins, cujos roteiros possuia o visconde de Santarém, aos quaes se não refere Barbosa Machado na sua *Bibliotheca Lusitana*. Por ultimo ainda queria noticias sobre Gaspar Ferreira Reymão, piloto-mór, auctor d'um roteiro da India, impresso em 1616, e de Gaspar Manoel e Gaspar de Moraes de Macedo, tambem auctores de Roteiros da India, que se acham ineditos (1).

Em 1 de agosto de 1847 já Santarém agradecia a lista dos pilotos e pilotos-móres remetida por Basto, admirando-se entretanto de não haver noticias anteriores a 1525 e perguntando se no diploma referente a João de Lisboa (2) haveria alguma noticia dos seus serviços especialmente na America. Ao mesmo tempo estava pela remessa de copias com que pudesse concluir o 2.º volume do *Corpo Diplomatico* (3).

Em 18 de setembro do mesmo anno novamente voltava aos mesmos assumptos (4). Por um lado desejava Santarém copia da carta de piloto-mór passada a João de Lisboa em 12 de janeiro de 1525, documento hoje publicado no *Livro de Marinharia*, pag. LXXVIII, por outro instava pelas copias para conclusão do segundo volume do *Corpo Diplomatico*, referindo-se finalmente ás copias executadas para Mr. Pavie, algumas das quaes estão hoje publicadas, as respeitante a Marrocos, pelo sr. conde de Castrie.

Em 3 de dezembro de 1847 já Santarém agradecia a copia da carta de piloto-mór passada a João de Lisboa e instava não só pela copia do tratado de S.<sup>to</sup> Ildefonso de 1777, como tambem pelas noticias encontradas quanto aos seguintes descobridores, anteriores a 1546: João Esteves; Tristão da Cunha; Martim

---

(1) Achavam-se ineditos naquelle tempo, mas o roteiro de Gaspar Manoel foi publicado pelo erudito inspector das Bibliothecas e Archivos sr. Gabriel Pereira no seu livro *Roteiros Portuguezes da viagem de Lisboa á India*.

(2) A personalidade de João de Lisboa foi muito posta em destaque, apóz a publicação do seu *Tratado da agulha de marear*, feita pelo sr. Brito Rebello. Bastantes são os esclarecimentos biographicos que acompanham o erudito trabalho de S. Ex.<sup>a</sup> Vid. *Livro de Marinharia*, pag. XXXIX e segg.

(3) Documento XIII.

(4) Documento XIV.

Vaz; João Vaz; João da Matta; João da Nova; Jacomo Rodrigues; Diogo Martins; Diogo Soares; Antonio (ou Antão) Gonçalves Cosme Ledo; N... Cirne que descobriu uma das ilhas no Oceano Oriental; Pedro de Banhos; Roque Pires; Diogo Rodrigues; D. Estevão da Gama; Miguel de Carvalho; Roque Marvão; João Fernandes d'Abreu; Ruy Lobo; Pedro Fidalgo; Tristão d'Athayde; Martin Affonso de Mello; D. Manoel de Lima; D. Jorge de Menezes; João Fernandes d'Abreu; Manoel Pinheiro (1).

Só passados annos, em 21 de setembro de 1851, voltamos a ter noticias do illustre Guarda-Mór.

Remette elle então para a Torre do Tombo dois exemplares duma carta de Fournier du Lac, sobre um sello d'el-rei D. Diniz, publicado na *Revue Archéologique*; um para Severo Basto e outro para o Archivo.

Tambem para este enviou os tomos 1.º e 2.º da sua *Historia da Cosmographia* e deseja saber se foram recebidos os tomos VI e VII das *Relações Diplomaticas* (2).

Em que se occuparam em Paris os ultimos annos  
do Visconde de Santarém — Estudo sobre as nossas colonias  
da Africa meridional

Longe dos originaes, guiando se apenas por ligeiros apontamentos, não admira que bastas duvidas assaltassem o espirito do grande publicista ao pretender dar á estampa o resultado das suas investigações. Ahi estava o tratado de navegação e commercio entre Portugal e Inglaterra erradamente datado de 22 de julho de 1403 (3), que se não encontrava nem na collecção de Rymer, nem nos manuscriptos do Museu Britannico, nem nos de Paris, possuindo Santarém a sua citação como existente na Torre do Tombo. E todavia o documento, já impresso nas *Memorias de D. João I*, tomo 4.º, n.º 34, pag. 246, era a confirmação do tratado de paz entre o Mestre d'Aviz e Ricardo de

(1) Documento XV.

(2) Documento XVI.

(3) Documento XVII.

Inglaterra, datado de 24 de fevereiro de 1387 e a confirmação de 16 de fevereiro de 1403! Outra duvida originava-se no casamento do conde d'Arundel; o apontamento de Santarém, fornecido por Franklin, dava-o como realizado em 15 de abril de 1400, cuja data brigava com varios outros documentos e até com o patriarcha da nossa historia patria quando affirma que as negociações para elle principiaram em fevereiro de 1405! A chave do caso deu-a Basto: o instrumento de recebimento era de 21 de abril de 1404 e Franklin enganou se por se ligar ao summario errado que está nas costas do documento.

Entretanto o Guarda-Mór tinha uma grande urgencia: com toda a brevidade queria publicar um estudo historico sobre as nossas possessões da Africa meridional e por isso desejava certas copias que pedia (1). Não contente com isso, desejava dos *Livros das Monções*, recolhidos no tempo d'el-rei D. José, todas as indicações sobre os dominios portuguezes da costa oriental d' Africa, *sendo importantissimo para o serviço do Estado que este trabalho se conclua com a possivel brevidade.*

Era este pedido datado de 24 de agosto de 1853 e, em 3 d'outubro, novas copias requesitava o illustre publicista, encarregado pelo ultimo paquete de publicar outra parte das suas obras diplomaticas, quando acabava de imprimir o 1.º volume das *Relações com a Inglaterra* (2).

Como Santarém apreciava os trabalhos da Torre do Tombo  
e auxilio que ahí lhe prestaram,  
quer para a publicação do Quadro Elementar,  
quer para as suas outras obras

Em carta de 19 de janeiro (3) de 1854, novas copias pedia Santarém e respondendo certamente a queixumes do illustre official-maior sobre o estado da Torre do Tombo lembrava-lhe o interesse por elle manifestado, havia mais de trinta annos, *por esse grande thezouro, acrescentando que, por advogar com o*

---

(1) Documento XVIII.

(2) Documento XIX.

(3) Documento XX.

*maior zelo e fervor os interesses do Archivo e dos seus empregados me comprometti em outro tempo com o conde da Povoas, então Ministro da Fazenda, pela vivacidade das expressões que empreguei no meu officio.*

Em agosto de 1853 dizia o visconde num officio que *os trabalhos que de continuo se fazem no Real Archivo, são muito consideraveis e desproporcionados com o deminuto numero dos seus empregados.* Finalizando por dizer que os interesses da Archivo tinham sido recommendados a duas pessoas de muita influencia.

Numerosas são as copias pedidas em 20 de março de 1854 (1), referindo-se então aos seus manuscritos depositados no Real Archivo.

Mais copias são pedidas em 18 de abril e não só copias, como tambem o exame dos primeiros seis volumes da *Collecção de S. Vicente*, cujas notas o estudioso guarda-mór não encontrava nos seus apontamentos (2), o que tudo elle agradecia em 24 de agosto (3).

Ainda em 19 de novembro do mesmo anno, 1854, o visconde pedia copia de mais documentos, referindo se ás que tinha obtido dos archivos inglezes para o estudo das relações de Portugal com a Grã-Bretanha (4).

Manuscriptos do Visconde de Santarém existentes na Torre do Tombo  
— Um fragmento autobiographico

São 54 (?) os volumes que se conservam na livraria do Archivo e que foram colligidos, ou mandados colligir pelo erudito Guarda-Mór.

O n.º 12 dos Manuscriptos da Livraria contem os documentos seguintes copiados sob a indicação e inspecção do visconde de Santarém:

1.º — Justificação do Serenissimo Senhor D. Antonio, rei de

(1) Documento XXI.

(2) Documento XXII.

(3) Documento XXIII.

(4) Documento XXIV.

Portugal, primeiro deste nome, sobre a guerra que fez a Filippe, rei de Castella.

2.º — Traducção da breve conclusão e apologia da justiça d'El-Rei D. João 4.º e dos motivos da sua feliz aclamação, etc.

3.º — A mesma peça em latim.

4.º — Discursos que se apresentaram na curia romana, em que se mostra que o bispo de Lamego devia ser recebido naquella côrte como embaixador d'el-rei D. João 4.º

5.º — Principio do manifesto de D. José Pellier de Tobar Abarca, chronista-mór do rei de Hespanha, etc.

O n.º 13 idem contem o seguinte :

1.º — Auto do Levantamento e juramento do sr. rei D. João 4.º

2.º — Auto de ratificação do dito juramento pelos trez estados do reino.

3.º — Instrucção dada pelo sr. rei D. João 4.º a Francisco de Mello, mandado por embaixador a França.

4.º — Instrucção dada por Luiz XVIII a seus commissarios.

5.º — Protesto do bispo de Lamego, embaixador de Portugal, a S. Santidade quando sahio de Roma.

6.º — Oração de Garcia de Meneses ao Papa Xisto 4.º

7.º — Obediencia do sr. rei D. Manoel ao papa Julio 2.º

8.º — Dita do mesmo senhor ao papa Leão X.

9.º — Dita do sr. D. Pedro, príncipe de Portugal, ao papa Clemente X.

10.º — Resposta á mesma por Mario Espinola, secretario das epistolas.

11.º — Fratica do embaixador D. Francisco de Mello aos Estados Geraes, na sua despedida.

12.º — Resposta á mesma por Mr. de Reusewonde.

13.º — Manifesto sobre as causas porque se mandou o colleitor a Roma.

14.º — Manifestos sobre a falta de providencias da S.<sup>ta</sup> Sé a respeito do ecclesiastico de Portugal.

15.º — Relação das verdadeiras razões, em favor do estado ecclesiastico do reino de Portugal.

O n.º 14 idem, contem :

1.º — Continuação e fim do manifesto pela magestade d'el-rei D. João 4.º de Portugal.

2.º — Manifesto de Portugal escripto por D. Francisco Manoel.

3.º — Demonstração da companhia das Indias e refutação por Diogo de Mendonça Corte Real.

4.º — Exame e resposta a hum escripto publicado pela companhia das Indias Occidentaes por Diogo de Mendonça Corte Real.

O n.º 15, idem, contem :

1.º — Artigos preliminares de paz entre Portugal, Inglaterra e França, firmados em Fontainebleau a 3-11-1762.

2.º — Tratado de paz entre Portugal, Inglaterra, França e Hespanha, assignado em Paris a 10-2-1763.

3.º — Capitulações para a entrega da praça de Valverde ás Armas Portuguezas em 12-9-1643.

4.º — D.<sup>as</sup> p.<sup>a</sup> d.<sup>a</sup> da Praça de Villa nova del Fresno ás Armas portuguezas em 18-10-1643.

5.º — Instrucções achadas entre os papeis do capitão D. Luiz de Vide e Andrade, castelhano prisioneiro na praça de Salva-terra, escriptos em Orense em 27-1-1644.

6.º — Manifesto de Hespanha sobre a entrada do exercito portuguez na Hespanha : feito em Madrid a 4-11-1658.

7.º — Condições para a entrega da praça de Jerumenha ás armas castelhas em 8-6-1662.

8.º — Salvo conducto de D. João d'Austria á villa de Veiros. Dado em Alfanchas a 25-6-1662.

9.º — Propostas para a entrega de Monforte ás armas castelhanas em 26-6-1662.

10.º — Regulamento de D. João d'Austria p.<sup>a</sup> as praças tomadas pelas armas castelhanas.

11.º — Capitulações para a entrega da praça do Lindozo ás armas castelhanas em 12-9-1662.

12.º — D.<sup>a</sup> p.<sup>a</sup> d.<sup>a</sup> da praça d'Evora ás armas portuguezas em 25-6-1663.

13.º — D.<sup>as</sup> concedidas pelo marquez de Marialva á praça de Valença em 20-6-1664.

14.º — Auto de obediencia dos moradores do logar de S. Vicente a El-Rei de Portugal e o salvo conducto que lhes passou o marquez de Marialva em 24-6-1664.

15.º — Capitulação p.<sup>a</sup> a entrega da praça de Sarça-Mayor ás armas portuguezas em 14-6-1665.

16.º — Justa Lusitanorum arma providicanda hispanorum libertate gallico dominatu oppresso, 1704.

17.º — Justificação de Portugal p.<sup>a</sup> ajudar a Hesp.<sup>a</sup> a sacudir o jugo francez, 1704 em hespanhol.

18.º — Principio do Manifesto de Portugal p.<sup>a</sup> ajudar a Hesp.<sup>a</sup> a sacudir o jugo francez, 1704, em francez.

O n.º 16:

1.º — Continuação do Manifesto de D. José Pellier de Tobar Abarca, chronista-mór do Rei de Hespanha.

2.º — Carta que a hum senhor da côrte de Inglaterra escreveu o Dr. Antonio de Sousa de Macedo, secretario da embaixada do senhor rei D. João 4.º em Inglaterra, sobre o manifesto que por parte d'El-Rei de Castella publicou o seu chronista D. José Pellier, etc.

3.º — Libello pela liberdade do sr. infante D. Duarte, dirigido ao Papa, imperadores, reis, republicas, príncipes, etc.

4.º — Sentimento da fé publica quebrantada em Alemanha, na injusta retenção do sr. D. Duarte, infante de Portugal, etc., em latim.

5.º — A mesma em portuguez.

6.º — Manifesto do reino de Portugal ao Papa Urbano VIII, em que se mostra o direito porque reina o sr. D. João 4.º e as causas por que deve ser recebido em Roma por seu embaixador o bispo de Lamego, etc., em italiano.

7.º — Principio da mesma peça em portuguez.

O n.º 17 contém:

1.º — Tratado de paz entre França e Portugal, feito em Utrecht a 11 de abril de 1713, (tirado de tratados de pazes de Portugal celebrados com os soberanos da Europa, colligidos por Diogo Barbosa Machado, tomo 2.º).

2.º — Tratado de paz entre Portugal e Hespanha, feito em Utrecht a 6 de fevereiro de 1715.

3.º — Proclamações da dita paz entre Portugal e Hespanha.

4.º — Tratado de limites das conquistas, entre Portugal e Hespanha, feito em Madrid a 13 de janeiro de 1750, servindo-lhe de documentos as seguintes peças: a bulla do papa Alexandre VI; o tratado de Tordesilhas feito a 2 de julho de 1494; o instrumento da escriptura celebrada em Saragoça a 22 de abril de 1529; o tratado provisional celebrado em Lisboa a 7 de maio de 1681.

O n.º 18 contém:

1.º — Continuação e fim do manifesto de Portugal ao papa Urbano VIII, em que se mostra o direito e razões porque reina o sr. D. João 4.º

2.º — Proclamatio de injustitia germanica ad regem Hungariae, príncipes, ordines, et magnates imperii.

3.º — Exposição de Portugal ao papa Innocencio X.

4.º — Supplica pelo reino de Portugal ao dito papa.

5.º — Manifestum pro regno Lusitaniae.

6.º — Principio do Manifesto pela Magestade d'el-rei D. João 4.º

O n.º 19 contém:

Officios do Ministro d'Estado de S. M. dinamarqueza, o conde de Bernstorff, dirigidos a Mr. de John, Ministro daquella côrte junto a S. M. Fidelissima, copiados dos originaes do Archivo da missão de Dinamarca no Rio de Janeiro de 1819.

O n.º 20 contém:

Despachos dirigidos ao Ill.º e Ex.º Sr. Conde de Oeiras, da Dinamarca, 1768 a 1770, missão de Francisco de Mello de Carvalho.

O n.º 21 contém:

Officios do Ministro de Portugal junto da côrte de Copenhague, Antonio Rangel Pereira de Sá, dirigidos ao Secretario d'Estado da sua côrte, 1770; assim como officios de D. Alexandre de Sousa e Holstein para a côrte, 1786.

O n.º 22 contém:

Officios do conde de Bernstorff, secretario d'estado dos negocios estrangeiros da Dinamarca, passados a Mr. de Kaas, encarregado dos negocios da mesma nação em Lisboa, traslados dos originaes, confiados ao visconde de Santarém por Mr. Dalborgo, encarregado dos negocios de Dinamarca no Rio de Janeiro, 1819.

O n.º 23 dos *Manuscriptos da Livraria* contém:

A correspondencia dos representantes portuguezes na Dinamarca, seguintes: D. Alexandre de Sousa Holstein (1789); Luiz Alvares da Cunha e Figueiredo (1790); Domingos Antonio de Sousa Coutinho (1790); Raphael da Cruz Guerreiro (1797); João Rademaker (1802 a 1807); no final está uma especie de auto-biographia fragmentada, referindo-se em especial á entrada do visconde de Santarém na vida diplomatica, que adeante publicamos.

O n.º 24 contém:

Correspondencia de José Correia d'Abreu, datada de 1731.

O n.º 25 contém:

Correspondencia de José Correia d'Abreu para Fr. José Maria da Fonseca de Evora, nosso ministro em Roma; correspondencia do secretario de Estado Antonio Guedes Pereira para o mesmo. Este volume diz-se ter sido colligido no Rio de Janeiro em 1818.

O n.º 42 dos *Manuscriptos* tem o titulo: *Officios remettidos á côrte desde setembro de 1785 athe 1786 pelo seu enviado D. João*

d'Almeida Mello e Castro. É correspondencia dirigida de Haya, da qual numa pequenissima parte foi copiada pelo proprio punho do visconde de Santarém.

O n.º 43 trata do mesmo assumpto anterior: relações de Portugal com a Hollanda no seculo XVIII. A copia tem a data de 1817 e a seguinte nota escripta pelo visconde de Santarém: «Este manuscrito foi copiado de outro que me confiou o conde de Linhares D. Victorio da livraria que herdou de João Paulo Bezerra. Rio de Janeiro».

Os Manuscritos 44 e 45 da Livraria têm o titulo: *Varias materias pertinentes ao tempo dos senhores Reys D. Affonso V e D. João II.* Têm como sub-titulo *Da collecção Mss do 2.º Visconde de Santarém, volume colligido no Rio de Janeiro em 1818.* Precede as copias, grande parte do punho do proprio visconde, uma advertencia, em que diz que no volume de folio donde extrahiu as copias havia outras curiosidades de grande valia que não transcrevi semelhantemente por falta de tempo e por não servirem de subsidios ao meu trabalho. Contém o n.º 44, summariamente: Forma que se terá para saber se o duque de Arevalo quererá assignar a convenção ácerca da entrada d'El-Rei D. Affonso V em Castella e casamento de sua sobrinha; crença d'el-rei D. Affonso V para El-Rei de Castella sobre a morte do infante D. Pedro que foi morto na batalha de Alfarrobeira; differentes escripturas e um solemne juramento da princesa D. Joanna como herdeira e rainha de Castella, etc., e a ratificação dos Grandes, juramento de homenagens das cidades, etc., (1470); ordenança do regimento deste reino que se fez por morte d'el-rei D. Duarte; fórma como se cumpriram varias pragmaticas por morte de D. Duarte, etc., cita neste volume (44) o tomo 2.º das *Embaixadas e Negociações de Affonso V que escrevi*, assim como o tomo 1.º que escrevi guiado pela *chronica contemporanea e que comprehende a regencia do infante D. Pedro.*

No n.º 45 contem-se: resposta enviada por El-Rei D. João II, de Santarém, ao conde de Sealus, que, tocando em Lisboa, o não poudé ir saudar; *acordos do conselho dos deputados para falar a El-Rey feitos em Lisboa a 18 dias de abril de 14. . . no qual dia se acabarão as côrtes em S. Domingos; conselho da entrada de Castella em Estremoz; minuta do que se acordou em conselho ácerca da procissão pelo vencimento da batalha de Touro em Viana na era de 1482; Conselho que se teve em Evora sobre o testamento d'el-rei D. Affonso, depois de feito o sahimento, sendo nelle juntos os Srs. e pessoas adeante nomeadas; concerto*

*d'El-Rei com a infanta D. Beatriz sobre os officiaes e pessoas que o Principe tinha em Moura na Terceiria; Conselho que se teve sobre o modo em que se faria a guerra nas fronteiras de Portugal e Castella, se aos de Castella aprouvesse, etc.; instrucção que el rei D. João II mandou dar a D. Pedro de Noronha, seu mordomo-mór e ao Dr. João Teixeira sobre as terçarias á infante D. Beatriz; poder que levaram o conde de Villa Real e o arcobispo de Braga, D. João Galvão, para lhes ser entregue o principe da mãe da infante em 1483; carta de D. João II para sua mãe, D. Beatriz; traslado de hum breve que o papa Sixto mandou a el-rei D. João, quando havia guerra com el-rei D. Fernando de Napoles, 1482; minuta da carta que os reis de Castella enviaram á infanta D. Beatriz; carta de D. João II ao conde de Faria logo que o duque de Bragança foi preso; conselho que se fez em Alcobaga sobre o casamento da infanta D. Joanna com el rei de Inglaterra Ricardo, que foi duque de Gloces; forma porque el rei D. João II determinou chamar-se senhor da Guiné, e fazer mudança nas armas nacionaes; minuta das cartas que foi em Santarém acordado na era de 1487 que se escrevessem a todos os do Conselho sobre a bulla da cruzada; carta que foi enviada a Rodrigo Affonso ido por embaixador a Castella onde estava, cuja carta lhe foi mandada sendo El-Rei, principe; resposta ao duque de Vizeu sobre as insignias que lhe eram devidas á sua alta dignidade para andar com El-Rei em Castella; minuta da prorogação da idade de D. Manoel a Castella até os embaixadores serem despachados; conselho que El-Rei teve em Almada a 31 de julho de 1488 sobre o casamento do principe D. Affonso.*

N. B. — Neste volume cita Santarém o seu 1.<sup>o</sup> volume das *Negociações de D. João II — Embaixada.*

O n.<sup>o</sup> 46 contém:

*Negociações em Castella, França e Hollanda nos annos de 1796 a 1801, inclusivé, copiadas dos manuscriptos originaes que ao Visconde de Santarém deu o conde de Linhares D. Victorio de Sousa Coutinho.*

O n.<sup>o</sup> 58 contém:

*Negociações em Macáo entre os governos portuguez e inglez tresladadas das certidões originaes da secretaria do governo portuguez de Macao e collegidas pelo visconde de Santarém, em 1818, no Rio de Janeiro. É correspondencia de 1809.*

O n.<sup>o</sup> 359 intitula se:

*Collecção dos manuscriptos da Bibliotheca d'El-Rei de França,*

de Paris, pertencentes ao Direito Publico Externo e Diplomatico Portuguez, fielmente copiados na mesma Bibliotheca pelo Visconde de Santarém, Paris, 1821, tomo 1.º Têm copias de documentos, especialmente dos seculos xv, xvi, alguns do xvii e dois do seculo xiv.

O n.º 415 intitula-se:

*Indice chronologico e remissivo dos documentos diplomaticos de Portugal contendo as indicações das suas relações exteriores com as differentes potencias da Europa, desde o principio da Monarquia até os nossos dias, ordenado pelo Visconde de Santarém.* Paris, 1821. Começa por uma advertencia em que se diz ter elle Visconde completado o *indice geral chronologico e remissivo*, em 1814; veiu-lhe noticia de mais documentos e o visconde fez reformar o indice, em 1815, e deu delle uma summaria ideia em carta dirigida em 4 de junho de 1820 aos redactores dos *Annaes das Sciencias, das Artes e das Lettras*, publicada no seu volume x. Acresceram novas indicações e por isso fez, em 1821, o indice que se conserva manuscripto. Refere-se ao seu plano de trabalhos, em que seguiu o «*plano judicioso da obra de Mr. Martens, cours Diplomatique*».

O indice vae até 1639 e começa em 1093. Ha no fim um additamento em que se refere ás côrtes de Lamego, inclinando-se pela sua admissão.

O n.º 418 intitula-se:

*Indice dos volumes das obras politicas e diplomaticas que existem na Bibliotheca dos religiosos de N. Senhora de Jesus, da terceira ordem da penitencia de Lisboa; e do que nellas se contem, compilado para o trabalho do Corpo Diplomatico Portuguez que está composto Manoel Francisco de Barros e Sousa, 2.º visconde de Santarém, principiado na mesma Bibliotheca, em 14 de agosto de 1819.*

Os n.ºs 422, 423, 424 e 425 dos Manuscriptos da Livraria intitulam-se:

*Collecção dos Manuscriptos Diplomaticos que existem na sala dos manuscriptos da Bibliotheca Publica de Lisboa, colligidos pelo visconde de Santarém.* São quatro volumes, os três primeiros com a data de 1822 e o quarto com a de 1823.

Ha nelles muitas copias de escriptos de Vieira sobre a Inquisição.

Num dos volumes, o n.º 23, encontra-se o seguinte interessantissimo fragmento auto biographico:

«*Advertencia*—Quando na Europa, dando a França o exem-

plo, se começarão a escrever Memorias, e se estendeu o gosto não só a consagrar á lembrança da posteridade a lembrança dos acontecimentos contemporaneos mas até as mais pequenas particularidades da vida dos homens publicos. Nascerão em toda a parte os Itinerarios, mais ou menos interessantes, este genero de producção tomou em a pena de alguns escriptores o character magestozo da historia, em outros offereceo subsidios certos para a verdadeira tradição.

Em o nosso Portugal este genero de gosto literario nasceo (segundo o que conheço) no tempo do Senhor D. Affonso 5.º e desde então se achão não só nos differentes Arquivos, e manuscritos que tenho visto muitos Itinerarios de varios Diplomaticos Portuguezes, mas até na vasta Bibliotheca Lusitana de Barboza se encontrão as noticias de outros importantes. Desde o Reynado do Senhor Rey D. João 4.º glorioso restaurador da Independencia Portugueza, até ao Senhor D. Joze 1.º tenho encontrado quasi em costume seguido, os secretarios das Embaixadas, e Missões, escreverem estas relações do Itinerario dos Ministros, eu sem pertender que alguem as escreva por mim darei noticias breves da carreira que segui para a Missão de Dinamarca para onde fui destinado.

Serão talvez insensas estas minhas Memorias, mas como são apenas escritas para ficarem na minha familia, se todavia alguem della puder existir alem das crizes politicas que amiação a Europa na terrivel oscilação em que se acha o corpo social entre o abysmo, e a Luz.

§.º 1.º A vida a que primeiramente fui destinado, sendo do mais honroso emprego, por ser o de serviço immediato de ElRey, o que sempre satisfaz o bom vassallo, não preenchia todavia as minhas vistas no modo de sentir do meu coração creado tambem para o amor da Patria. No progresso de meus annos acompanhando-o com a lição dos publicistas, com os exemplos da historia, e com o estudo pratico da Corte, e das suas variedades, criei a paixão de servir o Rey, e a Patria a hum mesmo tempo, e este caminho de satisfazer ao Imperio da minha razão, já então despida de projuizos, meditei no modo de seguir a carreira Politica, graves difficuldades, (sempre uzadas nas cortes pelo seu constante elemento de Intriga) cuja relação pertence a outro logar (1), me retardarão muitos annos este despacho, mas

---

(1) Esta relação pertence a outras memorias que em tempo competente arranjarei dos fragmentos dispersos que tenho.

se fosse possível agradecer aquelle partido estes embaraços, eu o faria de bom grado, por que delles colhi grandes lições que servirão a fundar a minha experiencia, e me dispozerão medir os acontecimentos, e a entrever os futuros.

§.º 2.º A minha primeira nomeação para a carreira Diplomatica foi primeiramente decidida em 1814 pela proposta do Menistro dos Negocios Estrangeiros, Conde da Barca, afim de acompanhar meo Tio Antonio de Saldanha da Gama 2.º Plenipotenciario ao Congreço de Vienna (1).

A segunda entrada na carreira, foi por huma proposta do Menistro d'Estado João Paula Bezerra em o anno de 1817 propondo-me de commum acordo com ElRey a Enviatura de Suecia (2) o que se converteo na nomeação de simples conselheiro de Embaixada para Paris (3). A terceira finalmente foi a nomeação de 22 de Janeiro de 1819 para Encarregado de Negocios de S. Mag.<sup>de</sup> em a corte de Dinamarca.

N'esta nomeação ainda subsistio o partido de intriga, quanto ao character Diplomatico, mas disfarçou-se comtudo por meio das expressões do Decreto (4) pelas vocaes d'ElRey ao Encarregado de Negocios de Dinamarca Monsieur d'al Borgo (5) transcriptas por este Menistro no officio derigido á sua corte na data... de... (6), e pelas da participação official do Secretario d'Estado interino dos Negocios Estrangeiros Thomaz Antonio de villa nova (7).

Supposto que os motivos que prepararão esta nomeação pertença a outra parte das Minhas Memorias, não quero passar em silencio, e deixar de declarar aqui, que não foi devida esta nomeação, nem á lisonja, nem á cabala, nem tampouco ao favor.

No anno de 1817 no 1.º de Julho — apprezentei eu ao J. P. Bezerra huma Memoria, em que summariamente lhe relatava os meus estudos primarios, os que depois havia feito para me habilitar para a carreira Diplomatica, (esta se verá em o Documento no fim destas Memorias). Julgo que ou ficaria no Gabinete daquelle Menistro, ou que depois da sua morte a reco-

---

(1) Os motivos que fizerão malograr esta nomeação irão na outra Memoria por fazer huma epoca muito interessante na Carreira, e disgostos da minha vida.

(2) A tenebroza intriga desta segunda será desinvolvida naquellas Memorias, com mais vagar e reflexão.

(3) Esta nota e as seguintes não se encontram no original. (N. do A.).

lherião os mais papeis á Secretaria de Estado ou o que he mais provavel, a tiraria algum curiozo.

Esta mesma noticia dos meus Estudos, e trabalhos Diplomaticos reduzi a huma forma mais regular, e lhe acrescentei huma parte muito interessante, como foi a brioza luta que Portugal teve sempre pugnando pelas temporalidades contra as usurpações do Ultramontanismo, e a entreguei ao Menistro Thomaz Antonio de villa nova, que ou, a não lêo, ou se a lêo, não a entendo, por que o seu forte não hé certamente a Diplomacia Politica, e quando aquelle Menistro guardava um profundo silencio em tal materia, o Desembargador Luiz José de Carvalho, brilhante autor dos dois mais dignos Documentos Diplomaticos que tem visto a Europa como forão, a Intimação, e Instrucções passadas ao Menistro Plenipotenciario em Roma José Manoel Pinto, sobre os Jezuitas, e a outra sobre as Bulas do Arcebispo de Évora, lendo-lhe esta Memoria, a ouviu como estaziado e me deu louvores sinceros, e filhos da imparcialidade do verdadeiro sabio. Não me desanimando o negligente silencio daquelle Menistro d'Estado, continuei meus trabalhos diarios do publico Diplomatico Portuguez fadigas que erão conhecidas da gente sençata, e principalmente de Pedro de Mello Breyner actual Menistro em Roma, a quem eu nunca desamparei na desgraça. Neste anno de 1818 tendo Pedro de Mello, derrubado grande parte do partido que se lhe oppunha, tinha entrado nas boas graças de Thomaz Antonio que o ouvia em negocios, e que já annunciava a nova entrada deste Fidalgo nos cargos do Estado (1). A reabilitação do Marquez de Loulé, fez a nomeação de Pedro de Mello para a Enviatura de Roma, por motivos muito curiosos, mas que sendo alheios do meu objecto referirei a continuação da minha marcha legal, que apadrinhei com documentos, e estudo das materias do meu ramo.

A 4 de Dezembro do referido anno de 1818 veio Pedro de Mello á minha livraria (2) *consultar-me, sobre todas as Transacções Diplomaticas que temos tido com Castella, ácerca dos Limites d'America*. Dei-lhe muitas indicações que elle escreveu dizendo-me que erão para Thomaz Antonio, e que este Menistro o havia consultado tambem sobre este ponto, busquei então a occasião de lhe fazer ver mais documentos aquelle respeito, e

(1) A Intriga que elle soffreo entrará em outra parte.

(2) Vide o meu copiador do referido anno — Tom. 6.º

lhe indiquei que se o dito Ministro julgasse conveniente ao Real Serviço mais noticias que eu lhe apresentaria huma *Deducção historica*, e *analytica* e *Diplomatica* sobre o ponto em questão, porem que para isso deveria preceder Real Aviso.

Dias depois (isto hé) em os principios de Janeiro de 1819 seguinte veio Pedro de Mello dizer-me da parte de Thomaz Antonio «que para o Serviço Real e para as Negociações, communicáse aquelle Ministro o que houvesse, e julgasse importante» (1).

Comecei logo a trabalhar, e a reduzir a Systema o que havia mais interessante, e tendo-se demorado algum tempo esta remessa, escrevia a Thomaz Antonio, que então se achava em a Real Fazenda de Sancta Cruz a minha carta de 11 de Janeiro de 1819 (2) enviei a Camillo Martins Lage, official Maior da Secretaria dos Negocios Estrangeiros inclusa em carta da mesma data (3).

O Encarregado de Negocios de Dinamarca, que segundo a Letra das suas instruções, devia reclamar a nomeação de hum Agente Diplomatico Portuguez para a sua Corte, como effectivamente reclamou logo, tinha por vezinhança começado a frequentar a casa de minha Sogra a Senhora Condessa da Ponte, onde familiarmente me começou a encontrar desde o principio do anno de 1818, e observando-me pouco a pouco conheceo a minha natural paixão para seguir a carreira Diplomatica, e vendo que eu estava já nomeado consilheiro da Embaixada de Paris, me fez huma primeira abertura mais sincera do que a que o Conde de Phalen Enviado da Russia me tinha feito, e do que a que o Menistro de Hollanda Monsieur de Mollems me fez em 26 de Julho de 1817 (4) á qual tive o acordo de responder com a maior finura e delicadeza, de cuja resposta talvez resultasse o modo perfido que a intriga deste paravilho, se occupou em semear a discordia na minha Familia, e na de minha sogra, bem como a tinha feito com os seus collegas para se vingar do Conde da Barca.

Monsieur Dal Borgo fazendo-me a sua primeira abertura,

---

(1) Vide copiador de 1818 — carta de 11 de Janeiro de 1819 a Thomaz Antonio.

(2) Estr nota e tods as que não tiverem em baixo correspondencia não chegaram a ser escriptas pelo visconde de Santarém. (N. do A.).

(3) Lembre-se (sic).

(4) Copiador de 1817 — carta a meu Pay.

me indicou que devia pedir a Missão de Dinamarca, porem eu estando decedido a esperar o resultado, assim do Papel que por ordem d'ElRey tinha organizado em Memoria sobre os Lugares que meu Pay havia servido em Portugal (1), tendo-me o mesmo Senhor permittido toda esta correspondencia por intermissão do seu camarista, como da nomeação que se acabava de fazer do meu lugar de Paris—nomeando para elle por empenho da Princesa D. Maria Benedicta por meio de seu confeçor Fr. Ignacio Irmão de Menistro Thomaz Antonio, a D. Luiz da Camara, julguei ser do meu character esperar a decizão ou d'ElRey quanto á 1.<sup>a</sup> Memoria, ou a do Ministro, quanto á minha carreira, e assim não quiz fazer todos os esforços que então podia fazer, e até repeli a offerta que Monsieur Dal Borgo me fazia da metter Pedro de Mello na questão, o que se prova pela carta que eu escrevia a este Ministro em 23 de Novembro (2) de 1818. — E o mais que fiz foi consentir que elle verbalmente appertace Lage, e Thomaz Antonio, pela nomeação de algum Agente Diplomatico para Dinamarca; quando as couzas assim se achavão = fazião grandes deligencias varios individuos para serem nomeados, trabalhavão por elles os empenhos e o dinheiro e entre elles os dois mais appadrinhados erão Barboza = já nomeado Secretaria da Legação de Berlin = e official de Secretaria J. Manuel Martins da Costa (actual conselheiro de Legação para Berlin). Este dizia que Monsenhor Miranda se interessava por elle e que em consequencia, elle lhe deixava o officio de Procurador da Companhia dos vinhos do Porto, e que o mesmo Monsenhor lhe dicera da parte de Thomaz Antonio que estava despachado. Este homem por huma senciridade filha da sua pouca viveza e conhecimento da Corte, cahio em annunciar isto a Dal Borgo, e a espalhar a certeza deste seu Despacho, e maneiço que para obtelo havia seguido. A finura Italiana de Dal Borgo não se poupou desde logo a buscar os meios de inutilizar esta nomeação, e quando eu isto soube, pe'ti logo a ElRey Licença para partir para Portugal a vir restabelecer a minha saude, e os negocios da minha caza, o que pude com muita difficuldade obter pela desgraçada teima que ElRey tinha a dar licenças a pessoas para virem a Lisboa.

Consegui pois esta licença depois de hum longo combate de

---

(1) Lembre nas Pecas justificativas este papel.

(2) Copiador de 1818.

annos de muitos desgostos, e de me ter separado da Corte pela intriga, e denuncias que José Anselmo Correa, e outros espiões da Policia tinham dado de eu pertencer ás Massonicas.

No dia 22 de Janeiro de 1819 — Anniversario da Princeza Real fui nomeado Encarregado de Negocios para Dinamarca, e logo tratei de dispor a minha viagem para a Europa, apezar da repugnancia que sabia tinha ElRey em consintir na minha demora em Portugal, pelo conhecimento que tinha do Estado do Reyno, pelo meu extremo amor a cauza da Nação.

Pedi logo officialmente a correspondencia official entre a corte de Dinamarca, e de Portugal, o que me foi confiado, desde o anno de 1770 e o Encarregado desta Potencia me franqueiou, o seu Archivo, d'onde colligi os officios que se vêem nestes volumes.

Depois de ter regulado os meus negocios, vendido parte da minha mobilia, etc., tomei o Paquete Francis Freeling, capitão Cauningam, e nelle me embarquei no dia 7 de Abril com a minha Familia pagando 1:800\$000 de passagem, e trazendo huma letra de 1:200\$000 por todo o meu dinheiro.

Pessoas que me acompanharão = 1.º A viscondessa minha Mulher. 2.º Meu filho com 1 anno de idade. 3.º Francisco de Saldanha da Gama meu cunhado. 4.º Thomaz Caetano Portugal, meu Secretario. 5.º Francisco Fernandes meu Guarda Roupa. 6.º A Ama do Pequeno. 7.º Maria Bernarda creada da viscondessa.

Logo que tive os meus Passaportes, e que se me entregarão os Despachos para as Legações de Europa, fui para Bordo, onde nos acompanharão, o Conde de Rio Maior, o Encarregado de Dinamarca, e meu cunhado, Luiz de Saldanha. =

Viagem = 1819. No dia de Quinta Feira Santa 8 de Abril, fizemo-nos á vella ás 6 para as 7 horas da manhã com brando vento terral que nos levou fóra da Barra ajudados da excessiva corrente que fazia. Nos seguintes dias começarão a soprar os ventos do Norte e Nordeste, com muita alternativa, e em varias horas do dia, ficando-se em calmaria, e assim nos conservamos 3 dias em vista da Barra, e depois da terra do sul do Rio de Janeiro, no fim dos quaes refrescando o vento, e augmentando-se a força das correntes fomos descair ao Sul daquelle Porto a 25 graus e 20 minutos de latitude, o que obrigou o commandante a fazer-se ao Mar, e procurar vento, e livrar-se das correntes que são mui variaveis na costa nesta estação.

Começamos a Navegar para Leste e no fim de 3 dias per-

demos a terra de vista. Nos subseqüentes dias tivemos mar cavado, grandes balanços, e vento Nordeste muito fresco, e correndo sempre para o Mar fomos á distancia de 100, 118 legoas da terra a Leste, do Rio de Janeiro, tendo visto a vantagem da posição mais favoravel para receber vento conveniente, e montar de huma vez sem difficuldade o impertinente ponto de Cabo Frio, e o longo Esparcel dos Abrolhos, e podermos entrar na Bahia com Navegação segura, e viagem breve, porem continuando a mesma variedade de ventos, e calmarias conservamo-nos até ao dia 17 entre 23 e 24 graus tendo-nos servido de muito hum pequeno vento de Leste que tivemos desde o dia 16 até á madrugada de 17.

\*  
\*      \*

Destinadas sómente a ficarem na sua familia termina infelizmente aqui este inicio de *Memorias* tão interessantes e curiosas. São um desabafo sincero de quem, sendo gigante, tão apoquentado foi por pigmeus incapazes de com elle arcarem frente a frente numa lucta leal e só capazes da baixa intriga e da lucta cobarde de encruzilhadas.

Pertencem á historia e quer-nos parecer que bem servem para engrandecer a memoria do illustre guarda-mór da Torre do Tombo tão digna de respeito e admiração.

---

## DOCUMENTOS

### I

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr. — ... Igualmente deve V. Ex.<sup>a</sup> saber como se introduzio no Archivo o Snr. Deputado Castilho, que foi da maneira seguinte — Procurou-me o dito Snr. para saber da existencia do Processo do Dr. Antonio Homem, e isto á

peditorio do seu amigo Antonio Luiz de Seabra, e dizendo-lhe eu que os innumeraveis Processos das Inquisições não estavam em ordem por não haver quem o fizesse, visto ser muito diminuto o Quadro, offereceu-se-me para fallar na Camara sobre este objecto, para o que me pedia um papel explicativo das urgencias do Archivo; mandei-lhe este papel, porém o resultado foi a Portaria de 5 de Janeiro, á qual me submetti como devia por ver n'elle o nome de V. Ex.<sup>a</sup>, meu primeiro chefe, e até lhe dei toda a parte historica que depois appareceu no Relatorio, e tanto me resignei, que não contrariei os seus planos (posto que inexecutableis, e mesmo inuteis por não ser novo o que podesse apparecer) fazendo-lhe apenas algumas pequenas observações, já a respeito da publicação das nossas Relações Diplomaticas, trabalho que tomou a si e de que está encarregado o Snr. Visconde de Santarem; já a respeito das Côrtes antigas, sobre o que ha dous trabalhos impressos, que na lá deixão a desejar, um do Snr. Conselheiro João Pedro Ribeiro, e outro do mesmo Snr. Visconde; já emfim a respeito de Bullas, pois sendo o Archivo o lugar onde ha menos, e d'essas estando impressas a maior parte e sendo bem conhecidos os differentes Bullarios, e mais Collecções impressas, tornava-se ocioso repetir trabalho feito: no emtanto sempre esperei tirar partido dos Temporarios a favor do Archivo, como tenho tirado, e estou tirando; pois os mais d'elles são habei e trabalhão, restando-me só o dissabor de não terem as habilitações paleographicas indispensaveis para esta Repartição, no emtanto fazem o que podem, e eu tenho muitos trabalhos modernos, principalmente Indices, que lhes dar a fazer, e faltaria a um dever se não os recommendasse á mui alta protecção de V. Ex.<sup>a</sup> — Peço desculpa a V. Ex.<sup>a</sup> de ser tão extenso, porém como não está em Lisbôa o Snr. Visconde de Santarem, a quem competia dar parte a V. Ex.<sup>a</sup> das occorrencias do Archivo, é do meu dever fazel o como tenho feito todas as vezes que os Snrs. Guardas-Móres tem estado impedidos, e mesmo quando esteve vago este lugar desde que o meu antecessor, Francisco Nunes Franklin em 2 de Dezembro de 1833 até Julho seguinte, em que tomou posse o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Patriarcha. Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> — Real Archivo 30 de Abril de 1843 (1).

---

(1) É a minuta d'um officio dirigido ao Ministro do Reino, pelo nosso conhecido official-maior, Severo Basto.

## II

Sua Magestade, A Rainha, Tendo visto com a maior attenção o contheúdo no officio do official Maior Guarda Mór interino do Nacional e Real Archivo da Torre do Tombo, datado de 30 d'Abril proximo antecedente, na parte relativa á commissão de que foi incumbido o Dr. José Feliciano de Castilho, por Portaria de 5 de Janeiro último, em que o referido Guarda Mór interino, em primeiro lugar inculca ter sido illudido por aquelle, pois que apresentando se-lhe para obter exclarecimentos sobre certo objecto distincto do expediente e necessidades de archivo, abuzára da sua boa fé, aproveitando-se das noções que lhe ministrou para se introduzir na gerencia do mesmo archivo; e em segundo reputa como inutil e inexequivel o plano de trabalhos por elle apresentado, por não poder melhorar os que já sobre as mesmas materias se achão feitos e publicados: Manda pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, declarar ao mencionado Guarda Mór interino, que altamente A surprehendeo o contheúdo no seu citado officio: — 1.º porque uma similhante representação, a ter cabimento, devia ter sido feita logo immediatamente á publicação da indicada portaria, e do plano a que ella se reporta, o que então seria do seu dever, como empregado integro, e que se presa de tomar a peito a melhor ordem e disposição do serviço público, e não depois de ter mediado o espaço de quatro mezes; 2.º porque a mesma representação está em manifesta contradicção com o que elle proprio Guarda Mór interino reconheceo e publicou na Carta que em 19 de Janeiro passado dirigia ao redactor do Periodico = A Revolução de Setembro = que foi inserta na de 20 do mesmo mez, na qual declara ser de utilidade pública o plano de trabalhos projectado pelo Dr. Castilho, e ter sido feito de acôrdo e combinação entre ambos; acrescentando = que todas as insinuações desvantajozas para o dito Castilho, são inexactas e ingratas; = e 3.º porque uma similhante representação feita depois de um tão prolongado espaço de tempo, importa mais uma censura ao Governo que abraçou o plano, do que a manifestação sincera de remediar algum inconveniente que elle produzisse; revelando ao mesmo tempo que não foi o zelo que o moveo a envia-la, mas que fôra a isso impellido por causa occulta. Nestes termos Sua Mage-

tade não pode deixar de estranhar ao Guarda Mór interino aquella sua representação como intempestiva e fóra de proposito; e recommendando-lhe que tenha em vista o ser de futuro mais curial em taes negocios, e até comsigo mesmo; lhe ordena que continue a prestar ao Dr. José Feliciano de Castilho toda a coadjuvação que elle carecer para o desempenho da Commissão que lhe está confiada; Esperando A Mesma Augusta Senhora que a advertencia que ora faz ao Guarda Mór interino, não será motivo para elle não concorrer com os seus bons officios, e com a urbanidade e boa harmonia que se requer, para que o serviço público não soffra embaraços.—Paço das Necessidades em 7 de Junho de 1843. — *A. B. da Costa Cabral.*

## III

Paris 25 d'Agosto de 1843.

Ill.<sup>mo</sup> Snr. Tenho recebido successivamente as cartas de V. S.<sup>a</sup> datadas de 15 e 21 de Julho ultimo e de 4 do corrente. Agradeço a V. S.<sup>a</sup> as communicações que me tem feito bem como as remessas das 7 copias de documentos que pedi nas relações que remetti a V. S.<sup>a</sup> com as minhas cartas de 24 de Maio. Queira V. S.<sup>a</sup> ter a bondade de me mandar tirar extractos chronologicos da Correspondencia Diplomatica de José da Cunha Brochado da sua missão em França, que se acha em um dos volumes da minha collecção e mandar-m'os com a possivel brevidade, pois tendo-se perdido a bôa occasião do regresso a Paris do meu antigo amigo o Snr. Visconde da Carreira, nosso Ministro n'esta Côrte, para por elle virem os manuscritos da minha collecção que se acham no Archivo, assento de ainda ali os deixar ficar por mais algum tempo. Aproveito tambem esta occasião para lembrar de novo a V. S.<sup>a</sup> o que lhe escrevi na minha Carta de 25 de Janeiro d'este anno, isto é, as copias 1.<sup>o</sup> da parte da Correspondencia Diplomatica de Marco Antonio de Azevedo Coutinho da sua missão em França no anno de 1797, que existe nos manuscritos do extincto Convento de S. Vicente de Fóra; 2.<sup>o</sup> da Correspondencia de Monsenhor Salema da sua Missão na mesma Corte pelos annos de 1757 a 1760, que tambem encontrei na mesma Collecção. Renovo por este meio as seguranças de consideração com que me preso ser de V. S.<sup>a</sup> Muito Attento Servidor — *Visconde de Santarem.*

## IV

Paris 18 de Novembro de 1845.

Illustrissimo Senhor — Tive o gosto de receber pelo ultimo Paquete duas cartas de Vossa Senhoria de 19 de Setembro e de 10 de Outubro ultimo e as duas copias que as acompanhavão. Agradeço muito a Vossa Senhoria esta remessa. *No Diario do Governo Vossa Senhoria talvez veria a traducção de uma Memoria minha sobre as nossas navegações na Idade Media que li em Março deste anno na Sociedade Geographica de Paris.* Tendo preparado outra de grande importancia, necessito para melhor illustração de certos pontos, que Vossa Senhoria tenha a bondade de me mandar o mais breve que lhe for possivel, *uma copia da carta d'Almirante passada a Nuno Fernandes Cogominho antecessor de Micer Manoel Peçanha. Esta carta deve achar-se na Chancellaria d'ElRei D. Affonso III e talvez mesmo de D. Diniz.* Queira Vossa Senhoria igualmente ter a bondade de examinar nas mesmas Chancellarias se se encontra *a carta de mercê de Capitão Mór da Armada de Alto Bordo feita a D. Gonçalo Camelo.* — Renovo as seguranças de consideração com que sou — De Vossa Senhoria — Muito obrigado e servidor — *Visconde de Santarem.*

## V

Lisboa 10 de Janeiro de 1846.

Em cumprimento das ordens de V. Ex.<sup>a</sup> conteudas na sua carta de 18 de novembro de 45 que recebi a 3 de Janeiro corrente busquei os indices respectivos e não encontrei nem a carta do Almirante de Nuno Fernandes Cogominho nem a M.<sup>ca</sup> de Capitão Mor feita a D. Gonçalo Camello, porem remetto 2 copias que servem para o intento, uma de certa doação feita ao d.<sup>o</sup> Cogominho, onde é tratado por D. Diniz = meu Almirante Mayor = e outra passada a Micer Manoel Poçanha sobre conflicto de jurisdicções com o Alcaide de Lisboa, onde entre outras coisas manda El-Rei D. Diniz guardar os privilegics que o Almirante etc., houveram = dos Reys onde eu venho e de mim = os

quaes lhes serão guardados como forão = em tempo dos outros Reys onde eu venho e no meu — e dos outros Almirantes e Alcaides que em Lx.<sup>a</sup> ouve = o que prova ser já antigo o dito Off.<sup>o</sup> de Almirante no tempo de D. Diniz.

Tenha V. Ex.<sup>a</sup> Festas e Annos felizes como lhe deseja quem tem a honra de ser — De V. Ex.<sup>a</sup> Subd.<sup>to</sup> rev.<sup>to</sup> e obrig.<sup>mo</sup> — J.

## VI

Paris 2 de Fevereiro de 1845.

Illustrissimo Senhor — Acabo neste momento de receber pelo correio da Legação de Londres a sua muito interessante carta de 10 de Janeiro ultimo que acompanha'os dous documentos relativos ao cargo d'Almirante. — Deu-me esta *descoberta* que Vossa Senhoria fez um grandissimo prazer pois vem illustrar uma questão das mais embrulhadas da nossa Historia, e da qual se aproveitava um estrangeiro de má fé, e de nenhuma critica, para negar que tivéssemos tido Almirantes antes do Genoves Peçanha, e tirar d'aqui a absurda conclusão de que forão os Genoveses que havião sido os nossos mestres, e os que nos conduzirão pelo mar alto ás Canarias, do que os Portuguezes erão incapazes antes do tempo do Infante D. Henrique. — Agradeço pois infinitamente a remessa destes importantissimos documentos, e acredite que sou com a maior estima — De Vossa Senhoria — Muito obrigado e attento servidor — *Visconde de Santarem.* —

P. S. — Queira Vossa Senhoria fazer-me a mercê de mandar entregar a inclusa ao Senhor Barboza Canaes que é uma resposta a uma carta que me dirigio.

## VII

Paris 22 de Março de 1846.

Illustrissimo Senhor — Agradeço infinitamente a Vossa Senhoria a remessa dos dous documentos que teve a bondade de enviar-me com a sua carta de 21 de Fevereiro ultimo. — O documento relativo ás Galés de Venesa e do privilegio que lhes é concedido não deixa de ter algum interesse por indicar até certo ponto que antes de 1430 os navios Venesianos que ão a

Flandres não frequentavão os nossos portos na parte occidental do Atlantico.—Renovo as expressões d'estima com que me preso ser—De Vossa Senhoria.—Muito attento e obrigado servidor—*Visconde de Santarem.*

## VIII

Paris 11 de Maio de 1846.

Por um navio que partio do Havre de Grace para essa Côte mandei um exemplar dois 6 primeiros volumes de uma das minhas obras sobre as nossas relações diplomaticas com as diversas Potencias para serem entregues a Vossa Senhoria afim de ter a bondade de os collocar na Bibliotheca do Real Archivo. — Logo que partir outro navio enviarei a Vossa Senhoria pela mesma via um exemplar da mesma obra para seu uso bem como de outras que tenho publicado. — Aproveito mais esta occasião para segurar a Vossa Senhoria dos sentimentos com que sou — De Vossa Senhoria — Muito attento e obrigado servidor — *Visconde de Santarem.*

## IX

Paris 12 de Julho de 1846.

Illustrissimo Senhor — Tive o gosto de receber ultimamente a carta que Vossa Senhoria me dirigio em 30 de Maio ultimo, e com ella mais duas copias dos documentos que havia pedido. — Recebi egualmente os papeis dos *Archives Historiques*, que forão parar a Lisboa pela ligeireza destes senhores. — É realmente para pasmar que os Redectores se tivessem esquecido de que eu estava residindo em Paris e que ainda o anno passado publicára nos ditos Archives um artigo a meu respeito! — Renovo as expressões de particular estima com que sou — De Vossa Senhoria — Muito obrigado servidor — *Visconde de Santarem.*

## X

Illustrissimo Senhor — Desde 30 de Maio que não recebo nem cartas de Vossa Senhoria nem copias dos documentos para os trabalhos de que estou encarregado. Espero e desejo que este seu longo silencio de 4 Mezes não tenha por motivo algum incommodo na sua saude, ou algum transtorno della nas pessoas encarregadas daquelles trabalhos.— Acabo de publicar o 1.º volume do Corpo Diplomatico, ou da Collecção de Tratados, e necessito que Vossa Senhoria me remetta quanto antes para objecto de serviço de que acaba de me encarregar o Senhor Ministro dos Negocios Estrangeiros, uma Lista de todos os Tratados e Convenções que existem no Archivo celebradas entre Portugal e Hespanha e bem assim com a França desde 1640 até aos nossos dias afim de a confrontar com os documentos deste genero que tenho aqui. — Renovo as expressões de consideração com que sou — De Vossa Senhoria Muito attento e obrigado servidor — *Visconde de Santarem* — Paris 2 d'Outubro de 1846 — Ao Illustrissimo Senhor José Manoel Severo Aureliano Basto, Official Maior do Real Archivo e Lente de Diplomatica — Lisboa.

## XI

Paris 4 de Fevereiro de 1847.

Ill.<sup>mo</sup> Snr. — Recebi ultimamente e com muito prazer a sua carta de 26 de Dezembro do anno passado e as copias, primo dos apontamentos dados pelo Duque de Bragança a El-Rei Dom João 3.º sobre os erros das cartas geographicas, segundo a do Tratado das Alcaçovas de 1479, o primeiro d'estes documentos é muito interessante para a historia da cartographia dos seculos decimo quinto, e decimo sexto. — Muito estimo que o Archivo fizesse a bõa aquisição do Senhor João Pedro da Costa Basto, que se seguir, como he de esperar, os exemplos de seu benemerito Pae hade prestar importantes serviços ao maior thesouro, que nos resta da nossa possado gloria. — Para completar o segundo volume do meu corpo Diplomatico necessito ainda das

copias dos documentos da Relação junta. . . — De V. S.<sup>a</sup> Muito obrigado Servidor — *Visconde de Santarem.*

## XII

Paris 7 de Eevereiro de 1847.

Illustrissimo Senhor — Sendo mui raros os documentos relativos ás nossas primeiras navegações e descobrimentos, e sobretudo os monumentos Cartographicos, grande serviço me fazia Vossa Senhoria se me indicasse simplesmente aquelles documentos que a este respeito encontrasse no Archivo no decurso das suas investigações. Pessoa alguma possui hoje na Europa a riqueza que eu possuo de documentos para a *Historia da Cosmographia*, da hydrographia e dos descobrimentos, os documentos, as cartas, os Mappamundis, os Planispherios que possuo formão uma collecção que abrange o grande espaço de tempo que decorre desde a queda do Imperio Romano no V seculo athé ao XVIII.<sup>o</sup> Disgraçadamente porem por um fatalidade inexplicavel não se tem podido até agora descobrir *as nossas antigas cartas geographicas anteriores ao seculo XVI.* Todas as anteriores, que erão aliáz mui numerosas, desapparecerão, posto que dellas nos deixarão breve noticia Azurara (1453) e Ferreira Manso (1460) e outros auctores nacionaes e estrangeircs. Seria pois grande serviço *descobrir* estes monumentos, e mais alguns se encontrarião no Archivo ou nos depositos dos manuscriptos provenientes dos extinctos conventos. São tambem importantes para a Historia das Sciencias, as noticias *biographicas* dos nossos *Cosmographos.* A este proposito, vi em uma Carta muito curiosa escripta de Vera Cruz (Brazil) no 1.<sup>o</sup> de Maio de 1500 a ElRei D. Manoel por Mestre João Physico (corpo chronologico, parte 3. maço 2. documento 2) que trata de um *Mappamundi* que possuia *Pedro Vaz Bisagudo.* Este nome não me é desconhecido, mas veja Vossa Senhoria se encontra no Archivo algumas noticias relativas ao dito Bisagudo. Muito desejava tambem ter com a possivel brevidade uma Lista remissiva tirada dos Indices do *Archivo dos Pilotos e Cosmographos* de que se achão documentos no mesmo Archivo, e bem assim o que ali existe relativamente aos *Pilotos Ayres Fernandes, Manoel Alvares, André Pires, André Lopes e Pedro Martins, Pilotos* do tempo d'ElRei D. Manoel dos quaes tenho os *Roteiros* que elles fizerão. Barbosa na

sua Bibliotheca Lusitana não faz menção delles, nem de seus trabalhos.—Renovo as expressões de consideração com que sou de Vossa Senhoria Muito obrigado servidor—*Visconde de Santarem*—P. S.—Desejava tambem algumas noticias sobre *Gaspar Ferreira Reimão, Piloto Mór* que escreveu um *Roteiro da India que se imprimio em Lisboa em 1616* in-4.º Se este Livro se encontra na Bibliotheca Publica de Lisboa, Vossa Senhoria me obrigará muito se puder dizer-me se com effeito ali se encontra. Necessito tambem noções do Piloto *Gaspar Manoel, e Gaspar de Moraes de Macedo*, que tambem escreverão *Roteiros* da India que se achão ineditos.

## XIII

Paris 1.º d'Agosto de 1847.

Illustrissimo Senhor — Acabo de receber com bastante retardo, as cartas de Vossa Senhoria de 15 de Maio e de 3 de Julho e as 4 copias dos documentos do Real Archivo indicados na Lista que enviei a Vossa Senhoria com a minha carta de 3 de Fevereiro deste anno. Agradeço infinito a Vossa Senhoria esta remessa. Tendo cessado as circumstancias que impedião a remessa regular destes documentos, espero receber as outras copias com a possivel brevidade afim de poder concluir a publicação do 2.º volume do meu Corpo Diplomatico. Nem a sua carta de 16 de Janeiro nem a copia que a acompanhava e de que trata a sua de 15 de Maio nunca as recebi. Sinto muito este descaminho. Aproveito tambem esta occasião para lhe agradecer a Lisboa dos Pilotos, e Pilotos Mores que me remetteo. Entretanto permita-me que lhe pegunte se antes de 1525 se não encontrão documentos deste genero, e outro sim se no *Diploma de João de Lisboa* se encontra alguma noticia dos seus serviços, e quaes elles fossem nos descobrimentos e principalmente na America. Espero tambem que Vossa Senhoria continuará a fazer-me o obsequio do me communicar todas as noticias que poder colher ácerca dos Cosmographos. Tenha Vossa Senhoria tudo quanto lhe deseja quem é — De Vossa Senhoria Muito obrigado e attento servidor — *Visconde de Santarem*.

## XIV

Paris 18 de Setembro de 1847.

Illustrissimo Senhor — Queira ter a bondade de me mandar uma copia da Carta de Piloto Mór de João de Lisboa de 12 de Janeiro de 1525 que se acha no Livro 8 de D. João III folhas 11 verso. Lembro por esta occasião as copias que ha muito pedi para o 2.º volume do Corpo Diplomatico. Aqui examinei no Instituto um grande numero de copias tiradas d'esse Archivo Real, pela maior parte feitas pelo seu Ajudante, todas pertencentes ás nossas praças d'Africa, e que Monsieur Pavie alcançou durante a Missão que exerceo em Portugal—Sou como sempre —De Vossa Senhoria Muito attento e obrigado Servidor. —  
*Visconde de Santarem.*

## XV

Paris 3 de Dezembro de 1847.

Illustrissimo Senhor — Acabo de receber a sua carta de 28 de Outubro ultimo e uma das copias que pedi na lista que remetti a Vossa Senhoria com a minha carta de 4 de Fevereiro deste anno, e bem assim a copia da carta do officio do Piloto Mór passada a favor de João Lisboa. Agradeço muita esta remessa, e rogo-lhe o obsequio de me remetter com a possivel brevidade a copia da carta d'ElRei D. Fernando de Castella do 1.º de Maio de 1495 sobre a demarcação dos Mares (Gav. 10, m. 5, n.º 4). Necessito tambem de uma copia dos artigos secretos e separados do tratado de Sancto Ildefonso do 1.º de Outubro de 1777. e tão bem das noticias que se encontrarem nos Indices do Real Archivo, ácerca dos seguintes descobridores, todos anteriores a 1546, a saber: João Esteves = Tristão da Cunha, Martim Vaz, João Vaz, João da Matta = João da Nova = Jacomo Rodrigues = Diogo Martins = Diogo Soares = Antonio Gonçalves, (ou Antão) Cosme Ledo = N... Cirne que descobriu uma das ilhas no oceano oriental = Pedro de Banhos, = Roque Pires = Diogo Rodrigues, D. Estevão da Gama, Miguel de Carvalho = Roque Marvão = João Fernandes

d'Abreu = Ruy Lobo = Pedro Fidalgo = Tristão d'Atayde = Martin Affonso de Mello = D. Manoel de Lima = D. Jorge de Menezes = João Fernandes d'Abreu, e Manoel Pinheiro. Aproveito mais esta occasião para repetir as seguranças de estima com que sou — De Vossa Senhoria Muito obrigado e servidor — *Visconde de Santarem.*

## XVI

Illustrissimo Senhor — Não posso nem devo attribuir o seu longo silencio e a falta de resposta ás minhas cartas senão a motivos de molestia. Escrevo esta para lhe remetter dois exemplares de uma carta de Monsieur Fournier du Lac, Membro da Escola *des Chartes*, sobre um sello d'ElRei D. Dinis, publicada na *Revue Archeologique*. Offereço um dos exemplares a Vossa Senhoria e o outro o envio, para a Livraria do Real Archivo. — Ignoro ainda se Vossa Senhoria recebeu os Tomos VI e VII da minha obra sobre as nossas relações diplomaticas. Quanto aos Tomos 1.º e 2.º da minha Historia da Cosmographia e da Cartographia sei pelas pessoas a quem os enviei que forão entregues no Real Archivo. — De Vossa Senhoria — Muito attento servidor e obrigado — *Visconde de Santarem.* — Paris 20 de Setembro de 1851. — P. S. — Quando Vossa Senhoria tiver alguns papeis a mandar me queira ter a bondade de os enviar á Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros.

## XVII

Illustrissimo Senhor — Agradeço muito a Vossa Senhoria a sua carta de 12 do passado, e a remessa das 4 copias dos documentos que pedi na minha carta de 12 de Janeiro ultimo. Agradeço tambem a verificação que fez relativa ao supposto Tratado entre D. Affonso V.º e a Inglaterra, ficando provado pela mesma que a citação que encontrei em uma obra Inglesa é completamente errada. — A proposito de citações, devo dizer, que tenho ha muitos annos outra indicação que me parece tambem errada; é a seguinte:

1403 — Julho 22 — Tratado de navegação e de commercio

entre Portugal e Inglaterra.— Archivo Real, Gaveta 17, maço 2, n.º 7 e Gaveta 18, maço 7, n.º 28.— Nesta data não encontrei Tratado algum deste genero, nem na vasta collecção de Rymas, nem nos manuscriptos do Museu Britanico, nem nos 40 volumes de manuscriptos de Tratados com Inglaterra que existem aqui: Rogo portanto a Vossa Senhoria queira ter a bondade de me indicar com a possivel brevidade, quaes são os documentos que se encontrãem nos logares apontados.— Outra indicação sobre a qual necessito tambem alguns esclarecimentos, é a seguinte:

«1400 — Abril 15 — Instrumento do recebimento do Conde d'Arundel com a Infanta D. Brites, effectuado por vigor de huma Procuração no mesmo inserta, que o dito Conde fez.— Gaveta 17, maço 8, n.º 6.— Esta indicação é da lettra do seu antecessor. No mesmo summario indiquei que tinha feito tirar uma copia, mas não a tendo encontrado nos papeis que aqui tenho, é do numero dos documentos que ficarão em Lisboa.— Ora, como se pode combinar a data de 1400, com a do outro instrumento do recebimento da mesma Princesa, datado de 26 de Novembro de 1405 tirado do Archivo, e publicado por Soares da Silva (Documento 13, do Tomo IV das Memorias de D. João I) e que vem igualmente em Sousa, Historia Genealogica da Casa Real. Provas Tomo 1.º n.º 11 citando a Gaveta 17, maço 6? — Finalmente muitos documentos que procuro relativos a este casamento, todos são do anno de 1405, e Fernão Lopes que é author do maior credito diz que esta negociação principiara em Fevereiro deste anno. Como pois o documento acima indicado se acha datado de 5 annos antes? — Queira Vossa Senhoria ter a bondade de me fazer tirar as copias dos seguintes documentos:

1.º — 1501 — Maio 8 — Carta de João Farinha d'Almada a ElRei D. Manoel sobre a Inglaterra o ter nomeado cavalleiro da Jarreteira, pelo que lhe mandava Embaixador.— Corpo Chronologico, Parte 1.ª, Maço 3, Documento 57. —

2.º — 1505 — Outubro 10 — Carta de Thomé Lopes, a ElRei D. Manoel, referindo a noticia de querer o d'Inglaterra que o Delfim case com sua filha. — Ibidem, Parte 1.ª, Maço 5, Documento 47. —

3.º — 1506 — Abril 5 — Carta de Francisco Zuzarte, Arcebispo de Toledo, a ElRei D. Manoel sobre ter entregue a sua instrucção, etc., etc. — Corpo Chronologico, Parte 1.ª Maço 5, Documento 91. —

4.º — 1506 — Carta de João Mendes de Basto ao Secretario Carneiro, sobre a molestia da Princeza de Galles, e outras cousas — *Ibidem* — Maço 5, Documento 67. —

5.º — 1532 — Agosto 27 — Carta do Dr. Gaspar de Figueiredo d'Inglaterra. — *Corpo Chronologico*, Parte 1.ª, maço 83, Documento 13. —

6.º — 1545 — Setembro 26 — Carta d'ElRei D. João 3.º para o seu Ministro em Inglaterra, etc. — *Ibidem*, Parte 1.ª, maço 76, Doc. 97. —

Rogo pois a Vossa Senhoria queira enviar-me as ditas copias á medida que se forem tirando, dirigindo-as ao Senhor Conselheiro Francisco de Paula Mello. Renovo por esta occasião as seguranças d'estima com que sou — De Vossa Senhoria — Muito attento e obrigado servidor — *Visconde de Santarem* — Paris 1.º de Maio de 1853. —

## XVIII

Illustrissimo Senhor — Devendo publicar com a maior brevidade um trabalho sobre a parte da Africa meridional onde se achão situados os nossos estabelecimentos do Congo, Angola, Moçambique, e outros, necessito em consequencia com a maior urgencia das copias dos documentos citados na lista remissiva inclusa. — Sendo alem disso necessario para o sobredito effeito colligir-se no Real Archivo todos os documentos que no mesmo existirem relativos ás nossas possessões nesta parte do globo, rogo a Vossa Senhoria queira mandar proceder a este trabalho, e bem assim fazer extrahir dos livros da India que se recolherão no mesmo Real Archivo no Reinado d'ElRei D. José o que nos mesmos se encontrar relativo ás nossas colonias e estabelecimentos situados na costa Oriental d' Africa, sendo importantissimo para o serviço do Estado que este trabalho se conclua com a possivel brevidade. — Renovo por esta occasião as seguranças d'estima com que sou — De Vossa Senhoria — Muito attento servidor — *Visconde de Santarem* — Paris 24 d'Agosto de 1853.

## XIX

Paris 3 d'Outubro de 1853.

Illustrissimo Senhor — Recebi pelo ultimo Paquete a carta de Vossa Senhoria de 14 de Setembro ultimo, e 4 copias dos documentos que tinha pedido na minha carta de 23 de Junho. — Agradeço a noticia que me dá de se acharem já promptas todas as outras indicadas na Lista inserta na mesma carta. — Fui pelo ultimo Paquete encarregado de publicar, com a possível brevidade, outra parte das minhas obras Diplomaticas, e posto que acabo de dar á luz o 1.º volume das nossas Relações com a Inglaterra, necessito muito das copias dos documentos da Lista junta, para levar a effeito o que se me recommenda. — Entre as copias pedidas na Lista junta permitta-me que lhe rogue o favor de mandar tirar primeiro as que vão marcadas com o seguinte signal =  $\triangle$ , e de mas mandar o mais depressa que fôr possível. — Renovo as seguranças de particular estima, e consideração com que sou — De Vossa Senhoria — Muito attento e obrigado servidor — *Visconde de Santarem*.

Lista dos Documentos de que necessito copias do Real Archivo.

$\triangle$  1.º — 1381 — Novembro 15 — Doação d'ElRei D. Fernando á Infanta D. Beatriz sua filha *propter nuptias* com o filho do Conde de Cambridge. — Livro 2.º da Chancellaria de D. Fernando folhas 90. — Feita.

2.º — Examinar-se se o Documento da Gaveta 18, maço 7, numero 28 é o mesmo que publicou Soares da Silva, Memerias de D. João 1.º Tomo 4.º documento 33, pagina 243, e se tem data? — Sim.

$\triangle$  3.º — 1399 — Dezembro 6 — Carta d'ElRei D. João 1.º prevenindo o caso de haver guerra entre a Inglaterra, e França, etc. — Livro 2 da Extremadura folhas 110. — N. —

$\triangle$  4 — 1404 — Abril — Instrumento do recebimento do Conde d'Arundel com D. Beatriz filha d'ElRei D. João 1.º — Gaveta 17, maço 8, n.º 6. — Feita.

$\triangle$  5 — 1444 — Janeiro 26 — Segurança para os Ingleses

virem commerciar a Portugal. — Livro das Extras folhas 121 verso. — Feita.

6.º — 1562 — Setembro 28 — Carta de Ruy Mendes sobre a negociação dos Inglezes, etc. — Corpo chronologico. — Parte 1.ª — maço 108 — Documento 23 — Feita.

7.º — Outubro 11. Carta do dito — Corpo chronologico, Parte 1.ª — Maço 106 — Documento 26 — Feita.

8.º — 1564 — Agosto 5 — Sobre se preparar a Armada Ingleza par ir á Mina — Ibidem, Maço 107, documento 4 — Feita.

9.º — 1564 — Setembro 29 — Carta de J. P. Dantas sobre a sahida da Armada d'Inglaterra para a Mina. — Corpo chronologico. Parte 1.ª, maço 107, documento 12. — Feita.

10.º — 1593 — Agosto 6 — Providencias dadas na India para evitar os damnos cauizados pelos Inglezes. — Livro 2 dos da Secretaria de Goa — folhas 282 — N. —

△ — 11 — 1596 — Junho 6 — Carta dos Governadores do Reino sobre o perigo em que estava o Reino por causa da Armada Ingleza — Corpo Chronologico — Parte 3, maço 24, documento 26. — Feita. —

△ — 12 — Julho 29 — Dita dos ditos sobre o mesmo. — Ibidem. — Parte 3.ª maço 24, Documento 30. — Feita. —

13.º — 1604 — Novembro 18 — Alvará Ratificando o Tratamento de Commercio com a França e Inglaterra — Livro 2.º das Leis folhas 73. — Feita. —

14 — 1625 — Outubro 1 — Carta a ElRei sobre os Inglezes terem sido desalojados de Cabo Frio — Corpo Chronologico. — Parte 1.ª maço 117. Documento 74. — Feita. —

15.º — 1627 — Junho 22 — Carta do Vice Rei da India, sobre o que tinham obrado os Inglezes. — Ibidem. — Ibidem. — Documento 146. — Feita. —

△ — 16 — 1499 — Maio 12 — Confirmação da Paz entre ElRei D. Manuel e Henrique VII d'Inglaterra. — Não tenho outra fonte deste documento senão uma dos Archivos d'Inglaterra. — Se este documento existe no nosso Archivo necessito da copia com a maior brevidade. — N. —

## XX

Paris 19 de Janeiro de 1854.

Illustrissimo Senhor — Acabo de receber pelo ultimo Paquete a carta de Vossa Senhoria de 5 do corrente e as 5 copias de documentos da Lista que enviei a Vossa Senhoria em 3 d'outubro do anno passado. — Muito me admirou de saber pela sua carta, que o que lhe escrevi em 3 d'outubro, só lhe chegou á mão em 9 de Dezembro quasi 2 mezes depois! e ainda mais me admiro que não tivesse ainda recebido a 5 do corrente a que lhe escrevi em 2 de Novembro!! — eis aqui a copia desta ultima. — Paris 2 de Novembro de 1853 — «Recebi em seu devido tempo as cartas que Vossa Senhoria me dirigio nas datas de 19, 27 e 29 de Setembro e as 11 copias que as acompanhavão, e bem assim as outras 4 que havia pedido na minha carta de 24 d'Agosto que recebi pelo ultimo Paquete com a carta de Vossa Senhoria de 3 d'outubro passado. — «Dos documentos que indiquei na Lista que enviei a Vossa Senhoria na minha carta de 29 de Junho, faltão me ainda as copias dos seguintes documentos :

1.<sup>a</sup> A do Documento de Setembro de 1552 sobre a entrada que fizeram os Inglezes na Madeira. — (Corpo Chronologico. — Parte 1 maço 88. Documento 122).

2.<sup>a</sup> — 1555 — Julho 15 — Carta de Diogo Lopes de Souza relativa a objectos da sua Missão em Londres. — (Gaveta 2, Maço 5 — N.º 56).

3.<sup>a</sup> — 1556 (?) Carta da Rainha Maria para ElRei D. João 3.<sup>o</sup> — (Gaveta 2, Maço 6, N.º 1).

«Tendo modificado o plano de publicação relativo á Africa Meridional de que tratei na minha carta de 24 d'Agosto passado podem em consequencia as investigações de que tratei na minha citada carta ser feitas mais d'espaco. — Rogo pois a Vossa Senhoria á vista disto que queira ter a bondade de dar seguimento ás copias dos documentos relativos ás nossas relações com Inglaterra que pedi na Lista inclusa na minha carta de 3 d'outubro passado, visto serem estas copias muito necessarias para poder terminar parte do trabalho que o Governo deseja ver publicado. — Deploro com o mais vivo sentimento o que Vossa Senhoria me refere do estado do Archivo. Vossa Senhoria bem conhece o interesse que eu tomo á mais de 30 annos por esse

grande thezouro, e sabe que eu até por advogar com o maior zelo e fervor, os interesses d'elle, e de seus empregados me comprometti em outro tempo com o Conde da Povoá, então Ministro da Fazenda, pela vivacidade das expressões que empreguei no meu officio em favor dos interesses do mesmo Archivo e dos seus Empregados. Já depois daquella época todas as vezes que tive meio de escrever a este respeito, não tenho perdido as occasiões de advogar a sua causa, e ultimamente em um officio que escrevi em Agosto passado dizia formaes palavras «os trabalhos que de continuo se fazem no Real Archivo, são muito consideraveis e desproporcionados com o diminuto numero de seus empregados, apezar do zelo com que na direcção do mesmo se emprega o actual Official Maior do mesmo Archivo, etc., e concluia que para se proceder aos trabalhos que se devião fazer seria mister neste estado de cousas suspender todos e dar a preferencia aquelles». — «Já depois disto tornei a recommendar o Archivo e seus interesses a duas pessoas que ahi gozão de bastante influencia. Conto em breve renovar as mesmas instancias». — Renovo as expressões d'estima com que confesso ser—De Vossa Senhoria Muito attento e obrigado servidor — *Visconde de Santarem.*

## XXI

Paris 20 de Março de 1854.

Illustrissimo Senhor — Tive o gosto de receber pelo penultimo Paquete a Carta que Vossa Senhoria teve a bondade d'escrever-me em data de 4 de Fevereiro passado, com as copias dos documentos que havia pedido na minha carta de 3 d'outubro do anno passado, numeros 13, 14 e 15. — Pelos meus Livros de Registo vejo que me faltão ainda da Lista que acompanhou a dita Carta as copias dos documentos indicados sob os numeros 7, 8, 9 e 10, a saber:

A carta de Ruy Mendes, etc., de 28 de Setembro de 1562 (Corpo Chronologico, Parte 1, maço 108, Documento 23. Dita do mesmo de 11 d'Outubro do mesmo anno. (Corpo Chronologico, ibidem, ibidem. Documento 26). Carta de João Pereira Dantas sobre a Armada Ingleza de 5 d'Agosto de 1564. Dita do mesmo de 29 de Setembro do dito anno. — Corpo Chronologico — Maço 107— Documento 12.— Renovo por esta occa-

sião as seguranças d'estima com que tenho a honra de ser — De Vossa Senhoria Muito attento Servidor e obrigado — *Visconde de Santarem* — P. S. — Rogo a Vossa Senhoria o obsequio de me mandar uma Lista Chronologica dos officios e mais papeis, e noticias por mim colligidos pertencentes ás Embaixadas de Londres que se achão nos volumes dos meus manuscriptos que estão depositados no Real Archivo, de cujos volumes Vossa Senhoria me mandou a indicação do Numero, e formato na Relação que acompanhou a sua carta de 12 de Maio de 1843. — Á medida que se fizer a dita Lista Vossa Senhoria terá a bondade de me ir mandando em folhas, e isto com a possivel brevidade pois me é muito necessaria.

## XXII

Paris 18 d'Abril de 1854.

Illustrissimo Senhor — Tive o gosto de receber pelo ultimo Paquete as cartas de Vossa Senhoria de 25 de Janeiro e de 16 de Março passado com as 7 copias que restavão das que pedi na minha carta de 3 d'Outubro do anno passado. — Agradeço muito a Vossa Senhoria, a remessa destes interessantes documentos de que muito me aproveitei para o Tomo XV da minha obra. — Recebi pois as 4 copias que me faltavão, como indiquei a Vossa Senhoria, na minha carta de 20 de Março ultimo. Vejo agora que as ditas copias ficarão demoradas na Secretaria desde 2 de Janeiro em consequencia de não ter havido sacco para a Missão de Paris. — Nos 6 primeiros tomos da collecção de manuscriptos politicos de S. Vicente de Fóra encontrei, quando os examinei naquelle Mosteiro, alguns de Francisco de Mesquita e de João Rodrigues Correa que forão enviados na Corte de Londres nos fins do Reinado d'ElRei D. João 3.º e principios de D. Sebastião; desgraçadamente porem não encontro na minha collecção os extractos, ou notas que então fiz dos documentos que dizião respeito a estes dois Agentes. — Se Vossa Senhoria tiver um instante de seu para os examinar descobrindo-os nos ditos 6 primeiros volumes, e me indicar os contentos delles, muito obsequio me fará com essa remessa. — Aproveito mais esta occasião para assegurar-lhe os sentimentos d'estima com que sou — De Vossa Senhoria Muito obrigado e servidor — *Visconde de Santarem*.

## XXIII

Paris 24 d'Agosto de 1854.

Illustrissimo Senhor — Recebi pelo ultimo Paquete a carta que Vossa Senhoria teve a bondade de me escrever em data de 3 do corrente, e as 4 copias dos documentos d'Africa, e bem assim a indicação dos documentos relativos a Francisco de Mesquita e a João Rodrigues Correa que se encontrão nos 6 primeiros Tomos da collecção de manuscriptos de S. Vicente de Fóra, o que muito agradeço. — Rogo a Vossa Senhoria queira mandar-me com a possivel brevidade as copias dos sobreditos documentos *preferindo estas pela sua urgencia* ás dos documentos d'Africa.

1.º — Instrucções com que foi á Rainha de Inglaterra Francisco de Mesquita. — Manuscriptos de S. Vicente de Fóra. Tomo III, folhas 29. — Feita. —

2.º — Carta d'ElRei D. João 3.º para Diogo Lopes de Souza mandando o vir para o Reino ficando no seu lugar João Rodrigues Correa — (Manuscriptos de S. Vicente, Tomo V, folha 513) — Feita. —

3.º — Instrucções que levou João Rodrigues Correa quando foi enviado a Inglaterra (Ibidem, Tomo V, folha 156).

4.º — Carta d'ElRei D. João 3.º para Diogo Lopes de Souza em resposta ás que este lhe escrevera sobre a chegada a Inglaterra de João Rodrigues Correa. — (Ibidem. Tomo V, folha 505 e 507. — Feitas 2. —

5.º — Carta do mesmo Rei ao dito Correa em resposta á que este Ministro lhe escrevera sobre a sua chegada a Inglaterra (Ibidem, Tomo V, folhas 164 a 169 e 170 — Feitas 2. —

6.º — Carta d'ElRei D. João 3.º ao dito Correa em resposta ás que este lhe escrevêra sobre a conclusão do negocio a que o mandara. Ibidem, Tomo V, folhas 523). — Feita. —

Queira Vossa Senhoria ter a bondade de mandar para a Secretaria cada uma das copias á medida que se forem tirando afim de me chegarem mais promptamente á mão — Renovo por esta occasião ás seguranças d'estima com que sou — De Vossa Senhoria Muito attento e obrigado servidor — *Visconde de Santarem.*

## XXIV

Paris 19 de Novembro de 1854.

Illustrissimo Senhor. — Pelos ultimos Paquetes chegados dessa capital, recebi as duas cartas de Vossa Senhoria de 13 do passado, e 6 do corrente, e os 10 mui interessantes documentos de que Vossa Senhoria me remetteo as copias. — Agradeço muito a Vossa Senhoria esta remessa. Estes documentos vierão enriquecer o grande thezouro que tenho obtido dos Archivos Inglezes, como Vossa Senhoria verá nos dois volumes que publiquei ultimamente, das nossas relações com a Gran-Bretanha. — Necessitando para completar os volumes seguintes das copias dos documentos indicados na Lista junta, rogo a Vossa Senhoria queira ter a bondade de mandar tirar as ditas copias. — Queira Vossa Senhoria aceitar as seguranças de estima, e consideração com que sou — De Vossa Senhoria — Muito attento e obrigado servidor — *Visconde de Santarem*.

Lista dos documentos de que necessito copia. — Enviada em 19 de Novembro de 1854. —

1.º — 1593 — Agosto 6 — Providencias dadas na India para evitar os damnos que os Inglezes alli fazião. — (Livro 2.º da Secretaria de Gôa, folha 232). —

2.º — (Reinado d'elRei D. João IV). — Decreto para se formar uma Junta sobre o que pedião os Inglezes ácerca do exercicio da sua Religião. — (Collecção de manuscriptos de S. Vicente. Tomo 14, folhas 49 com os Artigos que se achão a folhas 50 e 51, e a resposta da Junta a folhas 54). — Feita. —

3.º — Carta d'elRei D. João 4.º para o Almirante Black, e para Popleam, General da Armada do Parlamento. — (Ibidem. Tomo 14, folhas 82). — Feita. —

4.º — 1661 (?) Procuração d'elRei D. Affonso 6.º dando poder ao Conde da Ponte para ajustar o casamento da Infanta D. Catharina com Carlos 2.º. — (Manuscriptos de S. Vicente. — Tomo 2 a 20, folhas 236). — Feita. —

5.º — Decreto do mesmo Rei declarando o casamento da dita Infanta. — (Collecção citada — volume 20 — folhas 232 e 258). — Feitas. —

6.º — Carta da Rainha D. Luiza para Carlos 2.º louvando-lhe as prendas da Rainha d'Inglaterra. (Ibidem, Tomo 20 — folhas 308) — Feita. —

7.º — Carta da mesma Rainha para o Duque de Iork. — (Ibidem, Tomo 20 — folhas 312. — Feita. —

8.º — 1661 — (?) — Formalidades que se havião de praticar no dia da despedida e embarque da Infanta D. Catharina. — (Ibidem, Ibidem, folhas 280, 286, 290, 294, 298, 302 e 304). — Feitas 2. —

9.º — Carta de Carlos 2.º para a Rainha D. Luiza. — (Ibidem, folhas 276). — Feita. —

10.º — Ordem d'ElRei D. Affonso 6.º para o Governador de Tanger entregar aquella praça aos Inglezes. — (Ibidem. — Tomo 20, folhas 24. — N. —

11.º — Instrucção secreta para Francisco de Mello, embaixador em Inglaterra e 2.ª instrucção ostensiva — (Manuscriptos de S. Vicente. Tomo 12, folhas 461, e 463). — Feita. —

12.º — Carta da Rainha D. Luiza para o embaixador d'Inglaterra sobre a chegada da Rainha sua Filha a Inglaterra. — (Ibidem, Tomo 20, folhas, 322, 324 e 328. — Feitas 3. —

13.º — Proclamação d'ElRei d'Inglaterra confirmando os Tratados, etc. — (Ibidem, volume 12, folhas 282). — Feita. —

14.º — Cartas d'ElRei para Francisco Ferreira Rebello, Residente em Londres, sobre os negocios do ajuste da Paz. — (Ibidem, Tomo 12, folhas 631, 633 e 639). — Feitas 3. —

---

## BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

## REGISTO DE PROPRIEDADE LITTERARIA

## Obras entradas no anno de 1910

## Julho

Para cumprimento do disposto no artigo 605.º do Codigo Civil Português se faz publico que no mês supradito foram registadas nesta Bibliotheca as seguintes publicações :

Por João Carneiro, como editor: — Collecção de monologos e cançonetas: N.º 26, Manuel de Castro Cardoso: «O vida airada!...», monologo. — Lisboa, Imprensa J. Sousa. — In-4.º de 8 paginas.

— N.º 27, Joaquim Vaz: «De balão», cançoneta. — Lisboa, Typographia Sousa & Santos. — In-4.º de 8 paginas.

— N.º 28, Albuquerque Junior: «Ninguem tem nada com isso...», monologo. — Lisboa, Typographia C. do Cabra, 7. — In-4.º de 8 paginas.

— N.º 29, J. F. «O angú da quitandeira», canção brasileira. — Lisboa, Typographia C. do Cabra, 7. — In-4.º de 8 paginas.

— N.º 30, Fernando Schwalbach: «Os dois berços», monologo.

- Lisboa, Typographia C. do Cabra, 7. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 31, Alfredo Albuquerque Junior: «As comichões», cançoneta. — Lisboa, Typographia C. do Cabra, 7. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 32, Alfredo Albuquerque Junior: «Maldito mosquito!...», monologo. — Lisboa, Typographia C. do Cabra, 7. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 33, Fernando Schwalbach: «Pum, catapum!», cançoneta. — Lisboa, Typographia C. do Cabra, 7. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 34, Custodio da Silva Ferreira (Gil Vaz): «Lamentações de um gallego», monologo. — Lisboa, Typographia C. do Cabra, 7. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 35, Alfredo Albuquerque Junior: «Ah! Margarida!», cançoneta. — Lisboa, Typographia C. do Cabra, 7. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 36, A. Fidelio da Costa (Eurico): «É preciso rir!», dialogo. — Lisboa, Typographia C. do Cabra, 7. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 37, Alfredo Albuquerque Junior: «Um inglês em Lisboa», cançoneta. — Lisboa, Typographia C. do Cabra, 7. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 38, Alfredo Albuquerque Junior: «Tudo... ao natural!», monologo. — Lisboa, Typographia C. do Cabra, 7. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 39, Bessa Munné (Asseb): «Olha que eu digo...», dialogo. — Lisboa, Typographia C. do Cabra, 7. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 40, Alfredo Albuquerque Junior: «Tenho medo da

- mamã...», monologo. — Lisboa, Typographia C. do Cabra, 7. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 41, João Rebocho: «Por ser delicado!», cançoneta. — Lisboa, Typographia C. do Cabra, 7. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 42, Alfredo Albuquerque Junior: «Pum..., pum...», monologo. — Lisboa, Typographia C. do Cabra, 7. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 43, Alfredo Albuquerque Junior: «Duro e molle!», duetto. — Lisboa, Typographia C. do Cabra. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 44, Manuel de Castro Cardoso: «Um magico!...», monologo. — Lisboa, Typographia C. do Cabra. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 45, Alfredo Albuquerque Junior: «Ella», monologo. — Lisboa, Typographia C. do Cabra, 7. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 46, Alfredo de Albuquerque Junior: «As ideias de Bébé», comedia. — Lisboa, Typographia C. do Cabra, 7. — In-8.º de 16 paginas.
- N.º 47, Alfredo de Albuquerque Junior: «Valente saloio!», monologo. — Lisboa, Typographia C. do Cabra, 7. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 48, Alfredo de Albuquerque Junior: «O meu vestido», monologo. — Lisboa, Typographia C. do Cabra, 7. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 49, J. A. B.: «O assobio», canção brasileira. — Lisboa, Typographia A. M. Antunes. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 50, A. Medeiros: «Um marido carinhoso», monologo. — Lisboa, Typographia A. M. Antunes. — In-4.º de 8 paginas.

- N.º 55, Celestino da Silva: «O operario e o ladrão», episodio. — Lisboa, Typographia A. M. Antunes. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 57, E. Wenderley: «Num baile», cançoneta. — Lisboa, Typographia A. M. Antunes. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 58, Eustaquio Wenderley: «A despedida», duetto. — Lisboa, Typographia A. M. Antunes. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 59, Alfredo Albuquerque: «Não chor'isso!», cançoneta. — Lisboa. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 60, Artur Arriegas: «Doidices», cançoneta. — Lisboa. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 61, Alfredo Albuquer: «E... não lhes digo mais nada!», monologo. — Lisboa, Typographia A. M. Antunes. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 62, Ernesto da Silva: «O chefe da orchestra», cançoneta. — Lisboa, Typographia A. M. Antunes. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 63, Alfredo de Albuquerque: «As mãos das senhoras», cançoneta. — Lisboa, Atelier Typographico. — In-4.º de 8 paginas.
- N.º 64, Victorino de Brito: «Amor e guarita», duetto. — Lisboa, Atelier Typographico. — In-4.º de 8 paginas.
- Bibliotheca Theatral do Povo. N.º 14, Armando Corvello: «O amor fatal», drama. — Lisboa, Imprensa Calçada da Gloria, 6 a 10. — In-4.º de 12 paginas.
- Pela Casa Editora de A. Figueirinhas, como editora: — José Agostinho: «Versos para as crianças». — Porto, Typographia Universal. — In-8.º de 100 paginas.

Por Antonio Ferreira Pinto, como autor: «Theologia pastoral. Elementos de eloquencia sagrada», 2.<sup>a</sup> edição. — Porto, Typographia da Real Officina de S. José, 1909. — In-8.<sup>o</sup> de 144 paginas.

Por Joaquim de Landerset, como director-proprietario: «A Rajada», revista theatral e literaria, anno 1, N.<sup>o</sup> 1. — Lisboa, 1 de janeiro de 1910. Imprensa, 6, Rua do Arco do Lameiro, 72. — Lisboa. — In-8.<sup>o</sup> de 16 paginas.

### Agosto

Por João Maria Ferreira, como autor, editor e proprietario: «Ino á primavera». — Lisboa, Typographia da Livraria Ferin, 1909. — In-8.<sup>o</sup> de 48 paginas.

Por Armando Ribeiro, como autor, proprietario e editor: «A conquista do polo», romance. — Lisboa, Typographia Bayard, 1909. — In-8.<sup>o</sup> de 192 paginas.

Por Carlos Augusto Ludgero do Nascimento, Humberto Francisco Rodrigues Quintas e José Fernandes Carreira, como proprietarios: «O Eco Commercial», revista. — Lisboa, 6 de janeiro de 1910, anno 1, n.<sup>o</sup> 9. — In-4.<sup>o</sup> de 8 paginas.

Por Antonio Nicolau Sabbo, como proprietario: «O Touriste», publicação mensal, volume 1. — Lisboa, 7 de janeiro de 1910, n.<sup>o</sup> 1. — In-8.<sup>o</sup> de 16 paginas.

Por José Antunes dos Santos e José Esteves Roballo Cordeiro, como autores, editores e proprietarios: — «O livro pratico dos analfabetos», 1.<sup>o</sup> caderno. Quadros, n.<sup>os</sup> 1, 2 e 3. — Covilhã, Typographia Commercial, 1909. — In-folio de 12 paginas.

— 2.<sup>o</sup> caderno: Quadros synopticos n.<sup>os</sup> 4 a 11. — Covilhã, Typographia Commercial, 1909. — In-folio de 16 paginas.

- 3.º caderno: Quadro synoptico n.ºs 12 a 15. — Covilha, Typographia Commercial, 1909. — In-folio de 12 paginas.
- Guia pratico no ensino de escrever, ler e contar. — Covilhã, Typographia Commercial, 1909. — In-folio de 12 paginas.
- Orthographia portuguesa theorico-pratica. — Covilhã, Typographia Commercial, 1909. — In-folio de 14 paginas.
- Por Santos & Vieira, como editores e proprietarios: Henrique Brunswick: «Novo dictionario illustrado da lingua portuguesa», 2.ª edição.—Lisboa, Typographia de F. L. Gonçalves. — In-8.º de 1:284 paginas.
- Pela Livraria Chardron, de Lello & Irmão, como editora: «Lyrica de Olympio de Freitas», prefaciada por Xavier da Cunha. — Porto, Imprensa Moderna, 1909. — In-8.º de 160 paginas.
- Sylvio Romero: «Provocações e debates». — Porto, Imprensa Moderna, 1910. — In-8.º de 420 paginas.
- Padre Manuel Berdardes: «Nova floresta», nova edição, tomo II. — Porto, Imprensa Moderna, 1909. — In-8.º de 416 paginas.
- Ernesto Haeckel: «Maravilhas da vida». — Porto, Imprensa Moderna, 1910. — In-8.º de 456 paginas.
- Pelo Padre Benevenuto de Sousa, como proprietario: 2 bilhetes postaes illustrados da collecção Luz e Fogo. N.º 11, «Vasco da Gama em Calicut deante do Samorim». — N.º 12, «El-Rei D. Manuel e Vasco da Gama». — Porto, Typographia Santos, 1909. — 2 folhas.
- Por Augusto Gil, como autor: «Luar de Janeiro». — Lisboa, Typographia do Commercio, 1909. — In-8.º de 120 paginas.
- Pela Casa Editora de A. Figueirinhas, como editora:—Dr. Alves dos Santos—«A nossa escola primaria». — Porto, Typographia Universal. — In-12.º de 304 paginas.

- Por João Manuel Fernandes de Magalhães, como autor: «O Seringador», repertorio critico-jocosos e prognostico, diario para 1910. — Porto, Imprensa Moderna. — In-8.º de 32 paginas.
- Por Daniel Cardoso, como autor: «O novo seringador», almanach para 1910. — Porto, Imprensa Moderna. — In-8.º de 32 paginas.
- Por Augusto Tavares, como proprietario: «O Raio». Anno I. — N.º 1. — Lisboa, 13 de novembro de 1909. Publica-se ás sextas feiras. — Impressão, Rua da Atalaia, 150. — In-4.º de 8 paginas.
- Por Manuel Pinto de Sousa Lello, como editor e proprietario: «1910, 6.º anno, Anuario do Commercio do Porto». — Porto, Imprensa Moderna. — In-8.º de 752 paginas.
- Por Thomás Bordallo Pinheiro, como editor e proprietario:— Bibliotheca de Instrucção Profissional: «Manual do torneiro mecanico», 2.ª edição. — Lisboa. — In-12.º de 240 paginas.
- Bibliotheca de Instrucção Profissional: «Manual do typographo». — Lisboa, Imprensa Libanio da Silva. — In-12.º de 352 paginas.
- Bibliotheca de Instrucção Profissional: «Manual do sapateiro». — Lisboa, Typographia Rua Ivens, 45 e 47. — In-12.º de 352 paginas.
- Bibliotheca de Instrucção Profissional: «Manual do conductor de machinas», 2.ª edição. — Lisboa. — In-12.º de 444 paginas.
- Bibliotheca de Instrucção Profissional: «Construcção naval», volume iv. — Lisboa, Typographia da Empresa da Historia de Portugal. — In-4.º de 164 paginas.
- Bibliotheca de Instrucção Profissional: «Desenho linear geometrico», 2.ª edição. — Lisboa, Typographia da Livraria Ferin. — In-4.º de 154 paginas.

— Bibliotheca de Instrução Profissional: «Arithmetica pratica», 2.<sup>a</sup> edição. — Lisboa, Typographia da Empresa da Historia de Portugal. — In-4.<sup>o</sup> 288 paginas.

Pelo Padre Benevenuto de Sousa, como proprietario: «Bilhete postal illustrado da collecção Luz e Fogo». — N.<sup>o</sup> 13 — «Conquista de Malaca. Affonso de Albuquerque manda solemnemente pregoar a nova moeda em nome de D. Manuel, Rei de Portugal». — Porto, Typographia Santos, 1910, uma folha.

Pela Livraria Chardron de Lello & Irmão, como editora: Ernesto Renan: «O Anti-Christo», traducção de Campos Lima. — Porto, Imprensa Moderna, 1909. — In-8.<sup>o</sup> de 400 paginas.

Por M. Roque da Silva, como autor: «Sericultura», 2.<sup>a</sup> publicação de propaganda «A amoreira em todos os terrenos». Guia pratica da sua cultura e modo de obter a semente. — Lisboa, Imprensa Lucas, 1910. — In-8.<sup>o</sup> de 50 paginas.

Por Aloiso Gomes da Silva, como editor: — «Uma hora de adoração ao Santissimo Sacramento». — Porto. — In-8.<sup>o</sup> de 48 paginas.

— «Officio do Santissimo e Immaculado Coração da B. Virgem Maria para a conversão dos peccadores», 2.<sup>a</sup> edição augmentada. — Porto, 1910. — In-8.<sup>o</sup> de 32 paginas.

Por José Antonio Rodrigues & C.<sup>a</sup>, como proprietarios: — Camillo Castello Branco: «Ao anoitecer da vida» (ultimos versos). — Porto, Imprensa Literaria e Commercial, 1874. — In-8.<sup>o</sup> de 170 paginas.

— «O Cozinheiro dos cozinheiros», collecção de mais de 1:500 reitas, nova edição. — Lisboa, Officina Typographica, 1905. — In-8.<sup>o</sup> de 810 paginas.

## Setembro

- Por Santos & Vieira, como editores e proprietarios. — Paulo Mantegazza: «Fisiologia do odio», traduzida do italiano por J. Leitão. — Lisboa, Typographia de F. L. Gonçalves, 1909. — In-8.º de 480 paginas.
- Por O. Herold & C.<sup>a</sup>, como proprietarios e editores. — «O Fertilizador», revista de agricultura, 4.º anno. N.º 18. Dezembro, 1909, Janeiro 1910. — Lisboa, Typographia do *Annuario Commercial*. — In-8.º de 16 paginas.
- Por Francisco Romero, como editor: «Almanach do Povo», para 1910. — Lisboa. — In-16.º de 160 paginas.
- Pela Empresa da *Lanterna*, como proprietaria e editora: Bilhete postal illustrado «Centenario natalicio de Herculano (1810-1910)». — Lisboa, 1 folha.
- Por Francisco Romero, como editor. — João Maria Pereira: «Curso pratico de navegação». — Lisboa, Typographia «A Liberal». — In-8.º de 572 paginas.
- Por J. da Costa Braga, como proprietario. — *Sport Nacional*, n.º 1, 1.º anno. — Lisboa, 19 de fevereiro de 1910. — Typographia da Empresa Ibis. — In-folio de 4 paginas.
- Pela Livraria Fernandes, como editora: — Angelo Vidal: «Synthese de geometria elementar», 3.ª edição. — Porto, Typographia Progresso, 1909. — In 8.º de 64 paginas.
- Angelo Vidal: «Escritas das escolas primarias», cadernetas 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª — Porto, Typographia Progresso. — In-16.º de 32 paginas cada caderneta.
- Por Emilio Silvestre Dias, como proprietario: — «Tabuada maternal», 1 cartão com numeros. — Lisboa.

- Pela Empresa de *O Imparcial*, representada por Maximiliano de Azevedo e Raul Brandão, como proprietaria: «*O Imparcial*», 1.º anno, n.º 1. Segunda feira, 3 de janeiro de 1910. — Lisboa, Impressão, Rua do Norte, 104 e 106. — In-folio de 4 paginas.
- Por João Novaes, como autor: «A alimentação dos doentes». — Porto, Imprensa Portuguesa, 1910. — In-8.º de 388 paginas.
- Pelo firma Montes & Carreira, representada por Luiz Montes Silva e José Fernandes Carreira, como proprietaria: «A Cruz». — Lisboa, quinta feira 8 de abril de 1909. Numero unico. Impressão, Rua do Norte, 99 a 104. — In-folio de 4 paginas.
- Pela Livraria Chardron, de Lello & Irmão, como proprietaria e editora: — Abel Botelho: «Pathologia social—V—Prospero fortuna». — Porto, 1910. — In-8.º de 570 paginas.
- Por José Dray, como co-proprietario: «O Bohemio». — Anno 1. — Lisboa, 14 de setembro de 1907. — N.º 1. — Typographia A Publicidade. — In-folio de 4 paginas.
- Por Gomes de Carvalho e Jaime de Sousa Sebrosa, como proprietarios: 1910. — «Anuario democratico». — Lisboa, Typographia Rua de S. José, 30. — In-8.º de 286 paginas.
- Por Santos & Vieira, como editores e proprietarios: George Ohnet, «O conquistador de mulheres». — Tradução de J. Sarmento. — Lisboa, Typographia de F. L. Gonçalves, MCMX. — In-8.º de 312 paginas.
- Por Antonio Cabreira, como autor, editor e proprietario: «Les mathématiques en Portugal. — Lisbonne, Typographia Bayard, 1910. — In-8.º de 162 paginas.
- Por José Agnello Moreira, como autor, editor e proprietario: «Bilhete de identidade», um cartão impresso dos dois lados e com espaços em branco para indicações pessoases e retrato do portador. — Lisboa, Imprensa Economica.

- Pelo Maequês de Avila e de Bolama, como autor: — «A nova carta chorographica de Portugal». — Noticias relativas a trinta das suas folhas. — Tomo 1 — Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1909. — In-8.º de 522 paginas.
- Pela Livraria Moderna, como editora: Ferrucio Rizzatii: — «O radio e a pedra filosofal», versão de A. Barradas. — Porto, Typographia da Encyclopedia Portuguesa, 1910. — In-8.º de 102 paginas.
- Pela Casa Editora de Antonio Figueirinhas, como editora: «Os nossos escritores: v. — Alexandre Herculano», por José Agostinho. — Porto, Typographia Universal, 1910. — In-8.º de 314 paginas.
- Por Magalhães Domingues & C.<sup>a</sup>, como proprietarios e editores: Album: «Casas recommendadas — Maisons recommandées», edição 1910. — Lisboa, Typographia do Annuario Commercial, 1910. — In-4.º de 202 paginas.
- Por Almeida Carvalho & C.<sup>a</sup> como editores e proprietarios: «Bibliotheca de Educação Moderna: III — E. Denay: Descendemos do macaco?». Traducção de tenente Moraes Rosa. — Lisboa, Typographia de A. de Mendonça. — In-8.º de 160 paginas.
- Por José Bastos & C.<sup>a</sup>, como editores e proprietarios: — A. Herculano: «Opusculos», tomo x — «Questões publicas», tomo», VI. — Lisboa, Typographia da Antiga Casa Bertrand, 1909. — In-8.º de 312 paginas.
- A. Herculano: «Opusculos», tomo IX — «Litteratura», tomo I. — Lisboa, Typographia da Antiga Casa Bertrand, 1909. — In 8.º de 300 paginas.
- Pela Real Associação Central de Agricultura Portuguesa, como proprietaria e editora: «Congresso de leitaria, olivicultura e industria do azeite em 1905», relatorio geral, volume II. — Lisboa, Imprensa Nacional, 1906. — In-8.º de 766 paginas.

Por Carneiro de Moura, como autor: «A instrução educativa e a organização geral do Estado», relatório. — Lisboa, Imprensa Nacional, 1909. — In-8.º de 288 paginas.

Por Alfredo Alves Monteiro da Fonseca, como proprietario: — «A Mosca», anno I. — Lisboa, 16 de março de 1910, n.º 1. — Typographia da Empresa Ibis. — In-4.º de 8 paginas.

Pelo Padre Benevenuto de Sousa, como director-proprietario: «Bilhetes postaes illustrados», collecção Luz e Fogo — N.º 14 «Depois da batalha»; n.º 15 «Depois da descoberta da India». — Porto, Typographia Santos, 1910. — 2 folhas.

Por Antonio José Maciel Rodrigues Lima (Amil), como autor: «Luz Messianica». — Leiria, Typographia Leiriense, 1910. — In-8.º de 152 paginas.

Bibliotheca Nacional de Lisboa, 30 de setembro de 1910.  
— O Director, *Xavier da Cunha*.

---

## BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES

## SECRETARIA GERAL

Perante o Bibliothecario Mór do reino está aberto concurso publico, durante o praso de trinta dias, a contar da data da inserção d'este annuncio no *Diario do Governo*, para o provimento de um logar de segundo amanuense escriptuario do Real Archivo da Torre do Tombo, com o vencimento annual de 162,5000 réis.

O concurso, constrá de provas escriptas na conformidade dos artigos 38.º e 54.º do decreto n.º 6 de 24 de dezembro de 1901 e do artigo 96.º do regulamento do mesmo Real Archivo, approved por Decreto de 14 de junho de 1902.

Os requerimentos deverão ser instruidos com os seguintes documentos:

- I — Certidão de idade;
- II — Documento comprovativo de haver satisfeito ás prescripções do recenseamento militar;
- III — Attestado de bom comportamento moral e civil e certificado do registo criminal;
- IV — Attestado medico de ter sido vaccinado e não padecer de molestia contagiosa;
- V — Certidão de exame de instrucção primaria do 2.º grau, e quaesquer outros documentos de habilitações litterarias.

A forma do concurso será regida em conformidade com os artigos 95.º e 96.º do citado regulamento.

Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, em 5 de setembro de 1910. — Pelo Conselheiro Bibliothecario-Mór do Reino, o Inspector, a) *Gabriel Victor do Monte Pereira*.

BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES

---

## SECRETARIA GERAL

Arthur José Tiburcio de Oliveira, exonerado por despacho de 14 de julho de 1910 do logar de segundo amanuense escripturario do Real Archivo da Torre do Tombo, nomeado por Decreto de 22 de fevereiro de 1908, por ter sido despachado em 24 de maio ultimo para o logar de amanuense do quadro da 5.<sup>a</sup> Repartição da Direcção Geral da Contabilidade Publica, despacho publicado no *Diario do Governo* n.º 130, de 16 de junho proximo findo.

(*Diario do Governo*, n.º 154 de 16 de julho de 1910).

---

Bonifacio Augusto de Oliveira, continuo da Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, o qual havia sido nomeado para a Inspeccão Geral por Decreto de 14 de abril de 1898, falleceu em 3 de setembro de 1910.

---

Estadística de leitura nas bibliothecas abaixo designadas  
durante o 3.º trimestre de 1910

Secções e suas sub-divisões		Evora	Braga	Villa Real	Castello Branco
I	Historia, geographia .....	33	82	14	130
	Cartas geographicas .....	-	18	-	14
	Polygraphia .....	1	-	7	-
	Jornaes .....	37	-	68	300
	Revistas nacionaes e estrangeiras	74	-	-	-
II	Sciencias civis e politicas.....	2	10	16	26
III	Sciencias e artes.....	2	27	23	38
	Bellas artes.....	-	16	1	-
IV	Philologia .....	14	-	15	-
	Bellas letras.....	548	69	30	22
V	Numismatica.....	2	-	2	-
	Estampas.....	1	-	-	62
VI	Religiões .....	-	32	-	31
VII	Incunabulos.....	-	-	-	-
	Reservados .....	-	-	-	-
	Manuscriptos.....	-	12	-	-
	Illuminados .....	-	-	-	-
VIII	Collecção Camoneana .....	-	-	-	-
Total.....		714	266	176	623

Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, em 30 de setembro de 1910.

Pelo Bibliothecario-mór do Reino,

O Inspector,

*Gabriel Victor do Monte Pereira.*

Estatística dos leitores na Bibliotheca Nacional de Lisboa  
no 3.º trimestre de 1910

Secções e suas sub-divisões		Especies requisitadas pelos leitores			Leitores
		Dia	Noite	Total	
I	Historia, geographia . . . . .	864	194	1:058	De dia 5:587 De noite 1:376
	Cartas geographicas . . . . .	20	2	22	
	Polygraphia . . . . .	281	90	371	Total 6:963
	Jornaes . . . . .	1:678	52	1:730	
	Revistas nacionaes e estrangeiras	65	7	72	
II	Sciencias civis e politicas . . . . .	1:404	172	1:576	
III	Sciencias e artes . . . . .	1:510	453	1:963	
	Bellas artes . . . . .	137	32	169	
IV	Philologia . . . . .	88	2	90	
	Bellas lettras . . . . .	3:050	875	3:925	
V	Numismatica . . . . .	7	-	7	
	Estampas . . . . .	3	-	3	
VI	Religiões . . . . .	64	6	70	
VII	Incunabulos . . . . .	-	-	-	
	Reservados . . . . .	21	-	21	
	Collecção Camoneana . . . . .	59	-	59	
	» Elzeviriana . . . . .	-	-	-	
	» Bodoniana . . . . .	-	-	-	
e	Manuscriptos (fundo geral) . . . . .	104	-	104	
VIII	Codices illuminados . . . . .	2	-	2	
	Collecção Pombalina . . . . .	40	-	40	
	» dos Codices d'Alcobaça	-	-	-	
IX	Archivo de marinha e ultramar . .	730	-	730	
Total . . . . .		10:127	1:885	12:012	

Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, em 30 de setembro de 1910.

Pelo Bibliothecario-mór do Reino,

O Inspector,

*Gabriel Victor do Monte Pereira.*

Estatística dos volumes enviados pelas Secções Estrangeiras de Permutas Internacionaes durante o 3.º trimestre de 1910 à Secção das Bibliothecas e Archivos Nacionaes

Proveniencias	Numero de volumes	Total
Estados Unidos da America.....	439	571
Estados Unidos do Brazil.....	47	
Belgica.....	41	
Hespanha.....	42	
Italia.....	2	

Estatística dos sellos e formulas de franquia dos paizes da União Postal Universal entrados na secção de Numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa, durante o 3.º trimestre de 1910

Formulas	Total
Sellos.....	16
	16

Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, em 30 de setembro de 1910.

Pelo Conselheiro Bibliothecario-mór do Reino,

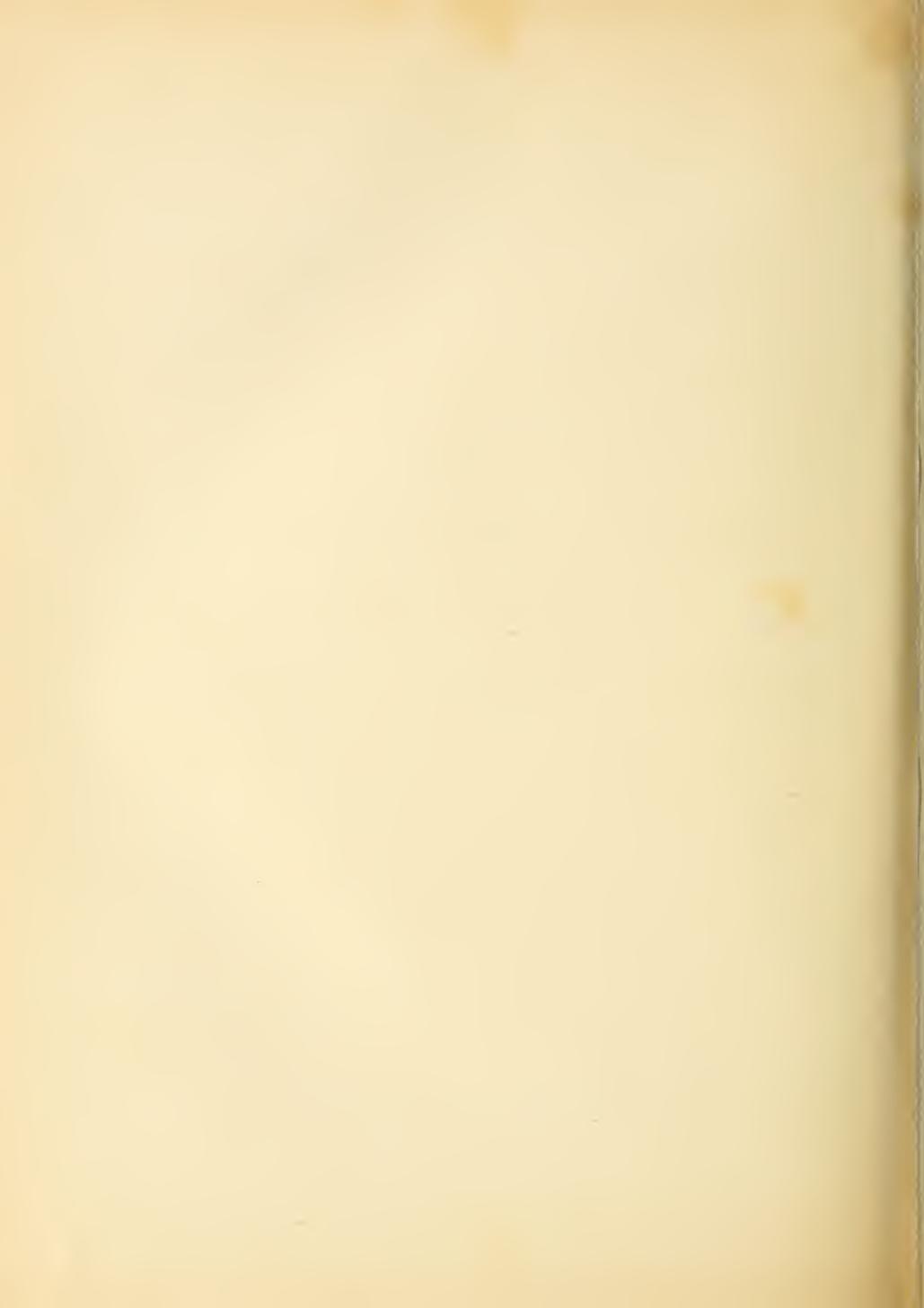
O Inspector,

*Gabriel Victor do Monte Pereira.*

---

IMPRESA DA UNIVERSIDADE, 1910





Bibliotheca Nacional de Lisboa. Exposição bibliographica no bi-centenario do Padre Antonio Vieira em 1897. Lisboa, Imprensa Nacional, 1897.

A Exposição Petrarchiana da Bibliotheca Nacional de Lisboa. Catalogo summario pelo Director da mesma Bibliotheca Xavier da Cunha. Lisboa, Imprensa Nacional, 1905.

Curso de Bibliothecario-Archivista. Summario das lições de Bibliologia, compiladas por José A. Moniz, professor interino da respectiva cadeira na Bibliotheca Nacional de Lisboa, 2.ª edição. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1900.

Numismatica Nacional. Lição inaugural do curso de Numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa no anno lectivo de 1888-1889, por J. Leite de Vasconcellos, professor proprietario da respectiva cadeira. Lisboa, Typographia do Jornal «O Dia», 10 e 12. Rua Anchieta, 1888.

Elencho das lições de Numismatica dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa por J. Leite de Vasconcellos, 1.ª parte do curso (1888-1889). Lisboa, Typographia do Jornal «O Dia», 1889.

Elencho das lições de Numismatica dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa por J. Leite de Vasconcellos do II curso do anno lectivo de 1889-1890 até ao VI curso do anno lectivo de 1893-1894. Lisboa, Typographia do Jornal «O Dia», 1894.

Relatorios dos serviços da Bibliotheca Nacional de Lisboa, por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903 a 1909.

Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, publicação official trimestral. Publicados 8 annos. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1902 a 1909.

Uma traducção inedita em latim do soneto «Alma minha gentil...» Publicada e prefaciada por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

Uma carta inedita de Camões. Apographo existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, agora commentado e publicado pelo Director da mesma Bibliotheca Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

A Bibliotheca Nacional de Lisboa na Exposição Oceanographica. Catalogo summario por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

A Bibliotheca Nacional de Lisboa no Congresso internacional de Liège sobre reproducção de manuscritos, medalhas e sellos. Relatorio pelo Director Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1905.

A Legislação tributaria em beneficio da Bibliotheca Nacional de Lisboa, por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903.

A medalha de Casimiro José de Lima em homenagem a Sousa Martins, descripção numismatica por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903.

Especies bibliographicas e especies bibliacas. Considerações sobre nomenclatura por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903.

Concursos publicos para provimento de logares vagos de Segundos Conservadores dos quadros do Real Archivo da Torre do Tombo e da Bibliotheca Nacional de Lisboa, Legislação respectiva. Parecer de José Joaquim d'Ascensão Valdez. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903.

Relatorio dos serviços desempenhados em Coimbra e Braga em Junho de 1903 por José Joaquim d'Ascensão Valdez. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

Gabinete Numismatico da Bibliotheca Nacional de Lisboa (Notas e documentos) pelo dr. José Leite de Vasconcellos. — I. Moedas de ouro da epocha germanica. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1902.

A excelsa rainha D. Maria II na intimidade. Reflexões a proposito de um manuscripto existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

#### Real Archivo da Torre do Tombo :

Indice geral dos documentos conteudos no corpo chronologico existente no Real Archivo da Torre do Tombo. Mandado publicar pelas cortes na lei do orçamento de 7 de abril de 1838. Tomo 1.º e unico. Lisboa, Typographia de Silva, 1843.

Indice geral dos documentos registados nos livros das chancellarias existentes no Real Archivo da Torre do Tombo, mandado fazer pelas côrtes na lei do orçamento de 7 de abril de 1838. Tomo 1.º e unico. Lisboa, 1841, na Typographia de G. M. Martins.

Extracto do Real Archivo da Torre do Tombo offerecido á Augustissima Rainha e Senhora D. Maria I, por José Pedro de Miranda Rebello, amanuense do mesmo Archivo. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

Inventario dos livros das portarias do Reino. Vol. I. 1639 a 1653. Lisboa, Imprensa Nacional, 1909.

#### Bibliotheca Publica de Evora :

Catalogo dos manuscriptos da Bibliotheca Publica Eboresense, por J. H. da Cunha Rivára. Tomo 1.º, Ultramar. Lisboa, Imp. Nacional, 1850, Tomo 2.º Litteratura, Imprensa Nacional, 1868. — Tomo 3.º Historia, Imprensa Nacional, 1870.

Catalogo do Museu Archeologico da cidade de Evora, annexo de sua Bibliotheca, composto por Antonio Francisco Barata. Lisboa, Imprensa Nacional, 1903.

Os reservados da Bibliotheca Publica de Evora, pelo director Antonio Joaquim Lopes da Silva Junior. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1907.

---

Venda avulso, no edificio da Bibliotheca Nacional de Lisboa.  
Cada exemplar do numero do *Boletim*, in-8.º — 200 réis.

Numero 4 — 9.º Anno

Outubro a Dezembro — 1910

# BOLETIM

DAS

# BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES

---

PUBLICAÇÃO OFFICIAL TRIMENSAL

---



COIMBRA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE  
1911

# BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES

Publicações officiaes

## INVENTARIOS DA BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

Secção I — Historia e Geographia.

Serie 1.<sup>a</sup> (numeração preta) — 1.<sup>a</sup> parte. Lisboa, 1889.

— 2.<sup>a</sup> parte. Lisboa, 1889.

Serie 2.<sup>a</sup> (numeração vermelha) — Lisboa, 1895.

Serie 3.<sup>a</sup> (numeração azul) — Lisboa, 1897.

Secção III — Sciencias e Artes. Serie 1.<sup>a</sup> (numeração preta) — Coimbra, 1907.

Secção IV — Sciencias civis e politicas.

Serie 1.<sup>a</sup> (numeração preta) — Lisboa, 1897.

Secção X — Philologia e Bellas-Lettras.

Serie 1.<sup>a</sup> (numeração preta) — Lisboa, 1890.

Serie 2.<sup>a</sup> (numeração vermelha) — Lisboa, 1893.

Serie 3.<sup>a</sup> (numeração azul) — Lisboa, 1894.

Secção XIII — Manuscriptos por José Antonio Moniz. Lisboa, 1896.

— Collecção Pombalina, por José Antonio Moniz. Lisboa, 1895, completo.

Inventário do Archivo de Marinha e Ultramar, pelo dr. Eduardo de Castro e Almeida.

Ilhas da Madeira e Porto Santo, I-II — Coimbra, Imprensa da Universidade, 1907-1909.

Relatorio ácerca da Bibliotheca Nacional de Lisboa e mais estabelecimentos annexos, dirigido ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, no 1.<sup>o</sup> de Janeiro de 1844 por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. Tomo I—Officio—Tomos II, III e IV—Appensos ao officio. Lisboa, Typographia Lusitana, 1844.

Bibliotheca Nacional de Lisboa. Exposição Antoniana, 1895. Lisboa, 1895.

BOLETIM  
DAS  
BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES

---

*Propriedade e edição da Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes. LISBOA.*

*Director Gabriel Pereira, Inspector das Bibliothecas e Archivos Nacionaes.*

*Composição e Impressão na Imprensa da Universidade.*

---

---

REPUBLICA PORTUGUEZA

---

AO POVO PORTUGUÊS

CONSTITUIÇÃO DO GOVERNO PROVISORIO DA REPUBLICA

Hoje, 5 de outubro de 1910, ás onze horas da manhã, foi proclamada a Republica de Portugal na sala nobre dos Paços do Municipio de Lisboa, depois de terminado o movimento da Revolução Nacional.

Constituiu-se immediatamente o Governo Provisorio:

Presidencia, Dr. Joaquim Theophilo Braga.

Interior, Dr. Antonio José d'Almeida.

Justiça, Dr. Affonso Costa.

Fazenda, Basilio Telles.

Guerra, Antonio Xavier Correia Barreto.

Marinha, Amaro Justiniano de Azevedo Gomes.

Estrangeiros, Dr. Bernardino Luis Machado Guimarães.

Obras Publicas, Dr. Antonio Luiz Gomes.

## AO EXERCITO E Á MARINHA

O Governo Provisorio da Republica Portuguesa sauda as forças de terra e mar que com o povo instituiram a Republica para felicidade da Patria.

Confia no patriotismo de todos. E porque a Republica para todos é feita, espera que os officiaes do exercito e da armada que não tomaram parte no movimento revolucionario se apresentem no quartel general a garantir pela sua honra a mais absoluta lealdade ao novo regime.

No entretanto, os revolucionarios devem guardar todas as suas posições para defesa e consolidação da Republica.

Lisboa, 5 de outubro de 1910. — Pelo Governo Provisorio, o Presidente, *Theophilo Braga*.

---

## A CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA Á CIDADE DE LISBOA

Concidadãos. — A vereação republicana de Lisboa, reunida em sessão extraordinaria, congratula se comvosco pela proclamação da Republica Portuguesa, prestando calorosa homenagem ao patriotismo, á bravura e á coragem dos militares e civis que concorreram para a sua proclamação e deplorando commovidamente o sangue derramado durante as tragicas jornadas de 3, 4 e 5 de outubro.

Recordando todas as grandes revoluções da historia patria e estranha, nenhuma excede em civismo, em desdem pela propria vida e em generosidade a que os nossos olhos pasmos contemplaram; nenhuma cidade conhecemos que tão legitimamente haja conquistado o direito de governar-se por si e pelos seus eleitos.

Não basta, porém, proclamar a Republica; é mester agora consolidá-la e acreditá-la, construindo sobre os escombros do

passado um futuro de paz e de ordem, em que a sciencia e o trabalho substituam o preconceito e o privilegio.

Para isso carecemos, mais do que nunca, da vossa illimitada dedicação e da vossa intima e fraternal solidariedade. Irmãos na tarefa ingrata, mas necessaria, da demolição, irmãos devemos continuar na tarefa, menos penosa mas não menos difficil, da pacificação e reconstrucção, não esquecendo a maxima tolerancia e piedade para com os vencidos.

Para isso contamos comvosco, como vós podeis contar conosco, e unidos ambos, Cidade e Camara, em breves dias a vida normal, ordeira e laboriosa, apagará a memoria dos iniquos e tenebrosos tempos passados.

Para vós, cidadãos de Lisboa, será isso tanto mais facil quanto, mudando de regime, não mudaes de administração municipal. Tinheis já a administração republicana. Com ella continuaes. A unica differença consiste em Camara Municipal e Governo do Estado viverem, de ora em diante, cordeal e fraternalmente unidos para maior formosura e fortuna da cidade.

Cidadãos de Lisboa, a vossa Camara Municipal sauda-vos, saudando tambem:

A bravura indomita dos marinheiros e soldados da Revolução!  
O heroismo dos voluntarios civis!

A perfeita honestidade e generosidade da população!

A memoria dos mortos e a dor dos feridos!

A amargura das familias dos martyres da Republica e dos que, resistindo-lhe, julgavam cumprir o seu dever!

Viva a Cidade de Lisboa!

Viva a Republica Portuguesa!

*A. Braamcamp Freire.*  
*Manuel Antonio Dias Ferreira.*  
*Affonso de Lemos.*  
*José Mendes Nunes Loureiro.*  
*José Miranda do Valle.*  
*José Verissimo de Almeida.*  
*Manuel de Sá Pimentel Leão.*  
*Miguel Ventura Terra.*  
*Antonio Alberto Marques.*  
*Carlos Victor Ferreira Alves.*  
*José Soares da Cunha e Costa.*

## NOTA OFFICIAL

O Governo Provisorio da Republica Portuguesa logo que assumiu o exercicio das suas funcções tomou todas as medidas necessarias para poder garantir a segurança do Rei deposto e de sua familia, na hypothese de que ao Governo seja dado conhecimento do logar onde elles se encontram e da via, maritima ou terrestre, que escolhem para sair do territorio nacional.

(*Diario do Governo*, n.º 1 de 6 de outubro de 1910).

## AO POVO DE LISBOA

A attitude do povo tem sido admiravel de serenidade e cordura. Após o acto revolucionario, em que elle foi de uma bravura antiga, succedeu-se o enthusiasmo da victoria, em que elle se tem comportado como um triumphador generoso, que fez da nobreza de sentimentos o mais bello padrão da sua gloria legendaria.

Mas é preciso regressar ao trabalho fecundo, que será, com uma moralidade severa, a base da nossa regeneração.

Por isso o Governo Provisorio convida todos os grupos revolucionarios e forças populares não militarizadas a entregarem as suas armas ás commissões parochiaes.

As adhesões militares que de todas as partes do país chegam, a cada momento, ao Governo da Republica garantem de uma maneira categorica as novas instituições. Hoje não pode haver velleidades nem desvairadas esperanças por parte de um regime que vergonhosamente liquidou numa derrota moral, que mais humilhante tornou a tremenda lição que soffreu por parte das armas republicanas. Não ha, pois, motivo para que os cidadãos conservem em seu poder as armas de que tão heroicamente se serviram. Antes é urgente que ellas recolham a um deposito,

onde, catalogadas, fiquem prestes a ser tomadas pelo braço popular, se algum dia houver risco para a Patria ou para a Liberdade.

O Governo Provisorio da Republica Portuguesa confia no bom senso do povo, no seu patriotismo e na sua dedicação á Republica.

Por isso o exhorta a que continue a ser generoso e cordato, a que respeite a vida e a fazenda alheias, a que não persiga ninguém, a que dê emfim mais um alto e nobre exemplo de sua rara envergadura moral.

O momento da guerra vae passado. Entramos agora num periodo de paz laboriosa, para, de harmonia com todos os portugueses, fundarmos o regime de liberdade, pelo qual tanto sangue correu, tanto martyrio foi soffrido e tanta esperanza foi frustrada.

Cidadãos! O futuro da Patria está nas vossas mãos. Não o zelar com o carinho que lhe devemos seria mais que perdê-lo, porque seria deshonrá-lo. Ergamo-la bem alto para que de todas as partes do Mundo elle seja visto, e os paises civilizados possam dizer, referindo-se a Portugal: eis um povo antigo pelas tradições heroicas, mas que pela serenidade, pelo amor ao trabalho e pela dignidade civica é tão moderno que vae na deanteira de todos os povos.

Lisboa, 7 de outubro de 1910. — *Governo Provisorio da Republica.*

---

## REPUBLICA PORTUGUESA

O Governo Provisorio da Republica espera do povo de Lisboa que, para dignificar a obra da Revolução, envide todos os seus esforços para que cessem immediatamente todas as manifestações na rua que possam dar a impressão de que ha alteração da ordem. É indispensavel o maximo respeito pelas vidas e propriedade.

Para se restabelecer immediatamente a vida normal da cidade, todas as suas transacções do commercio e da industria e

a circulação publica, convem que se regresses á vida do trabalho, que será o periodo inicial da reconstituição da nacionalidade. Inspiram esta recommendação os mais altos interesses da Republica.

Lisboa, 6 de outubro de 1910. — Pelo Governo Provisorio,  
*Joaquim Theophilo Braga.*

---

## GOVERNO CIVIL DE LISBOA

### AO POVO

Ordem e trabalho é a divisa da Patria libertada pela Republica.

A todos os cidadãos de Lisboa se pede que sejam os primeiros a manter a tranquillidade publica.

Respeito pelas pessoas e propriedades dos estrangeiros, respeito pelas pessoas e pelas propriedades dos portuguezes, sejam quaes forem as suas classes, profissões e opiniões politicas ou religiosas.

Lisboa, 5 de outubro de 1910. — O Governador Civil,  
*Eusebio Leão.*

---

Para garantir a liberdade individual, condição necessaria da segurança social e da honra do Governo Republicano, faz-se saber a todos os cidadãos que é indispensavel haver todo o respeito pelas pessoas dos policias, dos soldados municipaes e dos padres, assim como de individuos de qualquer outra condição, castigando-se rigorosamente qualquer desacato que se pratique.

Lisboa, 6 de outubro de 1910. — O Governador Civil,  
*Eusebio Leão.*

(*Diario do Governo*, n.º 2 de 7 de outubro de 1910).

---

## PRESIDENCIA DO GOVERNO PROVISORIO DA REPUBLICA

Sendo indispensavel estabelecer o formulario com que, durante o Governo Provisorio da Republica Portuguesa, solemne-mente proclamada em 5 do corrente, devem ser expedidos os diplomas e actos do Governo e das auctoridades que exercem funcções em nome da Republica: havemos por bem decretar o seguinte:

1.º A promulgação dos decretos com força de lei será feita com esta formula: «O Governo Provisorio da Republica Portuguesa faz saber que em nome da Republica se decretou, para valer como lei, o seguinte: (Segue-se a integra do decreto com força de lei).

«Determina-se portanto que todas as auctoridades a quem o conhecimento e a execução do presente decreto com força de lei pertencer o cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nelle se contém».

«O Ministro de ... (ou Ministros ...) o façam imprimir, publicar e correr. Dado nos Paços do Governo da Republica, aos, etc. ...».

2.º A formula das cartas patentes, e de quaesquer outros diplomas do Governo, que se costumam expedir em nome expresso do Chefe do Estado, será actualmente: «O Governo Provisorio da Republica Portuguesa, estabelecido pela vontade da Nação ...».

3.º A formula dos alvarás será: «Faço saber como Presidente do Governo Provisorio ...».

4.º As cartas de homenagem dirão no logar competente: «Como Presidente do Governo Provisorio da Republica Portuguesa, eu, F...».

5.º Os decretos simples terão a formula ordinaria: «Hei por bem ...».

6.º As portarias do Governo terão esta formula: «Manda o Governo Provisorio da Republica Portuguesa pelo Ministro de ...».

7.º Nas portarias expedidas pelos tribunaes nos casos do estilo, bem como nas respectivas cartas e titulos, a formula será: «Em nome da Justiça, o tribunal ...».

8.º As petições, officios e outros papeis que forem dirigidos a um membro do Governo, quer immediatamente, quer por in-

termedio de outra auctoridade, começarão: «Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro (indicar a pasta)». E os que forem dirigidos a qualquer auctoridade judicial começarão: «Ex.<sup>mo</sup> Sr. Juiz. . . » ou «Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente do Tribunal. . . ».

9.º Toda a correspondência official deve ser expedida sob esta formula: «Serviço da republica» (S. R.), e terminará pelas palavras «Saude e Fraternidade».

Os Ministros de todas as Repartições a façam imprimir, publicar e correr. Paços do Governo da Republica, aos 8 de outubro de 1910. — *Joaquim Theophilo Braga* — *Antonio José de Almeida* — *Affonso Costa* — *Antonio Xavier Correia Barreto* — *Amaro de Azevedo Gomes* — *Bernardino Machado*.

O Governo Provisorio da Republica Portuguesa faz saber que em nome da Republica se decretou o seguinte:

Os Ministros e Ministerios denominar-se-hão respectivamente:

- Presidente do Governo Provisorio.
- Interior.
- Justiça.
- Guerra.
- Finanças.
- Marinha e Colonias.
- Negocios Estrangeiros.
- Fomento.

Os Ministros de todas as Repartições o façam imprimir, publicar e correr. Dado nos Paços do Governo da Republica, aos 8 de outubro de 1910. — *Joaquim Theophilo Braga* — *Antonio José de Almeida* — *Affonso Costa* — *Antonio Xavier Correia Barreto* — *Amaro de Azevedo Gomes* — *Bernardino Machado*.

(*Diario do Governo*, n.º 4 de 10 de outubro de 1910).

### 3.ª REPARTIÇÃO

O Governo Provisorio da Republica Portuguesa, considerando que no regime republicano deve existir a maior parcimonia na

existencia de logares publicos, devendo estes corresponder precisamente ás necessidades do Estado ;

Considerando que o logar de bibliothecario-mór do reino foi criado exclusivamente para premiar os altos serviços prestados pelo erudito português Antonio Ribeiro dos Santos ;

Considerando ainda que as funções desse cargo são perfeita e cabalmente desempenhadas pelo Inspector das Bibliothecas e Archivos Nacionaes :

Faz saber que, em nome da Republica, se decretou, para valer como lei, o seguinte :

Artigo 1.º É extinto o logar de bibliothecario-mór do reino.

Art. 2.º Todos os serviços relativos ás bibliothecas e archivos nacionaes, dependentes do extinto bibliothecario-mór do reino ficam, a contar desta data, subordinados á Direcção Geral da Instrucção Secundaria, Superior e Especial.

Determina-se, portanto, que todas as auctoridades, a quem o conhecimento e execução do presente decreto, com força de lei, pertencer, o cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nelle se contém.

Os Ministros de todas as repartições o façam imprimir, publicar e correr.

Dado nos Paços do Governo da Republica, aos 15 de outubro de 1910. — *Joaquim Theophilo Braga* — *Antonio José de Almeida* — *Affonso Costa* — *Antonio Xavier Correia Barreto* — *José Relvas* — *Amaro de Azevedo Gomes* — *Bernardino Machado* — *Antonio Luiz Gomes*.

(*Diario do Governo*, n.º 11 de 18 de outubro de 1910).

Relatorio dos serviços da Bibliotheca Nacional de Lisboa  
no quarto trimestre de 1910

Ex.<sup>mo</sup> Senhor : — Summariamente relatando os serviços da Bibliotheca Nacional de Lisboa respectivos ao derradeiro trimestre de 1910, tenho a honra de informar V. Ex.<sup>a</sup> que intraram durante esse periodo nas salas de leitura 11:142 estudiosos, e que o seu movimento foi por mezes o seguinte :

Em Outubro . . . . .	2:450 leitores
Em Novembro . . . . .	4:621 »
Em Dezembro . . . . .	4:071 »

D'esses 11:142 leitores intraram 6:263 em leitura diurna, e 4:879 em leitura nocturna, assim distribuidos por mezes :

Leitura diurna:

Em Outubro . . . . .	1:565 leitores
Em Novembro . . . . .	2:581 »
Em Dezembro . . . . .	2:117 »

Leitura nocturna :

Em Outubro . . . . .	885 leitores
Em Novembro . . . . .	2:040 »
Em Dezembro . . . . .	1:954 »

Especies consultadas por leitores ascenderam a 26:035, assim distribuidas mensalmente :

Em Outubro .....	4:013 especies
Em Novembro.....	13:477 »
Em Dezembro.....	8:545 »

Das 26:035 especies, foram requisitadas 19:425 em leitura diurna, e 6:610 em leitura nocturna. E o movimento por mezes foi d'esta fórma :

Leitura diurna:

Em Outubro .....	2:842 especies
Em Novembro .....	10:642 »
Em Dezembro .....	5:941 »

Leitura nocturna :

Em Outubro .....	1:171 especies
Em Novembro .....	2:835 »
Em Dezembro .....	2:604 »

Nas 26:035 especies consultadas pertencem 15:359 ao grupo das impressas, e 10:676 ao grupo das manuscriptas, assim distribuidas por mezes :

Impressos consultados de dia :

Em Outubro .....	2:310 especies
Em Novembro .....	3:594 »
Em Dezembro .....	2:845 »

Manuscriptos consultados de dia :

Em Outubro.....	532 especies
Em Novembro .....	7:048 »
Em Dezembro .....	3:096 »

## Impressos consultados de noite:

Em Outubro .....	1:171 especies
Em Novembro.....	2:835 »
Em Dezembro .....	2:604 »

Por cumprimento da lei de imprensa, por offertas, ou por compra, os registos effectuados foram em número de 757, que produziram ingresso de 1:030 peças (comprehendendo grossos volumes, pequenos folhetos, ou folhas avulsas):

Em Outubro .....	390 registos
» .....	544 peças
Em Novembro .....	249 registos
» .....	301 peças
Em Dezembro.....	118 registos
» .....	185 peças

Para garantia de propriedade litteraria, deram intrada na Bibliotheca 224 peças, realizando-se 99 registos. E foi assim por mezes o movimento:

Em Outubro .....	25 registos
» .....	64 peças
Em Novembro .....	41 registos
» .....	90 peças
Em Dezembro .....	33 registos
» .....	70 peças

Visitantes (entre nacionaes e estrangeiros) contaram-se 8 apenas:

Em Outubro.....	2 visitantes
Em Novembro .....	6 »
Em Dezembro .....	0 »

Finalizarei participando a V. Ex.<sup>a</sup> que do *Inventario Geral* se estamparam, no trimestre que hoje termina, oito cadernos (ou sejam 64 paginas), a saber:

Na Secção de «Historia e Geographia» o caderno 46.<sup>o</sup> da 3.<sup>a</sup> serie (numeração azul), caderno em que se attinge o N.<sup>o</sup> 4:888 da inventariação respectiva;

Na Secção de «Sciencias Civis e Politicas» os cadernos 10.º e 11.º da 2.ª serie (numeração vermelha), attingindo-se o N.º 1:909;

Na Secção de «Sciencias e Artes» os cadernos 3.º, 4.º, 5.º e 6.º, da 2.ª serie, e nesta se alcança o N.º 951 da inventariação;

E na Secção de «Philologia e Bellas-Lettras» o caderno 114.º da 1.ª serie (numeração preta), no qual se chega ao N.º 12:239.

Assim dou por concluido o que se me offerece communicar a V. Ex.<sup>a</sup> relativamente aos serviços do quarto trimestre de 1910, em obediencia ao preceituado no art. 35.º do vigente Regulamento.

Bibliotheca Nacional de Lisboa, em 31 de Dezembro de 1910.

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Gabriel Victor do Monte Pereira, Meritissimo Inspector das Bibliothecas e Archivos Nacionaes.

O Director,

*Xavier da Cunha.*

---

Relatorio dos serviços do Archivo Nacional da Torre do Tombo  
no quarto trimestre de 1910

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr.—No quarto trimestre de 1910 continuaram-se as obras na fachada da frente d'este edificio, que promette ficar magestosa, principalmente se a entrada para o Archivo passar a ser pelo vestibulo de honra das Côrtes. Neste sentido tenho envidado todos os meus esforços.

Continuou-se com a impressão do primeiro volume do Inventario da Matricula dos Moradores da Casa Real e tenho o prazer de communicar a V. Ex.<sup>a</sup> que o texto ficou todo impresso, ou sejam 368 paginas. Para se completar o volume faltam sómente os dois indices de pessoas e de terras, em cuja alphabetação se tem gasto muito tempo. É este, sem duvida, um trabalho ingrato que pouco luz, sendo aliaz de uma importancia manifesta e capital.

Agora ir-se-ha continuar a impressão do segundo volume de *Portarias do Reino*, cujas dez primeiras folhas estão já impressas.

Em 26 de Novembro deu entrada o auto de inauguração do Museu-Bibliotheca annexo ao Monumento do Bussaco.

Passaram-se quatro certidões no trimestre findo e registaram-se vinte diplomas, assim distribuidos: em outubro, oito; em novembro, seis; em dezembro, 6.

Saude e Fraternidade

Archivo Nacional da Torre do Tombo em 26 de janeiro de 1910.

O Director,

*Antonio Eduardo Simões Baião.*

## A BIBLIA DOS BIBLIOPHILOS

(Divagações bibliographicas e bibliotheconomicas)

Guayaquil, muito imhora não seja na Republica do Equador a cidade capital, constitue todavia nessa republica americana uma florescente povoação, cuja Bibliotheca Municipal começou em Março do corrente anno (1910) a publicar mensalmente um Boletim (*Boletín de la Biblioteca Municipal de Guayaquil*).

No 2.º Número d'esse Boletim (correspondente ao mez de Abril) depara-se-nos um artigo intitulado *La Biblia de los Bibliófilos*, — artigo de que, por achar-lhe interêsse, farei aqui transcripção, accrescentando-lhe commentarios meus.

Diz por esta fôrma o articulista, em seguida a enunciar-nos o titulo do seu artigo «La Biblia de los Bibliófilos» :

*«Puede calificarse así, las reglas que ha establecido, para el aprovechamiento y conservación de los libros, uno de los más autorizados bibliófilos americanos.*

*«Una revista de la índole de la nuestra, tiene el deber de difundir el conocimiento de dichas reglas entre sus lectores. Damos pues á continuación lo que el ilustrado Harold Klett ha publicado en The Library Journal de Nueva York, bajo el apropiado titulo Don't (lo que no se debe hacer). He aquí sus preceptos».*

E passa o articulista a enumerar trinta preceitos, o primeiro dos quaes vem assim redigido :

*«No leer en la cama».*

Plenamente de accôrdo. E faço minhas as considerações

profundamente sensatas que sobre o assumpto publica o Sr. Dr. Amilcar de Sousa num artigo, a que elle poz por epigraphie: — *É preciso saber dormir*. Vem esse artigo de insinamentos hygienicos no N.º 10:279 d' *O Seculo* (Lisboa, 26 de Julho de 1910), e nelle se encontram as seguintes prescripções:

«Impõe-se pôr cõbro a um abuso sanitario tanto em voga: ler na cama. Não se deve commetter tão detestavel costume. A posição forçada dos olhos provoca um grande mal-estar, a não ser que se leia meio sentado e a luz esteja collocada de fórma a incidir nas paginas do livro e não nos olhos. Mas ainda aqui se deve considerar util só nos casos em que haja a força de vontade sufficiente para, logo que venha uma certa fadiga do aparelho ocular, se apagar a lampada electrica e se procurar o beneficio do somno. A cama é para dormir sómente; é para repousar os membros cançados; é para todos osapparelhos se refazerem».

Até aqui, o hygienista. Vejâmos agora o que directamente importa ao bibliophilo.

Naquellas reflexões, apresentadas pelo Sr. Dr. Amilcar de Sousa, trata-se exclusivamente dos inconvenientes que a leitura na cama traz ao leitor.

Considerações não menos importantes se poderiam ajuntar com referencia aos prejuizos que para a integridade do livro fatalmente resultam da inconvenientissima posição em que este haja de collocar-se, quando o leitor, priguiçosamente extendido no leito ou em qualquer sophá, mal cuida em attender aos carinhos que reclama um exemplar estimado.

E são tão obvios esses perigos e esses prejuizos para o pobre do livro, que não vale a pena descrevêl-os nem apontál-os.

\*  
\*                      \*

O segundo preceito diz assim:

«*No poner notas marginales, á menos de ser un Coleridge*».

Coleridge?! Ao illustre coordenador dos «preceitos» sobre Bibliophilia, parece que tal nome synthetiza o *non plus ultra* da mentalidade humana. Creio entretanto que elle, sem favor,

poderia tambem ter citado Byron ou Thomaz Moore, Walter Scott ou Macaulay, Washington Irving ou Henrique Longfellow, Gøthe ou Henrique Heine, Voltaire ou Victor Hugo, Silvio Pellico ou Leopardi, Zorrilla ou Castellar, Almeida-Garrett ou Alvares de Azevedo, etc., etc.

Mas o que eu sobretudo intendo é que podem num livro as notas manuscriptas (marginæes ou não marginæes) assumir em certos casos suprema importancia, imhora não pertença ao grupo excepcional das summidades quem essas notas escreva.

Para mim, declaro que duplica ou triplica ou centuplica o valor do livro, quando essas annotações representem, apar do criterio com que sejam feitas ou apar das uteis informações que incerrem, curiosos autographos, autographos notaveis e apreciaveis, — pois que taes notas ninguem conscienciosamente poderã intender que enxovalhem o livro. Claro está que me não refiro aqui a tolas annotações de leitores nescios.

E seja-me agora permittido, em abono da minha maneira-de ver, citar alguns exemplos.

Em Setembro de 1863 comprei eu, já de segunda mão, na Livraria-Rodrigues da Rua do Ouro, um exemplar da *Volupté de Sainte-Beuve*:

*Volupté. Quatrième édition particulièrement revue et corrigée.* (Paris — Imprimerie de Gustave Gratiot — 1855 — In-18.º de 3-382 pag. — Sem o nome do auctor, e apenas subscripto pelas iniciaes S.-B. o prefacio).

Esse exemplar pertenceu originariamente a Camillo Castello Branco, e tem por seu punho duas notas (uma na margem da pag. 42, e a outra na pag. 380).

Notas do mesmo Camillo se encontram autographas no exemplar que lhe pertenceu da

*Historia dos Quinhentistas por Theophilo Braga — Vida de Sá de Miranda e sua eschola.* (Porto — Imprensa Portugueza — 1871 — In-12.º de VIII-328 paginas).

Esse exemplar, logrei eu adquiril-o no leilão de que já vou falar. Acham que lhe não augmentaram valia as notas de Camillo? eu intendo o contrário.

Quando Camillo Castello Branco mandou proceder em Lisboa ao leilão de seus livros, — leilão que se realizou em Dezembro de 1883, — houve na sociedade litteraria do nosso paiz uma

corrente de alvoroço: todos queriam ficar possuindo alguma especie que houvesse pertencido ao afamado romancista.

E, para mais aguçar o appetite, se publicou préviamente em folheto o

*Catalogo da preciosa livraria do eminente escriptor Camillo Castello Branco.* (Lisboa — Typographia de Mattos Moreira & Cardoso — 1883 — In-8.º de IV-80 paginas).

Entre as especies que no leilão appareceram figurou, com annotações marginaes de Camillo, um exemplar do *Diccionario Bibliographico Portuguez* por Innocencio Francisco da Silva. Era o lote N.º 342 que abrangia apenas os Tom. I a IX da obra.

O exemplar subiu, nos lanços do leilão, a um preço elevadissimo, — preço que a muita gente causou espanto! e foi o «Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro» quem o exemplar adquiriu. Porquê? pelas notas que nas margens lhe escrevêra o Camillo.

Nesse leilão coube-me tambem arrematar o lote N.º 1.445. Tratava-se de uma obra que, 'ao tempo, andava pouquissimas vezes no mercado:

*A Caldeira de Pero Botelho por Arnaldo Gama.* (Porto — Typographia do Jornal do Porto — 1866 — In-12.º de 324 paginas).

O exemplar, que traz no ante-rosto a rubrica de Camillo, apresenta por lettra d'elle na mesma pagina a seguinte nota:

«A erudição d'este livro colhida adrêde e mal imbrechada agourenta-lhe muito o pouco merito historico. A. Gama estragára a fantasia com as gymnasticas shakespeareanas de que elle foi grande admirador».

E pelo decurso do livro disseminou Camillo marginalmente numerosas notas, umas de critica litteraria, outras de correcção historica.

Ha na Bibliotheca Nacional de Lisboa, entre os seus in-eunabulos, um livro de suprema raridade, que no frontispicio traz, dividido em tres linhas de lindos caracteres gothicos, o titulo seguinte:

| ¶ Este es el Floreto de sant Francisco. El qual tracta ||  
dela vida & miraglos del bienauenturado señor sant || Francisco.  
E dela regla delos frayles menores. |

In-folio de 121 fs. innumeradas, com rubricas por lettra

alphabetica, mas sem reclamos, infeitados com capitulares floreadas os inicios dos capitulos, e adornado com uma grande gravura (em chapa de madeira) o reverso do frontispicio),— termina o livro por esta subscrição colophonica :

«¶ Aqui se acaba el floreto de sant Francisco. Impresso enla muy noble & muy leal çibdad d' seuilla. por maestre Menardo vngur aleman. E lançalao polono compañeros. A veynte & quatro dias del mes de agosto. Año d'l señor de mill & quatro cientos & nouenta & dos».

Mas o exemplar da obra não representa simplesmente uma raridade bibliaca; representa, apar d'isso, uma notabilissima preciosidade, cujos foros lhe outorga a nota manuscrita que, em tinta vermelha, se encontra no remate da pagina derradeira.

Diz assim a nota (desdobradas as abreviaturas, para as quaes não encontro na imprensa signaes typographicos) :

«Este Floreto de sam francisco custou em lizboa. CCC rs. o qual procurou para santo antonio de ijlla franca frej joam da pouoa E elle o ffez encadernar em enxobregas a frej aluaro da ilha anno de 1493. E a colaça molher de jam gonçalvez escriuam dos liuros delrrej o pagou:—

+

F. jo da pouoa.»

E logo abaixo, por lettra do mesmo Fr. João da Povia :

«Dem no a frej djogo de coymbra vigario de santo antonio agora que o ponha na comunidade com suas orações de todos».

Atrevo-me a suppôr que nenhum bibliophilo poderá contestar a especial importancia d'esta nota informativa, escripta e assignada pelo punho do célebre confessor d'El-Rei D. João II, —e tanto mais preciosa por isso mesmo que no exemplar se conserva a propria incadernação de que trata a declaração do frade, incadernação de origem portugueza que assim fica plenamente authenticada.

D'esse estimabilissimo exemplar dá noticia o erudito Francisco Martins de Andrade no *Catálogo das obras do xv. seculo que possui a Bibliotheca Nacional de Lisboa*, — Catálogo que abrange (de pag. 5 a 340) o Tom. II do *Relatorio ácerca da Bibliotheca Nacional de Lisboa, e mais estabelecimentos annexos, dirigido ao Exm.º Sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino No 1.º de janeiro de 1844, por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha* (Lisboa—Typographia Lusitana — 1844 1845 — 4 tom. in-8.º).

Nas pag. 48 a 49 do sobredito *Catalogo*, Martins de Andrade, em seguida a transcrever o titulo do *Floreto* e a subscrição final, diz assim :

«Edição sem cyphras nem reclamos, executada em muito bom papel e excellentes caracteres gothicos, com uma estampa representando S. Francisco recebendo as chagas, aberta em madeira, rara e de merecimento como todas as d'aquella época, sahidas dos prelos de Hispanha.

«O presente exemplar reúne ao merecimento que lhe resulta da sua muita antiguidade, outra circumstancia não menos valiosa, qual é o conter na folha da subscrição, pela propria lettra do muito virtuoso e insigne varão Fr. João da Povia, frade observante da ordem de S. Francisco e confessor do immortal rei D. João 2.<sup>o</sup>, as seguintes declarações».

E transcreve, logo abaixo, a nota manuscripta de que já fiz menção.

«Acêrca do curiosissimo exemplar, tambem o Sr. Gabriel Pereira escreveu informação muito interessante, que sob o pseudonymo «A. Vero» elle publicou em o N.<sup>o</sup> 6 do *Boletim Mensal da Livraria M. Gomes* (Lisboa — Setembro e Outubro de 1894).

*Uma encadernação portugueza do seculo XV* — é o titulo que traz o artigo (communição indereçada ao Conselheiro Venancio Deslandes).

E d'essa noticia copiarei dois trechos (o trecho inicial e o trecho final):

«Apresento-lhe um respeitavel in-folio: um bello gothico, impresso em bom papel, a duas columnas; encadernado, e vê-se bem que é ainda a sua primeira encadernação, em taboas forradas de couro preto, ornado de vincos em diagonal, formando losangos, e a meio d'estes uns labores formados pela pressão de ferros singelos; uma ornamentação muito rudimentar».

.....  
 «Como já fiz notar, a encadernação está intacta; perderam-se apenas as prisões dos fechos, mui singelos tambem. De modo que temos aqui bem certa, datada e assignada, uma encadernação portugueza do seculo xv. É um monumento, este *floreto franciscano*. Na collecção de paleotypos da Bibliotheca Nacional de Lisboa, a que este livro pertence, ha outras encadernações analogas, com ferros eguaes, sahidas seguramente da mesma officina xabregana».

A meio do seu artigo, diz o Sr. Gabriel Pereira:—«O livro é de primeira raridade, e como tal vem considerado na *Bibliographia* de Sevilha».

De «primeira raridade» é realmente o livro. Mas, vulgarissimo que elle fôsse como especie bibliaca, bastaria a nota manuscrita de Fr. João da Povoia para imprimir no exemplar da Bibliotheca Nacional as condições de preciosissimo, — pondo mesmo de parte a existencia de outros trechos manuscritos que no exemplar se encontram, e que por brevidade não transcrevo.

Outro exemplo vou agora citar, tambem na Bibliotheca Nacional colhido.

Em 1860 principiou a estampar-se na Imprensa Nacional de Lisboa a edição das

*Obras de Luiz de Camões precedidas de um ensaio biographico no qual se relatam alguns factos não conhecidos da sua vida, augmentadas com algumas composições ineditas do poeta pelo Visconde de Juromenha.*

Adornada com os retratos de Camões e Vasco da Gama (chalco-gravuras de Sousa), a figuração (em lithographia) de quatro medalhões existentes na crasta do Mosteiro de Santa Maria de Belem, a representação chromo-lithographica das tres naus com que Vasco da Gama partiu para a India em 1497, e a reproducção fac-simile das rubricas e assignaturas de várias personagens mui notaveis, — a eleição fórma 6 vol. in 8.º, dos quaes o derradeiro tem no fróntispicio a data 1869, mas certamente acabou de imprimir-se em 1870, visto ser esse o anno que se accusa na capa da brochura.

D'essa edição o Vol. v (que traz por data no frontispicio 1864, e na capa da brochura 1866) é na sua maxima parte constituido por traducção portugueza (incompleta) dos *Trionfi* de Petrarca, traducção acompanhada por largos commentarios do traductor, e attribuida pelo Visconde de Juromenha ao Poeta d'*Os Lusíadas*.

E, para que os leitores pudessem bem aquilatar o merito da traducção no que respeita a elegancia e fidelidade, poz o Visconde no fim do volume (pag. 444 a 447), em confronto com septenta versos do *Triumpho da Morte* no original italiano, os septenta versos correspondentes da versão portugueza.

Ora o Conselheiro Antonio José Viale, — que além de ser um consummado latinista e um consummado hellenista, primava

com egual sabedoria nos segredos da lingua portugueza e da italiana, — deu-se uma vez ao desfazio litterario de analysar e commentar verso por verso os trechos que o Visconde nas sobreditas paginas escolhêra para confronto.

Esses commentarios, deixou-os elle escriptos a lapis em notas marginaes no volume que pertence á Bibliotheca Nacional de Lisboa (onde Viale era Conservador), e que apar dos outros cinco volumes se arrecada no gabinete da respectiva «Camoniana».

O Visconde de Juromenha, depois de expôr os argumentos em que se fundava para attribuir a Camões a inedita versão de Petrarca, finalizava d'est'arte (em pag. 447) o seu arrazoado:

«Quem ao ler esta parte traduzida, comparando-a com o original, deixará de reconhecer que houve luta de athleta contra athleta, e que o sentimento, o modo de dizer e a fôrma do poeta italiano, estão de tal sorte aqui retratados, que se um notavel escriptor francez, ao ler as traducções da *Eneida* por Delille, disse d'elle que d'ali em diante se poderia appellidar *Publius Virgilius Delille*, podemos nós tambem, pela fidelidade com que o nosso poeta em algumas occasiões interpretou o poeta italiano, christma-lo *Francisco Petrarca Camões*».

A isto, e discordando (discordando muito), — depois de analysar e commentar (escrevendo-lhes annotações criticas nas margens do livro) os tercetos da versão portugueza postos em confronto pelo Visconde, — accrescentou Viale a seguinte conclusão:

«N. B. Em 70 versos, 25, pelo menos, errados. Quasi nunca exprimidos os bellos pensamentos do original. Apenas huma meia duzia de versos bons. E o traductor foi hum athleta a lutar com outro athleta!»

O exemplar da Bibliotheca, segundo minha opinião, ficou sendo pelo facto occorrido um exemplar de especial estima. Haverá quem assim não pense? guardará cada um de nós o seu conceito, sem que seja por isso indispensavel travar controversias.

A lapis escreveu suas annotações marginaes o escrupuloso Viale, — e só a tinta a conclusão que reproduzi. Melhor fôra que tudo a tinta houvesse ficado escripto, obstando-se por essa fôrma a que taes notas oblitere no futuro algum «alimpador» pouco sensato.

«Alimpador» é uma expressão ironicamente impregada pelo Sr. Dr. Francisco Marques de Sousa Viterbo no seu livro

*Bartholomeu Ferreira o primeiro censor dos Lusíadas. Subsídios para a historia litteraria do seculo XVI em Portugal* (Lis-

boa — Imprensa Nacional — 1891 — In-8.º de v-241 paginas — Com o retrato do auctor (phototypia) o o fac-simile de dois autographos (lithographia) de Fr. Bartholomeu Ferreira, em fls. áparte — Edição de 150 exemplares (numerados), luxuosamente custeada (para exclusivo destino de obsequios offerecimentos) pelo Sr. Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro).

Em pag. 9 d'essa memoria bibliographica apparece-nos transcripto o parecer de Fr. Bartholomeu Ferreira ácerca do *Primateon* (romance de cavallaria em castelhano, estampado em 1598 na officina lisbonense de Simão Lopes: — «Vi este Liuro & alimpeio de algũas cousas: Em o mais não tem cousa algũa contra a Fè, ou bõs costumes».

E perante aquella declaração do frade — «alimpeio de algũas cousas» — accrescenta o Dr. Sousa Viterbo:

— «Que alimpador!»

Achei graça a expressão: e agora me occorreu, muito appropósito, impregál-a.

Mas... (voltando ao citado exemplo das *Obras de Camões*, existente na Bibliotheca Nacional)... se apesar das minhas recommendações, e da minha vigilancia, algum «alimpador» (*quod Deus avertat!*) praticar o vandalismo de apagar as annotações do Conselheiro Viale, aproveito a occasião para declarar que, prevendo a hypothese de semelhante profanação, copiei fielmente as sobreditas annotações, copiei-as no meu exemplar e (muito imhora eu não seja «um Coleridge») com ellas o inriqueci.

Já que falei de Camões e de especies camonianas, outra especie camoniana citarei agora.

Em 1886 estampou-se, — pertencente a uma projectada collecção que sob o titulo «Florilegio de Bibliophilos» se propunha incorporar diversas publicações, mas que não chegou a produzir senão dois volumes, aquelle de que vou falar e o dos *Versos de Bernardim Ribeiro* (Lisboa — Typographia Elzeviriana — CLO DCCC LXXXVI — In-8.º de xv-152 paginas), — estampou-se (por iniciativa minha e do intelligentissimo typographo Alfredo de Carvalho, meu amigo e meu companheiro nesse mallogrado apprehendimento) uma edição polyglotta do celeberrimo Soneto em que o Poeta d'*Os Lusíadas* deplora, amargurado por inconsolaveis saudades, o passamento da formosissima Nathercia.

Duzentos exemplares numerados, e assignados pelos dois iniciadores da imprensa, constituiram essa edição, luxuosamente

adornada em suas paginas (graças ao primoroso gôsto do mencionado typographo) com elegantissima tarja impressa a verde e côr de-laranja.

Diz assim o frontispicio, em letras pretas e vermelhas, por essa decorativa tarja immoldurado :

*Florilegio de Bibliophilos — Alma minha gentil.*

Imprimiu-se o volume em Lisboa, na Typographia Elzeviriana (de que era director o talentoso Alfredo de Carvalho); e o frontispicio indica por data o anno CIO. DXXX. LXXXVI (o que representa lapso typographico, de que eu (revisor das provas), eu e só eu, aqui lealmente me accuso por imperdoavelmente culpado,—imperdoavelmente, visto que a indicação impressa nada significa! «Anno CIO. DCCC. LXXXVI» — é o que tencionava estampar-se, e o que deveria ter-se estampado; mas *pœnitet me peccati!*

In-4.º de 51 paginas, o folheto abre por uma carta minha ao editor Alfredo de Carvalho.

E segue-se o conhecido Soneto de Camões:

«Alma minha gentil, que te partiste  
Tão cedo d'esta vida descontente,  
Reposa lá no Céu eternamente,  
E viva eu cá na terra sempre triste.  
Se lá no assento ethereo, aonde subiste,  
Memoria d'esta vida se consente,  
Não te esqueças d'aquelle amor ardente  
Que já nos olhos meus tão puro viste.  
E, se vires que pode merecer-te  
Alguma coisa a dor que me ficou  
Da magua sem remedio de perder-te,  
Roga a Deus, que teus annos encurtou,  
Que tão cedo de cá me leve a ver-te  
Quão cedo de meus olhos te levou».

Segue-se, depois, a licção variante que d'este Soneto se lê na fl. 8 (verso) de um codice manuscripto pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa (Codice N.º 4:403):

*Cancioneiro em que uão obras dos milhores poetas de meu tempo ainda naõ empresas e tresladas (sic) de papeis da lettra dos mesmos que as compozeraõ comessado na india a 15. de ianeiro de 1557. e acabado em lx.ª em 1589 — per luis franco correa companheiro em o estado da india e muito amigo de luis de —*

*Camoens*. (In-folio de 297 fls. numeradas e 1 preliminar (sem numeração) que foi destinada ao frontispício).

Depois da variante que deixo indicada, deparam-se, na edição polyglotta do *Alma minha gentil*, quarenta versões em varios idiomas e dialectos: mirandez, castelhano, gallego, italiano, reggitano (dialecto de Reggio di Calabria), siciliano, bolonhez, veneziano, friulano, milanez, genovez, catalão, francez, inglez, allemão, vasconço, e gheez.

Prevalecem neste ramalhete as versões italianas: doze em número. E entre essas ha onze, cuja paternidade pertence ao Rev. Prospero Peragallo.

Aconteceu todavia que, d'essas onze, havia tres em que só figurou a interpretação dos tercetos, — pois que ficou em branco a versão das quadras.

Mas, semanas depois de publicado o «*florilegio*», aquelle bondoso amigo, — cujo nome representa para a litteratura italiana e para a portugueza uma luminosa gloria, — determinou preencher, sempre com variantes novas, as lacunas que existiam nas tres versões incompletas. E por sua lettra inscreveu no meu exemplar do *Alma minha gentil* (Exemplar N.º 103) as seis quadras que no logar proprio faltavam.

Em verdade, quero eu que me digam se não ficou, por circumstancia tal, mais opulento aquelle meu exemplar.

Ulteriormente o Sr. Padre Peragallo accrescentou ainda o número das versões em que transplantou para italiano o mencionado soneto portuguez, — pois que d'elle figuram duas novas traducções (ineditas) em pag. 27 e 104 do volume publicado sob o título

*Poesias de Luiz de Camões e outros vertidas a italiano por Prospero Peragallo* (Lisboa—Imprensa Nacional—1890—In 8.º de 127 paginas — Com o retrato do traductor (phototypia em fl. áparte) — Edição de 150 exemplares, esplendidamente executada (e sómente para graciosas offertas) a expensas do Sr. Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro).

Nesse mesmo volume (de pag. 105 a 107) se imprimiram completos, pelo addicionamento das quadras, as tres variantes que no «*Florilegio de Bibliophilos*» figuravam circumscriptas apenas aos respectivos tercetos.

Apropósito do Rev. Peragallo, me lembra agora o nome de

outro academico, — o Sr. José Ramos-Coelho. Andam no meu espirito associados ambos, no meu espirito e no meu coração,— e de ambos logrei a immerecida honra de ser collaborador (aliás, collaborador obscurissimo) na coordenação de

*Alguns documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo acerca das navegações e conquistas portuguezas publicados por ordem do Governo de Sua Majestade Fidelissima ao celebrar-se a commemoração quadricentenaria do descobrimento da America.* (Lisboa — Imprensa Nacional — 1892 — In-4.º de xvii-555 paginas — Com muitos fac-similes photo-lithographados em fls. áparte).

Pois bem! do erudito academico Ramos-Coelho recebi eu por dadiua em 7 de Janeiro de 1887, ao tempo em que elle na Bibliotheca Nacional desimpenhava zelosamente funcções de Conservador, um exemplar do seguinte livro:

*A Jerusalem Libertada de Torquato Tasso vertida em oitava-rima portugueza por José Ramos Coelho.* Lisboa — Typographia Universal — 1864 — In 8.º de 9-509 paginas).

O exemplar, além da dedicatória autographa que o traductor me poz na pagina do anto-rostro, apresenta no reverso da respectiva folha, por lettra de Ramos-Coelho (o que sobremaneira lhe augmenta valor) a traducção em que esse illustre poeta verteu para portuguez o Soneto do Tasso em homenagem a Vasco da Gama e a Camões.

A versão da *Gerusalemme Liberata*,—versão ácerca da qual já expendi considerações (em pag. 224 a 226) no meu livro *Impressões Deslandesianas* (Lisboa — Imprensa Nacional — cdo. Dccc. XIXCIV — In-8º de xv-1229 paginas — Com fls. áparte, de reproducção fac-simile),—volveu a imprimir-se, quarenta e um annos depois:

*Jerusalem Libertada. Poema de Torquato Tasso vertido em oitava-rima do original italiano, por José Ramos-Coelho. . . . . Segunda edição, muito melhorada.* (Lisboa — Typ. de Francisco Luiz Gonçalves — 1905 (na capa da brochura, 1906) — In-8.º de 9-549 paginas — Com o retrato do Tasso (photo-gravura) em fl. áparte).

E em 3.ª edição me consta que vai tambem sahir muito brevemente a versão do poema, incorporada na collecção completa das «obras poeticas» do Sr. José Ramos-Coelho.

Tornêmos entretanto á Bibliotheca Nacional.

Tem esse instituto na Secção de Sciencias Philosophicas, sob a marcação bibliotheconomica SS-6-21 (\*), incadernadas no mesmo volume, quatro obras de reconhecida raridade que resumidamente apontarei :

*Libro de pestilência curatiuo y preseruatiuo* . . . . .  
*Compuesto por el insigne, y muy afamado Doctor Luys Lobera de Auila.* (S. l. n. d.) (Impresso talvez em Alcalá de Henares na officina de João de Brocar—In-folio de 10 fls. preliminares, sem numeração, seguidas por xliij fls. numeradas na frente — Com portada ornamental, e frontispicio a vermelho e preto; impressa do texto uma parte em caracteres gothicos, e a outra em caracteres romanos).

*Libro de las quatro enfermedades cortesanas* . . . . .  
*Nueuamête cõpuesto por el excellêntissimo Doctor Luys Lobera de Auila.* (S. l. (Impresso mui provavelmente em Toledo na officina de João de Ayala, como está inculcando o material typographico) — 1544 — In-folio de lxxxviiij fls. numeradas na frente — Com portada frontispicial, a vermelho e preto o frontispicio, e todo composto o livro em caracteres de typo gothico).

*Libro de experiências de medicina* . . . . .  
*Hecho por el doctissimo y muy afamado y muy experimentado Doctor Luys dauila de Lobera* (Impresso em Toledo em casa de Iuan de ayala — Año. M. D. XLIII. — In-folio de xxxiiij fls. numeradas na frente — Em caracteres gothicos e alguns romanos, com frontispicio a vermelho e preto, e portada frontispicial decorativa).

*Regimiento de la salud: de la esterilidad de hombres y mujeres y enfermedades de los niños* . . . . . (In-folio mutilado, em que infelizmente faltam (refiro-me ao exemplar que tenho presente) as primeiras folhas (incluida nesta lacuna a do frontispicio) e faltam outrosim as folhas derradeiras; composto em caracteres gothicos, intercalados com caracteres romanos).

Nicolau Antonio, no Tomo II da *Bibliotheca Hispana Nova* (Matriti — MDCLXXXVIII) informa-nos que o *Regimiento de la salud* foi estampado em Valladolid em 1551.

Por «especies raras» (volto a dizêl-o) se devem classificar as quatro que ora acabo de mencionar.

(\*) Tal é a marcação bibliotheconomica antiga, e com essa vem designado o volume no opusculo que adiante menciono.

Hoje tem por marcação bibliotheconomica (segundo o systema, ha vinte annos, adoptado) o N.º 4:166 da «serie vermelha».

Mas o que sobretudo, e muito particularmente para nós Portuguezes, imprime singular merecimento no citado volume (incadernado em moscovia com lavores que indicam industria do seculo XVII), é a circumstancia de existirem várias folhas brancas adrede mettidas (por occasião de proceder-se á incadernação) no *Libro de pestilencia*, entre o grupo das fls. preliminares impressas e as do texto da obra.

Nas paginas das intromettidas folhas encontra-se manuscripta, por lettra do anonymo dono do livro (clínico em Lisboa), uma curiosa narrativa das crises ou revoadas de peste levantina, que assolaram a capital do nosso paiz entre 1580 e 1603.

D'essas interessantissimas notas manuscriptas foi que principalmente brotaram subsidios para o seguinte folheto:

*Revoadas de pesta bubonica em Lisboa nos seculos XVI e XVII — Velharias recopiladas por Xavier da Cunha Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa.* (Lisboa — Typ. de A. de Mendonça & Duarte — CIA. 17000. 10 — In-4.º de 14-44 paginas).

O contexto d'esse modesto folheto havia antecedentemente sahido a lume no Anno XVII d'*A Medicina Contemporanea* (Lisboa — 1899), — mas de tal modo infestado e conspurcado por bando enorme de «gralhas» (typographicas), que mais pareciam estas as obscenas Harpyas de que se queixava o *pius Aeneas* quando perante a Rainha de Carthago e perante os seus commensaes fazia a narrativa das suas tristes aventuras (Vid. *Virgilii Aeneidos* Lib. III):

« . . . . . horrifico lapsu de montibus adsunt  
Harpyiae, et magnis quatunt plangoribus alas,  
Diripiuntque dapes, contactuque omnia foedant  
Immundo . . . . . »

Para terminar minhas reflexões ácerca do «segundo preceito» enunciado por Klett nos seus conselhos aos bibliophilos, citarei, em desaccôrdo, mais um frizantissimo exemplo.

Possue a Bibliotheca Nacional de Lisboa tres exemplares da rarissima edição *princeps* da epopéa camonianiana.

O frontispicio de tal edição mostra-nos circundados por uma portada ornamental, em cujo intablamento figura um pelicano de azas abertas e com o bico voltado para a esquerda do observador, os seguintes dizeres:

*Os Lusíadas de Luis de Camoës. Com privilegio real. Im-*

presso em Lisboa, com licença da sancta Inquisição, & do Ordinario: em casa de Antonio Góçalvez Impressor. 1572.

(In-4.º de 186 fls. numeradas na frente e precedidas por 2 sem numeração).

Da edição subrepticia que, procurando imitar a genuina, traz tambem a data 1572, mas que se estampou annos depois na officina de André Lobato (imbora se inculque por impressão de Antonio Gonçalves) como brilhantemente sustentou e demonstrou Tito de Noronha na sua memoria intitulada *A primeira edição dos Lusíadas* (Porto — Typ. Occidental — M DCCC LXXX — In-4.º de 88 paginas — Com 4 photo-lithographias em fls. áparte), — da edição subrepticamente falsificada, que, antes de Tito de Noronha publicar a sua interessante memoria, passava geralmente por ser a edição *princeps*, tambem a Bibliotheca Nacional possui um exemplar (um raro exemplar, pois que mais raros talvez devemos considerar os exemplares da edição falsificada que os da genuina).

Mas não tratêmos agora da edição subrepticia; tratêmos da legítima de 1572; tratêmos da *princeps* (unica edição que em 1572 se estampou (digam teimosos, muito imbora, quanto de phantasioo lhes occorrer).

O Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, que deixou luminosamente assignalada a sua passagem pela Bibliotheca Nacional de Lisboa nas suas funcções de Bibliothecario-Mór, teve occasião de proceder a largos estudos sobre varios exemplares d'*Os Lusíadas* com a data 1572. E em um d'elles (pertencente á edição *princeps*), em um d'elles que tem por marcação bibliotheconomica na «Camoniana» da Bibliotheca Nacional o N.º 3, escreveu por seu punho, na guarda que antecede o frontispicio, diversas observações mui dignas de attenção.

Entre essas, vem a seguinte nota:

«N'este exemplar vão marcadas tambem com tincta verde as alterações das duas edições, taes como as indica Trigoço. Ha porem as seguintes differenças entre o que elle diz e o nosso exemplar».

E passa a indicar taes differenças.

Ora pergunto eu: — Ficou porventura desvalorizado para os bibliophilos o mencionado exemplar pelas marcas e notas marginaes que a tinta verde lhe escreveu Castilho?

Penso que não; e antes penso que mais apreciavel ficou por esse factó o exemplar.

\*

\* \*

Vamos ao terceiro preceito.

O terceiro preceito é assim concebido:

«*No doblar las puntas de las hojas*».

Preceito é esse que inadvertidamente, inconscientemente, estupidamente, infringem quasi todos os leitores, — quasi todos os leitores, mui de propósito o repito, porque para quasi todos a Bibliophilia constitue uma grutesca preocupação de maniacos.

E ha leitores (leitores não raros!) que, para marcarem signal no ponto em que interromperam leitura de um livro, não se contentam apenas em dobrar o canto da folha (o que já por si representa um acto de condemnavel vandalismo, pelo vinco indelevel que d'ahi resulta no papel), mas que inclusivamente chegam ao desplante de dobrarem a folha pelo meio, de alto a baixo!

Claro está que a advertencia de Klett, contida no seu terceiro preceito, não leva sobrescripto para bibliophilos, porque bibliophilos não commettem delictos de tal natureza, nem mesmo por inadvertencia. A prescripção intende-se exclusivamente com os ignaros ou com os que tolamente escarnecem dos bibliophilos.

\*

\* \*

Quarto preceito:

«*No cortar can negligencia los libros nuevos*».

Quer dizer: — cortar, separar, «abrir» (como tecnicamente se diz em portuguez), abrir cautelosa e carinhosamente com o gume de apropriada espatula (tanto na cabeça, como na margem, como no pé) as folhas dos livros; abril-as cautelosa e carinhosamente (volto a recomendar) para que não aconteça rasgarem-se as folhas num impeto de esturdia precipitação, quando estas se não apresentem já de antemão aparadas pela «guilhotina» do brochador (o que hoje se está um tanto usando, em prejuizo

damninho das folhas, e com verdadeira mágua dos bibliophilos, que assim ficam tolhidos de apreciar e conservar na integridade completa os seus exemplares).

E sobre o assumpto especial d'este derradeiro parenthesis, que intercalei muito de industria, lembrarei a conveniencia de recommendar sempre aos incadernadores, que não aparem nunca as margens nem o pé dos livros (e o mais que se lhes poderá consentir é «tosquiarem» alguma saliente irregularidade no papel), devendo todavia aparar (ao de leve) a cabeça das folhas, por modo que o respectivo córte determine (depois de incadernado o volume) superficie liza, d'onde facilmente com espennejador se limpem as poeiras (quando collocados ao alto os livros nas estantes), e para que se torne commodo o voltar das folhas, no acto da leitura, pela applicação dos dedos na aresta superior das mesmas folhas (unica maneira plausivel de voltá-las, como, na apreciação do «septimo preceito», mais adeante se me offerecerá ensejo de novamente recommendar)

\*

\*      \*

Quinto preceito:

«No garabatear vuestro interesante y precioso autografo en las páginas de titulo».

Aqui neste ponto. . . ha que discriminar (*hay que distinguir*, como dizem na Hespanha).

Enxovalhar o frontispicio dos livros com garatujas de um tolo qualquer, certo é que não representa o *supra summum* da elegancia e do bom-gôsto; mas é tambem certo que ás mãos dos «tolos» não costumam ir especies dignas de apreço para os bibliophilos.

E generalizar o caso, como pretende humoristicamente nas suas ironias o redactor do «preceito», afigura-se-me, quando menos, uma impertinencia completamente inaceitavel.

Pois a assignatura de uma pessoa notavel, inscripta no frontispicio de um livro que lhe pertenceu, diminuirá porventura o valor intrinseco do exemplar? ou, antes, não lhe accrescentará o valor estimativo, — mórmente quando o autographo (postos de

parte os descabidos motejos do redactor do «preceito») seja de-  
véras «*interessante y precioso*»?

Cá tenho eu na minha estante particular um livro que andou em tempos pela «Feira-da-Ladra», e que pertenceu (como se vê do frontispicio) ao erudito bibliophilo francez Carlos Francisco Garnier.

Intitula-se :

*Regimento provisional, para o serviço, e disciplina das esquadras, e navios da Armada Real, que por ordm de Sua Magestade deve servir de regulamento aos commandantes das esquadras, e navios da mesma Senhora.* (Lisboa—Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo—Anno 1796—In-8.º de 200 pag. numeradas, precedidas por 7 sem numeração).

No frontispicio lhe poz o dono o seu costumado «pertence» manuscrito, em os seguintes termos concebido: — *Ex Libris Caroli Francisci Garnier et Amicorum.*

Outrora pertencentes a este bibliophilo, que floresceu na segunda metade do seculo XVIII, e que em Lisboa foi Capellão da Igreja de San'-Luiz Rei de França (em cujo hospicio elle organizou á sua custa um curioso museu de antiguidades e medalhas, e bem assim de exemplares de Historia Natural), possui a Bibliotheca Nacional de Lisboa várias obras. Em todas ellas figura manuscrito o «ex libris» do abbade Garnier, e nalgumas addicionou elle notas curiosas.

Foi, por signal, numa d'essas notas que se me deparou material inspirativo para um modestissimo estudo meu, incluido no Vol. XXXVII d'*O Instituto* (Coimbra — 1889), — estudo que separadamente se publicou numa limitada edição de 50 exemplares.

O livro em que vem a nota, de que fiz uso, intitula-se

*Instrução sobre os corpos celestes, principalmente sobre os cometas, por Francisco Henrique Ahlers* (Lisboa — Na Officina de Miguel Manescal da Costa — Anno M. DCC. LVIII. — In-4.º de 86 pag. numeradas, antecedidas por 18 innumeradas, e seguidas por mais 4 sem numeração — Com estampas (chalco-gravuras) em fls. áparte).

D'essa memoria possui a Bibliotheca Nacional dois exemplares. Um dos dois traz no frontispicio, por lettra do primitivo possuidor :

*Ex Libris Car. fr. Garnierii, & Amicorum.*

*Ex dono Auctoris.*

No fim do exemplar vem collada uma carta autographa de Ahlers a Garnier,—carta em que o destinatario escreveu informações ácerca do auctor do livro.

Não acham, por esse facto, mais valorizado o exemplar?

O humilde opusculo, que d'aquella informação originariamente derivei, tem por titulo:

*Francisco Henrique Ahlers. Subsídios para a sua biographia.* (Coimbra — Imprensa da Universidade — 1889 — In-8.º de 22 paginas).

Nesse opusculo ponderei eu (de pag. 21 á 22):

«De tudo quanto aqui fica dito, uma conclusão deve ainda tirar-se. E é que não ha papel inutil; não ha (por mais insignificante que á primeira vista pareça) uma singela nota em que se não possam filiar ensinamentos mais ou menos proveitosos.

«E aqui lanço mão do ensejo para incarecidamente pedir, a quantos porventura hajam de intervir na coordenação de bibliothecas ou leilão de livrarias, que por caso nenhum obliterem ou arranquem de qualquer codice (por uma falsa presuposição de inutilidade) a nota manuscripta que o bibliophilo neste ou naquelle exemplar intercalou, afigure-se ella muito imhora no conceito do catalogante ou do leiloeiro um enxêrto indigno do livro: é que nem sempre essas pessoas possuirão bastante criterio para tal discriminar, nem rigorosamente nestas cousas ha papel que possa considerar-se de somenos importancia».

Aqui tenho eu tambem a assignatura autographa do Barão da Villa da Praia, illustre militar, illustré mathematico, illustre poeta.

Aqui a tenho eu traçada em 1793, quando elle ainda não desfructava aquella dignidade titular, e simplesmente se chamava Francisco de Borja Garção Stockler.

Por seu punho escreveu elle o «pertence»

*De F. de B. G. Stockler 1793*

no reverso do frontispicio de um livro que em tempos adquirir na loja não me lembro já de que alfarrabista:

*Anacréon, Sapho, Bion et Moschus, Traduction nouvelle en Prose, suivie de la Veillée des Fêtes de Venus, Et d'un choix de Pièces de différents Auteurs. Par M. M\*\*\* C\*\*\*.* (A Paris — Chez Henri Hoyois — M. DCC. LXXV. — In 8.º de 4-vj-299 paginas).

(Sob as cryptonymicas iniciaes *M. M\*\*\* C\*\*\** esconde se

o traductor Moutonnet Clairfons, segundo informa Antonio Alexandre Barbier no seu *Dictionnaire des ouvrages anonymes* (Troisième édition — Tom. I (Paris — 1872), col. 162).

O exemplar que adquiri, incadernado em marroquim verde, apresenta o côrte das-folhas doirado e graciosamente lavrado. Mas, a meu ver, o que lhe dá mais notavel realce é a assignatura autographa que deixei mencionada.

Aqui está outro livro (comprado tambem por mim na loja de um alfarrabista).

*Poems written by Mr William Shakespeare.* (Logar occupado pelo retrato do Poeta, chalco-gravura de A. Bannerman). *Reprinted for Thomas Evans. No. 50. Strand, near York Buildings* (S. I. (London?), n. d. — In 4.º de 1-viii-250 paginas).

Traz no alto do frontispicio (e foi especialmente por isso que tal exemplar adquiri) a assignatura *D. Joze de Souza* (assignatura autographa do célebre Morgado de Matteus, D. José Maria de Sousa Botelho, que em 1817 deu a lume, a expensas de seu bolsinho, a luxuosa, a principesca, a monumental edição d'*Os Lusíadas*, por todos admirada, gabada, e cubiçada).

Como appendice, e a propósito de Shakespeare, seja-me licito juntar aqui uma nota bibliographica:

Recentemente sahio á luz um volume interessantissimo (e d'elle veiu offerecido um exemplar á Bibliotheca Nacional de Lisboa), um volume que se intitula

*Bacon is Shake-spear by Sir Edwin Durning-Lawrence, Bt.* (London — Truslove and Bray, Ltd., Printers — 1910 — In-8.º de xvi-288 pag. — Com retratos e várias outras estampas).

O livro é devéras curioso. Mas, — seja Francisco Bacon (segundo pretende quem esse livro escreveu), ou seja Guilherme Shakespeare (conforme até hoje se tem geralmente admittido) o verdadeiro auctor das «composições shakespeareanas», (o que, no fundo, talvez pouco venha a importar, — como realmente pouco importa que seja Homero, ou não seja, o auctor da *Odyssea* e da *Iliada*), — a verdade é que, ácerca da obra shakespeareana, merecerão eternamente louvores maximos, e constituirão evangelho litterario, as duas obras monumentaes de Victor Hugo:

*William Shakespeare* (Paris — J. Claye, imprimeur — M DCCC Lxiv — In-8.º de 3-572 paginas)

e o Prologo que o dramaturgo do *Ruy Blas* adrede escreveu para a traducção em que seu filho Francisco Victor Hugo trans-

plantou primorosamente a obra shakespeareana (*Préface de la nouvelle traduction de Shakespeare*, — Prologo publicado no Tomo xv (pag. 1 a xxvii) das *Oeuvres complètes de W. Shakespeare* (Saint Denis — Typographie de A. Moulin — 1865 — In-8.º).

Querem que lhes mencione agora, pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa, um exemplar precioso, ultra-precioso?

Ultra-precioso é elle, preciosissimo, — e não sómente por constituir um bello paleotypo, mas inclusivamente pelo nome, que no frontispicio se lhe lê manuscripto, de um seu antigo possuidor, nosso conterraneo.

Esse conterraneo foi o famoso inventor do *nonio*, — ingenhoso instrumento que os Francezes teimam persistentes em chamar *vernier*, attribuindo indevidamente a um seu compatriota, aliás notavel, (Pedro Vernier), glórias que pertencem legítimas ao nosso egregio Pedro Nunes. Faz essa teimosia lembrar a sem-ceremonia com que igualmente usurpam a favor de José-Miguel Montgolfier e de seu irmão Jacques-Estevam prioridades a que só tem direito, na historia dos aerostatos, o portuguez Fr. Bartholomeu Lourenço de Gusmão, — portuguez e simultaneamente brasileiro, visto que no Brasil teve o berço.

O livro a que me refiro, diz no frontispicio (e desdubro aqui na transcripção as abreviaturas):

*Tabule directionum projectionumque famosissimi viri Magistri Joannis Germani de Regiomonte in natiuitatibus multum vtilis.*

Abaixo d'estes dizeres frontispiciaes (unicos) lê-se em manuscripto:

*Do Doctor p.º nunez.*

E em seguida uma declaração (authenticando a assignatura do famoso mathematico):

*Este livro merece toda a estimação pelo sinal q̃ tem da letra do D.º Pedro Nunes M.º que foy de Mathematica do Inf.º D. Luiz e hum dos mayores homẽs desta profissão q̃ teue o mundo, como consta dos livros q̃ imprimio.*

*Lisboa 3 de Julho de 1734.*

*D. Joze Barboza Cl. Reg.º*

No verso do frontispicio offerece tambem a seguinte nota manuscripta, não menos curiosa, não menos apreciavel que a nota da pagina frontispicial:

*Ego fernandus Pincianus Commendatarius ordinis. D. Jacobi. emi has tabulas Directionũ bononicæ prætio nummi aurei.*

Constitue vol. in-4.º de 139 fls. innumeradas, na derradeira das quaes vem o colophon :

*Opus tabularum directionum profectiounquæ pro reuerendissimo domino Joanne archiepiscopo Strigoniensi. &c. per magistrum Joannem de Regiomonte: compositorum Anno domini .1467. explicit feliciter. Magistri Joannis angeli viri peritissimi diligenti correctione. Erhardique Ratdolt mira imprimendi arte: qua nuper Venetijs nunc Auguste vindelicorum excellit nominatissimus .4. nonas Januarij .1490.*

Francisco Martins de Andrade, — o insigne bibliographo e não menos insigne numismata de quem já nestas paginas falei, — occupando-se no citado *Catalogo* (em pag. 12 a 13) do exemplar que estou mencionando, expressa-se por este modo :

«Edição sem cyphras nem reclamos, executada em bom papel e typo gothico, estimavel particularmente por estar subscripta pela letra do dr. Pedro Nunes, mestre que foi de mathematicas do sr. infante D. Luiz, e um dos maiores homens que n'este ramo teve aquelle seculo».

Ornamentada com capitulares floreadas, esta edição dá honra aos prelos de Augsburg.

Mas o que mórmente recommenda o exemplar descripto, é o conjuncto das notas manuscriptas, nelle existentes, entre as quaes sobresá a frontispicial assignatura do nosso afamado mathematico.

Como appendice ás mencionadas *Tabule*, encontra-se no mesmo volume :

*Tabella Sinus recti: per gradus & singula minuta diuisa. Ad tabulas directionum magistri Johannis de regiomonte necessarias cum quibus exemplis: partes eiusdem tabelle multum concordant.*

Impresso em caracteres eguaes aos das *Tabule* (mas com rubricas por algarismos, entanto que os cadernos das *Tabule* as offerecem por letra alphabetica), este appendice in-4.º é constituido por 16 fls. que denotam haver sido estampadas na mesma officina e provavelmente no mesmo anno em que as *Tabule* se typographaram.

Intrêmos agora no gabinete da «Camoniana» pertencente á referida Bibliotheca, e vejâmos lá o exemplar da seguinte obra:

*La Lvsia da de el famoso poeta Luys de Camões. Tradvzida en verso Castellano de Portugues, por el Maestro Luys Gomez de Tapia, vezino de Seuilla. Dirigida al Illvstrissimo Señor As-*

*canio Colona, Abbad de Sancta Sophia* (En Salamanca — En casa de Ioan Perier Impressor de Libros — Año de M. D. LXXX. — In-8.º de 307 fls. numeradas na frente, precedidas por 8 fls. sem numeração).

O Sr. Brito Aranha, no Tom XIV (pag. 197) do *Diccionario Bibliographico Portuguez* (Lisboa — Na Imprensa Nacional — M DCCC LXXX VI) diz que são 307 as fls. numeradas, precedidas pelas 8 sem numeração. O exemplar, porém, que pertence á Bibliotheca Nacional, acha-se infelizmente mutilado, porque não passa da fl. 297, o que representa deficiencia das dez fls. derradeiras, — mutilação que é certamente de longa data, pois que já em 1860 fazem d'ella menção Innocencio Francisco da Silva no Tom. V (pag. 269) do citado *Diccionario Bibliographico Portuguez* e o Visconde de Juromenha no Vol. I (pag. 226) das *Obras de Luiz de Camões* por este litterato publicadas (edição de que incidentemente dei noticia, ao tratar do «segundo preceito»).

Na fl. frontispicial do exemplar a que me estou referindo, lê-se manuscripto o nome

*Luis de Camoes*

(ou talvez *Luis de Camões*, — mas o sello-carimbo, que em tempos inadvertidamente lhe puzeram a tinta d'oleo, foi desastradamente cahir por modo que não deixa bem perceber se na escripta do appellido haveria ou não haveria um til).

Traçado por letra que não repugna attribuir ao seculo XVI na segunda metade, — mas que tambem não destôa da escripta correspondente á metade primeira do seculo XVII, — ha quem tenha admittido a hypothese de ser porventura assignatura autographa do Poeta d'*Os Lusíadas* aquelle nome inscripto no frontispicio do exemplar que menciono.

Será effectivamente de Camões?

*Chi lo sa?*

Em 1580 sabemos nós que foi publicado o livro. E, se o foi antes do dia 10 de Junho (dia em que Luiz de Camões falleceu), admissivel é tambem que chegasse a vê-lo, e d'aquelle exemplar fôsse mesmo possuidor, o Homero Portuguez. Com as poesias encomiasticas que, em honra do Poeta d'*Os Lusíadas*, antecedem a traducção castelhana do Tapia, não causaria estranheza que o traductor inviasse por offerta um exemplar ao immortal auctor do Poema.

O Visconde de Juromenha, commentando o caso no citado volume (pag. 226) das *Obras de Luiz de Camões*, diz-nos o se-

guinte (em referencia ao exemplar do Tapia, existente na Bibliotheca Nacional):

«Tem mais este exemplar, em letra de mão e da epoca, o nome de Luiz de Camões, assignado na primeira folha do rosto, no local onde se costumam collocar as armas, ou a vinheta de que usam as officinas typographicas, o que faria suspeitar que fosse a propria assignatura de Camões e elle o possuidor d'este livro, e a quem o traductor o enviasse, se a declaração que o mesmo traductor faz, que por esta epoca estava quasi todo o Portugal sujeito a Philippe II, não viesse contraditar esta supposição; salvo se o traductor desse já por consummado um facto que, se estava preparado, não estava comtudo inteiramente concluido, e só teve logar poucos dias depois da morte do nosso Poeta».

D'este arrazoado conclue-se que o Visconde de Juromenha não perfilhava a opinião de ser assignatura aquelle nome «Luiz de Camoes» escripto na pagina frontispicial do livro a que me tenho referido.

Por minha parte, se me perguntarem opinião ácerca do assumpto, confessarei que me fallecem argumentos para uma definitiva decisão.

Unicamente pedirei licença para uma observação que passo a expôr.

O Imperador do Brasil, Dom Pedro II, possuia na sua bibliotheca particular um exemplar da edição-*princeps* d'*Os Lusíadas*, — exemplar que pertencêra em tempos ao theatino Fr. João Baptista, do qual passou para as mãos do monge benedictino Fr. Alexandre da Paixão, por cuja morte ficou incorporado na Livraria do lisbonense Mosteiro de San'-Bento da Saude, d'onde apoz varias peripecias, e annos depois de supprimidas em Portugal as Ordens Religiosas, deu ingresso na livraria do supra-mencionado monarcha.

Ácerca do exemplar escreveu José Feliciano de Castilho em 1848 uma substanciosa dissertação, por este modo intitulada:

*Memoria sobre o exemplar dos Lusíadas da Bibliotheca Particular de Sua Majestade O Imperador do Brasil.*

E d'essa «Memoria» existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa um resumido extracto, que (por letra de Antonio da Silva Tullio, na guarda deanteira do respectivo folheto) se diz «recebido do auctor nos termos da acta do Conselho administrativo de 2 de maio de 1867». Esse manuscripto constitue in folio de 32 paginas

numeradas (não intrando nesta conta a folha em que Silva Tullio escreveu a declaração mencionada).

Em 1880 sahi a lume, na integra, aquella importantissima dissertação, estampada sob o titulo seguinte:

*Memoria sobre o exemplar dos Lusíadas da bibliotheca particular de S. M. o Imperador do Brazil pelo Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha publicada a expensas da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro por occasião do Centenario de Camões 10 de Junho de 1880 (Extrahida do Tomo VIII dos Annaes da Bibliotheca Nacional).* (Rio de Janeiro — Typographia Nacional — MDCCLXXX — In-4.º de 38 paginas).

Originariamente incorporada no Vol. VIII (pag. 5 a 38) dos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro publicados sob a direcção do Bibliothecario Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão* (Rio de Janeiro — Typographia Nacional — 1880 — In-4.º de 431 paginas), a «Memoria» de Castilho apresenta-nos ahi uma particularidade que fallece na edição autonoma.

E vem a ser (na pag. 11 do citado volume dos *Annaes*) a reproducção fac simile da curiosissima inscripção que, por lettra quinhentista se lia traçada no referido exemplar d'Os Lusíadas (imborra confusamente «por se terem roçado as lettras, em quanto a tincta estava fresca», segundo informa o auctor da «Memoria»):

*Luis de Camoes Seu dono 576*

Em nota diz o Dr. Ramiz Galvão (na citada pagina dos *Annaes*):

«Como se-vê do fac-simile que aqui inserimos, adeante da palavra *dono* distingue-se a data *576*, a qual com o auxilio de lente pudemos perceber. Este factio corrobora a hypothese de haver pertencido ao poeta este precioso volume, e traz para a discussão do assumpto mais um argumento de pêzo, que é pena tivesse escapado ao sagacissimo auctor da *Memoria*».

(Como todos sabem, José Feliciano de Castilho já não era vivo quando a «Memoria» sahiu a lume nos *Annaes*. Victimado por meningo-encephalite, havia fallecido na capital do Brasil aos 11 de Fevereiro de 1879).

Sem a data *576*, e simplesmente reduzido ao nome *Luis de Camoes*, o fac-simile que em 1880 se estampou no Vol. VIII dos *Annaes*, sahiu (doze annos depois) reproduzido sob um conjectural retrato do Poeta no seguinte opusculo (edição de 56 exemplares):

*Luiz de Camões — Poesia commemorativa do 311.º annivers-*

sario do passamento d'este insigne poeta por Antonio Moreira Cabral. (Porto — Typographia Central — 1892 — In-8.º de 12 paginas — Com o retrato phototypico e o fac-simile, estampados em fl. áparte).

Com a data 576 (quer dizer: na sua integridade completa) reproduziu-se o fac-simile *Luis de Camoes Seu dono*, acompanhando um retrato do Poeta (em que se reproduz por photographura a chalco-gravura dos *Discursos Varios Politicos por Manoel Severim de Faria* — Evora — Impressos por Manoel Carvalho—1624— In-4.º— Com gravuras em laminas de cobre), reproduziu-se (digo) na

*Trigesima coroa da Sociedade Nacional Camoneana á memoria de Luiz de Camões immortal cantor dos Lusíadas* — Sessão de 10 de Junho de 1910 commemorativa do 330.º anniversario do passamento do grande épico. (Porto — Typographia Occidental, de Pimenta, Lopes & Vianna — S. d. (1910) — In-8.º de 52 paginas — Com 2 fls. áparte, numa das quaes o retrato e a reproducção do fac-simile, na outra «Camões e o Jau» (photographura de uma esculptura em barro, esculptura pertencente á collecção camoniana de Antonio Moreira Cabral — Edição de 178 exemplares — Opusculo collaborado pelos Srs. Antonio Moreira Cabral, Conde de Samodães, Ernesto Vianna, José de Azeredo, Maximiano Ricca, e pelo obscurissimo redactor das presentes paginas).

Castilho na sua «Memoria» (em pag. 24) declara ser «mui possivel, provavel mesmo» que o exemplar d'*Os Lusíadas*, existente na bibliotheca do Imperador, houvesse pertencido ao Principe dos Poetas Portuguezes, e apresenta as razões (razões muito attendiveis) em que se baseia para tal conjectura, — acabando por acrescentar (na pag. 25 da «Memoria») que, a serem fundamentadas as suas observações, o exemplar «pertenceu na primitiva a Luiz de Camões».

Ora se foi o Cantor d'*Os Lusíadas* que realmente escreveu no exemplar

*Luis de Camoes Seu dono 576*

a differença no talho da letra, quando a comparámos com a do exemplar do Tapia, é tão fundamentalmente accentuada, que não fica permittido attribuir ao Poeta Portuguez a assignatura inscripta no frontispicio da traducção castelhana.

Vice-versa: — imaginêmos que alguma vez (e, neste ramo de investigações, despontam subitas surpresas quando menos se esperam!), imaginêmos que alguma vez se demonstra (pelo casual

apparecimento de authenticos autographos de Camões) ser incontestavelmente escripto pelo Poeta o nome que se lê no exemplar da versão castelhana: *ipso facto* ficarão tollidos os foros de autographo ao nome inscripto no exemplar que pertenceu outrora á bibliotheca particular do Imperador Dom Pedro.

Averiguado, indiscutivelmente averiguado, não me parece por-emquanto o caso. Mas nesta perplexidade, ou antes nesta duplicidade de conjecturas, se me perguntarem a qual d'ellas me inclino de preferencia, direi que mais confiança me inspira a assignatura inscripta no exemplar de 1572:

*Luis de Camoes Seu dono 576*

Poderá essa inscripção corresponder a uma intencional falsificação, mystificação (*supercherie*, como dizem os Francezes), determinada por mercantil impulso de ganancia no sentido calculista de illudir algum argentario incauto?

Tudo pode ser neste mundo. Mas a verdade é que a paixão dos bibliophilos pelas especies camonianas é de muito moderna data: entre os colleccionadores a crise aguda começou em 1880, por occasião dos festejos do Tricentenário.

E, apar d'isso, cumpre não menos ponderar o que diz Castilho na sua «Memoria» (pag. 24), referindo-se á inscripção *Luis de Camoes Seu dono*. Depois de advertir que taes palavras «são de um character mui conforme com o do seculo XVI» — accrescenta: — «phrase enfim escripta sem affectação, correntemente, e com tal negligencia que até as palavras, ainda frescas, foram roçadas, a ponto de quasi se tornarem inintelligiveis, o que tira a idéa de um calculo doloso».

Por outro lado, o nome *Luis de Camoes* inscripto no exemplar do Tapia chega a parecer-me escripta de um inconsciente (por exemplo, um rapazello de escola), a quem sobreviesse a veneta de repetir manuscripto o nome que no mesmo frontispicio encontrava impresso, — a mesma veneta inconsciente que levaria esse individuo a repetir manuscripto (no reverso da fl. 57) o primeiro verso da antepenultima estancia do Canto II por cima d'esse mesmo verso impresso.

A estancia CXI começa d'est'arte na versão castelhana:

«No menos con el tiempo se parece»

Pois, logo acima d'esse verso, escreveu alguém, com letra aparentemente equal á do nome inscripto no frontispicio:

*No menos com (sic) el tiempo se parece*

Em vista do que deixo dito, — se tivermos de admitir que uma das duas escriptas (a da edição portugueza, ou a da versão

castelhana) representa assignatura autographa do Épico immortal, eu por todos os motivos me sinto inclinado a preferir a que se lê no exemplar do Imperador.

Quando em 1889 Dom Pedro II foi desthronado, e como exilado se recolheu na Europa sem do Brasil trazer coisa alguma de quanto lhe pertencia, lá ficou entre os seus livros no Paço de San'-Christovam o decantado exemplar, — exemplar que mysteriosamente desapareceu depois, e que alguém me disse (mas não sei se é verdade) achar-se presentemente na Republica Argentina.

Voltando porém ao mencionado exemplar da versão do Tapia, consintam-me ainda, a titulo de mera curiosidade, accrescentar uma informação:

Por letra tambem antiga, mas diversa da que figura no frontispicio, e mais calligraphica, notam-se no exemplar algumas correccões, entre as quaes se destaca uma completa substituição de dois versos, — dos dois versos por que finaliza a derradeira estancia do Canto III.

Na edição-*princeps* do original portuguez (unica publicada ao tempo em que sahio dos prelos a castelhana versão de Gomez de Tapia, — e digo «unica publicada», porque d'*Os Lusíadas* edição «legítima», estampada em 1572, não ha mais do que uma só), eis como se encontra a mencionada oitava do Canto III:

«Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,  
Hũa suaue & Angelica excellencia,  
Que em si está sempre as almas trãsfornãdo  
Que tiuesse contra ella resistencia:  
Desculpado por certo está Fernando,  
Pera quem tem de amor experencia:  
Mas antes tendo liure a fantasia,  
Por muyto mais culpado o julgaria».

Na versão do Tapia, vem assim a oitava:

«Quiẽ vio vn mirar seguro, vn rostro blãdo  
Vna bella y angelica excellencia  
Qu' en si esta siẽpre el alma trãsfornãdo  
Que pudiesse hazelle resistencia?  
Desculpado por cierto está Fernando  
Con el que de amor tiene la experiẽcia,  
Y yo, si por tenerme en esto tanto  
El resto lo remito al otro Canto».

Aqui o corrector não se contentou sómente em accentuar no 3.º verso da oitava o *i* do pronome *si* e o *a* do verbo está (que na impressão typographica haviam ficado sem accentos), mas fez mais, muito mais, porque substituiu com indiscutível melhoria os dois ultimos versos da estancia (versos que de modo nenhum correspondiam aos do original portuguez) por dois outros em que fielmente se reproduz o pensamento de Camões.

Eis o que se encontra manuscripto logo abaixo da estancia, como substituição dos dois versos finais:

*mas estando con libre fantasia  
por nucho más culpado lo tendria.*

No meio d'estas considerações em que me tenho alongado a rebater o «quinto preceito» de Harold Klett, alguém me objectará talvez que o apreço dos autographos representa apenas um mero convencionalismo,—convencionalismo que para determinada gente poderá mesmo afigurar-se pueril ou ridiculo.

Representará convencionalismo: admittâmos. Não serei eu quem o conteste.

Mas que representam, senão puro convencionalismo (puro, — e ás vezes mesmo impuro!), todos ou quasi todos os actos da vida de-relação nas sociedades civilizadas?

Acceitêmos portanto, e acceitêmos com agradecimento para o nosso espirito, esses convencionalismos que assaz concorrem para fundamentalmente nos distinguirmos dos troglodytas.

E continuêmos a analysar, oppondo-lhe frizantissimos exemplos o «quinto preceito» da «Biblia dos Bibliophilos».

Em 1669 publicou-se em Lisboa, estampada nos prelos de Antonio Craesbeeck de Mello, Impressor da Casa Real, e penultimo representante de uma illustre dynastia de typographos, uma edição d'*Os Lusíadas*, cujo volume (In-4.º de 376-78 paginas numeradas, precedidas por 8 sem numeração) diz assim no frontispicio:

*Obras de Lvis de Camoões Principe dos Poetas Portugueses. Com os argumentos do Lecencealo João Franco Barreto; & por elle emêdadas em esta nova impressãõ, que comprehende todas as Obras, que deste insigne Autor se achãrãõ impressas, & manuscriptas, com o luder dos nomes proprios.*

Esse volume vinha completar a collecção de tres outros que

a mesma officina estampára (de 1666 a 1669), e em que se continham as *Rimas* do inclito Poeta.

Ora aconteceu que do mencionado volume appareceu isoladamente um exemplar no leilão a que se procedeu por fallecimento de dois bibliophilos.

Para conhecimento dos licitantes se imprimira antecipadamente, organizado por Luiz Carlos Rebello Trindade (que ao tempo era Primeiro-Official da Bibliotheca Nacional de Lisboa) o

*Catalogo das livrarias do illustre academico Antonio da Silva Tullio e do distincto advogado Augusto M. de Quintella Emauz ambos já fallecidos.* (Lisboa — Typographia da Viuva Sousa Neves — 1884 — In-8.º de 104 paginas).

O leilão, effectuado na casa em que Silva Tullio fallecêra (Largo da Bibliotheca Publica, N.º 8, 1.º andar), começou no dia 1.º de Junho de 1884.

Em pag. 19 do Catálogo, Rebello Trindade tinha assim descripto o lote N.º 191 :

«Os Lusíadas, com os argumentos do licenciado João Franco Barreto. Lisboa, por Ant. Craesbeeck, 1669, in-4.º *Estimada, e não vulgar. O front. diz: Obras de Luis de Camões, porém este ex. contem só os Lusíadas. Faltam n'esta edição as estancias 91 a 98 inclusivè do canto V, (particularidade não indicada até hoje pelos bibliographos) e que n'este exemplar se acham suppridas em pag. á parte, por letra de Joseph de Seabra da Silva. Note-se que a estancia que tem o n.º 91 é a 99 do Canto».*

Perante as observações que do Catálogo trancrevi agora, alvoroçaram-se os amadores; aguçava-se-lhes a curiosidade.

E como é que se justificava a asserção, alli posta, de haver sido José de Seabra da Silva quem no livro intromettêra a folha supplementar manuscripta? Como é que se provava ser d'aquelle estadista a letra da referida folha, em que se annunciavam copiadas á penna as oito estancias que a impressão tinha descuidadamente omitido?

Luiz Trindade explicava, em abono da sua asserção, que no pé da pagina frontispicial se lia manuscripta, por letra igual á da folha supplementar, a assignatura *Joseph de Seabra da Silva*.

Afinal, quando no leilão, aos 2 de Junho, introu em scena o exemplar, principiaram licitantes sua contenda; e já o lance ascendêra á quantia de 3\$200 réis, sem que afrouxasse a coragem dos pretendentes.

Mas... eis que de subito, passando o exemplar pelas mãos de um dos circumstantes e tambem licitante (o deputado Manuel d'Assumpção, já hoje fallecido), reparou este em que a assignatura no frontispicio do livro não era tal a do ministro José de Seabra, mas a do historiador José Soares da Silva.

Rebello Trindade tinha-se inadvertidamente equivocado (*Quandoque bonus dormitat Homerus*). Na precipitação das suas fainas de catalogante, havia-lhe parecido ler *Joseph de Seabra da Silva*, quando realmente o que lá estava era *Joseph Soares da Silva*.

Reconhecido o lapso, esfriou entre os contendores o enthusiasmo, e arrefeceu prestes o impenho de arrematarem o livro. Alvitrou-se mesmo o expediente de pôr de parte o occorrido, voltando novamente á praça o exemplar já desprestigiado, e recomeçando os lances *ad libitum* dos compradores. Declarando porêem nessa conjunctura o livreiro Vicente Coelho (com loja na Rua Augusta, N.º 151) que, ainda pelo preço de 3\$200 réis (o mais elevado lance a que já tinha chegado o lote), ainda por esse preço lhe convinha adquirir a obra, esta lhe foi adjudicada. E ao mesmo alfarrabista a comprei eu em 10 de Julho d'aquelle anno, contente por ficar possuindo o exemplar em que num galhardete (collado á pag. 191) se encontram, por letra do apreciavel escriptor, copiadas manuscriptamente as oito estancias supprimidas na impressão do poema, ao passo que tambem se lê traçada no rosto do livro a assignatura autographa do illustre copista.

Passêmos a outra especie.

Estava no seu desconsolado exilio, em Paris, o octogenario Padre Francisco Manuel do Nascimento, quando em 1817 lá se principiaram a estampar em collecção obras suas, que ou andavam dispersas em folhetos, ou ainda se conservavam ineditas na gaveta do auctor.

Aquí ponho o titulo da collecção, qual precisamente lh'o fez imprimir quem a editou:

*Obras completas de Filinto Elysio, Segunda edição, emendada, e accrescentada com muitas Obras ineditas, e com o retrato do Auctor.* (Paris—Na Officina de A. Bobée—1817-1819—11 tom. in-8.º—Impressa em fl. áparte (junto ao frontispicio do Tom. 1) a bella chalco-gravura do retrato).

Innocencio Francisco da Silva, occupando-se do Padre no desinvolido artigo que lhe consagra em o Tom. II do *Diccionario Bibliographico Portuguez* (Lisboa — MDCCLIX), diz-nos

(a pag. 455 do referido tomo) que a edição lisbonense das *Obras de Filinto Elysio* posteriormente executada na Typographia Rollandiana (1836-1840 — 22 tom. in-16.<sup>o</sup>), posta em confronto com a edição de Paris, «é na realidade superior, quanto á correccção typographica».

Entretanto, se me é permittido ter opinião propria e discordar do mestre, direi que, por minha parte, sympathizo muito mais com a edição parisiense das *Obras de Filinto*.

Porquê? Porque (suppondo mesmo que mais motivos não haja), além de nos proporcionar o formoso retrato já por mim mencionado, e além de se nos apresentar muito mais elegante no seu conjunto geral do que a edição lisbonense, a parisiense nos offerece (no reverso da pagina frontispicial do Tom. I) esta advertencia: — «Declaro que todos os exemplares que não forem assignados da firma de Filinto Elysio, não se devem acreditar como obra original». E vem subscripta a declaração pela assignatura autographa — *Filinto Elysio*. Isto lhe garante no meu conceito, á edição de Paris, uma sensível preferencia, — preferencia de bibliophilo, claro está.

E a assignatura de Almeida-Garrett? e a assignatura de Antonio Feliciano de Castilho? e a assignatura de Alexandre Herculano? Quem não ha-de prezar autographos de qualquer dos tres, d'aquellas tres summidades luminosas que no seculo XIX constituiram das lettras portuguezas a mais gloriosa trindade?

Conhecem o Sr José Joaquim Gomes de Brito? Conhece-o de nome, quem pessoalmente o não conheça, nas lides litterarias do nosso paiz.

Possue elle na sua bibliotheca um livro que diz no frontispicio:

*Institutions du Droit de la Nature et des Gens; Par le C.<sup>en</sup> Gérard de Rayneval — Seconde édition.* (Paris — Chez Leblanc, Imprimeur-libraire — An XII (1803) — In-8.<sup>o</sup> de xxiv-392-clxij pag. numeradas, precedidas por 3 sem numeração).

Preciosissimo é o exemplar (e nessa qualidade o arrecada seu dono com singular veneração), preciosissimo é o exemplar pelo que traz escripto a meio da pagina frontispicial:

*João Baptista da Silva Leitão*  
1816.

Quer dizer: — a assignatura de um dos nossos mais egregios poetas, quando elle, contando apenas dezesepte annos em sua

idade, acabava de matricular-se no primeiro anno juridico da Universidade de Coimbra.

Era no tempo em que o futuro auctor d'*O Retrato de Venus* não tinha ainda acrescentado ao appellido paterno «Silva» e ao appellido materno «Leitão» o appellido materno «Almeida» e o appellido paterno «Garrett» (appellido que aliás seu pae não usava, pois simplesmente se assignava «Antonio Bernardo da Silva»).

*João Baptista da Silva Leitão* foi o nome com que em 1816 se matriculou na Universidade o filho de Antonio Bernardo da Silva e de sua mulher D. Anna Augusta de Almeida Leitão.

Tres annos depois, ainda elle apenas usava os dois appellidos «Silva Leitão», como se vê de um «Aviso» publicado na *Gazeta de Lisboa* em 21 de Abril de 1819.

Por ser curiosa e muito curiosa (como curioso é tudo quanto parte do respectivo signatario), transcrevo apropósito uma carta que sob o titulo «Almeida Garrett» incontro publicada no N.º 2:825 do *Correio Nacional* (Lisboa, 6 de Agosto de 1902).

Diz assim:

«Sr. Redactor.

«Por intermedio do *Correio Nacional* offereço á Sociedade Litteraria *Almeida Garrett* uma noticia ácerca do eminente auctor do *Frei Luiz de Sousa*. Foi este o caso:

«Em abril de 1819, achando-se Garrett em Coimbra cursando a faculdade de direito, desejou prestar homenagem á memoria de seu venerando tio, o sr. Bispo de Angra, D. Frei Alexandre da Sagrada Familia, fallecido havia então um anno certo. Tencionou imprimir as obras do seu illustre consanguineo, e publicou o seguinte *Aviso* na *Gazeta de Lisboa*, n.º 93, de 21 do dito mez de abril:

#### AVISO

«João Baptista da Silva Leitão, tencionando publicar os escriptos de seu defunto tio o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> D. Frei Alexandre da Sagrada Familia, Bispo de Angra, e sabendo que muitas de suas obras param nas mãos de alguns seus amigos, principalmente em Lisboa, roga a estes senhores que lh'as queiram franquear para tão digno fim, remetendo-lh'as, ou a Coimbra, aonde é a sua residencia (por causa de seus estudos) desde

«o mez de outubro até ao de maio, ou ao Porto, onde se achará «o resto do tempo. Sendo o seu intento o enriquecer a Litteratura Nacional com as obras d'este sabio tão conhecido, elle «espera que nenhum dos sobreditos senhores lhe negará o que «possuir d'ellas».

«É possível que ninguem acudisse ao reclamo; os bons desejos em Portugal clamam quasi sempre no deserto; é provavel que o joven estudante ficasse apenas com o pouquissimo que ás mãos lhe viesse parar da papelada de familia; mas tambem pode ser que um ou outro curioso lhe entregasse, como devia, alguma coisa. As obras do Prelado, que Innocencio aponta impressas, são Pastoraes e uma Epistola a Alcippe; e manuscriptas umas *Memorias da sua vida*, que o poeta possuia, «segundo o testemunho do irmão d'este, o sr. A. J. de Almeida Garrett, que assim o affirmou ha annos no Porto ao rev. padre Sipolis, do qual eu houve esta noticia» — palavras de Innocencio. Apareceriam no espolio de Garrett? As palavras do aviso são positivas:

«Sabendo que *muitas* de suas obras param nas mãos de «alguns seus amigos, principalmente em Lisboa, roga» etc.

«Comtudo, ou elles fizeram ouvidos de mercador, ou os successos variados da agitada vida do cantor da *D. Brunca* o impediram de realisar tão justo e respeitavel proposito.

«Houve porém uma compensação. O estudante desejava modestamente *enriquecer a Litteratura Nacional* com producções alheias; não passaram muitos annos sem que elle principiasse a opulental-a com as suas proprias.

«D'aquelle Prelado de Angra existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa um retrato a oleo, cuja muita parecença com a physionomia do immortal sobrinho é innegavel. A cidade da Horta (na ilha do Fayal) consagrou o nome do abalisado cidadão com o lettreiro municipal do *Largo do Bispo Dom Alexandre*, onde se mostra ainda a modesta casa em que elle nasceu.

«Se v., sr. redactor, entender que tão succintas noticias interessam os admiradores do poeta, e o publico em geral, peço-lhe o favor de as publicar, permitindo-me o assignar-me com toda a consideração

«4 de agosto  
de 1902.

«De V. etc.  
«José Tulio Dalich».

«José Tulio Dalich» é o pseudonymo anagrammatico do Sr. Visconde «Julio de Castilho».

Como appendice á interessantissima informação que na Carta do Sr. Visconde se encontra, direi que em 1871 sahiu pela primeira vez, estampado na Imprensa Nacional de Lisboa, o Tomo XXI das «Obras do Sr. Visconde de Almeida-Garrett».

Esse tomo (In 8.º de LII-188 pag.) apresenta no frontispicio estes dizeres :

*Helena. Fragmento de um romance inedito pelo Sr. Visconde de Almeida-Garrett. Precedido do catalogo dos autographos, diplomas, documentos politicos e litterarios pertencentes ao Sr. Visconde de Almeida-Garrett.*

Decorre de pag. XI a XLVII o mencionado catálogo que num ante-rosto especial vem por esta fórma intitulado : — «Catalogo dos autographos, diplomas, documentos politicos e litterarios pertencentes ao Sr. Visconde de Almeida-Garrett recolhidos e annotados por C. G.».

Sob essas duas iniciaes cryptonymicas descortina-se o nome do editor Carlos Guimarães, que em Cintra exercia clínica e era casado com a dilectissima filha do Poeta D. Maria Adelaide de Almeida-Garrett, a gentil «Mimi» como lhe chamavam dos tempos d'infancia as pessoas que tinham a invejavel e honrosa fortuna de com ella tratarem.

Na página penultima do «Catalogo» o Dr. Carlos Guimarães, enumerando «Autographos colligidos pelo Sr. Visconde de Almeida-Garrett», cita :

«Manuscriptos Litterarios de D. Alexandre da Sagrada Familia, Bispo d'Angra»

e «Correspondencia do mesmo, sobre negocios publicos-ecclesiasticos».

Onde estarão hoje esses manuscriptos ?

Que sumiço terão levado, pelo fallecimento de Carlos Guimarães, todas aquellas preciosas especies enumeradas no «Catalogo» ?

Causa horror pensar em que se terão por desventura extraviado e perdido !!!

Voltêmos, porém, ao nosso Poeta.

Em Abril de 1819 (como se acaba de mostrar) ainda elle usava assignar-se *João Baptista da Silva Leitão*.

Mas quando, seis mezes depois, abriu matricula no quarto

anno do seu curso universitario, já no respectivo termo assignou accrescentado o nome — *João Baptista da Silva Leitão de Almeida-Garrett* —, accrescentamento esse que, d'ahi por deante, com muita frequencia (posto que nem sempre) conservou durante annos.

Exemplificam tal accrescentamento as especies bibliacas de que passo a fazer menção:

*O dia Vinte quatro d'Agosto, pelo cidadão J. B. S. L. A. Garrett* (sic). Anno I. (Lisboa — Na Typographia Rollandiana — 1821 — In-8.º de 53 paginas).

*O Retrato de Venus, poema por J. B. da Silva Leitão d'Almeida Garrett*. (Coimbra — Na Imprensa da Universidade — Anno I. (1821) — In 8.º de 158 paginas).

(Ao poema e ás notas do poema, segue se escripto pelo mesmo auctor o *Ensaio sobre a Historia da Pintura*. — Mais adiante, nas presentes paginas, terei novamente occasião de me referir á edição-princeps d'*O Retrato de Venus*).

*Theatro de J.-B. S. L. A. Garrett*. = Tomo I. (Lisboa — Na Impr. Liberal — Anno II. (1822.) — In-8.º de VIII-132 paginas).

(Abrange esse volume a tragedia *Catão* (na sua edição-princeps, cujo texto differe muito do que se lê nas subsequentes edições) e a farça (em collaboração com Paulo Midosi) *O corcunda por amor*).

*Discursos e poesias funebres recitados a 27 de Novembro de 1822 em sessão extraordinaria na Sociedade Litteraria Patriotica celebrada para prantear a dôr, e orfundade dos Portuguezes na morte de Manoel Fernandes Thomaz primeiro dos regeneradores da patria*. (Lisboa — Na Typographia Rollandiana — Anno de 1823 — In-4.º de 36 paginas).

(Abrange esse folheto: — «Oração funebre de Manoel Fernandes Thomaz, Pelo Socio Joaõ Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett»; «Discurso funebre de Manoel Fernandes Thomaz, Pelo Socio Antonio Barreto Ferraz de Vasconcellos»; «Elogio funebre de Manoel Fernandes Thomaz, Pelo Socio José Maria Xavier d'Araujo»; «Soneto á morte do Demosthenes Portuguez, Manoel Fernandes Thomaz», por Antonio Pinto da Fonseca Neves; «Soneto á lamentada morte do illustre e benemerito cidadão Manoel Fernandes Thomaz» por R. P. Pizarro; e «Á memoria do illustre regenerador da patria Manoel Fernandes Thomaz», Ode por Joaõ da Silva Braga. — Aquelle

R. P. Pizarro, auctor do Soneto, será porventura o patriota Rodrigo Pinto Pizarro Pimentel de Almeida Carvalhaes, que em 1835 recebeu o titulo de Barão da Ribeira de Sabrosa, e cujo elogio historico Almeida Garrett recitou no Conservatorio Real de Lisboa? inclino-me a suppôr que sim).

*Carta de guia para eleitores. Em que se tracta da opinião pública, das qualidades para deputado, e do modo de as conhecer. Publicada por J. B. da S. L. de Almeida Garrett, Bacharel formado em Leis, e Official da Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino.* (Lisboa — Na Tipografia de Desiderio Marques Leão — 1826 — In-4.º de 21 pag. numeradas, antecedidas por 4 sem numeração).

(Datada aos 9 de Setembro de 1826, essa «Carta» publicou-se trazendo no reverso do frontispicio a seguinte prevenção: — «Declaro que todos os exemplares d'esta obra serão assignados por mim, e que perseguirei judicialmente a quemquer que d'outra maneira os expozer á venda». Por baixo de tal declaração, vem, subscrevendo-a manuscriptamente, o appellido *Garrett* (como agora mesmo pude verificar pelo raro exemplar que em tempos comprei ao alfarrabista João Pereira da Silva). Não serão, pelo facto d'aquella rubrica manuscripta, mais valiosos os exemplares?).

*Da Educação por J.-B. da S. L. de Almeida Garrett.* (Londres — Impresso por R. Greenlaw — MDCCLXXXIX — In-4.º de xxvii-274 pag. numeradas, antecedidas por 4 sem numeração).

*Elogio funebre de Carlos Infante de Lacerda Barão de Sabrozo.* (Londres — Impresso por R. Greenlaw — 1830 — In-4.º de 7 paginas).

(Esse rarissimo folheto, de que adquiri por compra um exemplar na loja do alfarrabista João Pereira da Silva, exemplar que anteriormente pertencêra ao bibliophilo bracarense Dr. Pereira Caldas (por lettra do qual ha no frontispicio palavras escriptas a tinta vermelha), traz o nome do auctor apenas indicado (na pagina final) por seis iniciaes *J.-B. S. L. A. G.*).

Ulteriormente, quando em Lisboa começaram a estampar-se, reunidas em collecção, as obras de Garrett, desappareceram definitivamente os dois appellidos «Silva» e «Leitão» (precisamente os dois que elle primitivamente usava). Nessa collecção foi o poema *Camões* que veio a constituir o Tom. I das «Obras de J. B. de A. Garrett». E o seu frontispicio especial diz assim:

*Camões por J. B. de Almeida-Garrett. Segunda edição.*

(Lisboa — Typographia de José Baptista Morando — 1839 — In-12.º de XIII-307 paginas numeradas, precedidas por 1 (destinada ao ante-rostro) sem numeração).

A edição-princeps do poema *Camões* tinha sahido anonyma em Paris no anno 1825.

Por Decreto de 25 de Junho de 1851 recebeu Garrett a mercê do titulo de Visconde («Visconde de Almeida-Garrett»), e com esse titulo passou elle depois a inscrever-se no frontispicio das suas publicações.

Foi assim que sahio dos prelos, em segunda edição (augmentada), a collecção das *Folhas Cahidas* que juntamente com *Fabulas* e *Contos* e *Sonetos* passou a constituir o Tom. II dos *Versos* (Vol. XVII das «Obras do V. de A. Garrett»).

*Versos do V. de Almeida-Garret — II. Fabulas — Folhas Cahidas, segunda edição.* (Lisboa — Na Imprensa Nacional — 1853 — In 8.º de 288 paginas).

A edição primeira das *Folhas Cahidas*, impressa naquelle mesmo anno da segunda, como terei mais adeante occasião de voltar a dizer, appareceu anonyma.

Todas estas divagações por entre minucias de bibliographia garrettiana, suscitou-m'as o precioso livro que citei pertencente ao Sr. Gomes de Brito, — cujo nome agora me evoca á lembrança os meus tempos do Lyceu Nacional de Lisboa, estabelecido em 1857 (para serviço escolar da respectiva «secção central») no edificio outrora destinado ao Hospicio de San'-João Nepomuceno.

Gomes de Brito frequentava nesse anno o curso de Latim regido pelo Professor João Luiz Falcão, enquanto eu procurava adquirir alguns conhecimentos de Grego na aula do Dr. Manuel Eiras de Meira Torres.

E quando, passados quarente e sete annos, collaborámos ambos no Livro *Sousa Martins — In Memoriam* (livro sahido á luz em 1904 sob a potente iniciativa do nosso commum amigo Casimiro José de Lima), eu tive o júbilo de reconhecer que entre os numerosos collaboradores d'esse livro monumental (publicado a expensas de uma subscripção aberta entre collegas, amigos, e admiradores do fallecido médico) foi Gomes de Brito um dos mais distinctos, um dos mais suggestivos, um dos mais emocionantes, ao pintar-nos deliciosamente e com admiravel exactidão photographica as scenas d'aquelle nosso encontro nos estudos lyceaes.

Era elle já nessa quadra um formoso espirito, — sobremaneira merecedor da intimidade em que, poucos annos depois, Alexandre Herculano o admittiu carinhosamente, respondendo solícito com paternal desvelo ao respeito verdadeiramente filial e á profunda veneração que o sympathico moço lhe tributava.

Saudosa recordação d'essa convivencia, entre mestre e pupillo, deu Gomes de Brito a lume, publicando um formoso ramalhete de confidencias :

*No primeiro centenario de Alexandre Herculano. 28 de março de 1810 a 28 de março de 1910 — Paginas intimas dedicadas á gloriosa memoria do egregio escriptor por Gomes de Brito.* (Lisboa — Typ. da Liv. Ferin — 1910 — In-8.º de XI-247 paginas — Com tres retratos de Herculano, o fac-simile autographico de uma sua carta, e varios outros elementos illucidativos em fls. áparte, desdobreveis tres d'ellas).

Tambem não quero deixar de me referir a um precioso livro que possui, na maior estima, o Sr. José Cypriano da Costa Goodolphim.

Costa Goodolphim! Aproveito igualmente a occasião para saudar um cultor das letras infatigavel, cujo merecimento comeei a apreciar quando na *Gazeta de Portugal* (em 24 de Setembro de 1865) lhe festejei, sob o pseudonymo «Olympio de Freitas», a sua poetica versão d'*O Sepulchro em Perrho*, *poemetto traduzido do verso sueco por Costa Goodolphim* (Lisboa — Typographia da Viuva Pires Marinho — 1865 — In-8.º de 56 paginas).

Quando elle fez sahir do prelo esta sua traducção em versos soltos decasyllabos, ladeada pelo texto sueco (*Grafven i Perrho*) de João Luiz Runeberg, — traducção acompanhada por notas e antecedida de um prefacio («As lendas do Norte»), — já Costa Goodolphim havia presenteado as letras com varios trabalhos seus.

Annos depois, incontrámo-nos a collaborar na «Associação de Beneficencia da Freguezia de Sant'Iago e San'Martinho», assim como na «Academia Real das Sciencias de Lisboa», na «Sociedade Litteraria Almeida-Garrett», — e recentemente na «Academia de Sciencias de Portugal». Com o estreitamento das nossas relações, pude gostosamente verificar que ao seu lavor indefesso (quer no campo associativo do mutualismo, quer no campo historico e litterario) elle sabe reunir os dotes de um formoso caracter.

Vejâmos porêem o livro a que me refiro e de que é possuidor o Sr. Costa Goodolphim.

Conhecem aquelle primoroso poemeto que Almeida-Garrett bordou, inspirando-se na «Xácara da Sylvaninha»? Conhecem-n-o decerto quantos se interessam pelas letras portuguezas.

Na edição-*princeps* traz esse poemeto por titulo frontispicial: *Adozinha, romance. Pelo Auctor da Historia da Lingua e Litteratura Portugueza na Collecção intitulada Parnaso Lusitano, do Poema Camões, Editor de D. Branca, &c. &c. &c.* (Londres — Impresso por Bagster e Thoms — 1828 — In-12.<sup>o</sup> de lv-123 paginas).

Tem já foros de «pouco vulgar» essa edição, — e cresce portanto o seu valor pecuniario quando algum exemplar fortuitamente apparece á venda, muito imhora traga augmento de materias o volume respectivo nas edições subsequentes (edições em que passou a constituir o Tom. 1 do *Romanceiro* de Garrett).

Pois é exactamente na edição-*princeps* que o Sr. Costa Goodolphim possui um exemplar do romance *Adozinda*.

E o que mais e mais lhe augmenta valor estimativo, é a dedicatoria autographa que Almeida-Garrett lhe escreveu na pagina do ante-rosto, quando fez do exemplar offerta:

*A S. Ex.<sup>a</sup> o Sr.*

*Francisco Manoel Trigoso de*

*Aragão Morato,*

*O seu discipulo Obg.<sup>do</sup>*

*O A.*

O Dr. Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato, Lente na Universidade de Coimbra, fôra effectivamente Professor de Almeida-Garrett.

No exemplar, que menciono, merece não menos notar-se uma particularidade: e vem a ser que, tendo Garrett incluído nas paginas preliminares do livro o «Romance de Bernal e Violante imitado de uma cantiga popular antiquissima e no mesmo stylo», — romance de quadras septisyllabas, em que rima o quarto verso com o segundo, — aconteceu (decerto por lapso involuntario) sahir sem rimas (em pag. xl) a seguinte quadra:

Dá signal a campa triste,

O algoz levanta o cutelo....

— «Meu senhor, mereço a morte,

(A malfadada dizia).

Foi gralha typographica, ou distracção do Poeta? *Dicant Paduani!* Só Garrett o saberia explicar, e provavelmente a ninguém deu elle explicação do caso.

Mas o que é certo é que não podia a quadra ficar assim.

Ora no exemplar, a que me refiro, vem riscada no segundo verso a palavra «*levanta*», e depois da palavra «*cutello*» vem calligraphicamente manuscrita a palavra «*afia...*», para que d'est'arte se possa ler (como effectivamente se lê nas edições ultteriores) a mencionada quadra:

Dá signal a campa triste,  
O algoz o cutello afia...  
— «Meu senhor, mereço a morte,  
(A malfadada dizia).

Seria o proprio Garrett quem, antes de offerecer o livro ao Dr. Trigo de Aragão Morato, emendaria por seu punho aquelle involuntario lapso? A lettra é muito apurada na correcção, mais apurada que a da offerta; mas a tinta apresenta em ambas a mesma côr (um tanto amarellada), e todos sabem que o Poeta dispunha de talhos diversos na sua escripta segundo a pressa maior ou menor com que escrevia, como assaz se justifica na reproducção fac-simile de varios autographos publicados por Gomes de Amorim no Tom. III do livro *Garrett — Memorias Biographicas*, livro que adeante citarei.

Eu inclino-me a que seja do proprio punho de Garrett a mencionada correcção. E tenho um argumento de pêzo, que vou apresentar.

Postô em confronto com o texto das edições subseqüentes o texto da xácara na edição *princeps*, outra differença podemos ainda notar. E vem a ser que na edição londrina a penultima quadra diz assim:

«Donzella com quem casares  
Chama-lhe tambem Violante;  
Não amará mais do que eu  
Porem será mais constante»

emtanto que logo na segunda edição, e sempre nas edições se-

guintes, traz mudado o verso final:

«Donzella com quem casares  
 Chama-lhe tambem Violante;  
 Não amará mais do que eu...  
 Mas — que seja mais constante!»

Ora se a emenda que indiquei houvesse porventura sido escripta por pessoa extranha (*v. g.* pelo dono do exemplar) depois de publicada a segunda edição da xácara, e em harmonia com a modificação da primeira quadra citada, claro está que essa tal pessoa não deixaria tambem de escrever no exemplar a mudança estabelecida pelo Poeta no derradeiro verso da outra quadra. Isto é logico e plausivel..

Insisto por conseguinte em que tudo me leva a crer, que foi Almeida-Garrett quem autographicamente alli poz a correcção no exemplar da *Adozinda*, hoje pertencente ao Sr. Costa Goodolphim, — circumstancia essa que incontestavelmente mais o valoriza.

O leitor conhece decerto, e decerto immensamente aprecia aquelle romance-xácara *Miragaia* que Almeida-Garrett compoz em quadras septisyllabas, e que no *Romanceiro* figura incorporado a contar da «Terceira edição» do Tom. 1 (Lisboa — Imprensa Nacional — 1853 — In-8.º).

Mas o que nem todos sabem é que esse lindo romancinho appareceu pela primeira vez a lume no *Jornal das Bellas Artes* (Lisboa — Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis — 1843-1844 — In-4.º), e que nessa primeira edição (chamêmos-lhe assim) o adornaram elegantes gravuras, abertas em chapa de madeira por Coelho sobre desenhos de Bordallo Pinheiro.

Com as mesmas gravuras, e antecedido por um prefacio (datado aos 24 de Janeiro de 1844), sahiu elle separadamente em folheto (edição de poucos exemplares, destinados exclusivamente para obsequiosos brindes a amigos do auctor).

Diz no frontispicio:

*Miragaia. Romance popular pelo A. de Adozinda, Bernal Francez, etc. — Illustrações dos Srs. Bordallo e Coelho.* (Lisboa — Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis — MDCCCXLIV — In-4.º de 19 paginas, resguardado por capa côr-

de-rosa (impressa) em que figura uma das quatro xylo-gravuras que adornam o texto).

D'esta especie, que não é vulgar, tenho eu na minha estante um exemplar, — e dois possui a Bibliotheca Nacional, notabilizando-se um d'esses dois pela offerta que o auctor nella inscreveu autographa :

*Lembranca do A.*

Escrepta em lettra corrida, mas lettra que incontestavelmente se reconhece de Garrett, essa dedicatoria, que nem mesmo indica o nome da pessoa a quem o exemplar se destinou, mostra tal despreocupaçãõ e tal pressa, que nem até houve cuidado ou pachorra de pôr no c a cedilha.

Costa Goodolphim possui tambem na sua livraria um volume sobremaneira curioso. É um exemplar de

*Eurico o presbytero. Quinta edição.* (Lisboa — Imprensa Nacional — In-8.º de XI-328 paginas).

Constitue essa obra o Tom. I dos tres em que se divide *O Monasticon* de Alexandre Herculano.

O exemplar do Sr. Goodolphim, já de si valioso pelo bellissimo conteúdo com que sahio dos prelos, mais valorizado ficou ainda por ter appensa, junto á guarda frontispicial, uma carta manuscripta, autographa de A. Herculano, datada em Val-de-Lobos aos 9 de Maio de 1877 e dirigida ao proprio Costa Goodolphim, carta que incerra curiosas informações de caracter historico.

Por complemento d'esta noticia, direi que no Vol. VIII do *Archivo Historico Portuguez* (Lisboa — 1910), — publicação interessantissima, de que foi fundador e continúa a ser editor o Sr. Anselmo Braamcamp Freire, meu illustre amigo, — appareceu dada a lume pelo Sr. Gomes de Brito, e por elle formosamente prefaciada e annotada, «Uma collecção de cartas de Alexandre Herculano». São quinze cartas, entre as quaes figura transcripta como remate (vid. no citado volume pag. 153 a 154) aquella que em 9 de Maio de 1877 Herculano escreveu a Costa Goodolphim (\*).

---

(\*) Pobre Costa Goodolphim! Mal pensava eu, quando no texto d'estas divagações lhe citava amoravelmente o nome, mal pensava eu que tão cedo teria de lastimar-lhe a perda!

Ao intrar no prelo esta página, tristemente commemoro que aos 6 de

A interessante memoria do Sr. Gomes de Brito appareceu depois separadamente em autonomo folheto: — *Uma Collecção de Cartas de Alexandre Herculano por Gomes de Brito* (Lisboa — Of. Tip.-Calçada do Cabra, 7 — 1910 — In-8.º de 22 pag. — Com o retrato de Herculano (phototypia em fl. áparte) — Tiragem de 21 exemplares).

Voltêmos outra vez ao inolvidavel Garrett.

Ainda o Poeta cursava as aulas de Jurisprudencia, quando na «Lusa Athenas» deu a lume a primeira edição, que já citei, d'*O Retrato de Venus*.

Sahi impresso o volume em almasso-nacional ordinario.

Mas estamparam-se alguns exemplares especiaes em papel de mais avultadas dimensões, conforme nos indica Francisco Gomes de Amorim no Tom. 1 (pag. 236) do livro *Garrett — Memorias Biographicas* (Lisboa — Imprensa Nacional — 1881-1884 — 3 tom. in-8.º — Com o retrato (em lithographia) do biographado, e varios fac-similes de sua escripta).

Diz o biographo (referindo-se a *O Retrato de Venus*):

«A impressão foi feita á custa do livreiro Jacques Orcel, recebendo o auctor apenas alguns exemplares, em maior formato, para dar aos seus amigos. Nenhuma outra paga teve pelo manuscrito».

Ora um d'esses exemplares especiaes em papel de mais largas dimensões (e é isso o que o biographo pretendia inculcar na sua incorrecta expressão «maior formato»), um d'esses exemplares especiaes em papel de mais avultadas dimensões e mais delicada contextura, tive eu a fortuna de adquiril-o em Junho de 1899 no espolio do Contador da Imprensa Nacional de Lisboa, Francisco Angelo de Almeida Pereira e Sousa, e constituia elle no respectivo Catálogo impresso o lote N.º 10.

Dizia o Catálogo, em referencia ao exemplar: — «*Com dedicatória autographa do autor á Ill.ª S.ª D. Christina Elysa...* (Procuraram occultar o nome, e o appellido foi muito raspado)».

Effectivamente algum dos possuidores, por cujas mãos o exemplar passou, teve o mau-gôsto de riscallar com tinta o nome *Christina Elysa* (que ainda se consegue ler, imhora com diffi-

---

Dezembro de 1910 se apagou de vez o luminoso espirito d'aquelle meu boudoso amigo. Os seus restos mortacs ficaram depositados no jazigo municipal do Cemiterio do Alto de San'-João (em Lisboa).

culdade) e brutalmente raspar a canivete o appellido (por fórma que ficou totalmente illegivel)!

Quem sería aquella dama que, nos seus tempos de moço, o Garrett brindou? Inda até hoje não logrei averiguá-lo, nem talvez o alcance nunca.

Mas, abaixo da dedicatoria, ficou felizmente poupada a calligraphica assignatura

*JB. S. L. A. Garrett*

e com isso me dou já por satisfeito, muito satisfeito, para ter na conta de preciosa a minha aquisição.

O exemplar torna-se tanto mais digno de estima, quanto é certo que entre nós naquelle tempo (no tempo em que Almeida-Garrett usava ainda os appellidos «Silva Leitão») pouco vulgarizado estava o costume de inscrever nos livros offerecidos dedicatorias manuscriptas.

No meio de tudo isto, deixem-me aventurar uma conjectura, conjectura meramente gratuita, conjectura absolutamente hypothetica, mas evidentemente plausivel e até mesmo provavel: — talvez aquella mysteriosa *Christina Elysa*..... (cujo appellido ficou estupidamente apagado no meu exemplar d'*O Retrato de Venus*) seja a mesma «Elysa» a quem o Poeta dedica numa «Epistola» (escripta em Campolide aos 11 de Agosto de 1827) o seu lindo poemeto *Adozinda*, — a mesma Elysa com quem Almeida-Garrett inlaçou estreitissimas relações, não de amor, mas de cordial amizade, como se deduz claramente dos versos que ora aqui transcrevo colhidos na referida Epistola.

Repare-se bem no que o Poeta diz:

«Tua meiga companhia  
É doce, Elysa; e sempre na minha alma  
Foi teu brando fallar — e quantas vezes! —  
Celeste orvalho que abrandou a calma  
De paixões, que adoçou o agro a revezes:  
Porêm a minha solidão querida  
De vez em quando, lá quando alma o pede,  
Oh! não m'a tirem que é tirar-me a vida.

«Agora conversemos: eu ignoro  
A arte das vans palavras que bem soam;  
Oíço-as, e não demoro  
No ouvido os sons, que de per si se escoam.  
O sol declina; temos largamente

Hoje philosophado.  
 Na viva flor da idade e da saude  
 Nem de todos seria acreditado  
 Que tam suavemente  
 Em austeras conversas de virtude  
 Nos fosse o tempo. — Crê-me, Elysa amavel,  
 Tem muito mais prazeres a amizade  
 E mais doces que amor:  
 Para todos os sexos, toda a idade,  
 Em todo o tempo a mesma, seiapre affavel,  
 Sem o cancro roedor  
 Do ciume voraz, que no mais puro  
 D'amor, no mais seguro  
 Suas raizes venenosas lança,  
 E co'a mais branda flor  
 Seus mordentes espinhos lhes entrança».

Francisco Gomes de Amorim, no Tom. I (pag. 441 a 442) do livro que já citei (*Garrett — Memorias Biographicas*), pretende inculcar-nos que a «Elysa» de Campolide era a propria esposa do Poeta (D. Luiza Candida Midosi).

Diz elle:

«Como os patriotas antigos, João Baptista punha a patria primeiro que a familia. Casado havia seis annos, passára esse tempo em lucta com a adversidade, por causa do seu patriotismo. O exilio, a deportação, o carcere, as mais cruéis perseguições tinham sido até ali o premio do seu amor á liberdade. Essa vida de combate, cortada de perseguições e miserias, devia ser pouco grata a sua mulher, joven, formosissima, que tinha sonhado prosperidades e delicias, unindo os seus destinos aos do homem já tão assignalado por obras de extraordinario talento. A pobreza com as suas constantes necessidades é pouco propicia á felicidade conjugal. Por mais amor que se tenha no coração, ella azedará insensivelmente o character, e substituirá em breve nas almas grosseiras os mais suaves sentimentos por ondas de fel e vinagre.

«Felizmente, nem João Baptista nem D. Luiza padeciam d'essa baixaza. Com quanto um fosse de gôstos e delicadeza infinitamente superiores á outra, não tinham chegado ainda áquelle grau de incompatibilidade que oito annos depois os forçou a separarem-se para sempre. Mas o impeto apaixonado dos primeiros tempos não podéra resistir a separações tão repetidas e a tribulações tão continuadas. O vento do infortunio soprará com

demasiada violencia o fogo sagrado, e consumira o combustivel de que elle se alimentava. . .

«Parece que outro sentimento, menos apaixonado, a amisade, substituirá nas duas almas o primeiro affecto. E alguém me confirmou que foram consagrados a sua mulher, apesar da declaração que o poeta faz em contrario (\*), os seguintes versos de introdução á *Adozinda*».

E Amorim transcreve um largo trecho dos versos que citei.

Por minha parte, discordo completamente da supposição enunciada pelo biographo no último paragrapho supra-transcripto. E fortaleço-me com a declaração de Garrett, lançada (em pag. xxiii a xxiv) na «Carta» a Duarte Lessa, carta escripta de Londres em 14 de Agosto de 1828 e preposta ao romance *Adozinda* na sua primeira edição.

Referindo-se, nessa carta, aos «romances populares portuguezes» que principiára a colligir quando emigrado, — escreve Garrett:

«Estava então eu fóra de Portugal; estimulou-me a leitura dos muitos ensaios estrangeiros que em materias quasi similhantes encontrava todos os dias em Inglaterra e França, mas principalmente em Allemanha. Uma estimavel senhora de minha particular amizade — a quem é dirigida, por uma especie de retribuição agradecida, a introdução do presente romance — foi quem se incumbiu a rogar meus de procurar em Portugal algumas cópias d'estes romances populares».

E no Tom. I do *Romanceiro e Cancioneiro Geral por J. B. de Almeida-Garrett* (Lisboa — Typ. da Soc. Propagadora dos Conhecimentos Uteis — 1843 — In-8.º de xxiii-216 pag.) — volume em que o romance *Adozinda* entra por segunda edição — Garrett corrigindo nalguns pontos (como elle proprio confessa) a redacção da «Carta» a Duarte Lessa, apresenta-nos assim modificado o trecho que acima transcrevi:

«Estava então eu fóra de Portugal: estimulava-me a leitura dos muitos insaios estrangeiros que n'esse genero iam apparecendo todos os dias em Inglaterra e França, mas principalmente em Allemanha. Uma estimavel e joven senhora de minha par-

---

(\*) «Uma estimavel e joven senhora de minha particular amisade, a quem por agradecida retribuição é dirigida a introdução do presente romance». — *Romanceiro*, tom. I, pag. 16, 1843. (Nota de Gomes de Amorim).

tiacular amizade — a quem por agradecida retribuição é dirigida a introdução do presente romance — foi quem se incumbiu de me procurar em Portugal algumas cópias das xacaras e lendas populares».

Referindo-se a D. Luiza Midosi, eu não creio que Almeida-Garrett escrevesse por aquelle modo em 1828 e muito menos em 1843. Sinto-me persuadidissimo de que a «Elysa» do passeio em Campolide não era a esposa do Poeta, e confesso-me propenso a crer nessa «Elysa» a mesma dama a quem Garrett offereceu por dádiva o exemplar especial, que eu hoje tenho em minhas mãos, d'O *Retrato de Venus*.

Passêmos agora a falar do Visconde Antonio Feliciano de Castilho, d'esse esmerado escriptor, publicista assombroso, e não menos assombroso poeta, carinhoso pedagogo, dedicadissimo apostolo da instrucção e da educação, — astro luminoso que, juntamente com Garrett e com Herculano, veio a formar em gloriosa triade a mais brilhante constellação com que no terço médio do seculo xix deslumbrantemente se insuberebeceu a litteratura portugueza.

Antonio Feliciano de Castilho não costumava escrever o seu nome nos volumes da sua opulenta livreria, opulenta pelo número das especies bibliacas, opulenta pela importancia das obras que lhe povoavam as estantes.

A enfermidade, que desde pequenito lhe tollêra quasi completamente a visão, não lhe permittia marcar por seu punho os livros da sua bibliotheca. Eram geralmente pessoas de familia, ou amigos, ou secretarios, quem nesses livros inscrevia a marcação bibliotheconomica.

Mas alguma vez acontecia inriquecerem-se os frontispicios com a chancela fac-simile da sua assignatura autographa

*A. F. Castilho*

chancela que seu filho primogenito, o Sr. Visconde Julio de Castilho, ainda hoje religiosamente conserva entre preciosas recordações de familia.

E tres livros tenho eu, com singular carinho arrecadados, em cujos frontispicios aquelle fac-simile se firmou, — tres livros que devo á generosa dádiva do meu amigo Visconde Julio.

Um dos tres é o

*Epicedio na sentida morte da Augustissima Senhora D. Maria I. Rainha Fidelissima. Offerecido a Seu Augustissimo Filho*

*D. João VI. Nosso Senhor. Por seu author Antonio Feliciano de Castilho, Estudante de Eloquencia, e Poesia no Real Estabelecimento do Bairro Alto em Lisboa.* (Lisboa — Na Impressão Regia — 1816 — In-4.º de viii-23 paginas — Com uma estampa (fl. áparte) que em rarissimos exemplares apparece, chalcogravura aberta por C. Fontes sobre desenho de Jeronymo Corrêa Lage, na qual se figura um catafalco funebre com allegorias á memoria da finada Rainha).

Outro dos tres que me foram dados, com a chancella *A. F. Castilho* no frontispicio, intitula-se

*Fabulas por Joaquim José Teixeira* (Rio de Janeiro — Typ. Episcopal de Antonio Gonçalves Guimarães & C.<sup>a</sup> — 1864 — In-4.º de vii-167 paginas — Com o retrato do auctor, lithographado em fl. áparte).

Este exemplar das *Fabulas* traz no ante-rosto a dedicatória autographa do fabulista ao brindado Antonio Feliciano de Castilho, — e numa das guardas brancas manuscripta e assignada por Julio de Castilho a offerta com que em 1883 lhe aprouve indossar-me o livro.

Finalmente apontarei ainda entre as especies de que sou possuidor, firmadas com a chancella de Castilho, a *Arte de amar* (traducção do original ovidiano pelo mais insigne dos seus interpretes):

*Arte de amar de Publio Ovidio Nasão. Traducção em numero equal de versos inderessada exclusivamente aos homens feitos e estudiosos das letras classicas por Antonio Feliciano de Castilho.* (Rio de Janeiro — Typographia Universal de Laemmert — 1861-1862 — 3 tom. in 8.º de xxxix-142-317-327 paginas, destinados os dois derradeiros tomos á «Grinalda da Arte de amar» por José Feliciano de Castilho).

Acompanhada pelo texto latino, a traducção portugueza é toda em alexandrinos.

O exemplar que d'esta publicação tenho a fortuna de possuir (edição pouco vulgar em Portugal, porque no Brasil se consumiu quasi toda) pertenceu á Livraria do eximio traductor, cuja assignatura (por chancella fac-simile) figura no ante-rosto do Tom. I, tem no mesmo tomo, por lettra do Sr. Visconde Julio de Castilho, a seguinte declaração (em que se lhe autentica a procedencia e ao mesmo tempo se lhe aponta a considerabilissima valia):

*Exemplar precioso por ter algumas emendas (a maior parte typographicas, mas muitas litterarias) mandadas fazer em tempo pelo proprio Castilho.*

Quinta de S. Bento — Olivenas — 5 de Fevereiro de 1882.

J. de Castilho.

E, logo abaixo, a seguinte dedicatoria do offerente:

*Ao meu querido amigo Xavier da Cunha.*

5 de Fevereiro de 1882.

Julio de Castilho.

O Visconde Antonio Feliciano de Castilho que por numerosos titulos (segundo fica indicado) se immortalizou nas letras, como egregio productor de labores originaes, e a quem merecidamente cabe o cognome de «Ovidio Portuguez» porque não menos se immortalizou nacionalizando as obras do desterrado do Ponto, deixou-nos d'este publicadas, além da traducção da *Arte de amar*, as tres seguintes versões:

*As Metamorphoses de Publio Ovidio Nasão. Poema em quinze livros, vertido em portuguez por Antonio Feliciano de Castilho . . . . . Tomo I. (Lisboa — Na Imprensa Nacional — 1841 — In-8.º de XLVI 315 paginas).*

Abrange este 1.º tomo (unico publicado) a traducção, em versos decassylabos brancos, dos cinco primeiros livros d'*As Metamorphoses*, antecedida por um longo «Prologo» do traductor e seguida por «Notas» do mesmo.

O meu exemplar, que pertenceu ao illustre litterato André Joaquim Ramalho de Sousa, traz no ante-rosto a dedicatoria manuscripta que o traductor lhe mandou pôr, subscrevendo-a autographicamente com a assignatura — *Castilho*.

*Os Amores de P. Ovidio Nasão. Traducção paraphrastica (inderessada exclusivamente aos homens feitos e estudiosos das letras classicas) por Antonio Feliciano de Castilho. (Rio de Janeiro — Typ. de B. X. Pinto de Sousa — 1858 — 3 tom. in-4.º de 119-102-103 paginas, com o retrato do traductor (lithographia em fl. áparte), seguidos por 8 tom. in 4.º que abrangem ao todo (em seguida numeração) 784 paginas, e que incerram «A Grinalda Ovidiana, appendice á paraphrase dos Amores, por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha»).*

A traducção paraphrastica d'*Os Amores*, executada em versos

de metro variadissimo, constitue a mais notavel e a mais primorosa versão que de Ovidio se tem publicado. Um assombro!

*Os Fastos de Publio Ovidio Nasão com traducção em verso portuguez por Antonio Feliciano de Castilho seguidos de copiosas annotações por quasi todos os escriptores portuguezes contemporaneos.* (Lisboa—Na Imprensa da Academia Real das Sciencias — MDCCCLXII — 3 tom. in-8.º de CXLII-612 (aliás, 611) 666-630 paginas), com 2 fls. desdobraveis (lithographadas) no decurso do Tom. 1).

Formada por decasyllabos brancos, a traducção portugueza estampou-se acompanhada (pagina a pagina) pelo texto original do latim ovidiano.

Entre os 106 annotadores do texto figuraram cinco escriptores que a Bibliotheca Nacional de Lisboa com justo orgulho contou entre seus benemeritos funcionarios:

Antonio José Viale, auctor das notas «Advento de Saturno á Italia» e «Februas»;

Francisco Martins de Andrade, auctor da nota «Dinheiro em Roma» (e redactor de mais duas importantissimas que indevidamente figuram na obra em nome d'outrem, — d'outrem que não hesitou em apavonar-se com luxuosas pennas imprestadas!);

José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, auctor das notas «Desterro de Ovidio», «O amor», e «Venus»;

José Ramos-Coelho, auctor da nota «O juizo de Páris»;  
e José da Silva Mendes Leal, auctor da nota «Fastos».

Na minha collecção de obras publicadas por Antonio Feliciano de Castilho, sou tambem possuidor de alguns exemplares abrilhantados por dedicatorias manuscriptas, em que figura a assignatura autographa d'aquelle excelso Poeta, — exemplares de que devo alguns a dadas de seu filho primogenito (o Sr. Visconde Julio de Castilho) e outros ao feliz acaso de os ter á venda incontrado em leilões ou nos bazares dos alfarrabistas, — preciosos sobremodo taes exemplares pela circumstancia que indico de os adornar e de os inriquecer a mencionada assignatura.

A «Livraria Moderna» (estabelecida em Lisboa na Rua Augusta), depois de publicar duas edições das «Obras completas» de Almeida-Garrett, aventurou-se ultimamente (e bem haja por isso!) a uma impresa analoga com respeito ás «Obras completas» de A. F. de Castilho. Nesse imprehendimento não faz o dono

da «Livraria Moderna» senão prestar aos estudiosos e aos amadores das boas-lettras um relevantissimo serviço, já porque na collecção abundam preciosidades ineditas, e já porque grande número das anteriormente publicadas andavam por tal modo escassas no mercado que de algumas se tornava quasi impossivel adquirir um exemplar.

É o que acontecia com o

*Presbyterio da Montanha. Por Antonio Feliciano de Castilho.* (Lisboa — Typographia Lusitana — 1846 — In-4.º de 104 paginas).

Esse volume constituia o Tom. II de uma projectada edição das «Obras de Antonio Feliciano de Castilho» — edição de que só chegaram a publicar-se completos o Tom. I (*Excavações Poeticas* — Lisboa — Typographia Lusitana — 1844 — In-8.º de 294 pag.) e o Tom. III (*Mil e um Mystérios, romance dos romances* — Lisboa — Typographia Lusitana — 1845 — In-8.º de VII-288 paginas, que abrange apenas o 1.º tomo do romance).

Ora aquelle Tom. II das «Obras», — tomo que ficou incompleto, pois d'elle apenas o «Preambulo» se chegou a estampar, — tornou-se (não sei porquê) uma especie tão rara, que difficilmente se lograva d'elle encontrar um só exemplar que fôsse; e, quando algum exemplar se descobria por feliz acaso (*rara avis in terris*), nesse tal exemplar vinha truncado ou incompleto o proprio «Preambulo» (incompleto é, por exemplo, aquelle que pertence á Bibliotheca Nacional de Lisboa, e que não passa infelizmente da pag. 88).

Fiquei portanto assombrado, assombradissimo, quando (ha poucos annos) se me deparou na Livraria-Coelho (da Rua Augusta) um exemplar que immediatamente adquiri do *Presbyterio da Montanha*, exemplar completo (quer dizer: com todo o «Preambulo», e constituido pois pelas 104 paginas em que ficou interrompida a impressão).

Mas o que ha de singular, de singularissimo, de preciosissimo, no exemplar que adquiri, — além da sua raridade, — é a circumstancia de mostrar escripta no frontispicio a assignatura autographa da sua primeira possuidora

*Maria Peregrina.*

Aquelle exemplar, que eu tive a fortuna de por acaso alcançar, é precisamente o mesmo com que Antonio Feliciano de Castilho havia em tempos presenteado a illustre escriptora D. Maria Peregrina de Sousa.

O Sr. Visconde Julio de Castilho, fazendo incluir na collecção

das «Obras» de seu glorioso pae, dadas a lume pelo proprietario da «Livraria Moderna», juntou em os dois volumes que nessa nova edição abrange *O Presbyterio da Montanha* (Lisboa — 1905) a parte que já em 1846 se imprimira e os trechos poeticos que, pertencentes á obra, elle encontrou entre os manuscritos do «Ovidio Portuguez», trechos absolutamente ineditos e delicadamente repassados d'aquelle mimoso perfume por que se caracterizam producções litterarias de tal auctor.

Esses dois volumes, modernamente publicados, foi o Sr. Visconde Julio quem os fez preceder de um prefacio («Advertencia dos Editores» lhe chamou, apezar de ser elle quem o escreveu), — prefacio que se inicia por esta curiosa informação:

«Em 1846 principiou Castilho a colligir, entre os seus manuscritos antigos, alguns dos que lhe tinham nascido na estudiosa solidão de mais de sete annos de homisio na serra do Caramulo. A esses manuscritos, que ia publicar com o titulo de *O Presbyterio da montanha*, escreveu um prologo extenso, descriptivo, altamente pittoresco, onde, a dóze annos de distancia, desafogou as lembranças d'aquelles logares, e as saudades de um irmão, o melhor dos irmãos, o já então fallecido Abbade de S. Mamede da Castanheira do Vouga, no Bispado de Aveiro. O prologo concluiu-se, imprimiu-se na sua maxima parte, mas não chegou a publicar-se.

«O natural desleixo do Poeta a respeito do que era seu, as vicissitudes da sua atormentada vida, a sahida para S. Miguel, e outras causas, fizeram com que as folhas impressas se sumissem, nem sabemos dizer como; e os pouquissimos exemplares que existem, e se apontam a dedo, são hoje considerados especies bibliographicas de primeira raridade.

«Castilho possuia um, que vimos, e desapareceu; a Bibliotheca Nacional de Lisboa possui outro; o distinto colleccionador, e escritor, o snr. Annibal Fernandes Thomaz, outro; a fallecida snr.<sup>a</sup> D. Peregrina de Sousa, poetisa portuense, possuia outro, que parece ter levado caminho; Innocencia, no Tomo I do Supplemento do seu immortal *Diccionario*, não declara se era dono de algum; menciona a obra, apenas.

«Quanto á parte poetica do livro projectado, essa, não impressa, desapareceu em parte. Só algumas poucas peças encontrámos, umas inteiras, outras incompletas; materiaes truncados da collecção. Salvando esses versos, cumprimos um dever moral, e outro literario».

Depois d'estas curiosas informações, que por curiosas transcrevi adrede, só me resta dizer que o exemplar de que fiz aquisição, authenticado pela assignatura autographa da poetiza a quem fôra offerecido, ficou mil vezes valorizado por esse facto, — muito imborna em contradicção com a paradoxal doutrina de Harold Klett.

Se me permitem que entre novamente nestas paginas o nome de Camillo Castello Branco. . . . outro livro mencionarei agora que tambem no leilão da sua bibliotheca adquiri em 1883.

É (numa edição de 250 exemplares) o Exemplar N.º 102 de *Blondes et Brunes par Charles Diguët*. (Paris — Imprimerie Jouaust — M DCCC LXVI — In-18.º de III-134 paginas — Com o retrato do auctor, agua-forte de H. Grenaud em fl. áparte).

No pé da pagina frontispicial d'este exemplar, lê-se escripto pelo seu dono primitivo o nome

*C. Castello Branco.*

E no ante-rostto, por letra tambem do famoso romancista, e por elle rubricada, a seguinte nota ácêrca dos versos comprehendidos no volume :

*«Refinada mas gentil sensualidade. Não recorre ao termo obsceno para exprimir a vibração da fibra, a carnalidade na sua maior nudeza e febre. É uma flor que desabrochou d'entre as ruínas da alma. Prende com Ovidio pela corrupção das duas epocas».*

Seja qual fôr o acre feito das criticas com que possam por certos leitores ser avaliados os versos de Carlos Diguët, — eu, por meu lado, tenho a coragem de confessar que me sinto d'elles incondicionalmente admirador. Mas confessarei outrosim que no meu exemplar cresce e recresce o valor da obra pelos autographos que nelle o Camillo inscreveu.

Tambem não quero deixar de citar um livro que em 1863 comprei na já citada Livraria-Rodrigues (da Rua do Ouro):

*La vie à vingt ans par Alexandre Dumas fils — Nouvelle édition.* (Paris — Michel Levy frères, Libraires-éditeurs — 1858 — In-18.º de 3-320 paginas).

Falta no exemplar a folha do ante-rostto (em cujo reverso talvez estivesse a indicação da officina typographica): é portanto um exemplar truncado sob o ponto-de-vista bibliographico.

Porque fui eu então comprál-o? por trazer no frontispicio a assignatura autographa da sua primitiva possuidora

*Anna Augusta Placido*  
1861

D. Anna Augusta Placido,— que, annos depois, veiu a casar em segundas nupcias com o romancista Camillo Castello Branco, e teve por esse factio o titulo de Viscondessa de Correia-Botelho, — é a talentosa auctora de um livro de contos, narrativas, e meditações, intitulado

*Luz coada por ferros.* (Lisboa — (Sem indicação de officina typographica) — 1863 — In-8.º de xv-211 paginas — Com retrato photographico da auctora (em fl. áparte), e uma «Introdução» por Julio Cesar Machado, aquelle sympathico e sandoso Julio que tão feliz merecia viver e tão desditosamente finalizou seus dias).

Falei de uma escriptura portugueza. De uma poetiza ingleza falarei agora, intercalando referencias a outra escriptora e a outra poetiza (ambas do nosso paiz).

Amelia Alderson que nasceu em Norwich em 1769, e que em 1798 se matrimoniou com o pintor João Opie (notavel pintor de retratos e de quadros historicos), publicou depois de casada, sob o nome de «*Mistress Opie*», várias composições em verso e prosa.

Grande número das suas produções poeticas appareceram á luz em 1802 sob o simplicissimo titulo de *Poems by Mrs. Opie*, — livro que em 1808 contava já cinco edições.

Foi por essa occasião que ella travou conhecimento na Inglaterra com uma das nossas mais eruditas poetizas — a célebre «*Aleippe*» — de quem a Senhora D. Olga Moraes Sarmento da Silveira deu noticias ineditas num livro encantador, verdadeiramente encantador, que traz no frontispicio estes dizeres:

*Olga Moraes Sarmento da Silveira — Mulheres illustres — A Marqueza de Alorna (Sua influencia na sociedade portugueza). 1750-1839.* (Lisboa — Typographia do Anuario Commercial — 1907 — In-8.º de xix-137 paginas — Com photo-gravuras numerosas, figurando entre ellas varios retratos, e entre esses retratos o da gentil biographa (em fl. áparte) e o da gentil biographada).

O livro é dedicado á Senhora Marqueza de Fronteira e de Alorna (D. Maria de Mascarenhas Barreto), á Senhora D. Ca-

rolina Michaëlis de Vasconcellos, ao Sr. Dr. Theophilo Braga (que antecede a obra com uma «Carta-Prefacio»), e ao obscuro coordenador das presentes linhas.

Foi esse obscurissimo coordenador quem, apresentando na Academia das Sciencias de Portugal o mencionado livro, teve a honra de propôr como Vogal a talentosa escriptora que tão formosas paginas produziu; e sobre essa proposta votou affirmativamente por unanimidade a Assembléa Geral da Academia, orgulhosa de poder associar aos seus trabalhos aquella distinctissima dama. Ella e a Senhora D. Domitilla de Carvalho, — que tambem na mesma noite, sobre minha proposta, foi unanimemente eleita Vogal do mencionado instituto, — constituem para este dois titulos de gloria, duas viçosas grinaldas de flores odoríferas a imbellezarem e perfumarem os labores das respectivas sessões.

Muito sympathica e muito insinuante (como affirmam seus biographos) não admira que a talentosa Amelia encontrasse na Condessa de Oeynhausen (futura Marquiza de Alorna) uma admiradora, e talvez porventura uma confidente.

Do gratissimo inlêvo que Alcippe sentiu pella filha do Dr. Alderson resta-nos documento comprovativo nuns versos que (em pag. 331) nos deixa ler o Tom. II das

*Obras poeticas de D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastré, Marquiza d'Alorna, Condessa d'Assumar, e d'Oeynhausen, conhecida entre os Poetas Portuguezes pelo nome de Alcipe.* (Lisboa — Na Imprensa Nacional — 1844 — 6 tom. in-8.º — Com o retrato da auctora, lithographado (em fl. áparte) por Sendim (cópia de pintura executada em 1781), e acompanhado pelo facsimile da assignatura da Condessa.

Diz assim a composição a que me refiro :

*Imitação livre  
de uma cantiga ingleza de Mrs. Opie*

Bem que tão longo e terno amor nos ata,  
Separar-nos, dever altivo ordena;  
Mas, se lavra teu peito angustia e pena,  
Dor mais acerba, mais cruel me mata.

É mudo o meu pezar, o teu discorre;  
O depósito triste tocar temo:  
Tu buscas gente; eu solitaria gemo;  
Chorar não sei, porêem teu pranto corre.

Por mais votos que a tua bocca faça,  
 Na minha alma o tormento é mais duravel :  
 Rapida vai torrente vadeavel,  
 Sombrio e lento um vasto rio passa.

Os versos no original inglez apresentam-se d'est'arte (e por esse original se pode verificar quanto d'elle andou liberrimamente emancipada a poetiza portugueza na sua «imitação»):

## SONG

*Go, youth beloved, to distant glades,  
 New friends, new hopes, new joys to find!  
 Yet sometimes deign, midzt fairer maids,  
 To think on her thou leav'st behind.  
 Thy love, thy fate, dear youth, to share  
 Must never be my happy lot;  
 But thou mayst grant this humble prayer,  
 Forget me not! forget me not!*

*Yet, should the thought of my distress  
 Too painful to thy feelings be,  
 Heed not the wish I now express,  
 Nor ever deign to think on me:  
 But, oh! if grief thy steps attend,  
 If want, if sickness be thy lot,  
 And thy require a soothing friend,  
 Forget me not! forget me not!*

E sabem o que uma vez incontrei á venda num pobre alfarabista da Travessa do Conde de Soure? — O exemplar com que, dos seus versos, a poetiza ingleza tinha em tempos brindado a poetiza portugueza:

*Poems by Mrs. Opie — The fifth edition* (London — Richard Taylor and Co. — 1808 — In-12.º de 188 paginas — Com uma gravura de Reynolds, em fl. áparte).

Esse precioso exemplar, que ainda conserva a sua incadernação primitiva, e que eu arrecado com singular carinho, tem numa das guardas deanteiras a seguinte inscripção pelo punho da talentosa poetiza e novellista:

*A Madame  
 La Comtesse Oyenhausen  
 de la part de l'auteur —*

Vejam lá se por esse autographo não devo eu sobremaneira estimar e apreciar uma especie, que o puro Acaso me deparou na réles espelunca de um réles alfarrabista, — o puro «Acaso» que nestas circumstancias e em outras analogas eu julgo dever escrever-se com inicial maiuscula, por ser elle frequentemente a divindade padroeira dos bibliophilos!

Apropósito, seja me licita uma observação: aquella dedicatória em francez suggere-me a desconfiança de que entre as duas poetizas a conversação habitual se realizaria na lingua franceza.

Toda a gente sabe que em principios do seculo XIX era escassamente cultivada em Portugal a prática da lingua ingleza; o proprio francez, não havia muito quem o intendesse, e pouquissimo havia quem o falasse.

A Condessa de Oyenhausen, illustradissima como todos a reconhecem, manejava o francez, o inglez, o allemão, o castelhano, o italiano, e o proprio latim. Quer-me entretanto parecer que a sua leitura predilecta, além dos livros portuguezes, seria a dos livros francezes.

Em abono do que penso, me está lembrando agora o que refere Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, quando se occupa de Alcippe no artigo que lhe consagra em o Vol. II (pag. 26 a 28) do seguinte periodico:

*A Illustração. Jornal universal.* (Lisboa — Imprensa Nacional — 1845-1846 — 2 vol. in-folio de 208-104 paginas (ao todo) — Com gravuras em madeira).

Nesse artigo, acompanhado pelo retrato e pelo fac-simile da assignatura da Condessa de Oeynhausen, — artigo que se intitula «Apontamentos para a biographia da Sr.<sup>a</sup> D. Leonor d'Almeida Marquiza d'Alorna», — Teixeira de Vasconcellos conta-nos que, estando a joven Alcippe (muito joven ainda) inclausurada no Convento de Chellas (ao passo que o Marquez de Alorna, seu pae, gemia nos carceres do Forte da Junqueira) e sendo tratada rigorosamente pelo Arcebispo de Lacedemonia, o qual se obstinava em obrigal-a a cortar os cabellos e uma vez a ameaçara de participar ao Marquez de Pombal sua desobediencia, ella intrepidamente (apezar dos seus tenros annos) lhe respondêra:

*Le cœur d'Eléonore est trop noble et trop franc  
Pour craindre ou respecter le bourreau de son sang.*

Vinte e tres annos depois de publicado o artigo nas columnas d'*A Illustração*, appareceu elle outra vez, mas consideravelmente

augmentado em minucias da narrativa, appareceu elle outra vez (de pag. 115 a pag. 159) no livro

*Glorias Portuguezas por A. A. Teixeira de Vasconcellos. Tomo I.* (Lisboa — Typographia Portugueza — MDCCLXIX — In-8.º de XVI-159 paginas).

Esse Tom. I (unico publicado) abrange, além de uma «Advertencia» e um «Preambulo» do auctor, as biographias de Silvestre Pinheiro Ferreira, José Corrêa de Serra, Duque de Lafões (D. João), e Marqueza de Alorna.

Nesta última noticia (que traz por titulo «D. Leonor de Almeida, Marqueza de Alorna, Condessa de Assumar e de Oeynhausens») vem reproduzida (mas com augmento de particularidades) a tempestuosa entrevista da joven Alcippe com o Arcebispo de Lacedemonia na grade do Convento de Chellas.

Lá reapparecem nessa narrativa citados os dois versos francezes que D. Leonor de Almeida corajosamente apropriára, afrontando altiva as ameaças do seu irritado interlocutor e a perigosa omnipotencia do despotico Marquez de Pombal.

Do episodio faz tambem picturesca menção a illustre e talentosa escriptora D. Olga Moraes Sarmiento da Silveira no formoso livro que antecedentemente citei.

Mas a narrativa do caso appareceu pela primeira vez na «Noticia biographica da Excellentissima Senhora D. Leonor d'Almeida, Marqueza d'Alorna, Condessa de Assumar, e de Oeynhausens», — noticia anonymamente publicada, em paginas preliminares, no Tom. I das *Obras Poeticas* de Alcippe supra-mencionadas (Lisboa — 1844). E, porque mui curiosa considero tal narrativa, aqui textualmente vou transcrevê-la do referido tomo.

Diz o anonymo biographo :

«Estavam naquelle tempo muito em moda os chamados *Outeiros*, pela Corte, e particularmente nos Conventos: e, além dos Socios da Arcadia, havia muitos e bons Poetas, entre os quaes se distinguia Francisco Manoel do Nascimento, com o nome de Filinto Elysio. Este e os seus amigos começaram a encaminhar-se para Chellas, repetindo ahi os seus versos, e pedindo motes ás Freiras, esperando nessas occasiões encontrar esta Senhora (\*), e ouvi-la nalguma *Grade*.

«Com effeito appareceo, brilhou, e confundio alguns dos seus

---

(\*) D. Leonor de Almeida.

admiradores. Data dahi o nome de *Alcippe*, com que elles a celebraram, e com que ficou sendo conhecida entre os Poetas Portuguezes; assim como pelo de *Daphne* sua irmã a Senhora D. Maria d'Almeida, que foi depois Condessa da Ribeira. E data desse tempo o que lhe aconteceu com o Arcebispo de Lacedemonia, por ordem do qual esteve dois annos reclusa na sua cella, não podendo sair senão por sua ordem e chamamento, para vir fallar-lhe á *Grade*.

«Era uso permittido e tolerado em todos os Conventos, quando alguma Senhora, Freira ou Secular, se achava gravemente enferma, e a queria visitar um parente sem suspeita, como pae, irmão, ou filho, tomar este o logar de um dos criados do Convento, e conduzir á cella da Senhora enferma qualquer cousa que por outra pessoa não pudesse ser levada.

«Achava-se a Senhora Marqueza mãe (\*) muito doente, e vinha para fallar-lhe seu filho, depois Marquez D. Pedro. Sua filha veio á Portaria, e, achando alli o aguadeiro com o barril, fez com que seu irmão o tomasse ás costas, e assim fosse dar essa consolação a sua mãe. Mas, como esta Senhora era uma *presa d'Estado*, fez isto grande impressão, e foi denunciado ao Arcebispo. Veio este fazer-lhe um grande sermão sobre o rompimento da clausura, obrigou-a a não sair da sua cella, e determinou-lhe que cortasse os cabellos e vestisse de cor honesta.

«Como a cella de Alcippe se communicava por dentro com a de sua mãe, obedeceo ella em quanto á sua reclusão; mas, no mais, duvidou obedecer, por isso mesmo que a ninguem de fóra do Convento apparecia. Passados poucos dias, voltou o Arcebispo a ver se era obedecido. Chamada Alcippe á *Grade*, appareceu no seu costume antigo. — Não lhe disse eu que vestisse de cor honesta? (lhe disse o Arcebispo). Não lhe disse eu que cortasse os seus cabellos? — Como não sou Religiosa (lhe respondeu Alcippe), só de meu pae ou de minha mãe posso receber uma tal ordem. — Deixe estar, que eu direi ao *Senhor Marquez* a sua desobediencia. — A meu pae? — Não me falle em seu pae: do senhor Marquez de Pombal é que eu lhe fallo. Ao que Alcippe retorquiu com todo o valor que dá a consciencia da propria dignidade, repetindo-lhe dois versos, que

---

(\*) Marqueza de Alorna, D. Leonor de Lorena, mãe de Alcippe.

então muito a proposito lhe occorreram, de uma tragedia de Corneille:

*Le cœur d'Eléonore est trop noble et trop franc  
Pour craindre ou respecter le bourreau de son sang.*

«E, ainda que o Arcebispo não gostasse muito da lembrança, contudo respondeo-lhe: — Está bem, está bem. Como não ha de sair desta clausura, tanto importa que ande vestida de preto, como de encarnado».

Aquelles dois versos, subitamente disparados num inspirado assomo de brilhante repentismo e audaz independencia, attestam per si, attestam-nos de sobra, o vasto e profundo conhecimento que D. Leonor, já desde menina, possuia da litteratura franceza.

Mas ha mais. Aquelles dois versos, que não são textualmente os que Pedro Corneille põe na bocca da princeza Pulcheria (filha do Imperador Mauricio) quando esta nos apparece em dialogo violento com o Imperador Phocas na tragedia *Héraclius* (Acto I, scena 2.<sup>a</sup>), — aquelles dois versos com que D. Leonor de Almeida altivamente objurgou as ameaças do Arcebispo, — mais e mais despertam a nossa admiração, por isso mesmo que representam, na repentina alteração do improviso, adaptada e mui conceituosa resposta. Os dois versos da tragedia cornelianiana diziam assim no texto original:

*Le cœur de Pulchérie est trop haut et trop franc  
Pour craindre ou pour flatter le bourreau de son sang.*

Continuêmos entretanto a falar de Mrs. Opie. Aquella formosissima canção ingleza que Alcippe imitou em portuguez (como fica expellido) logrei eu tambem o ensejo de a traduzir. Assim pudeste eu ter sabido reproduzir-lhe na versão as delicadas bellezas.

O leitor conhece as paginas dolorosas da *Historia Tragico-Maritima*? Conhece-as decerto.

*Historia Tragico-Maritima Em que se escrevem chronologicamente os Naufragios que tiverão as Naos de Portugal, depois que se poz em exercicio a Navegação da India.* (Lisboa Occidental—Na Officina da Congregação do Oratorio—M. DCC. XXXV.-M. DCC. XXXVI.—2 tom. in-4.<sup>o</sup>).

Á collecção d'estes dois tomos — que Bernardo Gomes de Brito offereceu á «Augusta Magestade do Muito Alto e Muito

Poderoso Rey D. Joaõ V. Nosso Senhor» — anda algumas vezes annexo (em guisa de continuação) terceiro tomo, constituido pelo agrupamento de várias relações de naufragios (separadamente impressas em diversas officinas e em diferentes annos).

Pois no terceiro quartel do seculo XIX dois acontecimentos houve de lancinante angustia, cuja dolorosa narrativa poderia bem addicionar-se ás paginas tragicas da obra que mencionei.

Foram elles o naufragio do vapor «Porto» na barra do Douro (em Março de 1852) e o naufragio do brigue «Mondego» no Mar das Indias (em Janeiro de 1860).

Acêrca do primeiro falam circumstanciadamente os periodicos do tempo. E curiosas informações do tristissimo acontecimento nos fornece a

*Noticia do lamentavel naufragio do vapor Porto, que teve logar na noite de 29 de Março na barra do Douro.* (Porto — Typographia de Braz Tisana — 1852 — In-8.º de 16 paginas).

Acêrca do segundo naufragio, conta-nos scenas dilacerantes o fallecido escriptor D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo no seu primoroso livro

*José de Castilho o heroe do Mondego por D. Antonio da Costa.* (Lisboa — Imprensa Nacional — 1872 — In-8.º de 113 paginas — Com o retrato do biographado, chalco-gravura de Souza (em fl. áparte), retrato acompanhado pelo fac-simile da rubrica autographa do benemerito marinheiro).

José de Castilho (ou, desdobrando-lhe o nome, José Feliciano de Castilho) era um dos talentosos filhos d'aquelle Dr. José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, cujo nome tenho já citado nestas paginas, e que na Bibliotheca Nacional de Lisboa desimpenhou brilhantemente o cargo de Bibliothecario-Mór.

E era não só talentoso, mas talentosissimo, — talentosissimo e sobremaneira insinuante. Com elle na Escola Polytechnica de Lisboa inlacei relações de cordialissimo affecto, assim como igualmente as inlacei com o seu inseparavel Cesar Augusto de Campos Rodrigues, quando ambos, naufragos do brigue «Mondego», vieram naquelle instituto concluir brilhantemente o curso de engenheiros-hydrographos.

Conta D. Antonio da Costa que José de Castilho, desimbarcando em 1856 na cidade do Cabo, se apaixonára ali por uma gentil *miss.* Dias de ventura foram esses que o sympathico moço lá passou, emquanto ancorado na bahia da Mesa o brigue em que José de Castilho e os seus companheiros seguiam na derrota para Macau.

Não sei se foi transmittida pelos labios d'aquella encantadora *miss* que o joven aspirante veiu a ter conhecimento da mencionada canção de Mrs. Opie.

Talvez nalgum dos serões familiares em que os paes da formosa menina recebiam gostosos a visita de Castilho, talvez nalgum d'esses serões escutasse elle acompanhados ao piano, aquelles versos em que o *Forget me not* se harmonizava com a imminente separação dos dois inamorados.

Mas nada sei; nada mesmo posso conjecturar.

Sei apenas que uma vez, nas longas conversações que eu amiude entretinha com José de Castilho e Campos Rodrigues, este me formulou desejos de ver por mim traduzidos em portuguez os versos da citada canção.

Acceitei com timidez o incargo, mas acceitei-o. Releve-me quem na ousadia reconhecer uma temeridade: — ousadia dos poucos annos!

A traducção portugueza, que em 2 de Abril de 1863 tive a honra de offerecer aos meus dilectos amigos Cesar Augusto de Campos Rodrigues e José de Castilho, ficou assim:

#### DESPEDIDA

Em breve da patria nas plagas distantes  
 Irás novas flores contente esfolhar;  
 E ao-pé de outras virgens com risos galantes  
 Quem sabe se prestes me irás olvidar?  
 Seguir dos teus fados os gosos e as penas...  
 Viver nos teus lares, bem junto de ti...  
 Seria o meu sonho!—Mas... ai! peço apenas  
 Que nunca te esqueça quem deixas aqui!

Se emtanto a lembrança do meu soffrimento  
 Com triste saudade teu peito inluctar,  
 Eu mesma t'ó imploro, nem mais um momento  
 Da pobre estrangeira te queiras lembrar!  
 Mas... quando o infortunio teus passos persiga,—  
 E outra alma tu queiras, bem junto de ti,  
 Vertendo consolos, surrindo-te amiga...—  
 Então... não te esqueça quem deixas aqui!

Agora vou eu citar outro livro, que em 1884 comprei (na

«Feira-da-Ladra»), e que pertenceu em tempos a José Daniel Rodrigues da Costa, cuja assignatura autographa (*Joze Daniel Roiz da Costa*) se lê no frontispicio do exemplar:

*Ulyssea, ou Lisboa Edificada. Poema heroico, composto pelo insigne Doutor Gabriel Pereira de Castro, Corregedor que foy do Crime da Corte, e nomeado por Sua Magestade para Chancellel mór do Reyno de Portugal. Offerecido a Elrey D. Joam V. Nosso Senhor.* (Lisboa — Na Officina de Miguel Rodrigues — M. DCC. XLV. — In-8.º de 413 pag. numeradas, antecedidas por 42 sem numeração).

Pertence o exemplar á 3.ª edição do poema; e no seu antrosto vem, pelo punho do mesmo José Daniel, um monogramma em que se reconhecem graciosamente entrelaçadas as quatro iniciais do seu nome (*J, D, R, C*).

Não vale mais o exemplar por estas particularidades? Eu creio que vale.

Posto que lhe não assistissem competencias para se infileirar ao nivel dos escriptores summos, e antes muito abaixo lhe pertença o logar, — o auctor do *Almocreve das Petas*, e do *Barco da Carreira dos Tolos*, evidentemente não era nenhum tolo, e valia com certeza muito mais do que alguns que por ahi vemos hoje elogiosamente classificados em situação eminente.

José Daniel Rodrigues da Costa, que se distinguia pela graça popular genuinamente portugueza, — chalaça hilariante que, um pouco em desaccôrdo com a requintada linguagem dos palacianismos, descahia frequentes vezes no plebeismo, e talvez por isso mesmo agradava sobremodo ás turbas menos cultas, — José Daniel (o «Josino Leiriense») tinha innegavelmente merito, muito imhora a irrequieta musa de Bocage o fustigasse inclementissima.

Extremamente orgulhoso e vaidoso (quizá tão vaidoso e tão orgulhoso como talentoso), — e foi precisamente essa vaidade, e foi precisamente esse orgulho, o que por vezes e muitas vezes lhe acarretou inimizades, a elle que tão pouco as merecia porque no fundo era um coração sensibillissimo e delicadamente generoso, — Manuel Maria Barbosa du Bocage sentia-se, de quando em quando, irresistivelmente impulsionado a violencias de satira, que um simples momento de prévia reflexão teria provavelmente evitado.

Nesses impetos de assomo, elle sentia inflamar-se-lhe n'alma o *Deus, ecce Deus!* (de que nos fala o Virgilio no Liv. vi da *Eneida* — v. 46), e chegava a imaginar-se o unico «poeta» do

seu tempo, não admittindo quasi que outrem fizesse versos tambem!

Grandissimo poeta era elle, — grandissimo sobretudo nos Sonetos, Sonetos que nunca ninguem logrou architectar como elle os architectava irreprehensíveis, Sonetos immorredouros que hão-de eternamente causar o desespêro de quantos pretendam imitá-los, Sonetos modelares que abrem sempre com «chave de prata» e fecham invariavelmente com «chave de ouro».

Previendo estou que alguém se irritará por-ventura, ouvindo-me assim discursar com tanto exclusivismo.

— E os Sonetos de Camões? (me perguntarão).

— Ah! os Sonetos de Camões são, no lyrismo sentimental da escola petrarchiana, preciosos diamantes de valor inestimavel; mas, diamantes na essencia, nem sempre se nos apresentam elles irreprehensíveis na lapidação, — ao passo que os do Bocage parecem magistralmente fundidos em bronze, no bronze eterno da esculptura grega.

Que faltou a Bocage para ser um dos mais assombrosos poetas de todo o mundo? Faltou-lhe o ter florescido e morrido antes de tempo; faltou-lhe o nascer na sazão propria.

Trinta ou quarenta annos depois, elle teria sido um dos mais ousados corypheus da escola romantica, e talvez mesmo em Portugal o primeiro e o mais notavel d'esse periodo notabilissimo.

Esterilizou lhe aptidões nativas a semsaboria da quadra em que lhe deu Setubal o berço. E todavia, apezar d'esse ambiente que o suffocou, Bocage mostrou-se grandioso, como sómente logram mostrar-se os genios sublimes, — e ficou proclamado na litteratura portugueza, para todo o sempre, o admiravel «rei dos sonetistas», qualquer que seja o genero em que lhe encarêmos os Sonetos, sem mesmo exceptuarmos d'este elevadissimo conceito (antes até collocando-os em suprema preeminencia!) alguns d'aquelles que por sua natureza ultra-licenciosa não podem nunca ser lidos perante damas nem jámais incorporar-se nas edições *ad usum Delphini*.

Referindo-se ás inextinguíveis chufas de Bocage contra José Daniel, conta-nos Luiz Augusto Rebello da Silva uma interessante scena que perfeitamente define, perfeitamente esclarece aquella dualidade, tão original e tão caprichosa, por que se caracterizava o genio do Elmano Sadino.

O caso vem relatado pelo insigne Rebello da Silva no «Estudo litterario» com que o illustre escriptor epilougou no Tom. v†

as *Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, colligidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva* (Lisboa — Typographia de A. J. F. Lopes — MDCCCLIII — 6 tom. in-8.º — Com o retrato do poeta (lithographado) e o fac-simile de sua assignatura).

Bocage tinha desfechado contra José Daniel os dois seguintes Sonetos (afóra quaesquer outros de que porventura não ficasse noticia):

AO MACHUCHO POETARRÃO  
JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA

— «Não presta Corydon, não presta Elpino;  
«Filinto é ninharia, é lixo Alfeno;  
«Albano fala só do Tejo ameno,

«Só tardes e manhans descreve Alcino.  
«Trescala aos seiscentistas o Paulino.  
«Pois, Bocage?! isso é peste, isso é veneno!»  
(Rosnava charlatão rolho e pequeno,  
Pequeno em corpo, em alma pequenino) (\*).  
— «Quem acha voss'mecê» (lhe saí d'um lado  
Taful do serio rancho das lunetas),  
«Quem acha para versos extremado?»  
— «Quem?» (diz o tal). «Não façam lá caretas:  
«Um que dos seus papeis anda pejado,  
«O aguazil Daniel, cantor de *petas*».

AO MESMO  
PUBLICANDO O «ALMOCREVE DAS PETAS»

«Das Petas o Almocreve» é obra tua,  
Bem se vê, Daniel, na phrase e gôsto:  
«*Adiça tres de Abril*», ou «*seis de Agosto*»,  
É de quem vende as «*Rythmas*» pela rua.

---

(\*) Innocencio Francisco da Silva em nota ao Soneto (*op. cit.*), diz que estes dois versos alludem ao Dr. José Thomaz Quintanilha.

Cheira a teu nome o «roubo da perúa»,  
E «entre o tostado arroz o gato posto»;  
Eis a obra melhor que tens composto,  
Inda que de artificio e graças nua.

A gente por Lisboa anda pasmada,  
Vendo-te farto, e cheio, como um ovo,  
Dos alvos pintos que te deu por nada.

E frio de terror murmura o povo (\*)  
Que a tua estupidez anda pejada,  
E que cedo se espera um parto novo.

Rebello da Silva, apropósito da crueldade com que Barbosa du Bocage ridiculizava José Daniel, descreve-nos tão picturescamente e, a meu ver, com tanto critério, as personalidades do Elmano Sadino e do Josino Leiriense, que não sei resistir á tentação de transcrever aqui alguns trechos d'essa apreciação devéras conceituosa.

«Manuel Maria (diz *loco citato* o referido escriptor), assumpto de louvores extaticos, e objecto de aversões activas, pagou a pena dos seus erros. Se medisse as armas pelas forças dos contendores, e não cegasse por amor proprio a sua bondade natural, gosaria em descanço de uma gloria tranquilla, e o seu imperio estabelecer-se-hia pacificamente. A consciencia mesmo avisava os detractores, de que lhes faltava muito para o egualarem. O que os offendia, e o que repugnava até aos indifferentes, era o iniquo desprezo com que os deprimia, e a immo-desta jactancia com que se arrogava o sceptro, sem esperar que lh'o entregassem. Desde que se tratava do talento alheio, a sua balança não conhecia pezos; não se inclinava senão ao merito proprio; e as apreciações mordazes saltavam-lhe dos labios e da penna. Os mais altos e os mais humildes eram para elle plebe, que devia ajoelhar diante do seu throno, sem voto e sem estimação; o elogio a outrem representava-se-lhe um furto audaz á sua fama. Assim as bellas qualidades, que tanto o enobreciam pelos dotes da alma e do espirito, envenenavam-se com este

---

(\*) Variante (na lição de José Feliciano de Castilho e Noronha): —  
«E frio de terror susurra o povo».

defeito. Na republica litteraria não admittia egualdade nem competencia, queria só inferiores e aulicos; e para desdobrar o açoute não era preciso ser aggreddido, bastava que distinguissem a qualquer poeta, ou que o não incensassem assás a elle. O innocente auctor do Almocreve das Petas padeceu por não embocar a trombeta apologetica, emquanto, sincero e agradecido, elogiava em Belchior Semedo as obras, que a posteridade e Bocage mesmo julgaram dignos de elogio.

«Se houve pessoa inoffensiva e desaffecteda, foi José Daniel Rodrigues da Costa, official do fisco nas portas de Belém, e por este emprego jocosamente denominado beleguim do Parnaso por Manuel Maria. Não cuidava de rivalidades, nem formava de si idéa vaidosa. Escrevia para subsistir, ou antes para accrescentar alguns confortos á estreita mediania dos seus salarios. Não era nuvem portanto que apagasse os raios ao sol de Bocage, ou sombra que puzesse escuro na sua aura. Assim mesmo pede a verdade que se diga que não foi tão pobre de engenho, nem tão despido de letras, como a maledicencia de Elmano o pinta em alguns sonetos. Os seus escriptos, plebeus na indole e na substancia, tinham sal bastante para o paladar dos leitores a quem se destinavam. Sainetes do povo, que se ria e divertia com elles, não aspiravam ás alturas d'onde os vates cabalinos, escarnecendo, os convertiam em palito dos seus ocios engraçados. José Daniel narrava com graça, possuia o dom da invenção rude mas picante; e, como observador de costumes, não pôde omitir-se no estudo da epocha a que pertence. Não leva a critica á analyse profunda dos caracteres e das cousas, nem sobe á synthese philosophica, pedra de toque dos moralistas insignes; mas á superficie via bem, sendo feliz muitas occasiões em apanhar os angulos do ridiculo, com traços largos e côres alegres. O gosto pouco o ajudava; a lima castigava mal as obras concedidas e executadas a correr; e a sua lição não excedia a instrucção commum, condemnando-se por isso a não passar da mediocridade. A satira popular era o seu queijo; e como o rato da fabula, uma vez que lhe não faltasse, olhava para todos os desvanecimentos e pompas do mundo com sobrerara indifferença. Cedeu sempre a gloria a beneficio do inventario.

«Com os bolsos atestados de folhetos, e precedido por estrepitosos pregões de cegos, saía pelas ruas a prender os compradores. As pessoas conhecidas, se o descobriam, vendo o bojo significativo das insondaveis algibeiras, resignavam-se a comprar o foliculo de prosa ou a pagina de verso que lhes punha aos

peitos. Figura unica, o auctor da Barca da Carreira dos Tolos achava natural o que lhe era util; e tanto duvidava fazer-se belfurinho dos seus opusculos, como enfeitar de mais duas ou tres filas de garrafas escolhidas as estantes ermas de livros aonde tinha a sua adega. Compadre de toda a gente, folgasão sem melindres, e dotado de bom fundo, as petas e a caixa do rapé estavam ao dispor de quem desejasse, como elle dizia, deitar as cãs ao mar. Curvo Semedo gostava de o ouvir, corrigia-lhe os escriptos, e tratava-o com franqueza. José Daniel da sua parte correspondia com amizade e dedicação. Offender-se pois que o bom homem estimasse o censor obsequioso, e deplorasse as injustiças de Bocage contra o talento de Belchior, era exaggerar demais a intolerancia. Algumas palavras n'este sentido do gazeteiro das *Petas* foram sufficientes contudo para Manuel Maria desencadear contra elle a animadversão; e para o pobre official das portas, d'ahi em diante, a cada publicação nova estavam certas as apupadas de Elmano e as dos seus admiradores. Menos sensivel aos farpões do ridiculo, do que molestado no interesse pecuniario, o Juvenal do povo via diminuir os lucros á medida que augmentavam as gargalhadas. Segurando-o pelos cabellos, no momento em que ensarilhava pelas ruas e esquinas carregado de papel impresso, Bocage implacavel tinha-se apoderado do ultimo escripto, o Almocreve das Petas, e crucificára sobre elle em um soneto o tecelão de casos fortuitos, e de quadras chilras, como lhe chamava. Com este buscapé de hilaridade na cauda, a obra e o auctor serviram de pasto á malicia da côrte uma semana:

«Das Petas o Almocreve é obra tua» etc.

«E não só a penna, mas a lingua, era incansavel em denegrir o amigo de Curvo Semedo; em o encontrando, choviam os graçejos; e por fim as cousas chegaram a ponto que José Daniel, trespasado e temendo ficar sem leitores se não abrandasse o perseguidor, quebrou por tudo e veio deitar-se-lhe aos pés. D. Gastão narrou o lance ao sr. Castilho com a costumada graça, sustentando as feições dos personagens e a côr do dialogo».

Este Castilho, a quem Rebello da Silva se refere, é o Dr. José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, que na *Livraria Classica Portuguesa* (Lisboa — 1845-1847 — 25 tom. in 16.º) colla-

borou com seu irmão Antonio Feliciano de Castilho, e que de Bocage se occupou nos Tom. xvii a xxv (\*).

Aqui transcrevo a passagem como José Feliciano de Castilho a relatou e como Rebello da Silva tambem a transcreveu (em parte), segundo as proprias palavras de D. Gastão Fausto da Camara Coutinho:

«Uma tarde, estando eu na loja do José Pedro(\*\*), entra Bocage, e diz-me:

«— Sabes quem me veio hoje procurar? o homen das Petas. Vinha muito concho e modesto, exaltando-me ás nuvens. . . até que o intrugi, quando me tartamudeou:

«— Cá eu não me posso medir com Vm.

«— Mas eu tambem não sou nenhum covado, lhe respondi.

«— Mas é que a sua concorrência. . . .

«— Eu não trago contracto arrematado.

«— Pois traga ou não, torna o homem quasi a chorar, pelo amor de Deus, não me tome á sua conta, que eu não quero glorias, quero pão!

«— Tive dó do homem, tive, accrescentou Bocage, mas lá os taes versos d'elle, como amigo sempre digo que lh'os não comprem!

«Sahimos da loja de bebidas, para o Passeio; e, ao voltar a esquina do Rocio, deu Bocage com os olhos n'um cartaz annunciando o 2.º tomo das *Rimas* de José Daniel, com os maiores e mais nauseabundos elogios. Ahi lhe vi eu fazer um maravilhoso esforço! Mal tinha olhado para o cartaz, começou, como se estivesse lendo o que se achase escripto na parede, a recitar, sem hesitação n'uma unica syllaba, o seguinte soneto:

«Tomo segundo á luz sahiu das *Rimas*

«De José Daniel Rodrigues Costa,

«Obra mui devagar, mui bem composta,

«E sujeita depois a doutas limas (\*\*\*)».

---

(\*) Da *Livraria Classica* se estampou nova edição em Paris (1865-1867), por industria do editor Garnier.

(\*\*) Acerca do bondoso e patriotico José Pedro da Silva, dono do antigo «Botequim das Parras» no Rocio de Lisboa, consulte-se o que diz Innocencio Francisco da Silva no Tom. v do *Diccionario Bibliographico Portuguez* e o que depois accrescenta Pedro Wenceslau de Brito Aranha no Tom. xiii da mesma obra.

(\*\*\*) Segundo informa Rebello da Silva, era o Dr. José Thomaz Quintanilha quem «limava» as *Rimas* de José Daniel.

«Falla em opios, em manas, falla em primas ;  
 «Diz cousas de que a plebe não desgosta ;  
 «Malha em peraltas, na relé disposta (\*)  
 «A saltos, macaquices, pantominas.

«Por estas e por outras que tem feito,  
 «Verá qualquer leitor nas obras suas,  
 «Que elle para versar nasceu com geito.

«Acham-se em tendas, acham-se em commuas ;  
 «E, para lhe augmentar honra e proveito,  
 «As vende o proprio auctor por essas ruas».

Luiz Augusto Rebello da Silva, commentando o facto, accrescenta as seguintes considerações, em que nos accentua a crueldade de Bocage para com Rodrigues da Costa :

«Eis a benevolencia com que o escutou! Era a chaga incuravel de Bocage. Descia por ciume aonde, baixando, devia conhecer que se aviltava. D'este achaque nada o curou senão o desengano da ultima enfermidade».

Passêmos a outro assumpto.

Em 1845 sahiu anonymo, da Imprensa Nacional de Lisboa, formando vol. in-8.º de 215 paginas, o Tom. I de

*O Arco de Sanct-Anna, chronica portuense. Manuscripto achado no convento dos Grillos do Porto por um soldado do Corpo Academico.*

Subscreve a dedicatoria da obra ao Coronel João Pedro Soares Luna (Commandante do Corpo Academico durante o cêrco do Porto) «Um fraco mas fiel soldado da patria — O N.º 72».

Ora esse «N.º 72» do Batalhão Academico era João Baptista de Almeida-Garrett.

O Tom. II do romance veiu sómente a publicar-se em 1850, — e por esse motivo aconteceu que em poder de algumas pessoas ficou da obra o Tom. I sem o Tom. II se lhe addicionar. Foi talvez, ou antes mui provavelmente, o que succedeu na Livraria do Conde das Antas (Francisco Xavier da Silva Pereira),

---

(\*) Variante (na edição coordenada por Innocencio Francisco da Silva): — «Morde em peraltas, na relé disposta».

— pois que d'*O Arco de Sanct-Anna* achei desgarrado o mencionado Tom. I (sem o Tom. II), e alvoroçado o adquiri por elle ter autographa na folha-do-rosto a assignatura d'aquelle valeroso e afamado General.

Das *Folhas cahidas* a edição-*princeps* é geralmente sabido que se estampou anonyma:

*Folhas cahidas* (Lisboa — Na Imprensa Nacional — 1853 — In-8.º de 112 paginas).

Elegantemente impresso em magnifico velino, esse delicioso volume de lindissimos versos veiu por um conjuncto de causas diversas a desapparecer do mercado, — e tão repentino foi esse desapparecimento que logo no mesmo anno se imprimiu, consideravelmente augmentada, e precedida por outras composições, uma nova edição:

*Versos do V. de Almeida-Garrett. — II. Fabulas — Folhas cahidas, segunda edição.* (Lisboa — Na Imprensa Nacional — 1853 — In-8.º de 288 paginas).

Este segundo tomo dos *Versos* do immortal Garrett constituiu na collecção das suas obras a sequencia do primeiro que da Imprensa Nacional veiu a lume com o titulo seguinte:

*Versos do V. de Almeida-Garrett. — I. Lyrica, nova edição.* (Lisboa — 1853 — In-8.º de vi-287 paginas).

Innocencio Francisco da Silva no Tom. III (pag. 313) do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, referindo-se á mencionada «segunda edição» das *Folhas cahidas* (edição que declara não ter visto), diz-nos que «segregada do mercado por um modo ainda agora mysterioso, se tornou desde logo tão rara, que talvez não existam d'ella em Lisboa vinte exemplares».

A mim quer-me entretanto parecer que ha nessa affirmativa um equivoco do erudito bibliographo. Aquelle desapparecimento de exemplares, a que Innocencio allude, supponho antes que deve entender-se em referencia á edição-*princeps* e por modo nenhum á edição segunda.

De ambas tenho eu na minha estante, e com a devida estima, um exemplar, — advertindo que o da segunda edição mui facilmente o adquiri (não me lembra já em que alfarrabista), ao passo que o da edição-*princeps* amavelmente o devo a uma gentil offerta e singularissimo favor do meu bondoso amigo José Ramos-Coelho, bondoso amigo que em tempos (e com que saudade aqui o escrevo!) tive por mestre e por collega na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

No ante-rosto do exemplar com que generosamente me brindou, tinha elle escripto o seu nome

*J. Ramos-Coelho*

assignatura essa que mais e mais preciosa tornou para mim a offerta.

Mas, apropósito do «quinto preceito» d'*A Biblia dos Bibliophilos*, é já tempo de cerrar considerações, invocando aquelle conhecido verso com que o Mantuano finaliza a terceira das suas formosissimas Eclogas:

*Claudite jam rivos pueri, sat prata biberunt.*

\*

\* \*

Sexto preceito:

*«No poner, en un volume de un peso, una encuadernación de cinco pesos».*

Na generalidade é incontestavel a justiça do preceito: um livro que só vale «dez tostões», não merece um incadernação de «cinco mil réis».

Mas *est modus in rebus*. Casos muito especiaes se nos podem alguma vez deparar em opposição á regra geral.

Um folheto que nada valha pelo seu conteudo impresso, mas que num determinado exemplar adquiriu notoriedade por qual-quer particular circumstancia (*v. g.* — a assignatura ou as notas autographas de personagem célebre; e aqui temos nós o caso relacionado com as minhas reflexões apropósito dos «preceitos segundo e quinto» retro-mencionados)... tal folheto poderá, nas mãos de um verdadeiro bibliophilo, exigir uma incadernação luxuosa, continuando aliás a ser insignificantissimo ou nullo o valor intrinseco do texto impresso.

\*

\* \*

Septimo preceito :

«No mojar la punta de los dedos para dar más facilmente vuelta á las hojas».

Sobre esse articulado, a todos os respeitos importantissimo, longas considerações haveria a fazer, e todas ellas sem discrepancia em favor do preceituado.

E o que realmente espanta, é que seja preciso formular, ácêrca do assumpto, prescripções.

Mas é infelizmente preciso; é desgraçadamente indispensavel!

Em referencia a tal assumpto, recommendarei como digno de toda a consideração e de toda a observancia o interessantissimo artigo que, sob o titulo *El contagio de los enfermedades por los libros*, o Sr. Dr. Pedro Lantaro Ferrer deu á luz no *Boletín de la Bibliotheca Nacional de Santiago (Chile) correspondiente á 1906* (Santiago de Chile — 1907).

D'esse artigo transcreverei, por muito opportuna a seguinte passagem :

«El célebre doctor Brouardel en una conferencia en Nancy, en 1900, relató, una epidemia de tuberculosis que se habia propagado entre los empleados del «Archivo de Kharkof», en la Rusia meridional. Los bacilos de Koch pululaban sobre las piezas. Los empleados de los archivos, tuberculosos en segundo periodo, tenían la mala costumbre de dar vuelta las páginas «por medio de los dedos mojados con saliva», costumbre pernicioso que no debería tolerarse en ninguna parte, y que por desgracia es de uso corriente en los colegios y en las oficinas».

Nos collegios é nas officinas — diz o Dr. Ferrer.

Peço licença para acrescentar : — E nas bibliothecas públicas ? ! ! !

Mas não é só a tuberculose que pela «costumbre pernicioso» podem os leitores contrahir! E as doenças carcinomatosas? e a syphilis? e as ophthalmias? e quantas mais?!

Passa como averiguado que El-Rei Carlos IX de França encontrou a causa da sua morte nesse detestavel costume de humedecer com saliva a ponta dos dedos para voltar as folhas dos livros que lia: foi, segundo se diz, num livro sobre caçadas que elle se invenenou, impregnadas como estavam de algum preparado arsenical (provavelmente uma solução de acido arsenioso) as folhas d'esse livro.

Não ha, ou creio que não pode haver, quem absolutamente não condemne um hábito por tal fórma pernicioso.

Isto... pelo que respeita ao interêsse pessoal dos leitores, que em semelhante prática mostram não sómente imprudencia mas falta de asseio. Ora na falta de asseio ha evidentemente a mais frizante prova da falta de educação.

Pelo que respeita á conservação dos livros, salta aos olhos de toda a gente que a «mala costumbre» começa por imporcalhar as folhas, acabando fatalmente por deteriorá-las, e rompê-las, e consumil-as!

Tambem eu na Bibliotheca Nacional de Lisboa fiz publicar, em 4 de Fevereiro de 1904, a seguinte «Ordem de serviço»:

«Por determinação superior e conveniencia do serviço recommenda-se aos Conservadores da Bibliotheca Nacional de Lisboa a rigorosa observancia do artigo 89.º do Regulamento approved pelo Decreto de 29 de Janeiro de 1903 (\*), especialmente na parte relativa ao detestavel costume, que tem certas pessoas, de humedecerem os dedos com saliva para voltarem as folhas dos livros, — prática inconvenientissima para a conservação das especies bíblicas e prejudicialissima para a saude dos proprios leitores. Outrosim se lhes recommenda a conveniencia de transmittirem a todo o pessoal subalterno instruções neste sentido».

E ácerca d'essa «ordem» fiz edificantes considerações (que por delicado melindre me abstenho aqui de reproduzir) em dois de meus humildes escriptos:

*Relatorio dos serviços da Bibliotheca Nacional de Lisboa no primeiro trimestre de 1904* (Coimbra — Imprensa da Universidade — 1904 — In-8.º de 18 paginas);

e *Relatorio dos serviços da Bibliotheca Nacional de Lisboa no quarto trimestre de 1907* (Coimbra — Imprensa da Universidade — 1908 — In 8.º de 35 paginas).

Estes dois «Relatorios» viram igualmente a luz pública no Vol. III do *Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes* (Coimbra — Imprensa da Universidade — 1904 — In-8.º de 270 paginas) e no Vol. VI do mesmo «Boletim» (Ibi — 1907 — In-8.º de 276 paginas).

---

(\*) Decreto e Regulamento acham-se publicados no *Diario do Governo* de 11 de Fevereiro de 1903, — e outrosim no Vol. II do *Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes* (Coimbra — Imprensa da Universidade — 1903 — In-8.º de 3-264 paginas). No *Boletim* accrescem notas explicativas a dois artigos do Regulamento.

Em conclusão do preceito, accrescentarei para insinamento de quem não saiba (ou finja não saber):

A unica maneira accetavel de virar as folhas dos livros — é apoiar levemente, na aresta superior da folha, a polpa dos dedos indicador e medio da mão direita: por essa mui simples manobra se consegue, sem o minimo esforço, e até com rapidez, ir passando o livro a folha e folha. Para facilitar esse processo, convem muito o aparo das folhas na cabeça dos livros, como ficou indicado já nas considerações que apresentei a propósito do «quarto preceito».

\*

\*            \*

Oitavo preceito:  
«*No leer comiendo*».

Este quero tambem crer que não padece contestação. O proprio articulista do *Boletin de la Biblioteca Municipal de Guayaquil* apresenta, no fim do seu arrazoado, reflexões muito apreciaveis que terei mais adeante ensejo de transcrever.

Por emquanto, e sobre o assumpto, acode-me um caso á memoria, — e, se me dão licença, contarei esse caso.

Havia em Lisboa, na segunda metade do seculo XIX, um professor muito erudito e muitissimo estimavel (faço esta observação, porque ha eruditos avêssos a todos os motivos de estima), um professor muito erudito e muitissimo estimavel, que tinha frequentado varios cursos de instrucção superior, e em todos obtivera qualificações distinctas, — estudioso incansavel, cujo maximo prazer consistia na constante leitura, leitura que elle se gabava de nem mesmo interromper durante as refeições.

E dizia d'elle outro collega, — chalaceador emerito que todos gostava de epigrammar, mas que *desconfiava* quando o epigrammavam a elle:

— «Fulano arrisca-se alguma vez a ingasgar-se, ingulindo inadvertidamente as folhas do livro, e continuando a leitura no prato da sopa!».

Tanto o epigrammado, como o epigrammante, eram ambos medicos e muito conhecidos: — o primeiro não exercia clinica;

o segundo era professor na Escola Medico-Cirurgica de Lisboa. Ambos morreram já. Os nomes, não os digo; quem quizer, que os adivinhe.

\*

\* \*

Nono preceito :

«*No fiar los libros preciosos á malos encuadernadores*».

A maus incadernadores não confiar livros preciosos ? !

Livros de qualidade nenhuma, quer preciosos, quer não preciosos, sob pena de se arriscar o possuidor a estragarem-lhe os exemplares, a imporcalhál-os, a supprimirem-lhes (no seu «altissimo criterio!») partes importantes, ou (quando menos!) a errarem-lhes tolamente, estupidamente, os doirados rotulos da incadernação !

Eu conheci já em Lisboa um excellente incadernador, que a todos os respeitoos merecia dos bibliophilos a mais incondicional estima. Era um francez que no Largo de San' Carlos tinha a sua officina estabelecida. Chamava-se Aleixo Bouret.

Trabalhava com elle sua esposa (Madame Bouret); e, sob a direcção de ambos, amestravam se, para lhes succederem, seus filhos.

Naquella officina primavam pelo bom-gôsto e pela perfeição todos os trabalhos.

E, se o dono da officina se distinguia por muito bom-gôsto na execução dos seus lavoeres, com elle rivalizava, talvez mesmo até lhe sobrelevava (graças á sua delicadeza feminiil), a esposa do incadernador.

Durante as horas do trabalho, viam-n-a, modestamente involvida no seu avental de riscado azul-e-branco (exactamente como se fôra uma simples operaria, e não a dona do estabelecimento), presidindo aos lavoeres e por suas mãos executando-os ella propria. De noite, ao fechar da loja, muitas vezes a vi, quando ness'hora fortuitamente me acontecia passar pelo sitio, muitas vezes a vi sahir da officina pelo braço do marido, já completamente transfigurada no trajo: vestido de seda ou de merino,

mantelete e chapéo, como qualquer dama da boa-roda, — pois que elegante dama era ella na gravidade, na compostura, no esmerado trato, e não só elegante mas intelligentissima.

Intelligentissima, sim! Ninguem, melhor do que ella, saberia dar indicações e conselhos ácerca da incadernação que a tal ou tal obra, a tal ou tal edição, mais convenientemente quadrasse!

Depois . . . ella não consentia que da officina sahisses productos, sem préviamente os inspecionar e os reconhecer como irreprehensíveis.

Por exemplo: — a um dos officiaes acontecia, por involuntario descuido, por atabalhoamento, ou por desmazelo, cahir sobre o fôrro das pastas (fôrro de pelle, ou de panno, ou de papel), no livro que estivesse incadernando, uma chapeirada de massa ou de grude. Para economizar tempo e trabalho, o praticante d'aquella proeza, menos consciencioso, contentava-se em passar-lhe uma rodilha por-cima, sem lhe importar que no papel, ou na percalina, ou no marroquim da pasta ficasse uma nodoa indelevel. Outras vezes, a nodoa provinha de estar o operario trabalhando com as mãos sujas: esfregava-se a parte com qualquer trapo no intuito de disfarçar o delicto, mas os vestigios da porcaria porfiavam numa teimosa permanencia. Em qualquer dos casos, o porcalhão do operario propunha-se impingir a obra como perfeita, calculando que o freguez não reparasse . . .

Mas reparava Madame Bouret. Essa é que não estava pelos ajustes:

— Faça de novo o trabalho! (dizia ella sem se alterar, impassivel, imperturbavel, mas intransigente).

O operario incriminado, ouvindo aquella advertencia (feita aliás com toda a mansidão), considerava-se aggravado, offendido na sua vaidade . . . na sua presumpção de consummado «artista». E briosamente disposto a não tolerar impertinencias nem desconsiderações . . . acabava por se despedir da loja!

Assim, houve tempo em que Madame Bouret e seu marido estavam reduzidos a ter apenas por officiaes os seus proprios filhos.

O apuro d'aquella officina provocava-lhes invejas e hostilidades. Houve quem de proposito lhes inviasse lá, para se contractarem, officiaes ignorantes ou mal-intencionados que lhes desacreditassem as incadernações!

Uma vez appareceu-lhes um doirador perfectissimo. Os donos da casa exultaram de contentamento.

— Quanto ganhava na loja d'onde sahiu?

— Quinze tostões por dia.

— Em nossa casa ficará ganhando meia-libra.

Acceito o contracto, com grande satisfação do artifice, puzeram-lhe uma simples condição: — assiduidade.

Mas o doirador, vendo-se com meia-libra diaria em vez dos quinze-tostões a que andava habituado, intendeu que devia dar largas á mandrieira: e logo na primeira semana faltou dois dias.

O dono do estabelecimento não gostou da graçola, mas nada lhe disse.

Na semana seguinte... repetição das duas faltas! Preveniram-n-o de que por essa fórma lhes não convinha o serviço.

Mas o prigueiro era incorrigivel! Com quatro dias de trabalho alcançava a mesma fêria que nas outras lojas usava receber trabalhando seis dias: preferia gastar dois (afóra os Domingos) na bohemia crapulosa. Acabaram por lhe dispensar os serviços.

A officinas d'esta natureza é que se deve encarregar a incardenação dos livros.

Já'gora, por terminação de capítulo, contarei da Officina-Bouret um caso que não deixa de ter alguma graça.

Era em 1880. Preparavam-se entusiasticamente as festas do Tricentenario Camoniano.

O «Gabinete Portuguez de Leitura no Rio-de-Janeiro» tinha mandado imprimir em Lisboa uma luxuosa edição d'*Os Lusíadas*, cujos exemplares (não me lembra quantos mil) se propunha distribuir em Junho d'aquelle anno.

O frontispicio, impresso a preto e vermelho, era assim concebido:

*Luiz de Camões. — Os Lusíadas. Edição consagrada a commemorar o Terceiro Centenario do Poeta da Nacionalidade Portugueza pelo Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro.*

Estampada na officina de Castro Irmão (MDCCCLXXX), a edição abrange, além do poema, duas peças preliminares («Luiz de Camões, a Renascença e os Lusíadas» pelo Sr. José Duarte Ramalho Ortigão; «Observações sobre o texto dos Lusíadas» pelo Sr. Francisco Adolpho Coelho) e uma peça appendicular («Noticia historica do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro» pelo Sr. Reinado Carlos Montóro), seguindo-se por último infor-

mações ácerca dos corpos gerentes do Gabinete, e a «Nota da distribuição dos Exemplares Especiaes da Edição dos Lusíadas» (distribuição em que a Bibliotheca Nacional de Lisboa foi carinhosamente contemplada com um dos dois unicos exemplares impressos em pergaminho).

Cada exemplar em papel fórma um vol. in-8.º de xcv-426 paginas, com o retrato do Poeta (xylogravura sobre desenho phantasia de Columbano Bordallo Pinheiro, em fl. áparte), e gravurinhas em madeira a infetarem o poema nos principios e nos finaes dos Cantos. A esses elementos decorativos accresce uma xylogravura, em que se apresenta a pseudo-reprodução (e digo «pseudo-reprodução», porque não é mais do que uma reconstituição imaginária e falsa) da portada ornamental com que appareceu (não em 1572, mas annos depois) a indevidamente chamada «primeira edição» d'Os Lusíadas (edição subrepticia e falsificada, como expuz a propósito do «segundo preceito»).

Mas deixêmos essas particularidades (que alguma vez opportunamente desinvolverei num futuro trabalho ácerca da «portada frontispicial» da edição-*princeps* d'Os Lusíadas), e vamos á promettida historia da Officina-Bouret.

Estava-se nas proximidades dos festejos camonianos, e faltava incadernar os exemplares da edição custeada pelo patriotico e benemerito «Gabinete Portuguez de Leitura». Faltava incadernál-os, incadernál-os com luxo e perfeição, — incadernações variadas e subordinadas a determinados modelos.

Eduardo Lemos, que se achava em Lisboa para tratar d'esse impenho, dirigiu-se á Officina-Bouret, e propoz-lhe a impresa.

Bouret, depois de minuciosamente ouvir as condições da incommenda, e prestes declinando o incargo, respondeu que não tinha já tempo de apromptar tantos exemplares.

— Custe o que porventura custar (observou com insistencia o activissimo delegado do Gabinete)... mas preciso impreterivelmente de que esteja tudo prompto a tempo e a horas.

— Custe o que custar?! (interrogou com pasmo o incadernador).

— Custe o que custar! não faço questão de preço.

— Nesse caso... (retorquiu Bouret)... queira voltar ámanhan por estas horas; e ámanhan lhe darei definitiva a resposta.

No dia seguinte voltou Eduardo Lemos á officina.

E disse-lhe o incadernador :

— Está o negocio arranjado. Comprometto-me a pôr-lhe tudo prompto no prazo preciso.

— Magnifico! magnifico! (respondeu-lhe contentissimo o Eduardo Lemos).

E accrescentou :

— Por minha parte, mantenho integralmente o que hontem lhe prometti. Aceito a contracto, seja qual for a importancia das despezas. Mas diga-me (e é apenas uma simples questão de curiosidade): por que motivo me affirmava hontem, a principio, não poder comprometter-se a dar-me promptos os exemplares, — e agora, que não ponho restricções á bolsa, já desapareceram as difficuldades?

— Admira-se? vou dizer-lh'o com toda a franqueza. . . . e com toda a probidade. Promptificando-se V. Ex.<sup>a</sup> a quaesquer despezas extraordinarias que o caso reclamasse (e V. Ex.<sup>a</sup> vai ver que fatalmente as reclama). . . . eu telegraphiei hontem para França, perguntando se poderiam lá dispensar-me o número preciso de officiaes, officiaes de confiança para o cabal desimpinho do compromisso. Responderam-me que sim. Nestas circumstancias, e visto V. Ex.<sup>a</sup> aceitar o contracto, partirei esta noite mesma em direcção a Lyon, d'onde trarei commigo o pessoal indispensavel.

Vieram effectivamente de França os artifices, — e a Officina-Bouret mais uma vez deu plena demonstração da solicitude e seriedade por que em todos os seus actos se caracterizava.

\*

\* \* \*

Decimo preceito :

*«No dejar caer sobre el libro las cenizas del cigarro; y aun mejor no fumar leyendo. Esto perjudica la vista».*

E todavia ha quem não prescinda, quando lendo ou quando escrevendo, ha quem do cigarrinho não prescinda nunca ou do charuto, pretextando que o fumo do tabaco lhe aclara as idéas. Singular maneira de lh'as aclarar por intervenção de um narcotico!

Eu não discuto agora, se prejudica ou se não prejudica os órgãos visuaes tal práctica, — posto que não perceba como se possam nitidamente perceber os trechos do impresso ou do manuscrito, interpondo-se de permeio, a inturvar a visão, nuvens de espessa fumaceira.

Aqui porêm, no campo da Bibliophilia, contento-me em protestar contra a detestavel práctica, perante o perigo, certissimo quasi, de queimar com a esbrazada cinza do cigarro ou do charuto as folhas do livro, — e não creio que exista um bibliophilo (verdadeiro bibliophilo) susceptivel de similhante desvario.

\*

\*      \*

Undecimo preceito :

«*No arrancar de los libros los grabados antiguos*».

Não arrancar dos livros gravuras antigas?! Mas, Deus do Céu, nem gravuras modernas, nem parte alguma d'elles constituinte.

Practicar um desatino d'esses equivaleria approximadamente a incorrer no delicto contra que mui sensatamente protesta a doutrina do antecedente preceito.

Arrancar de um livro partes integrantes, qualquer que seja o pretexto de tal selvageria, não me parece mais desculpavel do que deixar-lhe cahir em cima cinzas esbrazadas.

\*

\*      \*

Duodecimo preceito :

«*No colocar vuestros libros sobre el borde exterior ó canal, como se hace frecuentemente cuando se lee y se interrumpe momentáneamente la lectura, en vez de tomarse el trabajo de cerrar el libro después de haber puesto una señal*».

Quer dizer (e muito bem): o livro deve sempre invariavel-

mente conservar-se fechado quando não esteja em leitura (são por tal fórma evidentes e obvios os motivos de tal recommendação, que nem vale a pena especificál-os), — e, emquanto não chega o momento opportuno de recolher-se o livro á estante, deve elle manter-se horizontalmente pousado em relação ás pastas da incadernação, por modo que fique ao abrigo de qualquer traumatismo.

\*

\*

\*

Preceito decimo-terceiro :

*«No hacer secar hojas de plantas dentro de los libros».*

Bibliophilos não me parece que incorram na transgressão de tal preceito, nem mesmo aquelles que se entretendam com prácticas de herborização.

Creanças e damas é que frequentemente costumam espalmar, entre folhas de livros, flores ou folhas de vegetaes que pretendem guardar depois de sêccas — (v. g. algas e musgos, amores-perfeitos, violetas, boas-noites, etc., etc.), — assim como tambem, não raras vezes, borboletas de variegadas côres.

Mas de tal costume (excusado é ponderál-o) resultam facilmente nodoas indeleveis nas folhas dos livros.

\*

\*

\*

Preceito decimo-quarto :

*«No tener los estantes de las bibliotecas encima de los picos de gas».*

Eu suppunha, até hoje, impossivel que houvesse neste mundo selvagens capazes de tal monstruosidade practicarem.

Mas, se o articulista a menciona, é porque já d'ella colheu exemplos, o que é profundamente lamentavel!

E, se me dão licença, eu desejaria mais alguma coisa: desejaria, nas salas em que se arrecadam livros, absoluta suppressão de illuminação a gaz.

A luz do gaz impallidece e deteriora as incadernações, como as impallidece e deteriora a propria luz do sol (quer seja a luz directa, quer seja reflectida, ou mesmo (em certos casos) a luz diffusa).

E mais ainda:— o preferivel seria supprimir completamente a illuminação nocturna das bibliothecas, quando não haja o cuidado indispensavel de manter cerradas as janellas da respectiva sala, pois que, sendo nocturnas as borboletas das traças, a luz dos candieiros as attrái fatalmente do exterior.

\*

\*            \*

Preceito decimo-quinto :

*«No sostener los libros sujetándolos por las tapas».*

Este não me parece que se intenda com bibliophilos: poderá intender-se com barbaros.

Ha certos leitores, para quem (segundo elles dizem) «livro lido é cigarro fumado»! Mas esses taes, a quem nada importa o futuro destino das especies bibliacas, esses taes não pertencem á classe dos bibliophilos.

Bibliophilos não seguram nos livros, dependurando-os pelas pastas da incadernação ou pelas capas da brochura.

\*

\*            \*

Preceito decimo-sexto :

*«No estornudar sobre las páginas».*

Torna-se tão evidente a sensatez d'esse preceito, que nem mesmo fôra preciso enuncial-o. Conjuga-se com a doutrina exposta no «preceito septimo».

Pois quem lê um livro, quem observa uma estampa, ha-de espirrar-lhe em cima ou cuspir-lhe?! Nem é coisa que se discuta.

Quem sabe estimar os livros, não deseja vê-os manchados e conspurcados.

\*

\* \* \*

Preceito decimo-septimo :

«*No arrancar las hojas de la guarda*».

Já por exemplos que apontei, analysando o «preceito segundo» e o «quinto preceito», se pode bem avaliar a justiça da prescripção enunciada neste «preceito decimo-septimo»; e atrevo-me a considerar que só estúpidos e malevolos gostarão de arrancar a um livro as folhas da guarda ou quaesquer folhas appendiculares que um primitivo possuidor tenha incorporado com annotações manuscriptas.

E, mais ainda, eu quereria que tambem neste preceito decimo-septimo se acrescentasse a prescripção de nunca inutilizar as capas das brochuras, recommendando-se até aos incadernadores a indeclinavel cautela de sempre as conservarem carinhosamente incluídas nas respectivas incadernações.

Porque a verdade é esta:

Uma incadernação pode ser, grande numero de vezes, riquissima, ou por suas particularidades mui digna de toda a estima e portanto de toda a consideração (*v. g.* pelo *ex-libris* dourado que tenha nas pastas, etc., etc.), — mas, em todo o caso, ella constitue apenas um estojo de resguardo e conservação, — emtanto que as capas-de-papel, que resguardam a brochura, fazem parte integrante do livro, parte integrantissima, que frequentemente proporciona subsidios bibliographicos, de que noutro sitio do livro não será facil, ou será mesmo impossivel, descobrir noticia.

Algumas capas inclusivamente se recommendam pela sua ornamentação artistica, — de que apontarei por exemplos (e poderia apontá-las em avultado número) duas obras dadas a lume

pelo Sr. Visconde de Castilho (antigo Conservador da Bibliotheca Nacional, e um dos mais insignes funcionarios d'esse instituto).

Uma das duas é a seguinte :

*Julio de Castilho = Amores de Vieira Lusitano — Apontamentos biographicos.* (Lisboa — Typographia da Parceria Antonio Maria Pereira — 1901 — In-8.º de 303 paginas — Com muitas estampas, em fis. áparte, sobresahindo entre ellas várias zinco-gravuras sobre desenhos do auctor do livro).

«Apontamentos biographicos» sub-intitulou modestamente o Sr. Visconde de Castilho esta sua obra, em que romanticamente se desinrola, fundada sobre documentos historicos, a emocionante narrativa dos amores do «insigne pintor» e da sua adorada Iñez.

A capa da brochura é graciosamente ornamentada com tres photo-gravuras (reprodução fac-simile de tres elegantes desenhos allegoricos, executados pelo auctor do livro no estylo do tempo em que floresceu Francisco Vieira de Mattos, o célebre «Vieira Lusitano»).

Privar esse livro, quando o incadernassem, da formosissima capa decorativa que lhe resguarda a brochura, seria practicar iconoclasticamente um crime de lesa-bibliophilia.

E o mesmo affirmarei com respeito ao livro que passo a mencionar :

*Manuelinas. Cancioneiro de Julio de Castilho.* (Lisboa — Na Imprensa Nacional — M. DCCC. LXXXIX — In-8.º de 267 paginas).

A capa que serve de resguardo á brochura d'esse florilegio poetico, florilegio incantador e formoso, florilegio originalissimo, é toda occupada pela estampagem lithographica (a preto e vermelho) de um galante desenho executado á penna pelo auctor dos versos: — na frente da folha deanteira, o titulo da obra, immoldurado por tarja de phantasia, em que predomina o estylo das portadas quinhentistas associado a trechos de ornamentação inspirados nas illuminuras flamengas; na lombada, o titulo e a data, com accessorios decorativos bellico-maritimos; no reverso da folha trazeira, a elegante reprodução de uma das janellas manuelinas do Real Paço de Cintra, graciosamente inlaçada por vergontas de hera, e por-baixo em cursivo quinhen-

tista dois versos d'Os *Lusiadas* (o 5.º e o 6.º da estancia LVI do Canto Terceiro)

*Sintra onde as naiades escondidas  
nas fontes, vão fugindo ao doce laço  
Camoës*

De 600 exemplares foi a luxuosa edição em magnifico papel-de-linho da Fábrica do Prado (Thomar).

E, afóra esses, mais se imprimiram 9 em papel-Whatman, com a seguinte declaração impressa na pag. 268 (pagina addicional que só nos nove exemplares existe):—«Tiragem de nove exemplares em papel Whatman, numerados e assignados, para brindes, commemorativa dos nove annos que tem a 22 de setembro de 1889 a grande pessoa a quem o livro é dedicado».

Essa «grande pessoa» era a pequenita D. Maria Luiza de Castilho, uma linda creança, não só formosa mas intelligentissima, sobrinha do poeta, e filha do Sr. Conselheiro Augusto de Castilho.

Logo abaixo da declaração impressa, cada exemplar traz manuscripto, por letra do Sr. Visconde, o N.º que ordinalmente lhe coube na serie, o nome do destinatario, a data, e a assignatura «Julio de Castilho». Ficou-me nessa distribuição pertencendo o N.º 7.

Na capa dos nove exemplares especiaes, o desenho lithographado acha-se esmeradamente illuminado a pincel pelo auctor do «Cancioneiro», — illuminura que varia caprichosamente de exemplar para exemplar.

Dos exemplares em papel-de-linho nacional, ha um preciosissimo, que pertenceu originariamente ao Conselheiro Venancio Deslandes, e que deverá estar hoje em poder de seus herdeiros. Consiste a sua notavel singularidade em ter sido illustrado, nas proprias paginas da composição typographica, com graciosas aguarellas, todas ellas delicadamente allusivas ou referentes ao texto dos delicadissimos versos (e entre essas um admiravel retrato do Visconde Julio de Castilho), — aguarellas do pintor hespanhol D. Henrique Casanova.

Outro exemplar conheço eu, tambem muito curioso pelas aguarellas que o illustram: pertence ao meu amigo Anselmo Braamcamp Freire, por dadia que d'elle lhe fez o aguarellista (o proprio auctor das «Manuelinas»).

Depois do que fica exposto, digam-me lá: — não seria uma

perversidade imperdoavel mutilar os exemplares das *Manuelinas*, arrancando-lhes na incadernação a capa da brochura?

Na Bibliotheca Nacional de Lisboa, desde muito que se impõe aos incadernadores o cuidado rigoroso de conservarem sempre nas incadernações as capas das brochuras. Essa prática, de que sou ferrenho preconizador, não fui eu quem na gerencia da Bibliotheca a inventou; já pelo meu predecessor estava tal prática estabelecida como dogma bibliotheconomico, — dogma de que fôra iniciador em tempos o illustre Conservador Antonio da Silva Tullio.

\*  
\*      \*

Preceito decimo-oitavo :

«*No comprar libros sin valor*».

Este preceito é que me parece um tanto descabido, mesmo talvez um pouco impertinente, por ser evidentemente contestavel a essencia da sua doutrina.

E, nos qualificativos que ponho, não queira o auctor do preceito descortinar intenções offensivas. Digo sinceramente o que penso.

Livros sem valor! Mas qual é porventura o livro destituido absolutamente de valor?

Livro que, para uma determinada pessoa, pode numa determinada occasião afigurar-se completamente inutil, outra pessoa lhe encontrará talvez utilidade, talvez importancia.

Mais ainda: livro que hoje pareça não offerecer interêsse, pode ámanhan por qualquer incidente despertá-lo.

A verdade, verdade irrefutavel, é que não ha livros «sem valor».

Com isto, não quero dizer (intenda se bem) que vá um bibliophilo destinar exclusivamente suas estantes a especies de somenos merecimento. Proponho-me apenas protestar contra o absolutismo da prescripção exarada no «decimo-oitavo preceito».

\*  
\*       \*

Preceito decimo-nono :

*«No limpiar los libros con trapos sucios».*

Este não tem discussão, — mesmo porque «trapos sujos» não servem para limpar, servem para enxovalhar.

Eu não admitto (já o disse no decurso d'estas paginas) que um bibliophilo seja uma creatura immunda.

Se me não falha a memoria, foi o Padre Manuel Bernardes quem disse : — «Onde ha immundicie, fogem as abelhas e aco-dem as moscas».

\*  
\*       \*

Vigesimo preceito :

*«No tener los libros encerrados en arquillas, escritorios, cómodas, ni armarios: tienen necesidad de aire».*

Aqui ha que discutir. . . ou que distinguir.

Em bahus ou gavetas claro está que não devem guardar-se livros.

Mas em armarios, em armarios invidraçados, com as caute-las indicadas pela hygiene dos livros (porque tambem os livros tem sua hygiene peculiar), intendo que é a melhor fórmula de os arrumar e dispôr.

Estantes abertas, como para facil e prompto expediente no serviço dos leitores se costuma usar nas bibliothecas públicas muito frequentadas, exigem muito maior dispendio e muito mais trabalho de limpeza, em consequencia das poeiras que nas prateleiras se accumulam, e em consequencia tambem do mais elevado gasto a que obriga, contra a invasão das traças, a aquisição dos insecticidas.

Camphora, ou naphtalina, ou quaesquer outras substancias volateis de que nos sirvâmos, evaporam-se e consomem-se muito mais rapidamente nas estantes abertas do que nos armarios fechados.

Innegavel é que precisam de ser convenientemente arejados os livros, — e, por isso, é de rigor que nas prateleiras as especies bibliacas occupem apenas dois terços da respectiva altura, ficando livre o terço superior. Mas desde que haja o cuidado, imprescindivel, de opportunamente arejar essas estantes, abrindo-lhes as portas durante certo prazo, a conservação das especies ficará garantida.

E já'gora aproveitarei a occasião para declarar que de todos os insecticidas a camphora é o que me parece preferivel por mais efficaz: pena é que se torne tão dispendioso!

Nas livrarias particulares, em que não seja avultadissimo o número dos volumes, o «nekrentomo» pode prestar serviços relevantissimos; nas grandes bibliothecas, porém, considero inexequivel a adopção de similhante apparelho, attenta a morosidade com que tem de se proceder.

Sabem qual é o melhor preservativo contra a invasão das traças? é andar todos os dias, constantemente, infatigavelmente, a manusear os livros. Mas numa bibliotheca muitissimo povoada. . . . como realizar similhante *desideratum*?

\*  
\*      \*

Preceito vigesimo-primeiro:

«*No encuadernar juntos, dos libros diferentes*».

Equivale a dizer: — não incadernar sob a mesma pasta dois ou mais opusculos que não tenham entre si analogia alguma de assumpto.

Isso é uma verdade palpavel, indiscutivel, que o bom-senso está naturalmente indicando, o bom-senso e o bom-gôsto. Volums de «miscellanea» devem sómente abranger, dentro da mesma incadernação, especies congeneres.

Incadernar conjunctamente sob a mesma pasta um formulario de arte culinaria, um livro de rezas, os estatutos de uma

cooperativa, e um drama de Garrett, seria o cúmulo da estupidéz.

O ideal, sob o ponto-de-vista artistico e bibliotheconomico, fôra consagrar a cada especie (por mais minguado que seja o número de suas paginas) uma separada incadernação.

Bem conheço os motivos que tornam impracticavel esse ideal: — cresceria espantosamente a despeza, e avultaria não menos a exigencia do espaço nas bibliothecas, perante a multiplicidade enorme de taes incadernações.

Mas, uma vez que não pode realizar-se o ideal, mantenha-se ao menos o bom criterio no agrupamento das especies.

Ha inclusivamente (que o tenbo eu visto com grande assombro meu e não menor indignação!), ha inclusivamente (e não quero denunciar onde é que vi) quem no mesmo volume faça incadernar duas e tres edições da mesma obra, ou mesmo (o que ainda é peor!) dois e tres exemplares da mesma edição!!!

Mas tal procedimento não representa já simples economia: entra nos dominios da burrice. Felizmente na Bibliotheca Nacional de Lisboa nunca houve quem taes prácticas determinasse.

E o que é pena (repito) é que não se possa nas bibliothecas prescindir de incadernar «miscellaneas».

Os inconvenientes de juntar sob a mesma incadernação várias obras, numa bibliotheca pública, ninguem de boa-fé deixará de reconhecêl-os.

Poderão argumentar-me (e eu proprio já o ponderei) com motivos economicos (economia de dinheiro, economia de espaço).

Desde, porém, que várias obras se agrupem num só volume, digam-me lá: — como ha-de simultaneamente proporcionar-se a dois leitores duas obras reunidas sob a mesma incadernação? Peor sorte que a dos célebres «irmãos siamezes»!

E nas «exposições bibliographicas»? haverá maneira de patentear aos visitantes obras diversas num mesmo volume incorporadas?!

Dir-me-hão que, para obviar a esse contratempo, lá estão os catalogos? E eu respondo que, muito imhora os catalogos das especies expostas sejam numa exposição convenientissimo *vademecum*, certo é todavia que elles não supprem a apresentação das especies,—porque, se realmente supprissem, fôra dispensavel fazer-se a exposição e bastaria a publicação dos catalogos.

Portanto . . . passêmos adeante.

\*

\* \*

Preceito vigesimo-segundo:

«EN NINGUN CASO *sacar las láminas y los mapas de los libros*».

Os versaletes das primeiras tres palavras são do articulista, provavelmente para darem mais fôrça ao articulado.

Já, quando fiz analyse do «undecimo preceito», expuz o que ácêrca do assumpto eu pensava.

Confirmarei por conseguinte: — «*En ningún caso*».

Em caso nenhum se devem admittir biblioclastas.

Todavia (tristissimo é dizê-lo!) constituem elles uma raça damninha que, sem dó nem consciencia, infesta as bibliothecas públicas, e contra a qual todos os cuidados são poucos, toda a vigilancia é pouquissima!

\*

\* \*

Preceito vigesimo-terceiro:

«*No cortar los libros con horquillas para el cabello*».

Este preceito de não impregar os ganchos do cabelo para separar nos livros as folhas que estejam «por abrir», deixa-me suspeitar que leva exclusivo sobrescripto com destino ás damas, visto que sómente ao sexo feminino pertence fazer uso de taes utensilios.

Mas qual seria a dama (propriamente «dama»), a quem occorresse desmandar-se num tal disparate?

Só a mulheres muito ordinarias (mas «muito ordinarias») é que poderia lembrar uma inconveniencia d'essas, — e mulheres de similhante condição, por via de regra, não sabem ler.

Afigura-se-me, pois, quasi desnecessaria a recommendação do preceito.

Se, porém, quizerem conservá-lo no código dos bibliófilos, cumprirá não restringir aos ganchos do cabelo a essência do preceito,— pois que ha sujeitinho que, mesmo sem usar ganchos, aproveita brutalmente, para «abrir» as folhas dos livros, o primeiro utensilio ao seu alcance, por mais improprio que esse utensilio pareça. E assim ha quem estupidamente recorra a uma caneta-de-escrever, a um lapis, a uma regua, e até... aos proprios dedos da mão direita (da mão direita... quando o sujeito não seja canhoto)!

Padecem com essas prácticas bestiaes as folhas do livro na cabeça e nas margens,— ficando toscamente franjadas e não raro dilaceradas. Mas que importa isso ao egoismo do estúpido biblioclasta, quando o livro não seja seu?!!

Para evitar esses desacatos, e ainda mesmo para beneficio dos leitores serios que precisam aproveitar no estudo todos os momentos disponiveis, economizando quanto possivel o tempo,— é práctica ordenada pelo Regulamento da Bibliotheca Nacional de Lisboa não proporcionar á leitura pública livros com as folhas «por abrir».

Diz assim, no seu artigo 2.º o Regulamento approved por Decreto de 29 de Janeiro de 1903:

«Os livros que derem entrada na Bibliotheca serão immediatamente sellados, registados e abertos, depois do que serão distribuidos pelo director aos conservadores das respectivas secções, a fim de serem catalogados, numerados, e collocados nos seus logares pelos mesmos conservadores».

Para córte de folhas que estejam «por abrir», ha espatulas apropriadas, de metal, de marfim, de madre-perola, de tartaruga, de madeira, etc., etc.; e só com essas deve trabalhar quem não appetença espatifar o livro.

\* \* \*

Preceito vigesimo-quarto:

*«No hacer encuadernar los libros en cuero de Rusia».*

Porquê?! Tenho pena de que o preconizador d'este preceito nos não esclareça em referencia aos motivos da sua recommen-

dação. Por mim, confesso que não atino (e será talvez deficiência do meu ingenho, ou ignorancia minha de factos em que se fundamente o preceituante), confesso que não sei atinar com taes motivos.

O «couro-da-Russia», pelas substancias aromaticas de que o impregnam em seu preparo, figura-se-me que constitue, na incadernação dos livros, una das pelles mais adequadas, mais hygienicas, mais preservativas contra a invasão das traças. Tem só um terrivel inconveniente: ser muito caro.

O articulista que, no *Boletín de la Biblioteca Municipal de Guayaquil*, enumera os preceitos de que estou fazendo a transcripção, confessa tambem (como adeante farei notar) que não in-contra no «couro-da-Russia» motivos para animadversão.

\*  
\*       \*  
\*

Preceito vigesimo-quinto:

*«No emplear los libros para asegurar las sillas ó mesas cojas».*

Eu iria suppôr que tal indicação é completamente desnecessaria.

Haverá por fatalidade quem dê aos livros a applicação que neste preceito se condemna? Por decoro mesmo da humanidade, repugna-me admittir a hypothese, tirante algum caso esporadico sómente explicavel por uma aberração de espirito.

Livros servem sómente para leitura: não é digno de os ler, nem de os possuir, quem os utilize para mestêres ignobeis.

Posto, porêem, que eu considere mui problematica a existencia das sobreditas aberrações, — citarei uma anedocta que no momento me occorre, e que em tempos tive algures occasião de ler.

Em certa bibliotheca pública, da qual me não lembra agora o nome nem a localidade, apparecêra um leitor com uma extravagante requisição: depois de ter solicitado para sua leitura não sei que livro, pediu igualmente um Dicionario:

— De que lingua? perguntou-lhe o impregado bibliothecario).

— Da lingua que o senhor quizer.

— ?! . . .

— Sim: de qualquer lingua. Tudo me serve, comtanto que seja volume grosso e largo.

O impregado continuava, numa expressão physionomica de grandissimo espanto, sem comprehender a intenção do solicitante.

Mas, afinal averiguado o caso . . . querem saber para que desejava o leitor aquelle Diccionario, fôsse qual fôsse o idioma, comtanto que obedecesse ás condições de ser notavelmente volumoso? O leitor pretendia simplesmente, para sua commodidade, altear a cadeira em que deveria sentar-se, collocando-lhe em cima o Diccionario, e sentando-se elle sobre o livro!

\*

\*

\*

Preceito vigesimo-sexto:

*«No arrojar los libros á los gatos, ni contra los niños».*

Está no mesmo caso da antecedente prescripção. Livros . . . não se fizeram com destino a projecteis ou armas-de-arremêso. Parece até uma facecia, de gôsto mui duvidoso, que similhante banalidade haja de inscrever-se num código de bibliophilos!

Além d'isso, comprehenda-se bem: — gatos e creanças não devem ter ingresso em livrarias de bibliophilos, sobretudo creanças como geralmente se «educam» hoje (com grande gaudio das «mamans» e mesmo dos «papás»), creanças em que os progenitores se não cansam de gabar desvanecidos o prodigioso talento (!), creanças indisciplinadas e não raro damninhas, mais damninhas talvez do que os proprios gatos e os proprios ratos!!!

Não me falem portanto de creanças, e principalmente creanças mal-educadas, no recinto de uma bibliotheca, — onde tambem aliás não admitto a existencia de gatos, mórmente se as estantes dos livros forem estantes abertas, porque nesse caso . . . ai das pobres lombadas nos volumes a que se destinem prateleiras inferiores! pois que os bichanos sentem particular inlêvo em agu-

çarem as unhas no couro das lombadas, acabando por darem cabo das incadernações!

E contra os ratos? Contra os ratos... ratoeiras.

\*

\* \*

Preceito vigesimo-septimo:

*«No romper el lomo de los libros abriéndolos enteramente y por fuerza».*

Já o primeiro dos preceitos que nestas paginas tenho analysado, já esse nos condemna o mau hábito de ler na cama. E em regra são exactamente esses commodistas, esses que só procedem a leituras quando repimpados no leito ou nalgum sophá, são esses os que tolamente escacham os livros, revirando-lhes as duas pastas da capa, de modo que menos penosamente os possam numa das mãos segurar!

O livro que se lê, deve manter-se horizontalmente aberto sobre a mesa do trabalho, e aberto suavemente, aberto por fórma que se lhe não comprometta a costura dos cadernos nem a integridade das lombadas, — ou (se o leitor assim o preferir, principalmente quando o volume tenha largas dimensões) obliquamente disposto nalguma estante portatil.

\*

\* \*

Preceito vigesimo-oitavo:

*«No leer los libros encuadernados muy cerca del fuego ó de la chimenea, ni en la hamaca, ni embarcado».*

Ampliando e desinvolvendo a essencia do preceito: — Não devem ler-se os livros em sitio onde elles estejam arriscados a deteriorar-se ou a perder se.

\*  
\*       \*  
\*

Preceito vigesimo-nono :

«*No dejar que los libros tomen humedad*».

Preceito é esse de Bibliothconomia, cuja doutrina se nos impõe fundamentalmente para a escolha dos aposentos destinados a uma bibliotheca. A construcção das paredes e do pavimento, a exposição das janellas, a côr das cortinas, e tudo quanto geralmente respeita á hygiene dos livros, constitue materia importante que desinvolvidamente se nos offerece explanada nos tratados da especialidade bibliothconomica.

\*  
\*       \*  
\*

Trigesimo (e derradeiro) preceito :

«*No olvidar estes consejos*».

Este final faz-me, até certo ponto, lembrar a fórmula sacramental com que invariavelmente sempre termina a redacção dos decretos publicados pelo nosso *Diario do Governo*, quando esses decretos envolvem materia legislativa : — «Fica revogada a legislação em contrário».

\*  
\*       \*  
\*

Em seguida á enunciação dos trinta «preceitos», que deixo transcriptos, o articulista do *Boletin* accrescenta algumas considerações que passo tambem a transcrever :

«*Hasta aquí los mandamientos de lo que hemos llamado Biblia*

de los bibliófilos, á los que corresponde agregar algun otro precepto y algunas observaciones provechosas.

«E. D. Grand, en uno de sus eruditos trabajos de *La Grande Encyclopédie*, recomienda esta regla, establecida en todas las bibliotecas públicas :

«No poner unos sobre otros los libros abiertos, ni escribir apoyando el papel sobre las páginas».

O vigente «Regulamento» da Bibliotheca Nacional de Lisboa (Regulamento a que já me referi) inclue, relacionados com a materia enunciada pelo mencionado articulista de *La Grande Encyclopédie*, dois artigos (o art. 86.º e o art. 87.º):

«É expressamente prohibido o decalque das cartas e estampas, e apenas permitido o uso do lapis, como unico meio de reproducção graphica.

«É prohibido o uso de tinta de escrever, e de compassos, ou outro qualquer instrumento que possa prejudicar as paginas dos volumes».

\*

\*      \*

Proseguindo em suas críticas observações (cuja doutrina perfilho na generalidade), acrescenta ainda o articulista do *Boletín* :

«Con respecto á la supresión de la piel de Rusia, que Harold Klett prescribe para las encuadernaciones, no nos parece que tal prevención esté más justificada que la que habia expresado La Bruyère contra el marroquín. Y en cuanto á la hora ó tiempo más apropiado para leer, sea en la cama ó sea en la mesa, todos los médicos están de acuerdo en que es una perniciosa costumbre la de leer comiendo y que la digestión se hace mejor cuando el espíritu está libre de los trabajos del pensamiento. Esta creencia data de muy antiguo. Es útil recordar que cuando, después de la comida, los capellanas del rey en Fráncia, San Luís, le proponian leerle algunos de sus libros favoritos, contestaba siempre, sonriendo:— «Nó, no hay libro tan bueno que valga una conversación después de la comida».

Sobre os inconvenientes de proceder a leituras deitado (inconvenientes para o livro e para o leitor), já ficou mui sobeja-

mente exposto, a propósito do «primeiro preceito», o que indicam a razão, a experiencia, e a sciencia, — tornando-se pois inteiramente dispensavel que, ácerca de tal assumpto, mais considerações se façam

O articulista do *Boletín* finaliza d'est'arte :

*«Juan Darche, en su notable Essai sur la lecture, opina que, en general, el tiempo más favorable para leer es por la mañana, al levantarse, y por la tarde ó la noche, antes de acostarse. Esta misma opinión era la de Erasmo.»*

\*

\*

\*

Nisto que fica exposto, se deve resumir a «Biblia dos Bibliophilos»?

Por minha parte, sinto-me inclinado a concordar em que, nos trinta «preceitos» de Harold Klett (alguns dos quaes, conforme justifiquei, considero dispensaveis, por serem de intuição naturalissima para toda a gente que manuseia livros), vai comprehendida a summula das principaes prescripções.

Mas forçoso é confessar que algumas outras existem, não despreciandas, algumas que até o bom-senso nos suggere, e que mais ou menos se encontram expendidas nos tratados de Bibliothconomia. Creio entretanto que pretender incluil-as todas em completo codigo, ultrapassaria desmesuradamente os acanhados limites d'estas minhas fugitivas divagações. É o caso de se repetir, apropriando-as, aquellas palavras de Manuel de Faria e Sousa no commentario á Egloga I de Camões: — *«Quien me quiere agora meter en esto? Mucho mejor es dexarlo.»*

Lisboa, 27 de Setembro  
de 1910.

XAVIER DA CUNHA.

## INVENTARIO

Das moedas portuguesas da Bibliotheca Nacional  
expostas no Gabinete Numismatico

## ABREVIATURAS :

a) Quanto ás substancias de que são feitas as moedas :

AE = <i>aes</i> ;	B = bolhão (bilhão);
AR = <i>argentum</i> ;	BR = bronze;
AV = <i>aurum</i> ;	C = calaim;
Pb = <i>plumbum</i> ;	N = nickel

b) Quanto aos auctores citados :

- A. = Teixeira de Aragão, *Descripção das moedas de Portugal*,  
3 vols., 1875-1880;  
LF = Lopes Fernandes, *Moedas correntes em Portugal*, 1856;  
M. = Meili, *Das brasilianische Geldwesen*, 1897.

c) Outras abreviaturas :

- anv. = anverso;  
rev. = reverso;  
ex. = exemplar.

## I

## MOEDAS DO CONTINENTE

## 1. D. Affonso Henriques (1128-1185)

- 1 Um exemplar da moeda descrita por Aragão, I, 143, n.º 3, o qual porém não pertence á Bibliotheca, pois foi depositado por mim em 15-iv-1896 (obtive-o em Montemór-o-Novo). . . B

## 2. D. Sancho I (1185-1211)

- 2 Um ex. do *moralitino* (se é authenticico): A., I, 150, n.º 1. . . . . AV  
 3 Um ex. do *dinheiro* attribuido por A., n.º 3, a este rei . . . . . B

\*

3. D. Affonso II ou III <sup>1</sup> (sec. XIII)

- 4 Um ex. do *dinheiro*: ALFONSVS RCX no anv., e PO-RT-VG-AL no reverso. . . . . B  
 5 Outro ex. em que se lê, no anv.: ALFONSVS, e no rev.: PO . . . . . B  
 6 Outro ex. em que se lê, no anv.: NSVS, e no rev.: VG (cf. A., n.ºº 1 e 2) . . . . . B

\*

4. D. Sancho II (1223- $\frac{1245}{1248}$ )

- 7 Um ex. da moeda descrita por A., n.º 3. . . . . B

\*

5. D. Denis ou D. Pedro I <sup>2</sup> (sec. XIII-XIV)

- 8 a 20 Treze exs. de *dinheiros*: cf. A., I, 166 e 174. . . . . B

<sup>1</sup> Cf. o que diz Aragão, I, 135.

<sup>2</sup> A incerteza provém da fórma da lettra inicial do nome real (D ou P). Em algumas moedas o D distingue-se claramente do P da palavra PORTUGAL que nas mesmas se lê, e essas serão de D. Denis; ha outras em que me parece ser P a sigla do nome real, isto é, P(edro); acêrca d'outras porém nada ousou decidir. Por isso as englobo todas.

\*

- 21 6. Um ex. da moeda de prata, attribuida inexactamente a D. Denis, á qual se refere A., 1, 166: um exemplar. . . . . AR

\*

### 7. D. Affonso IV (1325-1357)

- 22 Um ex. do *dinheiro*, com cruz cantonada alternadamente por dois crescentes e duas estrellas, e ALF REX PORTVG no anv., e ΛL·GΛ-RB-II no reverso. Cf. A., n.º 2. . . . B

\*

### 8. D. Fernando (1367-1383)

- 23 e 24 Dois exs. do *real*, com F, prata de 11 dinheiros (cf. A., n.º 5). . . . . AR
- 25 Um ex. do *real*, com FR, prata de 10 dinheiros: differe do de Aragão, n.º 7, na collocação do L de L(isboa). . . . . AR
- 26 Um ex. da *barbuda* de L(isboa), A. n.º 13 . . . B
- 27 e 28 Mais dois exs. de L(isboa), que differem levemente do anterior na fórma da coroa, e em estarem cahidas as fitas da celada (Aragão chama inexactamente «busto» á celada). . . . B
- 29 Um ex. da *barbuda* do P(orto), que não vem igual em Aragão. Anv.: † SI DNVS .. ICNI<sup>1</sup> REX: PORTVGALLI:, escudo sobre a cruz de Christo, cantonada por castellos, e um ponto debaixo do ultimo da direita. Rev.: † SI DOMINVS: MICH: AIVTOR: MON<sup>2</sup>, e celada ou barbuda pousada num escudo inclinado; no campo, á direita, P com um ponto em cima. . . . . B

<sup>1</sup> Por MICH. — A legenda participa da do reverso.

<sup>2</sup> Por NON.

30	Outro ex. do Porto, que tambem não vem descrito em Aragão: tem de cada lado da celada um P com um ponto.....	B
31	Outro ex. do Porto, como o n.º 14 de Aragão..	B
32	Um ex. da <i>meia-barbuda</i> de ÇA(mora): A, I, n.º 22.....	B
33 a 36	Mais quatro <i>meias-barbudadas</i> (em duas parece ser L = Lisboa a letra monetaria; nas outras não ha letras monetarias, ou não se percebem).....	B
37 a 39	Tres exs. do <i>grave</i> , com L(isboa), cf. Aragão, n.º 25 .....	B
40 a 42	Tres exs. do <i>grave</i> , com V no rev. (não vem em Aragão).....	B
43	Um ex. do <i>grave</i> do Porto, com P no anv., á direita: A, n.º 28 .....	B
44 e 45	Dois exs. do <i>grave</i> do Porto, como o n.º 26 de Aragão.....	B
46	Um <i>tornês</i> de busto, de L(isboa), A. n.º 34...	B
47	Um ex. do <i>meio-tornês</i> de busto, que na legenda differe do de A. n.º 37. Não pertence á Bibliotheca, mas a mim, que ahi o depositei... B	
48 e 49	Dois exs. do <i>pilarte</i> com L(isboa) sobre a coroa do anv. (A. n.º 30) .....	B
50 a 52	Tres exs. do <i>pilarte</i> com P (vid. A. n.º 31)...	B
53	Um ex. do <i>pilarte</i> com R(iranda), recunhado no anv. (cf. A. n.º 32) .....	B
54	Um ex. do <i>tornês</i> de L(isboa), A. n.º 39.....	B
55	Um ex. do <i>tornês</i> de ÇA(mora), A. n.º 40....	B
56	Um ex. do <i>tornês</i> de R(iranda), A. n.º 41....	B
57 e 58	Dois exs. do <i>meio-tornês</i> do typo n.º 43 de Aragão .....	B
59	Um ex. (falhado) do <i>meio-tornês</i> de Ç(amora), A. n.º 44 .....	B
60	Um ex. do <i>meio-tornês</i> , typo n.º 45 de Aragão..	B
61 a 63	Tres exs. do <i>dinheiro</i> (cf. A. n.º 48).....	B

9. D. João I  $\left(\frac{1383}{1385}-1433\right)$ 

64	Um ex. do <i>real</i> do typo n.º 6 de A., mas com * (no rev.) á direita do observador . . . . .	B
65	Um ex. do <i>real</i> , typo n.º 7 de A., de EV(ora)..	B
66 a 68	Tres exs. do <i>real</i> do typo n.º 13 de Aragão (isto é, com a legenda real na mesma face em que está a inscripção IHNS, e um ponto entre esta e a coroa; o versiculo no reverso) . . . . .	B
69 a 73	Cinco exs. do <i>real</i> do typo n.º 18 (mas com um ponto entre a coroa e a inscripção, no rev.)..	B
74 a 77	Quatro exs. do <i>real</i> do P(orto), typo n.º 16, mas com leves differenças . . . . .	B
78	Um ex. do <i>real</i> do typo n.º 17 de A., mas tem P no campo, á direita (em vez de V á es- querda, como em Aragão) . . . . .	B
79	Outro ex. do <i>real</i> do typo n.º 18 de A., mas dif- fere em ter *L* . . . . .	B
80 e 81	Dois exs. do <i>real</i> do typo n.º 19 (com +P+)..	B
82	Um ex. do mesmo typo (com *P*) . . . . .	B
83 a 85	Tres exs. do <i>real</i> do typo n.º 8 (Y simples no reverso) . . . . .	B
86	Um ex. do mesmo <i>real</i> e typo, mas com Y e ponto . . . . .	B
87	Um ex. do mesmo <i>real</i> e typo, mas com Y e estrella . . . . .	B
88	Um ex. que differe do typo n.º 10 de A. em não ter palma . . . . .	B
89	Um ex. do <i>meio-real</i> cruzado, typo n.º 21 de Aragão (com L) . . . . .	B
90 e 91	Dois exs. do <i>meio-real</i> cruzado, typo n.º 22 de Aragão (com P) . . . . .	B
92 a 96	Cinco exs. do <i>real de dez soldos</i> do typo n.º 23 de Aragão (com °L°), — um d'elles adquirido em Junho de 1889 . . . . .	B
97	Outro ex. que differe em ter *L* . . . . .	B
98	Um ex. do mesmo <i>real</i> , do typo n.º 24 (Porto)..	B
99	Um ex. do <i>real de dez soldos</i> , do typo n.º 27, com L(is)B(oa) . . . . .	B

100	Um ex. do mesmo <i>real</i> , do typo n.º 28, com PO(rto) . . . . .	B
101	Um ex. do <i>real de dez soldos</i> , do typo n.º 29 de Aragão . . . . .	B
102 a 105	Quatro exs. do typo n.º 32 de Aragão, com EV(ora) . . . . .	B
106 e 107	Dois exs. do typo n.º 33 . . . . .	B
108 e 109	Dois exs. que differem do n.º 33 em terem estrellas sem E no anverso . . . . .	B
110 e 111	Dois exs., com legenda incompleta, os quaes, se são de cobre, são iguaes ou semelhantes aos n.ºs 35 e 36 de Aragão (cf. Ferreira Braga nO <i>Archeologo Portug.</i> , XII, 165) . . . . .	AE

\*

#### 10. D. Duarte (1433-1438)

112	Um ex. do <i>real branco</i> , com L(isboa), n.º 3 de Aragão (adquirido em Junho de 1889) . . . . .	B
113	Um ex. do <i>real branco</i> , com P(orto), n.º 4 de Aragão . . . . .	B
114 a 116	Tres exs. do n.º 5 de Aragão (cf. Ferreira Braga nO <i>Arch. Port.</i> , XII, 166) . . . . .	B
117 e 118	Mais dois exs., mas sem L debaixo de €D . . . . .	B
119 a 122	Quatro exs. do <i>real preto</i> (A., n.º 7) . . . . .	AE

\*

#### 11. D. Affonso V (1438-1481)

123 a 127	Cinco exs. do <i>cruzado</i> (leves variantes de A., n.º 4: cf. o meu <i>Elencho das lições de Numismatica</i> , II, 53-54) . . . . .	AV
128 a 135	Oito exs. do <i>real grosso</i> (n.º 6 de A.), com differenças nas legendas, ou na collocação d'ellas . . . . .	AR
136	Um ex. que differe do n.º 6 em não ter legenda real, mas versiculos nas duas paginas . . . . .	AR
137	Um ex. que differe do mesmo n.º de Aragão em ter P(orto) . . . . .	AR

- 138 Um ex. que apenas differe do n.º 7 de A. na disposição dos liões e dos castellos do rev. (os liões estão no 1.º e 4.º canto, e os castellos nos outros)..... AR
- 139 Um ex. do n.º 8 de A. Anv. (letras em parte cortadas): . . ALFONSVS : DEI : G|CIE : REX : CASTE.. (o resto está apagado). Rev. : + ALFO...S : DEI : GCIA : REGIS : CASTELE : E L :... AR
- 140 e 141 Dois exs. do *meio real grosso* ou *chinfrão* (A. n.º 9)..... AR
- 142 Um ex. da mesma moeda, que differe de A., n.º 9, em ter sobre o L, dentro do A (no rev.), uma flor de lis, que serve de córte..... AR
- 143 Um ex. da mesma moeda, que parece de prata baixa, com uma letra, que creio ser P, dentro do A do reverso. Não vem em Aragão..... AR?
- 144 Um ex. do *real branco* do P(orto); cf. A., n.º 12..... B
- 145 Um ex. do *cotrim* do P(orto), A. n.º 19..... B
- 146 a 148 Tres exs. do *espadim* (cf. n.º 13 de A.)..... B
- 149 Um ex. do *espadim*, com P(orto), A. n.º 14.... B
- 150 e 151 Dois exs. do *real preto*, de L(isboa), A. n.º 32.. AE
- 152 Um ex. do *real preto*, n.º 31 de A. .... AE
- 153 e 154 Dois exs. do *real preto*, do P(orto), A., n.º 33.. AE
- 155 Um ex. do *cutil*, com C, n.º 22 de A. (offerecido ao Gabinete pelo Sr. Ferreira Braga)..... AE
- 156 a 162 Sete ceitis, alguns dos quaes differem entre si nos castellos, etc. (A., est. XI-XII)..... AE

\*

## 12. D. João II (1481-1495)

- 163 Um ex. do *justo*, como o n.º 4 de Aragão.... AV
- 164 Outro ex., que differe na legenda real: + IOHANNES : II : R : PORTVGALIE : ET A : D : GVINE... AV
- 165 a 168 Quatro exs. do *espadim* ou *meio-justo* (A. n.º 5).. AV
- 169 a 174 Seis exs. do *cruzado*, com algumas variantes nas legendas (A. n.º 2)..... AV

175 a 177	Tres exs. do <i>real</i> ou <i>vintem</i> , com L (A., est. XIII) . . . . .	AR
178 a 180	Outros tres com P (vid. A., est. XIII) . . . . .	AR
181 a 183	Tres <i>ceitis</i> (A., est. XIII) . . . . .	AE

\*

## 13. D. Manuel I (1495-1521)

184	Cópia de chumbo de uma moeda d'ouro, que Teixeira de Aragão suppõe ser o <i>português</i> de que falla G. Correia nas <i>Lendas da India</i> , I, 67, e é citado por aquelle sob o n.º 1 . . . . .	Pb.
185 a 187	Tres exs. do <i>cruzado</i> , A. n.º 4 . . . . .	AV
188 e 189	Dois exs. do <i>tostão</i> , A. n.º 7, mas a cruz no rev. dos nossos tem um ponto no centro . . . . .	AR
190	Um ex. do <i>tostão</i> , A. n.º 8 (com P-V no rev.) . . . . .	AR
191	Um ex. do <i>tostão</i> , A. n.º 9 (com o-V no rev.) . . . . .	AR
192	Um ex. do <i>tostão</i> , A. n.º 9, mas sem ponto no centro da cruz . . . . .	AR
193	Um ex. do <i>tostão</i> como o n.º 7 de A., mas parece que ha um ponto no centro da cruz . . . . .	AR
194	Um ex. do <i>meio-tostão</i> : :+ : I : EMANVEL : R : P : ET : A : D : GVINE, quinas; no rev.: + I : EMANVEL. R. P. ET : A : D : GVINE, cruz de S. Jorge, com um ponto num dos topos, e cantonada por anelinhos . . . . .	AR
195	Outro ex.: anv.: + I : EMANVEL : R : [P]. ET. A : D : GVINE, quinas; rev.: + I : EMANVEL : R : P : ET : A : D : GE, cruz cantonada como no n.º 194 . . . . .	AR
196	Outro ex.: anv.: : + I : EMNVEL : R : P : ET : A : D : GVINEE, quinas; rev.: + I : EMANVEL : R : P : ET : A : D : GVIN, cruz cantonada como a antecedente . . . . .	AR
197	Outro ex.: anv.: + I : EMANVEL : R : P : ET : A : D : GVIN, armas; rev.: + I : EMANVEL : R : P : ET : A : D : GVINE, cruz de S. Jorge cantonada do mesmo modo . . . . .	AR

198	Um ex. do <i>real</i> ou <i>vintem</i> , com: oML <sup>1</sup> . . . . .	AR
199	Outro com oML <sup>2</sup> . . . . .	AR
200	Outro com oML <sup>o</sup> . . . . .	AR
201	Outro com LM <sup>o</sup> . . . . .	AR
202	Outro com $\left\{ \begin{array}{l} \text{oM}^{\text{o}} \\ \text{L} \end{array} \right.$ . . . . .	AR
203	Outro com $\left\{ \begin{array}{l} \text{oM}^{\text{o}} \\ \text{L} \end{array} \right.$ . . . . .	AR
204	Outro com $\left\{ \begin{array}{l} \text{oM}^{\text{o}} \\ \text{.P.} \end{array} \right.$ . . . . .	AR
205 a 207	Tres com $\left\{ \begin{array}{l} \text{oM}^{\text{o}} \\ \text{.P.} \end{array} \right.$ . . . . .	AR
208	Um ex. com pMO (offerecido; entrou em 21-VIII-1888) . . . . .	AR
209 a 212	Quatro exs. do <i>meio-real</i> ou <i>meio-vintem</i> (A. n.º 15) . . . . .	AR
213	Um ex. do <i>cinquinho</i> , com oM <sup>o</sup> (cf. A. n.º 17*) . . . . .	AR
214	Um ex. do <i>real</i> , do Porto (A. n.º 19) . . . . .	AE
215	Um ex. do <i>real</i> , do Porto, do typo n.º 20 (bis) de Aragão . . . . .	AE
216 a 219	Quatro exs. de <i>ceitis</i> (est. XIV de Aragão) . . . . .	AE

\*

#### 14. D. João III (1521-1557)

220	Um ex. do <i>português</i> . Anv.: IOANES : 3 : R : PORTUGALIE : AL : C : VL : IN : A : G : C : N : C :    ETI : AP — A : PSIE : , escudo das armas do reino, mas não ladeadas de R-L, como em A., n.º 2. Rev.: IN Δ HOC. Δ. SIGNO : Δ VINCEES, cruz de Christo, com ponto no centro . . . . .	AV
221	Um ex. do <i>cruzado</i> (differe levemente de Aragão)	

<sup>1</sup> Cf. com este n.º até 208 a est. XIV de Aragão.

<sup>2</sup> Nos n.ºs 199 a 203 ha um ponto sobre o M, o que não se figura, por falta de sinais typographicos. Outras particularidades, pelo mesmo motivo, deixam de se assinalar no decurso d'este Inventario.

- n.º 4). Anv.: IOANES III. R: PORTVGAL, armas do reino, com um anelinho de cada lado. Rev.: IN HOC A. SIGNO: VINCES, cruz de S. Jorge, com tres pontos num dos topos ... AV
- 222 Um ex. do *cruzado*, que differe levemente do typo n.º 5 de Aragão. Anv.: IOANES III. R: PORTVGAL. X., armas do reino entre L-R. Rev.: IN: Y. HOC Y SIGNO: VINCEES, cruz de S. Jorge, com tres pontos num dos topos. .... AV
- 223 Um ex. do *cruzado calvario* (cf. A. n.º 6) .... AV
- 224 Um ex. do *sanvicente*, como em A. n.º 7, senão que o nosso tem os NN de IOANNES assim, e não ás avessas, como vem em Aragão ..... AV
- 225 Um ex. do *meio-sanvicente*, como em A. n.º 8, mas um tanto martellado ..... AV
- 226 Um ex. do *tostão*, como em A. n.º 40, mas sem contramarca ..... AR
- 227 Um ex. do *tostão*, que differe do antecedente em ser cantonada a cruz por aneis (e não por estrellas) ..... AR  
(NB.— Não vem em Aragão).
- 228 Um ex. do *tostão*, n.º 10 de Aragão, mas tem a contramarca de «120», e está bastante cercado ..... AR  
(NB.— Aragão não traz contramarca).
- 229 e 230 Dois exs. do *meio-tostão*, do typo n.º 43 de Aragão ..... AR
- 231 Um ex. do *meio-tostão*, que differe levemente do n.º 12 de Aragão ..... AR
- 232 Um ex. do *real português dobrado*. Anv.: no centro: IOHIIº || LXXX, sob uma coroa; como legenda: + REX : . PORTVGALIE .: AL: .D : G<sup>1</sup>. Rev.: + IN: HOC: SIGNO: VINCESS; ao centro cruz de S. Jorge, cantonada por aneis, e com tres pontos em cima de um dos topos. .... AR
- 233 Outro ex. do *real português dobrado*, que differe algo de Aragão n.º 38-39. Anv.: ao centro coroa real, e por baixo: IO Y III || LXXX; le-

<sup>1</sup> Deve entender-se que a legenda é continuação do letreiro do campo (inscripção). As siglas D. G. significam: D(ominus) G(nineae), vel G(uinec).

- genda: REX : PORTVGALIE : AL : αG<sup>1</sup>. Reverso :  
IN.. HOC SIGNO VINCES, cruz de S. Jorge,  
com tres pontos na parte superior . . . . . AR
- 234 e 235 Dois exs. diferentes do antecedente . . . . . AR
- 236 Um ex. do *real portugêis* ou *dois vintens*. Le-  
genda do anv. : + || R : PORTVGALIE. AL : α : G :  
C : N : C . E . Rev. : cruz cantonada por quatro  
aneis.—(Difere um pouco do n.º 35 de A.).. AR
- 237 Um ex. como o n.º 35 de A., mas com a con-  
tramarca de «50» . . . . . AR
- 238 Um ex. com a cruz cantonada por estrellas. (Dif-  
fere de Aragão n.º 37 em não ter P no  
anverso) . . . . . AR
- 239 Outro exemplar . . . . . AR
- 240 Outro ex. com o rev. um tanto apagado . . . . . AR
- 241 a 245 Cinco exs. do *vintem* de prata, de diferentes  
tipos (cf. A., est. XVI-XVII):
- 1) Y no rev., e 8-8 no anverso . . . . . AR
- 2) RYL no rev., e 0-0 no anverso . . . . . AR
- 3) Y no rev., e 0-0 no anverso . . . . . AR
- 4-5) oYo no rev., e 0-0 no anverso (dois exs.)... AR
- 246 Um ex. do *vintem*, com LYR no reverso, e as  
armas simples no anverso . . . . . AR
- 247 Um ex. do *vintem*, com oYo no reverso, e 0-0 no  
anverso . . . . . AR
- 248 a 251 Quatro exs. do *vintem*, com «XX» no reverso (cf.  
A. n.º 44) . . . . . AR
- 252 e 253 Dois exs. do *meio-vintem*, sendo um em mau es-  
tado (cf. A. n.º 29-30) . . . . . AR
- 254 Um ex. do *cinquinho*, adquirido por mim em Se-  
tembre de 1895, e por mim offerecido á Bi-  
bliotheca Nacional. Vid. *O Archeologo Portug.*,  
I, 304 . . . . . AR
- 255 Um ex. dos *dez-réis* do typo n.º 47 de Aragão,  
mas sem carimbo . . . . . AE
- 256 Outro ex. igual (mas com o anv. pior conser-  
vado), offerecido pelo Rev. P.º Fidalgo em 18-  
VI-1889 . . . . . AE

<sup>1</sup> Por difficuldade typographica, deixam de se notar, como já se disse, certas particularidades de pontuação.

- 257 Um ex. dos *tres reaes*, como Aragão n.º 48... AE  
 258 Outro, que differe levemente do anterior..... AE  
 259 Outro, um tanto çafado..... AE  
 260 e 261 Dois exs. do *real*, A. n.º 49..... AE  
 262 a 266 Cinco exs. do *ceítal* ..... AE  
 267 Um ex. de um *ceítal*, bastante espesso. Creio ser ensaio monetario. Anv.: +IOAN...R POR..AL, escudo das armas entre tres aneis, dentro de um circulo. Rev.: +I...S:3:R:POR: E A. G, castello sobre ondas ..... AE  
 NB. — Comprei-o para a Bibliotheca Nacional em 17-VII-96.

\*

### 15. D. Sebastião (1557-1578)

- 268 a 275 Oito exs. dos *quinhentos reaes* (A., n.º 7) ..... AV  
 276 Um ex. do *tostão*, cujo anv. corresponde ao do n.º 14 de A., e cujo rev. corresponde ao do n.º 12 ..... AR  
 NB — Este ex. foi por mim comprado para a Bibliotheca Nacional no leilão do espolio de Figanière.  
 277 a 279 Tres exs. do *tostão*, que correspondem ao typo n.º 15 de Aragão (*coroa aberta* no anv.; cruz cantonada de aneis, no reverso)..... AR  
 280 e 281 Dois exs. do *tostão*, que correspondem ao typo n.º 17 de A., (anv., *coroa fechada*; cruz não cantonada, no reverso) ..... AR  
 282 e 283 Dois exs. do *tostão* correspondentes ao n.º 15, mas no rev. com a contramarca de «120»... AR  
 NB. — Um d'estes sete exs. foi tambem comprado no leilão de Figanière.  
 284 e 285 Dois exs. do *meio-tostão* (typo n.º 19 de A.)... AR  
 286 Um ex. do *meio-tostão*, que differe do n.º 19 de Aragão, em não haver pontos num dos topos da cruz do reverso..... AR  
 287 Um ex. do *meio-tostão*, um tanto çafado (n.º 19 de A.), com contramarca de «60» ..... AR

- 288 Um ex. do *meio-tostão*, que é variante do n.º 19 de Aragão: a cruz não é cantonada; além d'isso a legenda do anv. differe levemente ... AR
- 289 e 290 Dois exs. do *vintem*, com S entre pontos no anv., e armas simples no rev., o qual differe dos n.ºs 22 e 23 de Aragão..... AR
- 291 e 292 Dois exs. do *vintem*, com S entre pontos de fôrma triangular, no reverso (A. n.º 22) ..... AR
- 293 Um ex. do *vintem*, com ·X·X· no rev. (A., n.º 24)..... AR
- 294 Um ex. dos *dez reaes*, n.º 26 de Aragão..... AE
- 295 Um ex. dos *dez reaes*, n.º 27 de A., mas sem carimbo..... AE
- 296 Um ex. dos *dez reaes*, do typo n.º 26 de A., mas um tanto çafado na legenda ..... AE
- 297 a 302 Seis exs. dos *cinco reaes*, A. n.º 28 ..... AE
- 303 Um ex. dos *cinco reaes*, A. n.º 29 (carimbo)... AE
- 304 e 305 Dois exs. dos *tres reaes*, A. n.º 30..... AE
- 306 e 307 Dois exs. dos *tres reaes*, A. n.º 31, mas com leve differença (nos pontos do reverso) ..... AE
- 308 Um ex. do *real* com R (vid. Aragão, n.º 34, com leve differença, pois o nosso tem o ponto á esquerda do I, assim: ·I) ..... AE
- 309 Outro ex., que differe d'aquelle e de Aragão n.º 34, em ter \*I\* no anverso ..... AE
- 310 Um ex. do *real* n.º 35 (estrella debaixo do I).. AE  
NB.—Adquiri-o para a Bibliotheca Nacional em Junho de 1889.
- 311 a 313 Tres exs. do mesmo real, mas sem estrella debaixo do I do anverso (differem pois de A., n.º 35)..... AE
- 314 a 317 Quatro exs. do *ceitil* (A., est. XXI) ..... AE

\*

### 16. D. Henrique (1578-1580)

- 318 Um ex. do *meio-tostão* (A. n.º 5), com um orificio na orla..... AR

\*

## 17. D. Antonio (1580-1583)

- 319 Um ex. dos *quinheiros reaes* (A., n.º 5)..... AV  
 320 e 321 Dois exs. do *cruzado*, coroa fechada (Aragão,  
 n.º 6)..... AR  
 322 a 325 Quatro exs. do *tostão* (A., n.º 9)..... AR  
 326 Um ex. do *meio-tostão* (A., n.º 10)..... AR  
 327 a 331 Cinco exs. dos *quatro reaes* (A., n.º 11)<sup>1</sup>..... AE  
 332 Outro ex., que deve ser igual ao n.º 11 de A.,  
 mas está um tanto çafado..... AE  
 333 Um ex. da moeda n.º 12 de A., mas em melhor  
 estado (esphera armillar com pedestal, termi-  
 nada em cima por uma cruz)..... AE  
 334 Um ex. do *real*, n.º 13 de Aragão..... AE

\*

## 18. Os tres Felippes (1580-1640)

- 335 Um ex. do *tostão*, com ✠ PHILIPPUS · D · G · REX ·  
 PORTV.; analogo ao n.º 8 da est. XXIV de A., só  
 differe levemente na legenda, e não tem con-  
 tramarca..... AR  
 336 Outro ex. analogo, só a legenda diz: ✠ PHI-  
 LIPPVS · D · G · · · · · ORT · · · · · GAL, e tem duas con-  
 tramarcas: «150» e «200», cada uma por  
 baixo de sua coroa..... AR  
 337 Um ex. do *vintem*, cf. A. XXIV, n.º 10..... AR  
 338 a 340 Tres exs. do *tostão*, com leves differenças uns  
 dos outros, como o typo n.º 5 da est. XXV de  
 A., mas os da Bibliotheca são sem contra-  
 marca, e a cruz está cantonada como infra,  
 n.º 345..... AR

<sup>1</sup> Um d'elles tem um orificio na orla.

- 341 Um ex. analogo, mas com a contramarca de «120» ..... AR
- 342 Outro ex. tambem com contramarca, mas muito cerceado ..... AR
- 343 Um ex. do *meio-tostão*, cf. A., xxv, 6-7 ..... AR
- 344 Outro ex. analogo, mas com a contramarca de «60» ..... AR
- 345 Um ex. do *meio-tostão* com a cruz cantonada por grupos de cinco pontos, e com a contramarca de «60». — Este typo não vem em Aragão, mas ha um cruzado de Felippe I (est. xxiii, n.º 4), com a cruz cantonada do mesmo modo; cf. tambem os *dois cruzados* da est. xxv, n.º 2, e supra, n.ºs 338-340 ..... AR
- 346 e 347 Dois exs. do *meio-tostão*, com a cruz cantonada por pontos simples. — Não vem igual em Aragão; cf. est. xxiv, n.º 9, mas ahí ha PHILIPVS: I, ao passo que um dos nossos exemplares só tem o nome do rei, sem o n.º de ordem (o outro está çafado no respectivo lugar). O typo é o n.º 6-7 da est. xxv, salva a ornamentação dos cantos ..... AR
- 348 Um ex. do *meio-tostão* com a cruz cantonada por aneis. (Não vem em Aragão) ..... AR
- 349 Um ex. do *vintem*, çafado na legenda, mas que parece igual a A., n.º 11 da est. xxv ..... AR
- 350 a 351 Dois exs. do *vintem*, que differem levemente do n.º 12 da est. xxv de Aragão ..... AR
- 352 Um *duro* de Felippe 4.º, — de 8 reales, muito talhado ou cortado no bordo; tem as armas de Portugal incluídas nas de Hespanha. — Parecer-se um vestigio de carimbo ..... AR

\*

## 19. D. João IV (1640-1656)

- 353 Um ex. do *meio-tostão* de 1641 (cf. A. n.º 11).. AR
- 354 Um ex. dos *quatro-cruzados* de 1642 (cf. A. n.º 1, que é porém de 1652) ..... AV

- 355 Um ex. da *conceição* (cf. A. n.º 13)..... AR  
 356 Um ex. do *cruzado*, A. n.º 14..... AR  
 357 e 358 Dois exs. do *cruzado* antecedente, mas com a  
 contramarca de «500» (sob uma coroa) cada  
 um..... AR  
 359 Um ex. do *cruzado* com cruz cantonada por  
 PP  
 PP, e uma contramarca, que deve ser «500»,  
 mas incompleta (cf. A. n.º 15)..... AR  
 360 a 363 Quatro exs. do *meio-cruzado*: cruz de Christo  
 cantonada por pontos, e a contramarca de  
 «250» debaixo de uma coroa (cf. A., n.º 17,  
 que porém não tem contramarca)..... AR  
 364 Outro ex. que deve ser igual aos anteriores, mas  
 os pontos que cantonam a cruz estão desfeitos,  
 ou, pelo menos, não se percebem..... AR  
 365 Um ex. do *meio-cruzado* do Porto, sem contra-  
 marca (n.º 18 de Aragão)..... AR  
 366 Um ex. do *meio-cruzado* do Porto, com contra-  
 marca («250»), mas differe um pouco do n.º 19  
 de Aragão, tanto no anv., como no reverso... AR  
 367 Um ex. do *tostão*, n.º 22 de Aragão..... AR  
 368 Um ex. do *tostão* do Porto, n.º 23 de Aragão... AR  
 369 a 371 Tres exs. do *meio-tostão*, n.º 25 de Aragão.... AR  
 372 Um ex. do *meio-tostão* do Porto, n.º 26 de  
 Aragão..... AR  
 373 Um ex. do *meio-tostão* de Evora; no rev. os EE  
 dos cantos da esquerda estão ao invés, por  
 symetria com os da direita (A. n.º 28).... AR  
 374 Outro ex. do mesmo *meio-tostão* de Evora, mas  
 com as letras na posição normal, isto é: EE  
 EE  
 (não vem em Aragão)..... AR  
 375 Um ex. dos *quatro vintens*, bastante çafado, com  
 a contramarca de «100» debaixo de uma coroa,  
 e parece que a cruz de Christo no reverso.. AR  
 376 Um ex. dos *quatro vintens*, igualmente bastante  
 çafado, com a contramarca do antecedente, e  
 a cruz de S. Jorge..... AR  
 377 Um ex. dos *quatro vintens*, que differe do n.º 29  
 de A. em ter contramarca no reverso («100»  
 sob uma coroa)..... AR

- 378 Um ex. dos *quatro vintens*, do typo n.º 30 de A., mas com a contramarca de «100», no reverso, sob uma coroa . . . . . AR
- 379 e 380 Dois exs. dos *dois vintens*, com a cruz cantonada por anéis (A. n.º 32) . . . . . AR
- 381 Um ex. dos *dois vintens*, com a cruz de S. Jorge cantonada por pontos<sup>1</sup> (não vem em Aragão).. AR
- 382 Um ex. dos *dois vintens* do Porto, com contramarca (A, n.º 35) . . . . . AR
- 383 a 386 Quatro exs. do *vintem*, A. n.º 36. . . . . AR
- 387 e 388 Dois exs. dos *cinco réis*, A. n.º 40. . . . . AE
- 389 e 390 Dois exs. dos *tres réis*, que differem levemente do n.º 41 de A. em terem o «3» do rev. ladeado por florões e pontos, e não só por pontos . . . . . AE
- 391 Um ex. do *real e meio*, igual, ou quasi, ao n.º 42 de Aragão . . . . . AE
- 392 a 396 Cinco exs. do *real e meio*, que differem do antecedente em não terem o brasão d'armas ladeado por pontos . . . . . AE

\*

20. D. Affonso VI <sup>2</sup>

- 397 Um ex. do *cruzado*, com contramarca, n.º 3 de Aragão. . . . . AR
- 398 Um ex. do *vintem*, que differe dos n.ºs 9 e 21 de Aragão nas legendas. (Adquiri-o para a Bibliotheca em Junho de 1889) . . . . . AR
- 399 Um ex. do *cruzado* de 1666, n.º 13 de Aragão.. AR

<sup>1</sup> Note-se que são pontos, e não anéis desfeitos (faço a observação, porque ás vezes ha confusões).

<sup>2</sup> Quando D. João IV morreu, D. Affonso era menor, e ficou regente a rainha até 1662. D. Affonso começou a reinar nesse anno, e morreu em 12 de Setembro de 1683; mas deixou de governar o reino em 22 de Novembro de 1667, sendo substituído por seu irmão D. Pedro. As moedas cunhadas durante a regencia tem o nome do príncipe, e não o do rei, como veremos adiante.

- 400 Um ex. dos *dois tostões* de 1664..... AR  
 401 Um ex. dos *dois tostões* de 1665, adquirido por mim para a Bibliotheca Nacional, em Junho de 1889..... AR  
 402 a 405 Quatro exs. do *tostão*, n.º 17 de Aragão..... AR  
 406 a 409 Quatro exs. do *meio-tostão*, n.º 18 de Aragão.. AR  
 410 e 412 Tres exs. dos *quatro vintens*, n.º 19 de Aragão; mas um differe em não estar cantonada por pontos a cruz (a não ser que os pontos estejam apagados) ..... AR  
 413 Um ex. dos *quatro-vintens*, com o L de LXXX recunhado; o cunho é pois:  $\begin{matrix} L \\ L \end{matrix}$ . Adquiri-o para a Bibliotheca em Junho de 1889 ..... AR  
 414 a 418 Cinco exs. dos *dois vintens*, Aragão n.º 20... AR  
 419 Um ex. do *vintem*, n.º 23 de Aragão..... AR  
 420 Um ex. que creio ser igual ao anterior, mas que está çafado no reverso..... AR  
 421 e 422 Dois exs. dos *dez réis*, n.ºs 24 e 25 de Aragão (um de cada especie)..... AR  
 423 e 424 Dois exs. dos *dez-réis*, n.º 26 de Aragão..... AR

\*

## 21. D. Pedro II <sup>4</sup>

### A) Como príncipe

#### a) COM OS TYPOS DAS MOEDAS DOS REINADOS ANTERIORES

- 425 Um ex. dos *quatro-vintens*, n.º 4 de Aragão... AR

<sup>4</sup> D. Pedro cunhou moedas:

- I) Como príncipe regente em nome do irmão (1667-1683):  
 a) umas com os typos das do reinado anterior (1667-1677),  
 b) outras com typos novos (1677 1683):  
 1. Com coroa de príncipe;

426 e 427	Dois exs. do <i>meio-tostão</i> , n.º 5 de Aragão....	AR
428	Um ex. dos <i>dois-vintens</i> , n.º 6 de Aragão....	AR
428a, 428b e 428c	Mais tres exemplares da moeda antecedente .....	AR
429 e 430	Dois exs. do <i>vintem</i> , n.º 7 de Aragão (com leve diferença na legenda) .....	AR
431 a 434	Quatro exs. do <i>vintem</i> , que differem do n.º 7 de Aragão em ser cantonada por pontos a cruz do reverso.....	AR
435	Um ex. do <i>meio-vintem</i> , n.º 8 de Aragão; mas o nosso exemplar tem o reverso recunhado..	AR
436	Um ex. dos <i>dez réis</i> , com PRINCEPS, 1677; cf. A., n.º 9, que tem PRINCES .....	AE
437	Outro ex. que differe do antecedente em ser mais espesso (mas tem a mesma data).....	AE
438	Um ex. dos <i>cinco réis</i> , 1677; cf. A. n.º 10..	AE
439	Outro ex., com desvio dos cunhos no reverso..	AE
440	Um ex. dos <i>tres réis</i> , de 1677; cf. A. n.º 11..	AE
441	Outro ex. de 1677    .....	AE
442	Um ex. do <i>real e meio</i> , 1675; cf. A. n.º 12 ..	AE
443 e 444	Mais dois exs. com a data um tanto sumida ...	AE

## b) COM TYPOS NOVOS

### 1. Moedas com coroa de principe

- 445 «Ensaio monetario» dos *dois vintens*: PETVS (sic) ·D·G·P·PORTVGAL No campo XXXX entre ornatos, e por cima a coroa de principe. Rev.: IN HOC·SIGNO·VINCES· 679. No campo a

2. Com coroa de rei.

II) Como rei (1683-1706), — todas com os novos typos—:

1. Com coroa de principe (poucas: Aragão n.ºs 37, 40, 43, 46, 49 e 52);

2. Com coroa de rei.

Na Bibliotheca Nacional não ha os citados typos de Aragão (rei com coroa de principe), a não ser que se quisessem considerar os n.ºs 478 e 479 como pertencentes a essa classe, o que não me pareceria acertado.

- cruz de S. Jorge cantonada por florões. Cf.  
A. n.º 23, e p. 59 . . . . . AR  
446 e 447 Dois exs. do *meio-tostão*, A. n.º 21 . . . . . AR

## 2. Moedas com coroa de rei

- 448 e 449 Dois exs. dos *dez reis*, de 1683, A., n.º 28 . . . . . AE  
450 e 451 Dois exs. dos *cinco reis*, de 1683, A. n.º 29  
(um d'elles, porém, tem dois orificios, — em  
cada orla seu) . . . . . AE  
452 Um ex. dos *tres reis*, 1682. Muito raro. A.  
n.º 27 . . . . . AE  
453 Um ex. dos *tres reis*, 1683, A. n.º 30 . . . . . AE  
454 Um ex. do *real e meio*, 1683, A. n.º 31 . . . . . AE

## B) Como rei

- 455 Um ex. da *moeda*, 1703; cf. A. n.º 32 . . . . . AV  
456 Um ex. da *meia moeda*, 1703; cf. A. n.º 34 . . . . . AV  
457 Um ex. do *quarto de moeda*, 1691, A. n.º 36 . . . . . AV  
458 e 459 Dois exs. do *cruzado*, um de 1687, outro de  
1869 (*cruzado novo*<sup>1</sup>); cf. A. n.º 38 . . . . . AR  
460 a 462 Tres exs. do *cruzado novo*, cunhados no Porto,  
um de 1689, outro de 1690, outro de 1697;  
cf. A. n.º 39 . . . . . AR  
463 Um ex. do *meio cruzado* ou *dois tostões*, de 1687;  
cf. A. n.º 41 . . . . . AR  
464 Um ex. dos *doze vintens* ou *meio cruzado novo*,  
de 1689 . . . . . AR  
465 Um ex. dos *doze vintens* (= meio cruzado novo),  
do Porto, de 1689; cf. A. n.º 42 . . . . . AR  
466 Um ex. dos *seis vintens*, A. n.º 44 . . . . . AR  
467 e 468 Dois exs. dos *seis vintens*, Porto: um de 1693,  
outro de 1704; cf. A. n.º 45 . . . . . AR  
469 e 470 Dois exs. dos *tres vintens*, A. n.º 47 . . . . . AR  
471 Um ex. dos *tres vintens*, do Porto, A. n.º 48 . . . . . AR

<sup>1</sup> Conforme a lei de 1868: LF, p. 223; A., II, 64.

472	Um ex. de LXXX, isto é, <i>tostão</i> , A. n.º 50 . . . .	AR
473	Um ex. do LXXX, isto é, <i>tostão</i> , do Porto, de 1689; cf. A. n.º 51 . . . . .	AR
474	Outro de 1690 (Porto) . . . . .	AR
475	Outro de 1691 (id.) . . . . .	AR
476	Outro de 1692 (id.) . . . . .	AR
477	Outro de 1700 (id.) . . . . .	AR
478 e 479	Dois exs. de XXXX, isto é, do <i>meio tostão</i> . A coroa só tem dois diademas visíveis, como a de príncipe, mas estes estão emperlados, como a de rei; além d'isso os seus florões são como os da coroa real. Aragão, n.º 53 . . . . .	AR
480	Outro ex., que difere do antecedente apenas na fôrma da coroa, que é claramente de rei (quatro diademas visíveis) . . . . .	AR
481	Outro ex., que difere em ter no anv., por baixo da marquilha, um florão entre dois pontos, como os seguintes, ao passo que o anterior tem um simples florão . . . . .	AR
482 a 485	Quatro exs. de XXXX, isto é, do <i>meio-tostão</i> , do Porto, A. n.º 54 . . . . .	AR
486	Um ex. do <i>vintem de S. Antonio</i> , com restos de serrilha, se é que é de D. Pedro II (cf. A. II, 142) . . . . .	AR
487	Um ex. dos <i>dez reis</i> , de 1699, A. n.º 59 . . . .	AE
488 e 489	Dois exs. dos de 1703 . . . . .	AE
490 e 491	Dois exs. dos <i>cinco reis</i> de 1699, A. n.º 60 . .	AE
492	Um ex. dos de 1703 . . . . .	AE
493	Um ex. dos <i>tres reis</i> de 1688, A. n.º 57 . . . .	AE
494 e 495	Dois exs. dos <i>tres reis</i> de 1699, A. n.º 61 . . .	AE
496 e 497	Dois exs. dos de 1703 . . . . .	AE
498 e 499	Dois exs. do $1\frac{1}{2}$ <i>real</i> de 1699 . . . . .	AE
500	Um ex. do de 1703 . . . . .	AE

22. D. João V (1706-1750) <sup>1</sup>

- 501 a 503 Tres exs. da *moeda de ouro* (4\$000), respectivamente de 1722, 1724 e 1726, sendo duas da Bahia (1722 e 1726) e a outra do Rio. Cf. A. n.º 5 ..... AV
- 504 Um ex. da *meia-moeda* de 1715 da Bahia. Cf. A. n.º 9 ..... AV
- 505 Um ex. do *quartinho* de 1745. Cf. A. n.º 13 (mas o nosso ex. ó de módulo maior)... .. AV
- 506 e 507 Mais dois exs. da mesma data ..... AV
- 508 a 510 Tres exs. do mesmo *quartinho*, de 1711, 1716 e 1739 ..... AV
- 511 Um ex. do de 1713, que comprei para a Bibliotheca Nacional no leilão do espolio de Figanière ..... AV
- 512 Um ex. do *cruzado novo*, 1719, cf. A. n.º 18... AV
- 513 a 515 Tres exs. do de 1720, um d'elles bastante cercado..... AV
- 516 Um do de 1723, em bom estado..... AV
- 517 Um, um tanto estragado, de 1724..... AV
- 518 Um, em bom estado, de 1725..... AV
- 519 Um, em bom estado, de 1728..... AV
- 520 Um, com um orificio, de 1730 ..... AV
- 521 Um, um tanto martellado, de 1744 ..... AV
- 522 Um ex. do *dobrão* de «20\$000» reis, das Minas Geraes, de 1726, A. n.º 21 ..... AV
- 523 Um ex. do *meio dobrão* de «10\$000» réis das Minas Geraes, de 1725, cf. A. n.º 22 ..... AV
- 524 Um ex. da dobra de oito escudos, das Minas Geraes, de 1732, A. n.º 26 ..... AV
- 525 Outro ex. da do Rio, 1732, mas differe na fórma do brazão (cf. Meili, est. X, n.º 26) .. AV
- 526 Um ex. da dobra de quatro escudos, ou *peça*,

<sup>1</sup> Comquanto eu forme adiante uma secção destinada ás moedas coloniaes, incluo aqui as de ouro brasileiras, por isso que correram tambem na metropole. Eram *moedas nacionaes*.

- do Rio, 1747 (com o mesmo typo do brasão da anterior)..... AV
- 527 Um ex. da dobra de dois escudos ou *meia-peça*, do Rio, 1749 (com o mesmo typo do brasão das anteriores)..... AV
- 528 Um ex. do *escudo* ou  $\frac{1}{4}$  de *peça*, de L(isboa), 1722 (cf. A. n.º 29)..... AV
- 529 Um ex. como o n.º 33 de A., só se differença um tanto na fórma do brasão e na data, pois o nosso tem 1726 ou 1728 (o 6 é emendado de 8 ou vice-versa):  $\frac{1}{4}$  de *peça* ou *escudo*... AV
- 530 Um ex. dos *oito tostões*, *meio-escudo*, ou *oitavo de peça*, L(isboa) 1722, A. n.º 30..... AV
- 531 Um ex. da mesma moeda, que differe do de A., n.º 34, na fórma do brasão, e em não ter letra indicativa da casa monetaria, e ter a data de 1743..... AV
- 532 Outro ex., cerceado, differente do anterior no brasão, e com a data de 1729..... AV
- 533 Outro ex., cerceado, e differente do anterior no brasão, com a data de 1730..... AV
- 534 e 535 Dois exs. com a data de 1736 ou 1738, e com o brasão semelhante ao de 1743..... AV
- 536 Um ex. do *cruzadinho*, do Rio, 1734 (cf. A. n.º 35)..... AV
- 537 Outro ex., de Minas, 1732, roto..... AV
- 538 Outro ex., de Minas, 1734... AV
- 539 Outro ex., de Minas, 1734, com um orificio obturado..... AV
- 540 e 541 Dois exs. do *pinto*, 1750, A. n.º 39..... AR
- 542 Um ex. dos *doze vintens*, 1747, A. n.º 42..... AR
- 543 Outro ex. de 1748..... AR
- 544 e 545 Dois exs. dos *seis vintens* (A. n.º 44)..... AR
- 546 Um ex. dos *tres vintens* (Lisboa), A. n.º 47... AR
- 547 Um ex. dos do Porto, A. n.º 48..... AR
- 548 e 549 Dois exs. do *tos'ão*, A. n.º 45..... AR
- 550 e 551 Dois exs. do *meio-tostão*, estando furado um d'elles: cf. A. n.º 50, do qual differem levemente..... AR
- 552 Um ex. do do Porto (A. n.º 51)..... AR
- 553 a 556 Quatro exs. do *vintem de S. Antonio*, com ori-

	ficios: cf. A. n.º 52 (se é que são de D. João V).....	AR
557	Um ex. do mesmo, do Porto intacto (A. n.º 53)..	AR
558 e 560	Tres exs. do mesmo, do Porto, com furos.....	AR

1.ª serie das moedas de cobre <sup>1</sup>

561	Um ex. dos <i>dez reis</i> , 1713 (A. n.º 54).....	AE
562 e 563	Dois exs. dos <i>dez reis</i> de 1721 .....	AE
564	Um ex. dos <i>cinco reis</i> de 1714 (cf. A. n.º 55).	AE
565	Outro ex., de 1721 .....	AE
566	Um ex. dos <i>tres reis</i> de 1714 (cf. A. n.º 56)..	AE
567	Um ex. do <i>1 1/2 real</i> de 1712 (A. n.º 57).....	AE
568	Outro ex., que parece de 1713 .....	AE
569	Outro ex., de 1714 .....	AE

2.ª serie das moedas de cobre <sup>2</sup>

570 e 571	Dois exs. dos <i>dez reis</i> de 1736 (A. n.º 61)....	AE
572	Um ex. de 1734.....	AE
573	Um ex. de 1737.....	AE
574	Um ex. de 1747.....	AE
575	Um ex. de 1751.....	AE
576	Um ex. dos <i>cinco reis</i> de 1737 (A. n.º 62)....	AE
577	Outro de 1732 .....	AE
578	Outro de 1743 .....	AE
579	Um ex. dos <i>tres reis</i> de 1732 (A. n.º 63).....	AE
580	Outro de 1734 .....	AE
581	Outro de 1737 .....	AE
582	Outro de 1744 .....	AE

\*

<sup>1</sup> Estas moedas tem no anverso as iniciais «J.V.» coroadas, e no reverso a marquiha dentro de uma coroa de louros, estando a data na orla.

<sup>2</sup> Estas moedas tem no anverso as armas do reino, e no reverso a marquiha e a data dentro de uma grinalda de ramos de carvalho.

## 23. D. José (1750-1777)

583	Um ex. da <i>peça</i> , Rio, 1776 (cf. A. n.º 1) . . . .	AV
584	Um ex. da <i>meia-peça</i> , Bahia, 1765 (cf. A. n.º 2)	AV
585	Um ex. do <i>escudo</i> , 1768 (cf. A. n.º 3) . . . . .	AV
586	Um ex. do <i>meio escudo</i> , ou <i>oito tostões</i> , Rio, 1763 (cf. A. n.º 4) . . . . .	AV
587	Um ex. do <i>cruzado novo</i> (A. n.º 6) . . . . .	AV
588	Um ex. do <i>pinto</i> de 1763 (A. n.º 7) . . . . .	AR
589	Outro de 1768 . . . . .	AR
590	Um ex. dos <i>doze vintens</i> de 1762 (cf. A. n.º 8)	AR
591	Outro ex. de 1766 . . . . .	AR
592 e 593	Dois exs. de 1767 . . . . .	AR
594 e 595	Dois exs. dos <i>seis vintens</i> (A. n.º 9) . . . . .	AR
596	Um ex. dos <i>tres vintens</i> (A. n.º 10) . . . . .	AR
597	Um ex. do <i>tostão</i> (A. n.º 11) . . . . .	AR
598 e 599	Dois exs. do <i>meio-tostão</i> (A. n.º 12) . . . . .	AR
600	Um ex. dos <i>dez reis</i> de 1757 (cf. A. n.º 13) . . .	AE
601 a 603	Mais tres exs., respectivamente de 1764, 1765, e 1776 . . . . .	AE
604	Um ex. dos <i>cinco reis</i> de 1752 (cf. A. n.º 14) .	AE
605 e 606	Mais dois exs.: de 1757 e 1764 . . . . .	AE
607 e 608	Dois exs. dos <i>tres reis</i> , de 1764 ambos (cf. A. n.º 15) . . . . .	AE

\*

24. D. Maria I <sup>1</sup>

## A) D. Maria I &amp; D. Pedro III

609	Um ex. da <i>peça</i> de D. Maria I & D. Pedro III, de 1781 (cf. A. n.º 1) . . . . .	AV
-----	---	----

<sup>1</sup> D. Maria casou em 6 de Junho de 1760 com o infante D. Pedro, seu

610	Um ex. do <i>meio-escudo</i> , 1784 (A. n.º 4) . . . . .	AV
611	Um ex. do <i>quartinho</i> , 1779, com um orifício (cf. A. n.º 5). Este ex. comprei-o em 1 do VIII de 1889. . . . .	AV
612 e 613	Dois exs. do <i>pinto</i> , respectivamente de 1779 e 1781 (cf. A. n.º 7) . . . . .	AR
614	Um ex. dos <i>doze vintens</i> , 1780 (cf. A. n.º 8) . . . . .	AR
615	Um ex. dos <i>seis vintens</i> (A. n.º 9) . . . . .	AR
616	Um ex. dos <i>tres vintens</i> (A. n.º 10) . . . . .	AR
617	Um ex. do <i>tostão</i> (A. n.º 11) . . . . .	AR
618	Um ex. do <i>meio-tostão</i> (A. n.º 12) . . . . .	AR
619 e 620	Dois exs. dos <i>dez reis</i> , 1785 (cf. A. n.º 13) . . . . .	AE
621	Um ex. dos <i>tres reis</i> , 1777 (A. n.º 15) . . . . .	AE

## B) D. Maria I sózinha

622	Um ex. da <i>peça</i> de 1789, Rio, com veu de viuva (cf. A. n.º 17) . . . . .	AV
623	Um ex. da <i>peça</i> de 1794, Rio, com toucado (cf. A. n.º 18) . . . . .	AV
624	Um ex. da <i>meia-peça</i> , 1789, com toucado (cf. A. n.º 19) . . . . .	AV
625	Um ex. do <i>meio escudo</i> , 1796, com toucado (cf. A. n.º 22) . . . . .	AV
626	Um ex. do <i>cruzado novo</i> , 1787 (cf. A. n.º 24) . . . . .	AV
627	Outro ex., de 1790 . . . . .	AV
628 e 629	Mais dois exs. de 1790, mas com a coroa diferente da do antecedente, isto é, menos larga. . . . .	AV
630	Um ex., de 1795, como os n.ºs 626 e 627 . . . . .	AV
631	Um ex. do <i>pinto</i> de prata, 1798 (A. n.º 25) . . . . .	AR
632	Outro ex. de 1795 . . . . .	AR
633	Outro ex. de 1797 . . . . .	AR

tio, e começou a reinar em 24 de Fevereiro de 1777. Havendo a rainha enlouquecido, recebeu as redeas do governo seu filho e successor D. João, que primeiro governou em nome da mãe, com o simples título de *príncipe* (1792-1799), e depois como *príncipe-regente* (desde 1799 até á morte d'ella em 1816). Ha moedas cunhadas em nome de D. Maria I & seu marido (que tomára o título de «D. Pedro III»), de 1777 a 1786; e outras cunhadas só em nome d'ella, depois de viuva.

634	Um ex. dos <i>doze vintens</i> , de 1793 (A. n.º 26)..	AR
635	Outro ex. de 1798 .....	AR
636 e 637	Dois exs. dos <i>seis vintens</i> (A. n.º 27) .....	AR
638	Um ex dos <i>tres vintens</i> (A. n.º 28) .....	AR
639	Um ex. do <i>tostão</i> (A. n.º 29) .....	AR
640	Um ex. do <i>meio-tostão</i> (A. n.º 30) .....	AR
641	Um ex. dos <i>dez reis</i> de 1791 (A. n.º 31) .....	AE
642	Outro dos de 1799 .....	AE
643 e 644	Dois exs. dos <i>cinco reis</i> de 1799 (A. n.º 32)..	AE
645	Um ex. dos <i>tres reis</i> de 1797 (A. n.º 34) .....	AE

\*

## 25. D. João VI <sup>1</sup>

### A) Como simples príncipe

646	Um ex. do <i>pinto</i> de 1801 (A. n.º 1) .....	AR
647	Outro do de 1800 .....	AR
648	Outro do de 1799 .....	AR
649	Um ex. dos <i>seis vintens</i> (A. n.º 2) .....	AR
650	Um ex. dos <i>tres vintens</i> (A. n.º 3) .....	AR
651	Um ex. do <i>meio-tostão</i> (A. n.º 5) .....	AR
652	Um ex. dos <i>cinco reis</i> , 1801 (cf. A. n.º 8) .....	AE

### B) Como príncipe regente

653	Um ex. da <i>peça da jarra</i> , 1802 (A. n.º 9) .....	AV
-----	--	----

<sup>1</sup> D. João cunhou moedas :

Como simples *príncipe* (1792-1799) ;

Como *príncipe-regente* (1799-1816) ;

Como *rei* (1816-1826).

Sem embargo, ha moedas com datas posteriores a 1792 em nome de D. Maria I, e com datas posteriores a 1799 em nome de D. João como simples *príncipe*. São anomalias que ás vezes acontecem na transição dos reinados ou dos governos.

- 654 Um ex. da *peça commun*, 1809, Rio (cf. A. n.º 11)..... AV
- 655 a 657 Tres exs. do *meio escudo*, ou *oito tostões*, 1805, (A. n.º 14) ..... AV
- 658 Um ex. do *cruzado novo*, 1807 (A. n.º 15). Comprado em 1-VIII-89 para a Bibliotheca Nacional..... AV
- 659 Um ex. do *pinto*, 1809 ..... AR
- 660 Outro do de 1810, comprado por mim no leilão de Figanière para a Bibliotheca Nacional ... AR
- 661 Outro do de 1816 (A. n.º 16)..... AR
- 662 Um ex. dos *doze vintens* de 1808 (cf. A. n.º 17) AR
- 663 Um ex. dos *seis vintens* (A. n.º 18)..... AR
- 664 Um ex. dos *tres vintens* (A. n.º 19)..... AR
- 665 Um ex. do *tostão* (A. n.º 20) ..... AR
- 666 e 667 Dois exs. do *meio-tostão* (A. n.º 21) ..... AR
- 668 Um ex. do *pataco* de 1811 (A. n.º 22) ..... BR
- 669 Outro do de 1812 ..... BR
- 670 Um ensaio monetario de «30» reis (A. n.º 23).. BR
- 671 Um ensaio monetario de «20» reis (A. n.º 25).. BR
- 672 Um ex. dos *dez reis* de 1812 (A. n.º 27) ..... AE
- 673 Um ex. dos *cinco reis* de 1799, que tem no anv. JOANNES.DEI GRATIA, e no rev. PORTVGALIE .ET.ALGARBIORVM.REGINA. — *Moeda hybrida*: é o anv. do n.º 28 da est. LIH, e o rev. do n.º 32 da est. XLVII, de Aragão ..... AE
- 674 Um ex. dos *cinco reis* de 1812, que tem no anv.: MARIA.I.DEI GRATIA, e no rev.: PORTVGALIE.ET.ALGARBIORVM.P.REGENS. — *Moeda hybrida*: é o anv. do n.º 32 da est. XLVII de Aragão, e o rev. do n.º 28 da est. LIH,—o invés, pois, da anterior: de modo que, se se assentar uma na outra, fica uma moeda, ou de D. Maria I, ou de D. João VI, conforme as paginas que se ajustarem. (Cf. o que diz Aragão, t. II, pag. 147) ..... AE
- 675 Um ex. dos *cinco reis* de 1813..... AE
- 676 e 677 Dois exs. dos *tres reis* de 1804 ..... AE

## C) Como rei

678	Um ex. da <i>peça</i> , 1822 (A. n.º 30).....	AV
679	Um ex. da <i>meia-peça</i> , 1822 (A. n.º 31).....	AV
680	Um ex. do <i>pinto</i> de 1818 .....	AR
681	Outro do de 1823 (A. n.º 36) .....	AR
682	Um ex. dos <i>doze vintens</i> de 1818 (A. n.º 37) ..	AR
683	Outro do de 1820.. .....	AR
684 e 685	Dois ex. dos <i>seis vintens</i> (A. n.º 38) .....	AR
686	Um ex. dos <i>tres vintens</i> (A. n.º 39) .....	AR
687	Um ex. do <i>tostão</i> (A. n.º 40) .....	AR
688	Um ex. do <i>meio tostão</i> (A. n.º 41).....	AR
689	Um ex. do <i>pataco</i> de 1820 (muito mais espesso que o seguinte).....	BR
690	Um ex. do <i>pataco</i> de 1822, mas pouco espesso (A. n.º 42) .....	BR
691	Outro ex. de 1822, espessura normal, e com serrilha .....	BR
692	Um ex. do <i>pataco</i> de 1823, espessura normal..	BR
693	Um ex. dos <i>dez reis</i> de 1819 (cf. A. n.º 43)...	AE
694	Outro dos de 1824 .....	AE

\*

26. D. Pedro IV <sup>1</sup>

695	Um ex. da <i>peça</i> de 1826, com o escudo oval (cf. A. n.º 2).....	AV
696	Um ex. da <i>meia-peça</i> do typo antecedente, de 1827 (A. n.º 3).....	AV

<sup>1</sup> Proclamado rei de Portugal em 1826, abdicou condicionalmente em sua filha D. Maria da Gloria (ao depois D. Maria II) no mesmo anno; em 1828 abdicou definitivamente. Em 30 de Junho d'esse anno foi D. Miguel acclamado rei absoluto, o que provocou a guerra civil dos liberaes e miguelistas, só terminada em 1834 (convenção de Evora-Monte).

- 697 Um ex. do *pinto* de 1826 (A. n.º 4) ..... AR  
 698 Um ex. do *pataco* de 1827 (A. n.º 8) ..... AE

\*

## 27. D. Miguel (1828-1834)

- 699 Um ex. da *peça* de 1828 com as palmas para dentro (A. n.º 1) ..... AV  
 700 Um ex. do ensaio monetario da *peça* de palmas para dentro, mas com a data de 1830 ..... BR  
 701 Um ex. da *meia-peça* de 1828, palmas para dentro (A. n.º 4) ..... AV  
 702 Um ex. da *peça* de 1830, com as palmas para fóra (A. n.º 2) ..... AV  
 703 Um ex. da *meia-peça* de 1831, palmas para fóra (A. n.º 5) ..... AV  
 704 a 707 Quatro exs. de *pintos*, respectivamente de 1828, 1830, 1831, e 1833 (cf. A. n.º 6) ..... AR  
 708 Um ex. dos *doze vintens* de 1830 (cf. A. n.º 7)... AR  
 709 Um ex. dos *seis vintens* (A. n.º 8) ..... AR  
 710 e 711 Dois exs. dos *tres vintens* (A. n.º 9) ..... AR  
 712 Um ex. do *tostão* (A. n.º 10) ..... AR  
 713 e 714 Dois exs. do *meio-tostão* (A. n.º 11) ..... AR  
 715 e 716 Dois exs. do *pataco* de 1830 (cf. A. n.º 13) ... BR  
 717 a 719 Tres exs dos *dez reis* de 1831 (A. n.º 14).... AE  
 720 Um ex. dos *cinco reis* de 1829 (A. n.º 15).... AE

\*

## 28. D. Maria II (1828-1853)

### A) Moeda cunhada pela Junta dos Açores em 1829

- 721 e 722 Dois exs. do *maluco* (moeda obsidional), cada um de sua espessura (A. n.º 28) ..... BR

B) Moedas cunhadas em Inglaterra em 1830, e mandadas pôr em circulação nos Açores em 1831 pela Regencia do Reino ahi estabelecida

723 e 724	Dois exs. dos <i>dez reis</i> (A. n.º 7).....	AE
725	Um ex. dos <i>cinco reis</i> (A. n.º 8) .....	AE

\*

C) Moedas cunhadas no Porto em 1833, no governo de D. Pedro IV, como regente do reino em nome de sua filha

726 e 727	Dois exs. do <i>pataco</i> (A. n.º 3) .....	BR
728	Outro, de módulo e espessura menores .....	BR
729	Ensaio monetario «20º réis (A. n.º 4) .....	BR

\*

D) Moedas cunhadas em Lisboa, desde o estabelecimento do governo liberal com a entrada do Duque da Terceira em 24 de Julho de 1833, até à reforma monetaria

730	Um ex. da <i>peça</i> de 1833 (A. n.º 9).....	AV
731	Um ex. da de 1834 (cf. A. n.º 10) .....	AV
732	Um ex. da de 1835 (cf. n.º 11) .....	AV
633 a 736	Quatro exs. de <i>pintos</i> : 1833, 1834, 1835, e 1836 (cf. A. n.º 12) .....	AR
737	Um ex. do <i>pataco</i> de 1834 (cf. A. n.º 13), o qual differe dos do Porto na fôrma do escudo ....	BR
738	Um ex. dos <i>dez reis</i> de 1836, com as armas simples (cf. A. n.º 14).....	AE

\*

E) Moedas posteriores á reforma monetaria de 24 de Abril de 1835, que trouxe o systema decimal

739	Um ex. da <i>coroa</i> («5,5000 réis») de 1838 (A. n.º 16).....	AV
740	Outro ex. da de 1851, LF, pag. 323 .....	AV
741	Um ex. do <i>quinto de coroa</i> («1,5000 réis») de 1851 (A. n.º 18, que tem, por lapso, «1841»)...	AV
742 a 744	Tres exs. da <i>coroa de prata</i> ou <i>dez tostões</i> : 1837, 1838, e 1844 (cf. A. n.º 19).....	AR
745 a 747	Tres exs. da <i>meia coroa de prata</i> , ou <i>cinco tostões</i> : de 1841, 1849, e 1851 (cf. A., n.º 20).....	AR
748 e 749	Dois exs. dos <i>dois tostões</i> : 1841 e 1843 (cf. A. n.º 21).....	AR
750 e 751	Dois exs. do <i>tostão</i> , respectivamente de 1851 e 1853 (cf. A. n.º 22).....	AR
752 a 754	Tres exs. do <i>vintem</i> : de 1847 (um) e de 1849 (dois), (cf. A. n.º 23)..	AE
755 a 759	<i>Dez reis</i> de dois typos:	
	a) Um ex. com as armas simples (conforme ao typo da secção anterior, n.º 738, mas com menor diametro, e mais espesso: LF, pag. 325), de 1838 (A. n.º 24) .....	AE
	b) Quatro exemplares com as armas ornamentadas (cf. LF, p. 325, e A. n.º 25): de 1840 (um ex.), de 1851 (um ex.), e 1852 (dois exs.).....	AE
760 a 762	Tres exs. dos <i>cinco reis</i> , respectivamente de 1840, 1848, e 1852 (cf. A. n.º 26).....	AE

\*

F) Patacos lavrados pela Junta do Porto em 1847

763	Um ex, como o n.º 27 de Aragoão, e o de LF, pag. 326-327, mas sem carimbo .....	BR
-----	---	----

- 764 Um ex. com o carimbo G. C. P., (= Governo Civil do Porto), como os citados ..... BR

\*

### 29. D. Pedro V(1853-1861)

- 765 Um ex. do *quinto de coroa*, ou *dois mil reis*, de 1856 (A. n.º 3) ..... AV
- 766 e 767 Dois exs. do *decimo de coroa*, ou *dez tostões de ouro* de 1855 (A. n.º 4) ..... AV
- 768 a 770 Tres exs. dos *cinco tostões*: de 1854, 1856, e 1858 (cf. A. n.º 5) ..... AR
- 771 Um ex. dos *dois tostões* de 1854 (cf. A. n.º 6)... AR
- 772 a 774 Tres exs. do *tostão*: de 1854, 1859, e 1861 (cf. A. n.º 7)..... AR
- 775 Um ex. do *meio tostão*, 1861 (cf. A. n.º 8).... AR

\*

### 30. D. Luís (1861-1889)

- 776 Um ex. do *quinto de coroa*, ou *dois mil reis*, com as armas do reino, entre palmas, 1866 (cf. A. n.º 4) ..... AV
- 777 Outro ex., com as armas do reino sobre o manto real disposto em *tórma de pavilhão*, 1877 (cf. A. n.º 5)..... AV
- 778 Um ex. dos *cinco tostões* de 1879 (cf. A. n.º 6)..... AR
- 779 a 781 Tres exs. dos *dois tostões* de 1880 (cf. A. n.º 7)..... AR
- 782 e 783 Dois exs. do *tostão* de 1879 (cf. A. n.º 8) .... AR
- 784 e 785 Dois exs. do *meio tostão*, respectivamente de 1876 e 1880 (cf. A. n.º 9) ..... AR

## Moedas de cobre

## A) TYPO ANTIGO

786	Um ex. do <i>vintem</i> de 1873 (A. n.º 10) . . . . .	AE
787	Um ex. dos <i>dez réis</i> de 1873 (cf. A. n.º 11) . . .	AE
788 a 790	Tres exs. dos <i>cinco réis</i> : de 1867, 1868, e 1877 (cf. A. n.º 12) . . . . .	AE
791 a 793	Tres exs. dos <i>tres réis</i> : de 1868, 1874, e 1875 (cf. A. n.º 13) . . . . .	AE

## B) TYPO MODERNO

794 e 795	Dois exs. do <i>vintem</i> de 1882 . . . . .	AE
796 e 797	Dois exs. dos <i>dez réis</i> de 1882 . . . . .	AE
798 e 799	Dois exs. dos <i>cinco réis</i> de 1882 . . . . .	AE
800 a 802	Tres ensaios monetarios de 1863: um ex. de xx um de x, e um de v, comprados por mim para a Bibliotheca Nacional no leilão de Figanière (cf. A. n.ºs 14 a 16) . . . . .	AE

\*

## 31. D. Carlos (1889-1908)

803	1890	Um ex. do <i>tostão</i> . . . . .	AR
804	»	Um ex. dos <i>cinco réis</i> . . . . .	AR
805	1891	Um ex. dos <i>cinco tostões</i> . . . . .	AR
806	»	Um ex. dos <i>dois tostões</i> . . . . .	AR
807	»	Um ex. do <i>tostão</i> . . . . .	AR
808 e 809	»	Dois exs. do <i>vintem</i> . . . . .	AE
810 e 811	»	Dois exs. dos <i>dez réis</i> . . . . .	AE
812 e 813	»	Dois exs. do <i>vintem</i> , com o «A» e o em- blema da Casa da Moeda de Paris . . . . .	AE
814 e 815	»	Dois exs. do <i>vintem</i> , com o barrete phrygio, imposto em fórma de carimbo <sup>1</sup> . . . . .	AE

<sup>1</sup> Nestes exs. e nos que tem os n.ºs 814 e 815 o barrete foi acrescenc-

816	»	Outro ex. da mesma moeda, com o barrete phrygio, gravado com ponteiro . . . . .	AE
817	»	Um ex. dos <i>dez réis</i> , com o barrete phrygio, imposto em fôrma de carimbo . . . . .	AE
818	1892	Um ex. dos <i>cinco tostões</i> . . . . .	AR
819	»	Um ex. do <i>vintem</i> . . . . .	AE
820	»	Um ex. dos <i>dez réis</i> . . . . .	AE
821	»	Outro ex., com o «A» e o emblema da Casa da Moeda de Paris . . . . .	AE
822	1893	Um ex. dos <i>cinco tostões</i> . . . . .	AR
823	»	Um ex. do <i>tostão</i> . . . . .	AR
824 e 825	»	Dois exs. do <i>meio tostão</i> . . . . .	AR
826	»	Um ex. dos <i>cinco réis</i> . . . . .	AE
827	1896	Um ex. dos <i>cinco tostões</i> . . . . .	AR
828 a 830	1898	Tres exs. (um de cada um) dos <i>dez tostões</i> , <i>cinco tostões</i> , e <i>dois tostões</i> , commemora- tivas das festas do centenario do desco- brimento da India . . . . .	AR
831	»	Um ex. dos <i>cinco réis</i> . . . . .	AE
832 e 833	1899	Dois exs. dos <i>dez tostões</i> . . . . .	AR
834	»	Um ex. dos <i>cinco réis</i> . . . . .	AE
835 a 838	1900	Quatro exs. do <i>tostão</i> . . . . .	N
839 a 841	»	Tres exs. do <i>meio tostão</i> . . . . .	N
842	1901	Um ex. dos <i>cinco tostões</i> . . . . .	AR
843	1903	Um ex. dos <i>cinco tostões</i> . . . . .	AR
844	»	Um ex. dos <i>dois tostões</i> . . . . .	AR
845	1904	Um ex. dos <i>cinco réis</i> . . . . .	AE
846	1905	Um ex. dos <i>cinco réis</i> . . . . .	AE
847	1906	Um ex. dos <i>quinhentos réis</i> . . . . .	AR
848	»	Um ex. dos <i>cinco réis</i> . . . . .	AE
849	1907	Um ex. dos <i>quinhentos réis</i> . . . . .	AR
850	»	Um ex. do <i>franco</i> de 1888, — moeda a que foi temporariamente dado curso legal em Portugal por Decreto de 3 de Julho de 1891 . . . . .	AR

---

tado pelo povo, por paixão politica. Imita-se assim o que se observa, por exemplo, em França, onde a palavra *EMPIRE* dos *soldos* e *dois soldos* de Napoleão III está prececlida de um *V*, addicionado pelos anti-napoleonistas (*l'EMPIRE = l'Empire*).

## 32. D. Manuel II (1908-1910)

## COLLECCÃO COMPLETA

851	1908	Um ex. dos <i>cinco tostões</i> .....	AR
852	1909	Um ex. dos <i>cinco tostões</i> .....	AR
853	»	Um ex. dos <i>dois tostões</i> .....	AR
854	»	Um ex. do <i>tostão</i> .....	AR
855	1910	Um ex. dos <i>dez tostões</i> , commemorativos do Centenario da Guerra Peninsular .....	AR
856	»	Um ex. dos <i>quinhentos réis</i> , commemorativos do mesmo Centenario .....	AR
857	»	Um ex. dos <i>quinhentos réis</i> , commemorativos do Centenario do Marquês de Pombal... AR	
858	»	Um ex. dos <i>cinco réis</i> .....	AE

(*Continúa*).

D.<sup>or</sup> J. LEITE DE VASCONCELLOS,

1.<sup>o</sup> Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa,  
Professor da Cadeira de Numismatica.

## BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

## REGISTO DE PROPRIEDADE LITTERARIA

## Obras entradas no anno de 1910

## Outubro

Para cumprimento do disposto no artigo 605.º do Codigo Civil Português se faz publico que no mês supradito foram registadas nesta Bibliotheca as seguintes publicações:

Por Gomes de Brito, como auctor: «No primeiro centenario de Alexandre Herculano. Paginas intimas. — Lisboa, Typographia da Livraria Ferin, 1910. — In-8.º de 280 paginas.

Por Francisco Justino da Silva Pombo, como auctor: «J. M. J., Cosmographia. Estudos sobre o patronato de Jesus, Maria e José.» — Lisboa, Typographia da Cooperativa Militar, 1909. Tres boletins, sendo de 8 paginas o primeiro in 4.º e de 32 paginas o segundo e de 36 paginas o terceiro in-8.º

Por José Augusto do Amaral Frazão de Vasconcellos, como editor: «El-Rei D. Miguel I e suas augustas irmãs orando a Nossa Senhora da Rocha». — Lisboa, 1910. — Uma estampa.

Por Tovar de Lemos, como auctor, editor e proprietario: «A

- syphilis». Instrucções para o povo. — Lisboa, Centro Typographico Colonial, 1910. — In-16.º de 32 paginas.
- Por Carlos Villar, a favor da Commissão do Campeonato de Portugal Inter-Clubs, como editora e proprietaria: «Guia de Lawn Tennis». — Lisboa, Typographia do Anuario Commercial, 1910. — In-8.º de 32 paginas.
- Por Carlos Adolfo Marques Leitão, como auctor: «C. A. Marques Leitão — Instrucção secundaria — Desenho», livro I, II e III, 3 volumes. — Lisboa, Typographia A Editora, 1909. — In-8.º oblongo de 188 paginas o livro I, de 130 paginas o livro II e de 190 paginas o livro III.
- Por Thomaz Bordallo Pinheiro, como editor e proprietario: «Bibliotheca de instrucção profissional, manual do navegante, regras e preceitos da lide do mar». — Lisboa, in-12 de 320 paginas.
- Por Thomaz Bordallo Pinheiro, como editor e proprietario: «Bibliotheca de instrucção profissional, Manual do ferreiro», 2.ª edição. — Lisboa, Typographia Rua Ivens, 45 e 47. — In-12.º de 252 paginas.
- Por Celestino Steffanina, como editor: 1910, n.º 1, «Pst!». — Lisboa, Typographia do Commercio. — In-16.º de 32 paginas.
- Por Francisco Mantero, como auctor e editor: «A mão de obra em S. Thomé e Principe». — Lisboa, Typographia do Anuario Commercial, 1910. — In-4.º de 378 paginas.
- Por Carlos Harrington, como proprietario: «O fado», semanario, n.º 1, anno I. — Lisboa, 16 de abril de 1910. — Imprensa, Rua das Gaveas, 29 e 31. — In-folio de 4 paginas.
- Por Brito Camacho, a favor da empresa de *A Lucta*, como editora e proprietaria: «Almanach do jornal *A Lucta*, para 1910. — Lisboa, Centro Typographico Colonial, 1909. — In-8.º de 328 paginas.

- Por Manuel Correia de Mello, como auctor: «O pifaro e o rouxinol», dueto. — Lisboa, in-folio de 4 paginas.
- Por Luiz dos Santos Trindade, como proprietario: «A comedia», revista, n.º 1, 10 de abril de 1910. — Lisboa, impressão, rua da Conceição da Gloria, 40.—In-4.º de 8 paginas.
- Pela casa editora de Antonio Figueirinhas, como editora: «Obras primas da literatura franceza», sermões de Bossuet, traducção de Manuel de Mello, vol. II. — Porto, Typographia Universal, 1909. — In-32.º de 466 paginas.
- Por Lello & Irmão, como editores: David Frederico Strauss, «A antiga e a nova fé», traducção de A. Pimenta. — Porto, Imprensa Moderna. — In-folio de 304 paginas.
- Por Arnaldo Boddallo, como editor:—Cruz de Magalhães: «Os grilos», monologo, 4.ª edição. — Lisboa, Imprensa Lucas, 1910. — In-4.º de 8 paginas.
- Eduardo Coelho: «Amor e rheumatico», monologo, 2.ª edição. — Lisboa, Imprensa Lucas, 1910.— In-4.º de 8 paginas.
- Encyclopedia Boddallo: «Collecções de manuaes uteis», vol. 1, «Manual de medicina domestica», 2.ª edição augmentada. — Lisboa, Imprensa Lucas, 1910. — In-8.º de 280 paginas.
- Pela livraria de Arnaldo Boddallo, como editora:—José da Camara Manuel: «Os filhos da miseria», drama. — Lisboa, Imprensa Lucas, 1910. — In-8.º de 40 paginas.
- Emile Augier & Jules Sandeau: «O genro do Sr. Poirier», comedia, traducção de J. da Camara Manuel. — Lisboa, Imprensa Lucas, 1910. — In-8.º de 58 paginas.
- Luiz Barreto: «Á margem do codigo», peça em 3 actos. — Lisboa, Imprensa Lucas, 1910. — In-8.º de 52 paginas.
- Por João Carneiro, como editor: «Bibliotheca sexual — N.º 10 Augusto de Castro: O amor e o vicio». — Lisboa, impresso na Travessa da Palma, 4.—In-16.º de 76 paginas.

- Por Francisco Franco, como editor: «Dr. William Georges Boller: Vigor viril ou conservação perpetua das forças viris. — Guia medicinal de algebeira». — Lisboa, Imprensa Lucas. — In-8.º de 112 paginas.
- Por Antonio Cabreira, como auctor: «1.º Congresso nacional— Organização da defesa nacional sob o ponto de vista terrestre, segundo a orientação da politica externa nacional», these da secção portugueza da Liga Latino-Slava. — Lisboa, Imprensa Africana, 1910. — In-12.º de 24 paginas.
- Por Manuel Antunes Amor, como auctor, editor e proprietario: «Manual de stenographia calligraphica». — Lisboa, Typographia do *Annuario Commercial*, 1910. — In-8.º de 48 paginas.
- Por Eugenio Coelho, como editor e proprietario: «Joaquim de Mello e Castro de Vasconcellos Gusmão: Diccionario legislativo ou compilação da legislação portugueza». — Lisboa, Imprensa Lucas.—4 volumes in-4.º que abrangem de paginas 2337 a 2720.
- Pela livraria Ferin, como editora: «Jacintho Verdagner: «A Atlantida». — Poema catalão traduzido em verso portuguez, por J. M. Gomes Ribeiro. — Lisboa, Typographia da livraria Ferin, 1909. — In-8.º de 326 paginas.
- Por David Motta, como proprietario: «Uma photographia representando El-Rei D. Carlos preparado para a caça».

## Novembro

- Pela Parceria Antonio Maria Pereira, como editora: — Silva Pinto: «Na procella», 1909. — Lisboa, officinas da Parceria, 1909. — In-8.º de 368 paginas.
- Silva Pinto: «Rompendo o fogo». — Lisboa, officinas da Parceria, 1910. — In-8.º 392 paginas.

- 
- Duqueza Laureana: «Para espalhar maguas» — Lisboa, oficinas da Parceria, 1909. — In-8.º de 256 paginas.
- Mrs. Younge: «O herdeiro de Redclyffe», traducção do inglês — 2 volumes. — Lisboa, oficinas da Parceria, 1909. — In-16.º de 456 paginas o volume I e de 450 paginas o volume II.
- L. Burgerstein: «Construcções escolares e hygiene do ensino», traducção de J. A. de Oliveira e Silva. — Lisboa, oficinas da Parceria, 1910. — In-8.º de 172 paginas.
- Brito Aranha: «Contos e narrativas». — Lisboa, oficinas da Parceria, 1909. — In-8.º de 216 paginas.
- Sanches de Frias: «Quadros e letras». — Lisboa, oficinas da Parceria, 1910. — In-8.º de 232 paginas.
- Padre Senna Freitas: «Historicidade da existencia humana de Jesus, contra Emilio Rossi». — Lisboa, oficinas da Parceria, 1910. — In-8.º de 220 paginas.
- Padre Senna Freitas: «Stambul ou itinerario de uma viagem a Constantinopla». — Lisboa, oficinas da Parceria, 1909. — In-8.º de 284 paginas.
- Padre Manuel de Azevedo: «Vida do thaumaturgo portuguez Santo Antonio de Padua», traduzido por T. Lino de Assunção. — Lisboa, oficinas da Parceria, 1909. — In-8.º de 464 paginas.
- Padre José Antonio Vieira de Mello: «Oratoria sagrada». — Lisboa, oficinas da Parceria, 1910. — In-8.º de 196 paginas.
- «Arte de confeitaria e pastelaria», novo tratado de conserveiro e doceiro. — Lisboa, oficinas da Parceria, 1910. — In-8.º de 290 paginas.
- J. T. da Silva Bastos: «Ditosa Patria, minha amada». — Lisboa, oficinas da Parceria, 1909. — In-8.º de 268 paginas.

- Por Teotónio dos Santos Rodrigues, como proprietario: «Luz», revista, anno I, n.º 1. — Porto, 15 de março de 1910. — Composto e impresso na Typographia Peninsular.
- Por Augusto Ramos da Costa, como auctor e proprietario: «O trajecto do cometa de Halley, outros cometas no firmamento!» — Lisboa, Typographia de J. F. Pinheiro. — — In-8.º de 22 paginas.
- Por Emile Renault, como auctor, editor e proprietario: «Clairon Français», uma folha lithographada, a côres e com diversos dizeres.
- Por Alfredo Pinto (Sacavem), como auctor: — «Impressões». — Lisboa, Typographia da Livraria Ferin, 1909, — In-8.º de 252 paginas.
- E. Gauche: «Chopin», versão de Alfredo Pinto (Sacavem). — Lisboa, Typographia Ferin, 1910. — In-8.º de 40 paginas.
- Por M. Roque da Silva, como auctor: «Uma prece para reparação de uma vergonha secular. Elementos para a implantação da cultura da seda em Portugal». — Lisboa, Imprensa Lucas, 1910. — In 8.º de 48 paginas.
- Por Alexandre Fontes, como auctor e editor: «A orthographia portugueza», (vocabulario), 2.ª edição. — Lisboa, Typographia do Annuario Commercial, 1910. — In-8.º de 288 paginas.
- Por Alexandre Fontes, como auctor e editor: «A escrita nacional ou a orthographia portugueza, etymologica e tradicional», 2.ª edição. — Lisboa, Typographia do Annuario Commercial, 1909. — In-8.º de 448 paginas.
- Pelo Padre Benevenuto de Sousa, como director-proprietario: «Bilhetes postaes illustrados», collecção Luz e Fogo. — N.º 16: «Santa Cecilia nega-se a adorar a estatua de Jupiter». — N.º 17: «A princesa filha de Pharaó acha Moysés no Rio Nilo». — Porto, Typographia Santos, 1910.

- Por Lello & Irmão, como editores:—Coelho Neto: «Apologos». — Porto, Imprensa Moderna, 1910. — In-8.º de 266 paginas.
- Luiz Murat: «Ondas», volume III. — Porto, Imprensa Moderna, 1910. — In-8.º de 342 paginas.
- Por Antonio José de Sá Leão Pimentel, como auctor: «Serenatas», 2.ª edição. — Porto, Typographia Coelho 1910.— In-4.º de 224 paginas.
- Por Aloisio Gomes da Silva, como editor: «Manual da congregação dos santos anjos para uso dos collegios ou pensio-natos de meninas, por Maria Edmond Gomes da Silva», 2.ª edição. — Porto, Typographia de F. J. de Almeida, 1910. — In-8.º de 264 paginas.
- Pela Casa Editora de A. Figueirinhas, como editora, José Agostinho: «Christo» (poema), 2.ª edição. — Porto, Typographia Universal, 1910. — In-8.º de 34 paginas.
- Por Thomás Bordallo Pinheiro, como editor e proprietario: «Bibliotheca de instrucção profissional — Elementos de electricidade — 2.ª edição. — Lisboa, Typographia da Empresa da Historia de Portugal. — In-4.º de 390 paginas.
- Por A. T. Carneiro, como editor: «Bilhetes postaes illustrados com vistas de Amarante», n.ºs 18, 19 e 20. — Amarante, Photographia de A. T. Carneiro.
- Pela Empresa Litteraria do Correio Agricola de Lisboa, como editora: — Bibliotheca de Cupido, 1.ª serie, n.º 3. — João Risonho: «O chavelhudô ou um pintor e o seu modelo». — Lisboa, Typographia de herdeiros de Silvestre Castanheiro. — In-16.º de 68 paginas.
- O «Almocreve das Petas», 1.ª serie, Lisboa, 4 de junho de 1910, n.º 1.—Typographia, Calçada de S. Francisco, 13. — In-8.º de 16 paginas.
- Por Bernardo Valentin Moreira de Sá, como auctor e editor: «Ensino normal primario», Compendio de musica, 3.ª

edição. — Porto, Typographia da Empresa Litteraria e Typographica, 1910. — In-4.º de 170 paginas.

Por Anna Gomes Coelho da Silva e Guilherme Gomes Coelho, como proprietarios. — Julio Dinis: «Ineditos e esparso». — Lisboa, Typographia «A Editora», 1910. — In-8.º de 446 paginas.

Por Pedro Pinto, como auctor: «Bosquejos dramaticos», monologos e cançonetas. — Lisboa, Imprensa Lucas, 1910. — In-8.º de 120 paginas.

Por Fidelino de Figueiredo, como auctor: «Centenario de Alexandre Herculano (1810-1910)», Herculano critico, poeta e romancista. — Lisboa, Typographia Universal, 1910. — In-8.º de 18 paginas.

Por Faustino da Fonseca, como auctor, editor e proprietario: «Beijos por lagrimas». — Lisboa, Imprensa Lucas, 1910. — In-8.º de 152 paginas.

Per Faustino da Fonseca, como auctor: «Historia e lenda de Ignez de Castro». — Lisboa, Imprensa Libanio da Silva, 1910. — In-8.º de 268 paginas.

Por Lello & Irmão, como editores: — Amadeu de Vasconcellos Mariotte: «Os cometas». — Porto, Imprensa Moderna, 1910. — In-8.º de 152 paginas.

— A. A. Magalhães e Silva: «Philosophia», 6.ª classe. — Porto, Typographia Progresso. — In-8.º de 116 paginas.

— R. Von Ihering: «A Luta pelo Direito», traducção de J. Tavares Bastos. — Porto, Imprensa Moderna, 1910. — In-8.º de 184 paginas.

## Dezembro

- Por Filipe Eduardo de Almeida Figueiredo, como auctor e editor : «As chuvas em Portugal. Apontamentos de Meteorologia Agricola». — Lisboa, Typographia Castro Irmão, 1910. — In-8.º de 50 paginas.
- Por Francisco Franco, como editor e proprietario : — «Bibliotheca de livros uteis e scientificos». N.º 2. — Manuel Antonio do Carmo : «Manual pratico do licorista». 2.ª edição — Lisboa, Imprensa Lucas. — In-8.º de 96 paginas.
- «Bibliotheca de livros uteis e scientificos». N.º 3. — Sylvanus Stall e Emma F. Drake : «Tudo que o homem e a mulher devem saber aos quarenta e cinco annos», traducção livre do inglês. — Lisboa, Imprensa Lucas. — In-8.º de 112 paginas.
- Por Raul Augusto de Oliveira, como co-proprietario : «A Alma do Fado». Anno I, n.º 1. — Lisboa, 9 de julho de 1910. Impressão na *Publicidade*. — In-folio de 4 paginas.
- Pelo Visconde de S. Luiz de Braga, como proprietario da traducção : — Alexandre Bisson : «A primeira causa», peça em cinco actos, traducção de Cunha e Costa. — Lisboa, Typographia Lallemand, 1910. — 1 folheto que abrange até paginas 8.
- Nancey e Armont : «Theodoro & C.<sup>as</sup>», peça em tres actos, traducção de Acacio de Paiva. — Lisboa, Typographia Lallemand, 1910. — 1 folheto que abrange até paginas 8.
- H. Bataille : «Virgem louca», peça em quatro actos, traducção de Amadeu Cunha. — Lisboa, Typographia Lallemand. — 1 folheto que abrange até paginas 8.
- Por Domingos Pires, como auctor e editor : «Elementos para facilitar a redacção de participações policiaes». — Lisboa,

- Typographia Assis, Maia & Pacheco. — In-8.º de 272 paginas.
- Por Luthgarda Guimarães de Caires, como auctora: «Glycias». — Lisboa, Typographia do Anuario Commercial, 1910. — In-8.º de 214 paginas.
- Por João Carneiro, como editor e proprietario: Bibliotheca Social — N.º 1: «Melchior Inchofer (Jesuita)», «A monarchia jesuitica», traducção de Augusto de Castro (Socrat). — Lisboa, Typographia A. M. Antunes. — In-12.º de 140 paginas.
- Por Eugenio Coelho, como proprietario-editor, Joaquim de Mello e Castro de Vasconcellos Gusmão: «Diccionario legislativo ou compilação portuguesa, devidamente alfabetada». — Alemejo, Mourão, tres volumes in-4.º, que abrangem de paginas 2:721 a 2:992.
- Por Santos & Vieira, como editores: «Paulo Mantegazza. Psychologia feminina», traducção de Joaquim dos Anjos. — Lisboa, Typographia da Empresa Litteraria e Typographica, 1910. — In-8.º de 248 paginas.
- Por Manuel Antonio da Rocha, Successores, como auctores, editores e proprietarios: «Best Portland Cement. Unicos importadores Manuel Antonio da Rocha, Successores. — Lisboa, 1 folha volante.
- Por Lopo Vaz de Sampaio e Mello, como auctor, editor e proprietario: «Questões coloniaes. Politica indigena». — Porto, Typographia da Empresa Literaria e Typographica, 1910, — In-8.º de 576 paginas.
- Por C. Steffanina, como editor e proprietario: «Bilhete postal, Busto da Republica». — Lisboa, Typographia do Commercio, 1 folha volante.
- Pela Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira & Commandita, como editora: Gabriel Pereira. «Pelos suburbios e visinhanças de Lisboa». — Porto, Imprensa Portuguesa, 1910. — In-8.º de 308 paginas.

- Por Sylvia Aguiar, como autora: «A photominiatura». — Lisboa, Typographia Assis, Maia & Pacheco. — In-12.º de 24 paginas.
- Por Adriano A. Trigo e Anibal A. Trigo, como autores: «Roteiro e guia do Funchal». — Funchal, Typographia Esperança, 1910. — In-8.º de 86 paginas.
- Por Emilio Schiappa Roby, como auctor, editor e proprietario: «Noite de S. João», (canção do Minho) a S. João. — Lisboa, Typographia d'O Pimpão, uma folha volante.
- Por Manuel Guimarães, como co-proprietario: «A Capital», n.º 1, 1.º anno. — Lisboa, sexta feira 1 de julho de 1910. Officinas, Calçada do Combro, 38. — In-folio de 4 paginas.
- Por Octavio de Magalhães, como auctor e editor: «Um meio seguro de subjugar o azar». — Lisboa, Typographia Paulo Guedes & Saraiva, 1910. — In-8.º 188 paginas.
- Por Oliveira Freitas, como auctor e editor: «Como se adquire fortuna pelo methodo Dolivaes». — Lisboa, Typographia Rua Aurea, 80. — In 8.º de 260 paginas.
- Por Manuel Vieira Natividade, como auctor, editor e proprietario: «Ignês de Castro e Pedro o Cru». — Lisboa, Typographia A Editora, 1910. — In-8.º de 190 paginas.
- Por Alberto N. Correia, como auctor: «O segredo do poder — Magnestimo pessoal e hypnotismo», 1910. — Lisboa, Typographia Minerva Central. — In-8.º de 48 paginas.
- Por Ernesto Joaquim Alves e Jorge de Oliveira Grave, como auctores, editores e proprietarios: «É d'aqui...», revista de critica e costumes. — Lisboa, Officina da Illustração Portuguesa, 1910. — In-4.º de 8 paginas.
- Por Almeida Carvalho & C.<sup>a</sup>, como editores e proprietarios: Bibliotheca de educação moderna. — V. Camille Flammarion: «A vida nos astros», traducção do tenente Moraes

Rosa. — Lisboa, Typographia Adolfo de Mendonça. —  
— In-8.º de 176 paginas.

Pela Livraria Editora de Arnaldo Bordallo, como editora: Claude Roland: «O agulheiro», drama, traducção de E. Victorino. — Lisboa, Imprensa Lucas, 1910. — In-8.º de 16 paginas.

Por Arnaldo Bordallo, como editor: — Julio de Menezes: «Guerra valente», comedia. — Lisboa, Imprensa Lucas, 1910. — In-8.º de 16 paginas.

-- Almanach dos palcos e sallas para 1911\*. — Lisboa, Imprensa Lucas, 1910. — In-8.º de 104 paginas.

— Maximiano Rica: «Calixto Junior», comedia. — Lisboa, Imprensa Lucas, 1910. — In-8.º de 20 paginas.

— A. Armando: «O lorguon», cançoneta, 3.ª edição. — Lisboa, Imprensa Lucas, 1910. — In-4.º de 8 paginas.

— J. Dumont (Orlando): «O não!...», cançoneta, 2.ª edição. — Lisboa, Imprensa Lucas, 1910. — In-4.º de 8 paginas.

— Julio de Menezes: «O escalda favaes», comedia. — Lisboa, Imprensa Lucas, 1910. — In-8.º de 20 paginas.

Bibliotheca Nacional de Lisboa, 31 de dezembro de 1910.  
— O Director, *Xavier da Cunha*.

## BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS NACIONAES

## PESSOAL

José Julio Martins Sequeira, demittido por decreto de 14 de novembro de 1910 do logar de Conservador da Bibliotheca Publica de Braga.

Henrique Augusto Rouffe, demittido por decreto da mesma data do logar de amanuense da referida Bibliotheca.

Joaquim José d'Oliveira nomeado por decreto de 14 de novembro de 1910 para o logar de Bibliothecario da Bibliotheca Publica de Braga.

Antonio Menici Malheiro nomeado por decreto da mesma data para o logar de amanuense da mencionada Bibliotheca.

(*Diario do Governo*, n.º 36 de 16 de novembro de 1910).

---

Vasco Ferreira Valdez, Segundo Conservador do Archivo da Torre do Tombo, nomeado por decreto de 15 de dezembro de 1910 para reger interinamente a cadeira de Diplomatica do curso de bibliothecario-archivista, em quanto durar o impedimento do respectivo professor effectivo, e em vista de se achar censignado que tal regencia é inherente ao exercicio do cargo dos conservadores do mencionado Archivo da Torre do Tombo.

(*Diario do Governo*, n.º 63 de 19 de dezembro de 1910).

---

## BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

Relação das pessoas e corporações que, por seus donativos offertados em 1910, ficaram inscritas no respectivo QUADRO DE HONRA

- Sua Majestade a Rainha Alexandra (de Inglaterra).  
A. L. de Almeida Negreiros (Paris).  
Acrisio Cannas Mendes (Coimbra).  
Adhémarr Richard (Genebra).  
Administração do Hospital de S. José (Lisboa).  
Dr. Adriano Anthero de Sousa Pinto (Porto).  
Dr. P. D. Agostinho Jesus Barreiro (Valladolid).  
Alberto Correia (Loanda).  
Alexandre Souto (Porto).  
Dr. Alfredo Tovar de Lemcs (Lisboa).  
Alvaro Neves (Lisboa).  
Annibal Fernandes Thomaz (Lisboa).  
Anselmo Braamcamp Freire (Lisboa).  
Anthero de Vasconcellos Araújo (Lisboa).  
Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro (Lisboa).  
Antonio Augusto Mello de Azevedo (Lisboa).  
Antonio Teite Mendes (Lisboa).  
Dr. D. Antonio Marin de la Bárcena (Madrid).  
Apostolado Positivista do Brasil (Rio de Janeiro).  
Ariosto Silva (Porto).  
Armando Ribeiro (Lisboa).  
Arthur Trindade (Lisboa).  
Associação Académica do Curso Superior de Letras (Lisboa).  
Associação Commercial e Industrial de Mattozinhos.  
Augusto Casimiro (Coimbra).  
Augusto Epiphany da Silva Dias (Lisboa).
- ..

- Dr. Augusto Pereira Bettencourt Ataide (Lisboa).  
Barão Henrique de Rothschild (Paris).  
Bibliotheca e Archivo Publico do Estado do Pará (Brasil).  
Bibliotheca Bodleyana (Oxford).  
Bibliotheca «John Crerar» (Chicago).  
Bibliotheca Municipal de Guayaquil (Republica do Equador).  
Bibliotheca Eacional de Habana.  
Bibliotheca Publica do Estado de Sergipe (Brasil).  
Bibliotheca da Universidade Egypcio do Cairo.  
Bibliotheca da Universidade Real de Upsala.  
Caixa de Auxilio dos Empregados Telegrapho-Postaes.  
Camara Municipal de Gaya.  
Camara Municipal de Ponte-do-Sor.  
Campo Entrincheirado de Lisboa.  
D. Carlos A. Hesse (Iquique-Chile).  
Centro Commercial de Porto.  
Cherubim do Valle Guimarães (Aveiro).  
Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda (Lisboa).  
Commissão Executiva da Commemoração dos combates de  
Travanca (Paredes de Coura).  
Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro.  
Companhia do Grande Hotel-Club das Caldas da Felgueira.  
Companhia de Moçambique.  
Companhia da Roça «Vista Alegre».  
Conde Henrique de Gondry (Porto).  
Coriolano F. Beça (Penafiel).  
Prof. Dr. D. Cosme de Parpal e Marqués (Barcelona).  
Dr. D. G. Dalgado (Estoril).  
David Rodrigues (Lisboa).  
Direcção do Circulo Aduaneiro da Africa Oriental.  
Direcção Geral de Instrução Primaria (Montevideu).  
Direcção Geral dos Trabalhos Geodesicos e Topographicos.  
Direcção dos Serviços da Carta Agricola.  
Director do Observatorio Astronomico de Madrid.  
Domingos Pires Barreira (Lisboa).  
Duque de Palmella.  
Edgardo Prestage (Bowdon).  
Eduardo de Sousa (Porto).  
Sir Ewin Durnin g-Lawrence (Londres).  
Prof. Eloy do Amaral (Figueira da Foz).  
Empresa Agricola do Principe.  
Escola Medica do Chicago.

- Escola Medico-Cirurgica de Lisboa.  
Escola Medico Cirurgica do Porto.  
Escola Naval.  
Escola Normal do Porto.  
Francisco Arthur da Silva (Lisboa).  
Francisco Augusto Martins de Carvalho (Coimbra).  
Francisco Luiz Pereira de Sousa (Lisboa).  
Dr. Francisco Marques de Sousa Viterbo (Lisboa).  
G. Henriksen (Bergee).  
Gabriel Victor do Monte Pereira (Lisboa).  
Governo de Hespanha (Ministerio dos Negocios do Reino).  
Governo da Rumania.  
Governo de Sua Majestade Britannica.  
Guilherme A. Cadbury (Birmingham).  
Prof. Dr. H. W. Middendorp (Groninga).  
Hospital Geral de Massachusetts (Boston).  
Humberto Beça (Ermezinde).  
Prof. Dr. Icilio Guareschi (Turim).  
Prof. Dr. Ignacio Baptista de Moura (Pará).  
Instituto Internacional de Agricultura (Roma).  
Instituto Smithsoniano (Washington).  
Dr. João Lopes Carneiro de Moura (Lisboa).  
João Maria Jalles (Lisboa).  
João Ribeiro Christino da Silva (Lisboa).  
Prof. Joaquim Alberto Pires de Lima (Porto).  
Joaquim José da Silva Mendes Leal (Lisboa).  
José Antonio Rodrigues & C.<sup>a</sup>, livreiros (Lisboa).  
José Augusto do Amaral Frazão de Vasconcellos (Lisboa).  
José Augusto Coelho (Lisboa).  
Prof. José Bénoliel (Lisboa).  
José da Fonseca Menéres, Presidente da Direcção da Associação Commercial e Industrial de Mattozinhos.  
José Francisco da Cunha, Presidente do Real Centro da Colonia Portugueza do Rio de Janeiro.  
Dr. José Leite de Vasconcellos Pereira de Mello (Lisboa).  
José Maria de Mello de Mattos (Lisboa).  
Dr. José Maria Rodrigues (Lisboa).  
José Pereira de Sampaio, Director da Bibliotheca Publica Municipal do Porto.  
Juiz e Mesarios da Confraria de Nossa Senhora de Pedra Maria (Felgueiras).

- Julio F. Sachse (Bibliothecario da Grande Loja Maçonica da Pennsylvania (Philadelphia)).  
Julio de Lemos (Paredes de Coura).  
Legação dos Paizes-Baixos, em Lisboa.  
Liga Naval Portugueza.  
Luciano Silva (Lisboa).  
Professor Dr. D. Luiz Segalá e Estabella (Barcelona).  
D. Luiza Goldman de Fastenrath (Colonia).  
Lyceu Central da Lapa (Lisboa).  
M. Cardoso Martha (Lisboa).  
Mannuel da Costa Dias (Lisboa).  
Manuel Ferreira Viegas Junior (Porto).  
Manuel João Paulo Rocha (Lagos).  
Manuel José da Cunha Brandão (Paredes de Coura).  
Manuel Pereira Peixoto de Almeida Carvalhaes (Paço de Cidadelhe, Mesão Frio).  
Mannuel Roquete (Lisboa).  
Manuel de Sousa da Camara (Coimbra).  
D. Maria Guilhermina de Jesus (Lisboa).  
Marquez de Liveri e Valdausa (Italia).  
Dr. D. Miguel Allué Salvador (Saragoça).  
Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, do Brasil.  
Ministerio dos Negocios Extrangeiros (Portugal).  
Ministario dos Negocios Extrangeiros dos Estados Unidos da Venezuela.  
Museu de Bergen (Noruega).  
Norberto Jorge, (S. Paulo, Brasil).  
O. Herold & C.<sup>a</sup> (Lisboa).  
Paulo Choffat (Lisboa).  
Dr. Pedro de Castro (Evora).  
Real Centro da Colonia Portugueza do Rio de Janeiro.  
Reitor do Lyceu Central «Alexandre Herculano» (Porto).  
Repartição Superior dos Correios e Telegraphos da Provincia de Moçambique em Lourenço Marques.  
Bicardo Ludloff (Erlangen, Baviera).  
Dr. Rodolpho R. Schuller (Belem, Pará).  
Sebastião Joaquim Baçam (Lisboa).  
Secretaria Geral do Governo da Provincia de Moçambique.  
Simões de Castro (Porto).  
Sociedade Hispanica da America (Nova-York).  
Sociedade de Sciencias Economicas e Sociaes (Lisboa).

---

Sociedade Scientifica «Antonio Alzate» (Mexico).  
Professor Dr. Theophilo Braga (Lisboa).  
Tereza Lefuel (Paris).  
União dos Vinicultores de Portugal.  
Universidade de Illinois (Estados Unidos da America).  
Professor Dr. Vicente Fago, Bibliothecario da Bibliotheca  
da Universidade Egyptica (Cairo).  
Visconde de Faria (Paris).  
Visconde de Salgado (Rio de Janeiro).  
Visconde de Salignac-Fénélon (Paris).  
Professor Wladimiro Peskorski (Kasan).

Bibliotheca Nacional de Lisboa, 31 de Dezembro de 1910.  
— O Director, *Xavier da Cunha*.

---

Estadística dos leitores na Bibliotheca Nacional de Lisboa  
no 4.º trimestre de 1910

Secções e suas sub-divisões	Especies requisitadas pelos leitores			Leitores	
	Dia	Noite	Total		
I	Historia, geographia . . . . .	737	859	1:596	De dia 6:263 De noite 4:879
	Cartas geographicas . . . . .	7	—	7	
	Polygraphia . . . . .	253	259	512	
	Jornaes . . . . .	1:138	266	1:404	Total 11:142
	Revistas nacionaes e estrangeiras	79	26	105	
II	Sciencias civis e politicas . . . . .	1:004	586	1:590	
III	Sciencias e artes . . . . .	1:736	1:220	2:956	
	Bellas artes . . . . .	105	32	137	
IV	Philologia . . . . .	68	27	95	
	Bellas letras . . . . .	3:439	3:321	6:760	
V	Numismatica . . . . .	4	—	4	
	Estampas . . . . .	13	—	13	
VI	Religiões . . . . .	32	14	46	
VII	Incunabulos . . . . .	—	—	—	
	Reservados . . . . .	44	—	44	
	Collecção Camoncana . . . . .	90	—	90	
	» Elzeviriana . . . . .	—	—	—	
e	» Bodoniana . . . . .	—	—	—	
	Manuscriptos (fundo geral) . . . . .	102	—	102	
VIII	Codices illuminados . . . . .	4	—	4	
	Collecção Pombalina . . . . .	67	—	67	
	» dos Codices d'Alcobaça	3	—	3	
IX	Archivo de marinha e ultramar..	10:500	—	10:500	
	Total . . . . .	19:425	6:610	26:035	

Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, em 31 de dezembro de 1910.

O Inspector,

Gabriel Victor do Monte Pereira.

Estadística dos volumes enviados pelas Secções Estrangeiras de Permutas Internacionaes durante o 4.º trimestre de 1910 á Secção das Bibliothecas e Archivos Nacionaes

Proveniências	Numero de volumes	Total
Estados Unidos da America .....	223	684
França.....	365	
Belgica .....	96	

Estadística dos sellos e formulas de franquia dos paizes da União Postal Universal entrados na secção de Numismática da Bibliotheca Nacional de Lisboa, durante o 4.º trimestre de 1910

Formulas	Total
Sellos .....	14
Bilhetes postaes.....	4
Cartas postaes.....	3
Sobrescriptos .....	2
	23

Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, em 31 de dezembro de 1910.

O Inspector,  
*Gabriel Victor do Monte Pereira.*

Estatística de leitura nas bibliothecas abaixo designadas  
durante o 4.º trimestre de 1910

Secções e suas sub-divisões		Evora	Bragã	Villa Real	Castello Branco
I	Historia, geographia .....	59	71	18	133
	Cartas geographicas .....	-	-	-	10
	Polygraphia .....	-	-	10	-
	Jornaes .....	11	-	146	480
	Revistas nacionaes e estrangeiras	43	12	8	-
II	Sciencias civis e politicas.....	7	8	15	53
III	Sciencias e artes.....	34	58	11	55
	Bellas artes.....	-	30	-	-
IV	Philologia .....	9	-	11	-
	Bellas letras.....	722	63	26	32
V	Numismatica.....	2	-	-	-
	Estampas.....	-	-	-	118
VI	Religiões.....	4	-	1	43
VII	Incunabulos.....	-	-	-	-
	Reservados.....	-	-	-	-
	Manuscriptos.....	-	15	-	-
	Illuminados.....	-	-	-	-
VIII	Collecção Camoneana .....	-	-	-	-
Total.....		891	257	246	924

Secretaria Geral das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, em 31 de dezembro de 1910.

O Inspector,

*Gabriel Victor do Monte Pereira.*

## INDICE

**Alvaro Augusto da Costa Basto Sereno.**

Nomeado Segundo Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa. (*Diario do Governoc* n.º 76 de 9 de abril de 1910).—182.

**Antiquidades romanas em Lisboa.**

Por L. C. R. Trindade — 144.

**Antonio Eduardo Simões Baião.**

Director do Archivo da Torre do Tombo — 6, 114, 194, 308.

**Antonio Menici Malheiro.**

Amanuense da Bibliotheca de Braga — 456.

**Archivos Nacionaes.**

These apresentada ao Congresso Nacional, por Gabriel Pereira — 206.

**Arthur José Tiburcio de Oliveira.**

Segundo amanuense do Archivo Nacional; exonerado por transferencia para outra repartição do Estado — 290.

**Barata (Antonio Francisco).**

Conservador reformado da Bibliotheca de Evora—181.

**Biblia (A) dos bibliophilos.**

Divagações bibliographicas e bibliotheconomicas por Xavier da Cunha — 309.

**Bibliotheca Nacional de Lisboa.****Estatística dos leitores:**

No primeiro trimestre — 109.

No segundo trimestre — 193.

No terceiro trimestre — 292.

No quarto trimestre — 462.

**Registo de propriedade litteraria:**

Janeiro de 1910 — 95.

Fevereiro » — 98.

Março » — 101.

Abril » — 183.

Maior » — 185.

Junho » — 188.

Julho » — 277.

Agosto » — 281.

Setembro » — 285.

Outubro » — 444.

Novembro » — 447.

Dezembro » — 452.

**Bibliotheca (A) Nacional de Lisboa.**

These apresentada ao Congresso Nacional, por Xavier da Cunha — 203.

**Bibliotheca Publica de Braga.****Estatística dos leitores:**

No primeiro trimestre — 110.

No segundo trimestre — 192.

No terceiro trimestre — 291.

No quarto trimestre — 464.

**Bibliotheca Publica de Castello Branco.****Estatística dos leitores:**

No primeiro trimestre — 110.

No segundo trimestre — 192.

No terceiro trimestre — 291.

No quarto trimestre — 464.

**Bibliotheca Publica de Evora.**

## Estatística dos leitores:

No primeiro trimestre — 110.

No segundo trimestre — 192.

No terceiro trimestre — 291.

No quarto trimestre — 464.

**Bibliotheca Publica de Villa Real.**

## Estatística dos leitores:

No primeiro trimestre — 110.

No segundo trimestre — 192.

No terceiro trimestre — 291.

No quarto trimestre — 464.

**Bibliothecario-mór do reino.**

Extinção deste logar — 303.

**Bonifacio Augusto de Oliveira.**

Continuo da Secretaria Geral, fallecido em 3 de setembro de 1910 — 290.

**Catalogos de livrarias, por L. C. R. Trindade — 170.****Codices (Os) 443 e 475 da collecção Alcobacense da Bibliotheca Nacional de Lisboa, por Gabriel Pereira — 11.****Concurso para um logar de segundo amanuense do Archivo Nacional (Torre do Tombo) — 289.****Concurso de um logar vago de segundo conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa.**Annuncio publicado no *Diario do Governo* n.º 10 de 14 de janeiro de 1910 — 105.

Jury para este concurso — 107.

**Constituição do Governo Provisorio da Republica — 295.****Estatistica dos sellos e formulas de franquia dos paizes da União Postal Universal entrados na Secção de Numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa em 1910:**

No primeiro trimestre — 111.

No segundo trimestre — 194.

No terceiro trimestre — 293.

No quarto trimestre — 463.

**Estatística dos volumes** enviados pelas Secções Estrangeiras de Permutas Internacionaes á Secção das Bibliothecas e Archivos Nacionaes em 1910:

No primeiro trimestre — 111.

No segundo trimestre — 194.

No terceiro trimestre — 293.

No quarto trimestre — 463.

**Estatística dos volumes** enviados pela Secção das Bibliothecas e Archivos Nacionaes ás Secções Estrangeiras de Permutas Internacionaes em 1910:

No segundo trimestre — 194.

**Estatística dos leitores** na Bibliotheca Nacional de Lisboa em 1910:

No primeiro trimestre — 109.

No segundo trimestre — 193.

No terceiro trimestre — 292.

No quarto trimestre — 462.

**Exposição biblio-iconographica** da Bibliotheca Nacional de Lisboa em centenaria commemoração da Guerra Peninsular por Xavier da Cunha — 33.

**Formulario** dos diplomas — 301.

**Francisco de Moraes**, «O Palmeirim», por Jordão de Freitas — 91.

**Gabriel Victor do Monte Pereira**.

Inspector das Bibliothecas e Archivos Nacionaes — 12, 109, 110, 111, 118, 181, 192, 193, 194, 211, 289, 291, 292, 293, 462, 463, 464.

**Henrique Augusto Rouffe**.

Demittido da bibliotheca de Braga — 456.

**Inventario** das moedas portuguezas da Bibliotheca Nacional de Lisboa por Leite de Vasconcellos — 406.

**Joaquim José d'Oliveira**

Bibliotecario da Bibliotheca de Braga — 456.

**José Julio Martins Sequeira.**

Demittido da biblioteca de Braga — 456.

**Leite de Vasconcellos.** — Inventario das moedas portuguezas da  
Biblioteca Nacional de Lisboa — 408.

**Livros preciosos.** Livros de horas com illuminuras, por Gabriel  
Pereira — 118.

**Luiz Carlos Rebello Trindade.**

Subsidios para a sua biographia, por Xavier da Cunha  
— 136.

**Noções geraes sobre a historia das escriptas stenographicas.** (Dis-  
sertação da cadeira de Bibliologia, por Manuel Reis San-  
ches Ferreira) — 212.

**Pessanha (D. José).** As horas da rainha D. Leonor — 120.

**Quadro de honra.** Relação dos doadores á Biblioteca Nacional de  
Lisboa — 457.

**Registo de propriedade litteraria.**

Vid.: Bibliotheca Nacional de Lisboa.

**Relatorios dos serviços do Archivo Nacional (Torre do Tombo),**  
pelo Director Antonio Eduardo Simões Baião:

No primeiro trimestre — 5.

No segundo trimestre — 113.

No terceiro trimestre — 193.

No quarto trimestre — 308.

**Relatorios dos serviços da Bibliotheca Nacional de Lisboa,** pelo  
Director Xavier da Cunha:

No primeiro trimestre — 7.

No segundo trimestre — 115.

No terceiro trimestre — 195.

No quarto trimestre — 304.

**Republica Portuguesa.**

Proclamações — 296.

Serviços das Bibliotecas e Archivos Nacionaes, subordinados á Direcção Geral de Instrucção Secundaria, Superior e Especial (*Diario do Governo*, n.º 11 de 18 de outubro de 1910) — 303.

Valiosa doação (uma) em favor da Bibliotheca Nacional de Lisboa, por Xavier da Cunha — 198.

Vasco Ferreira Valdez.

Professor interino da cadeira de Diplomatica — 456.

Visconde (0) de Santarem como guarda-mór da Torre do Tombo.  
Por A. E. S. Baião — 233.

Xavier da Cunha.

Director da Bibliotheca Nacional de Lisboa — 10, 90, 104, 117, 180, 191, 197, 202, 206, 288, 307, 407, 461.

Bibliotheca Nacional de Lisboa. Exposição bibliographica no bi-centenario do Padre Antonio Vieira em 1897. Lisboa, Imprensa Nacional, 1897.

A Exposição Petrarchiana da Bibliotheca Nacional de Lisboa. Catalogo summario pelo Director da mesma Bibliotheca Xavier da Cunha. Lisboa, Imprensa Nacional, 1905.

Curso de Bibliothecario-Archivista. Summario das lições de Bibliologia, compiladas por José A. Moniz, professor interino da respectiva cadeira na Bibliotheca Nacional de Lisboa, 2.<sup>a</sup> edição. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1900.

Numismatica Nacional. Lição inaugural do curso de Numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa no anno lectivo de 1888-1889, por J. Leite de Vasconcellos, professor proprietario da respectiva cadeira. Lisboa, Typographia do Jornal «O Dia», 10 e 12. Rua Anchieta, 1888.

Elencho das lições de Numismatica dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa por J. Leite de Vasconcellos, 1.<sup>a</sup> parte do curso (1888-1889). Lisboa, Typographia do Jornal «O Dia», 1889.

Elencho das lições de Numismatica dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa por J. Leite de Vasconcellos do II curso do anno lectivo de 1889-1890 até ao VI curso do anno lectivo de 1893-1894. Lisboa, Typographia do Jornal «O Dia», 1894.

Relatorios dos serviços da Bibliotheca Nacional de Lisboa, por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903 a 1909.

Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes, publicação official tri-mensal. Publicados 8 annos. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1902 a 1909.

Uma traducção inedita em latim do soneto «Alma minha gentil...» Publicada e prefaciada por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

Uma carta inedita de Camões. Apographo existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, agora commentado e publicado pelo Director da mesma Bibliotheca Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

A Bibliotheca Nacional de Lisboa na Exposição Oceanographica. Catalogo summario por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

A Bibliotheca Nacional de Lisboa no Congresso internacional de Liège sobre reproducção de manuscritos, medalhas e sellos. Relatorio pelo Director Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1905.

A Legislação tributaria em beneficio da Bibliotheca Nacional de Lisboa, por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903.

A medalha de Casimiro José de Lima em homenagem a Sousa Martins, descripção numismatica por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903.

Especies bibliographicas e especies bibliacas. Considerações sobre nomenclatura por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903.

Concursos publicos para provimento de logares vagos de Segundos Conservadores dos quadros do Real Archivo da Torre do Tombo e da Bibliotheca Nacional de Lisboa, Legislação respectiva. Parecer de José Joaquim d'Ascensão Valdez. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903.

Relatorio dos serviços desempenhados em Coimbra e Braga em Junho de 1903 por José Joaquim d'Ascensão Valdez. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

Gabinete Numismatico da Bibliotheca Nacional de Lisboa (Notas e documentos) pelo dr. José Leite de Vasconcellos. — I. Moedas de ouro da epocha germanica. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1902.

A excelsa rainha D. Maria II na intimidade. Reflexões a proposito de um manuscrito existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa por Xavier da Cunha. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

#### Real Archivo da Torre do Tombo:

Indice geral dos documentos conteados no corpo chronologico existente no Real Archivo da Torre do Tombo. Mandado publicar pelas cortes na lei do orçamento de 7 de abril de 1838. Tomo 1.º e unico. Lisboa, Typographia de Silva, 1843.

Indice geral dos documentos registados nos livros das chancellarias existentes no Real Archivo da Torre do Tombo, mandado fazer pelas côrtes na lei do orçamento de 7 de abril de 1838. Tomo 1.º e unico. Lisboa, 1841, na Typographia de G. M. Martins.

Extracto do Real Archivo da Torre do Tombo offerecido á Augustissima Rainha e Senhora D. Maria I, por José Pedro de Miranda Rebello, amanuense do mesmo Archivo. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.

Inventario dos livros das portarias do Reino. Vol. I. 1639 a 1653. Lisboa, Imprensa Nacional, 1909.

#### Bibliotheca Publica de Evora:

Catalogo dos manuscritos da Bibliotheca Publica Eborense, por J. H. da Cunha Rivára. Tomo 1.º, Ultramar. Lisboa, Imp. Nacional, 1850, Tomo 2.º Litteratura, Imprensa Nacional, 1868. — Tomo 3.º Historia. Imprensa Nacional, 1870.

Catalogo do Museu Archeologico da cidade de Evora, annexo de sua Bibliotheca, composto por Antonio Francisco Barata. Lisboa, Imprensa Nacional, 1903.

Os reservados da Bibliotheca Publica de Evora, pelo director Antonio Joaquim Lopes da Silva Junior. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1907.

---

Venda avulso, no edificio da Bibliotheca Nacional de Lisboa. Cada exemplar do numero do *Boletim*, in-8.º — 200 réis.

Z  
833  
B68  
año 9-  
10

Boletim das bibliotecas e  
ar<sup>ch</sup>ivos nacionaes

**PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET**

---

**UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY**

---

